Universidade do Minho
Escola de Arquitetura

Elisiário José Vital Miranda

LIBERDADE & ORTODOXIA
Infraestruturas de arquitetura moderna em Moçambique (1951-1964)

Tese de Doutoramento
Ramo do Conhecimento: Cultura Arquitetónica

Trabalho efectuado sob a orientação dos
Professores Doutores Vincenzo Riso e João Vieira Caldas

Março 2013

Nome: Elisiário José Vital Miranda

Endereço eletrónico: elisiariom@arquitectura.uminho.pt

Telefone: 253510500 / 914580625

Número do Cartão de Cidadão: 6011728

Título da dissertação: Liberdade & Ortodoxia: Infraestruturas de arquitetura moderna em Moçambique (1951-1964)

Orientadores: Professores Doutores Vincenzo Riso e João Vieira Caldas

Ano de conclusão: 2013

Ramo do Conhecimento: Cultura Arquitetónica

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 26 de Março de 2013

Assinatura:

Agradeço a Adelaide Miranda, Ana Canas, Ana Lemos, Ana Magalhães, Ana Tostões, Ana Vaz Milheiro, António Bandeirinha, António Rui Barreto, António Pinheiro, Bernardino Ramalhete, Carolina Miranda, Carolina Pires, Clara Mendes, Dário Jane, Edmundo, Eduardo Fernandes, Elsa Canotilho, Fernando Ferreira Mendes, Fernão Simões de Carvalho, Francisco José de Castro, Francisco Castro Rodrigues, Gabriela Vasconcelos, Glória Vilaça, Horacio Torrent, Isa Telles, Isabel Matos, Iva Stélia Mucavel, João Silva, João Vieira Caldas, Jorge Laureano, José Barros Cardoso, José Carlos Freitas, José Cochofel, José Forjaz, José Luís Tavares, José Manuel Fernandes, José Mattoso, José Nave, José Rodrigues, Lucinda Oliveira, Lucio Magri, Luís Lage, Manuela Fonte, Margarida Quintã, Maria Alfreda Vasconcelos, Maria do Céu Miranda, Maria José Oliveira, Maria Manuel Oliveira, Maria Pinto de Sá, Miguel Carrapa, Pacheco, Paulo Cruz, Paulo Gonçalves, Paulo Mendonça, Paulo Varela Gomes, Pedro Leão, Rosário Forjaz, Rui Miguel Costa, Semente, Sergio Fernandez, Sérgio Proença, Sidh Mendiratta, Teresa Fernandes, Teresa Godinho, Teresa Mimoso, Teresa Miranda, Verónica Costa, Vincenzo Riso, Virgínia Miranda e Vítor Tomás, pessoas que, com maior ou menor envolvimento, contribuíram para a concretização deste trabalho.

O doutorando e esta dissertação de doutoramento estão integrados no projeto de Investigação & Desenvolvimento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a referência PTDC/AUR-AQI/103229/2008 e o título *EWV_Visões cruzadas dos mundos: arquitectura moderna na África Lusófona (1943-1974) vista através da experiência Brasileira*.

Resumo

O estado do conhecimento disciplinar relativo à arquitetura do Movimento Moderno produzido nas antigas províncias ultramarinas portuguesas de África durante o século XX permanece ainda escasso e fragmentário. O principal objetivo desta dissertação de doutoramento é o de contribuir para a formação de uma futura síntese global através de uma interpretação parcial de contornos delimitados.

Durante o período que medeia entre a revisão constitucional de 1951 e o eclodir da guerra colonial, em 1964, encontraram-se no território da antiga província ultramarina portuguesa de Moçambique duas conceções ideológicas opostas: a utopia identitária do Estado Novo e a utopia social do Movimento Moderno. A primeira, a utopia do país enquanto nação pluricontinental, plurirracial e pluricultural, foi edificada em Portugal no segundo pós-guerra nascida da necessidade de construção de um discurso operativo de defesa do regime. A segunda, a utopia social do Movimento Moderno, constituiu paradoxalmente um suporte operativo e uma expressão simbólica desta política do Estado Novo.

A necessidade de rápida execução de novas infraestruturas nos territórios africanos em acelerado desenvolvimento industrial e demográfico potenciou a utilização de sistemas construtivos inovadores, industrializados e estandardizados, e de metodologias científicas na resolução dos programas dos novos edifícios de equipamento coletivo e na sua adaptação às condicionantes climáticas tropicais. Estes processos arquitetónicos modernos cor-

responderam mais adequadamente às necessidades produtivas e simbólicas dos poderes oficiais e da sociedade civil do que a sintaxe tradicionalista usada pelos arquitetos mais próximos do regime.

As diferentes teses presentes ao *1.º Congresso* exprimem a oposição entre *modernidade* e *tradição*, entre a *praxis* profissional desenvolvida em *liberdade* criativa pelos jovens arquitetos que viveram e trabalharam nas antigas províncias ultramarinas e a *ortodoxa* aplicação dos modelos nacionalistas a que foram sujeitos os seus colegas da metrópole. A utilização em larga escala e durante um grande período de tempo dos paradigmas da arquitetura moderna pelos arquitetos modernos ultramarinos conduziu, todavia, à adesão a um conjunto de processos que configuram uma nova *ortodoxia*.

Ao longo do texto desta dissertação serão explicitados os resultados de um trabalho paciente e sistemático de descoberta bibliográfica, arquivística e testemunhal, de aventuroso reconhecimento e registo fotográfico dos edifícios e das cidades no seu estado atual, de tratamento da informação recolhida numa base de dados e de construção de uma tese que põe em relevo o manuseamento da produção arquitetónica moderna e dos seus protagonistas pelos órgãos de poder do regime do Estado Novo.

O texto da dissertação está estruturado em quatro capítulos centrais: no primeiro capítulo, "As opostas utopias", caraterizam-se genericamente os projetos ideológicos subjacentes ao tema; no segundo, "Os arquitetos", traçam-se os perfis biográficos dos autores de edifícios incluídos no tema em estudo; no terceiro, "As infraestruturas", estabelece-se um panorama geral da arquitetura infraestrutural moderna; e no quarto, "Os símbolos", analisam-se detalhadamente dez edifícios infraestruturais paradigmáticos.

A possível relevância desta pesquisa reside no seu contributo parcelar para o conhecimento de um denso e qualificado património de arquitetura do Movimento Moderno existente em Moçambique, para a compreensão do seu significado político e social e para a construção da história da arquitetura moderna em Portugal e nos diferentes territórios que integraram o império colonial português.

Abstract

The disciplinary knowledge on the architecture of the Modern Movement designed for the former Portuguese overseas provinces in Africa during the twentieth century is still scarce and fragmentary. The main goal of this PhD thesis is to contribute to the formation of a future global synthesis through a partial interpretation of well defined contours.

During the period between the constitutional revision of 1951 and the outbreak of the colonial war in 1964 two opposing ideological conceptions are to be found in the territory of the former Portuguese overseas province of Mozambique: the identity utopia of the Estado Novo and the social utopia of the Modern Movement. The first, the utopia of the country seen as a multi-continental, multi-racial and multi-cultural nation, was built in Portugal in the post-war era, born out of the need to build an operative defensive discourse. The second, the social utopia of the Modern Movement, paradoxically constituted an operating support and a symbolic expression of this new state policy.

The need for fast construction of new infrastructures in the African territories going by an accelerated industrial development and population growth potentiated the use of innovative, standardized and industrialized building systems, and of scientific methodologies in the resolution of the programs for new infrastructural buildings and for its adaptation to the tropical climate circumstances. These modern architectural processes corresponded more closely to the productive and symbolic needs of the official powers and of the civil society than the

traditionalist syntax used by the architects more closely related with the regime.

The papers presented to the *1th Congress* express the opposition between *modernity* and *tradition*, between the professional *praxis* developed in creative *freedom* by young architects who lived and worked in the former overseas provinces and the subjection of their metropolitan colleagues to the application of orthodox nationalists models. The large-scale use, over a long period of time, of the paradigms of modern architecture by the modern overseas architects conducted, however, to an adherence to a set of processes that constitute a new *orthodoxy*.

Throughout the text of this thesis the results of a patient and systematic work of bibliographical, archivist and testimonial discovery, of adventurous recognition and photographic record of buildings and cities in its present-day form, of organizing the collected information in a database and of constructing a theoretical approach that emphasizes the handling of modern architectural production and its protagonists by the organs of power of the Estado Novo regime will be made explicit.

The text of the dissertation is structured around four central chapters: in the first chapter, "The Opposing Utopias", the ideological projects underlying the theme are generally characterized; in the second, "The Architects", the biographical profiles of authors of buildings included in the studied theme are drawn; in the third, "The Infrastructures", a wide panorama of modern infrastructural architecture built in Mozambique is established; and in the fourth, "The Symbols", ten paradigmatic case studies of infrastructural buildings are analyzed in detail.

The possible relevance of this research lies in its specific contribution to the knowledge of a dense and qualified heritage of the Modern Movement architecture existing in Mozambique, to the understanding of its political and social significance and to the construction of the history of modern architecture in Portugal and in the different territories that were part of the Portuguese colonial empire.

ÍNDICE

Introdução 5

Estado da arte 5
O desconhecimento metropolitano 5
A autonomia africana 8
Bibliografia 8
Projetos de investigação 11
Exposições e conferências 12
Portais 14

Objetivo e objeto 14
Definição geográfica 15
Definição cronológica 16
Definição programática 18

Metodologia 18
A investigação documental 19
A leitura disciplinar 22

Interpretação 23
A base de dados 23
As sínteses experimentais 23
A estrutura da dissertação 25

As opostas utopias 27

A utopia do Estado Novo 27
A Carta da ONU 29
A descolonização universal 29
A condenação internacional 30
A reação do Regime 30
O suporte jurídico 31
O suporte ideológico 32

O suporte económico 33
O suporte demográfico 34

A utopia do Movimento Moderno 35
Princípios ideológicos 35
O papel social do arquiteto 36
Rigor científico 36
Funcionalismo 36
Estandardização 37
Gesamtkunstwerk 37
Monumentalidade 38
Condensadores sociais 38
O papel modelar de Le Corbusier 39
Vers une architecture e os *cinco pontos* *39*
A proteção do *pan de verre* *39*
A abóbada catalã 41
O *Estilo Internacional* *41*
Afirmação da arquitetura do Movimento Moderno na África do Sul 41
Afirmação da moderna arquitetura brasileira 42

Os arquitetos 49

O quadro geracional 49

Autores metropolitanos e provinciais 50
Os metropolitanos 50
Arménio Losa (1908-1988) e Cassiano Barbosa (1911-1998) 52
Keil do Amaral (1910-1975) e Alberto Cruz (1920-1990) 53
Leonardo de Castro Freire (1912-c.1970) 55
José Gomes Bastos (1914-1991) 56
Alzina de Meneses (n.1920) 57
Cândido Palma de Melo (1922-2003) 59
Os provinciais 60
Able Pascoal 61
Carlos Ivo 61
Francisco Assis (n.1915) 63
João Aires (1921-2001) 64
Fernando Mesquita (1916-c.2000) 64
Pancho Guedes (n.1925) 66
João Garizo do Carmo (1917-1974) 70
Alberto Soeiro (n. 1917) 72
Nuno Craveiro Lopes (1921-1972) 73
Francisco José de Castro (n.1923) 74
Barbosa e Silva 77
Paulo de Melo Sampaio (1926-1968) 78
Fernando de Sousa (1913-1996) 80
Fernando Eurico (n.1922) 80
Pinho da Cruz 81
Maria Carlota Quintanilha (n.1923) 82
João José Tinoco (1924-1983) 83
Jorge Garizo do Carmo (1927-1997) 86

Megre Pires (c.1929) 89
Bernardino Ramalhete (n.1921) 89
Marcos Miranda Guedes (1924-2001) e Octávio Pó 91
Luís Vasconcelos (1927-2003) 93
João José Malato 94
Julião de Azevedo (n.1932) 95
Mário Couto Jorge (n.1923) 95
Jorge Valente 96
Eduardo Figueirinhas (n.1922) 97
Naia Marques (n.1935) 97
Outros autores referenciados 98
Andrade Pais 98
Veiga Azevedo 99

As infraestruturas 101

Os edifícios infraestruturais 101
Colégio Pio XII, Lourenço Marques (1952-a.1955) 104
Escola primária para a Manga, Beira (1952-a.1957) 105
Garagem e salão de vendas Otto Barbosa, Lourenço Marques (1952-a.1958) 112
Restaurante do Pavilhão de Turistas, Beira (1953) 114
Paço Episcopal da Beira (1953-a.1955) 116
Cine-Teatro Nacional, Beira (1953-1956) 117
Colégio Luís de Camões, Beira (1953-1956) 120
Dependência de Porto Amélia do BNU (1953-1957) 124
Agência do Barclays Bank, Lourenço Marques (1954) 131
Fábrica de Gelados Socigel, Lourenço Marques (1955) 133
Sporting Clube de Quelimane (1955) 133
Cine-Teatro Águia, Quelimane (1955-1958) 137
Edifício da Companhia de Seguros Nauticus, Nampula (1955-p.1957) 139
Hotel Embaixador, Beira (1955-1958) 143
Dependência de Vila Pery do BNU (1955-1959) 149
Hospital de Tavene, João Belo (1955-1960) 160
Exposição das Atividades Económicas de Moçambique, Lourenço Marques (1956) 162
Pavilhões de Honra, da Evocação Histórica, do Comércio e do Crédito e Previdência (1955-1956) 166
Zona Indígena (1955-1956) 169
Pavilhões da Agricultura e da Pecuária (1955-1956) 171
Pavilhão das Indústrias de Moçambique (1955-1956) 173
Pavilhões dos Transportes, Obras de Fomento e Correios (1955-1956) 173
Pavilhões de Turismo e da Rádio e Restaurante Zambi (1955-1956) 175
Pavilhão da Feira das Indústrias Portuguesas (1956) 178
Pavilhão de Desportos do Clube Ferroviário, Beira (1956-1961) 181
Instituto Liceal Dom Gonçalo da Silveira, Beira (1957-p.1958) 186
Infantário Piramidal, Lourenço Marques (1957-1963) 188
Prédio e Cinema Montalto, Vila Pery (1957-1963) 191
Igreja paroquial de S. Gabriel Arcanjo, Matola (?-1958) 196
Ampliação da Escola Paiva Manso, Lourenço Marques (1958-1959) 197
Automóvel & Touring Clube de Moçambique, Beira (1958-?) 199
Hospital Egas Moniz, Nampula (c.1958-1968) 202
Igreja de Santo António da Polana, Lourenço Marques (1959-1962) 209
Catedral de Quelimane (1959-1962) 215

As escolas técnicas elementares 219
Escola Industrial e Comercial Neutel de Abreu, Nampula (1959-1963) 223
Escola Industrial e Comercial D. Francisco Barreto, Quelimane (1960-1963) 230
Escola Industrial e Comercial Vasco da Gama, Inhambane (1960-1963) 234
Escola Comercial Joaquim Romero, Porto Amélia (p.1961-1968) 237
Escola Técnica Elementar Comandante Augusto Cardoso, Vila Cabral (1964-1965) 239
Os liceus 241
Hospital de Tuberculosos, Lourenço Marques (c.1960-1966) 242
Dependência de Quelimane do BNU (1960-1972) 250
Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Beira (c.1960-1964) 268
Aerogare e Serviços Técnicos do Aeroporto Internacional Sacadura Cabral, Beira (1961-1968) 273
Escola de Medicina Humana, Lourenço Marques (1963-1965) 281
Palácio das Repartições, Porto Amélia (c.1963-1966) 286

Os símbolos 297

Critérios de análise 297
Referenciação 298
Interpretação 298
Conclusão 299

Exemplos em estudo 300
Cine-Teatro São Jorge, Beira (1952-1954) 300
Padaria Saipal, Lourenço Marques (1952-1958) 309
Aerogare, Torre de Comando e Serviços Técnicos do Aeroporto Gago Coutinho, Lourenço Marques (1953-1963) 318
Igreja do Imaculado Coração de Maria, Beira (1954-1957) 337
Filial de Lourenço Marques do BNU (1954-1964) 347
Complexo Comercial, Turístico e Habitacional Montegiro, Quelimane (1954-1966) 384
Fábrica Cerâmica e Aglomerado Residencial Monteiro & Giro, Lda., Quelimane (1956-1960) 426
Estação Central da Beira (1957-1966) 447
Palácio das Repartições, Vila Cabral (1959-c.1962) 501
Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo, Lourenço Marques (1960-1963) 516

Conclusões 545

Conclusões específicas 545

Conclusões gerais 555

Investigações futuras 557

Contributos 559

Bibliografia 563

Abreviaturas

BNU	Banco Nacional Ultramarino
CIAM	*Congrès Internationaux d'Architecture Moderne*
CFB	Caminhos de Ferro da Beira
CFM	Caminhos de Ferro de Moçambique
CODA	Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto
DGAC	Direção Geral da Aeronáutica Civil
DSUH	Direção dos Serviços de Urbanismo e Habitação
DSPCFTM	Direção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique
EAEM	Exposição das Atividades Económicas de Moçambique
EAUM	Escola de Arquitetura da Universidade do Minho
EGAP	Exposição Geral de Artes Plásticas
ESBAL	Escola Superior de Belas Artes de Lisboa
ESBAP	Escola Superior de Belas Artes do Porto
EWV	Projeto *EWV_Exchanging Worlds Visions*
FAUTL	Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa
FAPFUEM	Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane

FCT	Fundação para a Ciência e Tecnologia
FIP	Feira das Indústrias Portuguesas
GAU	Gabinete de Arquitetura e Urbanismo
GAUD	Gabinete de Arquitetura, Urbanismo e Decoração
GUC	Gabinete de Urbanização Colonial
GUU	Gabinete de Urbanização do Ultramar
ICAT	Iniciativas Culturais Arte e Técnica
IICT	Instituto de Investigação Científica Tropical
IST	Instituto Superior Técnico
MRAR	Movimento de Renovação da Arte Religiosa
ODAM	Organização dos Arquitetos Modernos
SOP	Serviços de Obras Públicas
UAL	Universidade Autónoma de Lisboa

Arquivos

AHCGDFBNU	Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos, Fundo BNU
ANA	ANA, Aeroportos de Portugal
MOPH	Ministério das Obras Públicas e Habitação (Moçambique)
CCAISPM	Centro Cultural Académico do Instituto Superior Politécnico de Manica
CDIIPAD	Centro de Documentação e Informação do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento
CFMECB	Caminhos de Ferro de Moçambique, Estação Central da Beira
CMQ	Conselho Municipal de Quelimane
FAUPCDUA	Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitetura
FCGBA	Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca de Arte
FJC	Espólio Francisco José de Castro
LV	Espólio Luís Vasconcelos

Correspondências

João Belo	Xai-Xai
Lourenço Marques	Maputo
Porto Amélia	Pemba
Vila Cabral	Lichinga
Vila Pery	Chimoio

Fotografias de:

AT	AT
EM	Elisiário Miranda
MMO	Maria Manuel Oliveira
VR	Vincenzo Riso

Aos meus pais

A história e a historiografia recentes ainda se refazem do impacto epistemológico provocado, por exemplo, pelas ideias de um Michel Foucault – escritos tecidos com a microtrama de uma complexa urdidura. Nesse caminho, a viabilidade de dar formas a problemas, de articular perguntas é muito mais intensa que nossa capacidade individual de formular respostas. Respostas que tendem cada vez mais a exames localizados, talvez profundos (contemplando minorias, "vencidos", movimentos populares etc.). Uma postura que se avizinha às tendências da fragmentação "regulamentada" do conhecimento, como que uma reação às grandes leituras totalizadoras.[1]

1 Segawa, 1998: 13.

4

INTRODUÇÃO

O estado do conhecimento disciplinar relativo à arquitetura e ao urbanismo do Movimento Moderno produzidos para e nas antigas colónias / províncias ultramarinas portuguesas em África durante o século XX permanece ainda, apesar de alguns estudos específicos ultimamente editados, escasso e fragmentário. Os levantamentos sistemáticos que possibilitam a interpretação desta produção e o seu cotejamento com as coetâneas realizações metropolitanas apenas recentemente tem vindo a ser realizado e os seus resultados não foram ainda completamente publicados.

Este desconhecimento não é recente: durante o período de maior crescimento económico e demográfico das antigas províncias de Angola e Moçambique, entre o final da II Guerra Mundial e a revolução do 25 de Abril de 1974, a arquitetura do Movimento Moderno nelas produzida e a *praxis* moderna dos arquitetos portugueses ali radicados permaneceram praticamente desconhecidos do meio disciplinar metropolitano.[2] Os estudos dedicados à história da arquitetura em Portugal durante os anos de vigência do regime do Estado Novo só apareceram depois da revolução de Abril de 74 e continham escassa informação sobre o panorama arquitetónico ultramarino. Por outro lado as revistas especializadas só esporadicamente se dedicaram à divulgação da arquitetura das antigas províncias ou dos seus auto-

2 ALBUQUERQUE, 1998: 9

res. Foi-nos possível localizar, nas publicações disciplinares editadas à época, os seguintes artigos específicos:

- Pela revista *Arquitectura* foram publicados: em 1948 os dois primeiros trabalhos classificados no concurso para o monumento a Diogo Cão, em Luanda, pelas equipas constituídas pelo arquiteto Filipe Nobre de Figueiredo e escultor António Duarte (1.º prémio) e pelos arquitetos Vítor Palla e Bento d'Almeida e escultor João Fragoso (2.º prémio);[3] em 1951 o projeto para o edifício Carvalho e Freitas (Mobil), igualmente em Luanda, da autoria conjunta de Alberto Pessoa (1919-1985) e João Garcia de Castilho (1915-2007);[4] no mesmo ano o projeto para uma livraria no Lobito por Francisco da Conceição Silva (1922-1962), com pinturas por Frederico George (1945-1994);[5] em 1963 o artigo *Miranda Guedes, arquiteto de Lourenço Marques,* ilustrado com fotografias e desenhos da Garagem e salão de vendas Otto Barbosa, da Padaria Saipal, do Edifício Prometheus, da Casa Luís de Sousa, das Doze casas para a COOP e do projeto do Hotel do Bilene - artigo acompanhado por um texto muito crítico da sua obra e do panorama arquitetónico de Lourenço Marques;[6] no mesmo ano o artigo *Trabalhos de artistas plásticos na nova sede do Banco Nacional Ultramarino em Lourenço Marques*, ilustrado com fotografias do mural de Sá Nogueira, do painel de Querubim Lapa e do desenho de Francisco Relógio - um tema ao qual se promete regressar num futuro número da revista, o que não virá a acontecer;[7] em 1968 o edifício da administração do porto de Bissau, na Guiné, pelos arquitetos Carlos Tojal

3 *Arquitectura*, 1948-05/06: 30-31.

4 *Arquitectura*, 1951-02: 4-7.

5 *Arquitectura*, 1951-05: 36-37.

6 "A ausência de tradição arquitetónica em Moçambique – e em particular na sua cidade mais significativa, Lourenço Marques - reflete, apesar de algum esforço louvável, uma ainda não conseguida entidade cultural.
(...) A aceitação sistemática de toda uma cultura estranha aliada, paradoxalmente, a um forte sentimento particularista são os traços dominantes do meio cultural moçambicano e refletem, sem dúvida, uma falta de preocupação criticista normal nos países muito jovens. Por outro lado, é geral o interesse pelo sensacional, pelo *moderno* mesmo à custa dum mau gosto de que pouca gente se apercebe.
(...) Nós, que não entendemos a arquitetura deste modo, preferimos francamente a sua obra mais sóbria, menos torturada, a qual, em determinados exemplos (...) chega a atingir boa qualidade.
Noutras realizações M. Guedes revela preocupações essencialmente escultóricas, formalistas (...).
(...). Caso inédito no meio português, os seus trabalhos são amplamente aceites pelo grande público que o conhece e distingue como se de uma personalidade do grande mundo se tratasse." *Arquitectura*, 1963-07: 29-30.

7 *Arquitectura*, 1963-12: 36.

(n.19??), Manuel Moreira (n.1933) e Carlos Roxo (n.1935);[8] em 1969 um extenso artigo de apresentação do empreendimento de Cabora-Bassa por José de Araújo Coutinho da Hidrotécnica Portuguesa;[9] e em 1970 o sintético texto *Moçambique. Nota sobre as cidades e a arquitetura* por Leopoldo Castro de Almeida (n.1932).[10]

- Pela revista *Binário* foram publicados: em 1965 o texto de A. Alpoim Guedes (Pancho Guedes) *A cidade doente – o caso de Lourenço Marques*;[11] no mesmo ano o projeto para um autocine na ilha de Luanda, por Vasco Santos;[12] ainda em 1965 o edifício da filial de Lourenço Marques do Banco Nacional Ultramarino por José Gomes Bastos, inaugurado no ano anterior;[13] em 1967 o artigo *Aproveitamentos hidráulicos de fins múltiplos* pelo engenheiro civil Alberto Abecassis Manzanares - artigo respeitante ao vale do Zambeze, em Moçambique, mas focalizado no empreendimento de Cabora-Bassa;[14] em 1969 as instalações do Banco Nacional Ultramarino em Dilí, Timor, projeto de Fernando Schiappa de Campos (n.1926);[15] no mesmo ano três representações comerciais da TAP em Joanesburgo, África do Sul (1964-1965), por João José Tinoco, em Lourenço Marques, Moçambique (1967-1968), por João José Tinoco com António Matos Veloso (n.1921), e em Salisbúria, atual Harare, Zimbabué (1968) por João José Tinoco, António Matos Veloso e G. A. F. Lincoln;[16] em 1973 um artigo sobre os monumentos a D. Sebastião em Lagos, Algarve, e ao Marquês de Sá da Bandeira em Lubango, Angola, este último da autoria do arquiteto Luís Taquelim (n.1928);[17] e em 1974, já depois da revolução, duas moradias em bloco, em Luanda, da autoria do arquiteto-urbanista Vasco Santos.[18]

Graças à projeção internacional que Pancho Guedes obteve na década de 60 será menos

8 *Arquitectura*, 1968-01/02: 24-26.
9 *Arquitectura*, 1969-11/12: 283-294.
10 *Arquitectura*, 1970-05/06: 88-89.
11 *Binário*, 1965-07: 818-820.
12 *Binário*, 1965-08: 863-869.
13 *Binário*, 1965-09: 940-943.
14 *Binário*, 1967-09: 152-158.
15 *Binário*, 1969-02: 414-424.
16 *Binário*, 1969-10: 177-183.
17 *Binário*, 1973-11: 488-490.
18 *Binário*, 1974-11: 490-492.

surpreendente encontrar artigos sobre a sua obra em diversas publicações internacionais apesar do desconhecimento generalizado a que é votada a arquitetura moderna produzida nos territórios coloniais portugueses.[19] Mesmo o artigo da *Arquitetura* sobre Pancho Guedes, que acima referimos, parece ter sido motivado por anteriores publicações da sua obra nos títulos de imprensa que a revista transcreve.[20] Também no artigo de Leopoldo Almeida sobre o panorama arquitetónico e urbanístico moçambicano, que acima referimos, Pancho Guedes será o único arquiteto mencionado.[21]

Os arquitetos portugueses radicados nas antigas províncias ultramarinas, nomeadamente em Moçambique, encontraram assim a sua notoriedade profissional no meio social ultramarino. É possível estabelecer o percurso dos principais empreendimentos públicos e particulares, assim como esboçar as biografias dos respetivos autores, à medida que as encomendas, os projetos, as edificações e as inaugurações dos mais proeminentes equipamentos coletivos foram sendo publicitados pelas respetivas imprensas diárias locais em jornais como o *Notícias* e o *Diário*, ambos de Lourenço Marques, ou o *Diário de Moçambique*, publicado na cidade da Beira.

Para enquadramento do tema desta investigação no contexto da produção arquitetónica da época no território europeu de Portugal foram particularmente relevantes as seguintes obres de referência: *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, ensaio por José-Augusto França publicado logo em 1974; "A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal, Uma Interpretação", capítulo final da autoria de Nuno Portas da edição portuguesa da *História*

19 "A afirmação pelo moderno como expressão da arquitetura tropical portuguesa não tem qualquer recetividade junto dos meios internacionais, mesmo daqueles que se ocupam em divulgar experiências arquitetónicas modernas nas regiões africanas. O silêncio talvez seja imposto como protesto contra a política colonial seguida no país." MILHEIRO, 2008: 9.

20 "*Architectural Review 770, Abril 61, Architecture d'Aujourd'hui, Diário de Notícias 9-5-1963.*" *Arquitectura*, 1963-07: 29

21 "Na ausência de referências culturais eruditas (...) arquitetos há, com especial relevo para Miranda Guedes (Pancho) que têm procurado as raízes da sua arte na arquitetura africana.
O resultado traduz-se num certo expressionismo arquitetónico, acentuado pelo uso expressivo da cor e pela presença escultórica de determinados elementos dos edifícios, pilares, chaminés, muros de envolvimento de espaços, etc." Leopoldo C. de Almeida *in Arquitectura*, 1970-05/06: 89.

da Arquitectura Moderna de Bruno Zevi editado em 1978; "Arquitectura e Urbanística em Portugal Continental", pequeno artigo de Jorge Henrique Pais da Silva surgido na revista *Arquitectura* em 1979; *Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930 / 1974*, edição de autor por Sergio Fernandez editado em 1985 e reeditado em 1988 pela FAUP; *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*, tese de mestrado de Ana Tostões defendida em 1994 e editada em 1997; e *Arquitectura do Século XX. Portugal*, catálogo da exposição homónima de 1998 organizado por Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang.

Aquando da apresentação do plano desta dissertação de doutoramento, em Março de 2007, era bem escassa a bibliografia específica existente sobre a temática da arquitetura moderna colonial. A elaboração desse longíquo plano assentou, quase exclusivamente, nos ensaios pioneiros de José Manuel Fernandes nomeadamente: "A arquitectura e o urbanismo no espaço ultramarino português", capítulo da *História da Expansão Portuguesa*, dirigida por Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri publicado em 1998; *Geração Africana: Arquitectura e cidades em Angola e Moçambique, 1925-1975*, editado em 2002; e *Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*, publicado em 2005.

Na sequência da aprovação do plano e do início do processo de investigação os pressupostos originais do trabalho foram confrontados com a descoberta de dois importantes ensaios inventariando parte da produção arquitetónica em Moçambique durante os quartéis centrais do século XX: *Arquitectura moderna em Moçambique: inquérito à produção arquitectónica em Moçambique nos últimos vinte e cinco anos do império colonial português 1949-1974*, prova de licenciatura de António Albuquerque defendida em 1998 e *Obras Públicas em Moçambique: inventário da produção arquitectónica executada entre 1933 e 1961*, tese de mestrado de André Ferreira apresentada em 2006 e editada dois anos depois com pequenos acrescentos e correções.

O interesse ultimamente despertado em Portugal pela arquitetura moderna dos antigos territórios ultramarinos tem estado na origem de novos estudos que complementam o estado da arte bibliográfico sobre este tema específico. De entre eles importa destacar as se-

guintes referências de especial relevância para a investigação desenvolvida neste trabalho: *Pancho Guedes: Metamorfoses espaciais*, tese de doutoramento de Miguel Santiago editada em 2007; *Urbanismo e arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução*, tese de doutoramento de Manuela Fonte em 2007; *Arquitectura e clima, Geografia de um lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa*, prova de licenciatura de Margarida Quintã de 2007 editada pela autora em 2009; *João José Tinoco: Arquitecturas em África*, por António Matos Veloso, José Manuel Fernandes e Maria de Lurdes Janeiro, publicado em 2008; *Moçambique 1875 / 1975: Cidades, Território e Arquitecturas*, por José Manuel Fernandes, Maria de Lurdes Janeiro e Olga Iglésias Neves, editado no mesmo ano; *Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique, 1948-1975*, texto de Ana Magalhães com fotografias de Inês Gonçalves editado em 2009; *Pancho Guedes: Vitruvius Mozambicanus*, catálogo com coordenação editorial por Pedro Guedes da exposição homónima de 2009; *Angola no século XX: Cidades, Território e Arquitecturas, 1925-1975*, por José Manuel Fernandes, Maria de Lurdes Janeiro e Maria Manuela Fonte, impresso em 2010; "África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico", 2.º volume coordenado por Filipe Themudo Barata e José Manuel Fernandes, publicado em 2010, da obra global dirigida por José Mattoso *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo*; e *África: Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*, atas coordenadas por José Manuel Fernandes da conferência internacional com o mesmo nome, editadas em 2011.

Neste âmbito assinalam-se ainda diversos textos de Ana Vaz Milheiro entre os quais se destacam *Le Corbusier e os portugueses*, artigo de 2008 realizado em coautoria com Jorge Nunes, *As coisas não são o que parecem que são: Arquitectura brasileira na África portuguesa (1953-75)*, opúsculo editado no mesmo ano, *A Joyous Architecture: As exposições de Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal e a sua influência nos territórios português e africano*, ata da comunicação elaborada em coautoria com Jorge Figueira para o 8.º Seminário Docomomo Brasil, realizado em 2009, e *Education Buildings in the Tropics: the Work of the Colonial Planning Office in the Former Portuguese Africa*, ata do 11.º Congresso

Docomomo Internacional de 2010.

Os serviços editoriais da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane (FAPFUEM), em Maputo, têm vindo a editar relevantes ensaios sobre a arquitetura e o urbanismo moçambicanos de entre os quais importa destacar os seguintes títulos pela sua contribuição para a investigação deste doutoramento: *Maputo, Desenho e Arquitectura*, por Luigi Corvaja, tradução de 2003 do original italiano de 1998; *Inhambane: Elementos de história urbana*, com coordenação de Sandro Bruschi e Benjamim Alfredo Sondeia e publicado em 2003; *Pemba: as duas Cidades*, por Sandro Bruschi, Júlio Carrilho e Luís Lage, editado em 2005; *O desenho das cidades: Moçambique até o Século XXI*, por Sandro Bruschi e Luís Lage, publicado no mesmo ano; e *Inventariação do Património Edificado da Cidade de Maputo: Catálogo de Edifícios e Espaços propostos para Classificação*, por Luís Lage e Júlio Carrilho, editado em 2010.

No âmbito dos trabalhos de pesquisa financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), organismo governamental português, com incidência na temática da arquitetura e urbanismo do século XX nas antigas províncias ultramarinas destacamos os seguintes projetos de Investigação & Desenvolvimento:

- *Urbanismo Colonial: Os Planos de Urbanização nas antigas Províncias Ultramarinas, 1934-1974*, projeto já concluído por uma equipa de docentes da Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, sob a responsabilidade de Clara Mendes, no qual se produziu um extenso levantamento dos planos existentes e se iniciou a sua interpretação através de um seminário e de uma exposição homónimas e de três extensos volumes que aguardam publicação;
- *Gabinetes Coloniais de Urbanização: Cultura e Prática Arquitetónica*, projeto ainda em execução por uma equipa de investigação multidisciplinar sob a responsabilidade de Ana Vaz Milheiro que produziu já, entre outros textos de menor dimensão, os livros *Luís Possolo: Um Arquitecto do Gabinete de Urbanização do Ultramar*, obra de 2012 por José Luís Pos-

solo de Saldanha, e *Nos Trópicos Sem Le Corbusier: Arquitectura Luso-Africana no Estado Novo*, obra do mesmo ano pela investigadora responsável pelo projeto;

- *EWV_Visões cruzadas dos mundos: arquitetura moderna na África Lusófona (1943-1974) vista através da experiência Brasileira iniciada a partir dos anos 30*, projeto ainda em execução por uma equipa de investigadores maioritariamente provenientes do Instituto Superior Técnico e da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho. Esta equipa é composta por Ana Tostões, investigadora responsável, João Vieira Caldas, Vincenzo Riso, Maria Manuel Oliveira, Ana Magalhães, Maria João Teles Grilo e o próprio candidato. O projeto produziu até ao momento, para além do trabalho de campo efetuado em Angola e Moçambique, da apresentação de diversas comunicações em conferências internacionais e da redação dos artigos "Transcontinental Modernism", por Ana Tostões e Maria Manuel Oliveira,[22] e "Design with Climate in Africa", por João Vieira Caldas,[23] ambos publicados pelo *Docomomo International Journal*, o redesenho de alguns edifícios paradigmáticos das arquiteturas modernas angolana e moçambicana efetuado sob a responsabilidade de Vincenzo Riso, o *workshop (re)usar o moderno: identificar, documentar, conservar*, realizado na FAPFUEM, em Maputo, entre 26 e 30 de Março de 2012 com organização de Maria Manuel Oliveira e a conferência internacional, *EWV_Visões cruzadas dos mundos*, efetuada na EAUM, em Guimarães, nos dias 7 e 8 Dezembro de 2012 e organizada por Vincenzo Riso. O projeto tem ainda em execução uma base de dados informática da produção arquitetónica moderna angolana e moçambicana, coordenada por João Vieira Caldas, e a edição de um livro que fará a síntese dos conteúdos pesquisados, dirigido por Ana Tostões.

No mesmo âmbito foram os seguintes os principais encontros e exposições a que o autor pode assistir ou de cujos conteúdos teve conhecimento indireto:

22 Tostões; Oliveira, 2010.
23 Caldas, 2011.

- Memórias *D'África, 1950-1975: Encontros sobre Arquitectura e Urbanismo nas áreas de influência portuguesa*, encontro organizada por José Manuel Fernandes que teve lugar na FAUTL entre 26 e 29 de Março de 2001, e que contou com a participação de diversos intervenientes na produção arquitetónica ultramarina do século XX;
- *Urbanismo Colonial: Os Planos de Urbanização nas antigas Províncias Ultramarinas, 1934-1974*, seminário e exposição realizados na FAUTL em Março de 2008 em resultado do projeto de investigação atrás referido. A exposição esteve patente ao público na EAUM, em Guimarães, entre 5 e 30 de Novembro de 2008, tendo a sua abertura sido enquadrada por um seminário que contou com a participação da equipa de investigadores da FAUTL e dos arquitetos Fernão Simões de Carvalho e Francisco Castro Rodrigues. Estes dois últimos acontecimentos foram organizados pelo autor desta tese;
- *O Património Urbano e Arquitectónico dos Países de Língua Portuguesa no Mundo*, colóquio internacional que teve lugar na FAUTL entre 5 e 7 de Novembro de 2008 e respetiva exposição com o título *O Urbanismo Português no Mundo*;
- *Pancho Guedes: Vitruvius Mozambicanus*, exposição retrospetiva da obra deste arquiteto que esteve patente no Museu Coleção Berardo no Centro Cultural de Belém em Lisboa entre 18 de Maio e 16 de Agosto de 2009;
- África: *Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*, conferência internacional presidida por José-Augusto França, José Manuel Fernandes e Miguel Figueira de Faria que teve lugar na Universidade Autónoma de Lisboa nos dias 27 e 28 de Janeiro de 2011;
- *Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência*, congresso internacional organizado pelo Instituto de Investigação Científica Tropical realizado em Lisboa entre 24 e 26 de Outubro de 2012;
- *Portugal-Brasil-África: Urbanismo e Arquitetura – Do Ecletismo ao Modernismo*, colóquio internacional organizado e coordenado por José-Augusto França, Miguel Figueira de Faria, José Manuel Fernandes e José Monterroso Teixeira - por parte da UAL -, e Maria Lúcia Bressan Pinheiro pela Universidade de São Paulo, que teve lugar em Lisboa entre 29 e 30

de Novembro de 2012;

- *EWV_Visões cruzadas dos mundos*, a referida conferência internacional organizada pelo grupo de investigação homónimo que decorreu na EAUM, em Guimarães, nos dias 7 e 8 Dezembro de 2012.

Encontram-se igualmente disponíveis na *World Wide Web* algumas bases de dados institucionais que disponibilizam informação relevante para o estudo do tema do trabalho nomeadamente:

- *Arquivo Científico Tropical: Repositório Digital*, um sítio que permite a visualização de várias coleções de fotografias - que abarcam temáticas multidisciplinares relativas às antigas colónias - maioritariamente provenientes do espólio do IICT;[24]
- *Memórias d'África e d'Oriente*, portal de conteúdos multidisciplinares da Fundação Portugal-África - desenvolvido e mantido pela Universidade de Aveiro e pelo Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento -, que disponibiliza *online* um extenso catálogo bibliográfico e uma biblioteca digital composta pela digitalização de vários livros, revistas e coleções - entre os quais se destaca o *Boletim Geral das Colónias / do Ultramar*;[25]
- *HPIP - Heritage of Portuguese Influence / Património de Influência Portuguesa*, sítio em linha da Fundação Calouste Gulbenkian que constitui uma evolução da obra impressa anteriormente referida.[26]

O conhecimento do processo de implantação da arquitetura do Movimento Moderno em Portugal, com todas as suas conquistas e retrocessos ideológicos ocorridos ao longo dos quartéis intermédios do século XX, carece ainda de estudos históricos completos que permitam complementar e confrontar a produção arquitetónica metropolitana com as paralelas e sincrónicas realizações dos antigos espaços ultramarinos. Não é, no entanto, o objetivo

24 http://actd.iict.pt/.
25 http://memoria-africa.ua.pt/.
26 http://www.hpip.org.

desta dissertação de doutoramento proceder a um levantamento exaustivo de edifícios de arquitetura moderna nos antigos territórios coloniais: pretende-se apenas contribuir para a formação de uma futura síntese global através de uma interpretação setorial.

O objeto do trabalho, que inicialmente abarcava de forma genérica e provisória um amplo campo geográfico e cronológico – *Liberdade e ortodoxia. Equipamentos coletivos de arquitetura moderna nas colónias portuguesas, 1926-1974* eram o tema / título iniciais do plano de doutoramento -, foi sendo progressivamente restringido até à presente delimitação espacial, cronológica e temática sintetizada no subtítulo do presente texto: *Infraestruturas de arquitetura moderna em Moçambique (1951-1964)*.

O antigo império colonial português constituía um vastíssimo território de estudo que compreendia um conjunto de espaços de grande diversidade geográfica, social e cultural: as antigas colónias / províncias ultramarinas de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Estado Português da Índia, Macau e Timor. Rapidamente se tomou consciência de que a logística necessária para abarcar a totalidade deste panorama numa investigação de doutoramento extravasava largamente as capacidades individuais do candidato assim como os recursos disponíveis: para realizar o levantamento das fontes documentais primárias nos arquivos locais bem como para observar *in loco* os objeto de estudo seria necessário a visita de cada uma das parcelas do antigo império, dispersas ao longo de dois continentes, que atualmente constituem seis países independentes e partes do território da União Indiana e da República Popular da China. Por outro lado a consulta da bibliografia existente permitiu constatar que a produção de arquitetura moderna teve maior expressão qualitativa e quantitativa nas antigas províncias de Angola e Moçambique. Apenas nestes dois países se decidiu, numa segunda etapa, concentrar os esforços de investigação.

Após a visita realizada em Fevereiro e Março de 2009 a algumas capitais de província de Moçambique – Maputo, Beira, Quelimane, Nampula e Lichinga –, decidiu-se reduzir ainda mais o âmbito geográfico do estudo confinando-o apenas ao território moçambicano. Esta

focalização foi confirmada por uma segunda viagem a Moçambique, realizada em Junho e Julho de 2010 no âmbito do projeto *EWV*, durante a qual se visitaram também as cidades de Pemba e Chimoio. O afunilamento da pesquisa teve origem na constatação *in loco* da existência de uma grande quantidade de infraestruturas de arquitetura moderna qualificada, ainda em bom estado de conservação.

A definição cronológica do período em estudo - o traçado de fronteiras temporais abstratas no *continuum* histórico -, passou pelo mesmo processo de progressiva focalização anteriormente ocorrido com a sua delimitação geográfica. O balizamento inicial do trabalho entre a Revolução de 28 de Maio de 1926, com a implantação do regime ditatorial em Portugal, e a Revolução de 25 de Abril de 1974, com o desencadear da descolonização, teve a sua origem na coincidência cronológica entre o tempo de duração do regime do Estado Novo e a eclosão, afirmação e difusão da arquitetura do Movimento Moderno no território nacional. Com o progressivo aprofundamento do estudo concluiu-se pela quase ausência de arquitetos oriundos das gerações modernas metropolitanas residindo em Moçambique entre o 28 de Maio de 1926 e o final da II Guerra Mundial. Durante este período os projetos para edifícios de equipamento coletivo foram maioritariamente importados da metrópole ou desenhados por técnicos locais sem formação disciplinar específica, tais como engenheiros ou agentes técnicos. Deste panorama excetuam-se os casos pontuais dos arquitetos que exerceram a atividade em Lourenço Marques e desenharam os edifícios *Art Déco* que caraterizam a paisagem urbana da cidade[27] - mas cuja biografia pessoal e profissional permanece em grande parte por desvendar. Foram igualmente excluídas as pontuais estadias na Beira, durante a década de 40, do arquiteto José Luís Porto (1883-1965) assim como as obras que nesta cidade construiu.

A deslocação para África de arquitetos, e não apenas de projetos de arquitetura, iniciou-se de forma significativa no início da década de 50. A realização do 1.º Congresso do Sindicato

27 Albuquerque, 1998: 69.

dos Arquitetos, que teve lugar no IST em 1948, poderia pelo seu simbolismo ter fornecido uma baliza temporal para o início do período em estudo. No entanto, entre a consagração das teses da modernidade e a sua efetiva concretização em solo moçambicano decorreu ainda um breve interregno: o início da execução dos projetos para a Casa do Dragão, a Casa Leite Martins e o Edifício Prometheus, primeiros edifícios filiados na arquitetura do Movimento Moderno do segundo pós-guerra, data de 1951; por outro lado o começo do desenho para o Cine-Teatro São Jorge, a Escola Primária da Manga, o Colégio Pio XII, a Padaria Saipal e a Garagem e salão de vendas Otto Barbosa, os mais antigos edifícios infraestruturais de arquitetura moderna, data de 1952. Entre as duas datas preferiu-se a primeira para balizamento inicial desta dissertação – que não do período investigado, necessariamente mais vasto - coincidindo com a revisão constitucional de 1951 e com o princípio da concretização de uma utópica identidade nacional.

Entre 1951 e 1974 podem-se detetar dois momentos históricos distintos: um primeiro período que dura até 1961, ano da eclosão da guerra colonial / de libertação em Angola, da ocupação do Estado Português da Índia e da abolição do Estatuto do Indigenato - época de grande impulso desenvolvimentista com o lançamento do I Plano de Fomento (1953-1958), o início da industrialização e a emigração para África de alguns jovens arquitetos portugueses instruídos nos princípios do Movimento Moderno internacional; um segundo período que começa em 1964, ano de deflagração da guerra de colonial / de libertação em Moçambique, e termina com o 25 de Abril de 1974 e o consequente iniciar do processo de descolonização - um tempo de paradoxal retoma do investimento económico privado com a abertura das antigas províncias ultramarinas aos capitais financeiros nacionais e estrangeiros, de acelerado crescimento populacional e urbano e do surgimento em Moçambique de uma nova geração de arquitetos portugueses sincronizados com a crítica ao funcionalismo dos CIAM, educados nos valores culturalistas do *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal* e praticantes das linguagens fragmentárias que informaram a cultura arquitetónica internacional dos anos 60 e 70. Entre 1961 e 1964 decorreu um período intermédio caraterizado

pela quase total suspensão da atividade económica privada provocada pela expetativa da inevitável eclosão do conflito colonial.[28] Tendo em consideração que alguns empreendimentos públicos financiados pelo II Plano de Fomento (1959-1964) - exemplares qualificados da arquitetura em estudo -, foram lançados e construídos ainda nos primeiros anos da década de 60 preferiu-se a data de 1964 para baliza final desta dissertação.

A definição programática do objeto do trabalho surgiu naturalmente do tema das anteriores Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, defendidas pelo candidato em Março de 2005, bem como da sua experiência docente no acompanhamento académico de projetos de edifícios infraestruturais de grande complexidade programática e tecnológica.

A focalização do estudo nos edifícios de equipamento coletivo de promoção oficial ou particular pressupôs a exclusão do âmbito do trabalho das construções de função habitacional - apesar de terem constituído o programa privilegiado para a experimentação dos princípios sociais da arquitetura do Movimento Moderno durante o período entre as duas guerras mundiais e da sua difusão universal no segundo pós-guerra. Por outro lado a inventariação e interpretação dos projetos de escala territorial nas antigas províncias ultramarinas foi já, como atrás referido, recentemente empreendido por uma equipa da FAUTL. Programas habitacionais e escalas territoriais formaram assim, ao longo do texto desta dissertação, um quadro contextual sobre o qual se destacaram as leituras interpretativas dos edifícios infraestruturais.[29]

A teorização presente nesta dissertação, bem como a sua confirmação, resultaram de uma metodologia assente na articulação entre o rigor da pesquisa nas fontes documentais

28 Albuquerque, 1998: 11, 116-117.

29 "A projectação de equipamentos durante a década de 50 constituiu um programa a que os arquitetos deram especial atenção. (...) A análise da evolução destes programas, na medida em que se propõem responder às necessidades de uma comunidade com novas exigências decorrentes de um mundo em transformação, permite aferir da capacidade de adesão por parte dos encomendadores a novas formas e a dimensão do impacto social e cultural destes *factos coletivos*, que propõem diferentes *modos* de uso e outros *modos* de estar na sociedade." Tostões, 1997: 94.

primárias - utilizando processos característicos da História da Arquitetura -, e a intuitiva leitura disciplinar das formas e dos espaços em estudo - numa aproximação ao raciocínio especulativo que informa a Teoria da Arquitetura.

A investigação do tema, vasto território desconhecido, socorreu-se da pesquisa das fontes documentais primárias nos recursos disponíveis: nos arquivos portugueses e moçambicanos, na recolha de testemunhos dos protagonistas e na pesquisa nos seus espólios pessoais, na consulta dos títulos da imprensa e na pesquisa nos mais diversos sítios da *World Wide Web*.

Nas obras de António Albuquerque e André Ferreira atrás referidas foram já publicados inúmeros projetos provenientes de alguns arquivos institucionais portugueses e moçambicanos. No âmbito da pesquisa documental deste doutoramento procurou-se complementar esta informação com novas pesquisas em diversos arquivos dos dois países. Em Portugal foram assim consultados: os índices do Arquivo Histórico Ultramarino e o fundo documental do Centro de Documentação do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, duas instituições que herdaram do Ministério das Colónias / Ultramar a documentação técnica relativa aos empreendimentos de iniciativa ou financiamento oficial nas antigas colónias / províncias ultramarinas; a informação técnica depositada no Fundo do Banco Nacional Ultramarino do Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos - composta principalmente por fotografias e processos de projeto e obra relativos às instalações do BNU nas antigas colónias -, da qual foi realizado um registo fotográfico exaustivo do material referente a Moçambique durante o segundo pós-guerra; os processos relativos às aerogares dos aeroportos de Moçambique projetados na antiga Direção do Serviço de Obras da Direção Geral de Aeronáutica Civil existentes nos arquivos da ANA, Aeroportos de Portugal, dos quais nos foram fornecidas digitalizações; a documentação referente aos projetos da firma Monteiro & Giro para Quelimane que, proveniente do escritório de Arménio Losa e Cassiano Barbosa, se encontra depositada no Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitetura da Faculdade

de Arquitetura da Universidade do Porto; e os espólios de Cristino da Silva e de Raul Lino disponibilizados *online* pela Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

No mesmo âmbito foram consultados em Moçambique: os arquivos da Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo; o índice geral e alguns processos de licenciamento existentes no arquivo do Conselho Municipal de Maputo; os ofícios dos processos de obras do Edifício e Cinema Montalto existentes nos escritórios do Centro Cultural Académico do Instituto Superior Politécnico de Manica, no Chimoio; e os desenhos técnicos referentes às diferentes fases do processo de projeto e de edificação da Estação Central da Beira que se encontram guardados na sala de desenho do Serviço de Via e Obras da companhia dos Caminhos de Ferro da Beira, atual Caminhos de Ferro de Moçambique, na estação ferroviária daquela cidade.

Na fase final deste trabalho foi ainda possível ter acesso ao registo fotográfico efetuado pelas professoras Ana Tostões e Maria Manuel Oliveira, no âmbito do projeto de investigação *EWV*, relativo aos arquivos do Conselho Municipal de Quelimane e do Ministério das Obras Públicas e Habitação em Maputo – no último dos quais se encontra depositado um extenso património composto pelos desenhos técnicos dos projetos realizados pelo antigo Serviços de Obras Públicas de Lourenço Marques.

Procedeu-se igualmente à recolha do testemunho de alguns arquitetos que residiram e trabalharam nas antigas províncias durante o período em estudo e à eventual consulta e registo da escassa documentação existente nos seus espólios pessoais: de Angola entrevistaram-se Francisco Castro Rodrigues e Fernão Simões de Carvalho e de Moçambique Francisco José de Castro, Bernardino Ramalhete, José Forjaz, Maria Alfreda Vasconcelos e Gabriela Vasconcelos, respetivamente viúva e filha de Luís de Vasconcelos.

A menor contribuição dada pelas publicações periódicas especializadas publicadas em Portugal para o desenvolvimento deste trabalho deveu-se, como atrás referimos, ao seu alheamento da realidade disciplinar ultramarina. Confirmou-se esta tese e recolheu-se alguma informação adicional através da consulta sistemática das seguintes revistas: *Arquitectu-*

ra: Revista de Arte e Construção, consultada do n.º 19 da 2.ª série de Janeiro de 1948 ao n.º 141 da 3.ª série de Junho de 1974; *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*, consultada do n.º 1 de Março/Abril de 1952 ao n.º 13 de Agosto de 1958; e *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento*, consultada do n.º 1 de Abril de 1958 ao n.º 195 de Dezembro de 1974 a Janeiro de 1975.

Mais útil para o conhecimento fatual dos empreendimentos públicos levados a cabo nas antigas províncias, assim como para o seu enquadramento na política colonial da época, revelou-se a consulta do *Boletim Geral das Colónias,* depois de 1951 renomeado como *Boletim Geral do Ultramar*. Desta revista mensal de caráter multidisciplinar editada pela Agência Geral das Colónias / do Ultramar, organismo dependente do Ministério das Colónias / do Ultramar, foram sistematicamente consultados todos os exemplares entre o n.º 239 de Maio de 1945 aos n.os 529/530 de Julho/Agosto de 1969. Também a consulta de todos os números disponíveis do *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*, publicação mensal editada pela Direção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique, instituição com sede em Lourenço Marques, permitiu acompanhar a evolução das principais infraestruturas de comunicações construídas no território no período entre Janeiro de 1934 e Janeiro de 1970.

A consulta da imprensa diária da antiga província, tarefa que pela sua dimensão ainda não se conseguiu completar, revelou-se extremamente útil para o conhecimento da história da arquitetura em Moçambique. Ao longo desta dissertação serão citados inúmeros artigos recolhidos das páginas dos jornais moçambicanos contendo descrições pormenorizadas dos empreendimentos mais relevantes para o progresso local, ilustrados com desenhos dos projetos e fotografias das obras. Foram visionados os seguintes jornais: *Diário de Moçambique*, diário editado na cidade da Beira, consultado nos períodos entre 1 e 31 de Janeiro de 1954, 27 de Agosto de 1954 e 31 de Dezembro de 1955, 1 de Abril de 1960 e 30 de Setembro de 1961, e 1 de Outubro e 5 de Dezembro de 1966; *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*, diário publicado em Lourenço Marques, consultado no período entre 1

de Janeiro de 1956 e 31 de Março de 1960; e *Diário de Lourenço Marques Guardian*, consultado no período entre 1 de Julho e 30 de Setembro de 1956.

A constante procura de informação nos mais diversos tipos de sítios institucionais e particulares da *World Wide Web* constituiu um precioso auxiliar para a descoberta visual de edifícios e cidades - alguns até aí desconhecidos outros apenas assinalados ou sumariamente descritos na bibliografia existente. Foram assim encontrados postais ilustrados, fotografias pessoais, digitalizações de livros e muitas outras imagens do período colonial que, devidamente referenciadas, foram extensivamente utilizadas na base de dados para documentar as obras em observação.

Com a formação da equipa responsável pelo projeto *EWV_Visões cruzadas dos mundos* - concurso realizado em Fevereiro de 2009 com início dos trabalhos em Março de 2010 -, esta tese de doutoramento e o seu autor foram incluídos nos indicadores de realização previstos para o projeto e nas tarefas a desenvolver pela equipa de investigação. No âmbito desta pesquisa o candidato realizou viagens a Moçambique em 2010 e 2012 para trabalho de campo e para participação no *workshop (re)usar o moderno: identificar, documentar, conservar*, apresentou várias comunicações em encontros científicos internacionais e contribuiu com a redação de alguns capítulos da publicação final do grupo de investigação.

A interpretação das formas e dos espaços em estudo, bem como da sua articulação contextual com os territórios onde se inserem, foi realizada através da leitura disciplinar da documentação recolhida - memórias descritivas e justificativas, desenhos técnicos, fotografias de época, artigos da imprensa, referências bibliográficas, etc. -, e da visita às construções no seu estado e contexto físico atuais. Ao longo das três visitas realizadas a Moçambique - Maputo, Beira, Quelimane, Nampula, Ilha de Moçambique e Lichinga em Fevereiro e Março de 2009, Maputo, Beira, Quelimane, Nampula, Pemba, Gorongosa, Gondola e Chimoio em Junho e Julho de 2010 e Maputo em Março e Abril de 2012 -, foram efetuadas cerca de cinco mil fotografias de edifícios e espaços urbanos relevantes para o tema em estudo.

A documentação recolhida foi sendo organizada, desde o início do trabalho, numa base de dados em constante atualização. Alicerce operativo essencial sobre o qual assentou todo o desenvolvimento do trabalho, esta infraestrutura informática contém atualmente cerca de centro e trinta fichas individuais de autores e mil fichas individuais de projetos ou obras ordenadas segundo itens como a designação, a localização, a datação, a autoria e a referenciação bibliográfica e documental de cada projeto ou obra. Esta base de dados permite ainda cruzar toda a informação introduzida através das hiperligações introduzidas nas células que a compõem.

Ao longo do processo de investigação documental e de redação da dissertação foram realizadas várias interpretações experimentais sob a forma de sessões de acompanhamento do doutoramento em curso, de relatórios anuais de progresso, de comunicações em conferências e de artigos e capítulos em livros publicados.

Foram as seguintes as comunicações mais relevantes para o desenvolvimento do trabalho:

- *Liberdade e Ortodoxia: Contornos de uma investigação sobre arquitetura moderna em Angola no terceiro quartel do Século XX*, apresentada na 1.ª conferência internacional *EI-DAO'08 - Angola: Ensino, Investigação e Desenvolvimento*, que teve lugar na Universidade do Minho, em Braga, entre 15 e 17 de Maio de 2008. Os resumos das comunicações desta conferência foram editados em livro;
- *Orthodoxy and Freedom: infrastructural buildings in Angola and Mozambique from the third quarter of the twentieth century*, apresentada na 11.ª conferência do Docomomo Internacional *Living in the Urban Modernity* realizada na Faculdade de Arquitetura da Universidade Nacional, na Cidade do México, entre 19 e 27 de Agosto de 2010. Os resumos das comunicações desta conferência foram editados em livro e as atas em suporte digital (CD);
- *De Maputo à Beira, uma "selecção moderna"*, apresentada na conferência internacional *África: Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*, que teve lugar na UAL nos dias

27 e 28 de Janeiro de 2011. As atas desta conferência foram publicadas no livro atrás referido;

- *Liberdade & ortodoxia: o caso da estação central da Beira*, apresentada no workshop *(re) usar o moderno: identificar, documentar, conservar*, realizado na FAPFUEM, em Maputo, entre 26 e 30 de Março de 2012;
- *Liberdade & Ortodoxia: o caso da filial do Banco Nacional Ultramarino em Lourenço Marques*, apresentada no congresso internacional *Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência*, uma organização do IICT que teve lugar em Lisboa entre 24 e 26 de Outubro de 2012. Esta comunicação foi repetida em versão inglesa na conferência internacional do projeto de investigação *EWV_Visões cruzadas dos mundos*, que decorreu na EAUM, em Guimarães, nos dias 7 e 8 Dezembro de 2012.
- *"No caminho de uma arquitetura racional": infraestruturas modernas em Moçambique*, apresentada no colóquio internacional *Portugal-Brasil-África: Urbanismo e Arquitetura – Do Ecletismo ao Modernismo*, que teve lugar na UAL entre 29 e 30 de Novembro de 2012.

As publicações mais relevantes para o desenvolvimento do trabalho escritas pelo seu autor, para além dos resumos de comunicações e dos livros de atas atrás referidos, foram as seguintes:

- *Moderno Tropical*, recensão do livro homónimo por Ana Magalhães e Inês Gonçalves publicada em 2010 no n.º 238 do *Jornal Arquitectos*;
- Um conjunto de vinte e sete entradas sobre edifícios modernos em Angola e Moçambique incluídos em "África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico", segundo volume com coordenação de Filipe Themudo Barata e José Manuel Fernandes do dicionário de matriz geográfica *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo*, dirigido por José Mattoso e editado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2010 (português) e 2012 (inglês) - estas entradas estão atualmente disponíveis no portal *HPIP - Heritage of Portuguese Influence / Património de Influência Portuguesa*, cujo corpo editorial o autor integra;

O texto da dissertação foi organizado em quatro capítulos centrais que procuram abarcar os pontos mais relevantes da tese proposta:

- No primeiro capítulo, "As opostas utopias", caraterizaram-se os dois projetos ideológicos subjacentes ao tema em estudo;
- No segundo capítulo, "Os arquitetos", enquadraram-se os objetos arquitetónicos em estudo traçando os perfis biográficos dos seus autores e caraterizando genericamente a sua produção arquitetónica moçambicana;
- No terceiro capítulo, "As infraestruturas", enquadraram-se os objetos arquitetónicos em estudo descrevendo, analisando e interpretando o panorama geral de edifícios infraestruturais modernos construídos em Moçambique durante o período em estudo;
- No quarto capítulo, "Os símbolos", analisaram-se detalhadamente, segundo critérios invariantes, dez edifícios paradigmáticos de arquitetura moderna que, pela sua ortodoxa modernidade e representatividade urbana, melhor exemplificam a confluência das duas utopias.

A extensiva utilização de imagens ao longo da dissertação, fundamental para a compreensão disciplinar dos objetos de estudo, teve como critério principal a utilização de material original pesquisado pelo investigador e pelos componentes do projeto *EWV*. Foi assim realizada uma seleção dos documentos que se consideraram pertinentes ao estudo, uma pequena amostra de um recolha documental de maior dimensão.

Para evitar uma constante atualização da nomenclatura dos núcleos urbanos referidos no texto decidiu-se utilizar os nomes vigentes à altura do projeto e construção dos edifícios estudados. Para os leitores menos familiarizados com os antigos termos é fornecida no início do texto uma tabela de correspondências. Optou-se também por fazer o paralelismo entre as nomenclaturas novas e antigas da toponímia das cidades moçambicanas na primeira vez

que o nome de uma artéria é referido no estudo de cada edifício específico.[30] A partir desse momento usa-se apenas o nome antigo de forma a manter uma coerente relação com a legendagem dos desenhos reproduzidos e com os documentos da época que são eventualmente citados nas notas de rodapé.

O texto da dissertação foi redigido segundo as regras gramaticais do novo acordo ortográfico. Todas as citações - com exceção dos seus eventuais títulos - foram assim atualizadas para a nova grafia em implementação.

Utilizaram-se frequentemente termos arquitetónicos estrangeiros para descrever princípios e componentes de obras moçambicanas - de que são exemplo os elementos constituintes dos *cinco pontos* propostos por Le Corbusier: *pilotis*, *toits-jardins*, *plan libre*, *fenêtre en longueur* e *façade libre*. Com esta direta referenciação procurou-se precisar a origem de alguns conceitos e formas manuseados pelos arquitetos modernos portugueses.

30 Os nomes atuais das vias, bem como alguns dos antigos, foram em grande parte consultados nas *Plantas de Endereçamento* das cidades da Beira, Quelimane, Nampula e Pemba, de 2002, e de Maputo, de 2008.

As opostas utopias

Neste primeiro capítulo, "As opostas utopias", serão caraterizados os dois projetos ideológicos que estão subjacentes ao tema em estudo: a utopia identitária do Estado Novo e a utopia social do Movimento Moderno.

Durante o período que medeia entre a revisão constitucional de 1951 e o eclodir, em 1964, da guerra colonial ou de libertação em Moçambique encontraram-se no território desta antiga província ultramarina portuguesa, com direta consequência na produção arquitetónica realizada, duas distintas conceções ideológicas: a utopia identitária do Estado Novo e a utopia social do Movimento Moderno.[1]

Durante o período de vigência do liberalismo burguês do século XIX a política colonial portuguesa assentara numa doutrina integradora e assimilacionista. De acordo com esta conceção as províncias ultramarinas eram membros da metrópole, uma entidade unificada com leis e políticas económicas comuns. A partir de 1878, com a abolição efetiva da escravatura e o fim do trabalho forçado, implementou-se um regime laboral liberalizado.[2] Com

1 "Rather, they come under Karl Mannheim's classic definition of utopia as a coherent program for action arising out of thought that *transcends the immediate situation*, a program whose realization would *break the bonds* of the established society." Fishman, 1977: x.

2 Newitt, 1995: 338-339.

a vitória das fações absolutistas no final do século e a lei laboral de 1899 desapareceu o princípio de igualdade entre *indígenas* e *não-indígenas* na aplicação das leis metropolitanas aos habitantes das colónias africanas.[3]

Com a Revolução Republicana de 1910 a política centralizadora monárquica foi substituída por uma política descentralizadora, tendência que já estava presente nas reformas legislativas dos últimos anos do anterior regime e que foi formalizada no artigo 67.º do texto da Constituição de 1911. Cada província ultramarina obteve autonomia financeira e a sua própria Lei Orgânica, com leis especiais adequadas ao estado de desenvolvimento de cada uma delas.[4]

A implantação da ditadura militar na sequência da revolução de 28 de Maio de 1926 e a consolidação do regime do Estado Novo - nacionalista, autoritário e corporativo -,[5] bem como a nomeação de António de Oliveira Salazar - primeiro para ministro das Finanças, pasta que acumula com o ministério das Colónias, e depois para a chefia do governo em Julho de 1932 -, vieram de novo inverter esta tendência descentralizadora. O *Acto Colonial*, publicado em Julho de 1930 e posteriormente integrado na Constituição de Abril de 1933, consignou a criação do Império Colonial Português.[6] Estruturado segundo o modelo francês, inclusivamente no estatuto atribuído aos habitantes autóctones,[7] o *Acto Colonial* estabelecia que as colónias fossem colocadas na direta dependência do ministro das Colónias em Lisboa. Este cargo era na altura ocupado por Armindo Monteiro, o principal teorizador da

3 "A partir deste momento, a lei reconhecia duas classes de cidadãos, *indígenas* e *não-indígenas*. Os *não-indígenas* teriam todos os direitos de cidadania dos portugueses e viveriam ao abrigo da lei metropolitana, enquanto que os indígenas seriam administrados formalmente pelo direito africano e pelas leis específicas de cada colónia." Newitt, 1995: 340.

4 Newitt, 1995: 347.

5 Ramos; Sousa; Monteiro, 2010: 627.

6 "É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam, exercendo também a influência moral que lhes é adstrita pelo Padroado do Oriente." *Acto Colonial*, art.º 2.º, 1930, *in* Castelo, 1998: 46.

7 "Tal como a França, admitia-se a *assimilação*, isto é, a aquisição de cidadania pelos nativos das colónias. A fim de adquirir os direitos de cidadão, os indígenas precisavam de falar Português e adotar costumes europeus." Ramos; Sousa; Monteiro, 2010: 659.

natureza imperial da nação portuguesa.[8]

O final da II Guerra Mundial (1939-1945) iniciou o processo de descolonização e independência dos territórios que os países europeus ainda mantinham na Ásia e em África. A condenação universal de qualquer forma de dominação de um povo por outro e o reconhecimento do direito de todos os povos colonizados à autodeterminação foram consignados na Carta da Organização das Nações Unidas, assinada em 26 de Junho de 1945 pelos países fundadores da ONU,[9] e na Declaração Universal dos Direitos do Homem, adotada em 10 de Dezembro de 1948.

As primeiras independências do segundo pós-guerra serão declaradas no continente asiático: Indonésia em 1946, Índia e Ceilão em 1947 e Birmânia em 1948. O movimento descolonizador adquire ímpeto durante as décadas de 50 e 60 também em África, com maior intensidade após a realização da conferência de Bandung em 1955 e o consequente reforço da solidariedade afro-asiática:[10] primeiro no norte do continente com a emancipação da Líbia em 1951, Egito em 1952, Marrocos, Tunísia e Sudão em 1956, Mauritânia em 1960 e Argélia em 1962, e estendendo-se progressivamente para Sul com as proclamações de independência do Gana em 1957, Guiné em 1958, Camarões, Togo, Mali, Senegal, Madagáscar, República Democrática do Congo, Somália, Benim, Níger, Burkina Faso, Costa do

8 "Portugal pode ser apenas uma nação que possui colónias ou pode ser um Império. Este será a realidade espiritual de que as colónias sejam a corporização. A par da extensão territorial, o Império resulta, sobretudo, da existência de uma mentalidade particular. Funda-se esta, essencialmente, na certeza que a nação possui do valor da obra que já realizou, na vontade de a prosseguir ininterruptamente, na convição que pode prossegui-la, vencendo todas as dificuldades." Armindo Monteiro *in* CASTELO, 1998: 47.

9 "Os Membros das Nações Unidas, que assumiram ou assumam responsabilidades pela administração de territórios cujos povos não tenham atingido a plena capacidade de se governarem a si mesmos, reconhecem o princípio de que os interesses dos habitantes desses territórios são da mais alta importância, e aceitam, como missão sagrada, a obrigação de promover no mais alto grau, dentro do sistema de paz e segurança internacionais estabelecido na presente Carta, o bem-estar dos habitantes desses territórios e, para tal fim, se obrigam a:
(...) desenvolver sua capacidade de governo próprio, tomar devida nota das aspirações políticas dos povos e auxiliá-los no desenvolvimento progressivo de suas instituições políticas livres, de acordo com as circunstâncias peculiares a cada território e seus habitantes e os diferentes graus de seu adiantamento (...)." *Carta das Nações Unidas*, Capítulo XI, Artigo 73 (http://www.oas.org)

10 "Salazar assegurava ao mundo em 1955 que o continente africano era um simples *complemento natural* da Europa, e crismou o anticolonialismo de movimento racista para expulsar o branco. No fundo, mais uma ingratidão entre tantas do negro, para com o *generoso portador* da civilização." ANTUNES, 1980: 54.

Marfim, Chade, República Centro-Africana, República do Congo, Gabão e Nigéria em 1960, Serra Leoa, África do Sul e Tanganica em 1961, Ruanda, Burundi e Uganda em 1962, Quénia em 1963, Maláui, Zâmbia e Zanzibar (que se fundiu com o Tanganica para formar a Tanzânia) em 1964, Gâmbia e Zimbabué em 1965, Botsuana e Lesoto em 1966 e Maurícia, Suazilândia e Guiné Equatorial em 1968.[11]

A permanência do domínio português sobre os oito territórios não autónomos dispersos por África e Ásia que integravam o Império Colonial Português – Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Estado Português da Índia, Macau e Timor -, motivará uma sucessão de condenações internacionais do regime com origem no bloco de países afro-asiáticos. Este contencioso decorreu ao longo de uma sucessão de episódios iniciada após a entrada de Portugal na ONU, em Dezembro de 1955 - com a inquirição do Secretário-Geral da organização ao governo português em Julho do ano seguinte sobre se administrava territórios não-autónomos - e cristalizou-se em Dezembro de 1960 com a aprovação da *Declaração sobre a Concessão aos Países e Povos Coloniais* pela XV Assembleia Geral das Nações Unidas - na qual cada possessão ultramarina portuguesa é especificamente referida como território colonial.[12]

No entanto Salazar tinha antecipado estas críticas ao colonialismo e estruturado a defesa da sua política imperial através da retoma da nomenclatura institucional monárquica e republicana e da política de assimilação.[13] Consciente da necessidade de construção de um discurso político operativo de defesa do regime foi progressivamente estabelecendo uma nova utopia identitária suportada por alterações do quadro jurídico, económico e demográfico: o

11 http://en.wikipedia.org.

12 Rosas, 1994: 517-518.

13 "Numa teima desastrosa, o regime fez renascer a mitologia de há cento e trinta anos, a fábula da Nação una cultivada pelo liberalismo burguês em 1820. (...) Quando entrou na ONU, o regime furtou-se num manto oficial: as terras coloniais estavam *integradas* no Estado português, formavam uma só e indivisível Nação." Antunes, 1980: 54-55.

da natureza secular de Portugal como nação pluricontinental, una e indivisível.[14]

A revisão constitucional integrista de 1951 instituiu um novo quadro jurídico que alterou semanticamente termos e conceitos nos quais assentava a política colonial do regime.[15] A nova Constituição integra as disposições modificadas do abolido *Acto Colonial*, agora colocadas sob a epígrafe *Do Ultramar Português*,[16] e do texto desaparecem as referências ao *império* e às *colónias*, termos substituídos por *ultramar* e pela antiga designação de *províncias ultramarinas*. Em consequência destas modificações são igualmente alteradas as designações de alguns organismos oficiais: o Ministério das Colónias passa a chamar-se Ministério do Ultramar e os organismos que dele dependem, como a Agência Geral das Colónias ou o Gabinete de Urbanização Colonial, passam a denominar-se respetivamente Agência Geral do Ultramar e Gabinete de Urbanização do Ultramar. Em 1953 foi publicada a *Lei Orgânica do Ultramar Português* regulando o regime geral de governo das províncias ultramarinas - em substituição da *Carta Orgânica do Império Colonial Português* de 1933 -, e em 1954 reviu-se o *Estatuto dos Indígenas* sem no entanto lhes conceder a cidadania portuguesa. Como consequência, entre outros fatores de instabilidade, do início dos massacres dirigidos pela UPA no Norte de Angola - que marcaram em 15 de Março de 1961 o início da guerra colonial / de libertação naquele país -, e da nomeação de Adriano Moreira como Ministro do Ultramar - em Abril do mesmo ano -, foi finalmente abolido o *Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique*. Com este ato completou-se o enquadramento jurídico da utopia integralista.

14 "As alterações introduzidas em matéria colonial na revisão da Constituição de 1951 têm como principal objetivo fazer frente às pressões externas favoráveis à descolonização e impedir ingerências futuras de organismos internacionais em *assuntos internos*. No novo texto constitucional, Portugal aparece como uma *nação pluricontinental*, composta por províncias europeias e por províncias ultramarinas, integradas harmonicamente no todo nacional uno. Como não possui *colónias* ou *territórios não autónomos*, não precisa de prestar contas à comunidade internacional do que se passa no interior das suas fronteiras. CASTELO, 1998: 58.

15 "Da integração *resultam duas vantagens: em primeiro lugar, a Constituição completa-se, acrescentando à sua estrutura aquilo que lhe faltava para verdadeiramente ser o diploma orgânico dum Estado com tão larga e importante projeção ultramarina; depois a unificação dessa estrutura realçará e conjugará melhor a unidade política da Nação Portuguesa, que o texto constitucional se propõe exprimir e vincular juridicamente.*" *Diário das Sessões*, 19 de Janeiro de 1951 *in* CASTELO, 1998: 50.

16 CASTELO, 1998: 58.

Finalmente tinha terminado a descriminação oficial entre todos os naturais da nação multicontinental. Com Adriano Moreira como o seu principal defensor[17] argumentava-se agora com a particular aptidão dos portugueses para cumprir a sua histórica missão de criação de novas sociedades multirraciais e multiculturais,[18] tese exemplificada com o processo de miscigenação racial e cultural que presidiu à construção do Brasil.

A construção deste discurso ideológico assentava na teorização do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), cuja influência na ideologia colonial do Estado Novo foi estudada por Cláudia Castelo no ensaio *O modo português de estar no mundo* (1998). Inventor do luso-tropicalismo e da luso-tropicologia[19] Freyre postulava em *Casa-grande & senzala*, de 1933, e em *O mundo que o português criou (aspetos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colónias portuguesas)*, de 1940, a específica vocação universalista da colonização portuguesa para, através da miscigenação e aculturação, criar novas sociedades tropicais rácica e culturalmente híbridas.[20]

A teorização de Gilberto Freyre irá ser amplamente utilizada pelo regime do Estado Novo para, perante a condenação internacional, validar com uma suposta cientificidade a sua política colonial em África.[21] Em 1951 Freyre é convidado pelo ministro do Ultramar a visitar Portugal e as colónias, um périplo que realiza entre 1951 e 1952 a expensas do governo

17 Belchior, 1964: 100.

18 "O exemplo do Brasil repetimo-lo (...) em Cabo Verde. Tanto num como noutro caso estamos em presença de comunidades multirraciais cuja integração é perfeita, isto é, acabada. As províncias ultramarinas portuguesas, à exceção de Cabo Verde, são constituídas por sociedades multirraciais e multiculturais em processo de evolução." Belchior, 1964: 102.

19 "Desenvolve um novo conceito de tropicalismo – o luso-tropicalismo – e *inventa* uma nova ciência – a luso-tropicologia –, definida como *o estudo sistemático de todo um conjunto ou de todo um complexo de adaptações do português aos trópicos*." Castelo, 1998: 28.

20 "Do *sucesso* brasileiro, Freyre tira ilações aplicáveis a todos os espaços colonizados por Portugal. Os fatores culturais portugueses, em contacto com qualquer região, povo ou cultura das terras quentes, dão origem ao mesmo processo simbiótico de criação de sociedades luso-tropicais. No seu conjunto, formam uma civilização com traços próprios que a distinguem e individualizam. Desta forma, a especificidade de Cabo Verde, de Angola, de Moçambique ou da Índia é abafada, diluída num caldo de cultura comum em que se misturam elementos diversos. Realidades geográfica, étnica e culturalmente diferentes são-nos apresentadas como partes de um todo coeso e coerente. Obra e arte lusitanas. Castelo, 1998: 39.

21 "A cada nova moção, os diplomatas portugueses argumentam que Portugal é constituído por províncias metropolitanas e por províncias ultramarinas, todas profundamente integradas na pátria comum. Frequentemente, o luso-tropicalismo é usado (...) como suporte *científico* da argumentação da diplomacia portuguesa." Castelo, 1998: 61.

português,[22] e cuja experiência reflete em duas obras de 1953: *Aventura e rotina* e *Um brasileiro em terras portuguesas*.[23] As suas teses, amplamente difundidas pela imprensa, serão ainda objeto de duas publicações: *Integração portuguesa nos trópicos*, de 1958, e *O luso e o trópico*, de 1961, ambas encomendadas e publicadas pelo Estado português.

A defesa da política integracionista do regime no segundo pós-guerra fundamentar-se-á principalmente numa viragem económica de Portugal para as suas possessões no continente africano.[24] Um dos pilares desta viragem assentará na política desenvolvimentista - autárcica, protecionista e de substituição de importações -[25] gizada pelo subsecretário de Estado da Indústria, engenheiro Ferreira Dias, a partir de meados da década de 40. Com esta política promoveu-se o fomento da industrialização nacional pelos grandes grupos financeiros e industriais - tais como o Banco Espírito Santo, a CUF, o grupo Sommer/ Champalimaud, o Banco Português do Atlântico e o Banco Nacional Ultramarino -,[26] e a modernização infraestrutural do país financiada e executada ao abrigo dos I e II Planos de Fomento sexenais (1953-1958 e 1959-1964). Ao abrigo destes programas serão edificados nas antigas províncias ultramarinas africanas novos edifícios públicos – escolas, hospitais, repartições públicas, edifícios do governo, igrejas, etc. - para apoio da colonização e do crescimento demográfico.[27] Serão igualmente construídas novas infraestruturas de comunicação e exploração dos recursos naturais, estimulando e escorando o desenvolvimento económico regional: estradas, caminhos-de-ferro, pontes, portos, aeroportos, barragens,

22 "A viagem oficial de Gilberto Freyre às colónias portuguesas é simultaneamente o momento da explicitação teórico-formal do luso--tropicalismo e o momento da sua apropriação político-ideológica por parte do regime salazarista." CASTELO, 1998: 96.

23 "Nesta última obra, Freyre utiliza pela primeira vez o conceito de luso-tropicalismo, e legitima a política colonial portuguesa, comprometendo-se com o salazarismo." CASTELO, 1998: 25.

24 "Desde logo, a acumulação de capital realizado durante a II Guerra Mundial, tanto pública como privadamente, o que abria novas oportunidades à exploração e aproveitamento moderno e intensivo de territórios vastos e potencialmente ricos como Angola e Moçambique. O Estado e os empresários portugueses, a partir da segunda metade dos anos 40, vão, nestes termos, iniciar um verdadeiro movimento de exportação de capitais para as colónias de África." ROSAS, 1994: 487.

25 ROSAS, 1994: 499.

26 CASTELO, 2007: 110.

27 "No entanto, o Primeiro Plano era também explícito no seu objetivo de promover a imigração branca: chamava-lhe *emigração de Portugueses para criar centros de população branca que possam contribuir para a nacionalização do território*." NEWITT, 1995: 402.

centrais hidroelétricas, esquemas de irrigação, de prospeção do subsolo, etc.

O segundo pilar da viragem para África assentará numa estratégia financeira tendente à criação de um espaço económico português (EEP):[28] a *Zona do Escudo*, uma área de livre circulação de mercadorias entre a metrópole e as colónias. Objetivo perseguido por Salazar desde 1953[29] e objeto de legislação específica, promulgada em Novembro de 1961,[30] a decretada *integração económica do espaço português*[31] nunca será completamente assumida ou concretizada, antes preterida em favor da progressiva inserção do país nas estruturas económicas da Europa Ocidental.

A consolidação da presença portuguesa em África através da colonização de vastos territórios com populações de origem metropolitana, importante componente da estratégia política do regime no segundo pós-guerra, será efetuada através de duas políticas governamentais complementares: a criação de colonatos agrícolas, reproduzindo no vale do Cunene ou na planície do Limpopo o ambiente rural da metrópole,[32] e a importação dos excedentes demográficos metropolitanos através da emigração livre, potenciada pelo desenvolvimento económico e infraestrutural das províncias. O sucesso desta segunda orientação será tornado possível pela progressiva abertura legal efetuada ao longo da década de 50. Assim, de um regime emigratório restritivo que impedia a imigração indiferenciada, financiava a ida de famílias de colonos rurais e permitia a entrada de indivíduos qualificados e seus parentes

28 "Tratava-se de criar nas colónias, sobretudo em Angola e Moçambique, condições para o advento de economias fortes, que não só aliviariam a médio-longo prazo o esforço financeiro da metrópole em relação ao desenvolvimento do ultramar como, inclusivamente, constituiriam estruturas económicas capazes de concorrer favoravelmente com a economia portuguesa metropolitana – quer no seio do chamado *espaço económico português*, quer em mercados externos. O resultado teórico seria assim, tanto quanto possível, a igualdade económica das partes na existência desse pretendido Portugal pluricontinental e plurirracial." Rosas, 1994: 487-488.

29 Rosas, 1994: 514.

30 Decreto-Lei n.º 44 016.

31 "E se a solução agora adotada for – como estamos certos de que é - a que mais convém, tanto ao desenvolvimento económico do conjunto nacional como ao de cada uma das suas regiões, nós teremos criado mais um fundamento, novo e em *termos de futuro*, da nação una e universal que sempre fomos." José Gonçalo Correia de Oliveira (Ministro de Estado), 1962, *in BGU*, 1962-08/09: 5-6.

32 "Ao planear a agricultura de irrigação, Salazar tencionava instalar também famílias rurais portuguesas na terra. O seu principal objetivo era criar uma réplica da família católica portuguesa rural que acreditava ser a força fundamental do seu regime. Newitt, 1995: 405.

próximos[33] passou-se em Maio de 1956 a uma parcial liberalização de movimentos[34] e em Fevereiro de 1962, com a promulgação do decreto n.º 44171, à livre circulação e estabelecimento de portugueses no interior do espaço nacional. Com esta última medida completou-se finalmente a estratégia de defesa do regime pela construção de uma utopia identitária assente no mito luso-tropical da nação pluricontinental, plurirracial e pluricultural.[35]

A utopia do Movimento Moderno, um discurso totalizante e finalístico[36] mas também um largo espetro de atitudes políticas individuais e autónomas,[37] está na génese da produção arquitetónica moderna internacional no período entre guerras e após o segundo conflito mundial.

Por via da formação profissional dos arquitetos que projetaram e construíram nas antigas províncias ultramarinas portuguesas durante o período em estudo (1951-1964) e da liberdade de desenho que aí lhes foi permitida pelo poder central português os princípios ideológicos, tecnológicos e formais da arquitetura do Movimento Moderno constituíram paradoxal suporte operativo e expressão simbólica da política desenvolvimentista do Estado Novo, retórica propaganda da modernidade e perenidade da sua utopia identitária.

A teorização marxista defende que a revolução socialista precede a transformação do

33 "(...) donos ou possuidores de propriedades rústicas ou urbanas; sócios, diretores ou gerentes de sociedades ou empresas comerciais, industriais ou agrícolas; comerciantes, industriais ou agricultores por conta própria; empregados de qualquer sociedade, empresa ou firma comercial, industrial ou agrícola; licenciados com curso superior; cônjuges, ascendentes ou descendentes de indivíduos autorizados a entrar nas colónias ou que nela tenham residência." Castelo, 2007: 128.

34 "Em 1956, é promulgado o decreto-lei n.º 40610 (25 de Maio), que desenvolve num sentido mais liberal o decreto n.º 37196, de 1948, tornando possível *a entrada e fixação em qualquer dos territórios nacionais de todos aqueles que possam integrar-se utilmente na comunidade local*. Castelo, 2007: 134.

35 "Posto isto, que esperanças podemos ter de acelerar o processo evolutivo das sociedades multiculturais do nosso Ultramar, uma vez que a justificação da nossa ação é a formação de comunidades em que brancos e negros estejam conscientemente ligados pelos laços de uma cidadania que ambos compreendam e desejem?
Supomos que estamos agora em boas condições para alcançar o nosso objetivo, uma vez que o número de indivíduos brancos nas nossas províncias da África começa a ser interessante, e, assim, a *superfície de contato* entre a cultura europeia e as culturas autóctones é decisivamente operante." Belchior, 1964: 102-103.

36 Brites, 2009: 31.

37 Curtis, 1996: 201.

ambiente físico.[38] Para Le Corbusier a arquitetura é a principal alternativa à revolução.[39] No cerne da ideologia do Movimento Moderno reside a crença no potencial da arquitetura para transformar o meio-ambiente físico e de, enquanto técnica normativa de ação,[40] revolucionar a sociedade capitalista existente. O seu objetivo final será a criação de uma nova harmonia social universal, sem distinções de raças ou classes sociais.[41]

A missão individual do arquiteto moderno será assim o de, em plena idade da máquina e com o suporte dos novos materiais e sistemas construtivos industrializados, desenhar os edifícios para produção em série e os modelos de cidade ideal que irão desencadear esta nova harmonia social.[42] O papel individual do arquiteto como artista dilui-se perante a sua função enquanto instrumento de progresso. Técnico integrado em equipas pluridisciplinares torna-se um agente privilegiado de transformação social e política.[43]

Também o rigor científico presidiu à abordagem das problemáticas que informam o projeto através da utilização de metodologias científicas de validação do processo de desenho.[44] Nos projetos para climas tropicais húmidos, como no caso das antigas colónias africanas, serão determinantes as preocupações com a adaptação dos edifícios às caraterísticas climáticas locais.

Na resolução dos programas de novos edifícios foi dada primazia à otimização da organização interior, formalmente expressa na definição e composição geral das partes que

38 Fishman, 1977: 15.

39 "Architecture ou révolution
On peut éviter la révolution." Le Corbusier, 1995 [1923]: 243.

40 Manuel Tainha *in* Fernandez, 1988: 90.

41 Fishman, 1977: 4.

42 "Esquecemo-nos que a grande contribuição do Movimento Moderno não foi, primariamente, uma aquisição de ordem estética mas a definição de um papel decisivo para o arquiteto na sua contribuição para o melhoramento da qualidade do ambiente construído, para benefício de toda a sociedade." Forjaz, 2004: 18.

43 Brites, 2009: 33, 37.

44 "Contra a excecionalidade e a particularidade do artístico, a defesa do carácter processual, dedutível, verificável e reprodutível da arquitetura." Brites, 2009: 34.

os compõem bem como na sua definição formal exterior. Em oposição ao ecleticismo das *Beaux-Arts* este processo é agora fundamentado numa lógica determinista cristalizada no popular axioma de Louis H. Sullivan (1856-1924) de que a *forma segue a função* (*that form ever follows function*).[45]

A adaptação das metodologias de desenho de objetos e das componentes de edifícios à idealização dos sistemas produtivos próprios das linhas industriais de montagem automóvel,[46] preconizada pelos autores da Bauhaus e da Nova Objetividade (*Neue Sachlichkeit*), trouxe enormes vantagens de economia e rapidez à indústria mundial de construção pela estandardização dos materiais e dos processos construtivos. Le Corbusier foi o principal defensor das metodologias de fabricação em série na arquitetura - que pela primeira vez propôs no processo construtivo do protótipo da casa *Dom-Ino* (1915)[47] e que tentou sem sucesso aplicar em diversas obras posteriores.[48]

A aplicação do conceito romântico oitocentista de obra de arte total (*Gesamtkunstwerk*) à produção artística do século XX foi um objetivo originalmente proclamado no manifesto dos expressionistas alemães do *Arbeitsrat für Kunst*.[49] Este princípio de integração na obra arquitetónica das contribuições das artes plásticas da pintura e da escultura, num processo democrático e participado de criação artística, irá informar o método de ensino da Bauhaus assim como a arquitetura do Movimento Moderno após a I Guerra Mundial. Apresenta-se

45 Louis H. Sullivan, *The Tall Office Building Artistically Considered*, 1896 *in* http://pt.scribd.com/doc.

46 "From the standardized element, to the cell, the single block, the housing project and finally the city: architecture between the two wars imposed this assembly line with an exceptional clarity and coherence." TAFURI, 1976: 101.

47 "First, he analyzed *the house* into a small number of standardized components, echo of which could be manufactured cheaply and in unlimited quantity by mass production. These components were designed to be rapidly assembled on site, using only a few standardized tools and techniques. This was indeed housing for the Machine Age: design and technique were one." FISHMAN, 1977: 179.

48 "The conspicuous success of Le Corbusier's individual buildings has obscured the conspicuous failure of his attempts to realize industrialized building and the relatively small number of buildings that drew in a literal way on the actual construction of airplanes or automobiles." FORD, 1996: 207.

49 "We must want, imagine, and create the new architectural concept co-operatively. Painters, sculptors, break down the barriers around architecture and become co-builders and comrades-in-arms towards art's ultimate goal: the creative idea of the Cathedral of the Future (*Zukunftskathedrale*), which will once more encompass everything in one form - architecture and sculpture and painting." Walter Gropius, 1919, *in* FRAMPTON, 1992: 118.

como uma forma de ultrapassar a fria estética funcionalista reintegrando a emoção enquanto componente da arquitetura.[50]

A discussão em torno da expressão monumental na arquitetura moderna, qualidade encarada como intrinsecamente antidemocrática pelas mentalidades mais progressistas do Movimento Moderno,[51] foi fomentada por uma série de artigos da autoria de Peter Meier, editor da revista suíça *Das Werk*.[52] O tema foi retomado por Josep Lluís Sert, Fernand Léger e Siegfried Giedion através do manifesto *Nine Points on Monumentality*, redigido em 1943,[53] antes de ser inscrito entre os temas em debate nos CIAM. O princípio da integração das artes será doravante posto ao serviço da arquitetura e do urbanismo para obtenção de uma *nova monumentalidad*e, qualidade capaz de simbolizar valores de natureza social - como refere Walter Gropius no texto "Sobre a ideia de monumentalidade", tradução de um artigo da *Architectural Review* publicado pela revista *Arquitectura* em 1949.[54]

A noção de arquitetura como condensador social surge na União Soviética na segunda metade dos anos 20 como síntese do pensamento da vanguarda construtivista russa.[55] Atribuía-se ao arquiteto a responsabilidade pela criação de edifícios com novos programas, condensadores sociais que formavam densos polos comunitários de convergência da atividade humana.[56] A concretização desta noção assumiu, numa primeira fase, a tipologia

50 "Now we consciously promote another step. A step towards a rather intangible subject: aesthetic problem or, you may prefer to say, emotional expression." Siegfried Giedion, 1951 *in* TORRENT, 2010: 8.

51 CURTIS, 1996: 513.

52 MUNFORD, 2000: 150.

53 "Monumental architecture will be something more than strictly functional. It will have regained its lyrical value. In such monumental layouts, architecture and city planning could attain a new freedom and develop new creative possibilities, such as those that have begun to be felt in the last decades in the fields of painting, sculpture, music and poetry." Josep Lluís Sert, Fernand Léger e Siegfried Giedion, 1943 *in* TORRENT, 2010: 7.

54 *Arquitectura*, 1949-04/05: 14.

55 "Tal noção sintetizava, naquele momento, o pensamento da vanguarda construtivista russa empenhada com a construção do socialismo e significava que cada obra realizada deveria ser, ao mesmo tempo, a imagem do modo de vida futuro e um instrumento de edificação deste modo de vida novo, baseado na vivência coletiva e planejada." CUNHA, 2007: 3.

56 "Declaramos que en la época de la construcción del socialismo, el papel del arquitecto es sobre todo el de inventar nuevos tipos de arquitectura, nuevos condensadores de la vida social." OSA (Associação dos Arquitetos Contemporâneos) *in* CUNHA, 2007: 2.

dos edifícios de programas coletivos como teatros, bibliotecas e, principalmente, clubes de trabalhadores. Estes edifícios, que desempenhavam múltiplas funções culturais e desportivas, contribuíam para a construção de uma nova sociedade enquanto simultaneamente simbolizavam essa mesma ordem social.

O pensamento de Le Corbusier constituiu um substrato teórico transversal à produção arquitetónica mundial do segundo pós-guerra.

O papel do volume, da superfície e da planta na nova arquitetura - três chamadas aos arquitetos que Le Corbusier anuncia em 1923 em *Vers une architecture* -,[57] assim como os *cinco pontos*, preconizados por Le Corbusier em 1926, que ligam a arquitetura moderna ao progresso da técnica[58] – *pilotis*, *toits-jardins*, *plan libre*, *fenêtre en longueur* e *façade libre* -,[59] irão preferencialmente estruturar a organização geral dos edifícios modernos de grande dimensão e articulação funcional em todo o mundo. Por outro lado a influência direta ou indireta das formas que Le Corbusier desenha e constrói, como o *brise-soleil* ou a abóbada catalã, irão ter um papel preponderante na arquitetura das antigas colónias portuguesas de África durante o período em análise.[60]

O *brise-soleil* resultou da investigação em torno da criação de mecanismos para controlo da incidência direta dos raios solares na superfície do *pan de verre* levada a efeito por Le Corbusier ao longo da década de 30: iniciada no edifício *Clarté* em Genebra (1928-

57 "L'architecture est le jeu savant, correct et magnifique des volumes assemblés sous la lumière. Nos yeux sont faits pour voir les formes sous la lumière; les ombres et les clairs révèlent les formes; les cubes, les cônes, les sphères, les cylindres ou les pyramides sont les grandes formes primaires que la lumière révèle bien; l'image nous en est nette et tangible, sans ambiguïté." Le Corbusier, 1995 [1923]: 16.

58 Siegfried Giedion, 1934 *in* Le Corbusier, 1995 [1934]: 7.

59 Le Corbusier, 1995 [1929]: 128.

60 "Pode dizer-se que a arquitetura moderna data de Le Corbusier. Foi ele que lhe deu um sentido, um ideal e uma técnica." Fernando de Pamplona, *Diário de Luanda in Notícias*, 1956-01-23: 6.

1932)[61] e sucessivamente desenvolvida nos projetos não construídos para uma casa em Cartago (1928),[62] para os blocos habitacionais para trabalhadores camponeses em Barcelona (1933),[63] nas casas prefabricadas da Urbanização do Oued-Ouchaia, em Argel (1933-1934),[64] e no edifício de rendimento para a mesma cidade (1933).[65] A primeira aplicação de um *brise-soleil* na fachada norte do edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública do Rio de Janeiro (1936-1945)[66] não esgotou esta pesquisa: Le Corbusier prolongou-a ainda criando novos sistemas de sombreamento nos projetos não executados para o Palácio de Justiça[67] e para o arranha-céus da Cidade de Negócios[68] - ambos localizados no Quarteirão da Marina (1938-1942), centro cívico do *Plan Obus* para Argel -, e para a Estação Biológica de Roscoff, em França (1939).[69]

61 "Je dessine les planchers, ils se prolongent au-delà du pan de verre par un balcon d'une assez forte saillie de 1,50m muni de son parapet. Une première ombre était provoqué; on y ajouta pour la canicule le complément de volets roulants installés au droit des parapets des balcons, créant ainsi des conditions très satisfaisantes d'admission du soleil en hiver (soleil bas sur l'horizon) et d'obstacle au soleil en été (soleil haut sur l'horizon)." Le Corbusier, 1995 [1947]: 104.

62 "La coupe a apporté ces diverses solutions: la maison porte un parasol qui projette de l'ombre sur les chambres." Le Corbusier, 1995 [1929]: 176; "L'ossature de la maison était complètement indépendante de la forme des locaux qui se trouvaient en retrait. Ainsi courait tout autour une partie plus au moins profonde constituant en fait des brise-soleil des diverses efficacités." Le Corbusier, 1995 [1947]: 104.

63 "Le logis fut aménagé pour assurer la fraîcheur dans les appartements et, sans que rien fût prémédité, les maisons furent munies des dispositifs qui devaient représenter plus tard des éléments de doctrine: en a, une profonde loggia – en b, des lamelles de béton formant jalousies et pivotant horizontalement – en c, la maison est surélevé sur un vide où l'ombre règne (...)." Le Corbusier, 1995 [1947]: 104-105.

64 "Les façades comportent, à l'est et au nord, des grandes baies vitrées et, à l'ouest et au sud, les mêmes baies vitrées sont munies de *brise-soleil* (...)." Le Corbusier, 1995 [1934]: 167.

65 "Au nord, et peut-être à l'est, nous pouvions conserver purement et simplement un pan de verre intégral, mais au sud et à l'ouest, il fallait installer un brise-soleil.
Celui-ci était fait d'alvéoles constituant des caissons d'environ 80 cm de profondeur sur 70 de auteur environ, capables de provoquer une ombre efficace. Dispositif s'installant à quelques centimètres au-devant du pan de verre et maintenu par un accrochage aux planchers qui faisaient saillie à chaque étage.
La difficulté résidait à l'ouest puisque le soleil le plus pénible est à l'heure du couchant car il projette des rayons lumineux horizontaux; notre brise-soleil s'avérait inefficace et devrait être remplacé par des lames cette fois-ci verticales et disposées perpendiculairement (...) ou obliquement (...) à la façade, le tout étant réglé par l'orientation de la façade." Le Corbusier, 1995 [1947]: 105.

66 "Le brise-soleil du Ministère de Rio est une combinaison des études de Barcelone et d'Alger 1933." Le Corbusier, 1995 [1947]: 108.

67 "Sur ce même dessin, on aperçoit diverses solutions tenant compte du soleil africain. Sur les deux immeubles symétriques, le brise-soleil en forme de loggia de 2,20m ou 4,50m de haut." Le Corbusier, 1995 [1947]: 59.

68 "Le brise-soleil est appliqué sous la forme d'éléments de grandeur équivalent à une loggia, élément traditionnel architectural réintroduit dans l'architecture moderne." Le Corbusier, 1995 [1947]: 50.

69 "La même année, les laboratoires océanographiques de Roscoff portaient les trois sortes de brise-soleil: les alvéoles recouvrent le pan de verre pour orientation sud; les loggia pour les logis; enfin, les brise-soleil verticaux pour orientation ouest." Le Corbusier, 1995 [1947]: 108.

Finalmente as abóbadas catalãs foram utilizadas por Le Corbusier numa série de projetos que se iniciou com as casas Monol (1920).[70] Estas coberturas irão proliferar na sua obra da década de 50,[71] como na casa Jaoul, em Neuilly-sur-Seine, França (1952-53).[72]

A utilização da nomenclatura *Estilo Internacional* para designar a arquitetura do Movimento Moderno teve a sua origem na *Exposição Internacional de Arquitetura Moderna* que teve lugar em 1932 no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. A exposição foi organizada por Henry-Russell Hitchcock e Philip Johnson, igualmente autores do catálogo com o título *Modern Architects* e do livro *The International Style: architecture from 1922.* Editados na sequência da exposição do MOMA, ambas as obras obtiveram uma ampla repercussão internacional.[73] Com estes acontecimentos – exposição e livros –, sintetizaram-se as características estilísticas comuns à produção arquitetónica moderna das décadas de 20 e 30 do século passado: a expressão dos volumes em vez das massas, o equilíbrio e não a simetria e a recusa da decoração aplicada.[74] Durante o período entre guerras os princípios e formas universais da arquitetura do *Estilo Internacional*, com especial relevo para o papel modelar da obra de Le Corbusier, disseminaram-se pelo mundo e foram adaptados aos contextos específicos de regiões tão diversas e distantes como os Estados Unidos da América, o Japão, a África do Sul ou a América latina.[75]

Na África do Sul o Movimento Moderno é encabeçado por Rex Distin Martienssen (1905-1942). Editor desde 1932 da revista *South African Architectural Record* Martienssen esta-

70 Le Corbusier, 1995 [1929]: 30.

71 "Catalan vaulting (...) uses thin successive layers of tile in lieu of heavier masonry blocks. Le Corbusier's understanding of the process was somewhat imperfect, as subsequent work was to show, and he did not make immediate extensive use of the system, but Catalan vaults were to become a Corbusian trademark of the 1950s." Ford, 1996: 177.

72 Le Corbusier, 1995 [1953]: 173-177.

73 Brites, 2009: 40.

74 "Entendem-se, com facilidade, as razões da mutilação da cartilha do Movimento Moderno no cenário norte-americano. Interessava importar as contribuições europeias, suprimindo-lhes a dimensão revolucionária. Ao subalternizar a verdadeira radicalidade do Movimento - uma nova metodologia de pensar, projetar e implantar a arquitetura, encarando-a como fator social, o *Estilo Internacional* constituiu, tão só, a sua versão domesticada, apta para consumo interno e pronta para devolver ao remetente." Brites, 2009: 41.

75 Frampton, 1992: 253; Curtis, 1996: 391.

beleceu nas suas viagens pela Europa contatos com a *avant-garde* europeia e, em 1934, amizade com Le Corbusier. Dois anos depois Le Corbusier editou, no início da segunda edição da sua *Œuvre Complète*, a carta que endereçou a Martienssen por ocasião da prevista publicação de um manifesto pelo Grupo dos Arquitetos Modernos de Joanesburgo[76] - autodenominado *The Transvaal Group* -, composto por autores como o próprio Martienssen, W. Gordon McIntosh (1904-1983), John Fassler (1910-1971) ou Bernard Cooke (1910-2011).[77] Com os dois últimos Martienssen formou, entre 1934 e 1936, uma sociedade de arquitetura que produziu uma obra profundamente influenciada pelos pressupostos internacionalistas de Walter Gropius e Le Corbusier,[78] patentes no projeto da casa que construiu para si próprio em 1940. Esta obra virá a ser publicada pela revista *Arquitetura* em 1949, em conjunto com a tradução da referida carta de Le Corbusier.[79] Rex Martienssen foi professor na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, e temporariamente diretor do seu departamento de arquitetura. Com a sua morte, em 1942, a lógica funcionalista do Movimento Moderno vai ser contestada naquele país mas os princípios e as formas da sua arquitetura continuaram dominantes no ensino da escola.

A implementação da europeia arquitetura do Movimento Moderno no Brasil, que se iniciou na década de 20, teve o seu momento simbolicamente culminante com a construção do

76 "C'est tout touchant de parcourir vos cahiers *The South African Architectural Record*. Tout d'abord parce qu'on s'émerveille de trouver quelque chose de si vif dans cette pointe lointaine de l'Afrique, au-delà des forêts équatoriales. Mais surtout parce qu'on y découvre tant de foi juvénile, de tendresse pour l'architecture et le désir fervent d'atteindre à une philosophie des choses.
Je crois qu'on ne mesure pas encore assez que le monde entier est en totale refonte, fondamentalement – qu'une nouvelle civilisation est née, que rien du passé ne peut servir à l'exprimer, que tout doit être neuf, c'est-à-dire expressif d'un nouvel état de conscience."
Le Corbusier, 1936 *in* Le Corbusier, 1995 [1929]

77 Kultermann, 2000: XIX.

78 Curtis, 1996: 384.

79 *Arquitectura*, 1949-04/05: 4-7.

edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública do Rio de Janeiro.[80]

Em consequência da anulação de um primeiro concurso público para o projeto do edifício do ministério Le Corbusier foi convidado pelo ministro da educação, Gustavo Capanema, a assessorar uma equipa de arquitetos liderada por Lúcio Costa (1902-1998) e composta por Afonso Eduardo Reidy (1909-1964), Carlos Leão (1906-1983), Jorge Machado Moreira (1904-1992), Ernâni Vasconcelos (1909-1988) e Óscar Niemeyer (1907-2012).[81] O projeto foi desenvolvido por esta equipa tomando como ponto de partida os dois estudos propostos pelo arquiteto suíço para duas possíveis localizações do edifício. O desenho resultante constituiu uma adaptação das formas, princípios e preocupações presentes na obra e no pensamento arquitetónico de Le Corbusier às específicas circunstâncias do clima tropical e da cultura e tradição construtivas locais.[82] Esta relação direta é exemplificada quer pela ortodoxa conceção geral do projeto do ministério segundo os *cinco pontos* corbusianos, quer pela justaposição à sua fachada noroeste do primeiro *brise-soleil* construído.[83] A esta obra seguir-se-ão outros marcos da moderna arquitetura brasileira que obtiveram particular repercussão no contemporâneo panorama da arquitetura mundial, nomeadamente na pro-

80 "Muito antes do governo Vargas, em 1930, apareceram no Brasil os primeiros ensaios de arquitetura moderna. De início modesto, coincidindo o movimento com uma verdadeira febre de construções, generalizou-se rapidamente.
(...) Por meio de viagens ao estrangeiro e e especialmente pelas publicações especializadas, o Brasil familiarizou-se logo com todas as minúcias da arquitectura moderna da Europa, não apenas a da França, mas ainda a da Alemanha e a da Itália. Os exteriores muito simples do projeto da Escola Normal da cidade da Baía, por exemplo, são de inspiração germânica, ao passo que muitos edifícios de São Paulo traem a influência italiana de um moderno mais pesado e mais pretensioso. Certo número de arquitetos são mesmo de origem estrangeira, tendo vindo para o Brasil já formados, prontos a aplicar ideias e princípios que traziam." Goodwin, 1943: 81.

81 "Invité par le ministre Capanema Le Corbusier était au Brésil pendant les années 1930 et 1936, alors qu'il participait a l'élaboration du projet magistral pour la ville universitaire (...). Ce maître admirable nous a laissé aussi deux études concernant l'édifice du Ministère de l'Education. La commission d'architectes qui s'occupait de cette œuvre a profité de ces études en les prennent pour base de leur projet définitive, et le résultat fut cet édifice qui est reconnu aujourd'hui dans le monde entier comme exemple du renouvellement de notre architecture." Oscar Niemeyer *in* Le Corbusier, 1995 [1947]: 90.

82 "Il s'étonna de constater que les bâtiments officiels de Rio fussent construits en pierre de Bourgogne (...) alors que Rio est un territoire hérissé de granit gris et rosé. Il prescrivit ce granit tant pour les murs pignons que pour l'immense dallage qui couvre le terrain occupé par le Ministère; il fit plus, il recommanda l'emploi des faïences bleus et blanches de Lisbonne, capitale de la mère patrie des Brésiliens, provoquant ainsi un contraste harmonieux avec le granit rude et la luisance du verre." Philippe Goodwin, 1943 *in* Le Corbusier, 1995 [1947]: 80.

83 "Je saisis cette opportunité pour vous remercier de la parte de tous les jeunes d'ici, de votre dernier don à l'architecture: le brise-soleil, élément splendide, clef des combinaisons infinies. Maintenant, l'architecture est prête à prendre sa place dans la vie. Vous lui avez donné un squelette (ossature indépendant), ses organes vitaux (les services communs du logis); une peau fraîche luisante (le pan de verre); vous l'avez mise debout sur ses jambes (les pilotis); posé un joli chapeau sur sa tête (les arabesques du toit-jardin). Et maintenant vous lui donnez des vêtements magnifiques s'adaptant aux divers climats! Evidemment, vous devez être un père fier!..." Clive Entwistle, 1946 *in* Le Corbusier, 1995 [1947]: 113.

dução arquitetónica portuguesa da metrópole e das suas antigas províncias ultramarinas.[84] O referido edifício do Ministério da Educação do Rio de Janeiro, o edifício da Associação Brasileira de Imprensa na mesma cidade (1936-1938), pelos irmãos Marcelo (1908-1964) e Milton Roberto (1914-1953), o conjunto de equipamentos lúdicos, religiosos e turísticos para o bairro de Pampulha, em Belo Horizonte (1940-1942), encomenda de Jucelino Kubitschek a Óscar Niemeyer, ou o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho), no Rio de Janeiro (1947-1952), por Afonso Eduardo Reidy,[85] tiveram particular impacto na arquitetura produzida nas antigas colónias portugueses atendendo às proximidades formais que revelam com algumas obras ultramarinas construídas na década de 50.

O Museu de Arte Moderna de Nova York organizou em 1943 uma exposição sobre arquitetura brasileira com o objetivo de revelar a produção arquitetónica de um país que se perspetivava como futuro aliado no imediato pós-guerra.[86] O catálogo da exposição, com o título *Brazil Builds: architecture new and old 1652-1942*, constituiu o resultado de uma viagem exploratória ao Brasil realizada em 1942 pelos arquitetos Philip L. Goodwin, autor dos textos, e G. E. Kidder Smith, autor das fotografias. Trabalho pioneiro na divulgação internacional da arquitetura brasileira *Brazil Builds* divide-se em dois capítulos principais que colocam em confronto as primeiras obras modernas, construídas entre 1938 e 1942 por uma nova geração de arquitetos e artistas modernos brasileiros,[87] com edifícios de estilo barroco, colonial e neoclássico. Os dois primeiros estilos foram herdados da arquitetura portuguesa,

84 "Está por considerar-se ainda o trabalho em relação aos últimos anos de um movimento que se estendeu por todas as partes do mundo. Mas é preciso ver que, primeiro, traz ele o carácter do próprio país e dos artistas que o lançaram; em segundo lugar, se ajusta ao clima e aos materiais de que dispõe. Em particular, a proteção contra o calor e os reflexos da luz forte foi corajosamente encarada e brilhantemente resolvida. E, em terceiro lugar, tudo isso acarretou à evolução completa do movimento alguns passos no sentido das ideias lançadas tanto na Europa como na América, antes da guerra de 1914." GOODWIN, 1943: 103; "Naqueles dez anos, no Brasil, a arquitetura internacional se tornou arquitetura brasileira." MINDLIN, 1999 [1956]: 23.

85 "Uma brilhante geração de arquitetos constituiu, nos trópicos, um significativo conjunto de obras, apontando rumos alternativos à burocracia estética que rondava o modernismo internacional." Lauro Cavalcanti *in* MINDLIN, 1999 [1956]: 11.

86 "O Museu de Arte Moderna, de Nova York, e o Instituto Norte-Americano de Arquitetos, achavam-se ambos, na primavera de 1942, ansiosos por travar relações com Brasil, um país que ia ser nosso futuro aliado. Por esse motivo e pelo desejo agudo de conhecer melhor a arquitetura brasileira, principalmente as soluções dadas ao problema do combate ao calor e aos efeitos da luz sobre as grandes superfícies de vidro na parte externa das construções, foi organizada uma viagem aérea. (...) O colonial foi fartamente fotografado e o moderno não ficou atrás." GOODWIN, 1943: 7.

87 Lauro Cavalcanti *in* MINDLIN, 1999 [1956]: 11.

uma transmissão explicitada no livro pela inclusão de imagens do escadório barroco do Bom Jesus do Monte, em Braga, a propósito da Igreja do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, estado de Minas Gerais.[88] A publicação obteve uma enorme repercussão internacional após o final da II Guerra Mundial.[89] Le Corbusier descobriu neste catálogo, já construído, o seu projeto para o Ministério da Educação do Rio de Janeiro.[90]

Brazil Builds teve um grande impacto junto das novas gerações de arquitetos modernos portugueses, como o comprovam as referências que ao livro fazia Fernando Távora ou as que Álvaro Siza repete em algumas das suas declarações públicas.[91] A esta obra pioneira seguir-se-ão artigos ou números especiais dedicados ao Brasil em revistas internacionais especializadas assim como monografias editadas no estrangeiro e dedicadas à obra de Óscar Niemeyer e de Afonso Eduardo Reidy.[92] O arquiteto e historiador brasileiro Hugo Segawa considera, no entanto, que a completa divulgação internacional da moderna arquitetura brasileira - nela incluindo muitos edifícios que ao tempo de *Brazil Builds* estavam apenas em projeto ou em construção -, foi mais efetivamente concretizada pela obra *Modern Architec-*

88 Goodwin, 1943: 21, 44.

89 "Quando estava no último ano da faculdade, saiu um livro sobre a grande arquitetura brasileira, que, naquele tempo, no imediato pós-guerra, foi como um farol de luz a resplandecer em um campo de morte (...). Era uma coisa maravilhosa." Lina Bo Bardi *in* Segawa, 1998: 134.

90 "Les années passent, la guerre survient: 1945, une rumeur s'établit venue de Londres, des U.S.A. répétant: les Brésiliens on fait des choses étonnantes. Des soldats et des officiers anglais et américains (...) me le répètent constamment: en fin de compte, l'un d'eux m'administre la preuve sur forme du grand livre publié par le Museum of Modern Art de New York, intitulé *Le Brésil Bâti* ouvrage comportant d'innombrables photographies dont la moitié consacrée au folklore brésilien et l'autre à l'introduction au Brésil des méthodes nouvelles d'architectures: pilotis, pan de verre et brise-soleil.
Je dois reconnaître qu'hommage m'en est rendu." Le Corbusier, 1995 [1947]: 105.

91 "Edição bilingue, esta publicação, excelentemente documentada, teve enorme repercussão entre os arquitetos portugueses e era considerada um tesouro por aqueles que a possuíam, pois a sua distribuição em Portugal não fora organizada. O exemplar que possuo foi-me oferecido por familiares que o compraram na África do Sul." Pereira, 1996: 303.

92 "Desses, destacavam-se os números especiais dedicados ao Brasil da *L'Architecture d'aujourd'hui* (1947, 1952, 1960, 1964), *Architectural Forum* (1947), *Progressive Architecture* (1947), *Architectural Review* (1954), *Arquitectura México* (1958), *Nuestra Arquitectura* (1960) e *Zodiac* (1960). Revistas como *Architectural Review*, *Techniques et architecture*, *Architectural Record*, *Architectural Design*, *RIBA Journal*, *Arkitektur*, *Architecture/formes/fonctions*, *Domus*, *Werk*, *The Archifects' Journal*, *Ekistiks*, *Casabella*, *Landscape Architecture*, *Cronache di Architettura*, *AIA Journal*, entre outras, publicavam artigos com frequência sobre temas brasileiros.
(...) Após o *Brazil Builds* (...) a primeira monografia com tema brasileiro foi *The Work of Oscar Niemeyer*, de Stamo Papadaki, em 1950; seis anos depois, o mesmo autor publicou *Oscar Niemeyer: Works in Progress* (...). Niemeyer teve vários livros dedicados à sua obra, em diferentes línguas. (...) Afora Niemeyer, somente Afonso Eduardo Reidy mereceu uma monografia estrangeira nesse período: o *Affonso Eduardo Reidy: Works and Projects*, de Klaus Franck, editado em inglês e alemão em 1960." Segawa, 1998: 107-108.

ture in Brazil.[93] Da autoria de Henrique E. Mindlin - um dos arquitetos com obra publicada em *Brazil Builds* -, este *catalogue-raisoné*, símbolo do sucesso da produção arquitetónica moderna realizada no Brasil entre 1937 a 1955, foi editado em 1956 em inglês, francês e alemão e foi distribuído no mundo inteiro por seis diferentes companhias editoras.[94]

Em Portugal a arquitetura moderna da América Latina, com particular preponderância para a arquitetura brasileira, é difundida através das publicações internacionais importadas - nomeadamente pelo número duplo dedicado ao Brasil em 1952 pela revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'hui* -,[95] e pelas poucas revistas especializadas existentes entre nós. Entre estas publicações destaca-se a revista *Arquitectura*, título adquirido por João Simões em 1946 e cuja 2.ª série é editada até 1957, primeiro sob a direção de F. Pereira da Costa, entre os n.os 1 a 31, e depois de Alberto Pessoa, entre os n.os 32 a 58. A orientação editorial da revista ao nível dos conteúdos e do grafismo altera-se a partir dos n.os 13 e 14, de Março e Abril de 1947,[96] tornando-a um veículo privilegiado para a difusão das ideias do grupo de arquitetos modernos lisboetas agrupados nas Iniciativas Culturais Arte e Técnica. A frequente publicação de artigos e obras provenientes do universo arquitetónico da América Latina interrompe-se com o início da 3.ª série, a partir do n.º 59 de Julho de 1957, e da tomada de posse de um novo diretor e editor. Também a revista *A Arquitectura Portuguesa*, renascida em 1952 sob a direção de Vítor Palla (1922-2006), constituiu na época uma fonte privilegiada para a difusão em Portugal da arquitetura da América Latina.[97]

93 Segawa, 1998: 107.

94 Fraser, 2000: 2.

95 Milheiro; Ferreira, 2009: 2.

96 *Arquitectura*, 1979-05: 62-63.

97 "O período desenvolvimentista que caracterizou a primeira metade dos anos 50 vai desencadear a produção de novas obras que justificarão o ressuscitar da caduca revista *A Arquitectura Portuguesa* que vai surgir, sob a direção de Victor Palla (1922-), a partir de 52, como o espaço da vanguarda mais radical do Estilo Internacional de influência brasileira, assinalado também no cuidado e purista aspeto gráfico, adotando os cânones formais característicos do gosto do início da década, apresentando os mais recentes projetos construídos dos mais jovens autores, ao mesmo tempo que dará alargado destaque à moderna arquitetura latino-americana com dois numeras dedicados em 1953 à arquitetura moderna da Colômbia (...)." Tostões, 1997: 42.

Para a difusão da moderna arquitetura brasileira no Portugal metropolitano do segundo pós-guerra contribuíram decisivamente duas exposições realizadas em Lisboa: a primeira, mostra itinerante de cerca de 85 obras modernas construídas no Brasil, esteve aberta durante três dias no final de 1948 ou início de 1949 no IST, em Lisboa. Enquadrada por uma conferência proferida por Wladimir Alves de Sousa motivou a publicação na revista *Arquitetura* de uma entusiástica carta pelo arquiteto Formosinho Sanchez (1922-2004);[98] a segunda foi integrada nos trabalhos do III Congresso da União Internacional de Arquitectos realizado no Palácio Foz, em Lisboa, em Setembro de 1953. Igualmente enquadrada por uma conferência por Wladimir Alves de Sousa a exposição, que esteve patente na Sociedade Nacional de Belas Artes, era formada por 240 painéis com a obra de 35 arquitetos brasileiros.[99] No seu número de Novembro/Dezembro do mesmo ano a revista *Arquitectura* reproduziu alguns documentos fotográficos da exposição em conjunto com extratos das introduções ao catálogo e do texto da conferência proferida.[100]

Apenas nos foi possível referenciar a realização de uma única exposição dedicada à mesma temática nos antigos territórios ultramarinos:[101] concebida pelo arquiteto Francisco Castro Rodrigues (n. 1920), um dos responsáveis pela montagem da exposição de 1953 na SNBA e que no mesmo ano tinha imigrado para Angola, a exposição *A Arquitectura Moderna Brasileira* abriu ao público no Lobito em Junho de 1961.[102]

98 "É evidente e natural que a Exposição de Arquitetura Brasileira venha a ter reflexo nos espíritos novos e, mais acentuadamente, nos alunos de Arquitetura das duas Escolas do País.
(...) A atual Arquitetura Portuguesa está muito aquém da Arquitetura Contemporânea Brasileira!" *Arquitectura*, 1949-02/03: 17.

99 "Ilustrado com uma única imagem do Ministério da Educação e Saúde, o catálogo lista 35 autores e respetivos projetos onde se contam Abelardo de Souza, Afonso Reidy (...), Álvaro Vital Brasil, Atílio Correia Lima, Francisco Bolonha, Henrique Mindlin, MMM Roberto, Gregory Warchavchik, Levi, Sérgio Bernardes, Olavo Redig de Campos, e naturalmente Burle Marx, Lúcio Costa (...) e Oscar Niemeyer, as três personagens centrais na perspetiva portuguesa. A relação de edifícios alarga fortemente o espectro de *Brazil Builds*, manuseado desde 1940s e referência habitual." Milheiro; Ferreira, 2009: 8-9.

100 *Arquitectura*, 1954-11/12: 17-22.

101 "*Arquitectura Moderna Brasileira* é o título desta exposição itinerante, para a qual prepara um catálogo e uma palestra onde enaltece a técnica brasileira do concreto armado (*betão nu*, como lhe chama), a modernidade cultural e os laços históricos que unem os angolanos aos brasileiros." Milheiro; Ferreira, 2009: 2.

102 "É composta por material recolhido em publicações, principalmente recortes de revistas, e acompanhada de um catálogo com cerca de 112 entradas, sem qualquer ilustração com exceção da capa que reproduz a imagem de uma obra não identificada em construção." Milheiro, 2008: 7.

Os arquitetos

Neste segundo capítulo, "Os arquitetos", os objetos em estudo serão enquadrados com os perfis biográficos dos seus autores e com a caraterização genérica da sua produção arquitetónica em território moçambicano.

Os arquitetos portugueses com obra construída em Moçambique durante o período em estudo podem ser distribuídos geracionalmente de acordo com os critérios definidos por José-Augusto França a propósito do 1.º Congresso de 1948[1] e mais pormenorizadamente agrupados por Manuel Mendes em texto posterior.[2] Nas páginas seguintes os critérios deste segundo autor serão utilizados para enquadrar na segunda, terceira ou quarta geração de

1 "Foi assim que o tratamento dos temas candentes *a arquitetura no plano nacional* e *o problema português da habitação* redundou numa entusiástica manifestação cultural e profissional da maior importância, a partir da qual pode considerar-se definido um segundo período da arquitetura moderna em Portugal, após a breve fase dos pioneiros da *primeira geração*, e após o compromisso dos anos 40 com um novo gosto oficial. A nova geração que surgia em cena é uma *terceira geração*, definível também no plano da arquitetura nacional.
Com ela encontravam-se, porém, elementos de uma *segunda geração*, aparecida na segunda metade dos anos 30, pouco numerosa, numa altura em que, por ano, havia na escola de Lisboa de um a sete alunos." França, 1991: 439.

2 A segunda geração: "Geração constituída por arquitetos nascidos cerca de 1910, mais exatamente entre 1905 e 1917, que principiam a prática profissional no início da década de 30 e começam a ter obra significativa a partir de 1937 (...)." Mendes, 1996: 16.
A terceira geração: "Geração constituída por arquitetos nascidos cerca de 1921, mais exatamente entre 1917 e 1927, que principiam a prática profissional no fim da década de 40 e começam a ter obra significativa a partir de 50 (...)." Mendes, 1996: 18.
A quarta geração: "Geração constituída por arquitetos nascidos cerca de 1931, mais exatamente entre 1917 e 1927, com frequência escolar entre 1947-49 e 1953-55 e que começam a ter obra significativa a partir de 1956 (...)." Mendes, 1996: 20. A repetição do mesmo período histórico, entre 1917 e 1927, para nascimento dos arquitetos que integram a terceira e quarta gerações resulta de uma provável gralha tipográfica do texto original. Nesta dissertação entende-se que os autores da quarta geração terão nascido entre 1927 e 1937.

arquitetos modernos portugueses a biografia profissional de cada um dos arquitetos observados.

Este conjunto de arquitetos foi ordenado segundo dois grupos com distintos percursos e envolvimentos na vida do território: aqueles que residiram e exerceram a profissão na metrópole e os que, por diversas razões, se estabeleceram em Moçambique e aí exerceram a sua prática profissional.[3]

No primeiro grupo, o das biografias dos arquitetos que residiram e exerceram a profissão na metrópole, incluem-se projetos e obras destinados à antiga província mas desenhados em Lisboa e no Porto por Arménio Losa, Cassiano Barbosa, Keil do Amaral, Alberto Cruz e José Gomes Bastos, no exercício da sua atividade liberal, e por Cândido Palma de Melo, na Direção Geral de Aeronáutica Civil. Os nomes de Alzina de Meneses e Leonardo Castro Freire foram igualmente incluídos neste grupo pela sua escassa produção arquitetónica moçambicana e pelo desconhecimento de qualquer registo da sua residência em Moçambique. Neste grupo não se compreendem as biografias dos arquitetos que exerceram a sua atividade profissional nas principais estruturas técnicas do governo central português, tais como o Gabinete de Urbanização do Ultramar, nem sobre os escassos projetos modernos por eles realizados dentro ou fora destes organismos oficiais. Este tema, de limites claramente definidos, está atualmente em estudo no projeto de investigação *Gabinetes Coloniais de Urbanização* já anteriormente referido. Serão assim excluídos de uma análise com maior profundidade os projetos desenhados no exterior do GUU para uma escola de habilitação de professores indígenas em Quelimane (1961), da autoria do arquiteto Alfredo da Silva e Castro no Serviço de Arquitetura e Monumentos,[4] e os trabalhos de Luís Possolo (1924-1999) para a Igreja de Santo António, em Lourenço Marques - projeto não construído datado do

3 "O conhecimento da vida e da obra dos arquitetos que trabalharam na antiga *África Portuguesa* ao longo do século XX, na época derradeira da presença colonial, é um desafio que se reveste do maior interesse - quer pelo significado cultural e qualificador dos espaços que o trabalho produzido por muitos deles atingiu, quer pela dificuldade de que se reveste o estudo e aprofundamento do tema, para o investigador." Veloso; Fernandes; Janeiro, 2008: 13.

4 Ferreira, 2006: 170, nota 230.

período entre 1958 e 1959 -,[5] para o Mercado Municipal de S. Martinho, em Quelimane - empreitada de construção da primeira fase adjudicada em meados de 1958,[6] com abertura ao público decidida em Setembro de 1959,[7] e lançamento da empreitada de construção da segunda fase aprovada em Março de 1961[8] -, para o Comando Naval de Moçambique, em Lourenço Marques - requisição de um terreno no aterro da Maxaquene realizada no início de 1959 -,[9] e para a Fábrica de Cimento de Nacala - empreendimento de António Champalimaud com terreno concessionado em meados de 1958,[10] em construção um ano depois,[11] inaugurada pelo governador-geral da província, contra-almirante Sarmento Rodrigues, no final de 1963.[12]

Os textos de enquadramento biográfico deste primeiro grupo de arquitetos, devido à grande proximidade cronológica entre os edifícios que projetaram, foram sequencialmente dispostos segundo a ordem de nascimento dos seus autores: do mais velho, Arménio Losa, ao mais novo, Cândido Palma de Melo.

5 Ferreira, 2008: 135-137.

6 "Mediante parecer da comissão nomeada para o efeito, a Câmara deliberou recentemente adjudicar a empreitada da construção da primeira fase do Mercado Municipal ao engenheiro-civil José Velasco Garcia (...).
O novo edifício ficará situado na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, na zona compreendida entre a Estação Rádio e o Acampamento Indígena, e a primeira fase da sua construção consistirá numa vasta área ocupada por uma ampla galeria central, ladeada por dois balcões para 34 vendedores. Está incluída nesta primeira fase a construção da torre (com relógio) de 12,5 metros de altura e de uma entrada principal. A estrutura será de betão armado, com as mesas e prateleiras revestidas de granulite, o que dará um aspeto de asseio." *Notícias*, 1958-08-23: 11.

7 "Concluída a 1.ª fase da construção do novo Mercado Municipal, o Município deliberou que o mesmo entrasse desde já em funcionamento, nos termos da proposta apresentada na última sessão pelo vereador do pelouro, Dr. Marcos de Morais, e que é do teor seguinte:
O atual mercado indígena manter-se-á com a venda de artigos ou géneros próprios para o consumo dos indígenas. Assim, e por exemplo o peixe de consumo normal dos indígenas deverá ser vendido no mercado indígena e o de usual consumo de não indígenas vender-se-á no novo mercado. Dessa forma eliminar-se-ia o inconveniente aspeto do improvisado mercado de peixe junto ao matadouro." *Notícias*, 1959-09-24: 7.

8 "Vão começar no corrente ano as obras da 2.ª fase do Mercado Municipal, ficando assim concluído um melhoramento do maior valor (...)." *DM*, 1961-03-25: 5; "O Boletim Oficial de sábado publica a Portaria n.º 15.017, da mesma data, cujos dois únicos artigos são do seguinte teor:
Art.º 1.º - É aprovada a deliberação da Câmara Municipal de Quelimane, realizada em sessão de 8 de Março último, para adjudicar, mediante concurso público, a conclusão do mercado de S. Martinho (...)." *DM*, 1961-05-15: 8.

9 *Notícias*, 1959-03-31: 9.

10 *Notícias*, 1958-08-31: 1.

11 *Notícias*, 1959-05-31: 5.

12 *BGU*, 1963-11/12: 449-451.

Arménio Taveira **Losa** (1908-1988) esteve matriculado na Escola de Belas Artes do Porto entre 1925 e 1941,[13] tendo sido aluno e colaborador de Marques da Silva (1866-1945).[14] O seu projeto de CODA para um *Edifício para uma fábrica de cerveja e refrigerantes* foi entregue em 1938.[15] Arménio Losa participou no 1.º Congresso Nacional de Arquitetura apresentando as teses *Arquitectura e Urbanismo*[16] e *A Arquitectura e as novas fábricas*[17] ao Tema I, *A Arquitectura no Plano Nacional*; apresentou também a tese *Indústria e Construção* ao Tema II, *O Problema Português da Habitação*.[18] Foi um dos vinte e dois subescritores do texto de Artur Andrade (1913-2005), *Onde se fala da Arquitectura no Plano Nacional e do Problema Português da Habitação*,[19] distribuído em folheto e lido durante os trabalhos do congresso embora não conste da publicação final.[20] Membro do ODAM, Organização dos Arquitetos Modernos, fez parte, em conjunto com Viana de Lima (1913-1990), Fernando Lanhas (1923-2012) e Cassiano Barbosa, da Comissão Executiva que organizou, em Junho de 1951, a exposição do grupo no Ateneu Comercial do Porto. Nesta exposição, onde integrou a equipa responsável pelo desenho dos cavaletes e a sua distribuição no recinto,[21] expôs seis trabalhos realizados em conjunto com Cassiano Barbosa, arquiteto com quem colaborou entre 1939 – em sociedade a partir de 1944 - e 1963. Como urbanista integrou o Gabinete de Estudo do Plano Geral de Urbanização da Câmara Municipal do Porto entre 1939 e 1945 e elaborou diversos projetos de urbanismo à margem do escritório e após a sua dissolução.[22] Participou em 1953 na conferência do CIAM de Aix-en-Provence.

Cassiano Barbosa de Abreu Lima Lopes Rodrigues (1911-1998) esteve matriculado na Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) entre 1928 e 1944.[23] Apresentou o projeto

13 http://arquivo.fba.up.pt.
14 Carvalho, 1987: 120-122.
15 Mendes, 2008a; CDFAUP, CODA n.º 1.
16 Tostões, 2008 [1948]: 125-126.
17 Tostões, 2008 [1948]: 126-135.
18 Tostões, 2008 [1948]: 263-266.
19 Tostões, 2008 [1948]: 421-442.
20 Nuno Teotónio Pereira *in* Tostões, 2008 [1948]: 51.
21 Barbosa, 1972: 125, 126.
22 Mendes, 2008a.
23 http://arquivo.fba.up.pt.

de CODA como título *Edifício de Serviços para a Companhia de Seda Artificial* em Maio de 1944.[24] Participou no 1.º Congresso Nacional de Arquitetura, sendo um dos subescritores do texto de Artur Andrade. Membro fundador do ODAM participou, na forma atrás referida, na Exposição do grupo em 1951. Em 1972 editou *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos. 1947-1952*, uma compilação na qual reuniu a produção teórica do grupo enquanto ilustra a obra arquitetónica dos seus componentes.

Arménio Losa e Cassiano Barbosa foram personagens centrais da segunda geração de arquitetos modernos portugueses.

A obra de Arménio Losa e Cassiano Barbosa no segundo pós-guerra caracteriza-se pelo rigor arquitetónico[25] e pela consciente filiação nos princípios do Movimento Moderno, revelando uma particular influência do pensamento e da prática de Le Corbusier.

A produção arquitetónica moçambicana do escritório de Arménio Losa e Cassiano Barbosa compreende apenas os projetos encomendados pela firma Monteiro & Giro para Quelimane.[26]

Francisco Caetano **Keil do Amaral** (1910-1975), personalidade central na afirmação da arquitetura do Movimento Moderno em Portugal, formou-se na Escola de Belas Artes de Lisboa entre 1928 e 1936, período durante o qual estudou e trabalhou no escritório do arquiteto Carlos Ramos (1907-1969). Destacaremos alguns dados biográficos do seu percurso pessoal até 1956 que nos permitam enquadrar os seus projetos para Moçambique.

Keil do Amaral começou a trabalhar em publicidade em 1929 tendo sido premiado em 1939 no concurso de cartazes organizado pela Comissão Nacional dos Centenários. Na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, participou no Salão de Inverno, em 1932-33, na Exposição de Pintura, Escultura e Arquitetura, em 1933, e nas várias edições das EGAP (Exposição Geral de Artes Plásticas), entre 1945 e 1956. Realizou diversas viagens

24 Mendes, 2008a; CDFAUP, CODA n.º 32.

25 Portas, 1978: 737.

26 Ver capítulo "Os símbolos".

ao estrangeiro, algumas delas de estudo: à Holanda em 1937,[27] à Alemanha em 1939, aos Açores e aos Estados Unidos em 1945, a Itália em 1949. Em 1937 concorreu e ganhou o concurso para o Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Paris, cidade onde habitou durante um ano acompanhando as obras de construção do edifício. Entre 1939 e 1949 trabalhou para a Câmara Municipal de Lisboa tendo realizado projetos para o Campo Grande e para o Parque Florestal de Monsanto no escritório *Sobe e Desce*, que criou em 1946 em parceria com Alberto Pessoa e Hernâni Gandra (1914-1988). Publicou *A Arquitectura e a Vida*, em 1942, *Moderna Arquitectura Holandesa*, em 1943, e *O Problema da Habitação*, em 1945. Entre 1941 e 1948 foi eleito para diversas funções na Direção do Sindicato Nacional dos Arquitetos tendo sido impedido de tomar posse do cargo de Presidente pelo subsecretário de Estado das Corporações e Previdência. Cofundador do ICAT, organização proprietária da revista Arquitectura, publicou em 1947, nas páginas da segunda série, o artigo "Uma iniciativa necessária",[28] texto no qual lança a ideia de um inquérito à arquitetura regional portuguesa – em cuja realização vai colaborar a partir de 1955. Para a mesma revista escreve, em 1947 e 1948, um conjunto de seis artigos sob o título genérico "Maleitas da Arquitectura Nacional",[29] nos quais descreve com acutilância o panorama disciplinar português. Participou em 1948 no 1.º Congresso Nacional de Arquitetura apresentando a tese *A formação dos arquitectos* ao Tema I, *A Arquitectura no Plano Nacional.*[30] Em 1949 proferiu uma conferência no IST, em Lisboa, com o título *Uma Aerogare para África*. Keil do Amaral foi uma das personalidades de maior destaque da segunda geração de arquitetos modernos portugueses.

A obra metropolitana de Keil do Amaral carateriza-se pela adesão aos valores funcionais da arquitetura do Movimento Moderno temperada por uma cuidadosa atenção á articulação das construções com a paisagem envolvente e à utilização de materiais e componentes

27 Almeida; Milheiro; Rosendo, 1998: 332.

28 Amaral, 1947a: 12-13.

29 Amaral, 1947b: 18-20; Amaral, 1948a: 17-18; Amaral, 1948b: 17-18; Amaral, 1948c: 17-18; Amaral, 1948d: 11-12; Amaral, 1948e: 23-24.

30 Tostões, 2008 [1948]: 74-79.

caraterísticos dos sistemas construtivos tradicionais.[31]

Para as antigas províncias ultramarinas projetou o aeroporto da Ilha do Sal, em Cabo Verde, e a aerogare do Aeroporto General Craveiro Lopes (1947-1954), atual Aeroporto 4 de Fevereiro, em Luanda. Esta última obra irá constituir uma referência primária para o projeto da aerogare do Aeroporto Gago Coutinho, em Lourenço Marques, como adiante veremos. Embora tenha vivido em Angola entre 1920 e 1921, território do qual o seu pai foi governador-geral, não possuímos referência a qualquer viagem de Keil do Amaral a Moçambique. Para esta antiga província desenhou apenas a delegação da TAP, em Lourenço Marques, e o Pavilhão da Feira das Indústrias Portuguesas na Exposição das Atividades Económicas de Moçambique, realizada na mesma cidade.[32]

Alberto Cruz (1920-1990) esteve matriculado na ESBAP entre 1936 e 1946.[33] Da sua biografia pouco conhecemos: sabemos que desenhou, em coautoria com Keil do Amaral, o pavilhão permanente da FIP em Lisboa (1951-1957) e que projetou o Hotel Alvor-Praia, no Algarve, obra publicada pela revista *Binário* em 1968.[34]

Leonardo Rei Colaço **de Castro Freire** (1912-c.1970) esteve matriculado na ESBAP entre 1936 e 1943.[35] Terminou o curso de arquitetura com a prova de CODA, entregue em Maio de 1943 e defendida em 1944, com o título *Assento de Lavoura junto ao Tejo*.[36] Integrou em 1948 a lista encabeçada por Keil do Amaral para a Direção do Sindicato dos Arquitetos, tendo sido eleito secretário da Assembleia Geral sob a presidência de Pardal Monteiro (1897-1957).[37] Leonardo de Castro Freire deve ser incluído na segunda geração de arquitetos modernos portugueses.

Da sua obra em território moçambicano apenas temos registado o projeto para o Cine-

31 Portas, 1978: 737.
32 Ver capítulo "As infraestruturas".
33 http://arquivo.fba.up.pt.
34 *Binário*, 1968-03: 118-120.
35 http://arquivo.fba.up.pt.
36 CDFAUP, CODA n.º 27.
37 Pereira, 1996: 276.

-Teatro Nacional, na cidade da Beira (1953-1956).[38]

José Alexandre **Gomes Bastos** (1914-1991) formou-se na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL) em 1944. O seu nome figura na lista dos inscritos no 1.º Congresso Nacional de Arquitetura de 1948.[39] Em 1950 participou na V EGAP.[40] Em 1949 a revista *Arquitectura* publicou um artigo sobre a moradia que projetou para o Estoril em coautoria com o arquiteto Conceição Silva, no qual se inclui uma breve nota biográfica de ambos os autores.[41] Em 1952 a mesma revista publicou a residência que projetou para a encosta da Ajuda, em Lisboa.[42] Nestas duas habitações José Gomes Bastos enunciou alguns temas que mais tarde viriam a povoar os seus projetos moçambicanos: uma orgânica relação com o terreno e a plástica afirmação dos elementos de articulação das zonas funcionais distintas e das comunicações verticais principais.[43] Também em 1952 a *Arquitectura* publicou o conjunto das intervenções nas avenidas João XXI, Paris e Praça Pasteur, projeto em que colaborou integrado na equipa dirigida por Guilherme Faria da Costa (1906-1971) e composta por Alberto Pessoa, Chorão Ramalho (1914-2001) e Lucínio Cruz (1914-1999).[44] Em 1952 desenhou o Edifício Barros, um conjunto de quatro habitações em banda localizados numa pequena praça da cidade do Porto:[45] a linguagem da frente urbana deste conjunto filia-se

38 Ver capítulo "As infraestruturas".

39 Tostões, 2008 [1948]: XIX.

40 *Arquitectura*, 1950-08: 22.

41 "Arquiteto José Bastos – (...) Trabalhou em 1943 e 1944 sob a Direção do arquiteto Adelino Nunes na comissão dos novos edifícios para os C.T.T. Em 1945 foi convidado para arquiteto de 1.ª dos serviços médicos sociais Federação de Caixas de Previdência, assumindo em 1947 a chefia dos serviços técnicos do mesmo organismo. Além da direção dos serviços de obras e autor de diversos projetos para vários pontos do país como um bloco de escritórios para a Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil no Porto, postos clínicos de Caldas das Taipas, Pevidém, Crestuma, etc. É também autor de diversas moradias na linha do Estoril e de outras em colaboração com o arquiteto Conceição Silva. A partir de fins de 1949, desligado dos serviços acima citados passou a entregar-se exclusivamente à atividade particular." *Arquitectura*, 1949-08/09: 6.

42 *Arquitectura*, 1952-05: 19-21.

43 "A configuração do terreno e especialmente a orientação e pontos de vista, foram as sujeições que determinaram o partido a adotar para a solução das plantas. A construção montou sobre o terreno com o seu desnível natural, sem necessidade de movimentos de terra, permitindo o desnível existente o aproveitamento parcial de um 1.º piso em ótimas condições de habitabilidade.
(...) A ligação deste piso com o dos quartos é feita por uma escada localizada no hall – nó de ligação com a zona posterior destinada ao serviço. A escada em hélice, solta da parede e recortando-se sobre um fundo envidraçado, permite um partido agradável, e decorativo para a perspetiva da entrada principal." José Gomes Bastos *in Arquitectura*, 1952-05: 19-21.

44 *Arquitectura*, 1952-11: 9-14.

45 Fernandes; Cannatà, 2002: 132-133.

no *Estilo Internacional* do segundo pós-guerra – piso térreo parcialmente aberto, *pilotis*, *pan de verre*, coberturas em borboleta –, enquanto a das traseiras se reporta à austeridade racionalista do período entre guerras. Foi um dos arquitetos portugueses que concorreu em 1953 à II Bienal de S. Paulo, no Brasil, conforme noticiou a revista *Arquitectura*.[46] A mesma revista publicou em 1954 a obra da loja *Dior*, em Lisboa (aberta no ano anterior), projeto que desenhou em coautoria com Francisco da Conceição Silva e com a colaboração da pintora Estrela Faria.[47]

Embora nascido três anos antes da baliza temporal definida por Manuel Mendes José Gomes Bastos deve situar-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses - atendendo às datas de início da sua prática profissional e da construção das suas primeiras obras.

Temos registo de diversos projetos realizados por José Gomes Bastos para o Banco Nacional Ultramarino em Moçambique, para além da emblemática obra da sua filial em Lourenço Marques.[48]

Manuel **Alzina de Meneses** Correia de Sá (n.1920) formou-se em arquitetura na ESBAL em 1950.[49] Em 1947 participou no concurso para uma casa de férias no Alto Rodízio, cujos resultados foram publicados pela revista arquitetura *Arquitetura* em 1948[50] – concurso destinado a estudantes de arquitetura e a arquitetos que tivessem concluído o curso há menos de cinco anos. Em 1950 participou no concurso Lusalite, com as obras concorrentes a serem publicadas pela revista *Arquitectura* em 1951.[51] Ainda como estudante o seu nome

46 *Arquitectura*, 1953-08: 24.

47 "Da dificuldade proveniente de uma entrada extremamente exígua fizeram os autores do projeto nascer uma das caraterísticas mais expressivas desta obra.
(...) Colaborou nesta obra a pintora Estrela Faria, executando alguns elementos de artes plásticas, leves, simples e bem integrados – em sua presença decorativa – no todo geral do conjunto arquitetónico." *Arquitectura*, 1954-02/03: 4-5.

48 Ver capítulo "Os símbolos".

49 Tostões, 1997: 234.

50 *Arquitectura*, 1948-05/06: 21.

51 *Arquitectura*, 1951-05: 31-32.

figura na lista dos inscritos ao 1.º Congresso Nacional de Arquitetura.[52] Em Agosto de 1958 a revista *Binário* publicou a moradia para um cliente indeterminado que projetou para Cascais. Neste trabalho contou com os arquitetos João Rebelo (1923-2006), como assistente, e Frederico Jorge, como consultor.[53] Em 1959 a revista *Arquitectura* publicou o seu artigo "Casas em pátio: Vantagens desta solução habitacional".[54] Em 1962 participou, formando equipa com os arquitetos Maria Teresa Capucho e Clementino Rodrigues, no concurso de anteprojetos para a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa – com resultados publicados no mesmo ano pela revista *Arquitectura*.[55] Entre 1962 e 1972 desenhou com Erich Corsepius a Igreja de São Jorge, na Paróquia de Arroios, em Lisboa, tendo o esboço da solução sido apresentado e debatido na reunião do Movimento de Renovação da Arte Religiosa que teve lugar em 28 de Março de 1962.[56] A igreja já concluída foi publicada pela revista *Binário* em 1973.[57] Enquanto funcionário do BNU integrou em Lisboa o Serviço de Obras, Conservação e Património daquela instituição bancária, acompanhando no campo da arquitetura os diversos empreendimentos da instituição em Moçambique. De acordo com os critérios enunciados Alzina de Meneses deve ser integrado na terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

Segundo os exemplos de que temos conhecimento a obra de Alzina de Menezes inscreve-se na arquitetura do Movimento Moderno do segundo pós-guerra. Nela revela particular atenção à articulação dos edifícios com a morfologia dos terrenos e dos contextos urbanos nos quais se inserem.

Dos projetos de Alzina de Meneses para Moçambique apenas temos registado os trabalhos para o BNU em Quelimane e Porto Amélia.[58]

52 Tostões, 2008 [1948]: XIX.
53 *Binário*, 1958-08: 16-20.
54 *Arquitectura*, 1959-01/02: 30-31.
55 *Arquitectura*, 1962-10: 29-30.
56 *MRAR*, 1962-04: 2-4.
57 *Binário*, 1973-05: 181-185.
58 Ver capítulo "As infraestruturas".

Cândido Palma Teixeira **de Melo** (1922-2003) diplomou-se pela ESBAL em 1947. No mesmo ano participou no concurso para uma casa de férias no Alto Rodízio, cujos resultados foram publicados pela revista *Arquitetura* em 1948.[59] Em conjunto com o arquiteto Francisco da Conceição Silva apresentou a tese *O ensino da Arquitectura em Portugal* ao Tema I, *A Arquitectura no Plano Nacional*, no 1.º Congresso Nacional de Arquitectura,[60] texto publicado no ano seguinte na revista *Arquitectura*.[61] A sua colaboração com esta publicação incluiu a publicação de um artigo sobre a participação dos arquitetos na V EGAP, realizada em 1950 – na qual ele próprio expôs -,[62] bem como a organização de alguns números da revista.[63] Estabelecido em Lisboa realizou diversos projetos em coautoria com o arquiteto Artur Pires Martins (1914-1999): um grupo de quatro casas de férias na Costa da Caparica publicado pela revista *Arquitectura* em 1959, conjunto no qual se integram painéis de azulejo da autoria de Querubim Lapa;[64] o edifício Manchester, em Lisboa, datado de 1963, e projetado em coautoria com Pires Martins e Jorge Chaves (1920-1981);[65] um conjunto de quatro blocos com oito pisos de habitação para os Olivais-Norte (Projeto-tipo IIIA), publicado em 1964 e 1966 pela revista *Arquitectura*;[66] e um segundo conjunto habitacional nos Olivais-Sul referido pela mesma revista em 1967.[67] Para além de outras obras posteriores ao período cronológico em estudo projetou a solo o Centro de Reabilitação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, publicado pelas revistas *Arquitetura* e *Binário* em 1970.[68]

Segundo os critérios cronológicos definidos Cândido Palma de Melo deve incluir-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

Tal como referido por José Manuel Fernandes - citando o autor -, Palma de Melo defendia

59 *Arquitectura*, 1948-05/06: 10-11.
60 Tostões, 2008 [1948]: 84-92.
61 *Arquitectura*, 1949-08/09: 14-16, 24.
62 *Arquitectura*, 1950-08: 22.
63 *Arquitectura*, 1949-08/09. *Arquitectura*, 1950-05, *Arquitectura*, 1950-08, *Arquitectura*, 1950-11, *Arquitectura*, 1951-02, *Arquitectura*, 1951-05, *Arquitectura*, 1952-03 e *Arquitectura*, 1952-05.
64 *Arquitectura*, 1959-01/02: 15-18.
65 Fernandes, 2006: 148.
66 *Arquitectura*, 1964-03: 25; *Arquitectura*, 1966-01/02: 9-13.
67 *Arquitectura*, 1967-11/12: 268.
68 *Arquitectura*, 1970-07/08: 143-148; *Binário*, 1970-12: 236-242.

uma metodologia de projeto assente numa matriz conceptual materializada pela malha estrutural dos edifícios.[69] As suas obras refletem a atenção dada à composição dos edifícios segundo a associação de elementos modulares estandardizados. Estas caraterísticas estão presentes nas aerogares que construiu em Moçambique, projetadas para a Direção do Serviço de Obras da Direção Geral de Aeronáutica Civil em Lisboa.[70]

O segundo grupo de arquitetos portugueses que realizaram projetos de edifícios infraestruturais de arquitetura moderna para o território moçambicano durante o período compreendido entre 1951 e 1964 compreende os profissionais que se encontravam a trabalhar em Moçambique desde meados da década de 40. A sua produção arquitetónica carateriza-se pela capacidade de adaptação às novas correntes arquitetónicas – dos casos menos conhecidos de Able Pascoal ou Carlos Ivo à contínua produção de Francisco Assis. Este grupo engloba também os arquitetos naturais da província ou da metrópole que, após os estudos de arquitetura, retornaram ou se estabeleceram em Moçambique durante as décadas de 50 e 60.[71] Formados nos valores da arquitetura do Movimento Moderno estes jovens aplicaram ortodoxamente as suas formas e princípios aos edifícios e aos planos de urbanização que projetaram no território. Os textos de enquadramento biográfico destes autores e de caraterização genérica da sua obra foram sequencialmente dispostos segundo a ordem de chegada ao território: de Able da Silva Pascoal, de quem conhecemos projetos em Lourenço Marques desde 1945, a Naia Marques, que iniciou a atividade profissional na cidade da Beira em 1962.

69 Fernandes, 2008: 151.

70 Ver capítulos "As infraestruturas" e "Os símbolos".

71 "Na década de 1950, mesmo sem uma direta militância política que nem todos praticaram - os tempos eram obviamente difíceis em Portugal para uma afirmação mais livre de uma *nova geração* de arquitetos no retrógrado e repressivo ambiente, cultural e social, do país ibérico. Para os que então se profissionalizavam, era inevitável pensar-se na *saída*, coma solução de recurso para uma abertura que em Portugal lhes era negada. Porém, a mobilidade profissional para a Europa ou para a América era ainda nestes tempos muito distante - e, por outro lado, havia a t*erra das oportunidades*, que a propagandeada África Portuguesa do Regime Salazarista, então, de algum modo, constituía.
Portanto, para a geração recém-formada na época, reforçava-se a ideia de escape e aventura, associada à ida para África - onde a afirmação profissional seria facilitada pela língua comum e pelo tipo funcionamento social e institucional das comunidades luso-africanas, muito próximas e dependentes das da *Metrópole*." Fernandes, 2009: 68.

Temos registo de dois acontecimentos que reuniram vários destes profissionais e que, por isso, não serão elencados em cada biografia individual: a *Conference Interafricaine / Logement et Urbanization* realizada em Nairobi em Janeiro de 1959;[72] e a a comissão de arquitetos de Lourenço Marques ao encarregado do governo-geral a propósito da publicação de uma portaria que procurava disciplinar a atuação das diferentes atividades liberais.[73]

Able da Silva **Pascoal**, arquiteto cuja biografia em grande parte desconhecemos, era diretor do Instituto Vasco da Gama em 1969,[74] estabelecimento do ensino primário com salas de estudo para o ensino liceal e técnico.

Incluído no pequeno grupo de arquitetos que nos anos 40 exercem a atividade profissional em Lourenço Marques é-lhe atribuída uma vasta produção de edifícios mistos, comerciais e habitacionais, construídos em betão armado e estilisticamente integrados no modernismo das décadas de 30 e 40.[75]

Carlos Ivo, arquiteto natural da cidade da Beira, formou-se no departamento de Arqui-

72 "A participação dos arquitectos radicados em Angola e Moçambique nos encontros e conferências internacionais africanas foi efectiva, embora irregular e pontual. (...) A título exemplificativo, Bernardino Ramalhete refere a *Conference Interafricaine / Logement et Urbanization*, na sua 2.ª sessão, realizada em Nairobi em Janeiro de 1959, onde estiveram presentes 16 arquitectos de Moçambique, 2 de Angola e 2 do Portugal europeu. Os documentos da reunião mencionam os membros da impressiva comitiva moçambicana: M.F. Assis e M.N. Craveiro Lopes (das Obras Públicas de LM.), M.J.A. do Carmo, M.F.J. de Castro, M.B.C. Ramalhete e M.P. Sampaio (da Beira), M.A. Pascoal, M.F. Sousa e M.M. Carlota Tinoco (professores da Escola Industrial de LM.), M.A.J.R. da Silva (da C.M.LM.), e M.J.J. Tinoco (de L.M.), além de dois engenheiros." Fernandes; Janeiro; Neves, 2008: 12.

73 "Por motivo da publicação da Portaria n.º 12.053, que se refere à disciplina arquitetónica que se pretende criar no ambiente geral desta Província, estiveram ontem (...), no Palácio da Ponta Vermelha, a apresentar cumprimentos ao Sr. Encarregado do Governo-Geral, os arquitetos desta cidade, Sr.ª D. Maria Carlota Tinoco e Srs. João José Tinoco, Francisco Assis, Able Pascoal, Miranda Guedes, Fernando de Sousa e Alberto Soeiro.
Depois de terem saudado o Sr. Encarregado do Governo, o Sr. arquiteto Alberto Soeiro proferiu as seguintes palavras:
(...) Tem sido infelizmente a nossa classe, (...), esquecida e posta por vezes em situação de inferioridade (...).
(...) Sabíamos também constituir preocupação dominante de V. Ex.ª o estado anárquico em que tem vivido o património artístico e arquitetónico nesta vasta parcela do território nacional (...).
(...) Sempre animados do sentido leal de cooperação e procurando ir ao encontro do espírito legislativo que orientou a criação da Portaria n.º 12.053 e para que dela se tire todo o proveito para que foi criada, (...), atrevemo-nos a pedir a V. Ex.ª, a nomeação duma comissão, constituída por arquitetos, engenheiros civis, agentes técnicos de engenharia civil, engenheiros eletrotécnicos e agentes técnicos de eletrotecnia, a fim de conjuntamente e em tempo limitado, proporem ao governo da Província, dentro dos seus setores, um projeto de legislação que defina e garanta de maneira efetiva, os campos das suas atividades, as compensações e as responsabilidades." Notícias, 1957-10-16: 12, 9.

74 Silva; Aresta, 2004: 17.

75 Bruschi; Lage, 2005: 88-90.

tetura da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul. Segundo António Albuquerque teve Rex Martienssen como seu professor.[76] Retornou à sua cidade natal no início da década de 40. Único arquiteto residente ali formou, em sociedade com um comerciante local, a empresa de construção Daguid & Ivo, Lda. Em Agosto de 1955, aquando da inauguração na Câmara Municipal da Beira da Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea, mostra organizada pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, proferiu uma muito aplaudida conferência de introdução ao tema.[77] Pertenceu à Comissão de Estética da câmara beirense, orgão para a qual foi nomeado em 1957 em conjunto com o engenheiro Ribeiro Alegre e o arquiteto João Garizo do Carmo.[78]

A arquitetura de Carlos Ivo, cunhada pelo ensino moderno da escola de Joanesburgo, carateriza-se pela sua ortodoxa inscrição nos princípios funcionalistas do Movimento Moderno.[79] Os seus primeiros trabalhos apresentam uma diversidade de linguagens nas quais se leem influências do *Art Déco*, de Frank Lloyd Wright e dos racionalistas holandeses. No decorrer das décadas de 50 e 60 a sua arquitetura evolui para uma caraterização mais próxima do *Estilo Internacional* do segundo pós-guerra.

Se no início da sua carreira profissional se dedicou ao projeto de arquitetura, tendo obtido uma licença especial da Câmara Municipal da Beira que lhe permitia assinar projetos na cidade,[80] com a formação da empresa Daguid & Ivo dedicou-se à compra de terrenos, ao projeto e à edificação de edifícios. Os edifícios que construiu, de acordo o testemunho de Francisco José de Castro, caraterizam-se pela qualidade da sua pormenorização e constru-

76 Albuquerque, 1998: 39.

77 "Com o aparecimento do aço e de novas técnicas de construção, nos meados do século passado, a Arquitetura começou a reviver e, em ritmo crescente, essa vida tem-se intensificado acompanhando, como é natural, o progresso da indústria e da ciência e aproveitando as oportunidades que elas lhe oferecem.
(...) Há pois que simplificar formas, tirando partido dos sistemas de construção modernos e a Verdade surgirá de novo, sem ser preciso deturpar e falsificar aquilo que no seu tempo foi lógico e Belo na sua pureza. *DM*, 1955-08-27: 8.

78 *Notícias*, 1957-01-11: 5.

79 "O termo *feição própria* em Arquitetura é bastante vago e até perigoso para o leigo e amador. Prefiro dizer que a lógica aliada à função devem reger a ideia do projeto que, uma vez executado dentro das vastíssimas possibilidades dos materiais modernos, produzirá sem dúvida, um trabalho de *feição própria*, integrado dentro do princípio que em todos os tempos (...) regulou a verdadeira expressão da Arquitetura pura – função e utilização lógica de materiais e sistemas de construção ao alcance do Arquiteto." Carlos Ivo *in DM*, 1955-08-26: 3.

80 Albuquerque, 1998: 39.

ção.[81] Com obras suas conquistou por diversas vezes o prémio municipal de arquitetura Dr. Araújo de Lacerda.

Francisco da Costa Feio **Assis** (n.1915) esteve matriculado na FAUP entre 1940 e 1942.[82] Desconhecemos ainda mais elementos do seu percurso académico. Desde meados da década de 40 exerceu a sua carreira profissional em Lourenço Marques. Foi técnico da Direção do Serviço de Obras Públicas, organismo no qual foi responsável, a solo ou em coautoria com Luís de Vasconcelos, pelo desenho de um conjunto significativo de equipamentos hospitalares de grande dimensão para o Quadro Complementar de Construções Hospitalares. No seu escritório particular trabalhou em sociedade com o arquiteto Rodrigues da Silva.[83] Nascido dois anos antes da baliza temporal definida Francisco Assis deve, levando em consideração as datas de início da sua prática profissional e de construção das suas primeiras obras, situar-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

Nas suas primeiras obras da segunda metade da década de 40, e até meados de 50, Francisco Assis utiliza os modelos característicos do Estado Novo: entre a linguagem monumental dos equipamentos públicos e o estilo *Português Suave* dos programas domésticos. A partir do meio da década de 50 a composição dos seus edifícios torna-se mais liberta embora mantenha a mesma expressividade monumental. Nesta época utiliza amplamente o reportório formal do *Estilo Internacional* com múltiplas referências à moderna arquitetura brasileira. As suas obras da década de 60 passam a incorporar elementos decorativos com padrões geométricos possivelmente influenciados pela cultura local. A grande destreza no desenho de esquisso e a qualidade gráfica na representação técnica dos seus projetos são qualidades constantes ao longo do seu percurso profissional.[84]

81 Castro, 2009-11-06.

82 http://arquivo.fba.up.pt.

83 Ferreira, 2008: 256, nota 87.

84 "A expressividade do desenho está imediatamente presente no grafismo dos elementos de projeto, desde o tipo de letra das legendas, indicação da orientação norte, até às imagens que acompanham os alçados." Ferreira, 2006: 44, nota 87.

João Frederico Martins **Aires** (1921-2001) estudou arquitetura na ESBAP entre 1943 e 1945 - profissão que praticou antes de se dedicar à pintura -,[85] tendo tido nesse campo uma atividade artística de relevo no âmbito da antiga província de Moçambique.[86] A revista *Arquitectura* publicou em 1952 um artigo sobre a sua obra de pintor.[87] Trabalhou na Direção do Serviço de Obras Públicas de Lourenço Marques, no final da década de 40 e início da de 50, como colaborador de outros arquitetos e como autor dos seus próprios trabalhos.

Nos projetos que realizou a título pessoal João Aires evoluiu da aplicação do reportório nacionalista dos primeiros trabalhos em que participou, quer como colaborador quer como projetista, para a plena utilização do vocabulário do Movimento Moderno do segundo pós-guerra.

Fernando Ferreira Botelho Queirós de **Mesquita** (1916-c.2000) esteve matriculado na ESBAP entre 1934 e 1946.[88] Concluiu o curso de arquitetura com o projeto de CODA para S. Gregório, entregue em Dezembro de 1944, com o título *Delegação Aduaneira no Alto Minho*.[89] No mesmo ano frequentou durante alguns meses o curso de Urbanismo da Universidade de Londres.[90] Em 1948 participou em Lausanne no congresso fundador da União Internacional dos Arquitetos.[91] O seu nome consta da lista dos inscritos no 1.º Congresso Nacional de Arquitetura do mesmo ano.[92] Partiu para Lourenço Marques no final dos anos quarenta,[93] cidade na qual exerceu a profissão de arquiteto e urbanista: foi projetista e ocupou cargos de direção no Serviço de Obras Públicas. Dirigiu o Gabinete de Urbanização da

85 Ferreira, 2006: 63, nota 104.

86 "João Ayres foi o grande perturbador artístico de Moçambique; foi ele o primeiro que aqui vigorosamente anunciou e demonstrou as visões do nosso tempo; foi ele quem durante anos influenciou e guiou quase todos aqueles que então aqui pintaram." Pancho Guedes *in* Costa, 2011a.

87 *Arquitectura*, 1952-03: 25.

88 http://arquivo.fba.up.pt.

89 CDFAUP, CODA n.º 33.

90 João Paulo Martins *in* Ferreira, 2008: 255, nota 66.

91 Pereira, 1996: 17.

92 Tostões, 2008 [1948]: XXI.

93 Albuquerque, 1998: 69.

Câmara Municipal de Lourenço Marques, criado em 1964.[94] Permaneceu em Moçambique após a independência, com escritório no edifício do n.º 121 da Rua Rui de Pina, atual Rua dos Cronistas, após a saída de João José Tinoco, tendo morrido em data próxima do final do milénio.[95] Nascido um ano antes da baliza temporal definida Francisco Assis deve, levando em consideração as datas de início da sua prática profissional e de construção das suas primeiras obras, situar-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

Fernando Mesquita, Pancho Guedes e João José Tinoco – os dois primeiros em permanente oposição, o terceiro mais maleável e conciliador -, foram as três personalidades marcantes da arquitetura de Lourenço Marques no terceiro quartel do século XX.[96] Intransigente defensor das teses do Movimento Moderno[97] Fernando Mesquita foi um personagem central na renovação da linguagem da arquitetura oficial e na formação e promoção dos jovens arquitetos entretanto chegados à antiga província.[98] Os equipamentos escolares que projetou - programa infraestrutural de que foi considerado especialista -,[99] são imediatamente reconhecíveis na paisagem urbana das cidades moçambicanas. Caraterizam-se por uma economia formal extrema, reduzidos à sua expressão funcional e construtiva por uma racional resolução das circunstâncias que condicionam o desenho do projeto: sítio, programa, exposição ao sol e aos ventos, sistemas estruturais e construtivos disponíveis.

Circunscrita aos organismos oficiais onde trabalhou e direcionada à resolução das diversas necessidades das populações da antiga província a sua produção arquitetónica foi maioritariamente composta pelo planeamento urbano e pelo desenho de edifícios infraestruturais de programa escolar e hospitalar.

94 Ferreira, 2008: 36, 256-nota 82.

95 Informações prestadas pelo arquiteto Vítor Tomás em 21 de Fevereiro de 2009.

96 Opinião transmitida pelo arquiteto José Forjaz em 4 de Abril de 2012.

97 Ferreira, 2006: 67.

98 Albuquerque, 1998: 69.

99 "O arquiteto Fernando Mesquita foi indicado como especialista para a troca de impressões com vista à elaboração do programa da *reunião do C. S. A. sobre escolas em edifícios para educação*, que se pretende levar a efeito em 1961." *DM*, 1961-01-08: 10.

Amâncio d'Alpoim Miranda (**Pancho**) **Guedes** (n.1925) estudou arquitetura entre 1945 e 1949 na Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo, escola sul-africana cujo ensino tinha sido marcado pelo pensamento modernista do seu antigo diretor, Rex Martienssen, arquiteto sul-africano com estreitas relações com Le Corbusier. Durante a sua estadia em Joanesburgo Pancho frequentou o meio artístico da cidade e participou em exposições coletivas, uma delas na South African Academy.[100] Concluído o bacharelato instalou-se em Lourenço Marques, a sua Guedesburgo,[101] cidade na qual participou numa exposição de pintura com um amigo - possivelmente o 1.º Salão de Artes Plásticas de Moçambique de 1950 -,[102] tendo os seus quadros sido censurados pela organização.[103] No âmbito das suas atividades de promoção artística temos conhecimento de que integrou os corpos gerentes do Núcleo de Arte de Lourenço Marques como presidente de Crítica e Teoria de Arte, em 1957 e 1958,[104] e da Seção de Arquitetura, em 1960.[105]

Iniciou em 1950 o exercício da arquitetura como profissional liberal, prática que manteve até 1974.[106] Os seus primeiros projetos foram assinados por um seu amigo, o engenheiro Luís Reis Costa. Nessa época trabalhou também como desenhador a tempo parcial para a empresa de engenharia Silva Carvalho, Ferreira & Gadini (1950) e foi assistente, também a tempo parcial, do arquiteto Fernando Mesquita.[107] O convite que o engenheiro italiano Vitale Moffa lhe dirige para a execução do projeto do Colégio Pio XII deu início, nessa altura, a uma

100 "Enquanto estudante, estava sempre a fazer desenhos e quadros e a encontrar-me com os artistas na cidade. No segundo ano fui aceite pela Academia e incluíram um dos meus quadros na exposição anual. No último ano tive uma exposição na baixa, juntamente com alguns bons amigos que eram já pintores reconhecidos." Pancho Guedes *in* Guedes, 2009: 19; Guedes, 2009: 294.

101 Santiago, 2007: 43.

102 Costa, 2011a.

103 "Quando acabei os estudos voltei para Lourenço Marques levando todos os quadros que tinha pintado para uma exposição que ia fazer pouco depois de chegar. Fiz a exposição com um amigo que tinha sido muito influenciado por Portinari e Picasso, e na altura a minha principal influência era Tamayo. A nossa exposição conjunta causou escândalo quando os organizadores tiraram alguns dos meus quadros da parede e os esconderam porque os consideravam indecentes. Muitos naquela pequena cidade ficaram furiosos com quadros de homens sem calças e com uma crucificação qualquer! Por isso a minha participação foi parcialmente desmontada no dia em que abriu. Um sucesso!" Pancho Guedes *in* Guedes, 2009: 20.

104 *Notícias*, 1957-01-17: 10; Notícias, 1958-08-21: 14.

105 *Notícias*, 1960-01-18: 10.

106 Guedes, 2009: 294.

107 Guedes, 2009: 295.

profícua colaboração profissional entre ambos (1952-1953).[108]

Em 1953 licenciou-se em Arquitetura pela Universidade de Witwatersrand com o projeto de tese para Lourenço Marques com o título *Hotel na Praia*. Em Novembro de 1954, para obter o reconhecimento do diploma em território português, entregou na ESBAP, escola onde esteve matriculado entre 1954 e 1955,[109] o projeto de CODA para Tomar com o título *Hospital Regional*.[110] Retornou de seguida a Lourenço Marques e à profissão liberal que praticou, até 1956, em conjunto com o cargo de professor de desenho a tempo parcial na Escola Técnica.[111] Em Julho de 1960 iniciou uma viagem pela Europa durante a qual estabeleceu, em Paris e Londres, contatos com arquitetos, artistas e jornalistas, iniciando um percurso de reconhecimento internacional que se prolongou até à atualidade.[112] Das diversas viagens, publicações, exposições, conferências e atividade docente que lhe são atribuídas no período em estudo nesta dissertação importa sucintamente referir:

- A publicação do artigo "Amâncio Guedes: architect of Lourenço Marques" no número de Abril de 1961 da *Architectural Review*;
- A viagem ao Brasil, em 1961, para participar na bienal de São Paulo em representação de Moçambique, país inexistente. Apresentou os trabalhos O Leão que Ri, a Casa Avião e Doze Casas para a Coop,[113] obtendo boa receção pela crítica jornalística que o apelida de *Niemeyer do Índico*;[114]
- A publicação em Junho-Julho de 1962 do artigo "Y aura-t-il une architecture?: oeuvres et projets" na edição da *Architecture d'Aujourd'hui* dedicada à *Architecture Fantastique*;
- A participação em Setembro de 1962 no encontro de Royaumont do Team 10 durante a qual apresentou a sua obra a convite do casal Smithson;[115]

108 Albuquerque, 1998: 85.
109 http://arquivo.fba.up.pt.
110 CDFAUP, CODA n.º 137.
111 Guedes, 2009: 295.
112 Albuquerque, 1998: 103.
113 Milheiro, 2008: 9-13.
114 Magalhães; Gonçalves, 2009: 197-198.
115 Albuquerque, 1998: 103.

- A participação em 1962 no First International Congress of African Culture em Salisbúria, atual Harare, durante a qual apresentou a comunicação *Things are not what they seem to be. The auto-bio-farcical hour*. Durante este evento conheceu pessoalmente Udo Kultermann;[116]
- A inclusão de obras suas na obra pioneira *New Architecture in Africa*, publicado por Kultermann em 1963,[117] e no livro do ano seguinte *Tropical Architecture in the Dry and Humid Zones*, por Maxwell Fry e Jane Drew;
- A redação, entre 1964 e 1967, de diversos artigos para a publicação editada por John Donat *World Architecture*.[118]

Para além dos artigos sobre Pancho nas revistas internacionais de arquitetura temos conhecimento, no exterior da imprensa especializada, de referências ao seu percurso e obra no artigo de Volkmar Wentzel "Mozambique: Land of Good People", inserido no número de Agosto de 1964 da *National Geographic*,[119] e no elogioso artigo de Alberto Lacerda publicado pelo *Diário de Notícias* e transcrito no número de Abril-Maio de 1963 do *Boletim Geral do Ultramar*.[120]

Após o 25 de Abril de 1974 instalou-se de novo em Joanesburgo, onde foi professor e diretor do curso de Arquitetura da Universidade de Witwatersrand, instituição da qual se

116 "From then on, for me, the steadily increasing enthusiasm towards a genuine African culture experienced in the conference in Salisbury and specifically the lecture by Pancho Guedes had numerous reverberations. Not only did I return to different parts of Africa in order to learn what still was then a terra incognita to most scholars, I more and more also saw the visions of Pancho transformed into reality." Udo Kultermann *in* Guedes; Guedes, 2003: 20.

117 Milheiro, 2008: 9-13.

118 Albuquerque, 1998: 103.

119 "Strolling along sidewalks paved in way mosaic patterns like those of Lisbon and Rio de Janeiro, I marvelled at the imaginative designs of the architecture, much of it the work of Amancio d'Alpoim Guedes, better known here as Pancho.
Pancho has made Lourenço Marques his laboratory, and his concrete cantilever buildings have aroused world-wide comment. On apartment houses, long, sharp spines protrude from walls faced with bright mosaic patterns. Chimneys look like mushrooms. Many decorations were inspired by primitive designs." Wentzel, 1964-08: 199-200.

120 "Este artista, ao mesmo tempo influenciado pela arquitetura de Gaudi e pelos barros minhotos da grande Rosa Ramalho, é certamente um dos casos mais extraordinários do desenvolvimento intelectual de Moçambique.
Pancho Miranda Guedes (...) é um dos maiores arquitetos do mundo. Não é apenas arquiteto: é pintor, escultor, colecionador culto, sobretudo do que há de mais autêntico e original na arte negra; ele é acima de tudo um poeta; um poeta quase de génio. A poesia deste homem exprime-se mais rigorosa e torrencialmente nos seus edifícios: a ousadia alia-se à imaginação, a proporção à liberdade. São árvores, árvores insólitas, mas que cresceram tão naturalmente como árvores – estes edifícios que nos deslumbram, que se apossam de nós como uma melodia." Alberto Lacerda (*Diário de Notícias*) *in BGU*, 1963-04/05: 230.

reformou em 1990, retornando então a Portugal. De acordo com os pressupostos cronológicos definidos Pancho Guedes deve incluir-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses - embora tenha obtido o diploma apenas em 1954 é bacharel desde 1949 e tem obra significativa desde o início da década de 50.

Pancho Guedes - ou Amâncio Guedes, ou A. d'Alpoim Guedes ou Adam Guedes -,[121] revindica para o arquiteto uma liberdade poética na qual pintura, escultura e arquitetura se confundem na génese formal da obra de arte – ironicamente reescrevendo a proclamação de Le Corbusier em *Vers une architecture*.[122] Um dos principais críticos e praticantes da arquitetura do Movimento Moderno, base concetual sobre a qual assenta a linguagem dos seus primeiros edifícios da década de 50, assume na sua obra de pintor, escultor e arquiteto um conjunto de influências de autores da esfera da arte ocidental: Palladio, Gaudi, Rivera, Orozco, Tamayo, Picasso, Le Corbusier, Miró, Hans Arp, Tristan Tzara, Dalí, Portinari, Frank Lloyd Wright -, e dos valores pictóricos, construtivos e simbólicos da cultura africana.[123] O catálogo com que sistematiza a sua produção arquitetónica, a que dá o título de *Vitruvius Mozambicanus*,[124] está organizado de acordo com uma estrutura qualitativa não cronológica segundo famílias, estilos, arquiteturas ou livros[125] – estes últimos entendidos no

121 "Pancho Guedes é o pai, o inventor de todas as obras de arte. Não consegue distinguir entre pintura, escultura e arquitetura.
(...) Amâncio Guedes é o espírito de Pancho Guedes, revelado internacionalmente pela primeira vez há quase cinquenta anos nas páginas da *Architectural Review*. (...) É o nome que persiste em vários artigos e críticas.
A. d'Alpoim Guedes é o filho de Pancho Guedes, o executante, o responsável por toda a obra exceto o betão armado - na verdade, o Guedes real.
(...) Também dá pelo nome de A. d'A. M. Guedes - Adam Guedes - que é como assina a correspondência burocrática e os cheques.
(...) Foi ele que, com a ajuda da mulher, Dori, editou os caóticos e bombásticos escritos tanto de Amâncio como de Pancho Guedes.
(...) A. d'Alpoim Guedes é o depositário de todos os desenhos, pinturas, esculturas, fotografias, brinquedos, bordados, modelos, slides e palavras sobreviventes e que se tornam mais reais a cada dia que passa. É também o historiador e o arquivista, o autor nomeado do catálogo definitivo." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 35.

122 "We claim, in the name of the steamship, the airplane, and the automobile, the right to health, logic, daring, harmony, perfection." Le Corbusier, *Towards a New Architecture in* FISHMAN, 1977: 186; "Clamo para os arquitetos os direitos e liberdades que os pintores e poetas há muito detêm." Amâncio Gudes *in* AAVV, 1994: 106.

123 "The work of Amâncio d'Alpoim Guedes (...) represents a unique manifestation of an African architecture which is visible in several of his residential buildings, his educational buildings as well as in religious buildings, which are full of symbolic meaningful elements translated into spatial and painterly forms." KULTERMANN, 2000: 93.

124 "Já trabalhei em muitos estilos em simultâneo. Rejeitei há muito qualquer tipo de cronologia. Em vez disso, classifiquei as minhas invenções arquitetónicas em várias famílias e organizei-as num catálogo mais ou menos definitivo de vinte e cinco arquiteturas. Estas vinte e cinco arquiteturas são o meu *Vitruvius Mozambicanus*." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 31.

125 ALBUQUERQUE, 1998: 83.

sentido da tratadística clássica -, cujo número, sequência, caraterização e conteúdo foram por ele de novo sistematizados na exposição do Centro Cultural de Belém em 2009.[126] São eles *Stiloguedes*, *Espaços Torcidos e Revirados*, *Sete Templos Desiguais*, *Túmulos e Outras Casas Mortas*, *Como Frank Lloyd Wright me Ajudou*, *A Elegante Arte de Curvar Espaço*, *Américo-Egípcio*, *Maneiras Arqueadas*, *Renascença Neocolonial*, *Escapadelas Neoclássicas*, *Metamorfoses e Assombrações*, *África que Vive*, *Palhotas e Palácios de Capim*, *Algumas Pechinchas num Estilo Mato Tropical*, *Máquinas de Aprender*, *Esquisitos e Becos Sem Saída*, *A Exumação do Corpo de Obras de Andrea Palladio*, *Torres Temporárias e Fatias de Rua*, *Caixotes e Prateleiras Habitáveis*, *Zona Industrial Hipotética*, *Cadeia de Estações de Serviço*, *Pedaços de Aldeia*, *Palácios Euclidianos*, *Barracas e Toldos*, *Bancos Através de África* e *Os Redondos*.

A produção arquitetónica de Pancho Guedes em Moçambique, na qual é notória a ausência de encomendas de organismos oficiais, é predominantemente constituída por numerosos edifícios de pequena e média escala projetados para particulares, investidores imobiliários, empresas e instituições privadas. Constituem, pela sua singularidade formal, elementos de referência na paisagem urbana das cidades moçambicanas, principalmente de Lourenço Marques.[127] São construções libertas dos compromissos de representatividade que informam os programas das obras públicas governamentais.

João Afonso **Garizo do Carmo** (1917-1974) nasceu na cidade da Beira. Esteve matriculado na ESBAP entre 1942 e 1949,[128] tendo concluído o curso de Arquitetura na congénere de Lisboa em 1951.[129] Publicou em 1948, na revista *Arquitetura*, o projeto para uma fábrica de chocolates e respetivo bairro operário para a firma Altriz Lda., em Coimbra, projeto

126 *Pancho Guedes: Vitruvius Mozambicanus*, Lisboa, Museu Colecção Berardo, 18 de Maio a 16 de Agosto de 2009.

127 "Ao longo de vinte e cinco anos, em Moçambique, inventei e construí edifícios suficientes para povoar uma cidade de dimensões consideráveis. Uma cidade imaginária mas bastante provável, caótica e feita de camadas de memórias, uma cidade de muitos e pequenos invólucros distintos, de uma obsessiva regularidade." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 31.

128 http://arquivo.fba.up.pt.

129 MAGALHÃES; GONÇALVES, 2009: 199.

realizado em colaboração com Bento d'Almeida (n.1918) e Vítor Palla (1922-2006).[130] Na mesma revista publicou também o arranjo interior de um café em Lisboa, desenhado em coautoria com Orlando Avelino.[131] Executou alguns trabalhos de decoração em estabelecimentos comerciais e de urbanismo para a Câmara Municipal de Lisboa, tendo colaborado com o arquiteto Faria da Costa (1906-1971) no arranjo da Praça da Figueira. Na cidade do Porto trabalhou com o arquiteto Viana de Lima na obra do Hotel Império (1943).[132] João Garizo do Carmo regressou à sua cidade natal em 1952 na qual, no exercício da profissão liberal, conquistou o prémio municipal de arquitetura Dr. Araújo Lacerda referente aos anos de 1954[133] e 1955.[134] Temos notícia de que desempenhou funções de docência na Escola Industrial e Comercial Freire de Andrade[135] - tendo sido nomeado seu subdiretor nos finais de 1960 -,[136] e que pertenceu à Comissão de Estética da Câmara Municipal da Beira, para a qual foi indicado em Janeiro de 1957.[137] Em Junho de 1960 integrou o grupo de técnicos que discutiu na Câmara Municipal da Beira o projeto de requalificação da Praça Gago Coutinho, atual Praça do Município, da autoria de Mário Couto Jorge.[138] A partir de 1964 a doença vai progressivamente impedi-lo de desenhar, obrigando-o a abandonar o exercício de

130 *Arquitectura*, 1948-01: 12-16.

131 "O interesse deste arranjo nasceu duma inteligente aplicação de materiais, da feliz solução do problema de iluminação (luz fluorescente indireta combinada com luz incandescente) e de uma perfeita harmonia das cores e das proporções." *Arquitectura*, 1948-10/12: 3.

132 "Diplomado pela Escola Superior de Belas Artes com a classificação de 17 valores, o arquitecto João Afonso Garizo do Carmo deixou o seu valor e competência provados em trabalhos de decoração de várias casas comerciais de Lisboa, tais como a *Casa Galeão*, da rua Augusta, *Centena e Neves*, da rua da Prata, etc.
A Câmara Municipal de Lisboa entregou-lhe o projecto e direcção de execução dum bloco de 108 prédios para o bairro de Alvalade, plano de urbanização da Baixa e o projecto de arranjo da Praça da Figueira, de colaboração com o arquitecto Faria da Costa.
Deixou ainda vincada a sua passagem pela cidade do Porto, onde, de colaboração com o arquitecto Viana de Lima, planeou e dirigiu o arranjo e remodelação do *Hotel Império*." *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1954 *in* http://beiraumseculo.blogspot.com.

133 "No restaurante Oceana teve lugar ontem (...), o anunciado almoço oferecido pela Câmara Municipal aos técnicos inscritos na edilidade durante o qual foi entregue aos Srs. Eng.° Lorena Byrne e arquiteto Garizo do Carmo, o *Prémio Dr. Araújo Lacerda 1954*." *DM*, 1955-05-05: 1, 8.

134 *Notícias*, 1958-07-02: 5, 6.

135 *DM*, 1955-09-15: 5.

136 *DM*, 1961-01-04: 7.

137 *Notícias*, 1957-01-11: 5.

138 "Foi discutido por um grupo de técnicos, na Câmara Municipal, o projeto da futura Praça Gago Coutinho.
(...) Estiveram presentes (...) os engenheiros Srs. Artur Cardeano, Amílcar Cruz, Ribeiro Alegre, Moreno Ferreira, e os arquitetos Bernardino Ramalhete, Gomes de Azevedo, Garizo do Carmo, Cruz Malato e Couto Jorge, este último autor do projeto em discussão." *DM*, 1960-06-16: 11.

projeto.[139] Regressou a Portugal em 1972. De acordo com as balizas cronológicas definidas João Garizo do Carmo deve situar-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

A obra e o pensamento de João Garizo do Carmo caracterizam-se pela ortodoxa utilização das formas e dos princípios que informam a arquitetura internacional do Movimento Moderno do segundo pós-guerra. Recusa a validade de qualquer nacionalismo tradicionalista e afirma a necessidade de uma arquitetura tropical moderna, referindo como exemplo o caso brasileiro, como revela em 1955 na resposta a um inquérito do jornal *Diário de Moçambique* a propósito da Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea.[140] O léxico formal dos seus projetos denota influências comuns à obra de diversos arquitetos portugueses da geração posterior ao 1.º Congresso Nacional de Arquitetura, tais como as explícitas referências arquitetónicas à obra de Óscar Niemeyer, Le Corbusier ou Felix Candela.

A sua extensa produção arquitetónica foi predominantemente realizada em programas habitacionais de moradias unifamiliares ou em blocos de habitação coletiva para clientes e promotores particulares. Os seus projetos para equipamentos públicos, de escalas bastante diversas, foram realizados maioritariamente para instituições autónomas do poder provincial e, mais raramente, para organismos oficiais.

Alberto Pires Florêncio **Soeiro** (n. 1917) esteve matriculado na ESBAP entre 1937 e 1946.[141] Nesta escola entregou em 1945 o seu projeto de CODA para Lisboa com o título *Bairro económico para uma empresa (para os seus empregados)*.[142] O seu nome figura na

139 Albuquerque, 1998: 123; Magalhães; Gonçalves, 2009: 200.

140 "As sementes são boas e, como digo, com a ajuda do tempo e os ensinamentos colhidos do produto do nosso esforço, podemos e devemos chegar, a exemplo do Brasil, a uma *Arquitetura* tropical portuguesa
Não se pense numa simples transplantação pseudofolclórica quando falo em arquitetura portuguesa; assim como está longe do nosso espírito andarmos aqui nos trópicos envolvidos em capotes à alentejana ou vestidos à moda do Minho, pensemos unicamente em fazer arquitetura para portugueses que vivem nos trópicos e que funcionalmente lhes resolva esse problema." João Garizo do Carmo *in DM*, 1955-08-26: 3.

141 http://arquivo.fba.up.pt.

142 CDFAUP, CODA n.º 47.

lista dos inscritos ao 1.º Congresso Nacional de Arquitetura.[143] Estabeleceu-se em Lourenço Marques em 1952,[144] cidade na qual concretizou a sua prática profissional moçambicana. Em Outubro de 1957 foi porta-voz dos arquitetos de Lourenço Marques na referida sessão de agradecimentos ao encarregado do governo-geral, utilizando a ocasião para pedir a criação de legislação específica sobre o exercício das profissões de arquitetura e de engenharia.[145] De acordo com os pressupostos anteriormente definidos Alberto Soeiro deve incluir-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

A sua obra, realizada a solo ou em colaboração com outros arquitetos residentes na antiga província, inscreveu-se nos princípios do Movimento Moderno do segundo pós-guerra. Nela se destaca a constante exploração da organização espacial dos edifícios habitacionais com a qual se revela a influência da contemporânea obra de Le Corbusier.

A sua produção arquitetónica compreendeu programas habitacionais de grande dimensão: planos de urbanização, edifícios de equipamento público para os serviços técnicos do governo provincial, para a aeronáutica civil ou para grandes instituições privadas.

Nuno Craveiro Lopes (1921-1972), filho do marechal Francisco Craveiro Lopes, presidente da república entre 1951 e 1958, formou-se em arquitetura pela ESBAL em 1945. Em 1950 participou no concurso promovido pela Lusalite para um pavilhão de praia, cujos resultados foram publicados na revista *Arquitetura* em 1951.[146] No Serviço de Obras Militares colaborou na construção do Campo Militar de Santa Margarida, em Constância.[147] Com Croft de Moura (n.1922) e Henrique Albino (1921-2003) integrou a equipa que projetou a frente sul da Avenida dos Estados Unidos da América, em Lisboa.[148] Estudou urbanizações tropicais em vários países africanos e foi o autor do projeto de arquitetura da Barragem de

143 Tostões, 2008 [1948]: XIX.
144 Albuquerque, 1998: 69.
145 *Notícias*, 1957-10-16: 12, 9.
146 *Arquitectura*, 1951-05: 30.
147 http://pt.wikipedia.org.
148 Albuquerque, 1998: 69-71.

Cambambe, no Dondo, em Angola. Em 1952 ingressou na Direção do Serviço de Obras Públicas de Lourenço Marques,[149] organismo no qual foi responsável pela criação e direção do Gabinete de Urbanização.[150] Enquanto presidente da Publicidade Artística integrou em 1957 os corpos gerentes do Núcleo de Arte de Lourenço Marques.[151] Segundo os pressupostos definidos Nuno Craveiro Lopes situa-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

Nuno Craveiro Lopes dedicou-se principalmente ao urbanismo, o seu território de eleição.[152] Os edifícios que projetou filam-se na arquitetura do Movimento Moderno internacional, revelando múltiplas influências da linguagem da contemporânea arquitetura moderna da América Latina. O que podemos entrever do seu pensamento arquitetónico, que terá tido ocasião de comunicar na conferência que realizou na Câmara Municipal de Lourenço Marques em 1955 com o título *Arquitetura de um modo geral*,[153] demonstra a sua consciência da necessária ancoragem das formas da arquitetura moderna no processo histórico de transformação dos sistemas construtivos.[154]

Para além dos planos de urbanização que desenha ou cuja execução acompanha no Gabinete de Urbanização do Direção do Serviço de Obras Públicas a produção arquitetónica conhecida de Craveiro Lopes é relativamente escassa, composta essencialmente por edifícios infraestruturais projetados para instituições privadas.

Francisco José Morales de los Rios **de Castro** (n.1923) frequentou o Curso de Arqui-

149 http://pt.wikipedia.org.

150 Informação fornecida pelo arquiteto José Forjaz em 4 de Abril de 2012.

151 *Notícias*, 1957-01-17: 10.

152 "O público, claro, não se conforma que o arquiteto seja não apenas um artista mas também um técnico. Por outro lado, encarando-se o arquiteto apenas como um *fazedor de edifícios* tem-se uma noção errada da sua função. A sua função principal é urbanística – e podemos considerar esta parte como a mais apaixonante da profissão." Nuno Craveiro Lopes *in Notícias*, 1956-05-27: 1, 4.

153 "L. Marques, 21 – Realiza-se hoje, na sala de conferência da Câmara Municipal, pelas 21 horas, a anunciada conferência sobre Arquitetura.
Falarão sobre os temas *O sentido da moderna arquitetura suíça e Arquitetura de um modo geral,* respetivamente os arquitetos João Medeiros de Almeida e Nuno Craveiro Lopes." *DM*, 1955-03-22: 8.

154 "As formas surgem por necessidade de determinadas características desta ou daquela época.
(...) Os arquitetos chamados modernos não são seres de outro mundo, mas sim herdeiros do que lhes deixaram os seus antecessores." Nuno Craveiro Lopes *in Notícias*, 1956-05-27: 1, 4

tetura na ESBAL entre 1939 e 1952, escola na qual concluiu igualmente o Curso Superior de Urbanismo. Diplomou-se com um projeto de CODA para um clube náutico em Lisboa,[155] trabalho que foi publicado no número de Agosto do mesmo ano da revista *Arquitetura*.[156] Foi bolseiro da University of Illinois, nos Estados Unidos.[157] Ainda estudante de arquitetura assistiu em 1948 aos trabalhos do 1.º Congresso Nacional de Arquitetura.[158] Colaborou com os arquitetos António Lino (1914-1961), em 1941, Pardal Monteiro (1897-1957), em 1943, António Gomes Egea, em 1949, e no ateliê de Rui Atouguia (1917-2006) e Formosinho Sanchez (1922-2004), em 1951. Neste último escritório participou no projeto do Bairro das Estacas em Alvalade, Lisboa (1949-1955).[159] Colaborou com diversos arquitetos na elaboração dos Planos de Urbanização da Chamusca e de Salvaterra de Magos[160] e trabalhou ainda para as construções hospitalares. Em Setembro de 1952, por incentivo de um primo diretor da Lusalite na cidade da Beira - e cumprindo um antigo desejo de viver em África -, transferiu-se para aquela cidade moçambicana. A convite da Companhia de Moçambique foi contratado para realizar a pormenorização e o acompanhamento da obra do Grande Hotel da Beira uma vez que José Luís Porto, autor do projeto original, tinha abandonado a construção e regressado à metrópole. Nesta cidade foi professor do ensino liceal e exerceu a atividade liberal em sociedade com o engenheiro João Cabral.[161] Recebeu duas vezes o Prémio Dr. Araújo de Lacerda: primeiro com a casa Francisco Queriol, datada de 1954 (prémio referente a 1956),[162] e depois com a casa José Ferreira, datada de 1959.[163] Em 1956 conquistou um prémio de arquitetura na Bienal de S. Paulo, no Brasil, por um traba-

155 Fernandes, 2006: 174.

156 "Este Clube Náutico, destinava-se a ser construído na Cruz Quebrada, junto da foz da Ribeira do Jamor. (...) Na construção seria usada alvenaria de perpianho, sendo o edifício constituído principalmente por uma estrutura de betão em forma de arcos, apoiados em pórticos. A cobertura do edifício principal assim como do hangar seria em *casca de ovo*." *Arquitectura*, 1952-08: 9-10.

157 *Notícias*, 1958-08-13: 5.

158 Castro, 2009-11-06; Tostões, 2008 [1948]: XIX.

159 Fernandes, 2006: 174.

160 *Notícias*, 1958-08-13: 5.

161 Albuquerque, 1998: 41.

162 *Notícias*, 1958-07-02: 5, 6.

163 Castro, [19??]: 1.

lho realizado em colaboração.[164] Em 1962 regressou provisoriamente a Lisboa para tomar conta do escritório do tio, arquiteto António Lino, falecido no ano anterior. Embora tenha mantido o seu escritório na Beira e viajado para Moçambique diversas vezes por ano, o funcionamento do escritório metropolitano não lhe permitiu voltar a residir em África.[165] Na metrópole realizou ainda diversas obras, tendo a revista *Binário* publicado em 1973 o Casino do Alvor, Algarve, projeto que realizou em parceria com o arquiteto J. Caldeira Cabral.[166] De acordo com os pressupostos cronológicos definidos Francisco José de Castro deve incluir-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses: embora tenha concluído o curso em 1952 iniciou imediatamente a prática profissional e teve obra significativa a partir de meados da década de 50.

A obra moçambicana de Francisco José de Castro carateriza-se por uma ortodoxa aplicação das formas e dos princípios da arquitetura do Movimento Moderno por via da produção corbusiana e da moderna arquitetura brasileira. A sua obra foi suportada por uma nítida consciência teórica dos princípios da arquitetura moderna internacional e da sua gradual implementação no território provincial. Em conjunto com a perceção da sua contribuição para a construção de uma nova cultura arquitetónica em Moçambique estas preocupações estão presentes na entrevista que concedeu Julho de 1956 ao jornal beirense *Diário de Moçambique* a propósito do projeto para uma capela no Dondo.[167]

164 *Notícias*, 1958-08-13: 5.

165 Castro, 2009-11-06.

166 *Binário*, 1973-05: 191-194.

167 Como poderá existir desequilíbrio entre a parte funcional (planta) e o aspeto externo, se, como atrás digo, este último traduz da forma mais fiel o funcionalismo da planta?
Se esta, para tais críticos, é perfeita, significando portanto, simplicidade de conceção, pureza de linhas e verdade, fatalmente o deverá ser quanto ao seu aspeto externo, já que a cobertura não pode ser mais simples, as paredes mestras existem onde são estritamente necessárias e não têm elementos decorativos falsos. Só procurei, portanto, tirar partido decorativo dos elementos construtivos. Nada é supérfluo, nada é procurado, rebuscado ou falso; é uma resultante honesta, é arquitetura o estudo empregado na solução desta capela. Quanto ao aspeto externo ser o de uma residência, só o poderá ser para aqueles que não estão preparados para receber e compreender as novas correntes arquitetónicas.
(...) Julgo que num futuro próximo a arquitetura contemporânea triunfará em Moçambique, dado que as camadas sociais se estão integrando dentro das ideias da arquitetura dos nossos dias, procurando compreendê-la e aceitando as enormes vantagens que ela traz, para a elevação do nível moral, social e artístico.
Os projetos de arquitetura que ultimamente têm aparecido na província não são mais que estudos de adaptação, feitos pelos arquitetos, ao ambiente local, procurando interessar os leigos e não os chocar e preparando o ambiente para uma próxima e rápida aceitação." *DM*, 1956-07-03: 3.

Embora residente em Moçambique durante um curto espaço de tempo Francisco José de Castro tem uma extensa produção arquitetónica para todo o tipo de programas e escalas - do desenho do mobiliário dos apartamentos da dependência do BNU em Quelimane (1960-1972) aos planos de urbanização de Tete (1959) e Vila Cabral (1959-1961). Excetuando encomendas pontuais para as câmaras municipais da Beira e de Tete, CTT, Serviço de Obras Públicas e Direção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique a sua clientela é maioritariamente composta por pequenos promotores particulares, por grandes empresas privadas – como a Lusalite, Tabaqueira Portuguesa, companhias do Búzi, de Cimentos de Moçambique, de seguros Mundial Moçambique e Lusitana, Sociedades Agrícolas do Incomáti, do Madal, de Megaza e do Pungué -, e por algumas instituições autónomas das estruturas governamentais, como o BNU ou a Diocese da Beira.

Manuel Júlio **Barbosa e Silva** esteve matriculado na ESBAP entre 1938 e 1942.[168] Em meados da década de 50 era um dos cinco arquitetos que residia e trabalhava na cidade da Beira, tendo concorrido em 1955 para um lugar de professor na Escola Industrial e Comercial Freire de Andrade.[169] Uma notícia de jornal de Março de 1959 refere a sua transferência, enquanto funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique, da cidade de Nampula para Lourenço Marques.[170] Embora nunca seja referido como um dos arquitetos que colaboraram na montagem da EAEM efetuou em 1955 algumas deslocações a Lourenço Marques para participar nas reuniões preparatórias da referida exposição.[171]

Da arquitetura de Barbosa e Silva apenas temos referência à encomenda que lhe foi feita em 1954 para um anteprojeto de um *edifício moderno* para a Estação Central da Beira[172] - trabalho que, como veremos, não teve continuidade. Em 1955 é um dos arquitetos da Beira a responder a um inquérito do jornal *Diário de Moçambique* a propósito da Exposição de Ar-

168 Livro de Matrícula n.º 2, 1938-1942, cota 279 *in* http:\\repositorio-tematico.up.pt.
169 *DM*, 1955-09-15: 5.
170 *Notícias*, 1959-03-31: 7.
171 *DM*, 1955-07-06: 1; *DM*, 1955-08-18: 5; *DM*, 1955-08-30: 5.
172 Sopa; Miranda; Fernandes, 2010: 524.

quitetura Religiosa Contemporânea. Neste artigo mostra-se, tal como João Garizo do Carmo, contra qualquer imposição de um estilo nacional e a favor de uma arquitetura adaptada às condicionantes climáticas tropicais dominantes na antiga província ultramarina.[173]

Paulo Eugénio de Meneses **de Melo** Vaz **Sampaio** (1926-1968) diplomou-se em arquitetura na ESBAL em 1952[174] com o projeto para um Estádio para 6000 espectadores para a Senhora da Hora, em Matosinhos. No ano letivo de 1952-1953 frequentou o Curso de Urbanística no Politécnico de Milão, em Itália.[175] É-lhe atribuída a autoria, em parceria com o engenheiro Barbosa de Abreu, do anteprojeto da Igreja Matriz da Senhora da Hora, em Matosinhos (1953-1968).[176] Em 1954 fixou residência na Beira, cidade na qual exerceu a profissão liberal em associação com o engenheiro Lorena Birne.[177] Conquistou o prémio municipal de arquitetura Dr. Araújo de Lacerda por diversas vezes: em 1957, 1958, 1962, 1967, 1968 e 1970.[178] Em 1962 formou o GAU, Gabinete de Arquitetura e Urbanismo, em sociedade com o arquiteto Bernardino Ramalhete.[179] Trabalhou para diversos serviços públicos: como professor no Liceu Pero de Anaia, como consultor-técnico das câmaras municipais de Vila Pery e de Porto Amélia e como membro da Comissão de Trânsito do município da

173 "Já contava com a pergunta e acho absolutamente necessário e indispensável que se imponha na Província uma arquitetura de feição tropical, mas nunca a chamada *Arquitetura Portuguesa* porque as condições do meio é que nos impõem a arquitetura.
(...) Se nós fossemos construir no Pólo Norte teríamos pretensões também de ir lá implantar aquilo a que chamam *Arquitetura Portuguesa*? Os esquimós certamente que a não aceitariam!...
É necessário que o saudosismo da *Casa Portuguesa* acabe em África e que se faça arquitetura africana; disso é que nós precisamos!" Barbosa e Silva *in* DM, 1955-08-26: 3.

174 *Notícias*, 1958-07-02: 6.

175 Magalhães; Gonçalves, 2009: 200.

176 "O projeto para sua construção foi da autoria do arquiteto Paulo de Melo Sampaio e orientado pelo engenheiro Barbosa de Abreu, que em 13 de Fevereiro de 1953 recebeu vinte mil escudos de honorários da Comissão Fabriqueira da Paróquia da Senhora da Hora, relativo ao anteprojeto da futura Igreja da Senhora da Hora.
Segundo dados cedidos pelo Senhor Bispo D. Manuel Martins, este anteprojeto destinava-se a ser empregue na construção da nova igreja de Cedofeita, mas não foi aprovado devido à sua altura, que não estava de acordo com o traçado arquitetónico da capela românica de Cedofeita, que lhe está próxima, assim como com a arquitetura paisagística em seu redor." http://www.paroquiasenhoradahora.pt.

177 "O projeto, em suas linhas modernas, é da autoria do novel engenheiro Paulo de Melo Sampaio, que ao lado do Sr. Eng.º Lorena Birne trabalha nesta cidade e que, com os arquitetos Garizo do Carmo e Francisco José de Castro, é um dos apreciáveis valores novos com que a cidade conta." *DM*, 1955-02-12: 1, 5.

178 Magalhães; Gonçalves, 2009: 201.

179 Milheiro, 2010: 32.

Beira. Foi ainda, entre 1962 e 1967, diretor do Centro de Cultura e Arte da Beira.[180] Morreu em 1968 em Lisboa de doença súbita declarada no retorno de uma viagem à América do Norte.[181] De acordo com os pressupostos definidos Paulo de Melo Sampaio deve incluir-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses: embora tenha concluído o curso em 1953 iniciou imediatamente a prática profissional e tinha já obra significativa em meados da década.

A obra arquitetónica e urbanística de Paulo de Melo Sampaio foi informada pela racionalidade das formas e dos princípios que norteiam a arquitetura do Movimento Moderno internacional, principalmente pela sua matriz de origem europeia apesar das frequentes referências à moderna arquitetura brasileira. Os seus edifícios de programa infraestrutural geram-se racionalmente pela resolução das condicionantes que envolvem e que informam o projeto de arquitetura:[182] volumes elementares de elegante proporção e arestas bem definidas, superfícies cromaticamente trabalhadas - frequentemente incorporando murais ou padrões geométricos -, integração no desenho do edifício da expressão dos elementos construtivos, otimização e afirmação exterior da organização funcional, assimétrica disposição dos espaços internos, utilização de materiais estandardizados, recurso a mecanismos e sistemas para adaptação dos edifícios às condicionantes específicas do clima tropical.

A produção arquitetónica de Paulo de Melo Sampaio abrange os mais variados programas e escalas, da decoração de espaços comerciais ao desenho de planos de urbanização. Os seus clientes são maioritariamente particulares embora tenha encomendas pontuais para organismos oficiais como câmaras municipais, caminhos-de-ferro ou a Direção do Serviço de Obras Públicas. A sua obra, já de grande dimensão no início da década de 60, amplia-se exponencialmente com a formação do GAU – que após a sua morte em 1968 muda a sua designação para GAUD, Gabinete de Arquitetura, Urbanismo e Decoração. Para além das obras em território moçambicano, com especial relevo para o grande número de edifícios

180 Magalhães; Gonçalves, 2009: 201.
181 Albuquerque, 1998: 125; Magalhães; Gonçalves, 2009: 201.
182 Albuquerque, 1998: 123.

projetados para as cidades da Beira e de Vila Pery, desenhou ainda pavilhões de feira para a Itália e para o Maláui.

Fernando Augusto **de Sousa** (1913-1996) esteve matriculado na ESBAP entre 1933 e 1949.[183] Concluiu o curso de arquitetura com um projeto de CODA para os Açores com o título *Casa de trabalho no Nordeste da ilha de S. Miguel*, prova entregue em Dezembro de 1948.[184] Fernando de Sousa deve ser incluído na terceira geração de arquitetos portugueses.

Permanecem grandemente desconhecidas a biografia e a produção arquitetónica de Fernando Sousa. Esta última carateriza-se, segundo os escassos elementos a que tivemos acesso, pela sua ortodoxa filiação no *Estilo Internacional* do segundo pós-guerra.[185]

Fernando Eurico Dias da Costa (n.1922) esteve matriculado na ESBAP entre 1943 e 1953.[186] Concluiu o curso com o projeto de CODA para a Covilhã com o título *Uma Habitação*, entregue em Dezembro de 1952[187] e publicado em 1955 pela revista *A Arquitectura Portuguesa e cerâmica e edificação* num artigo dedicado aos trabalhos dos alunos da ESBAP.[188] Enquanto membro do ODAM participou na Exposição do Ateneu Comercial do Porto de 1951 com o estudo para um bloco residencial elaborado em parceria com João José Tinoco - eventualmente o trabalho para Aveiro a que se refere António Matos Veloso (n.1921).[189] Em conjunto com Anselmo Gomes Teixeira (n.1924) e Mário Nunes de Almeida (n.1924) desenhou o Pavilhão da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes na Feira Popular do Porto publicado na revista *Arquitetura* em 1952.[190] Em Janeiro de 1956,

183 http://arquivo.fba.up.pt.
184 CDFAUP, CODA n.° 93.
185 Ferreira, 2006: 107.
186 http://arquivo.fba.up.pt.
187 CDFAUP, CODA n.° 110.
188 *AAP*, 1955-09/12: 30.
189 Veloso; Fernandes; Janeiro, 2008: 105.
190 *Arquitectura*, 1952-11: 3.

após uma passagem por Lourenço Marques,[191] ocupava o cargo de diretor da Escola Técnica Elementar de Nampula,[192] função que ainda exercia em Setembro de 1959.[193] Em 1956 foi nomeado para a comissão responsável pelo estudo e execução das decorações das ruas e avenidas de Nampula por ocasião da visita do chefe do Estado.[194] Regressou a Portugal no início da década de 60 em consequência do eclodir da guerra colonial em Angola.[195] Segundo os parâmetros definidos Fernando Eurico deve situar-se entre os componentes da terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

A sua escassa produção arquitetónica moçambicana carateriza-se por uma ortodoxa aplicação dos princípios do Movimento Moderno e pela utilização de uma linguagem que se inscreve no reportório formal internacional do segundo pós-guerra, ambas patentes na justificação e no desenho da sua prova de CODA.[196]

João José de Brito **Pinho da Cruz** esteve matriculado na ESBAP entre 1945 e 1954.[197] Concluiu o curso de arquitetura com um trabalho de CODA para Vila Nova de Foz Côa com o título *Habitação no Alto Douro*, projeto entregue em Dezembro de 1953.[198]

Da produção arquitetónica de Pinho da Cruz apenas temos registo, para além da sua participação num jantar de confraternização dos colaboradores da Exposição das Atividades Económicas de Moçambique,[199] dos seus projetos para a referida exposição e para o recinto

191 "Artista de muito valor, expoente da moderna geração de arquitetos (...) Fernando Eurico deu já em Lourenço Marques suficientes provas (...)." *Notícias*, 1956-01-01: 6.

192 *Notícias*, 1956-01-01: 6.

193 *BGU*, 1959-11/12: 41.

194 *Notícias*, 1956-05-07: 7.

195 ALBUQUERQUE, 1998: 75, 117.

196 "(...) até agora só tem sido possível falar e materializar uma Arquitetura que sendo Contemporânea, não o é Moderna, e só o tem sido possível também, em determinados sectores e ocasiões.
(...) O programa proposto mostrava-nos a necessidade de considerarmos uma habitação que visasse uma solução clara, simples e perfeitamente arrumada.
(...) Construtivamente trata-se duma solução mista de paredes de alvenaria e pilares e vigas de betão armado, formando pórticos que servem de apoio aos pavimentos de tijolo vazado, e a cobertura que será constituída por madres de betão e depois revestida com chapa de alumínio." *RA*, 1987-10: 36.

197 http://arquivo.fba.up.pt.

198 CDFAUP, CODA n.º 123.

199 *Notícias*, 1956-08-16: 13.

de entrada no Estádio de patinagem e basquetebol do Clube Ferroviário de Moçambique em Lourenço Marques (1962), no qual revela claras influências da arquitetura moderna do Brasil.[200]

Maria Carlota de Carvalho e **Quintanilha** (n.1923) formou-se em arquitetura pela ESBAP com a prova de CODA, entregue em Maio de 1953, com o título *Um jardim infantil* para Vila de Rei.[201] Em 1952 é professora no Liceu Nacional Rainha Santa Isabel, no Porto.[202] Casada com João José Tinoco partiu com ele para Angola em 1953. Nesta província projetaram dois blocos de habitação coletiva para a antiga cidade de Sá da Bandeira, atual Lubango. Em Outubro de 1955 encontrava-se já em Lourenço Marques[203] apresentando o anteprojeto do Pavilhão da Agricultura numa reunião preparatória da Exposição das Atividades Económicas de Moçambique.[204] Como presidente de Artes Plásticas integrou em 1957 os corpos gerentes do Núcleo de Arte de Lourenço Marques.[205] Foi professora em diversos estabelecimentos do ensino oficial: Escola Industrial, Escola Comercial, Escola Preparatória do Ensino Secundário General Joaquim José Machado, Escola Preparatória Feminina de Lourenço Marques e Liceu de António Enes. Trabalhou em parceria com o seu marido e, a partir de meados da década de 60, com outros colegas, tendo regressado a Portugal no início da década de 70.[206] De acordo com os pressupostos cronológicos definidos – embora tenha concluído o curso em 1953 iniciou imediatamente a prática profissional e tem já obra significativa no início da década -, Maria Carlota Quintanilha deve incluir-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos portugueses.

200 *BPCFTM*, 1962-11: 14-15.
201 CDFAUP, CODA n.° 131; RA, 1987-10: 46.
202 Milheiro, 2011: 21.
203 Milheiro, 2011: 21.
204 "Para apreciação e aprovação dos anteprojetos apresentados pelos arquitetos encarregados da planificação das zonas respeitantes às Secções 9.ª – Algodão, 10.ª – Sisal, 11.ª – Copra, 12.ª – Açúcar e Álcool, 13.ª – Chá, 14.ª – Arroz, 15.ª – Cereais, 16.ª – Citrinas e Bananas e 17.ª – Tabaco, reuniram-se ontem os vogais da Comissão Executiva da Exposição das Atividades Económicas, tendo sido (...), aprovados os respetivos anteprojetos, tendo a arquiteta Maria Carlota Tinoco sido felicitada pelo trabalho apresentado." *DM*, 1955-10-11: 7, 4.
205 *Notícias*, 1957-01-17: 10.
206 Milheiro, 2011: 21.

É difícil avaliar a contribuição de Maria Carlota Quintanilha à conceção dos projetos que realizou em colaboração com outros arquitetos: na sua prova de CODA revelou influências da obra de Le Corbusier[207] enquanto nos projetos realizados em parceria com João José Tinoco se detetam evidentes referências linguísticas à moderna arquitetura da América Latina, nomeadamente à moderna arquitetura brasileira.

A sua produção arquitetónica moçambicana efetuada em colaboração com o seu marido compreende principalmente, mas não exclusivamente, projetos habitacionais (moradias unifamiliares e blocos de habitação coletiva), edifícios de equipamento público e planos de urbanização, estes últimos desenhados para a Direção do Serviço de Obras Públicas. Autonomamente de João José Tinoco projetou, possivelmente entre 1966 e 1972,[208] a estância de repouso do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e Indústria, na Namaacha, e um conjunto de infraestruturas para o Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique.[209]

João José Cerqueira de Matos e Silva **Tinoco** (1924-1983) esteve matriculado na ESBAP entre 1943 e 1953.[210] Concluiu o curso de arquitetura com a prova de CODA com o título *30 casas em ala contínua*,[211] projeto que entregou em Maio de 1952.[212] Foi membro da Organização dos Arquitetos Modernos tendo participado com um estudo para um bloco residencial na exposição de arquitetura do grupo realizada no Ateneu Comercial do Porto em Junho de 1951.[213] No mesmo ano foi delegado do ODAM ao Congresso Internacional

207 Fernandes, 2011: 351.

208 Milheiro, 2011: 23.

209 "IIAM (Instituto de Investigação Agronómico de Moçambique):
Sede - estudo urbanístico da zona; adaptações, ampliações e alterações nos edifícios.
Casa-Tipo e anexos tipo adaptáveis às possíveis variações de programa do grupo familiar ou de trabalho e localização dos vários campos experimentais de Moçambique." Quintanilha, [19??].

210 http://arquivo.fba.up.pt.

211 "Não há no nosso projeto falseamentos da tradição arquitetónica, à maneira de tantas construções similares ultimamente realizadas por organismos oficiais, em que para a obtenção de um efeito mais ou menos cenográfico se sacrifica tudo, mas outrossim uma observância constante das boas regras da construção regional e das condições de habitabilidade..." João José Tinoco, 1952, *in RA*, 1987: 41.

212 CDFAUP, CODA n.º 117.

213 Barbosa, 1972: 21, 139.

dos Arquitetos Modernos de Londres.[214] Em colaboração com Fernando Eurico projetou o Pavilhão das Atividades do Palácio de Cristal para a exposição *20 anos de Obras Públicas* (c.1948) e um bloco residencial para Aveiro.[215] Com António Matos Veloso participou em 1950 no concurso da Lusalite para um pavilhão de praia - proposta classificada em 2.º lugar -, cujos resultados foram publicados na revista *Arquitetura* em 1951.[216] A solo projetou uma habitação unifamiliar para S. Pedro de Moel (1952).[217] Foi consultor da Câmara de Pombal entre 1951 e 1953.[218] Neste último ano partiu para Angola com a sua mulher, Maria Carlota Quintanilha, com quem projetou dois edifícios habitacionais para a antiga cidade de Sá da Bandeira, atual Lubango. Foi também arquiteto-chefe da Brigada Técnica do Cunene do Gabinete de Urbanização do Ultramar e desenhou a central elétrica da Barragem do Biópio.[219] Estabeleceu-se em Lourenço Marques no final de 1955 ou no início de 1956,[220] ano em que começou a lecionar no curso de construção civil da Escola Mouzinho de Albuquerque, prática que exerceu até 1959. Como representante dos arquitetos foi vogal, entre 1967 e 1969, do 1.º Conselho Técnico de Obras Públicas de Moçambique.[221] Exerceu a profissão liberal em Lourenço Marques a solo ou em colaborações pontuais com Maria Carlota Quintanilha, Alberto Soeiro, António Matos Veloso - a partir de 1966 -, António Quadros (1924-1983), José Joaquim Dias (n.1932), José Bruschy (n.1935) e José Forjaz (n.1936). Em sociedade com António Matos Veloso e Octávio Rego Costa e com a permanente colaboração dos artistas plásticos António Quadros e Jorge Mealha formou, no início em 1972, o Atelier A121. O escritório tinha a sua sede numa das casas que projetou na Rua Rui de Pina, 121, atual Rua dos Cronistas. Por motivos de saúde afastou-se gradualmente do escritório laurentino.

214 Fernandes, 2002: 16.
215 Veloso; Fernandes; Janeiro, 2008: 103.
216 *Arquitectura*, 1951-05: 11-12.
217 Veloso; Fernandes; Janeiro, 2008: 35-37.
218 Tomás, 2003: 5.
219 Veloso; Fernandes; Janeiro, 2008: 37.
220 "João José Tinoco. Permanência na Província aproximadamente desde o início ou limiar do corrente ano de 56. Exerceu a sua atividade na cidade do Porto e na Província de Angola, nas obras do Fomento do Vale do Cunene." *Notícias*, 1956-06-05: 1, 7.
221 Fernandes, 2002: 16.

Em 1977 estava definitivamente estabelecido em Lisboa.[222] De acordo com os pressupostos cronológicos definidos João José Tinoco deve englobar-se entre os profissionais da terceira geração de arquitetos modernos: embora tenha concluído o curso em 1952 iniciou imediatamente a prática profissional e tem já obra significativa no início da década de 50.

A sua obra carateriza-se por uma constante atualização de linguagens sobre uma base teórica de aparência estável, conscientemente informada pelos princípios e métodos arquitetónicos do Movimento Moderno internacional, principalmente pelo pensamento e obra de Le Corbusier. João José Tinoco assumiu o caráter transnacional e progressivo da arquitetura moderna bem como a sua potencialidade para transformar das condições de vida das populações e da paisagem urbana das cidades africanas em acelerado desenvolvimento, com especial incidência nas antigas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique.[223] A linguagem dos edifícios que projetou atravessou distintas fases ao longo do período da sua permanência em Moçambique, alterando-se também em função dos arquitetos que com ele colaboraram. No seu projeto de CODA, na habitação unifamiliar para S. Pedro de Moel[224] e no pavilhão de praia do concurso Lusalite estavam já patentes as principais caraterísticas dos primeiros anos da sua obra moçambicana: organização racional e composicionalmente complexa do programa e do espaço, recurso a sistemas construtivos e materiais estandardizados, utilização de mecanismo de adaptação climática dos edifícios, influências formais da

222 Veloso; Fernandes; Janeiro, 2008: 21-31.

223 "Um surto de progresso, atingindo lodosos sectores de atividade do homem, tomou conta do imenso e *jovem* continente africano.
(...) Por toda a parte, com a conquista dia-a-dia dessas terras perdidas (...), novas perspetivas se rasgam, novas condições de vida se oferecem quer ao europeu (...) quer ao indígena (...) numa escala inteiramente nova para ambos.
Como consequência, novos aglomerados urbanos surgiram, desenvolveram-se os existentes - uns e outros numa expansão constante, solicitação do sempre crescente aumento demográfico provocado.
Por outro lado e sobretudo a seguir à segunda guerra mundial, uma política salutar tem vindo a ser posta em prática pelos governos dos territórios africanos quer no que respeita ao urbanismo quer mesmo à arquitetura. Deste modo, já pela mão dos governos já por iniciativa particular, a verdadeira arquitetura, expressão viva da época que vivemos, foi surgindo por toda a África, de norte a sul, numa afirmação clara de que deixou de ser considerada artigo de luxo!
É a Arquitetura Moderna um combinado técnico (estrutura, função), arte (forma).
(...) Em contrapartida, a Arquitetura Moderna quase se pode considerar oficializada nos países das Américas do Sul e Central onde (...) é produzida arquitetura de superior qualidade, em África, particularmente no norte, e até na longínqua Austrália (...).
As províncias portuguesas de África foram (...) atingidas por esse rejuvenescimento geral da arquitetura. Nas suas principais cidades essa tendência tem-se feito sentir de tal modo que já lhes começa a imprimir nova feição, quer pela traça dos novos edifícios quer pelo seu colorido (...)." João José Tinoco, 1958, *in* Tomás, 2003: 7.

224 Veloso; Fernandes; Janeiro, 2008: 35-37

arquitetura da América Latina, nomeadamente da plasticidade da moderna arquitetura brasileira. A linguagem dos edifícios de João José Tinoco transformou-se durante a década de 60 e 70 incorporando influências diversas que se reportam ao brutalismo inglês, à arte pop, a Louis Kahn ou à arquitetura do regionalismo crítico posterior à publicação do *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal.* Como atrás referido Fernando Mesquita, Pancho Guedes e João José Tinoco foram as três personalidades mais marcantes da arquitetura de Lourenço Marques no terceiro quartel do século XX.[225]

A enorme produção arquitetónica de João José Tinoco, realizada no seu escritório particular autonomamente dos organismos oficiais, abrange todos os tipos de programas e escalas: do desenho de espaços comerciais ou dos pavilhões efémeros para feiras e exposições aos edifícios de equipamento coletivo e aos planos de urbanização, passando por um sem número de habitações unifamiliares e edifícios plurifamiliares. Estes trabalhos são-lhe encomendados por diversos tipos de clientes - particulares, grandes empresas, instituições privadas e organismos oficiais -, para localidades do território moçambicano e dos países vizinhos da África do Sul e da Rodésia do Sul, atual Zimbabué.

Jorge Afonso **Garizo do Carmo** (1927-1997) esteve matriculado no Curso de Arquitetura da ESBAP entre 1946 e 1948.[226] Em 1947 participou no concurso para uma casa de férias no Alto Rodízio, cujos resultados foram publicados pela revista arquitetura *Arquitetura* em 1948.[227] Jorge Garizo do Carmo foi aluno de pintura dos mestres Joaquim Lopes e Dórdio Gomes. Fez parte dos Independentes do Porto e participou nas exposições do grupo, assim como na 4.ª Exposição de Arte Moderna, promovida em 1948 pelo Secretariado Nacional de Informação. Frequentou o curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Grenoble e estudou cerâmica na Escola de Belas Artes de Toulouse. Concluiu o curso de arquitetura na Escola de Belas Artes de Paris enquanto, em simultâneo, estudava pintura e

225 Opinião transmitida pelo arquiteto José Forjaz em 4 de Abril de 2012.
226 http://arquivo.fba.up.pt.
227 *Arquitectura*, 1948-05/06: 14.

gravura na Académie de la Grande Chaumière. Entre 1950 e 1952 foi bolseiro do governo francês na Manufacture Nationale de Sèvres tendo realizado uma exposição individual de cerâmica na Casa de Portugal, em Paris. Ainda em Paris dedicou-se às artes gráficas trabalhando em cartazes. Após regressar a Portugal em 1954 dirigiu uma secção de cerâmica artística na Fábrica de Loiça de Sacavém e expôs cerâmica na Sociedade Nacional de Belas Artes e cartazes na Galeria Artes e Letras e.

Em Moçambique viveu na cidade da Beira e em Lourenço Marques, dedicando-se principalmente à decoração e às artes plásticas: cerâmica, escultura, pintura e artes gráficas. Realizou diversas exposições individuais e coletivas em Lourenço Marques, Joanesburgo e Lisboa. Temos notícia da exposição de peças de cerâmica e de cartazes no salão do edifício dos Organismos Económicos de Lourenço Marques,[228] em 1955, assim como da orientação de cursos de cerâmica e escultura no Núcleo de Arte da mesma cidade a partir de 1957.[229] É da sua autoria o monumento erguido em 1959 no Largo Artur Brandão, em frente ao Grande Hotel da Beira.[230] Em meados de 1960 apresentou à Comissão Provincial das Comemorações Henriquinas, em Lourenço Marques, a maqueta do seu estudo para o Monumento ao Infante D. Henrique a erguer na Avenida Central do Macúti, atual Avenida Francisco Matange, na Beira.[231] No mesmo ano foi escolhido para realizar um painel decorativo - um baixo-relevo policromático de 4 por 5 metros -,[232] para o átrio principal do novo edifício dos Arquivos Nacionais da Federação das Rodésias e Niassalândia, em Salisbúria,

228 "L. Marques, 25 – O Secretário Geral da Província (...) inaugurou hoje (...) no Salão dos Organismos Económicos, a exposição de Jorge Garizo do Carmo, constituída por 57 peças de cerâmica feitas em Sèvres, Paris e Sacavém e por 44 cartazes." *DM*, 1955-07-26: 8.

229 *Notícias*, 1957-03-09: 12.

230 *Notícias*, 1959-10-18: 5.

231 *DM*, 1960-05-27: 9.

232 *DM*, 1960-10-15: 5.

atual Harare.[233] Desenhou o monumento aos Pioneiros, escultura colocado em 1961 numa rotunda à entrada de Vila Pery.[234] Foi professor do quadro do Ensino Técnico Profissional, chefe da Seção de Turismo[235] e adjunto de Propaganda e Informação[236] da Câmara Municipal da Beira, para além de redator-paginador de jornalismo.[237]

Embora lhe seja referida o exercício da arquitetura em Moçambique não lhe conhecemos a autoria ou coautoria de nenhum projeto específico. No entanto contribuiu de forma decisiva através de painéis, murais e esculturas para a qualidade formal das obras de outros profissionais seus contemporâneos. Para além da autoria das decorações do *Dominó* e do novo bar do Hotel Polana, em Lourenço Marques - provavelmente em colaboração com Pancho Guedes, com quem manteve estreita cooperação -,[238] sabemos que participou nas seguintes obras: Cinema Cine-Teatro São Jorge, Beira (1952-1954), Casas António Duarte, Beira (1952-c.1957), Igreja da Manga, Beira (1954-1957), filial de Lourenço Marques do Banco Nacional Ultramarino (1954-1964), Paço Episcopal de Quelimane (1955-p.1956), Hotel Embaixador, Beira (1955-1958), dependência de Vila Pery do Banco Nacional Ultramarino (1955-1959, não executado o painel previsto), Cine-Teatro Águia, Quelimane (a.1955-1958),

233 "Jorge Garizo do Carmo proporcionou-nos um encontro com o autor do projeto, o jovem arquiteto rodesiano Osric Hawke (...). (...) Enquanto trabalhava no projeto, Hawke fez uma visita à Beira e ali deparou com dois trabalhos de Garizo do Carmo que o impressionaram vivamente pela identidade de princípios e de ideais com os seus próprios. Tanto no *Memorial* em frente do Grande Hotel (...), como nas pinturas murais do Clube da Beira, encontrou ele os motivos que informam o trabalho da moderna geração de artistas rodesianos: uma forte tradição africana interpretada plasticamente em arte moderna.
(...) Ao entrar no magnífico edifício, a pintura mural assinada por Garizo do Carmo, numa feliz estilização das máscaras tradicionais africanas, será um símbolo da colaboração amiga dos dois territórios e da cultura comum (...)." Silva Ramalho *in DM*, 1960-12-12: 11.

234 "*Aqueles que foram Pioneiros e Heróis a homenagem dos que pretendem continuá-los*.
Tal é a legenda, inscrita a letras de cobre, que se há-de ler no monumento, de 12 metros de altura, que acima se reproduz.
Concebido por Garizo do Carmo e oferecido à população, através da Exposição-Feira das Atividades do Chimoio, pela firma M. Antunes, Limitada, o monumento ficará implantado na rotunda junto à estrada internacional, na entrada poente de Vila Pery.
O bloco de granito pesa 20 toneladas e foi extraído, inteiro, de uma das pedreiras que aquela firma explora nesta localidade.
Vai-se proceder ao arranjo urbanístico da aludida rotunda, prevendo-se que o monumento receba iluminação indireta.
A Vila ficará, assim, enriquecida com a sua primeira obra de arte, num expressivo louvor à epopeia da nossa fixação naquelas terras, no ano em que, por uma iniciativa feliz e de real projeção, se vai inaugurar a 1.ª Exposição-Feira das Atividades do Chimoio." *DM*, 1961-07-19: 6.

235 *Notícias*, 1958-08-13: 5, 6.

236 "Foi contratado para o lugar de adjunto de Propaganda e Informação da Câmara Municipal da Beira, o Sr. Jorge Afonso Garizo do Carmo, único candidato ao concurso aberto pela Câmara, para este lugar." *DM*, 1961-05-21: 11.

237 http://pinturanagaleria.blogspot.pt.

238 *Notícias*, 1958-08-13: 6.

Exposição das Atividades Económicas de Moçambique, Lourenço Marques (1955-1956), equipamentos no Parque Municipal da Manga, Beira (c.1957-c.1960), Estação Central da Beira (1957-1966), estabelecimento da firma Lopes & Ramos, Beira (a.1958) e Sociedade de Estudos de Lourenço Marques (1962-c.1964).

Nuno Jorge **Megre Pires** (c.1929) nasceu em Lourenço Marques e regressou à sua cidade natal em Janeiro de 1956.[239] Candidatou-se ao concurso aberto no final de 1955 para o lugar de arquiteto da Câmara Municipal da Beira - tendo sido admitido ao concurso em conjunto com Bernardino Ramalhete e Bernardino Hostílio Barandas Fonseca.[240]

A escassa produção arquitetónica moçambicana que dele conhecemos carateriza-se pela sua inscrição na linguagem da arquitetura do Movimento Moderno do segundo pós-guerra.

Bernardino Carlos Vareta **Ramalhete** (n.1921) esteve matriculado na ESBAP entre 1945 e 1954.[241] Entregou em Dezembro de 1953 o projeto de CODA para a cidade do Porto com o título *Unidade comercial-social para BCE da Marechal Gomes da Costa* .[242] Ainda estudante ingressou como desenhador no gabinete das Edificações Urbanas da Câmara Municipal do Porto no qual continuou a trabalhar depois de formado. Nesta estrutura camarária colaborou com os arquitetos Carlos Ramos (1897-1969), Fernando Távora (1923-2005) e Almeida de Eça e com o urbanista Robert Auzelle (1913-1983).[243] Em 1956 foi admitido ao concurso aberto no ano anterior[244] para o lugar de arquiteto da Câmara Municipal da Beira,[245] cidade na qual se instalou em 1957.[246] Nessa função foi responsável pela montagem do Gabinete

239 "De Lisboa, chegou de avião o Sr. arquiteto Megre Pires, que vem fixar residência em Lourenço Marques, terra da sua naturalidade." *Notícias*, 1956-01-24: 10.
240 *Notícias*, 1956-04-04: 5.
241 http://arquivo.fba.up.pt.
242 CDFAUP, CODA n.º 132.
243 Milheiro, 2010a: 33.
244 *Notícias*, 1956-04-04: 5.
245 "Na última sessão da Comissão Municipal da Beira, sob proposta do Presidente (...), foi aprovada a criação de um lugar de arquiteto a preencher por concurso e mediante o respetivo concurso que vai ser aberto." *DM*, 1955-09-11: 9.
246 *Notícias*, 1957-08-15: 5.

do Plano de Urbanização[247] e o principal responsável pela criação e coordenação da equipa de arquitetos que projetou a Estação Central da Beira. Dirigiu a Seção de Artes Plásticas do Centro de Arte de Manica e Sofala, em organização no início de 1959.[248] Em 1960 deixou a Câmara Municipal da Beira para se dedicar à profissão liberal tendo formado em 1962 o GAU, Gabinete de Arquitetura e Urbanismo, em sociedade com o arquiteto Paulo de Melo Sampaio. Em 1968, após a morte de Sampaio, o arquiteto Naia Marques tornou-se sócio do GAU, escritório que muda a sua designação para GAUD, Gabinete de Arquitetura, Urbanismo e Decoração.[249] A sociedade entre os dois durou até 1974, ano em que Bernardino Ramalhete regressou a Portugal. De acordo com os pressupostos definidos - e embora tenha nascido antes do período cronológico respetivo -, Bernardino Ramalhete deverá enquadrar-se na quarta geração de arquitetos modernos portugueses.

Bernardino Ramalhete recusa atualmente qualquer afinidade com a moderna arquitetura brasileira – embora tenha pessoal simpatia por Óscar Niemeyer ou Afonso Reidy -, assumindo antes Mies van der Rohe como o seu ídolo arquitetónico, a principal influência na sua obra. Refere ainda Le Corbusier, Eero Saarinen e Alvar Aalto como os principais arquitetos modernos que marcaram o seu trabalho.[250] Numa segunda leitura da sua obra realizada a partir da observação dos exemplos que projetou detetam-se influências dos valores apreendidos com a realização e publicação do *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* (1955-1961). Encontram-se também referências, que o próprio autor não assume, aos movimentos arquitetónicos surgidos após a crítica ao funcionalismo efetuada nos últimos CIAM dos anos 50: aos brutalistas ingleses, ao neo-liberty italiano ou à obra de Louis I. Kahn.[251]

A sua produção arquitetónica foi realizada para os serviços camarários da Beira, para os Serviços de Obras Públicas do governo provincial e para clientes do setor privado e dos orga-

247 Milheiro, 2010a: 33.

248 *Notícias*, 1959-02-20: 5.

249 Milheiro, 2010a: 32.

250 "É curioso mas eu acho que fui muito influenciado pelo Mies. O Mies para mim era um Deus. Mas não sei em medida é que ele influenciou as minhas coisas. (...) Não sei se ele guiou a mão para alguma coisa. O Mies é o ídolo. E naturalmente o Corbu (...). E há outros que eu admirava muito, o Saarinen (...), o Alvar Aalto (...)." Bernardino Ramalhete *in* Ramalhete, 2011-12-29.

251 Albuquerque, 1998: 127, 129.

nismos oficiais - uma intensa atividade que abarcou as mais diversas escalas e programas. Nesta vasta produção arquitetónica avultam os empreendimentos de grande dimensão, geograficamente localizados no centro e norte do território moçambicano, numa divisão de encomendas acordada com João José Tinoco.[252] Projetou ainda em países limítrofes de Moçambique como na Rodésia, atual Zimbabué, ou no Maláui. Sedeado na Beira o GAUD era, na altura da revolução de 1974, um dos maiores escritórios de arquitetura e urbanismo de Moçambique.[253]

Marcos João Garcia de **Miranda Guedes** (1924-2001) entregou na ESBAP, em Dezembro de 1952, o seu projeto de CODA para Sarrazola com o título *Construção de um grupo de 40 casas em ala contínua*.[254] Foi colaborador do arquiteto José Gomes Bastos no seu escritório em Lisboa tendo aí trabalhado no projeto da filial do BNU em Lourenço Marques. Já após a sua mudança para Moçambique, que concretizou em 1958 por falta de trabalho na metrópole,[255] José Gomes Bastos encarregou-o da fiscalização das obras de construção do edifício do BNU, tarefa que nunca chegou a concretizar por falta de solicitação das estruturas locais do banco.[256] Em Lourenço Marques foi professor efetivo na Escola Industrial Mouzinho de Albuquerque e exerceu a profissão liberal, quase sempre em parceria com

252 "A certa altura eu e o Tinoco fizemos um pacto: eu não projetava abaixo do Pungué, abaixo da Beira, só a norte, e ele na minha área também não projetava." Bernardino Ramalhete *in* RAMALHETE, 2011-12-29.

253 MILHEIRO, 2010a: 32.

254 CDFAUP, CODA n.º 115.

255 ALBUQUERQUE, 1998: 75.

256 "Em relação ao contrato existente para a execução do projeto da filial do B.N.U. em Lourenço Marques venho indicar o nome do meu colega, Marcos Garcia Miranda Guedes, para meu adjunto local, com a função de dar a assistência que se tomar indispensável. (...) O arquiteto indicado é pessoa da minha maior confiança tanto pessoal como profissional, tendo trabalhado, quando em Lisboa, no meu atelier na elaboração do projeto da referida filial." José Gomes Bastos *in* "Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Rua do Comércio – Lisboa". Lisboa, 9 de Março de 1959 (AHCGDFBNU); "Em relação à obra da nova filial do B.N.U., venho solicitar a V. Exa. que se digne mandar suspender o pagamento de 3.000$00 mensais que por minha ordem vinha sendo creditado em conta do meu colega Marcos Miranda Guedes, meu adjunto.
Este meu colega sempre se prestou a executar qualquer serviço, para que fosse solicitada a sua presença ou a sua colaboração. Constatei, no entanto, que tendo sido essa nomeação efetuada para dar satisfação ao Sr. Delegado Permanente que assim julgava mais eficiente e fundamentado o exercício do seu cargo, nunca a este meu colega foi solicitado qualquer parecer ou opinião." José Gomes Bastos in *Exmo. Senhor João Neves Raposo de Magalhães Digmo. Director do Banco Nacional Ultramarino – Lourenço Marques*. Lourenço Marques, 18 de Junho de 1961 (AHCGDFBNU).

Octávio Pó, autor que só após a revolução se diplomou em arquitetura.[257] Voltou a Portugal no final de dezasseis anos de estadia em Moçambique. De acordo com os critérios definidos Marcos Miranda Guedes deve ser incluído entre os componentes da quarta geração de arquitetos modernos portugueses.

A obra moçambicana de Marcos Miranda Guedes, a solo ou em conjunto com Octávio Pó, caraterizou-se por uma ortodoxa aplicação dos princípios e formas da arquitetura do Movimento Moderno internacional - filiação já patente no seu projeto de CODA -,[258] aos quais se irá manter fiel nos projetos que executou para edifícios de serviços ou de habitação. Nas edificações de função infraestrutural que projetou ao longo da década de 1960 introduziu elementos formais que atualizam a sua arquitetura em relação às correntes arquitetónicas dominantes após a crítica ao funcionalismo dos últimos CIAM,[259] numa consciente busca de uma maior liberdade plástica e expressiva no interior da teorização moderna.[260]

A vasta produção arquitetónica de Marcos Miranda Guedes e Octávio Pó consistiu principalmente em edifícios encomendados pela iniciativa privada, maioritariamente de programa habitacional – habitações unifamiliares ou grandes blocos plurifamiliares –, predominantemente construídos na capital da antiga província. Pela sua grande quantidade e qualidade

257 Albuquerque, 1998: 79.

258 "Procuramos adaptar às necessidades reais e à capacidade económica do operário a presente habitação, considerada tecnicamente como habitação mínima.
(...) Não pretendemos, com esta medida, casa pequena ou pobre, mas a simples redução de espaço habitável numa profunda reforma técnica e económica da habitação, a racionalização de todos os processos vitais que correspondem ao conceito *habitar* (existência feliz, cómoda e higiénica num mínimo espaço e a um baixo custo)." Marcos Miranda Guedes *in RA*, 1987-10: 41.

259 Albuquerque, 1998: 157.

260 "Não tenho relações especiais com qualquer tipo de arquitetura. Aceito-a como corrente dentro de uma evolução à procura permanente de soluções novas a caminho de uma liberdade plástica.
Considero a arquitetura contemporânea de caraterísticas dinâmicas, de tendências abstratas a partir de soluções funcionais surgindo da base tecnológica com caraterísticas plásticas fortemente vigorosas à base de betão armado empregue racionalmente, e despido de qualquer revestimento aparecendo-nos com a sua pureza.
(...) Para o caso de Moçambique, no que se refere especialmente às classes manos favorecidas importa resolver o problema habitacional dentro do critério referido e por baixo custo, recorrendo à normalização (...).
(...) O arquiteto vive intimamente ligado à sociedade como homem e como profissional (...). Nestas circunstâncias o seu papel na sociedade reveste-se de importância pela sua colaboração no desenvolvimento urbano, nas condições de vida e na formação estética dos seus habitantes.
(...) O arquiteto está ligado ao seu cliente e cada uma das suas obras é a realização de um programa determinado, não (...) pela reação da sua sensibilidade às circunstâncias que o rodeiam ou pela visão criadora, mas sim pelas necessidades de ordem prática e pelo desejo de outrem." Marcos Miranda Guedes *in Tempo*, 1972-06-25: 29-31.

estes edifícios informam decisivamente a fisionomia urbana de Lourenço Marques.[261]

Luís Filipe de Carvalho Pinto Coelho Castro do Vale e **Vasconcelos** (1927-2003) esteve matriculado na ESBAP entre 1949 e 1951.[262] Concluiu o curso de arquitetura na congénere de Lisboa com um projeto de CODA elaborado em Luanda e apresentado na ESBAL em Julho de 1957 com o título *Escritórios de uma Missão de Pesquisa de Petróleo*. O projeto localizava-se numa região tropical não especificada a sul do Equador, próximo de uma cidade em evolução.[263] Natural de Lourenço Marques regressou à sua cidade natal em 1958. Nela exerceu a profissão liberal enquanto, em simultâneo, trabalhava em diversas entidades oficiais e particulares: em 1958 ingressou na 1.ª Repartição da Direção dos Serviços de Obras Públicas com a específica tarefa de executar trabalhos de arquitetura para edifícios hospitalares, serviço no qual desenvolveu diversos projetos em coautoria com Francisco Assis. Em 1964 integrou o quadro privativo da Junta dos Bairros e Casas Populares do governo geral da antiga província ultramarina; entre 1968 e 1973 exerceu o cargo de arquiteto da cooperativa de habitação COOP, Sociedade de Moçambique para o Fomento da Construção de Casas; e entre 1973 e Setembro de 1975 trabalhou para a delegação de Lourenço Marques da Lisinur, Companhia de Investimentos Urbanos de Lisboa, Lda. Em 1975 regressou a Portugal. Segundo os critérios definidos Luís Vasconcelos deve integrar a quarta geração de arquitetos modernos portugueses.

A sua obra moçambicana inicialmente carateriza-se por uma ortodoxa aplicação das formas e dos princípios da arquitetura do Movimento Moderno internacional do segundo pós-guerra - como é notório no projeto de CODA no qual revela uma clara influência da obra de Le Corbusier -, evoluindo posteriormente para uma linguagem mais próxima de Alvar Aalto e do *Inquérito* e, já na transição da década de 60 para a década de 70, para a integração de elementos formais caraterísticos da cultura *pop*. No exterior dos seus edifícios encontram-se

261 Albuquerque, 1998: 157.
262 http://arquivo.fba.up.pt.
263 Espólio Luís de Vasconcelos.

frequentemente, como uma assinatura, painéis coloridos em baixo relevo com motivos abstratos, por vezes formando padrões geométricos. O seu pensamento arquitetónico denota uma ortodoxa consciência do papel missionário do arquiteto na construção da sociedade moderna.

A sua produção arquitetónica estava naturalmente vinculada às entidades para quem exerceu a profissão de arquiteto. Na Direção dos Serviços de Obras Públicas desenhou equipamentos coletivos – maioritariamente de programa hospitalar -, para Lourenço Marques e algumas capitais de distrito. Para os terrenos da COOP, localizados naquela que na altura era a periferia noroeste de Lourenço Marques, projetou diversos equipamentos de apoio e diversas tipologias habitacionais reproduzidas em grande escala: edifícios de habitação unifamiliar em banda, blocos de habitação multifamiliar e torres de apartamentos. No seu escritório projetou principalmente programas habitacionais tais como a série de moradias unifamiliares que desenhou para o bairro de Sommerschield e alguns blocos de habitação dispersos pela cidade de Lourenço Marques.[264]

João José Malato participou em 1956, formando equipa com os arquitetos Maurício de Vasconcelos (1925-1997), José Luís Tinoco (n.1932) e J. Américo d'Oliveira no Concurso para o Pavilhão de Portugal em Bruxelas cujos resultados foram publicados pela revista *Arquitectura* no ano seguinte.[265] Da sua biografia profissional pouco mais sabemos para além de que integrou a equipa de Keil do Amaral nos trabalhos de campo da Zona 3, Beiras, do Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal, e de que foi coautor, em conjunto com os arquitetos Nuno Teotónio Pereira (n.1922) e Romeu Pinto da Silva, da fase de projeto do edifício Franjinhas, em Lisboa, publicado pela revista *Binário* em 1970[266] e Prémio Valmor em 1971.

Do percurso moçambicano de João José Malato apenas registamos a sua breve passagem pela Beira - cidade na qual já se encontrava em Setembro de 1959 na receção a um grupo

264 Vasconcelos; Vasconcelos, 2011-01-23.
265 *Arquitectura*, 1957-01/02: 12-13.
266 *Binário*, 1970-11: 192-196.

de arquitetos rodesianos de visita à cidade.[267] Em Outubro do mesmo ano foi contratado para elaborar o Plano de Urbanização de Quelimane.[268] O limitado conhecimento que temos da sua participação em diversos projetos realizados em parceria com colegas seus não nos permite ainda caraterizar a sua produção arquitetónica moçambicana.

Julião Maria Gomes **de Azevedo** (n.1932) esteve matriculado na ESBAP entre 1949 e 1955.[269] Chegou à cidade da Beira em 1959 estando já presente, em Setembro desse ano, na referida receção a uma delegação de arquitetos rodesianos. Nesta cidade ingressou no ensino oficial e formou uma efémera sociedade com o arquiteto Mário Couto Jorge. Exerceu a profissão liberal durante dezasseis anos de residência no continente africano.[270] Segundo os critérios definidos Julião de Azevedo deve enquadrar-se na quarta geração de arquitetos modernos portugueses.

Como Mário Couto Jorge foi formado no ambiente académico contemporâneo da realização do *Inquérito*. A sua obra carateriza-se por estar sintonizada com a evolução dos métodos e linguagens da arquitetura portuguesa e internacional ao longo das décadas de 60 e 70.[271]

Pontuada por um período de menor atividade entre 1961 e 1964, e desenhada principalmente para clientes particulares, na sua extensa produção arquitetónica em Moçambique destacam-se os edifícios de programa habitacional, com especial relevo para os blocos de habitação coletiva.[272]

Mário Acácio **Couto Jorge** (n.1923) diplomou-se em arquitetura na ESBAP com uma prova de CODA para Aveiro com o título *Piscina e bar-restaurante*, prova entregue em Maio

267 "Na *boïte* do Hotel Embaixador foi (...) oferecido aos arquitetos rodesianos um *cocktail*, durante o qual vimos o Sr. Presidente da Câmara, arquiteto Sampaio, Ivo, Garizo do Carmo, Castro, Ramalhete, Azevedo, Malato, Mário Jorge e o Sr. Jorge Garizo, o elemento de ligação nesta visita e representantes da Imprensa." *Notícias*, 1959-09-21: 5.

268 *DM*, 1960-10-26: 9.

269 http://arquivo.fba.up.pt.

270 Albuquerque, 1998: 59, 133.

271 Albuquerque, 1998: 59, 133.

272 Albuquerque, 1998: 133, 137.

de 1958.[273] O seu nome integra a lista de componentes do grupo ODAM.[274]

Chegou à cidade da Beira em 1959, já estando presente em Setembro desse ano na referida receção a uma delegação de arquitetos rodesianos. Nesta cidade ingressou no ensino e formou uma pouco duradoura sociedade de arquitetura com o arquiteto Julião de Azevedo.[275] Com o seu projeto para a casa Jaime Vale conquistou o prémio municipal de arquitetura Dr. Araújo de Lacerda referente ao ano de 1959.[276] Mário Couto Jorge deve ser incluído, pela sua data de nascimento, na quarta geração de arquitetos modernos portugueses - embora se tenha diplomado e iniciado a atividade profissional posteriormente às balizas cronológicas definidas para esta geração.

A sua produção moçambicana, da qual temos ainda uma muito limitada informação, foi predominantemente realizada para a iniciativa privada. Carateriza-se por refletir os métodos de projeto e as linguagens da arquitetura internacional posterior à crítica do final da década de 50 ao internacionalismo funcionalista dos CIAM.[277]

De **Jorge Valente** apenas sabemos que foi para Lourenço Marques em 1959, sem ainda ter concluído o curso de arquitetura.[278] Será o mesmo Jorge Gonçalves Valente, aluno que frequentou a ESBAP entre 1949 e 1975, a que se refere o arquivo *online* da Faculdade de Belas Artes do Porto?[279]

Os edifícios que construiu em Moçambique foram, segundo sabemos, maioritariamente destinados à COOP, Sociedade de Moçambique para o Fomento da Construção de Casas. Os edifícios habitacionais que projetou, casas em banda ou torres de habitação coletiva, caraterizam-se pela sua linguagem moderna filiada no *Estilo Internacional*.

273 CDFAUP, CODA n.º 182.
274 Barbosa, 1972: 21.
275 Albuquerque, 1998: 59.
276 *DM*, 1960-05-26: 10.
277 Albuquerque, 1998: 137-141.
278 Albuquerque, 1998: 147.
279 http://arquivo.fba.up.pt.

Eduardo de Lima **Figueirinhas** Correia (n.1922) esteve matriculado na ESBAP entre 1940 e 1961.[280] Concluiu o curso de arquitetura com o projeto de CODA para Santo Tirso com o título *Posto Médico para a Federação de Caixas de Previdência*, prova entregue em Dezembro de 1960.[281]

Estabelecido em Quelimane durante o período colonial da sua obra em Moçambique apenas temos referências ao acompanhamento que realizou da obra do Complexo Comercial, Turístico e Habitacional Montegiro (1954-1966), projeto de Arménio Losa e Cassiano Barbosa para a mesma cidade, e ao anteprojeto da dependência e residências do BNU no Chinde, empreendimento que, com anteprojeto de 1973[282] e projeto entregue em meados de 1974,[283] tinha verbas para a sua construção previstas no *Plano de Obras para 1974/1975*[284] daquela instituição bancária.

Eduardo Escudeiro da **Naia Marques** (n.1935) esteve matriculado na ESBAP no ano letivo de 1956/1957.[285] Concluiu o curso de arquitetura na congénere de Lisboa em 1960, com uma tese para uma estação emissora de rádio. Ainda estudante colaborou com o pintor e *designer* Roberto Araújo (1908-1969) em projetos de pavilhões para o Fundo de Fomento de Exportação. Desenhou diversos espaços comerciais em Lisboa, entre os quais o da agência da Nordmend da firma Azevedo & Pessi, Lda. Estagiou com o arquiteto Cassiano Branco (1897-1970).[286] Em 1960 ingressou no exército sendo colocado em Tancos na Escola Prática de Engenharia. Daqui pediu transferência para a sua cidade natal, Lourenço Marques,

280 http://arquivo.fba.up.pt.

281 CDFAUP, CODA n.º 219.

282 "Para apreciação de V. Exas. vimos remeter o anteprojeto que nos foi enviado, pelo Senhor Arquiteto Eduardo de Lima Figueirinhas Correia, referente às instalações da nossa dependência no Chinde.
Dado o estado deplorável em que se encontra o edifício e a necessidade urgente de solução muito agradecíamos que V. Exas. nos dessem instruções para o prosseguimento do assunto com a possível brevidade." João Carlos Cruz de Chaby *in Sub-agência do Chinde – Projeto do novo edifício.* Lourenço Marques, 11 de Abril de 1973 (AHCGDFBNU).

283 Obras *in Diversos.* Lourenço Marques, 2 de Julho de 1974 (AHCGDFBNU).

284 João Carlos Cruz de Chaby *in Plano de Obras para 1974/1975.* Lourenço Marques, 5 de Março de 1974 (AHCGDFBNU).

285 http://arquivo.fba.up.pt.

286 Naia Marques *in Curriculum Vitae* (http://www.edanaia.com).

tendo sido colocado na 5ª Secção de Obras Militares na Beira no início de 1962.[287] Nesta cidade exerceu a profissão liberal a solo, inicialmente no escritório de Julião de Azevedo, e organizou e dirigiu uma fábrica de mobiliário para a qual desenhou vários modelos. Em 1966 é convidado para integrar o GAU de Paulo de Melo Sampaio e Bernardino Ramalhete, firma de que virá a tornar-se sócio após a morte do primeiro em 1968. Durante a sua estadia na cidade vai também ser professor no Instituto Industrial da Beira e arquiteto consultor da Câmara Municipal de Vila Pery. Deixa Moçambique em Fevereiro de 1975 estabelecendo-se primeiro na África do Sul e regressando a Portugal em 1979.[288] Apesar de ter terminado o curso de arquitetura depois da baliza cronológica que referida Naia Marques deve situar-se, pelo seu percurso profissional, entre os autores da quarta geração de arquitetos modernos portugueses.

A sua obra carateriza-se por assumidamente refletir as influências das obras de Frank Lloyd Wright, do escritório de Francisco da Conceição Silva e dos metabolistas japoneses,[289] independentemente da sua própria linguagem na qual se reconhecem os valores da arquitetura popular divulgados pelo *Inquérito*.

Para além dos arquitetos modernos que projetaram edifícios de equipamento coletivo radicados em Moçambique - cujo percurso profissional acabamos de observar -, recolhemos referências a outros autores cuja produção é grandemente desconhecida. Referiremos brevemente este grupo de arquitetos e as suas obras tomando como base a escassa informação documental disponível.

Afonso Henriques Manta de **Andrade Pais** esteve matriculado no curso de arquitetura da ESBAP entre 1944 e 1947.[290] Partiu aos 25 anos para Moçambique, primeiro para Nam-

287 Marques, 2009: 107.
288 Marques, 2009: 97.
289 Milheiro, 2010a: 35.
290 http://arquivo.fba.up.pt.

pula e depois para porto Amélia, onde constituiu a empresa de arquitetura, engenharia e construção A.H.A.P.[291]

Recolhemos as seguintes referências aos trabalhos de Andrade Pais, independentemente de neles ter participado como arquiteto ou como construtor civil:

- Plano de trabalhos para a nova sede e campos de jogos do Clube Desportivo de Porto Amélia (1956). Participação na elaboração do plano;[292]
- Duas séries de nove moradias económicas do Estado em Porto Amélia (1956 e 1957). Edificação destes dois conjuntos de autor desconhecido;[293]
- Estação dos C. T. T. de Montepuez (aberta ao público em 1958). Construção de um edifício de autor desconhecido, com uma linguagem híbrida composta por elementos arquitetónicos modernos e tradicionais;[294]
- Direção de Fazenda e Almoxarifado de Porto Amélia, (concurso de construção em Maio de 1957[295] obra concluída em Agosto de 1959). Edifício de dois pisos de linguagem exterior moderna projetado e construído por Andrade Pais. O concurso de construção foi lançado pela Direção dos Serviços de Obras Públicas e Transportes de Lourenço Marques;[296]
- Central elétrica e residência do seu encarregado em Porto Amélia, (adjudicada no final de 1959). Construção dos edifícios de autor desconhecido;[297]
- Arranjo Urbanístico de Montepuez (1971). Projeto elaborado pela empresa A.H.A.P. propriedade de Andrade Pais.[298]

A. M. **Veiga Azevedo**, técnico com escritório em Lourenço Marques (dip. eng.ª I.I.I.),[299]

291 "Foi, portanto, dedicado *construtor* da cidade que é hoje Pemba." http://foreverpemba.blogspot.pt.

292 *Notícias*, 1956-04-20: 9.

293 *Notícias*, 1956-11-12: 6; *Notícias*, 1957-08-26: 7.

294 "Esta importante obra, que foi construída sob a responsabilidade do conhecido construtor civil Sr. Andrade Pais e orientação do mestre *Sousa*, é constituída por dois pisos e fica a ser o melhor edifício público de todo o Distrito." *Notícias*, 1958-09-07: 9; *Notícias*,1958-09-08: 12.

295 *Notícias*, 1958-05-04: 7.

296 *Notícias*, 1959-08-15: 24.

297 *Notícias*, 1959-12-10: 12.

298 Bruschi; Lage, 2005: 49, 74; Mendes, 2008b: 497, 621.

299 *Notícias*, 1958-06-14: 12.

teve significativa produção arquitetónica na cidade.[300]

Da sua obra temos referência aos seguintes trabalhos:

- Praça de Touros Tomás da Rocha ou Monumental de Lourenço Marques (com a primeira pedra lançada em Junho de 1955[301] foi inaugurada, ainda inconclusa, em 31 de Agosto de 1956);[302]
- Hotel Turismo, Lourenço Marques (projeto que, anunciado na imprensa em 1958 e 1960,[303] não sabemos ainda se foi concretizado).

300 *Notícias*, 1960-02-15: 10.
301 *DM*, 1955-06-18: 8.
302 *Notícias*, 1956-08-31: 4.
303 *Notícias*, 1958-01-29: 10; *Notícias*, 1958-06-14: 12; *Notícias*, 1960-02-15: 10.

As infraestruturas

Neste terceiro capítulo, "As infraestruturas", os objetos arquitetónicos em estudo serão enquadrados descrevendo, analisando e interpretando o panorama geral dos edifícios infraestruturais modernos construídos em Moçambique durante o período em estudo.

O investimento do governo central e provincial no desenvolvimento infraestrutural de Moçambique, que assumiu maior dimensão no período entre o final da II Guerra Mundial e o eclodir da guerra colonial ou de libertação, conduziu a um acréscimo na programação e construção de edifícios de equipamento coletivo destinados a colmatar as lacunas existentes e a acompanhar o crescimento populacional.

Estes edifícios infraestruturais foram, durante este período, projetados nos serviços técnicos próprios dos organismos oficiais dependentes do governo central em Lisboa - como a Direção do Serviço de Obras da Direção Geral da Aeronáutica Civil -, ou do governo provincial em Lourenço Marques - como a 1.ª Repartição da Direção do Serviço de Obras

Públicas.[1] Quer num caso quer noutro a sua linguagem arquitetónica dependeu apenas da formação profissional dos arquitetos responsáveis, do gosto arquitetónico dominante ou da representatividade do seu programa e não de qualquer imposição ideológica de um estilo oficial. Parte significativa desta produção de iniciativa estatal será encomendada no exterior a profissionais liberais com gabinete próprio, como é o caso dos programas hospitalares, educativos e aeronáuticos projetados pelo gabinete de João José Tinoco, ou as estações ferroviárias desenhadas por Paulo de Melo Sampaio. Por outro lado as grandes instituições e empresas privadas, como a Igreja Católica ou o Banco Nacional Ultramarino, recorreram principalmente aos serviços de gabinetes técnicos independentes numa lógica que, no caso da segunda instituição, privilegia a dispersão das encomendas pelo maior número de arquitetos locais.

O que conferiu homogeneidade a estas arquiteturas de grande escala não reside na natureza oficial ou privada da sua encomenda e produção ou na especificidade do seu programa, mas antes na formação e prática dos seus autores nos princípios, métodos e linguagens da arquitetura do Movimento Moderno. Mas é igualmente garante desta identidade a liberdade permitida pelas estruturas oficiais e pelos clientes particulares para aplicação de uma nova linguagem[2] bem como a sua adequação às condicionantes programáticas, económicas, climáticas, tecnológicas e produtivas de um território em acelerada expansão e ao icónico

1 "Entre 1940 e, pelo menos, 1956, a orgânica dos serviços de Obras Públicas de Moçambique está dividida entre uma Direção de carácter geral e as diversas Direções Provinciais (renomeadas Direções Distritais com a passagem da colónia a província ultramarina). A Direção divide-se em três Repartições, dedicadas aos serviços de *edifícios e urbanização* (primeira Repartição), *estradas e hidráulica* (segunda Repartição), e *secretaria, contabilidade e depósito de materiais* (terceira Repartição). (...) As Direções Provinciais (...) dividem-se inicialmente de acordo com a organização política do território: Direção do Sul do Save (com as secções de Lourenço Marques, Vila de João Belo e Inhambane), Direção da Zambézia (com as secções de Quelimane e Tete) e Direção do Niassa (com as secções de Moçambique - substituída próximo de 1944 por Nampula - e Porto Amélia). A partir de 1944, aproximadamente, é organizada a Direção Provincial de Manica e Sofala, com a respetiva secção da Beira. Das várias secções enunciadas, a mais complexa é necessariamente a da capital, dividida em duas subsecções (*edifícios* e *estradas*) e encarregue da execução de projetos para várias regiões do território.
Esta orgânica é genérica, e relativamente instável, transformando-se frequentemente em função da evolução territorial." FERREIRA, 2008: 26-27.

2 "Diga-se em abono da verdade que, ao contrário do que então acontecia na Metrópole, raras vezes aquelas obstruções partiam dos organismos oficiais. Pelo contrário, a entidades como a Câmara Municipal se deve a Escola Primária do Bairro Indígena, a entidades como as Obras Públicas se deve o Colégio dos Maristas, a entidades como o Governo Central se deve a exposição das Atividades Económicas, outros tantos exemplos de arquitetura moderna." João José Tinoco *in* TOMÁS, 2003: 9.

papel de elementos referenciais que quase sempre desempenharam.

Como marca comum estes edifícios de arquitetura moderna contaram ainda, na génese dos seus projetos, com a participação de artistas plásticos sintonizados com as correntes artísticas do seu tempo. Contribuiram assim para a formação destas obras de arte total, entre outros, Frederico Aires (1887-1963), Estrela Faria (1910-1976), Maria Keil (1914-2012), Alfredo da Conceição (n.1919), Arlindo Rocha (1921-1999), Rolando Sá Nogueira (1921-2002), João Aires (1921-2001), Augusto Cabral (c.1922-2006), António Quadros (1924-1983), Bertina Lopes (n.1924), Querubim Lapa (n.1925), Francisco Relógio (1926-1997), Jorge Garizo do Carmo (1927-1997), Araújo Soares (1927-2007), João Paulo (n.1929), Manuela Madureira (n.1930), Germinal Curado (n.1931), Dana Michahelles (1933-2002), Antero Machado (n.1934), Jorge Mealha (n.1934), José Pádua (n.1934), Eleutério Sanches (n.1935), Malangatana Ngwenya Valente (1936-2011), Jorge Silva Pinto, José Tomás de Sousa Freire, Rui Calçada Bastos, Lobo Fernandes, Fausto Rocha e Jorge Vasconcelos.

A análise e interpretação dos edifícios de equipamento coletivo que se segue não esgotam a totalidade dos exemplares que foram construídos segundo os parâmetros desta tese. Procurou-se apenas referir os exemplos mais representativos, sobre os quais existe informação documental primária e aos quais houve, eventualmente, visita e registo fotográfico. No entanto, por razões que se prendem com o tempo disponível para a execução desta tarefa, não foram incluídas neste texto algumas obras que cumprem os critérios anteriores. Ficaram assim para uma posterior ocasião a análise e interpretação das escolas primárias tipo dos SOP, do Hospital Geral e do Serviço Fúnebre do Hospital Central Miguel Bombarda, do Hospital Dr. Firmino Santana, da Escola de Medicina Veterinária e da Igreja da Sagrada Família da Machava, os cinco em Lourenço Marques, do segundo edifício do Colégio Luís de Camões, na Beira, do Paço Episcopal e do Palácio das Repartições de Quelimane, da Estação dos Caminhos de Ferro de Vila Pery e da Piscina do Clube Ferroviário de Gondola, entre outros exemplos a desvendar.

A construção deste olhar não seguiu critérios uniformes: quis-se ter neste capítulo uma

liberdade de análise e interpretação que não se permitiu ao capítulo seguinte, rigidamente estruturado segundo critérios constantes. Assim, a dimensão do texto e das imagens que acompanham cada projeto ou obra é o resultado de condições circunstanciais, em função da documentação disponível, e cognitivas, em consequência da maior ou menor relevância para a tese que o autor neles encontrou.

O **Colégio Pio XII**,[3] em Lourenço Marques, foi projetado por Pancho Guedes a convite do engenheiro italiano Vitalle Moffa - seguindo uma sugestão do arquiteto Fernando Mesquita da Direção do Serviço de Obras Públicas.[4] Anterior escola dos Irmãos Maristas e agora Universidade São Tomás de Moçambique localiza-se na antiga Avenida Afonso de Albuquerque, atual Avenida Ahmed Sekou Touré. O projeto de Pancho Guedes data de 1952 embora o seu desenho tenha sido iniciado anteriormente.[5] No seu topo noroeste a capela do colégio, certamente projetada por outro autor num desenho *Art Déco*, foi inaugurada em Outubro de 1955.[6]

O estabelecimento de ensino tem, em projeto, a forma de um prisma retangular com um dos lados maiores implantado à face da avenida. O primeiro piso é parcialmente vazado, as duas fachadas maiores envidraçadas são protegidas por *brise-soleil* e a cobertura é formada por uma laje de pendente oblíqua. O espaço interior está estruturado em torno de um corredor central longitudinal que distribui para as salas de aula dispostas ao longo das duas frentes maiores do edifício.[7] Foi um dos primeiros equipamentos coletivos a ser desenhado

3 25°58'21.07"S, 32°35'18.61"E.

4 "O engenheiro Vitalle Moffa tinha ganho um concurso para projetar a Escola dos Irmãos Maristas, em Lourenço Marques, que seria construída sobre umas fundações preexistentes. O arquiteto Fernando Mesquita, diretor das Obras Públicas, insistia que o edifício deveria ser modernista. Após um pequeno contencioso entre os dois, o arquiteto Fernando Mesquita comunicou a Vitalle Moffa que *conhecia um jovem arquiteto que já tinha todos os projetos na cabeça*." ALBUQUERQUE, 1998: 85.

5 Para desenhos de projeto consultar ALBUQUERQUE, 1998: 84.

6 "Presidida por Sua Eminência (...) realiza-se em 13 de Outubro próximo a cerimónia de inauguração da Capela de Nossa Senhora das Dores do Colégio Pio XII, a cargo dos Irmãos Maristas." *DM*, 1955-09-26: 7.

7 "Como já afirmamos, a escola deveria ser construída sobre umas fundações preexistentes. Pancho Guedes cumpriu este requisito construindo um longo edifício, de três pisos, com o rés-do-chão parcialmente vazado, uma grande fachada envidraçada protegida por *brise-soleils*, e uma monumental porta pivotante de madeira, cópia da porta de entrada do *atelier* de Le Corbusier." ALBUQUERQUE, 1998: 85.

de acordo com a linguagem do Movimento Moderno do segundo pós-guerra na cidade de Lourenço Marques.

A **Escola** primária **para a Manga**,[8] na cidade da Beira, foi projetada em 1952 por João Aires nos Serviços de Obras Públicas de Lourenço Marques[9] e construída pela Empresa de Construções Civis e Industriais.[10] Na legenda de uma fotografia sua publicada pelo jornal *Notícias* de Novembro de 1957 é apresentada como um paradigma de qualidade a seguir na construção escolar da Beira.[11] Em Março de 1960 foi anunciada a sua ampliação em duas salas de aula com verbas inscritas no Plano Escolar do II Plano de Fomento.[12] Este aumento, que estava já concretizada em Setembro do mesmo ano, consistiu na construção do corpo de um piso já previsto no projeto inicial.[13] Em 2009 continuava a desempenhar a sua função original.

A escola localiza-se no gaveto noroeste do centro cívico do Bairro da Manga, implantada de acordo com o Plano de Urbanização projetado no mesmo ano por Nuno Craveiro Lopes para a Secção de Urbanização de Moçambique.[14] O edifício escolar é constituído por dois corpos retangulares com um e dois pisos[15] implantados sensivelmente na direção este-oeste, paralelos entre si e aos limites do terreno. Ambos os volumes foram cobertos por telhados de duas águas assimétricas revestidas a fibrocimento, e ambos têm os lados norte dos alçados de topo obliquamente inclinados. Os dois edifícios são unidos por duas circulações perpendiculares entre si: um percurso principal mais curto, de direção este-

8 19°46'14.88"S, 34°52'10.21"E.

9 MOPH, n.° 2377.

10 *DM*, 1960-05-28: 5.

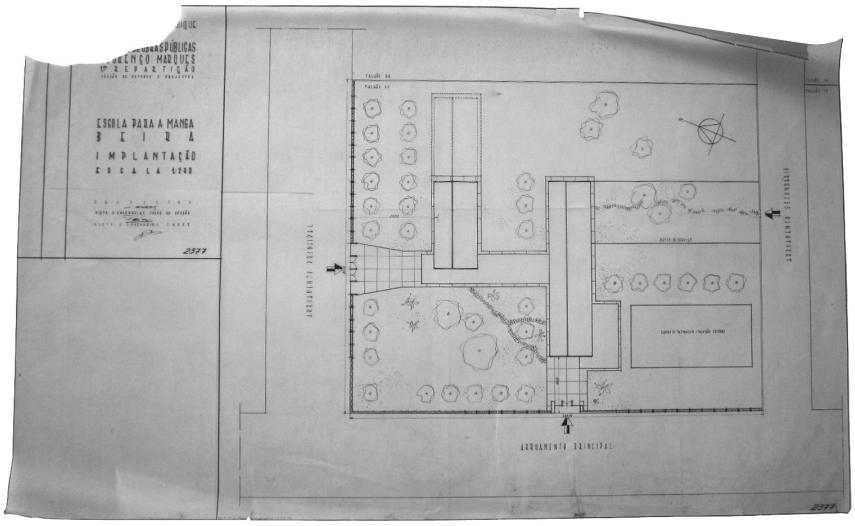
11 "Esta é a Escola Primária Oficial da Manga, uma edificação capaz e apropriada como a Beira necessita e aspira ver construídas por outros bairros e zonas." *Notícias*, 1957-11-19: 5.

12 *BGU*, 1960-03: 311-313; *Notícias*, 1960-03-09: 7.

13 *DM*, 1960-09-10: 5.

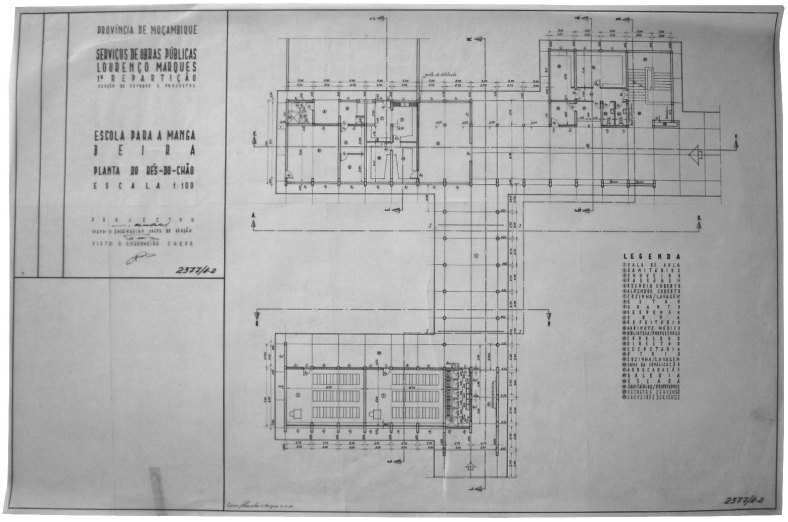
14 Para desenho do plano consultar Ferreira, 2008: 157, fig. 224.

15 "O volume mais curto, de piso térreo, é ocupado por duas salas de aula, estando prevista uma possível ampliação, com outras duas salas. O volume mais comprido, de dois pisos, localiza quatro salas no piso superior, aproveitando o piso térreo para as zonas administrativa e de refeições, em duas áreas distintas separadas por outro espaço exterior coberto – unido perpendicularmente ao primeiro – que funciona como átrio de chegada. A zona administrativa alberga igualmente um recreio coberto no piso superior e a escadaria de ligação entre pisos, destacando-se volumetricamente do corpo principal." Ferreira, 2008: 157-158.



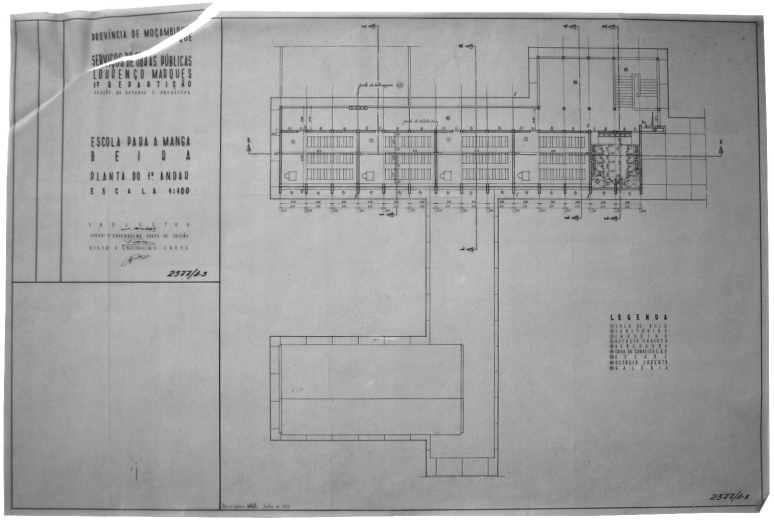
Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Implantação.
Escala 1:200.
Projeto?, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377).



Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Planta do rés-do-chão.
Escala 1:100.
Projeto?, 6 de Novembro de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-2).

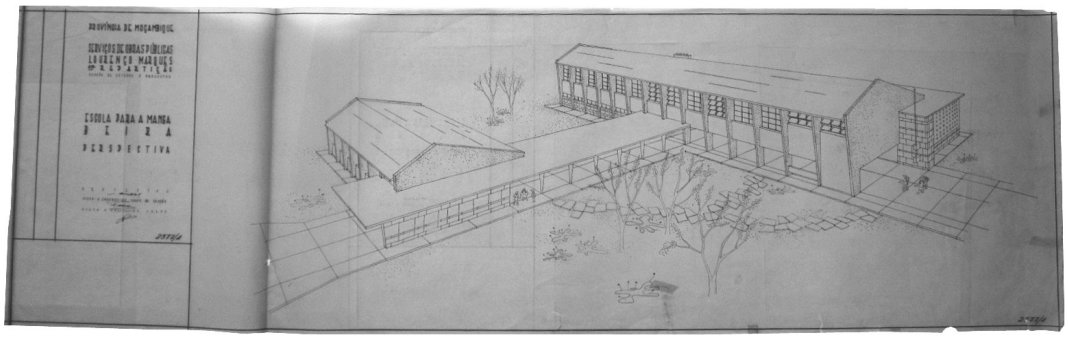


Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Planta do 1.° andar.
Escala 1:100.
Projeto?, Junho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-3).

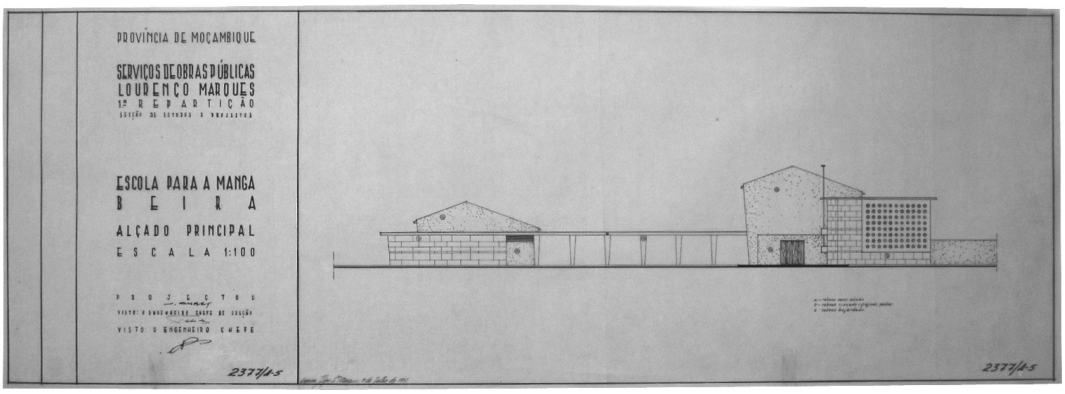
Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Perspetiva.
Projeto?, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2377/a).



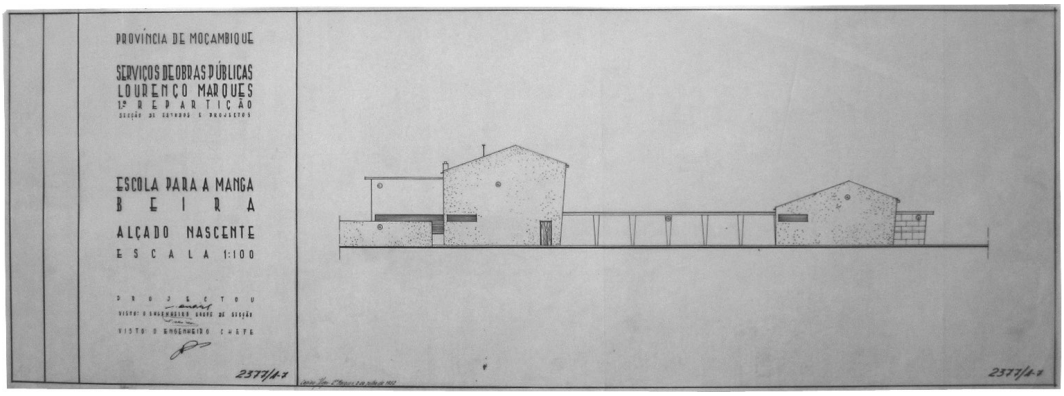
Escola para a Manga

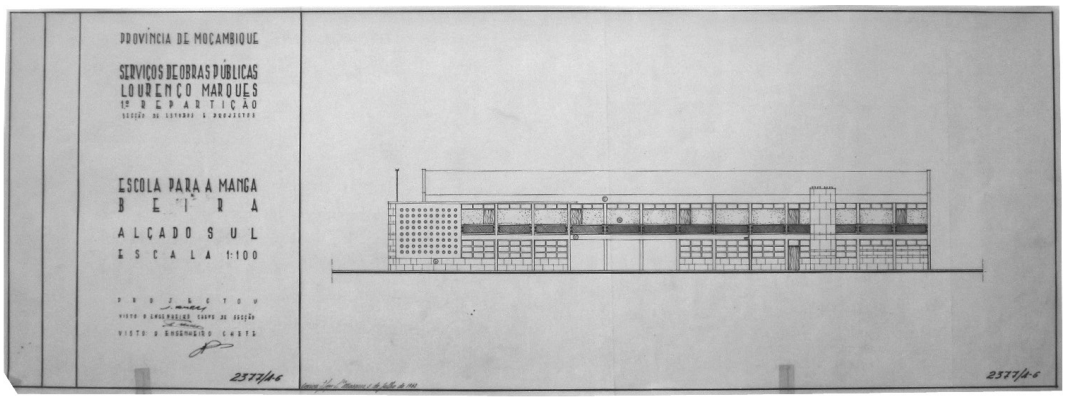
Escola para a Manga. Beira. Alçado principal.
Escala 1:100.
Projeto, 3 de Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2377/a-5).



Escola para a Manga

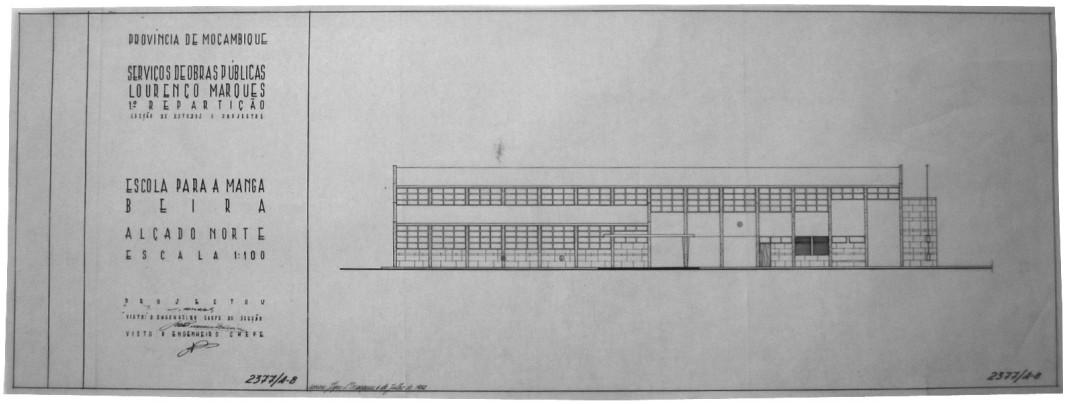
Escola para a Manga. Beira. Alçado nascente.
Escala 1:100.
Projeto, 2 de Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2377/a-7).





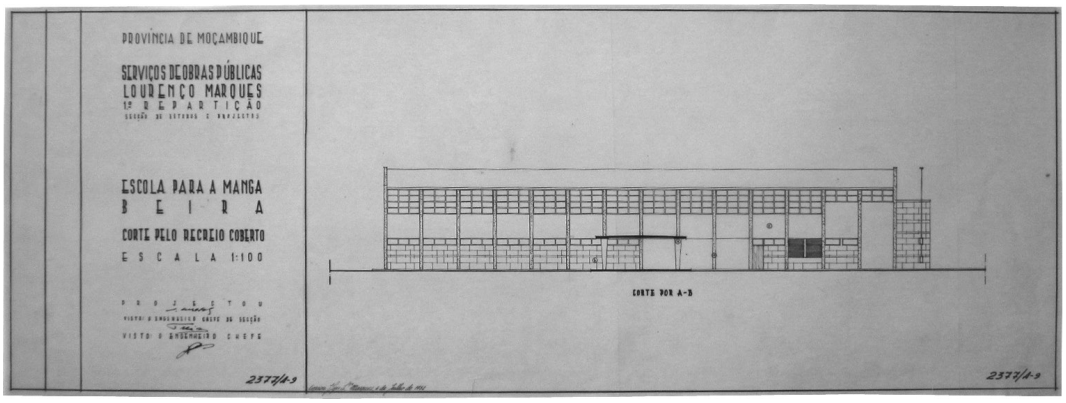
Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Alçado sul.
Escala 1:100.
Projeto, 5 de Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-6).



Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Alçado norte.
Escala 1:100.
Projeto, 6 de Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-8).

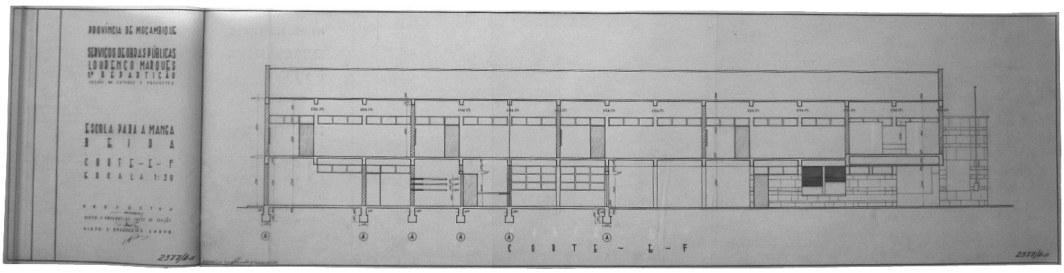


Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Corte pelo recreio coberto.
Escala 1:100.
Projeto, 4 de Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-9).

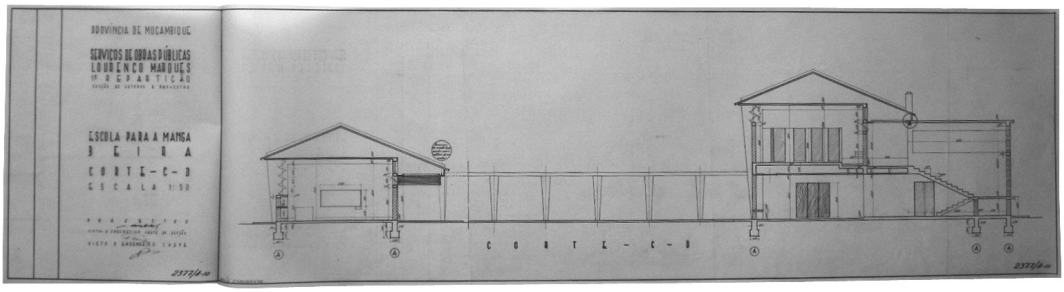
Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Corte E-F.
Escala 1:50.
Projeto, 3 de Novembro de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-11).



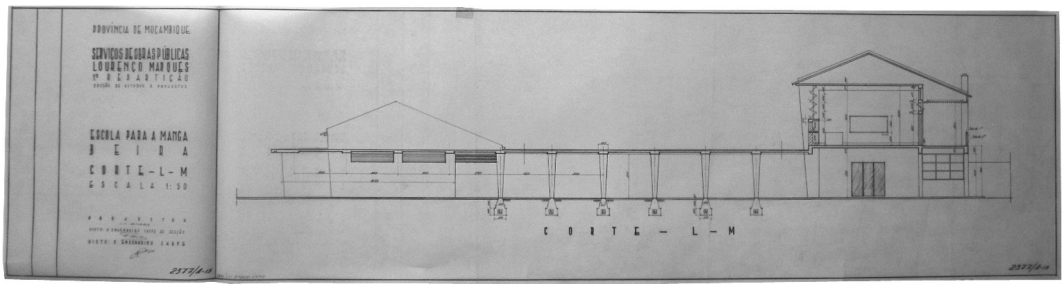
Escola para a Manga

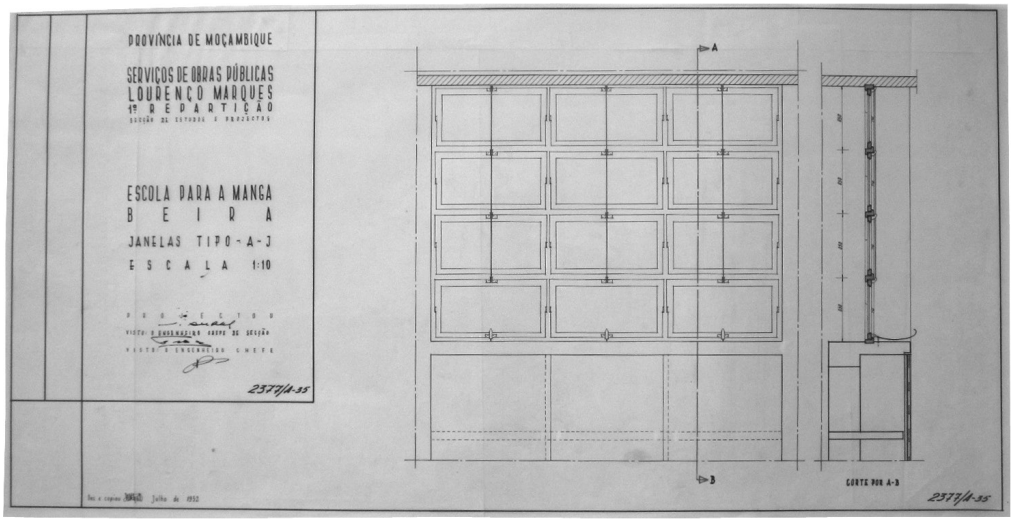
Escola para a Manga. Beira. Corte C-D.
Escala 1:50.
Projeto, 6 de Outubro de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-10).



Escola para a Manga

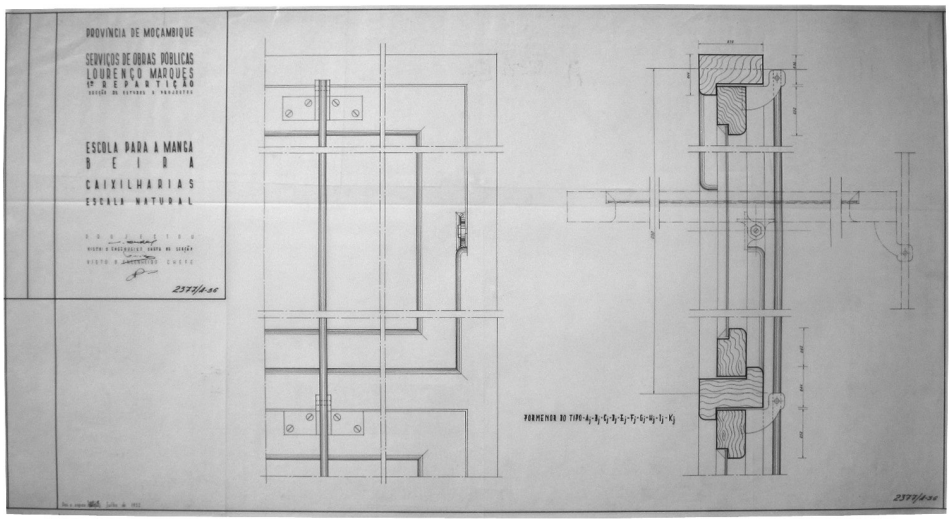
Escola para a Manga. Beira. Corte L-M.
Escala 1:50.
Projeto, 4 de Outubro de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-13).





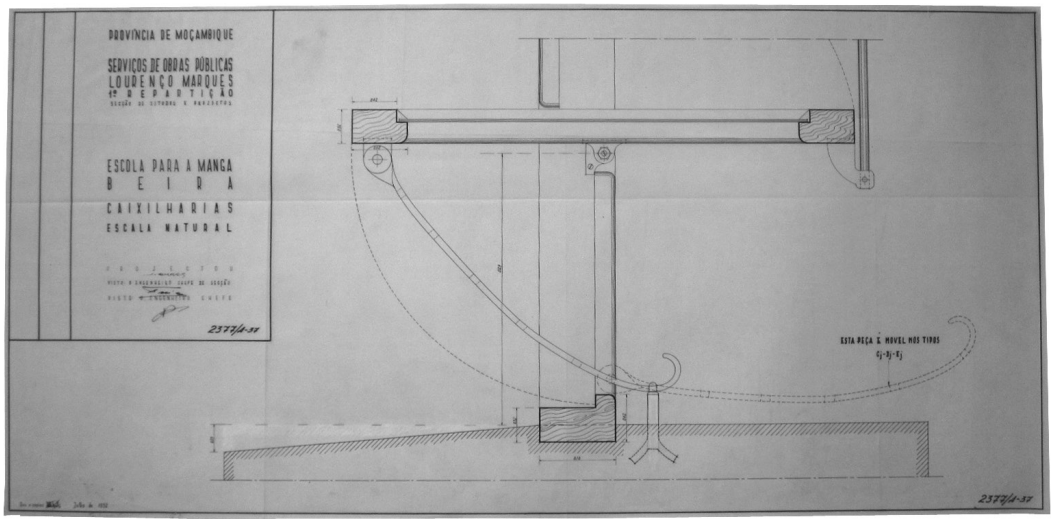
Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Janelas tipo A-J.
Escala 1:10.
Projeto, Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-35).



Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Caixilharias.
Escala 1:1.
Projeto, Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-36).

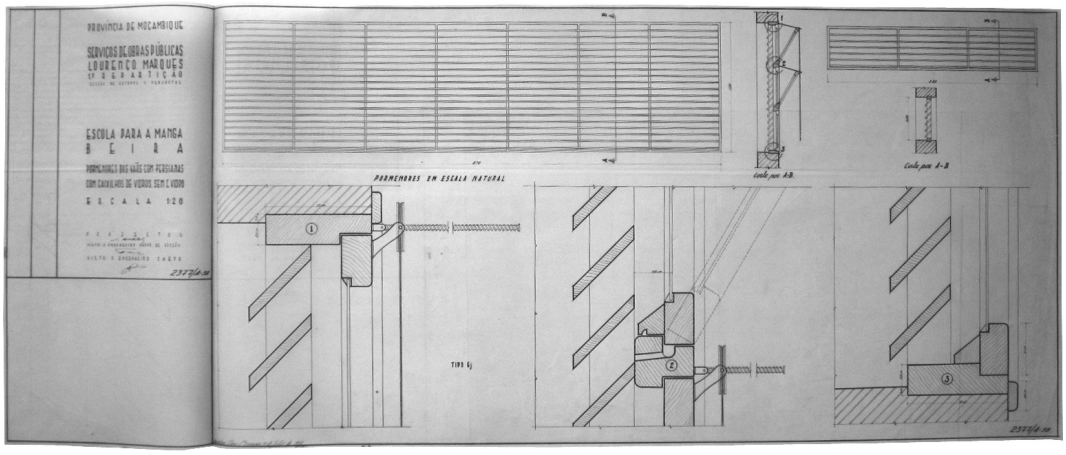


Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Caixilharias.
Escala 1:1.
Projeto, Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-37).

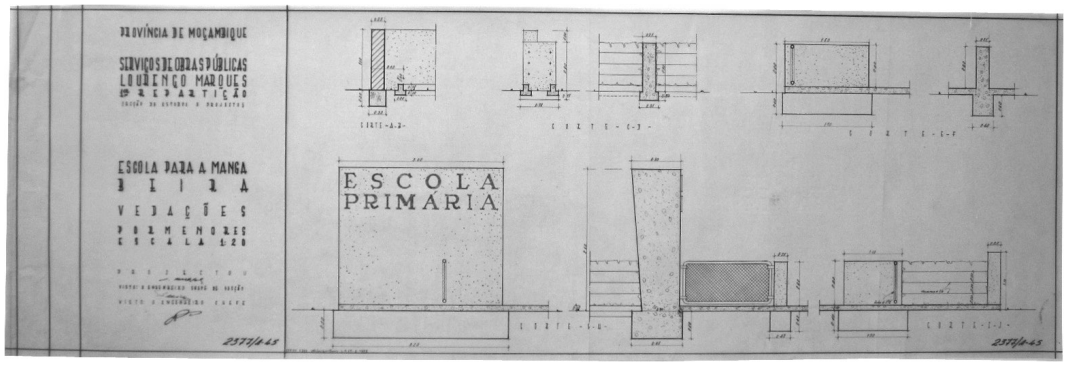
Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Pormenores dos vãos com persianas com caixilhos de vidros, sem c. Vidro.
Escala 1:20.
Projeto, 17 de Julho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-38).



Escola para a Manga

Escola para a Manga. Beira. Vedações. Pormenores.
Escala 1:20.
Projeto, 17 de Junho de 1952.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2377/a-45).



Escola para a Manga

Esquerda:
Frente norte.
(EM, 2009).

Direita:
Entrada principal.
(EM, 2009).

-oeste, e um percurso secundário parcialmente realizado sob um alpendre coberto por uma laje horizontal de betão assente em *pilotis* cónicos, de direção norte-sul. Os dois percursos iniciam-se nas duas entradas do recinto, com depurado tratamento formal, e intersetam-se no recreio coberto. Neste espaço vazado do rés-do-chão do volume de dois pisos convergem todas as circulações horizontais e verticais do complexo. No projeto inicial estava ainda previsto um terceiro acesso, que não foi realizado, através de uma rua de serviço a sul. A modulação espacial e estrutural do conjunto, suportado por pilares e lajes de betão, foram já pormenorizadamente descritas por André Faria Ferreira.[16] A captação das correntes de ar dominantes é realizada pela ventilação transversal dos espaços através das caixilharias oscilo-basculantes de madeira que encerram os vãos exteriores, abertos ao longo dos lados maiores das salas de aula, e pelas coberturas duplas com aberturas de ventilação no teto das galerias de circulação. Estas galerias são colocadas ao longo das frentes sul e as salas de aula ao longo das frentes norte de acordo com a hierarquia das várias frentes do lote: a proteção dos raios solares de incidência vertical é assim apenas parcial, limitada ao reduzido avanço das coberturas sobre os planos das fachadas. Nestas frentes a norte a defesa dos raios solares de nascente realiza-se pelo avanço das lâminas verticais da estrutura de suporte, um tema que será mais tarde retomado nas escolas-tipo dos SOP atrás referidas.[17]

A **Garagem, salão de vendas e escritórios Otto Barbosa**,[18] em Lourenço Marques, projeto e obra de Pancho Guedes, data do período entre 1952 a 1955. O edifício já estava construído em 12 de Janeiro de 1958, dia em que figura numa fotografia publicitária aos automóveis da marca Morris publicada na imprensa diária da província.[19] Localizada numa

16 Ferreira, 2008: 157-159.

17 "Em 1952 esta produção vai dar origem a um projeto exemplar, destinado a uma escola primária para o Centro Cívico do bairro residencial da Manga na cidade da Beira. O projeto é executado por João Aires numa fase de rutura com os seus anteriores trabalhos, e distingue-se de um modo totalmente inovador pela exploração consciente dos materiais, técnicas, léxico e espacialidade da arquitetura Moderna, influenciando diretamente a produção escolar dos anos seguintes (...) para além do restante currículo de obras públicas da colónia." Ferreira, 2006: 149.

18 25°58'3.53"S, 32°33'45.74".

19 *Notícias*, 1958-01-12: 19.

Garagem Otto Barbosa

Esquerda e direita:
Fachada principal.
(EM, 2012 | EWV).

Garagem Otto Barbosa

Esquerda e direita:
Fachada principal.
(EM, 2012 | EWV).

Garagem Otto Barbosa

Esquerda:
Vigas e *brise-soleil*.
(EM, 2012 | EWV).

Direita:
Passagem coberta.
(EM, 2012 | EWV).

zona predominantemente ocupada por armazéns industriais, no extremo noroeste da antiga Avenida da República, atual Avenida 25 de Setembro, desempenha ainda a sua função original.

O edifício tem a forma de um paralelepípedo de dois pisos com espaços comerciais no rés-do-chão e escritórios no 1º andar, implantado à face da avenida.[20] Este volume oculta uma garagem e oficina coberta nas traseiras acedida por uma passagem aberta na zona central do piso térreo.[21] Definido pela cobertura e pelas paredes das empenas dos dois topos menores o prisma retangular aberto é suportado por uma estrutura aparente, formada por cinco pórticos com pilares isolados e descentrados, dos quais se projetam vigas em consola. Os espaços recuados e envidraçados do rés-do-chão sugerem um piso térreo vazado enquanto as *fenêtres en longueur* dos escritórios do piso superior são protegidas dos raios solares de poente por um *brise-soleil* formado por lâminas verticais de betão perpendiculares à fachada. Com o desenho individualmente orgânico dos pilares, vigas e lâminas dos *brise-soleil* e a sua sucessão alternada na frente principal da garagem forma-se um jogo plástico característico do *Stiloguedes,*[22] o primeiro dos diferentes estilos de Pancho Guedes.[23]

O **Restaurante do Pavilhão de Turistas**,[24] na cidade da Beira, foi projetado em 1953 por Francisco José de Castro. Localiza-se no Largo Manuel António de Sousa no ângulo for-

20 Para desenhos de projeto consultar GUEDES, 2009: 90 e www.guedes.info.

21 "Na parte de trás há uma enorme oficina com um *mezzanine* e uma garagem, coberta por dois conjuntos de arcos de metal muito leve, trazidos de França. Em 1952 era mais barato importar estas estruturas da Europa, mas em breve os arcos foram copiados por artesãos locais por todo o Moçambique." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 90.

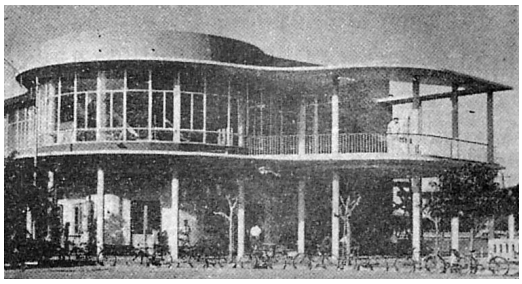
22 "Para o Otto Barbosa construí um edifício de escritórios com garagem e um salão de vendas no rés-do-chão, como se fosse um grande pórtico à escala da cidade. É uma boca funda e quadrada com *brise-soleils* angulares que trituram o espaço imediatamente fronteiro." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 90.

23 "O Stiloguedes foi primeiro designado como tal pelos próprios clientes de Guedes, nomeadamente como um sinal de reconhecimento por um estilo arquitetónico diferente de tudo o que eles alguma vez tinham visto." *S AM*, 2007: 56; "Stiloguedes é a minha maneira mais idiossincrática - é como se fosse a minha família real. É uma bizarra e fantástica família de edifícios com bicos e dentes, com vigas rasgando os espaços em redor, inventados como se algumas das partes estivessem prestes a separar-se e a estatelar-se no chão, com paredes convulsivas e luzes encastradas.
Amâncio d'Alpoim Guedes escreveu muito sobre este estilo bizarro e fantástico. Afirmou, e talvez esta seja a sua observação mais pertinente, que as plantas dos edifícios no Stiloguedes são simples, bastante diretas e funcionais. São os cortes que são decorados, contorcidos e cheios de exageros. São estes, e os seus reflexos nas fachadas, que os tornam arquitetura. Eles esforçam a relação misteriosa entre planta, corte e fachada e transformam estas obras em estranhas aparições." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 79.

24 19°49'38.46"S, 34°50'11.84"E.

Pavilhão de Turistas

O "Pavilhão de Turistas" – obra que se pode considerar, de certo modo, um já decidido passo em frente.
Notícias, 1957-11-06: 5.



Pavilhão de Turistas

Esquerda e direita:
Frente nascente.
(EM, 2009).

mado entre a antiga ponte metálica sobre o Chiveve, atualmente desaparecida, e a Avenida do Príncipe da Beira.

Ao longo da sua existência o edifício tem vindo a sofrer diversos acrescentos incluindo a construção na cobertura de um moinho semelhante ao do *Moulin Rouge* de Paris. Estas alterações tornam difícil o reconhecimento da forma original legível nas fotografias de uma época pouco posterior à sua construção: um volume de dois pisos de forma regular na frente a poente dominado por vãos protegidos por *brise-soleil* de lâminas verticais e horizontais; uma movimentação orgânica dos volumes na frente a nascente certamente sugerida pela forma do terreno e influenciada pelo projeto de Óscar Niemeyer para a Casa de Baile em Pampulha, Belo Horizonte (1942). Deste lado nascente o edifício é suportado por elegantes *pilotis* que o atravessam a toda a altura e é parcialmente envidraçado no piso superior por caixilharias de finos perfis metálicos. Dos volumes expressionistas desta frente solta-se uma varanda ondulante coberta na periferia por uma pala com o mesmo traçado. Em conjunto com outros edifícios beirenses, como o Cine-Teatro São Jorge ou o Colégio Luís de Camões, foi considerado pelo jornal *Notícias* como um dos paradigmas da moderna arquitetura da capital de Manica e Sofala.

O **Paço Episcopal da Beira** foi projetado em 1953 por Francisco José de Castro.[25] A sua construção estava já concluída em 1955. A residência episcopal tinha sido objeto, em 1944, de um anteprojeto da autoria de Raul Lino (1879-1974) para um quarteirão do ângulo nascente da antiga Praça Almirante Reis, atual Praça 3 de Fevereiro. O projeto de Raul Lino, implantado ao centro do quarteirão, propunha a edificação de um conjunto monumental com um desenho remanescente dos solares barrocos do norte de Portugal que incluía uma capela ocasionalmente aberta ao público.[26]

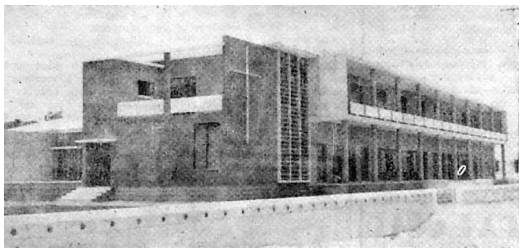
O edifício projetado por Francisco José de Castro tem a forma de um longo volume pris-

25 Castro, [19??]: 1.

26 Para desenhos de projeto consultar FCGBA: RL 450.

Paço Episcopal da Beira

Um dos mais modernos e majestosos edifícios da capital de Manica e Sofala – o Paço Episcopal. DM, 1955-03-08: 1.



DIARIO de Moçambique

SALVADOR DO MUNDO

Problemas do Próximo Oriente

A PRINCESA

EDEN regressou a Londres e fez declarações à imprensa

Se quer uma mala de viagem participe no nosso Concurso

A VIAGEM do MINISTRO DA ECONOMIA

O CONSELHO DE MINISTROS DA FRANÇA

Auxílio militar americano aos Estados Árabes

mático de dois pisos coberto por um telhado de quatro águas. De um dos lados maiores do volume projeta-se um prisma aberto suportado por um pórtico com *pilotis* definindo espaços exteriores cobertos em ambos os pisos. No âmbito da ampliação das instalações da sede da Diocese da Beira João Garizo do Carmo projetou para este edifício, em 1961, uma capela com altar central contida num volume autónomo revestido a pedra.[27]

O **Cine-Teatro Nacional**,[28] na cidade da Beira, foi projetado por Leonardo Castro Freire

27 Albuquerque, 1998: 123.

28 19°49'46.06"S, 34°50'0.46"E.

em data ainda desconhecida. Empreendimento da Empresa de Edificações da Beira a sua construção iniciou-se em 1953[29] e a sua inauguração teve lugar, com grande repercussão pública, em 31 de Maio de 1956.[30]

Localizado na baixa da cidade o edifício tem a forma de um "L" composto por um prisma retangular coberto por uma abóbada de escarção, com frente para a Rua Costa Serrão e traseiras para a Rua António Enes, ao qual é anexado um volume menor de cobertura plana com frente para a primeira das duas vias. O tratamento da fachada principal do conjunto evidencia a sua função excecional no entorno urbano articulando numa composição complexa, e por vezes contraditória, elementos formais provenientes de diversas origens: o embasamento cujo desenho estiliza uma superfície em pedra rusticada sobre o qual assenta a fachada; o alpendre que cobre o passeio com uma pala horizontal de betão em consola desde o limite superior do embasamento e sobre o qual pousa a caixa luminosa do cartaz da programação; o grande rasgo de dominante horizontal que prolonga o alpendre exterior e antecede o *foyer* principal formando dois profundos cobertos separados pelo volume saliente das bilheteiras; a caixa saliente para iluminação do *foyer* superior que contém um *brise-soleil* composto por frestas verticais separadas por nembos poligonais simulando pedra bujardada; o vão do salão de chá protegido por uma grelhagem quadriculada no mesmo material que prolonga os alinhamentos desta abertura unificando o alçado; a lâmina oblíqua de betão que limita a sul a fachada e se prolonga em balanço na cobertura do corpo menor e a semelhante cornija arqueada do corpo maior, ambas expressando no exterior a autonomia volumétrica de cada corpo. O programa interior do cineteatro compreendia, no volume maior, dois *foyers* sobrepostos - espaços de representação revestidos com materiais de maior qualidade, articulados por zonas de pé-direito duplo e por uma escadaria monumen-

29 "A finalizar diremos apenas que o projecto de construção (...) é da autoria do arquitecto Leonardo de Castro Freire, tendo sido a empreitada das obras entregue à firma *Duguid & Ivo, Lda.* na parte referente às fundações (...) tendo as estruturas ficado a cargo da *Adriano Maia*. Os acabamentos foram feitos por administração directa." *Notícias*, 1956-05-24: 5, 6.

30 *Notícias*, 1956-05-31: 9.

Cine-Teatro Nacional

A fachada do cinema "Nacional" a ser inaugurado brevemente nesta cidade.
DM, 1955-12-04: 3.

Mais uma casa de espectáculos na Beira

ENTREVISTANDO o Sr. Engenheiro Costa Antunes

Editorial
SAUDE PUBLICA

1.ª Grandiosa Liquidação
A IMPORTADORA L.DA
liquida até 15 de Dezembro,

AO PREÇO UNICO DE 1$00 CADA

NORD-MENDE

RESOLVA O PROBLEMA DO SEU TRANSPORTE
COM POUCA DESPESA E MUITA SEGURANÇA
MOTOCICLETAS
HOBBY SCOOTERS (tipo Lambreta)
BICICLETAS MOTORIZADAS
SOLIDEZ — CONFORTO — ECONOMIA
INDEPENDENCIA
APROVEITE HOJE MESMO ESTAS UNIDADES NA NOSSA EXPOSIÇÃO
ALBERTO ALVES, LIMITADA
SOBRESSALENTES SEMPRE EM STOCK

ANUNCIO

Tubo galvanizado e acessórios
ENTREPOSTO COMERCIAL DE MOÇAMBIQUE

Cine-Teatro Nacional

Esquerda e direita:
Fachada principal.
(EM, 2009).

tal -, que davam acesso à plateia e ao balcão da sala de espetáculos.[31] O funcionamento do cine-teatro era apoiado por um *cocktail-bar* e um salão de chá respetivamente colocados no piso térreo e no segundo piso do corpo menor.

Em 2010 o conjunto encontrava-se aparentemente abandonado, num processo de decadência que o desaparecimento da cobertura do volume maior virá certamente acelerar.

O **Colégio Luís de Camões**,[32] na cidade da Beira, foi desenhado por Pancho Guedes em 1953 na cidade do Porto, durante o período em que realizou o seu projeto de CODA.[33] Construído pela Empresa de Construções Civis e Industriais[34] começou a funcionar em 1956 albergando provisoriamente as instalações do Liceu Pero de Anaia enquanto se aguardava pelo edifício definitivo daquele estabelecimento liceal.[35]

Implantado no cruzamento da Rua Dom Francisco Barreto com a Rua Dom Gonçalo da Silveira o colégio é composto por dois volumes paralelos implantados na direção noroeste-sudeste segundo a orientação da malha urbana envolvente, ligados entre si por um terceiro

31 "As duas entradas na fachada principal do edifício abrem para o *foyer* principal no rés-do-chão, cujo pavimento é de mármore e onde se encontram ainda colocadas algumas pequenas montras (...). Ao centro, formando como que uma pequena placa, uma série de espelhos (...).
É ainda do centro deste *foyer* que parte esplêndida escadaria de mármore, resguardada por (...) corrimão em metal, que dá acesso ao *foyer* superior, – este atapetado com tapetes de Beiriz, – onde se encontram algumas pequenas montras e cadeirões (...).
(...) O corpo principal do edifício é ocupado pela sala de espectáculos, que tem a forma oval, um comprimento máximo de 50 metros e 20 metros de largura, e conta com um total de 998 lugares, sendo 640 na plateia.
As cadeiras, tanto da plateia como do balcão, são de molas, forradas a cinzento o assento e a verde as costas (...).
O conjunto (...) é verdadeiramente notável, sendo nota predominante os motivos que se vêem ao longo das paredes laterais da sala – escudos com as quinas, em relevo.
Entre a primeira fila e o écran medeia uma distância aproximada de 12 metros, medindo nada menos que 13 metros (...) de largura, o écran para cinemascópio e que fica sendo o maior (...) em toda a Província.
O écran, antes de iniciados os espectáculos, ficará coberto por duas cortinas, sendo a primeira – a mais próxima da plateia – de cor *grenat* e a segunda cinzenta. Uma série de luzes de cores diferentes, colocadas ao longo da extremidade do palco e ainda dos lados, a toda a altura, darão os necessários efeitos de luzes (...).
O palco, que tem (...) 13 metros de fundo, permitirá a actuação (...) de uma companhia de teatro, para o que conta já com alguns camarins.
O ar condicionado é fornecido por três grupos independentes da *Carrier* (...).
(...) As lentes fixas das máquinas de projecção são da (...) marca *Zeiss* e (...) está devidamente equipado para a projecção de filmes em cinemascópio, som estereofónico, prospector da M.G.M. e ainda 4 bandas magnéticas." *Notícias*, 1956-05-24: 5, 6.

32 19°50'36.43"S, 34°50'38.21"E.

33 Albuquerque, 1998: 89.

34 *DM*, 1960-05-28: 5.

35 "A instalação do Liceu Pero de Naya fica, provisoriamente, num belo edifício, acabado de construir, que se destinava à instalação do Colégio Luís de Camões que fica privado, portanto, da sua casa durante uns três anos." *Notícias*, 1956-09-21: 11.

Colégio Luís de Camões

Esquerda:
Fachada principal.
(EM, 2009).

Direita:
Recreio.
(EM, 2009).

Colégio Luís de Camões

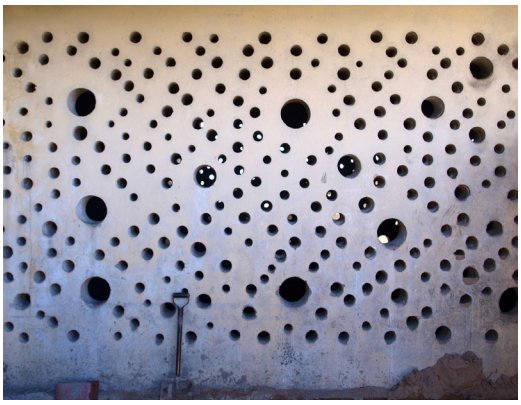
Esquerda:
Entrada principal.
(EM, 2009).

Direita:
Acesso ao recreio.
(EM, 2009).

Colégio Luís de Camões

Esquerda:
Fachada posterior.
(EM, 2009).

Direita:
Fachada posterior - *brise-soleil.*
(EM, 2009).



Colégio Luís de Camões

Esquerda:
Fenêtre en longueur e *brise-soleil.*
(EM, 2009).

Direita:
Furos para ventilação.
(EM, 2009).

Colégio Luís de Camões

Esquerda:
Entrada principal com porta de *pivot.*
(EM, 2009).

Direita:
Sala de aula.
(EM, 2009).

Colégio Luís de Camões

Esquerda e direita:
Espaços interiores do corpo de três pisos.
(EM, 2009).

volume de menor dimensão que ocupa o espaço intercalar entre eles.[36] Os dois corpos maiores, de igual comprimento, estão desfasados entre si no sentido longitudinal definindo um espaço exterior de entrada a noroeste e abrindo para o espaço exterior de recreio a sudeste. Ambos estão cobertos por telhados revestidos a chapa ondulada de fibrocimento. O corpo a sudoeste tem dois pisos de altura enquanto o de nordeste se subdivide em dois tramos, o mais comprido com três pisos e o mais curto formando um recreio coberto de um piso. A composição do edifício assentou, como noutros edifícios de Pancho Guedes desenhados no *Stiloguedes*, na rítmica repetição do desenho expressionista dos cortes transversais formalizado na estrutura de suporte e na resolução dos alçados de topo. A organização interna deste colégio interno foi centralizada no espaço intercalar entre os dois volumes principais. Para este espaço, no qual se faz a entrada principal através de uma porta de *pivot* de grandes dimensões, convergem as principais circulações internas e externas do edifício: a escadaria principal, colocada transversalmente ao eixo deste corpo de distribuição, as galerias cobertas de nordeste, dispostas longitudinalmente ao longo do volume de dois pisos e distribuindo para dez salas de aula que abrem para sudoeste, e o acesso aos restantes compartimentos do colégio, colocados no volume de três pisos.[37] A ventilação cruzada do espaço interno e dos vãos entre as coberturas é realizada por pequenas aberturas retangulares e circulares, as primeiras dispostas regularmente e as segundas de forma aparentemente aleatória.[38] Os alçados longitudinais abrem-se a nordeste e sudoeste através de *fenetrês en longueur* protegidas dos raios horizontais do sol por *brise-soleil* formados por lâminas verticais de alvenaria e pela projeção exterior da estrutura de suporte. No alçado

36 Para desenhos de projeto consultar ALBUQUERQUE, 1998: 87.

37 "As salas de aula são bem arejadas, bem iluminadas e amplas, estando apetrechadas com mobiliário e material didático moderno, de acordo com as exigências legais. Espaçosos e higiénicos dormitórios e salas de jantar foram dotados de material especializado e cómodo. As salas destinadas à classe infantil têm mobiliário e material de ensino apropriado. A completar este conjunto há ainda balneários e sanitários modernos e higiénicos, um recreio coberto para defender os alunos do sol e da chuva durante os seus recreios, e um adequado campo de jogos.
Os balneários têm água quente e fria, pois que o edifício é dotado de aquecimento central elétrico, assim como a cozinha é toda eletrificada. O edifício fica todo ligado por uma rede telefónica interna." *Diário*, 1956-08-13: 11.

38 "Ultimamente foram concluídos na cidade alguns prédios que apresentam, como motivo ornamental, uns buraquinhos de diversos calibres e assimetricamente disseminados nos painéis das sacadas e até nas cimeiras das frontarias. Este motivo ornamental apresenta-se simples ou com um rebordo pintado." *Notícias*, 1956-03-22: 5.

nordeste, mais exposto aos raios verticais do sol, as aberturas são ainda protegidas pelo avanço das coberturas nos pisos superiores e pelo recuo dos espaços interiores em relação ao plano das fachadas. Estes vãos são antecedidos por varandas exteriores para as quais abrem as salas de estar, jantar e cozinha e, no rés-do-chão, por um coberto suportado por um pórtico formado por *pilotis* cónicos. A iluminação de alguns espaços interiores é ainda complementada pela abertura de pequenas frestas retangulares de composição abstrata encerradas por vidros coloridos.

Tal como o Cine-Teatro São Jorge e o Pavilhão de Turistas, o Colégio Luís de Camões foi em 1957 apresentado pelo jornal *Notícias* como um dos edifícios paradigmáticos da moderna arquitetura da Beira.[39] Em Fevereiro de 2009, com a designação de Escola Primária Completa da Ponta-Gêa, estava a sofrer obras de reabilitação. Neste antigo colégio funciona atualmente a Escola Secundária da Ponta-Gêa.

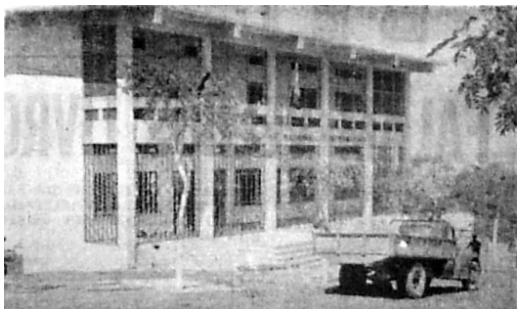
A **Dependência de Porto Amélia do BNU**[40] foi projetada em 1953 por Alzina de Meneses. A sua construção teve início em Novembro de 1954 e estava concluída em Dezembro de 1956 embora a inauguração só tivesse tido lugar em Junho de 1957.[41]

A primitiva dependência do BNU, atual Banco de Moçambique, localiza-se no limite do núcleo urbano inicial de Pemba abrindo sobre a antiga R. Oliveira Salazar, via que estabelece a ligação entre as partes baixa e alta da cidade. O complexo da dependência compreende três edificações dispostas no terreno das quais o edifício da agência do banco, alinhado com a avenida, tem a forma de um prisma retangular de três pisos: dois pisos acima da cota da rua e um na cota inferior tirando partido do desnível do terreno. Os espaços para os serviços bancários localizam-se na cave e no rés-do-chão enquanto o apartamento do gerente, com acesso principal e de serviço por escadas exteriores, ocupa o 1.º andar. Nas traseiras deste volume um pequeno pavilhão de dois pisos e cobertura de uma água alberga no piso térreo

39 *Notícias*, 1957-11-06: 5.
40 12°57'50.82"S., 40°29'20.19"E.
41 *Notícias*, 1957-06-05: 9.

Banco Nacional Ultramarino

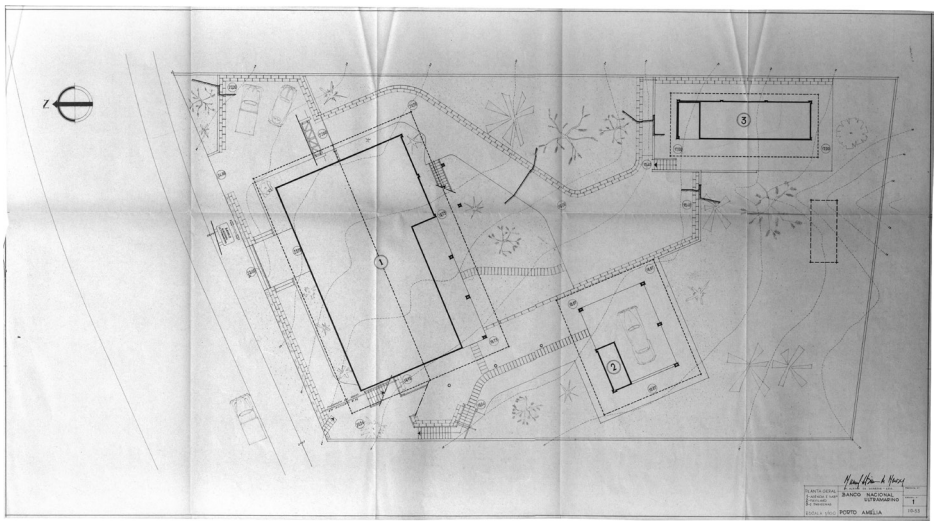
Novo edifício do Banco Nacional Ultramarino de Porto Amélia.
Notícias, 1956-12-17: 6.



Banco Nacional Ultramarino

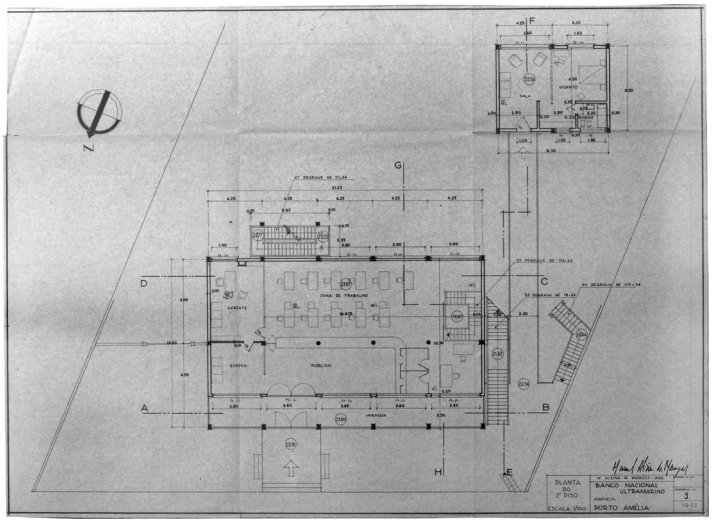
Esquerda:
Enchendo a (?) *da cobertura. Edifício para* (?) *no dia 27 de Outubro.*
Alzina de Meneses?, 27 de Outubro de 195??
(EM, 2010 | AHCGDFBNU)

Direita:
Vista desde a antiga Av. Oliveira Salazar.
(EM, 2010 | EWV)



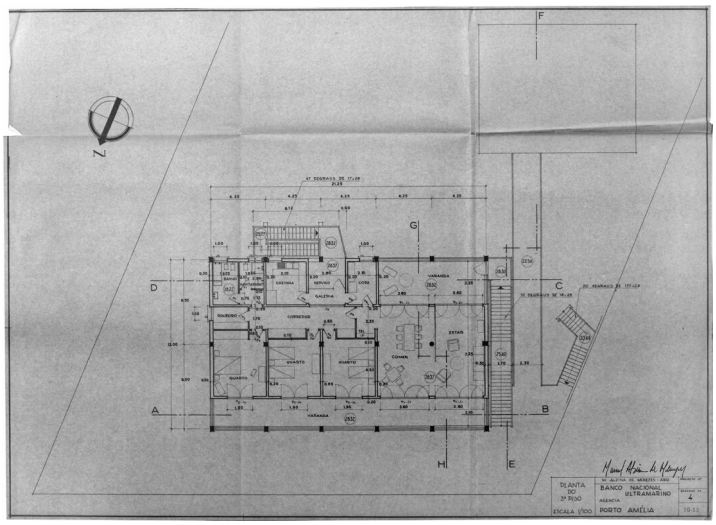
Banco Nacional Ultramarino

Banco Nacional Ultramarino. Porto Amélia. Planta geral.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Planta do 2.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

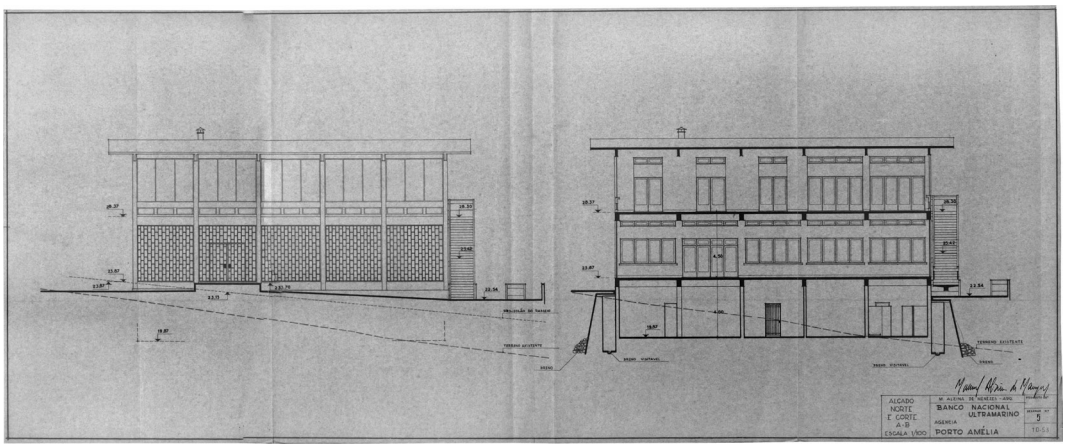


Banco Nacional Ultramarino

Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Planta do 3.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

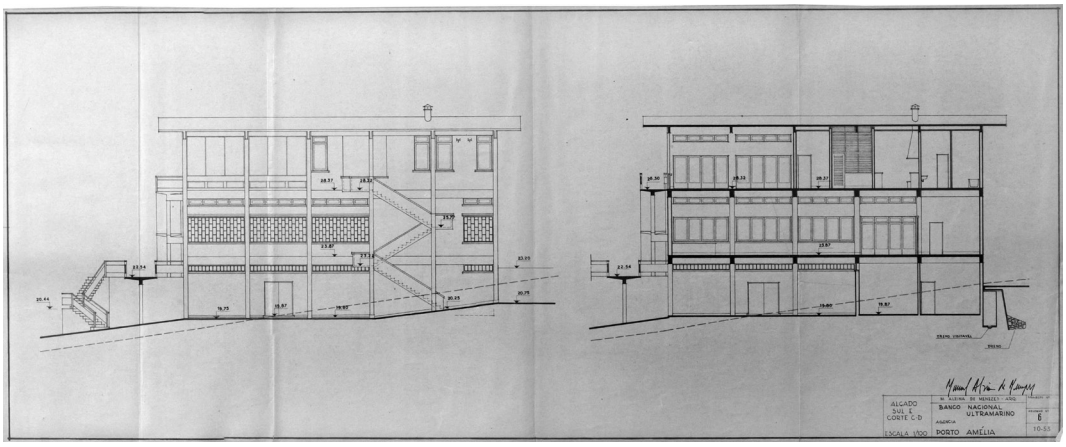
Banco Nacional Ultramarino

Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Alçado norte e corte A-B.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



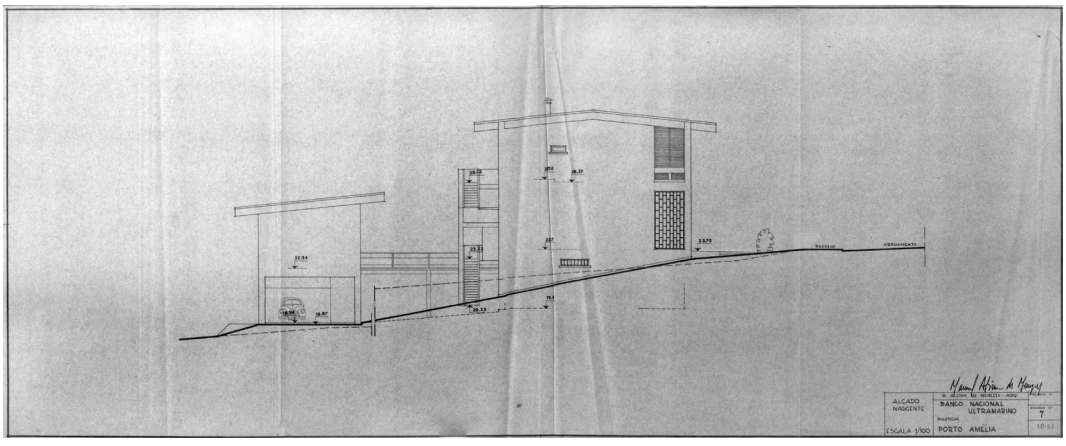
Banco Nacional Ultramarino

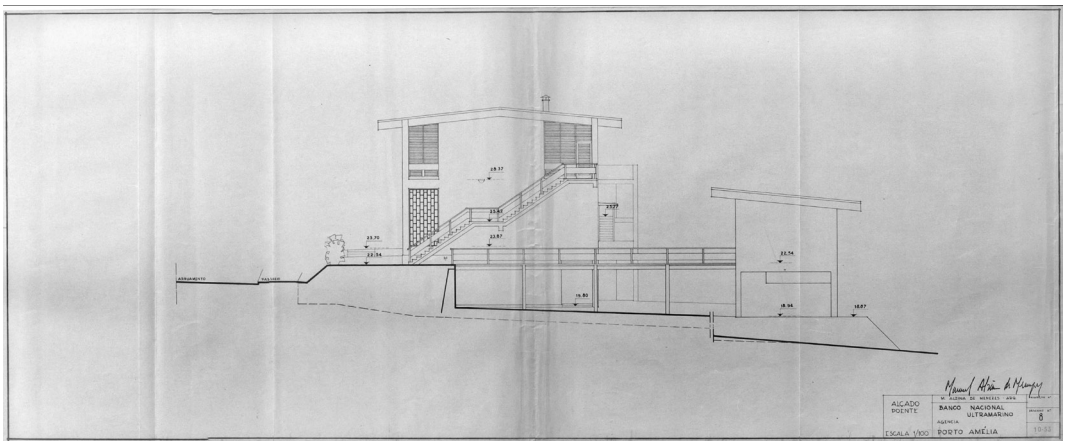
Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Alçado sul e corte C-D.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

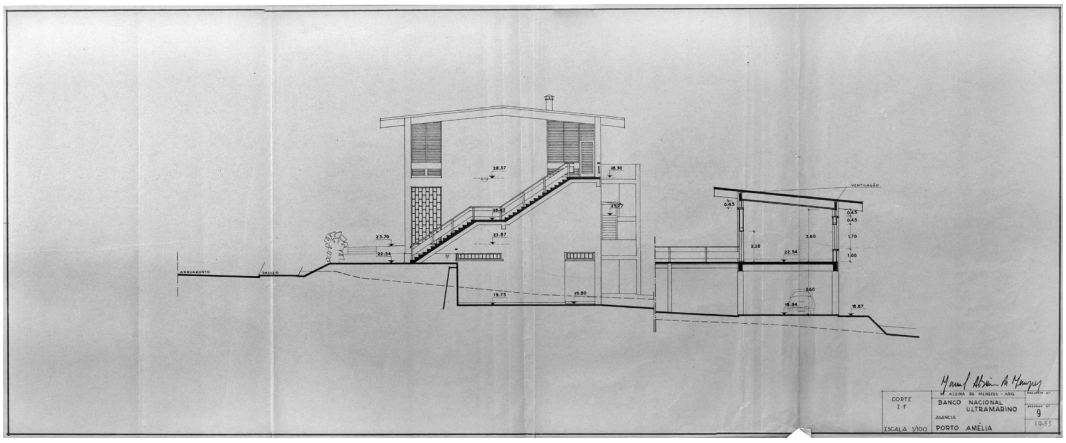
Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Alçado nascente.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





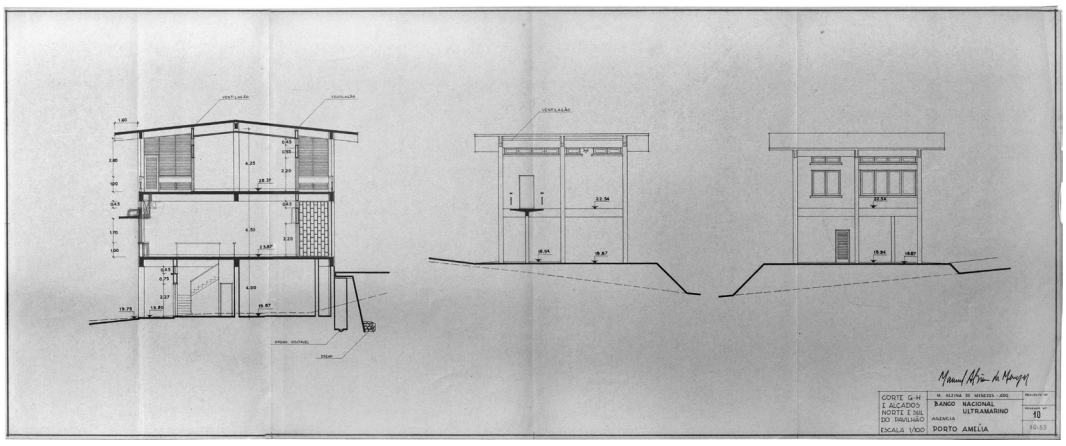
Banco Nacional Ultramarino

Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Alçado poente.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Corte E-F.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

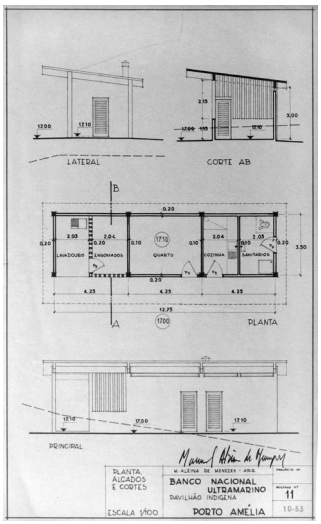


Banco Nacional Ultramarino

Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Corte G-H e alçado norte e sul do pavilhão.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

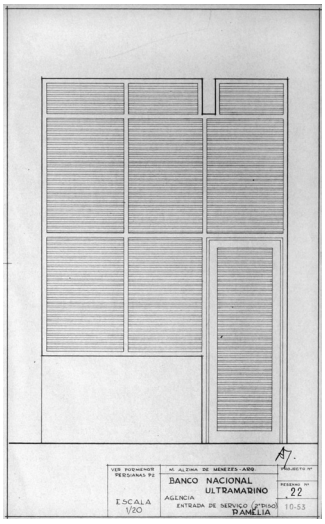
Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Banco Nacional Ultramarino. Pavilhão indígena. Porto Amélia. Planta, alçados e cortes.
Escala 1:100.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



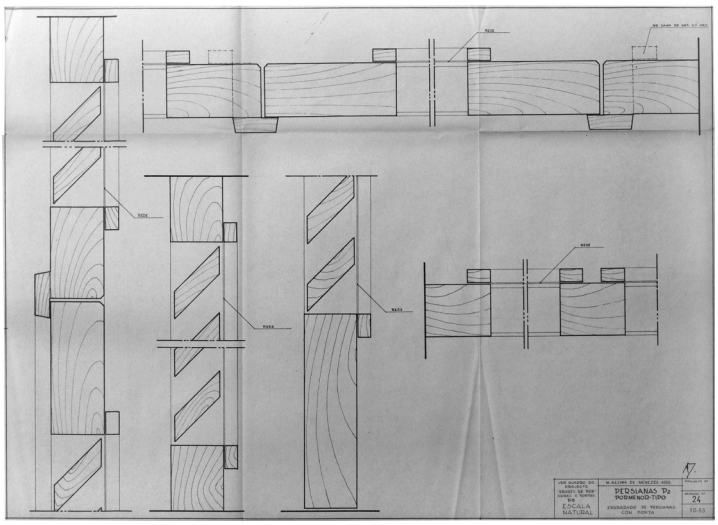
Banco Nacional Ultramarino

Banco Nacional Ultramarino. Agência. Porto Amélia. Entrada de serviço (2.º piso).
Escala 1:20.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Persianas P2. Pormenor-tipo. Engradado de persianas com porta.
Escala 1:1.
Projeto, Outubro de 1953.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



um coberto para estacionamento automóvel com acesso por rampa e no piso superior um apartamento para funcionários do banco em trânsito com entrada de nível desde a avenida por uma ponte.[42] Mais distante dos dois blocos anteriores e implantado nas traseiras numa cota inferior localiza-se um pequeno volume retangular de um piso e cobertura de uma água. Neste edifício encontram-se as habitações e instalações de trabalho dos *indígenas* dispostas numa sequência de compartimentos com acesso direto pelo exterior.

O dimensionamento dos três edifícios assentou na repetição de um pórtico estrutural de pilares e vigas de betão, com 4,25m de frente por 6,50m de profundidade na agência (2 fiadas de cinco módulos) e no pavilhão (2 módulos), e com 4,25m de frente por 3,50m de profundidade nas instalações dos *indígenas* (3 módulos). A composição arquitetónica exterior dos edifícios resultou da expressão aparente desta modulação estrutural pontualmente encerrada com alvenaria. Sobre este encerramento abrem-se vãos de madeira pintada e vidro, grelhas de ventilação com persianas de madeira pintada ou gradeamentos de segurança - estes últimos apenas nos pisos da agência bancária.

A proteção dos edifícios da inclemência solar tropical obteve-se pelos avanços em consola das coberturas superiores e pela sua duplicação numa segunda cobertura ventilada paralela à primeira - com exceção das instalações dos *indígenas* nas quais a cobertura é simples. A captação e circulação transversal das correntes de ar obteve-se com a abertura de lanternins junto aos tetos dos diversos compartimentos e com as grelhas que protegem e ventilam as varandas e os cobertos. No edifício principal a proteção solar é reforçada pelo recuo do plano da fachada norte, formando um pórtico com coberto e varanda na fachada principal.

A expressão estrutural da estrutura porticada do edifício da dependência, em conjunto com a fina membrana de betão que forma o telhado de duas águas projetando-se em

42 "Átrio enorme para o público, todo trabalhado a mármore. Gabinete independente para o gerente com sala de estar anexa. Ótimo salão onde funcionarão todos os serviços do banco, com recinto reservado para o caixa. Na cave do corpo do edifício grandes salas destinadas aos arquivos do banco e uma devida caixa forte (...) assim como balneários para todo o pessoal.
Na parte superior do edifício, fica situada a residência do gerente, onde nada falta de conforto (...).
Anexo ao corpo central do edifício foi construída uma dependência destinada aos serviços de inspeção, com salas de estar e residência para os hóspedes do banco." *Notícias*, 1956-12-17: 6.

consola em todos as direções, conferem-lhe alguma proximidade com as linguagens que irão renovar a moderna arquitetura portuguesa na sequência da realização do *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal*.[43]

Na **Agência do Barclays Bank** da baixa de Lourenço Marques, obra datada de 1954,[44] funcionava em 2012 uma dependência do Millennium Bim. O edifício foi desenhado por Pancho Guedes na família estilística dos *Bancos Através de África*[45] ao longo de um processo de projeto que implicou diversas alterações ao desenho original.[46]

Localizado no centro histórico da cidade, na vizinhança da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, ocupa um estreito lote com três frentes: nos dois topos menores do terreno, que abrem para a Rua Joaquim Lapa e para a antiga Rua Alexandre Herculano, atual Rua de Timor Leste, fazem-se as entradas no espaço público da agência; na longa frente do edifício disposta ao longo da Travessa da Maxaquene rasgam-se os vãos de iluminação do espaço interior. Em relação às perspetivas e maquete do projeto original[47] o edifício construído perdeu alguns dos elementos arquitetónicos previstos: o mural do rés-do-chão foi substituído por um embasamento em placagem de mármore; desapareceu o painel suspenso do piso superior subtituído por uma parede na qual se abrem profundos vãos exteriores protegidos por *brise-soleil* de lâminas verticais fixas, construídas em alvenaria, e lâminas horizontais reguláveis, compostas por placas de mármore; e as abóbadas em arco de escarção que

43 "À Rua Doutor Oliveira Salazar (...) ergue-se majestoso nas suas linhas modernas arquitetónicas o novo edifício do Banco Nacional Ultramarino, da autoria do arquiteto Manuel Alzina de Meneses (...)." *Notícias*, 1956-12-17: 6.

44 Guedes, 2009: 234.

45 "Construí muitos bancos por todo o lado em Moçambique e desenhei muitos outros para Angola.
Às vezes desenhava estes bancos sobre os joelhos, voando de uma pequena localidade para outra em Moçambique. A maior parte das agências foram instaladas em edifícios já existentes, meio terminados ou apenas começados - todos alugados pelo banco. Por vezes não havia nenhum edifício para alugar, e então desenhava um novo e construía-o com a ajuda do Sr. Florentini, que conseguia construir qualquer coisa em qualquer lado, em qualquer altura.
Todos os bancos eram diferentes, mas por uma questão de identidade tinham características comuns." Pancho Guedes *in* Guedes, 2009: 233.

46 "Fiz um anteprojeto com abóbadas e um quebra-luz de elementos circulares em prata. A planta foi logo aprovada, os alçados foram muito discutidos e através de várias alternativas consegui que aprovassem uma alternativa neowrightiana, da sua fase neoazteca." Pancho Guedes *in* Guedes, 2009: 234.

47 Para desenhos de projeto consultar Guedes, 2009: 234 e *S AM*, 2007: 12, figuras1 e 3.

Barclays Bank D.C.O.

Direita e esquerda:
Cunhal entre a R. Joaquim Lapa e a Tv. da Maxaquene.
(EM, 2010 | EWV).

Barclays Bank D.C.O.

Direita e esquerda:
Fenestração do piso superior com *brise-soleil* móveis.
(EM, 2012 | EWV).

ritmavam a cobertura deram lugar a uma laje plana que unifica o contrastante jogo de volumes do edifício.

A **Fábrica de Gelados**[48] da firma Socigel, Sociedade Comercial e de Indústrias de Géneros Alimentares, S.A.R.L., em Lourenço Marques, foi projetada em data ainda desconhecida pelo arquiteto Fernando Eurico e estava já construída em Agosto de 1955.[49]

Ocupa um lote de grande profundidade localizado na Avenida de Moçambique, em frente da entrada do Jardim Zoológico. As fotografias do edifício original, como as publicadas por Cassiano Barbosa na sua compilação sobre o ODAM,[50] revelam uma elegante construção composta com um jogo de volumes primários atravessados por uma estrutura de finos *pilotis*. Na frente principal estes pilares cilíndricos suportam o primeiro andar sobre um piso térreo parcialmente vazado. A composição dos alçados assenta num jogo de claro-escuro entre superfícies opacas, envidraçadas, encerradas por grelhagens cerâmicas de ventilação ou ritmicamente protegidas por *brise-soleil* de lâminas horizontais ou verticais. Nas traseiras o edifício tinha apenas um piso, com a cobertura composta por três lanternins triangulares. A fábrica de gelados sofreu diversos acrescentos ao longo dos tempos, quer em profundidade quer em altura, que o tornaram irreconhecível. Atualmente a sua identificação sé é possível pelos troços do edifício original que sobrevivem no segundo piso da fachada principal.

O **Sporting Clube de Quelimane**[51] teve um primeiro anteprojeto para a remodelação e ampliação da sua sede e instalações desportivas desenhado pelo arquiteto Fernando Eurico. A iniciativa foi anunciado pelo *Diário de Moçambique* em Dezembro de 1955, num artigo ilustrado com uma perspetiva do anteprojeto. Este desenho representa um elegante edifício

48 25°55'40.14"S, 32°33'25.27"E.

49 "Concluiu-se o edifício da nova fábrica de gelados, em Lourenço Marques, em frente ao Jardim Zoológico, o qual fica a constituir um belo conjunto arquitectónico, de linhas modernas, e um considerável valor do nosso ativo. A indústria estará em laboração em 1956, com a instalação de máquinas, dos modelos mais aperfeiçoados." Direção da Socigel *in Notícias*, 1956-08-12: 6.

50 Barbosa, 1972: 188.

51 17°52'38.42"S, 36°53'6.53"E.

Fábrica Socigel

Notícias, 1956-08-12: 7.

Fábrica Socigel

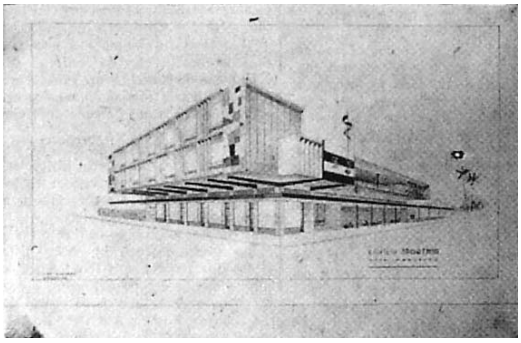
Esquerda e direita:
Vista desde a Av. de Moçambique.
(EM, 2012 | EWV).

Sporting Clube de Quelimane

Uma miragem do edifício em projeto.
DM, 1955-12-10: 3.

Sporting Clube de Quelimane

Notícias, 1958-04-08: 7.



de *Estilo Internacional* isolado no lote. No jornal faz-se uma detalhada descrição das intervenções a realizar nos terrenos do clube e no edifício existente, uma robusta construção de estilo *Art Déco*.[52] Em Janeiro de 1956 um novo artigo, desta vez publicado pelo jornal *Notícias* de Lourenço Marques, repete a descrição e a ilustração anteriores mas complementa-as com a atribuição da autoria do projeto, a menção ao novo piso a criar sobre o andar térreo do edifício existente e a referência à prevista instalação de mecanismos de proteção solar no exterior do novo edifício-sede.[53] A execução deste anteprojeto foi abandonada por razões que desconhecemos.

Em 3 de Abril de 1958 o presidente da direção do clube, Dr. António Alves de Freitas, convoca a imprensa para lhe dar a conhecer um novo anteprojeto para as instalações. O programa compreende agora, para além da sede do clube, uma componente comercial destinada a financiar a edificação do conjunto: a construção de raiz de um bloco de rendimento de três pisos com estabelecimentos comerciais no piso térreo e apartamentos duplex nos dois pisos superiores, abrindo para a antiga Avenida João Bonifácio da Silva, atual Josina Machel, e para a Rua Correia Mourão, atual Filipe Samuel Magaia. O artigo que o jornal *Notícias* publica sobre este acontecimento é ilustrado com uma perspetiva de um edifício de linguagem moderna, com os dois andares superiores projetados em consola sobre o pas-

52 *DM*, 1955-12-10: 3.

53 "O anteprojeto que apresentou molda-se essencialmente nos princípios do funcionalismo, subordinados embora às limitações (...) de aproveitar e adaptar o que já existe, para uma solução em que o fator económico devia ser elemento a considerar. (...) Em frente do edifício ficarão o parque infantil, o cinema ao ar livre e o parque de estacionamento de automóveis. Houve preocupação de dotar esses espaços de adequado enquadramento de vegetação (...).

À esquerda ficarão dois campos de ténis (...) com bancadas para espetadores; ao lado, um recinto apropriado para práticas de atletismo; um grupo de instalações sanitárias servirá esses campos e ainda o de *volleyball*, que se situará à direita do edifício.

(...) O edifício sofrerá alterações importantes e passará a ter primeiro andar. No rés-do-chão está previsto um arranjo que torna a sala de espetáculos absolutamente independente. À esquerda ficará um salão de festas. (...) À entrada existirá um amplo hall, dando igualmente acesso independente para a zona do bar. Este ficará exposto sobre a esplanada. Na parte posterior do piso térreo ficarão ainda instalados sanitários e balneários e dependência para arrumos de aparelhos desportivos.

O acesso ao primeiro andar far-se-á por bem lançada escada, tendo ao topo um pequeno hall. Devidamente dispostos ficarão os gabinetes da Direção, uma galeria para exposição de troféus, salas para jogos de vasa, salas de bilhar e de pingue-pongue, sanitários e dependências para arrumos.

Quanto ao aspeto exterior do edifício, o anteprojeto foi delineado com a preocupação dominante da defesa contra a incidência dos raios solares, sobretudo na fachada principal, particularmente exposta. O atual aspeto compacto dos alçados laterais é também atenuado pelo criterioso emprego de elementos diversificantes (...)." *Notícias*, 1956-01-01: 6.

seio da avenida.[54] Desenhado por um técnico local e sócio do clube, o Sr. Gil de Azevedo, este anteprojeto será de seguida desenvolvido e aprovado pela Comissão de Melhoramentos e depois pela Câmara Municipal de Quelimane[55] estando em fase de construção no início de 1962.[56]

O **Cine-Teatro Águia**,[57] em Quelimane, constituiu um empreendimento de Abdul Carimo Hassam e Adam Aba, pioneiros da indústria de projeção cinematográfica na Zambézia.[58] A autoria do projeto pertenceu a João Garizo do Carmo com cálculos de betão armado pelo engenheiro Adelino Pereira, pinturas por José Rodrigues e painéis por Jorge Garizo do Carmo. A obra, que foi dirigida pelo engenheiro Sucena Reis, teve na direção de acabamentos Vasco Carvalho e como encarregado João Manuel da Silva.[59] Em Fevereiro de 1955 o edifício estava em fase adiantada de construção[60] tendo a inauguração sido realizada no dia 15 de Março de 1958 na presença de Gouveia e Melo, Governador do Distrito da Zambézia. Em 2012 encontrava-se num estado ruinoso sem cobertura no palco, plateia e balcão.

O edifício localiza-se na zona central de Quelimane num terreno de cunhal que faz a

54 "Divulgou o Dr. Alves de Freitas que (...) tratou de pôr em execução o seu velho sonho, avistando-se então com Gil de Azevedo – técnico de reconhecida competência em obras desta natureza – que se prontificou, graciosamente, a elaborar o anteprojeto da nova sede dos *leões*.
(...) E vimos, então, a perspetiva de uma obra que, na verdade, *impressiona* pela grandiosidade e beleza arquitetónica das suas linhas, de estilo moderno e elegante.
(...) E, então, o presidente do Sporting prosseguiu, revelando que o conjunto da obra compreenderá um bloco de rendimento, tendo no rés-do-chão lojas para comércio e 1° e 2° andares serão aproveitados para *flats* de habitação tipo *Duplex*. Esta parte do edifício ficará com frente para a Avenida Bonifácio da Silva.
A segunda fase, destinada a edifício da sede, dando para a Rua Correia Mourão, compor-se-á de : a) átrio do público; b) secretarias; c) arquivo; d) salão de troféus; e) gabinete da Direção e f) biblioteca. Depois seguem-se as salas de estar para homens e senhoras, de bilhar, pingue-pongue, jogos de mesa, bar, e vestiários e sanitários para os diversos serviços.
O edifício existente será restaurado e adaptado a ginásio, salão de baile, cinema e festejos.
Está prevista, também, a criação de um parque infantil, jardim de infância e de uma *boite*.
Acresce que as obras se iniciarão pelo bloco de rendimento para que este, após a conclusão, possa já constituir uma fonte de receita para o clube" *Notícias*, 1958-04-08: 7.

55 *Notícias*, 1959-02-01: 6.

56 *BGU*, 1962-01/02: 194-195.

57 17°52'35.31"S, 36°52'59.20"E.

58 *DM*, 1955-02-17: 6.

59 Águia cine-teatro, 1958: 2.

60 "Vai já em adiantada fase de construção o novo e moderno edifício do *Cinema Águia*, obra de vulto, que muito contribuirá para a valorização da cidade." *DM*, 1955-02-17: 6.

Cine-Teatro Águia

Pormenor da entrada principal
(EM, 2009).

Cine-Teatro Águia

Esquerda:
Fachada principal
(EM, 2009).

Direita:
Pórtico da entrada principal.
(EM, 2009).

articulação entre a Avenida Eduardo Mondlane e a Rua Zedequias Manganhela, no remate visual do topo noroeste da antiga Rua Bonifácio da Silva, atual Avenida Josina Machel. O programa do Cine-Teatro Águia, que como o Cine-Teatro S. Jorge da cidade da Beira previu a criação de uma casa de chá anexa, foi dimensionado para uma lotação de 800 espetadores. O programa compreendeu a construção e instalação de todos os elementos e equipamentos necessários ao conforto climático dos espetadores e ao funcionamento misto do cineteatro[61] nomeadamente do palco com écran, teia, camarins e fosso de orquestra, da cabine de projeção e das aparelhagens de projeção e ar condicionado.

A sua forma trapezoidal é constituída por uma sequência de três volumes concêntricos de crescente altimetria que privilegiam a convergência da visão dos espetadores para o palco. O volume exterior segue o contorno circular do lote anunciando pelo desenho da fachada principal, composta por dois planos sobrepostos, a função excecional do edifício na malha urbana envolvente. No piso inferior desta fachada uma escadaria contínua forma um pódio coberto limitado no lado exterior por um pórtico de *pilotis* e no interior por uma parede em pedra rusticada na qual se abrem as portas de acesso ao *foyer*. Esta parede prolonga-se, com uma linguagem arquitetónica semelhante, no volume anexo do salão de chá. No piso superior um pano de parede convexo foi decorado com um mural geométrico formado por losangos policromos sobre os quais se destacava o *lettering* com o nome do cineteatro.[62]

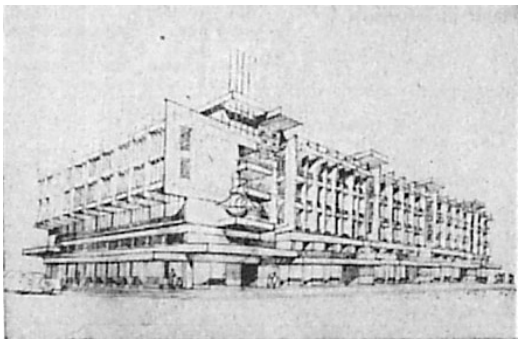
O **Edifício da Companhia de Seguros Nauticus**,[63] em Nampula, inclui-se num conjunto de empreendimentos imobiliários que aquela empresa levou a efeito em meados da década de 50 nas mais importantes cidades moçambicanas - incluindo construções em

61 "Terá capacidade para oitocentos espectadores, sendo, seiscentos, na plateia e duzentos, no balcão. O palco, com todos os requisitos indispensáveis à sua finalidade, conta com sete camarins no mesmo piso da cena, podendo os baixos servirem, também, de camarim (...)." *DM*, 1955-02-17: 6.

62 "Constituiu um acontecimento do maior relevo a inauguração, no sábado, do moderno e elegante Cine-Teatro Águia, com a lotação completamente esgotada, apresentando a exibição do filme *A Leste do Paraíso*.
O novo cinema abriu solenemente as suas portas após a chegada do Governador do distrito e sua esposa, que foram recebidos, à entrada, pelo empresário Abdul Carimo Hassam." *Notícias*, 1958-03-18: 12.

63 15° 6'52.82"S, .39°15'50.23"E.

A FESTA DO NATAL
DO PESSOAL DO "NOTÍCIAS"
Do Mundo Português
A "TIME" DO NATAL
EM CHIPRE
os atentados continuam
CAPITAL E RESERVAS EM 31-12-1955
72.700 CONTOS
OS 3.000 CONTOS
HOTEL POLANA
HOJE — NOITE DE NATAL
GRANDIOSO BAILE AO AR LIVRE
JUNTO AO RECINTO DA PISCINA
CONJUNTO MÁRIO SIMÕES



Edifício Nauticus

Projeto do "Edifício Nauticus", em construção, situado nas Avenidas Vieira Machado e Coronel Casqueiro da cidade de Nampula.
Notícias, 1956-12-25: 19.

Edifício Nauticus

Esquerda:
Fachadas principais do Hotel Portugal e do corpo de comércio e habitação.
(EM, 2009).

Direita:
Brise-soleil da fachada do antigo Hotel Portugal.
(EM, 2009).

Edifício Nauticus

Esquerda:
Fachada principal do corpo de comércio e habitação.
(EM, 2009).

Direita:
Traseiras do conjunto.
(EM, 2009).

Edifício Nauticus

Esquerda e direita:
Vistas parciais do corpo de comércio e habitação.
(EM, 2009).

Lourenço Marques e na cidade da Beira.[64] O edifício foi projetado por Pancho Guedes e pelo engenheiro Nuno Prata Dias em data ainda desconhecida. A sua construção, que se iniciou em Outubro de 1955,[65] prosseguia ainda em Maio de 1957.[66] Enquanto o conjunto edificado foi inaugurado no dia 28 de Maio de 1960, numa cerimónia integrada nas comemorações do dia da *Revolução Nacional*,[67] as instalações do Hotel Portugal, propriedade de António Marques,[68] foram inauguradas no dia 2 de Julho do mesmo ano também na presença do governador do distrito.[69]

O conjunto ocupa, com um bloco de cinco pisos em forma de "L", dois talhões de um quarteirão numa zona central da malha urbana regular da cidade: o braço mais comprido abre para a antiga António Enes, atual Avenida Francisco Manyanga, e contém comércio e habitação; o corpo mais curto, com frente para a antiga Avenida Mouzinho de Albuquerque, atual Avenida da Independência, esteve originalmente ocupado com as instalações do Hotel Portugal.[70] Em Março de 2009 os dois pisos inferiores deste braço estavam ocupados pelas instalações da MCel enquanto os superiores estavam vazios e sem caixilharias.

A separação programática entre os dois braços do "L" do edifício corresponde a duas distintas expressões arquitetónicas exteriores: enquanto a articulação volumétrica do bloco

64 *Notícias*, 1956-03-17: 14.

65 "Partiu hoje para L. Marques, o (...) gerente da Delegação da Companhia de Seguros Nauticus, que ali se desloca para tratar de diversos assuntos que se relacionam com a construção do edifício que aquela importante seguradora vai construir em Nampula. O novo edifício (...) ficará situado nos talhões n.ºs 184 e 187 e terá 4 pavimentos, ficando a ser o maior prédio de Nampula. As obras vão ser iniciadas imediatamente." *DM*, 1955-10-18: 3.

66 "De Lourenço Marques deslocaram-se a esta cidade, a fim de observarem os trabalhos da construção do magnífico edifício que a Companhia de Seguros *Nauticus* está aqui a construir, os Srs. engenheiro Nuno Prata Dias e arquiteto Miranda Guedes, autores do projeto (...)." *Notícias*, 1957-05-23: 9.

67 "O prédio *Nauticus*, ainda não completamente construído, encontra-se em fase de acabamentos de algumas dependências dos seus seis pisos mas isso não obsta a que possa começar já a ser útil à cidade e, consequentemente, será oficialmente inaugurado amanhã, dia 28 de Maio (...).
Procederá à inauguração (...) Sua Excelência o Governador do Distrito, com a presença de todas as entidades oficiais e particulares e forças vivas da cidade, amavelmente convidadas pela *Nauticus* que terá em Nampula a presença do seu diretor Sr. Carlos Teodoro Martins (...)." *DM*, 1960-05-27: 5.

68 *DM*, 1960-07-01: 5.

69 "Assim, foi em ambiente de rara distinção que pelas 17 horas do dia 2 do corrente mês, Sua Excelência o Governador do Distrito, Major do Corpo do Estado Maior, Lopes dos Santos, declarou oficialmente inaugurado o aprazível *Hotel Portugal* (...)." *DM*, 1960-07-08: 5.

70 "Possui o novo estabelecimento hoteleiro (...) 39 quartos, trinta dos quais com casas de banho privativas e três *suites*, com três quartos cada, uma confortável sala de visitas e ampla e arejada sala de jantar com *boîte*." *DM*, 1960-07-08: 6.

comercial e habitacional evoca a arquitetura de Frank Lloyd Wright[71] - o edifício insere-se na família estilística *Como o Frank Lloyd Wright me ajudou* -,[72] a fachada do hotel é dominada pela densa grelha das lâminas verticais de alvenaria dos *brise-soleil* dos pisos superiores, numa maior proximidade de desenho com os edifícios de Pancho Guedes pertencentes ao estilo *Torres Temporárias e Fatias de Rua*.[73]

O **Hotel Embaixador**,[74] na cidade da Beira, foi o primeiro hotel comercial da cidade.[75] Constituiu uma resposta de categoria intermédia entre o luxo do Grande Hotel e a economia do acampamento turístico do Macúti ao aumento do afluxo de turistas provenientes da Rodésia do Sul que a abertura da ponte sobre o Rio Pungué veio incrementar.[76] O edifício, um empreendimento dos colonos Saúl Brandão e Ramiro de Carvalho,[77] foi projetado por

71 "O *Edifício Nauticus* (...), em Nampula, remete-nos para alguns edifícios de Wright, nomeadamente o Unity Temple (1904), em Oak Park e os Midway Gardens (1913-14), em Chicago, com platibandas cegas e um forte ritmo vertical nos vãos." SANTIAGO, 2007: 63.

72 "Frank Lloyd Wright ajudou-me realmente ao princípio. Penso que poderei explicá-lo melhor à maneira de uma confissão. Uma declaração formal:
Eu, Amâncio d'Alpoim Miranda Guedes, declaro que, durante o meu quinto e último ano de estudo, comprei na Vanguard Booksellers, uma livraria que pertencia a Fanny Klennerman, na Rua Joubert, em Joanesburgo, o único exemplar de um livro com capa vermelho-sangue intitulado *In the Nature of Materials* [Da natureza dos Materiais], por 36 xelins.
Confesso que este livro teve sobre mim uma influência perturbadora e corruptora, levando-me a projetar e construir um certo número de edifícios que são manifestamente inventados sob a influência de um Wright visto por Hitchcock.
Esta maneira de inventar edifícios foi no passado bastante bem aceite e mesmo encorajada, mas a partir de 1925 foi proibida e só alguns modelos puderam continuar a ser usados para servir de inspiração." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 129.

73 "São edifícios de empresas de transportes, das velhas casas mercantes que negociavam por toda a parte em Moçambique e de várias companhias de seguros. Nestes projectos reduzi a intensidade da luz solar com ecrãs e *brises-soleil* para arrefecer o interior dos edifícios e para lhes dar uma melhor aparência.
As empresas de transportes compravam os edifícios e alugavam o espaço que sobrava a consulados e a outras firmas que precisassem de escritórios. As companhias de seguros mandavam construir edifícios como forma de investir em propriedade, alugando-os à comunidade empresarial que se encontrava em expansão." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 197.

74 15° 6'52.82"S, 39°15'50.23"E.

75 "O regime em que o hotel funcionará (...) em tipo de diária incompleta, onde os hóspedes apenas pagarão dormida e pequeno-almoço. Poderão servir-se do restaurante e parte social do sexto andar sempre que o desejem (...)." *Notícias*, 1957-05-17: 5.

76 "Temos necessidade de mais hotéis, mas decentes. Se há turistas que gostam de acampar, muitos há que gostam das suas comodidades e para eles, para os turistas que hão-de vir depois de concluída a estrada e a ponte do Pungué, as mil escassas camas de que dispõem os hotéis atualmente não chegam para nada." Saúl Brandão *in Notícias*, 1958-08-06: 6.

77 "É hoje inaugurado (...) o novo Hotel *Embaixador*, que se deve à iniciativa do dinâmico e importante industrial e comerciante Sr. Saúl Brandão, administrador da Sociedade Construções da Beira, Limitada proprietário do grandioso edifício onde está instalado o hotel e de que são sócios também, o Sr. Ramiro de Carvalho e ainda a sua outra firma Predial Ultramarina, Limitada, cuja exploração é da conta da Empresa de Turismo da Beira, Limitada, de que é também administrador o Sr. Saúl Brandão e é constituída pelos mesmos sócios." *Notícias*, 1958-08-13: 5.

Notícias na BEIRA

O GRANDE HOTEL COMERCIAL DA BEIRA

GRANDIOSA INICIATIVA DA "SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES, LDA."

VAI SER UMA BREVE REALIDADE

CHEGOU À BEIRA O MINISTRO DA SÚCA EM LISBOA

ADMINISTRADOR JOÃO AUGUSTO SILVA

NECROLOGIA

Dr. David Errol

"A influência dos portugueses no Oriente, principalmente nos séculos XVI e XVII, deixou em Goa, Damão e Dio, alabaseda viva de uma civilização que será difícil destruir"

MENDICIDADE INDÍGENA em Maciu e Sofala

ANTÓNIO MARQUES ESPARTEIRO

A UNION CASTLE VAI INTENSIFICAR COM AS SUAS CARRERAS para a Beira, via Canal de Suez

O NOSSO JORNAL na Banda

VIDA DESPORTIVA

FUT BOL

O Torneio Preparação em Futebol

A quinta jornada disse-nos que a "coisa" vai ser muito falada até ao fim...

Francisco Pereira

INFORMAÇÕES

NHANGAU

DIZ-SE

A MESA DO CAFÉ...

Joaquim Alves

Saul Brandão

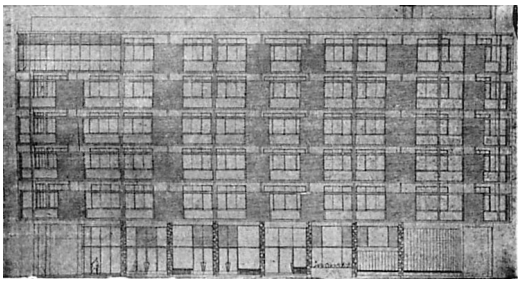
O CLUBE NÁUTICO DA BEIRA

leva a efeito este fim de semana

AS REGATAS "VASCO DA GAMA" E "AFONSO DE ALBUQUERQUE"

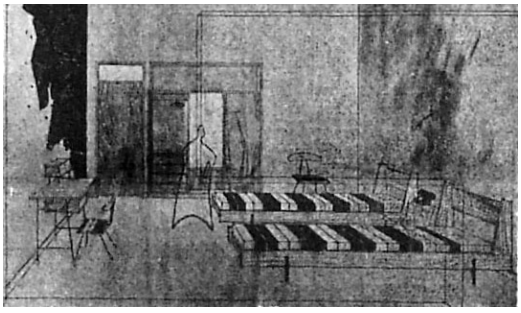
para a disputa

DA "TAÇA INDIA PORTUGUESA"



Hotel Embaixador

Projeto de um hotel - alçado principal.
Notícias, 1957-05-17: 5.



Hotel Embaixador

Projeto de um hotel - quarto-tipo - perspetiva.
Notícias, 1957-05-17: 5.

Hotel Embaixador

Vista aérea da cidade da Beira com indicação das obras por Francisco de Castro e o Hotel Embaixador em primeiro plano.
[s.a.], 1958.
(EM, 2010|FJC).

Hotel Embaixador

Esquerda:
Cunhal norte.
(EM, 2009).

Direita:
Cunhal nascente.
(EM, 2009).

Hotel Embaixador

Esquerda:
Fachada principal.
(EM, 2009).

Direita:
Cunhal poente.
(EM, 2010 | EWV).

Francisco José de Castro[78] que o datou de 1955.[79] Os cálculos de estabilidade foram da responsabilidade do engenheiro João M. Caiado Cabral,[80] sócio de Francisco de Castro no escritório beirense, e contou com diversos contributos gráficos e pictóricos da autoria de Jorge Garizo do Carmo. A este artista plástico quem devem ser atribuídos os desenhos do *lettering* da fachada principal com o nome do hotel, do foscado dos vidros de algumas portas interiores ou das bases para pousar copos. A obra, que ficou a cargo da Eticol, Empresa de Transportes, Indústria e Comércio, Ld.ª, estava em fase dos acabamento em Maio de 1957.[81] A inauguração, que foi inserida no programa de festas da cidade, teve lugar em 13 de Agosto de 1958.[82] A abertura contou com a presença de representantes da sociedade local e de convidados de Lourenço Marques, entre os quais o governador-geral da antiga província de Moçambique, comandante Gabriel Teixeira.[83] Em 2009 e 2010 o edifício estava em obras: as últimas imagens publicadas na *Internet* revelam uma radical alteração da sua imagem externa com novas caixilharias e um novo revestimento metálico das paredes exteriores, entre outras modificações.

O hotel localizava-se numa zona em consolidação em frente a um braço de mar, o Chiveve. Ocupa a totalidade de um quarteirão trapezoidal definido pela Avenida Major Serpa e pelas ruas Pêro de Alenquer, Companhia de Moçambique e pela antiga Rebelo da Silva, atual Belegard da Silva. A sua volumetria é constituída por quatro frentes contínuas com esquinas boleadas limitando um pátio aberto que permite a ventilação cruzada dos espaços interio-

78 "O projeto é da autoria do Sr. arquiteto Francisco de Castro e isso é garantia do seu (...) valor, tanto sob o ponto de vista arquitetónico e estético como de conceção verdadeiramente utilitária (...).
(...) Concluindo (...) queremos fazer especial menção ao Sr. arquiteto Francisco Castro, que, mais uma vez, demonstrou as excecionais qualidades de projetista como o mais alto sentido estético e funcional que sempre empresta a todas as, já bem numerosas, obras a que vem ligando o seu nome." *Notícias*, 1957-05-17: 5, 6.

79 Castro, [19??]: 1.

80 *Notícias*, 1957-05-17: 5.

81 *Notícias*, 1957-05-17: 6.

82 "Ao que somos informados ainda, ligando a inauguração do novo estabelecimento com as Festas da Cidade, haverá nesse mesmo dia à noite (...) em frente do majestoso hotel, o lançamento de fogo-de-artifício, que certamente levará ao local a população beirense, em peso." *Notícias*, 1958-08-04: 6.

83 "O novo e magnífico hotel *Embaixador*, na cidade da Beira, será oficialmente inaugurado no próximo dia 13, com a presença do Sr. Governador-Geral (...) e sua Ex.ma Esposa e ainda de mais vinte convidados de honra, que daqui se deslocarão propositadamente, num avião especial (...)." *Notícias*, 1958-08-05: 1.

res.[84] O programa do edifício compreendia as seguintes funções: estação de serviço automóvel - com garagem de recolha e oficinas de reparação e pintura de veículos automóveis -, ocupando toda a extensão da cave e parte do piso térreo;[85] estabelecimentos comerciais e instalações do hotel no rés-do-chão;[86] zona de quartos nos quatro pisos seguintes - 230 camas em 115 quartos com ar condicionado, servidos por galerias de acesso abertas para o interior do quarteirão;[87] zonas de serviço[88] e espaços coletivos de caráter público no 5.º andar[89] – entre eles o bar *Sirocco*, com murais com desenhos de torres e cúpulas orientais, e a *boîte Zoma*,[90] com murais e tampos de mesa com padrões geométricos, ambos da autoria de Jorge Garizo do Carmo[91]; e zona de serviço reservada[92] e esplanada exterior pública no terraço do último piso.[93]

O edifício foi maioritariamente construído com materiais industriais de produção nacional:[94]

84 Para desenhos de projeto consultar ALBUQUERQUE, 1998: 61.

85 *Notícias*, 1958-04-19: 5.

86 "O hotel (...) ocupa todos os pisos, com exceção da cave e do rés-do-chão, onde (...) se encontra a entrada principal, que é ladeada pela receção e gerência, de um lado, e por um *bar* do outro." *Notícias*, 1957-05-17: 6.

87 "Todos os quartos possuem uma varanda privativa e compõem-se de um *hall*, de uma casa de banho e do quarto (...); com exceção de 4, que possuem também uma pequena sala, e de 12, que não estão dotados de *hall*." *Notícias*, 1957-05-17: 6.

88 "(...) no 5.º andar ficará instalada a (...) *zona social* além das (...) instalações de serviços, como copa suja, copa limpa, gabinete de *controle*, cozinha geral, comedouros para pessoal, vestiários, dispensa, câmaras frigoríficas, etc., etc." *Notícias*, 1957-05-17: 6.

89 "No 5.º andar, uma sala de jantar para 350 pessoas, um *lounge*, sala de leitura, uma sala para crianças, um *bar*, que chamamos de *Sirocco*, a *boîte Zoma*, cozinhas, etc." Saúl Brandão *in Notícias*, 1958-08-06: 6.

90 "A *boîte* não é mais do que um complemento do hotel. Temos necessidade de proporcionar aos nossos hóspedes as melhores comodidades e distrações. Foi nessa intenção que ela foi feita. Todavia, as pessoas da terra, também podem gozar desse privilégio. (...) O que por aí há são *dancings*. É mais acolhedor o ambiente da *boîte*, embora comportando somente 80 pessoas." Saúl Brandão *in Notícias*, 1958-08-06: 6.

91 "Foi Garizo do Carmo quem decorou a maioria das salas (...). Bastaria isso para não nos admirarmos do que nos foi dado observar na decoração das escadas, sala de estar, *bar* e *boîte*. É que Garizo do Carmo soube dar a todas aquelas dependências o ambiente necessário e próprio do fim que se pretendia. Inspirando-se não só no folclore gentílico, como também nos maiores potenciais turísticos de Moçambique, que é a caça e a pesca, conseguiu dar uma expressão *gráfica* que nos impressiona e nos traduz imediatamente o ambiente puramente africano sem ser pesado, inspirando-se até no orientalismo na decoração do *bar*, conseguimos, através destas decorações onde não falta o calor cromático que nos impressiona os sentidos, ter a sensação absoluta de que na verdade estamos em África, numa África confortável e agradável de viver." *Notícias*, 1958-08-13: 5.

92 "Num sexto andar de área restrita ficarão as instalações destinadas ao pessoal de serviço do hotel, bem como lavadouros, engomadeiros, etc." *Notícias*, 1957-05-17: 6.

93 "No 6.º andar, uma grande esplanada, que poderá comportar 400 pessoas e que dispõe de mesas e cadeiras com chapéus de praia, a que poderemos chamar de *roof-garden*." Saúl Brandão *in Notícias*, 1958-08-06: 6.

94 "Em resposta a várias perguntas (...) o Sr. Saúl Brandão, afirmou (...):
(...) *Como podem calcular, nós podíamos importar diretamente, todos os materiais e recheios, mas tivemos a preocupação de adquirir quase a sua totalidade, por intermédio das casas da especialidade no mercado local* (...).
(...) Ficámos ainda a saber, que, praticamente, todo o mobiliário tinha sido fabricado pela firma local, Indústria Portuguesa de Madeira, Ld.ª, e os colchões foram também fabricados na Província, pelo *Lar Moderno* (...)." *Notícias*, 1958-08-07: 6.

estrutura de betão e paredes de alvenaria, vãos das montras encerrados com caixilharias de alumínio anodizado, revestimento de grande parte das paredes interiores, incluindo a escadaria principal, com mosaicos vitrosos Evinel.[95] A expressão arquitetónica exterior do edifício traduz as diferentes funções dos espaços interiores ao longo de uma sequência vertical na qual se articulam distintos elementos compositivos: no piso térreo, com *pilotis* e pilares retangulares aparentes, as frentes são envidraçadas; nos quatro pisos de quartos as fachadas exteriores têm uma complexa composição que articula varandas em consola ao longo de todo o perímetro do edifício - para as quais abrem os vãos dos compartimentos -, divididas em segmentos individuais pelo prolongamento das paredes divisórias, protegidas da insolação por panos opacos de parede e ventiladas por frestas superiores vazadas;[96] no 5.º andar a unidade compositiva dos pisos intermédios mantém-se apenas nas fachadas às ruas da Companhia de Moçambique e Rebelo da Silva, sendo substituída pelo encerramento com caixilharia a toda a altura da varanda perimetral na frente à Avenida Major Serpa e pelo desaparecimento das paredes de proteção das varandas no alçado à Rua Pêro de Alenquer; no último piso o edifício é rematado pela alta platibanda e pelo movimento ondulante das lajes de betão que cobrem as zonas encerradas das instalações de serviço. Edifício de referência no tecido urbano da cidade da Beira o Hotel Embaixador constituiu, na época da sua construção, um símbolo dos valores de progresso e modernidade com que se identificava a sociedade local.[97]

95 *Notícias*, 1958-08-14: 7.

96 "A partir do primeiro andar os pavimentos terão, a todo o desenvolvimento exterior do edifício, varandas corridas, que não somente formarão zonas de sombra, e por conseguinte de frescura, adequadas ao clima, como contribuirão para dar à construção uma maior leveza de carácter estético, criando zonas de claro-escuro (...)." *Notícias*, 1957-05-17: 6.

97 "Pode parecer exagerada à primeira vista a circunstância de na nossa cidade, serem inaugurados num tão curto espaço de tempo, dois hotéis com a categoria do da Companhia de Moçambique e a do *Embaixador*, todavia, isso só pode traduzir o índice de progresso da Beira (...).
(...) O Hotel Embaixador vai hoje ser inaugurado e fica a marcar e a exemplificar mais uma vez, o espírito de iniciativa de uma empresa composta por colonos (...).
(...) Está pois de parabéns a Beira por mais esta inauguração, uma inauguração que traduz o ritmo de progresso em que a nossa cidade está a caminhar, para atingir o lugar a que tem jus como uma das mais progressivas terras de todo o Ultramar Português." *Notícias*, 1958-08-13: 5.

A **Dependência de Vila Pery do BNU**[98] foi desenhada por Paulo de Melo Sampaio. O seu anteprojeto data de 1955 e o projeto de 1956. A abertura das propostas ao concurso público de construção teve lugar em 31 de Outubro de 1956. Foi edificado pela Empresa de Construções Civis e Industriais.[99] A sua construção atingiu o ponto mais alto em Fevereiro de 1959 tendo os andaimes sido retirados da obra em Junho do mesmo ano.[100] O governador do distrito visitou o edifício ainda inacabado em Agosto de 1959.[101] Os serviços do banco em Vila Pery foram transferidos para as novas instalações no dia 2 de Dezembro desse ano.[102] Em Julho de 2010 as residências, em bom estado de conservação, permaneciam habitadas enquanto o devoluto edifício da agência bancária aguardava uma prevista remodelação.

O programa do complexo do BNU previa a sua ocupação por duas funções distintas: os serviços do banco e as habitações dos funcionários. As zonas habitacionais subdividiam-se, por sua vez, em três tipologias diferentes: apartamentos dos funcionários *inferiores*, residências da gerência e da administração e anexos dos serventes *indígenas*. Estas quatro tipologias, distribuídas por três edifícios autónomos em torno de um logradouro ajardinado e localizadas de acordo com a sua representatividade e exposição climática, configuravam um pequeno microcosmos social que replicava a estratificação geral da sociedade moçambicana.

Os serviços da delegação ocupavam os três primeiros pisos do bloco maior, um prisma retangular implantado à face da antiga Avenida da República, atual Avenida 25 de Setem-

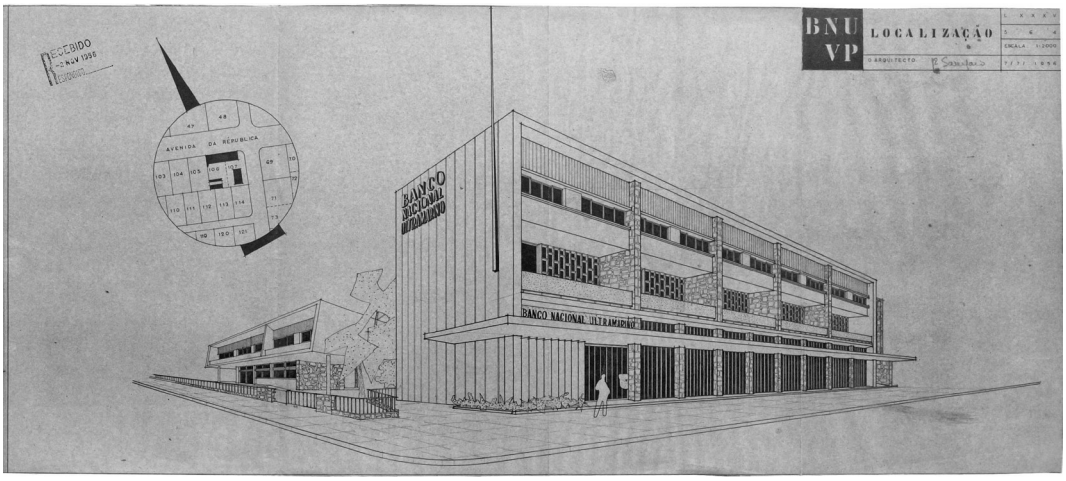
98 19° 6'42.68"S, 33°28'39.58".

99 "O novo edifício do Banco Nacional Ultramarino, que tem três pisos, atingiu o ponto mais alto da sua construção. Por este motivo, a firma construtora, Empresa de Construções Civis e Industriais Limitada, ofereceu aos operários, colaboradores da construção e convidados, um beberete no próprio edifício em construção, no sábado último. (...)." *Notícias,* 1959-02-27: 6.

100 *Notícias*, 1959-06-08: 5.

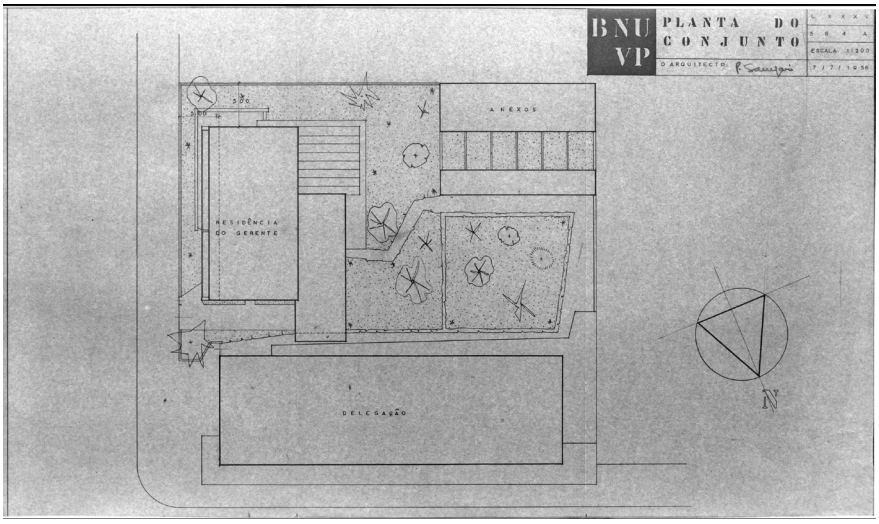
101 "No domingo o Sr. Governador (...), visitou as instalações do Banco Nacional Ultramarino, ainda em construção, sendo recebido pelo arquiteto Sampaio, autor do projeto, pelo Sr. Antero Ribeiro, gerente, e pelo Sr. Barra, construtor (...)." *Notícias*, 1959-08-18: 7.

102 *Notícias*, 1959-12-05: 5-6



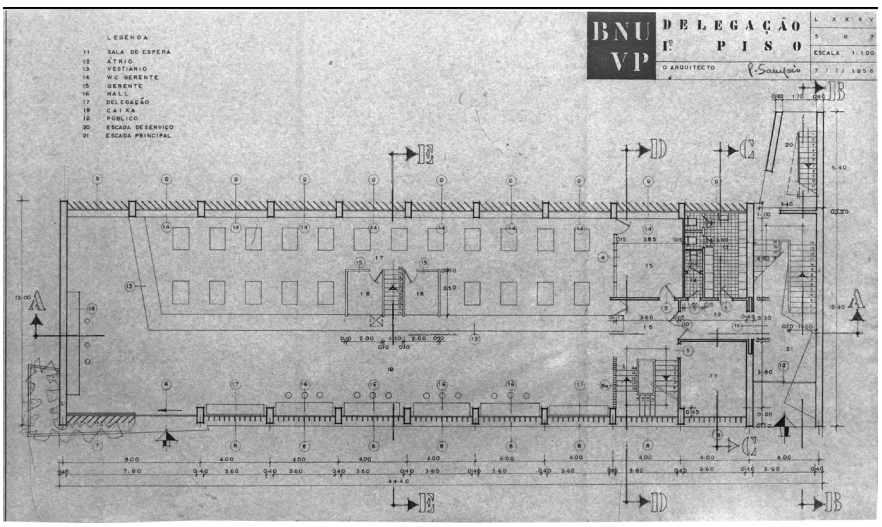
Banco Nacional Ultramarino

Localização.
Escala 1:2000.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Planta do conjunto.
Escala 1:200.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

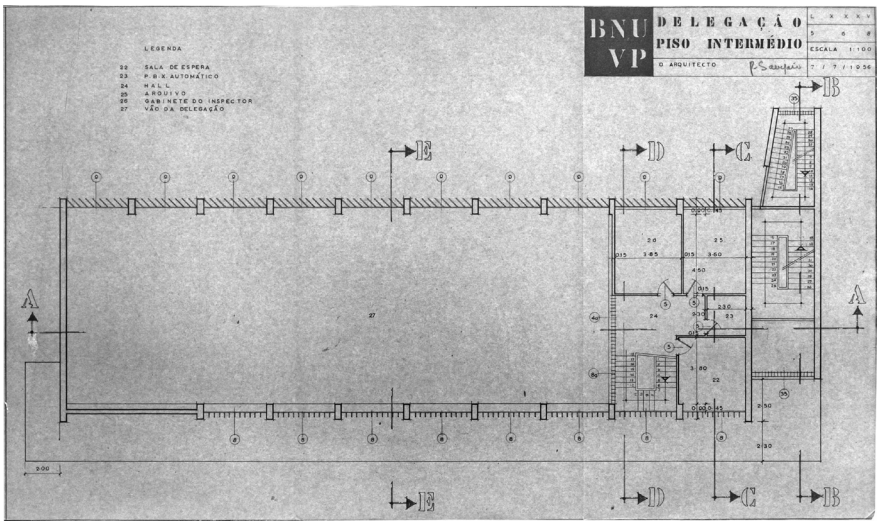


Banco Nacional Ultramarino

Delegação. 1.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

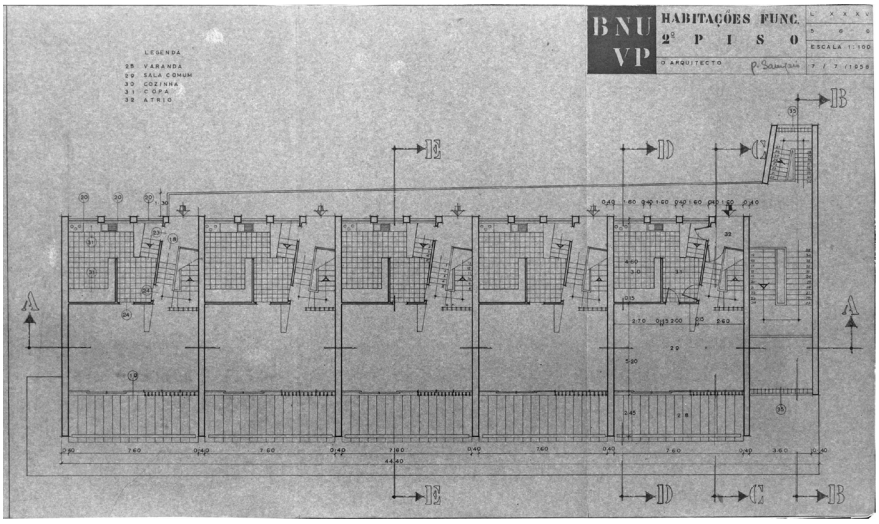
Banco Nacional Ultramarino

Delegação. Piso intermédio.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



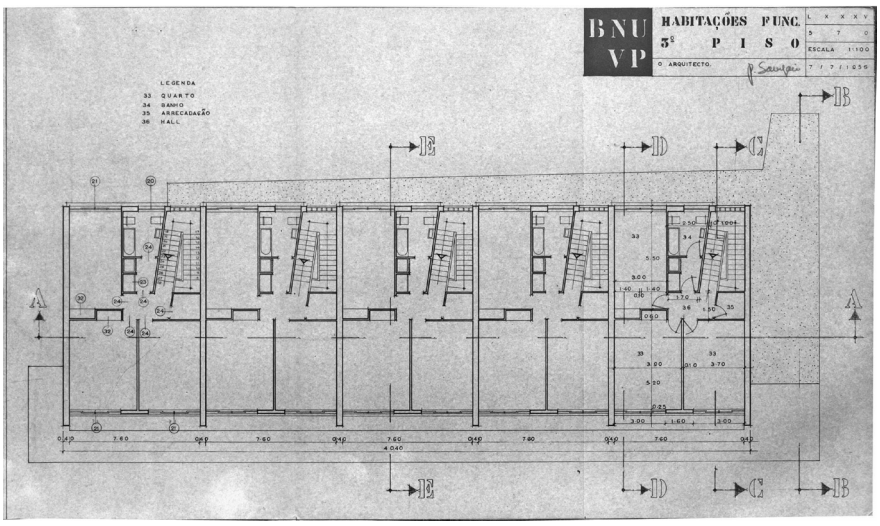
Banco Nacional Ultramarino

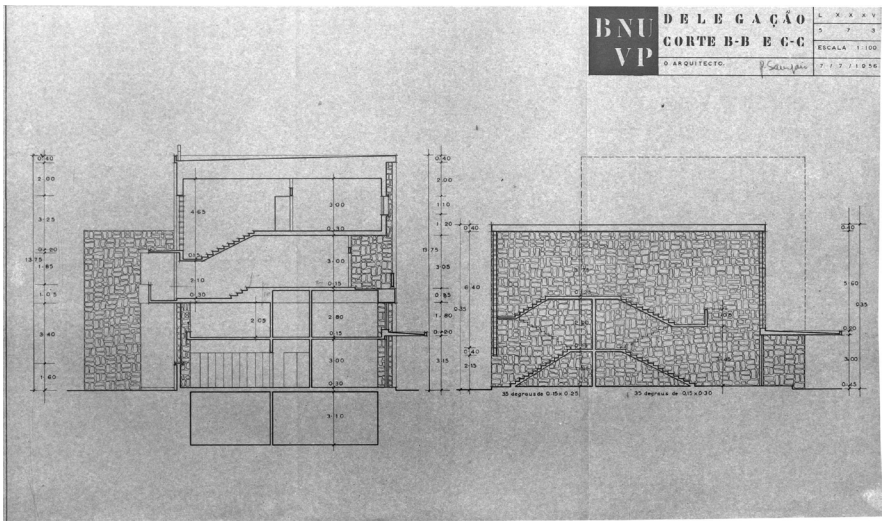
Habitações funcionários. 2.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

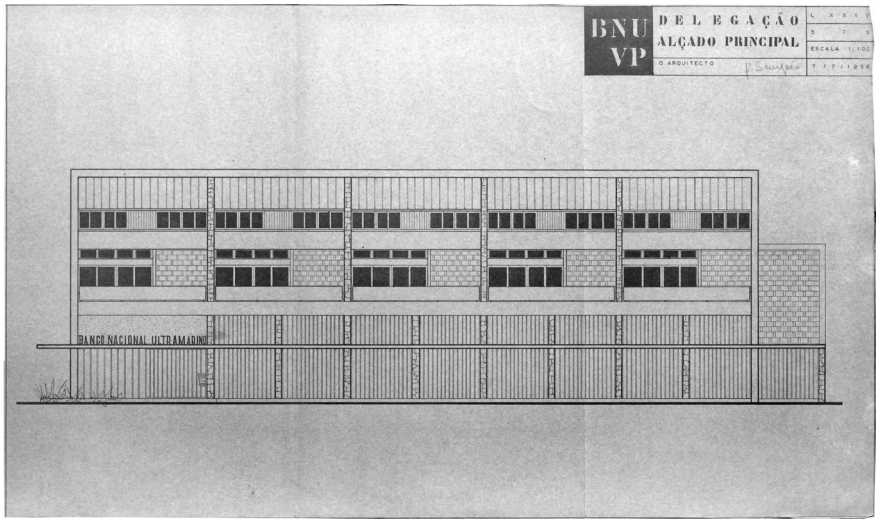
Habitações funcionários. 3.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





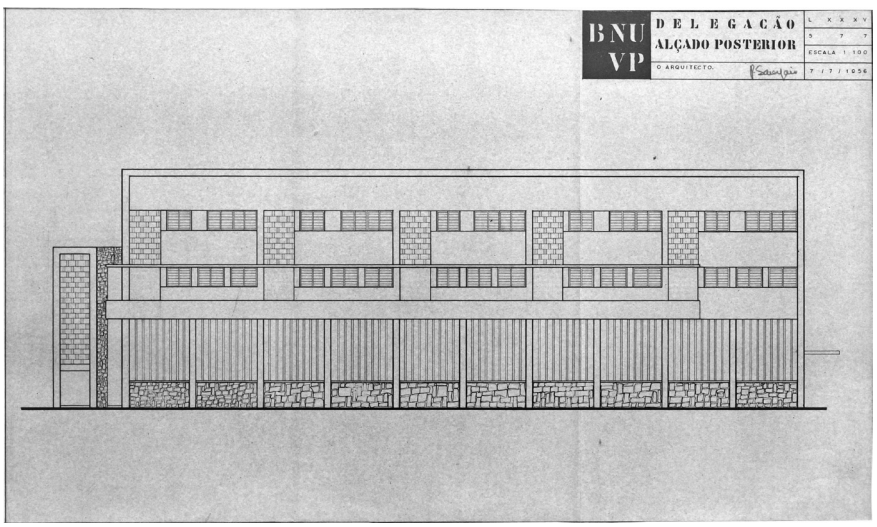
Banco Nacional Ultramarino

Delegação. Corte B-B e C-C.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Delegação. Alçado principal.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

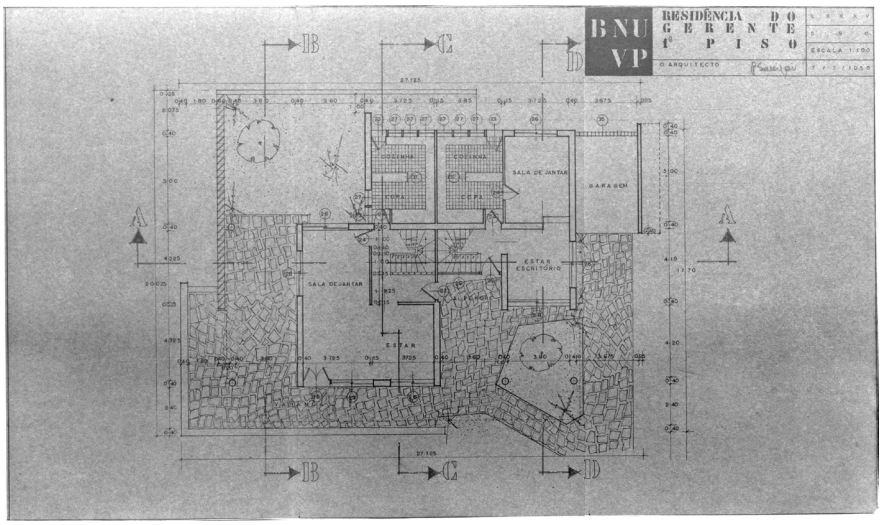


Banco Nacional Ultramarino

Delegação. Alçado posterior.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

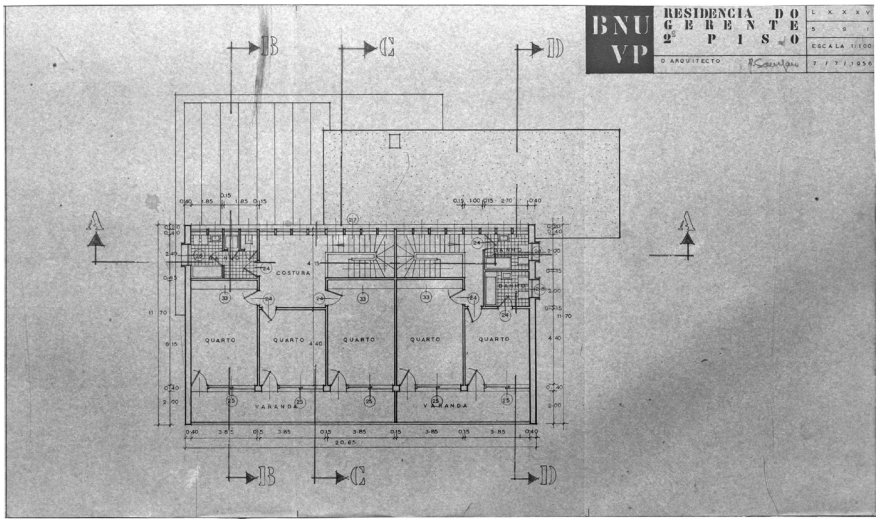
Banco Nacional Ultramarino

Residência do gerente. 1.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



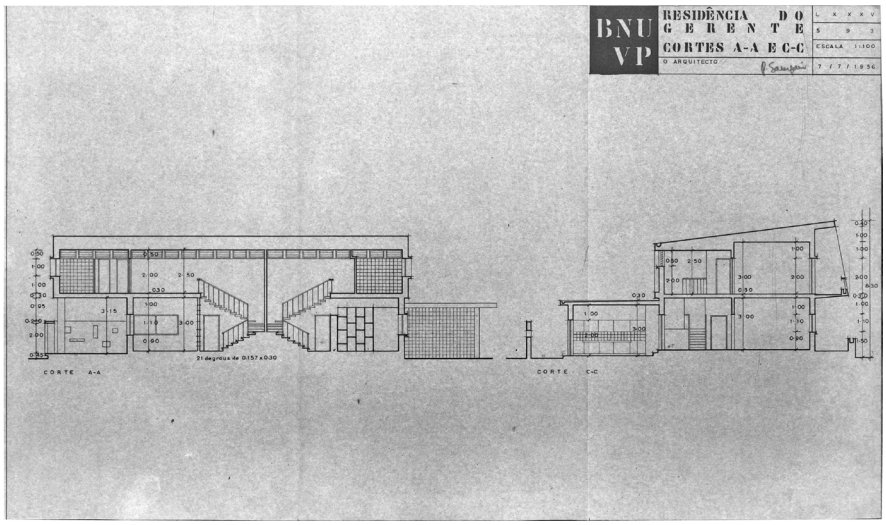
Banco Nacional Ultramarino

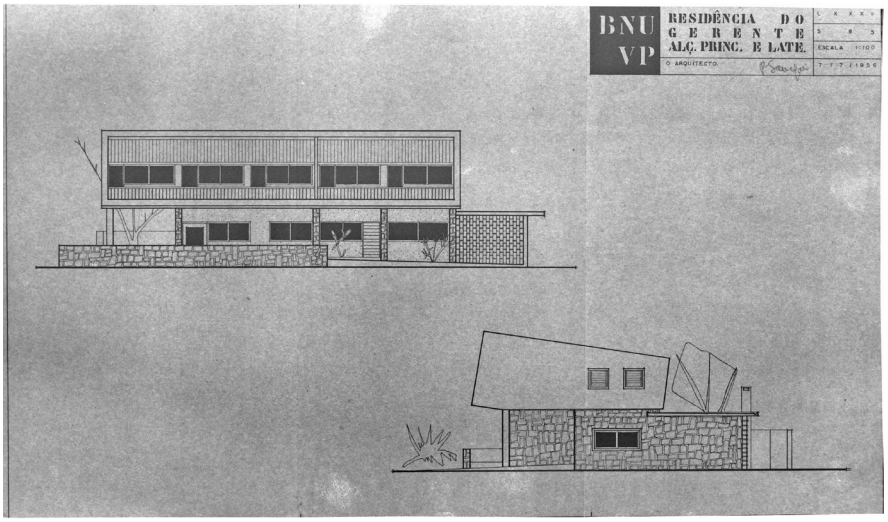
Residência do gerente. 2.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

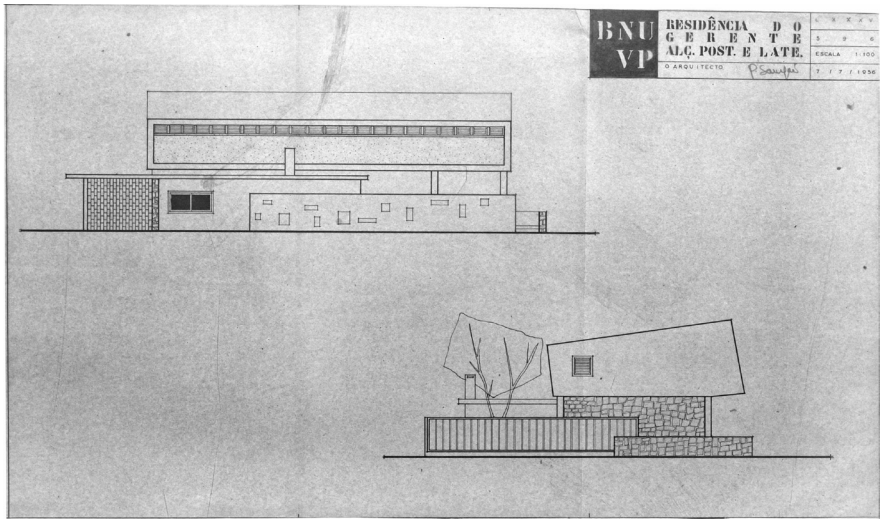
Residência do gerente. Cortes A-A e C-C.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





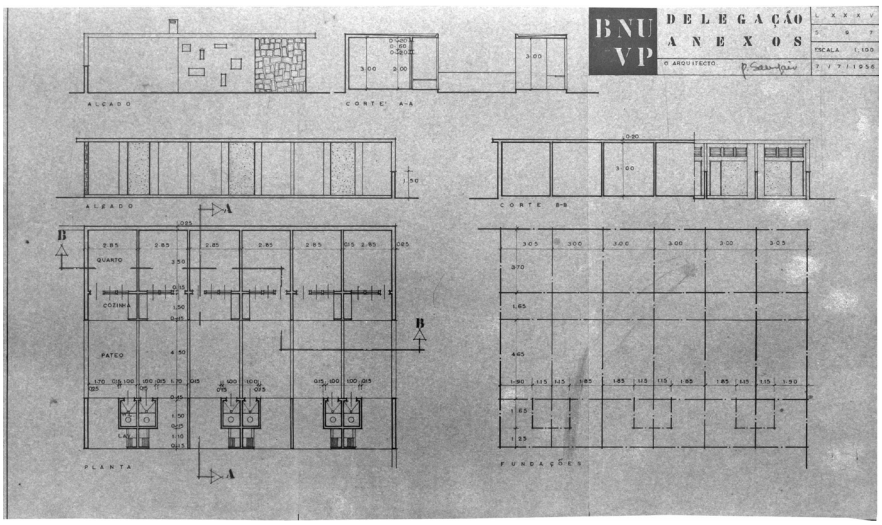
Banco Nacional Ultramarino

Residência do gerente. Alçado principal e lateral.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Residência do gerente. Alçado posterior e lateral.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Delegação. Anexos.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Julho de 1956.
(EM, 2010|AHCGDFBNU.

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Dependência de Vila Pery - fachadas.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Filial de Vila Pery.
Foto Sousa, [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Vila Pery.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Dependência de Vila Pery - interior.
Foto Sousa, [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita::
Edifício da delegação e habitação dos funcionários.
(EM, 2010 | EWV).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita::
Residências geminadas da gerência e administração.
(EM, 2010 | EWV).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita::
Habitações dos serventes.
(EM, 2010 | EWV).

bro, com uma volumetria capaz de ombrear com as novas construções envolventes.[103] Compreendiam casas-fortes, arquivos, arrecadações e instalações técnicas na cave, o átrio do público e a zona de trabalho no rés-do-chão - um espaço alongado de pé-direito duplo subdividido por um balcão -, e a zona da gerência distribuída pela área restante dos pisos térreo e intermédio.[104] Os cinco apartamentos T3 duplex dos funcionários *inferiores* do banco ocupavam os dois pisos superiores do bloco maior. Tinham acesso independente por um volume lateral que interiormente se subdividia em dois espaços com entrada e escadaria para funcionários na frente principal e entrada e escadaria para serventes na fachada das traseiras. Ambas as circulações convergiam numa galeria comum coberta e rebaixada disposta ao longo da fachada posterior.[105] Ao longo desta galeria dispunham-se alpendres de acesso a cada apartamento para os quais abriam as entradas principais e de serviço das habitações. A separação de percursos e a disposição dos compartimentos de cada apartamento deste bloco revelam afinidades - por referências comuns ou coincidente resolução de programas semelhantes -, com o coetâneo desenho dos pisos habitacionais dos Blocos A e B do Complexo Montegiro, em Quelimane. As duas residências geminadas destinadas aos funcionários superiores do banco[106] dividiam um edifício de dois pisos com frente para a atual R. Patrice Lumumba, que beneficiava, tal como o bloco principal, dos ventos dominan-

103 "Inicialmente o edifício principal era para só ter um 1° andar. Mas como se verificou que no mesmo arruamento de Vila Pery, onde fica a Delegação do B.N.U., estão em vias de construção dois edifícios com 2° andar, achou-se conveniente que o edifício do B. N. U. não ficasse diminuído no seu volume e dignidade relativamente aos outros edifícios." Paulo de Melo Sampaio *in Ante-projecto da Delegação do Banco Nacional Ultramarino de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 29 de Dezembro de 1955 (AHCGDFBNU).

104 "Esta zona foi dividida em dois pisos, criando-se um andar intermédio, não só para melhor aproveitamento do espaço mas também evitar que os pequenos compartimentos ficassem com um pé-direito elevado, desproporcionado as suas dimensões." Paulo de Melo Sampaio *in Projecto das instalações que o Banco Nacional Ultramarino pretende construir nos talhões n° 310 e n° 311 da Planta de Urbanização de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 7 de Julho de 1956 (AHCGDFBNU).

105 "As habitações são servidas por uma galeria ao ar livre que não é mais do que o passeio sobrelevado em relação ao piso do terreno." Paulo de Melo Sampaio *in Ante-projecto da Delegação do Banco Nacional Ultramarino de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 29 de Dezembro de 1955 (AHCGDFBNU).

106 "A habitação do gerente foi separada nitidamente do edifício principal afim do gerente ficar numa posição mais independente relativamente aos funcionários inferiores que habitam o edifício principal." Paulo de Melo Sampaio *in Ante-projecto da Delegação do Banco Nacional Ultramarino de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 29 de Dezembro de 1955 (AHCGDFBNU).

tes locais.[107] Este edifício tem a forma de um volume autónomo com empenas oblíquas e cobertura de duas águas apoiado nos *pilotis* do piso inferior. A organização interna de cada habitação separava os espaços de dia, no rés-do-chão parcialmente vazado, dos de noite, abrindo para varandas dispostas a todo o comprimento da fachada principal do piso superior.[108] As seis habitações dos serventes *indígenas* estavam contidas num volume de anexos de um piso e cobertura plana localizado no vértice interior do terreno, intencionalmente separado das restantes instalações.[109] Cada habitação era constituída por quarto, cozinha, lavadouro e sanitários, compartimentos com áreas mínimas dispostos em lados opostos de um pátio central descoberto.

As estruturas de suporte do bloco maior e das residências da gerência e da administração são constituídas por pilares, vigas e lajes de betão.[110] As suas paredes exteriores são formadas por grelhas de elementos cerâmicos prefabricados ou por fiadas duplas de tijolo vazado e as interiores por fiadas simples de tijolo vazado. A estrutura resistente dos anexos é formada pelas paredes divisórias e de encerramento erguidas com blocos de betão.

A maioria dos revestimentos previstos é de produção industrial:[111] mármore nos pavimentos, tampos dos balcões e das mesas de escrever do público na agência bancária, granulite

107 "O partido tomado foi de colocar o edifício da delegação para a rua principal, ocupando quase toda a frente e a residência do gerente para a rua transversal. Desse modo ambos os edifícios beneficiam dos ventos predominantes da região, ou seja os ventos nascentes." Paulo de Melo Sampaio *in Ante-projecto da Delegação do Banco Nacional Ultramarino de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 29 de Dezembro de 1955 (AHCGDFBNU).

108 "A habitação do gerente foi concebida plasticamente dentro do modo do edifício da delegação criando-se, contudo amplas zonas de sombra, principalmente no r/c, o que, não só permite proteger a casa da chuva e do sol mas também torná-la como que suspensa." Paulo de Melo Sampaio *in Projecto das instalações que o Banco Nacional Ultramarino pretende construir nos talhões nº 310 e nº 311 da Planta de Urbaniza*ção de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa. Beira, 7 de Julho de 1956 (AHCGDFBNU).

109 "No fundo do terreno ficarão os anexos para os serventes indígenas, separando os anexos dos serventes do gerente dos anexos restantes, evitando desse modo que os cheiros da comida indígena vão prejudicar os restantes edifícios da delegação." Paulo de Melo Sampaio *in Ante-projecto da Delegação do Banco Nacional Ultramarino de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 29 de Dezembro de 1955 (AHCGDFBNU).

110 "Concebeu-se o edifício de modo que a estrutura resistente esteja independente das divisórias, o que permitirá, caso seja necessário, à ampliação do banco, que poderá ocupar todo o edifício." Paulo de Melo Sampaio *in Projecto das instalações que o Banco Nacional Ultramarino pretende construir nos talhões nº 310 e nº 311 da Planta de Urbanização de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 7 de Julho de 1956 (AHCGDFBNU).

111 "Os materiais de revestimento empregados, com função de duração, limpeza e conservação, foram escolhidos para serem sóbrios, tais como pedra granítica, alumínio e vidro. Enriquecem as fachadas sem serem pretensiosos." Paulo de Melo Sampaio *in Projecto das instalações que o Banco Nacional Ultramarino pretende construir nos talhões nº 310 e nº 311 da Planta de Urbanização de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 7 de Julho de 1956 (AHCGDFBNU).

na cave, nos anexos, nas escadas, galeria e alpendres das habitações dos funcionários, *parquet* de madeira de umbila nos compartimentos e mosaico cerâmico nas cozinhas e casas de banho das habitações dos funcionários e da residência do gerente e da administração; nas paredes e tetos interiores e exteriores utilizou-se reboco pintado, pedra rústica nalgumas paredes exteriores da escada de serviço da delegação, da residência e do muro de vedação, mosaicos vitrosos tipo *Saivo* com diversas cores nos revestimentos exteriores das pilastras e das guardas das varandas do edifício principal, nas frentes dos balcões e na parede nascente do átrio do público – para a qual Jorge Garizo do Carmo desenhou em 1959 um mural de composição geométrica em mosaico de vidro que não foi executado;[112] as coberturas da residência foram revestidas com placas de fibrocimento e as lajes planas do conjunto foram impermeabilizadas e termicamente isoladas. As caixilharias exteriores da delegação foram construídas com perfis de alumínio e as grades que as protegem com aço revestido a alumínio, enquanto os vãos exteriores das habitações, da residência e dos anexos foram encerrados com caixilhos em madeira de umbila pintados a tinta de esmalte.

A resolução da proteção climática do conjunto foi, com exceção do edifício dos anexos, um elemento informador do desenvolvimento do projeto: refletiu-se na implantação dos edifícios e dos seus compartimentos, expondo-os à ação das correntes de ar dominantes, e na criação de sistemas de proteção solar e de ventilação dos espaços internos com a utilização de lajes duplas ventiladas, alpendres, varandas e cobertos, grelhagens, lanternins e bandeiras de portas com persianas de vidro reguláveis.

O desenho do conjunto filia-se no *Estilo Internacional* do segundo pós-guerra, seja pela incorporação de materiais e sistemas construtivos locais seja pelas influências que a sua lin-

112 "Tomo a liberdade de mandar-lhe diretamente a maquete do painel que pretendo colocar no átrio da delegação do Banco Nacional Ultramarino em Vila Pery. Devido à falta de tempo e de pessoal especializado, mandei fazer um motivo abstrato, geométrico, fácil de execução, ao artista Jorge Garizo do Carmo. Em meu entender acho que o referido painel enquadra bem no ambiente da delegação não só pelas cores, mas também pela composição (...).
No caso de não aprovarem não mando fazer outro painel senão perder-se-á muito tempo e não estará pronto para fins de Novembro com certeza, e então mandarei forrar a parede no mesmo mosaico de vidro, mas todo liso, na cor igual ao balcão, que é amarelo-torrado e preto." Paulo de Melo Sampaio *in Exmo. Sr. Arquitecto M. Alzina de Menezes – B.N.U. (Secção de Obras) - Lisboa*. Beira, 21 de Outubro de 1959 (AHCGDFBNU).

guagem denota da moderna arquitetura brasileira: o desenho exterior da fachada principal do edifício da delegação apresenta alguma proximidade com os alçados poente dos blocos de apartamentos B-1 e B-2 do conjunto residencial do Pedregulho, Rio de Janeiro (1950-1952), por Afonso Eduardo Reidy.[113] A acentuação da dominante vertical dos elementos estruturais salientes que revelam no exterior a métrica compositiva interior e o jogo de claro-escuro formado pelas varandas e pela pala que cobre o alpendre do piso térreo destacam a delegação das construções envolventes e conferem à primeira agência bancária edificada em Vila Pery a pretendida sobriedade e representatividade institucionais.[114]

O **Hospital de Tavene**,[115] em João Belo, foi projetado em 1955 por Fernando Mesquita nos SOP.[116] O concurso para a sua construção foi aberto no início de 1958[117] tendo a obra sido adjudicada à Empresa de Construções Civis e Industriais. A sua edificação foi iniciada no dia 19 de Junho de 1958 e, apesar de ter a sua conclusão prevista para o final de 1959, a obra foi concluída apenas no ano seguinte devido a alterações ao projeto inicial entretanto introduzidas.[118] Ainda sem equipamento e mobiliário completos, para os quais contou com verbas inscritas no Plano Hospitalar para 1961 do II Plano de Fomento,[119] o edifício foi inau-

113 MINDLIN, 1999 [1956]: 146-147.

114 "Procurou-se uma solução que caracterizasse a dignidade funcional do B. N. U., mas não esquecendo contudo os requisitos necessários para funções diferentes do edifício ou seja de ser também habitação.
A primeira função foi marcada nas fachadas pela rigidez da estrutura compostas pelos elementos verticais, que por sua vez marcam as diversas habitações.
O banco é definido através da sobriedade e repetição dos mesmos elementos das grades de segurança e envidraçados que se repetem ao longo do edifício, salvo a entrada principal que é marcada francamente.
A fachada nascente, lisa, faz destacar o único elemento decorativo e volumétrico que é o nome do banco, assim como o mastro da bandeira.
A pala que circunda o edifício não só permite abrigar o público e o interior da chuva e do sol, mas também criar um jogo de claro-escuros que dão vida às fachadas.
As varandas das habitações necessárias a estas, também permitem um jogo de sombras que faz salientar a estrutura e evita, exteriormente quo se veja a intimidade das habitações que decerto seria incompatível com a dignidade do edifício." Paulo de Melo Sampaio *in Projecto das instalações que o Banco Nacional Ultramarino pretende construir nos talhões n° 310 e n° 311 da Planta de Urbanização de Vila Pery: Memória Descritiva e Justificativa*. Beira, 7 de Julho de 1956 (AHCGDFBNU).

115 25° 4'6.94"S, 33°39'29.47"E.

116 MOPH, n.° 2432.

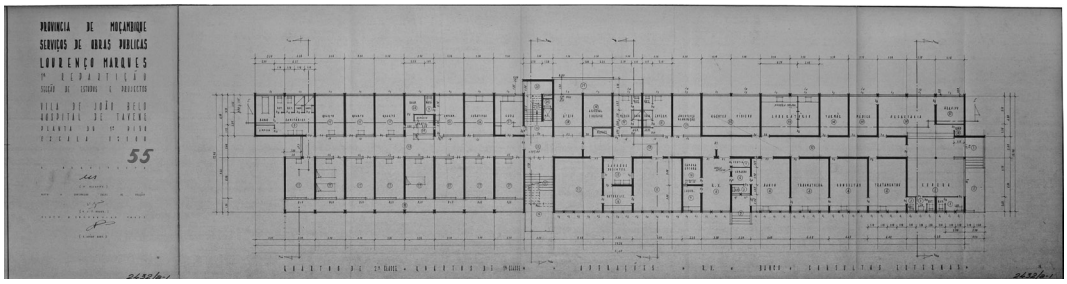
117 *Notícias*, 1958-03-20: 11.

118 *DM*, 1960-05-28: 5.

119 *BGU*, 1961-03/04: 340.

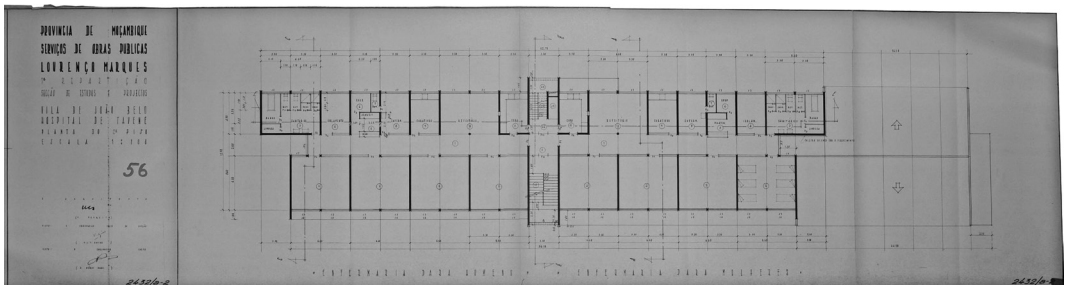
Hospital de Tavene

Vila de João Belo. Hospital de Tavene. Planta do 1.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, 23 de Junho de 1955.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2432/a-1).



Hospital de Tavene

Vila de João Belo. Hospital de Tavene. Planta do 2.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, 29 de Junho de 1955.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2432/a-2).



Hospital de Tavene

Esquerda:
Hospital João Belo. Lado das enfermarias.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 12978).

Direita:
Hospital João Belo. Fachada oposta e depósito de água.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 12978).

gurado no dia 28 de Maio de 1960.

O hospital é constituído por um longo embasamento retangular de um piso no qual assenta um segundo prisma mais curto com dois pisos, por sua vez coberto por um telhado de duas águas em fibrocimento. Os beirais do telhado, que se projetam em consola nas frentes maiores do edifício, são suportados por uma sucessão rítmica de vigas triangulares aparentes. O espaço interior estrutura-se ao longo de um corredor longitudinal central, no topo do qual se faz a entrada principal e para o qual abrem em todos os andares os diversos compartimentos.[120] A sua linguagem exterior inscreve-se na arquitetura do Movimento Moderno internacional, filiação que está patente no desenho dos alçados compostos pelo embasamento recuado do primeiro piso, *fenêtres en longueur* e janelas pontuais para iluminação e ventilação nos dois pisos superiores,[121] e um saliente corpo vertical implantado a eixo do volume superior. Este corpo, com expressão nos dois alçados maiores, alberga caixas de escadas transversais encerradas por grelhas de ventilação.[122]

A **Exposição das Atividades Económicas de Moçambique** (EAEM) nasceu da Feira das Indústrias Portuguesas. Empreendimento conjunto da Associação Industrial Portuguesa e da Associação Industrial Portuense contou com o patrocínio do Governo português. Com esta iniciativa propunha-se a realização anual de uma exposição da produção industrial do

120 "O novo bloco hospitalar, fica situado junto ao antigo hospital e compõe-se de três pisos:
O rés-do-chão, possui quartos de 1.ª e 2.ª classes, bloco operatório, raios x, agentes físicos, salas de reanimação, laboratório, banco, consultas externas, secretaria, etc.
No 1.º andar, tem oito espaçosas enfermarias, 4 para homens e 4 para mulheres, 2 quartos de isolamento e gabinetes de curativos, enfermagem, rouparia, etc.
No 2.º andar ficam instalações idênticas às do 1.º andar." *DM*, 1960-05-28: 5.

121 "O hospital de Tavene (...) tem dois pisos destinados a enfermarias de 6 camas, em que se procurou obter a ventilação do edifício por meio dos rasgamentos nas paredes entre aquelas e as galerias de circulação, com os refeitórios (em número de dois por piso) francamente abertos sobre as passagens." António de Sousa Mendes *in Estudo relativo à Comissão Eventual de Serviço à Província de Moçambique para visita de estudo a obras de vulto em curso ou executadas, nomeadamente edifícios hospitalares e escolares*. Lisboa, 29 de Julho de 1967 (CDIIPAD, ref. 12978).

122 Para desenho do alçado nascente consultar Ferreira, 2008: 193, fig. 296.

país.[123] Concretizada pela primeira vez em 1949, em Lisboa, a feira repetiu-se em 1950 e em 1951, também em Lisboa, tendo neste último ano incluindo as primeiras representações das províncias ultramarinas. O edifício definitivo a albergar a feira, a construir na Junqueira em terrenos cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa, foi desenhado pelos arquitetos Keil do Amaral e Alberto Cruz. Enquanto o processo de edificação do novo pavilhão não estava concluído as exposições industriais realizaram-se fora da capital: em 1953 em Goa, no ano seguinte em Guimarães e em 1954 em Luanda, por ocasião da visita do Presidente da República. Em 1956, coincidindo com a visita do chefe do Estado a Moçambique, realizou-se em Lourenço Marques a Exposição das Atividades Económicas de Moçambique organizada pelo governo-geral da antiga província com a participação da F.I.P. e das Associações Industriais Portuguesa, Portuense e de Angola.

O local escolhido para o certame foi o aterro da Maxaquene, uma área conquistado ao mar pelas obras de construção do paredão que uniu a Ponta Vermelha ao núcleo original da cidade.[124] Todo este território tinha sido objeto de um plano de pormenor integrado no Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques (1947-1955), desenhado por João António de Aguiar (1906-1974) no GUC/GUU, em Lisboa. O desenho do plano propunha a criação de um novo centro cívico da cidade destinado a alojar os principais edifícios dos serviços públicos.[125] O centro cívico estava centralizado na Praça do Império, uma praça em "U" aberta à baía do Espírito Santo.[126] Em 1955 uma segunda versão da praça e do edifício

123 "A ideia de levar a efeito a Feira das Indústrias Portuguesas foi lançada em 1949 pela Associação Industrial Portuguesa, com o propósito de mostrar ao país o notável progresso alcançado pelas atividades durante o período de guerra.
A iniciativa, que teve logo a colaboração da Associação Industrial Portuense, foi patrocinada pelo governo, que nela viu uma interessantíssima forma de contribuir para o prestígio da Nação, pela revelação do desenvolvimento alcançado no domínio do trabalho nacional." *Notícias*, 1956-08-07: 4.

124 "A partir do ano 1915 iniciam as obras de aterro da zona baixa do Maxaquene e da consolidação das barreiras ao longo da encosta da cidade perspetivando a futura cidade numa relação integrada da zona baixa com o planalto." Luís Lage in Bruschi; Lage, 2005: 87.

125 Para desenhos de projeto consultar Ferreira, 2008: 103, fig. 122 e Mendes, 2008b: 608.

126 "Outros dois pontos essenciais (...) merecem atenção: o centro cívico e os núcleos de residência dos indígenas. O primeiro ocupará, naturalmente, situação especial em relação ao resto da cidade, devendo ser constituído por vasta praça orlada de árvores e aberta sobre o mar, enquadrada por edifícios de características monumentais e formando um conjunto independente dos restantes conjuntos de construções. Lourenço Marques apresentará desse modo, sem dúvida, uma perspetiva admirável para os viajantes que entrarem ou saírem do seu porto." *BGU*, 1953-05: 329-330.

destinado aos serviços da Fazenda que, em forma de "L", limitava o seu topo noroeste, foi desenhado também pelo GUU num estilo eclético característico da arquitetura do Estado Novo.[127] Este edifício foi o único elemento concretizado do conjunto previsto: construído em betão foi revestido com uma placagem de pedra e reboco; as galerias que o envolvem foram cobertas por lajes planas e o miolo por telhados de várias águas. Os dois alçados exteriores do "L" conciliaram evocações às arcarias da Praça do Comércio de Lisboa[128] - ao longo da base e da platibanda do edifício -, com a afirmação de uma escala monumental nos dois pisos superiores. Esta monumentalidade foi conseguida através da utilização de colunas estilizadas de ordem gigante nas galerias exteriores de pé-direito duplo.[129] A organização interior primária com corredor central, instalações sanitárias e escadarias fixas - a principal das quais é uma escadaria imperial -, permitiu diversas compartimentações do espaço útil com divisórias amovíveis. O edifício foi pela primeira vez utilizado para albergar a Exposição da Arte e da Vida Portuguesa, uma organização da Agência-Geral do Ultramar no âmbito da EAEM. A Seção de Arquitetura da exposição[130] mostrava alguns projetos realizados por autores metropolitanos de alguma forma relacionados com as antigas províncias ultramarinas.[131] Entre eles encontravam-se projetos pelo GUU e o anteprojeto da filial do BNU em Lourenço Marques por José Gomes Bastos.

A organização geral da Exposição das Atividades Económicas de Moçambique, por vezes referida na imprensa como Exposição das Actividades Sociais, Culturais e Económicas,

127 "Em 1955, o Gabinete de Urbanização do Ultramar avança para uma versão mais pormenorizada da praça e edificado envolvente, efetuando alguns ajustes relativamente ao plano. Mantém-se o grande conjunto principal, implantado a cerca de 160 metros da linha de água, mas as laterais são agora formadas por dois corpos em "L", simétricos, distanciados entre si cerca de 480 metros (reduzindo assim o comprimento da praça para o triplo da largura). O desenho da praça estabelece uma divisão em três sectores, dois laterais ajardinados, e um central mais austero, prolongado para o corpo central do edifício principal." Ferreira, 2008: 104.

128 "Segundo nos informam, a construção que se está erguendo ali para os lados da doca dos pescadores (...) e que já ergue aos céus as voltas bem definidas de uma arcaria caprichosa, pretende constituir uma réplica (...) do chamado Terreiro do Paço." *Notícias*, 1956-01-26: 1.

129 Para desenhos de projeto consultar Ferreira, 2008: 106, figs. 124-126.

130 "A estrada, a via férrea, uma ou outra ponte, duas ou três barragens, edifícios públicos, as pousadas, hotéis, umas quantas instalações fabris, e muitas mais imagens de Portugal Renovado, são suficientes para que se dê conta das muitas centenas de realizações erguidas modernamente pelo País fora." Aavv, 1956: 5-6

131 "Projetos de edifícios públicos, planos de abastecimento de águas e planos de urbanização mais importantes para as províncias ultramarinas." Aavv, 1956: 53

coube a uma comissão executiva nomeada em 1955 pelo governador-geral da província. Compunham essa equipa, responsável pela conceção construtiva e artística da exposição, os arquitetos Nuno Craveiro Lopes e Alberto Soeiro, o pintor João Aires, e os engenheiros Virgílio de Aguiar e Miguel Vaz Portugal. Com o plano geral da exposição e o programa de trabalho definidos em Julho de 1955 os programas para os pavilhões das diversas secções em que se subdividiu a exposição foram apresentados pelos arquitetos encarregados da sua elaboração e aprovados em reuniões separadas em Agosto e Setembro do mesmo ano. Os anteprojetos foram formalizados pelos diversos autores no prazo contratual de trinta dias e sucessivamente aprovados em novas reuniões ao longo de Setembro e Outubro de 1955.

Com a escolha do aterro da Maxaquene para a Exposição das Atividades Económicas de Moçambique pretendeu-se qualificar uma zona negligenciada limítrofe ao centro da cidade.[132] O terreno a utilizar, limitado a nordeste pela antiga Avenida da República, atual Avenida 25 de Setembro, foi envolvido a noroeste, sudoeste e sudeste por um novo arruamento em forma de "U". A base do "U" estava assente na avenida marginal, refeita expressamente para a exposição.[133] O meio do terreno estava densamente arborizado com eucaliptos que tinham sido plantados para drenagem e consolidação do aterro e que foram cuidadosamente preservados pelos organizadores da exposição. Esta implantação, que mantinha o traçado viário existente, subverteu radicalmente o desenho de João Aguiar para o novo centro cívico da cidade: fechou com um recinto atravessado por um lago artificial e densamente ocupado com vegetação e dezassete novos pavilhões o espaço para a praça monumental proposta pelo Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques.[134] O edifício da Fazenda ficou lo-

132 "Podemos escrever que esta parte da cidade foi descoberta pelos organizadores da exposição. Quem antigamente ia para a retaguarda da mata, para junto do mar para o local onde apenas havia escuridão, poeira e mosquitos? Ninguém. Olhava-se de longe e passava-se. Quando se pensaria em urbanizar aquela zona? (...) Aquela zona nasceu agora para Lourenço Marques." *Diário*, 1956-07-16: 4.

133 "Construiu-se um passeio com seiscentos metros de comprimento e oito de largo, derrubou-se toda aquela parte da muralha e construiu-se uma nova, deu-se-lhe luz e vida." *Diário*, 1956-07-16: 4.

134 "De facto, ali no prolongamento da Avenida da República e desta até à marginal, por entre as árvores do aterro da Maxaquene, nasceu em poucos meses um grupo de edifícios de linhas modernas, coloridamente decorados (...)." *Notícias*, 1956-08-11: 1; "(...) esse pequeno grande mundo de pavilhões de arrojada conceção, passeios, arruamentos, lagos, bancos, pontes, dispersos por entre as grandes casuarinas." *Notícias*, 1956-07-07: 1.

calizado no exterior do complexo ferial, remetido à envolvente física e formal da exposição.

Erguida durante os primeiros meses de 1956 a EAEM foi solenemente inaugurada pelo Presidente da República general Craveiro Lopes em 6 de Agosto de 1956 numa cerimónia noturna durante a qual percorreu todo o recinto - percurso cuja sequência iremos também acompanhar ao abordarmos os diferentes espaços e pavilhões construídos.[135]

Able Pascoal e Fernando Eurico foram os arquitetos responsáveis pelo projeto dos **Pavilhões de Honra, da Evocação Histórica, do Comércio e do Crédito e Previdência**, três edifícios de carácter institucional e representativo que integravam a primeira das zonas em que a exposição estava dividida.

O **Pavilhão de Honra**, inteiramente dedicado ao Estatuto do Trabalho Nacional, destinava-se a receções e cerimónias solenes.[136] Dele se projetava sobre a Avenida da República uma tribuna acessível por uma rampa lateral destinada à aparição do Chefe do Estado à população. Sobre a parede de entrada João Aires pintou no exterior um mural alusivo às quatro raças do Império enquanto no interior foi colocada uma estátua de Salazar, obra do

135 "A partir das 19.30 horas (...) milhares de pessoas, europeus e indígenas, acorriam, (...) a concentrarem-se na rotunda ao fundo da Avenida da República ou nas pistas da Avenida Marechal Carmona e terrenos livres em frente da *Pendray & Sousa*.
(...) Entretanto, o enorme salão do Pavilhão de Honra encontrava-se repleto (...).
(...) Atravessando o Pavilhão de Honra, inteiramente dedicado ao Estatuto do Trabalho Nacional, pedra-base da Ordem e do Progresso do Portugal do Estado Novo, e tendo ao fundo, sob uma legenda a todo o comprimento – *Todos não somos demais para continuar Portugal* – a estátua de Salazar em corpo inteiro, o Sr. presidente da República passou ao Pavilhão da Evocação Histórica, onde as Caravelas de Quinhentos, o roteiro dos descobrimentos, as figuras simbólicas do Guerreiro, do Colono e do Missionário se impõem. Daí, atravessou para os dois pavilhões seguintes – o do Comércio e o do Crédito e Previdência. E finda a visita a estes dois pavilhões, onde, através de gráficos, números, legendas e exemplos vivos avaliou da obra realizada nestes dois sectores em Moçambique, o Chefe do Estado deu entrada na pitoresca zona indígena, constituída por vários aldeamentos indígenas com diversos tipos gentílicos da Província (...).
Da zona indígena passou o Sr. presidente da República para o amplo Pavilhão da Pecuária, detendo-se por instantes a admirar os jogos de luz e água a meio da grandiosa exposição (...).
Da Pecuária e Agricultura, o Sr. Presidente da República passou ao vastíssimo Pavilhão das Indústrias de Moçambique, depois ao Pavilhão dos Transportes, ao do Fomento, ao dos Correios e, logo a seguir, ao dos Hotéis e Restaurantes.
No curiosíssimo e bizarro *Zambi*, o moderno e sugestivo restaurante - *boîte* da exposição, demorou-se o Chefe do Estado algum tempo, passando depois ao pequeno e gracioso Pavilhão da Radiodifusão, depois ao do Turismo e, finalmente, ao Pavilhão da Feira das Industrias Portuguesas." *Notícias*, 1956-08-07: 4, 11, 13.

136 "Este pavilhão é constituído por uma nave ampla, com cerca de 48m x 16m, que se destina aos atos solenes da vida da exposição; dentro dela aguardarão os representantes das forças vivas de Moçambique a Sua Excelência o Presidente da República." EAEM, 1956: LIX.

escultor Jorge da Silva Pinto.[137] Numa parede lateral dispunham-se treze tábuas encimadas por alegorias com as disposições do Estatuto Nacional do Trabalho da autoria do consagrado pintor de ilustrações biológicas Alfredo da Conceição.[138]

O **Pavilhão da Evocação Histórica**, destinado à exaltação dos factos e personagens da história de Portugal, ostentava no exterior dois painéis relativos às descobertas pintados por João Aires.[139] Com a sua forma em arco o edifício envolvia o Pavilhão de Honra, a ele ligado por uma passagem coberta.[140] A eixo deste percurso encontrava-se o monumento dos Pioneiros das Descobertas, um grupo escultórico com uma altura aproximada de três metros e meio da autoria Jorge Silva Pinto.[141] No interior do pavilhão, atravessado por um lago onde flutuavam reproduções de caravelas e galeões cedidas por museus de Lisboa, encontravam-se ainda um mapa com quatro metros e meio de altura e cerca de doze metros de extensão assinalando as rotas dos descobrimentos[142] e um mural representado o ataque dos holandeses, ambos obras de Bertina Lopes.[143] Para além de objetos, documentos e obras de arte de relevância histórica, expunham-se ainda cinco painéis alegóricos represen-

137 "O escultor Jorge Silva Pinto, o primeiro artista que o *Núcleo de Arte* convidou a visitar a colónia para realizar diversos trabalhos, acabou por se fixar e tornar-se professor durante largos anos. Alguns dos seus alunos, na Escola Industrial, hoje artistas, fizeram ou fazem escultura. Outros, como Chichorro (n.1945), recordam o professor. Shikhani (1934-2010), por exemplo, foi aluno de José Lobo Fernandes, um dos alunos de Silva Pinto. O mesmo aconteceu com outros artistas que vieram para a colónia e que influenciaram, de diferentes formas, o ambiente artístico local." Costa, 2011b.

138 "Alfredo da Conceição é um nome que teve nesta exposição uma excelente oportunidade para se revelar e para se impor." *Diário*, 1956-07-13: 4.

139 "No exterior, voltada para a avenida, uma grande pintura mural recorda os heróis da Descoberta, da Ocupação e da Evangelização da Província. Tanto este painel da Descoberta como o do Infante serão contornados por um lago onde reflexos de luz os desdobrarão. Ambas as conceções foram obra do artista João Ayres e embora essencialmente diferentes do que estamos habituados a admirar nos seus quadros, a verdade é que não são desmerecedores da sua obra. Traços firmes, flagrante sugestividade e bom gosto de cores correspondem à verdade *histórica* que se lhes pretendeu introduzir." *Diário*, 1956-07-12: 5.

140 "Este pavilhão forma como que uma galeria curva cuja concavidade se volta para o Pavilhão de Honra, como que a querer abraçá-lo. Exteriormente (...) tem como remate um grande padrão, formando como que uma gigantesca vela." EAEM, 1956: LIX-LX.

141 "No eixo desta galeria apresenta-se-nos, de frente, um grupo escultural alegórico aos homens das descobertas e conquistas, aos primeiros missionários da evangelização e aos primeiros mercadores dos sertões, e que tem como motivo central um padrão de soberania da época de 500." EAEM, 1956: LIX-LX.

142 "Cartograma das rotas e viagens marítimas dos portugueses no século de 500 baseado no Atlas de Vaz Dourado." EAEM, 1956: LIX-LX.

143 "Bertina Lopes, a pintora que marcou a geração de Malangatana com a sua pintura forte, de temática social e política, é referência obrigatória desses anos primeiros e continua a sê-lo para diversos artistas das gerações mais novas." Costa, 2011b.

Notícias

DIÁRIO DA MANHÃ FUNDADO EM 1926

AS MUDANÇAS NA POLÍTICA DA RÚSSIA não são o que parecem

A INFIDELIDADE

AO QUE SE ACREDITA é também infidelidade à própria consciência humana

OS PRIMEIROS DIAS passados pelo Chefe do Estado EM LOURENÇO MARQUES APÓS HAVER DESEMBARCADO

A eventual restauração da Monarquia espanhola

Eleições gerais na Argentina

NAMPULA

A CAPITAL DO PLANALTO

NEHRU E A SUA NEUTRALIDADE

Círculo de Cultura Musical

O CONCERTO DE AMANHÃ com o grande violinista Gabriel Bouillon

PARA AS VÍTIMAS DE MEMBA

EAEM

Um dos pavilhões já construídos para a grande Exposição de Lourenço Marques.
Notícias, 1956-07-08: 1.

Diário de Lourenço Marques

COLÓNIAS SEM BANDEIRA

A VISITA DO SR. PRESIDENTE da República

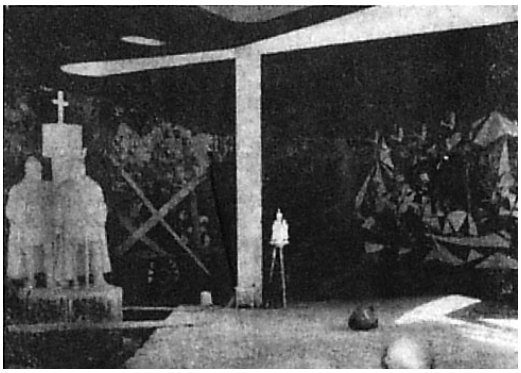
O CHEFE DO ESTADO foi convidado a visitar a União da África do Sul e a Federação das Rodésias e Niassalândia por ocasião da viagem a Moçambique

Exposição das Actividades Sociais, Culturais e Económicas

O PROF. DR. ANTÓNIO DE ALMEIDA OCUPOU-SE NA ASSEMBLEIA NACIONAL DE DIFERENTES PROBLEMAS DE FUNCIONALISMO ULTRAMARINO

O Governo Francês lenciona aumentar os impostos de 1956

TEVE ONTEM LUGAR a abertura da V sessão do Supremo soviético



EAEM - Pavilhão da Evocação Histórica

Um aspeto interior do "Pavilhão da Evocação Histórica": à direita, a pintura mural alusiva ao ataque dos holandeses; ao centro o cartograma das rotas dos descobrimentos (ambos de Bertina Lopes) e, à esquerda, o monumento dos Pioneiros das Descobertas (grupo escultural de Silva Pinto).
Diário, 1956-07-12: 1.

tativos da ação missionária dos portugueses, pintados por José Tomás de Sousa Freire,[144] cinco retratos de navegadores[145] e um quadro alusivo às ações militares (estes últimos poderiam respetivamente ser os cinco quadros pintados por Frederico Aires[146] e o painel de João Aires a que se refere a reportagem do jornal *Diário*[147]). No exterior do Pavilhão da Evocação Histórica encontrava-se ainda o Recanto Evocativo dos Mortos da Pátria, um anexo autónomo desenhado por Nuno Craveiro Lopes e Alberto Soeiro.[148]

O **Pavilhão do Comércio**, que se destinava a albergar a representação gráfica da evolução do comércio em Moçambique através dos tempos,[149] incluía um painel evocativo do terceiro período cronológico da autoria de Alfredo da Conceição.

O **Pavilhão do Crédito e Previdência** continha uma agência de câmbio de divisas e expunha elementos gráficos que representavam o valor do movimento dos bancos, caixas de crédito e companhias de seguros da província.

A **Zona Indígena** foi projetada por Pinho da Cruz como um espaço onde nove diferentes grupos étnicos provenientes de diversos pontos da antiga província exibiam as suas culturas, habitações - algumas das quais lacustres -, e aldeamentos tradicionais.[150] Ao contrário

144 "Praticamente, estes painéis que são obra do artista José Tomás de Sousa Freire (...) constituirão uma agradável surpresa para o público tanto pela clareza e originalidade com que os temas foram tratados, como pela personalidade revelada no desenho." *Diário*, 1956-07-12: 5.

145 "O conjunto é ainda enriquecido com cinco retratos a óleo dos grandes capitães-mores Diogo-Cão, Gil Eanes, Bartolomeu Dias, Pero de Alenquer e Vasco da Gama." EAEM, 1956: LIX-LX.

146 "Jacob Estevão, Elias Estêvão (1937-1960?), Vasco Campira (n.1933), Agostinho Mutemba tiveram aulas com Frederico Ayres, um pintor naturalista que se destacou na pintura de paisagem e na pintura de história." COSTA, 2011b.

147 "Há ainda cinco quadros do insigne artista Frederico Ayres (pai de João Ayres, a quem pertence um painel alusivo à Ocupação)." *Diário*, 1956-07-12: 5.

148 "(...) nele será prestada uma simbólica homenagem aos grandes nomes da História de Portugal que deram a vida em defesa da sua Pátria.
(...) Neste recanto que será iluminado por uma pira com fogo permanente, haverá sempre uma sentinela (...). Uma inscrição em bronze e a espada de Vasco da Gama estarão no seu interior." *Diário*, 1956-07-12: 5.

149 "O primeiro período, que vai até à libertação da Província do Governo da Índia (...).
No segundo período, que se desenvolve até ao final das campanhas militares da ocupação efetiva do território (...).
O terceiro período que se desenvolve até à época atual tem a sua representação instalada num prolongamento semi-circular da sala anterior (...)" EAEM, 1956: LX-LXI.

150 "Ali vão viver com os seus costumes, alimentação, vestuário, etc., os diversos grupos de indígenas que habitam Moçambique. Todo o folclore negro, exibir-se-á neste recinto com os seus cantares diferentes de distrito para distrito, os seus batuques, etc." EAEM, 1956: LXIV.

Notícias

DIÁRIO DA MANHÃ FUNDADO EM 1926

12 PÁGINAS

Sociedade Anónima Sarl. Sábado, 7 de Julho de 1956

PREÇO 1$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida "Gorgonio" Rua Joaquim Lopes, 72

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ANO XXIII - 1956

Diretor e Proprietário: Manuel Soares Vila

Editor: Manuel Soares Vila

Fotos: Manuel Soares Vila

Fotos Manuel Soares Vila

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida "Gorgonio" Rua Joaquim Lopes, 72

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PREÇO 1$50

Notícias Moçambique, Sábado, 7 de Julho de 1956

ANO XXIII - 1956

À VOLTA DA "CHUMBARIA" NOS EXAMES nas nossas Escolas Superiores

Pelo Prof. Ricardo Rolim

EXEMPLO DIGNIFICANTE

CONTRIBUIÇÃO DE UM MILHÃO DE ESCUDOS

feita pela Companhia "Shell" AO GOVERNO DA PROVÍNCIA

EM PROL DA ESCOLA TÉCNICA EM MOÇAMBIQUE

COMITIVA DA VIAGEM PRESIDENCIAL

VISITA PRESIDENCIAL A MOÇAMBIQUE

ESTÁ NA SUA FASE FINAL

a organização da grande exposição DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS DE MOÇAMBIQUE NESTA CIDADE

NOVO ASSALTO DE VAGÃO NO PAQUISTÃO

A SITUAÇÃO NO NORTE DE ÁFRICA

AS AUTORIDADES FRANCESAS NA ARGÉLIA

DECRETAM MEDIDAS PUNITIVAS contra os muçulmanos

O CASO DE CHIPRE

O INCÊNDIO QUE LAVRAVA NAS FLORESTAS DE UBA já foi dominado

O CEILÃO

quer tomar conta de duas bases na ATLANTIDA e TRINCOMALEE

A TENTATIVA DE ASSASSÍNIO DO CHEFE DO ESTADO DESCOBERTO

A IRLANDA

Assembleia Constituinte Fernandes

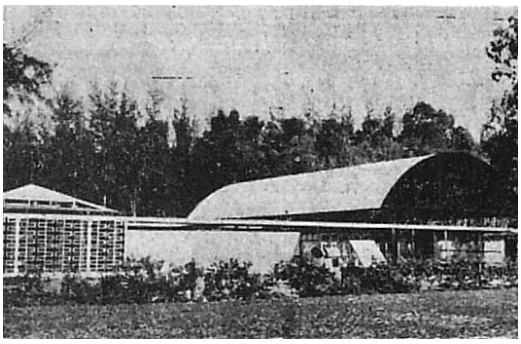
UMA LEI ANTI-RACISTA discutida pela Câmara dos representantes americanos

A PROPÓSITO ANIVERSÁRIO DA REPUBLICA MARITIMA

Círculo de Cultura Musical

A AGITAÇÃO OPERÁRIA NA POLÓNIA

PARA AS VÍTIMAS DE MEMBA



EAEM - Pavilhão da Agricultura

Erguem-se já os pavilhões, entre as árvores e relvados, no recinto da Exposição das Atividades Económicas de Moçambique.
Notícias, 1956-07-07: 1.

Diário de Lourenço Marques Guardian

NÚMERO 13.453

PREÇO 1$50 — PAGINAS 8

AGUARDAM-SE importantes declarações do Generalíssimo Franco

Haldo Star

CARLA ADRIANO MAIA

TEMAS INTERNACIONAIS

UMA TENDÊNCIA que não está certa

A MORTE DO PADRE AMÉRICO

Disposições testamentárias do bondoso sacerdote

O Embaixador da França EM PORTUGAL chegará a L. Marques na próxima sexta-feira

VISITA PRESIDENCIAL

A BARRAGEM DO LIMPOPO

será uma das mais importantes realizações a inaugurar pelo CHEFE DO ESTADO

NOVO GOVERNADOR da Guiné

DISCUSSÃO DOS PROBLEMAS INTERNACIONAIS entre os Primeiros Ministros da França e da Índia

Novo Governador do Distrito para Moçambique

Prof. Dr. Pedroso Pimentel

O CHEFE DO ESTADO

TORBAY - LISBOA

Presidência do Conselho

COMANDANTE Barahona Fernandes

EXPOSIÇÃO DAS ACTIVIDADES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÓMICAS

O Pavilhão da Agricultura

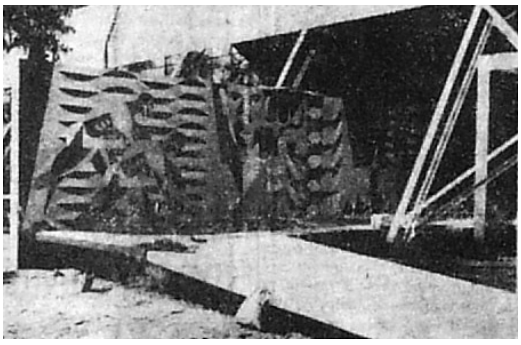
É inadiável reformar o diploma básico que se opõe a que a corporativização nas Províncias Ultramarinas possa seguir rumo compatível com a doutrina informadora do sistema

afirma o Sr. Eng. JORGE JARDIM na Assembleia Nacional

Delegação ESPECIAL da Metrópole

UM EX-EMBAIXADOR inglês na Jordânia

convidado a abandonar o País



EAEM - Pavilhão da Agricultura

A entrada para o "Pavilhão da Agricultura" vendo-se em frente à rampa de acesso o painel simbolizando a Agricultura Organizada.
Diário, 1956-07-18: 1.

das reproduções da vida colonial das exposições do Estado Novo a *aldeia indígena* refletia na sua conceção preocupações de autenticidade antropológica.[151]

Os **Pavilhões da Agricultura e da Pecuária**, sempre elogiosamente referidos na imprensa da época pela sua qualidade arquitetónica, foram desenhados por Maria Carlota Quintanilha e João José Tinoco.

Do **Pavilhão da Pecuária** apenas conhecemos a descrição do *Guia-Programa*:[152] tratava-se de num pavilhão aberto, implantado no sentido longitudinal do recinto da exposição, albergando cercados com diversas espécies animais pormenorizadamente inventariadas.

Do **Pavilhão da Agricultura**, um dos mais vastos da exposição, estão publicadas algumas perspetivas de projeto e fotografias do pavilhão[153] revelando múltiplas referências à moderna arquitetura da América Latina. Implantado num recinto limitado pelo mural *Tropismos* - virado a nordeste e executado em cimento policromado por Jorge Garizo do Carmo -, o Pavilhão da Agricultura estava rodeado por relvados onde se escavou um pequeno lago no qual se colocou uma escultura móvel também por Jorge Garizo do Carmo.[154] O pavilhão era composto por três corpos unidos por passagens exteriores cobertas por lajes horizontais assentes em *pilotis*.[155] Sobranceiro ao primeiro corpo, um volume longilíneo coberto por uma abóbada de chapa ondulada de zinco apoiada em oito arcos semicirculares construídos com treliças metálicas - estrutura que foi reutilizada em 1958 na edificação do hangar

151 "A aldeia indígena também constituirá uma grande atração e deve salientar-se que ela se reveste dos mais reais traços de verdade, fugindo a retoques industrializados da civilização para procurar dar ao visitante uma ideia tanto quanto possível perfeita das impressões que poderiam ser colhidas *in loco*." *Diário*, 1956-07-23: 4.

152 EAEM, 1956: LXI.

153 Consultar Veloso; Fernandes; Janeiro, 2008: 44-47.

154 "No jardim exterior uma composição escultórica alude aos três elementos-bases da vida vegetal: Ar – Água – Luz." EAEM, 1956: LXI.

155 "Os três corpos estão interligados, sendo o primeiro dedicado à agricultura, de uma maneira geral, ao arroz e ao algodão. No segundo corpo encontram-se todos os elementos relacionados com o tabaco, cereais e citrinos e bananas. Por último, o terceiro corpo, é dedicado ao açúcar, chá, sisal e copra. (...) No último corpo haverá uma enorme maquete da Sena Sugar Estates, com as dimensões de 4,70m x 3,70m (...) que compreenderá as instalações que esta companhia possui ao longo do Zambeze." *Diário*, 1956-07-18: 2.

Diário
do Governo Marques Guarnieri

COMBATENTES DO SUL DE ANGOLA

STRIJDOM afirma QUE DENTRO EM POUCO haverá mais simpatia NA GRÃ-BRETANHA pela política racial sul-africana

O CHEFE DO ESTADO NA EXPOSIÇÃO DE FLORICULTURA

RETRIBUIÇÃO DE CUMPRIMENTOS do Comando do «BARTOLOMEU DIAS» A AUTORIDADES DA CAPITAL

DOIS GRANDES TRANSATLÂNTICOS COLIDIRAM AO LARGO DA COSTA AMERICANA

O PRIMEIRO MINISTRO DA POLÓNIA ADMITE COMO VERDADEIRAS

Encerramento da Exposição «TRINTA ANOS DE CULTURA»

UM MONUMENTO AO TRABALHO DE MOÇAMBIQUE

FOI ABATIDO um avião israelita sobre a Jordânia

EAEM - Pavilhão das Indústrias de Moçambique

Um aspeto exterior do Pavilhão das Indústrias de Moçambique.
Diário, 1956-07-27: 1.

do Aero Clube de Moçambique -,[156] encontrava-se um gráfico aéreo realizado em arame pelo pintor, escultor e biólogo Augusto Cabral. Uma rampa exterior colocada lateralmente ao primeiro corpo e encimada por um painel de João Aires simbolizando a atividade agrícola

156 "O hangar propriamente dito é constituído por uma estrutura metálica de oito arcos semicirculares apoiados em 16 maciços de betão profundamente enterrados no solo, tendo sido adquirido, por compra, com a respetiva cobertura de folhas onduladas de zinco, à Comissão de Arrolamento das Edificações da Exposição das Atividades Económicas de Moçambique e fazia parte integrante do Pavilhão da Agricultura." *Notícias*, 1958-07-27: 24.

da província[157] dava acesso a um átrio de receção cilíndrico.[158] À saída do complexo uma passagem coberta conduzia ao Pavilhão das Indústrias de Moçambique, ao longo da qual se dispunham expositores com produtos agrícolas de transformação industrial e um painel por José Tomás de Sousa Freire.[159]

O **Pavilhão das Indústrias de Moçambique** foi desenhado por uma equipa de arquitetos coordenada por Fernando de Sousa e composta por Fernando Eurico, Able Pascoal e Francisco Assis. Com aproximadamente 72m de comprimento por 40m de largura o pavilhão tinha a aparência exterior de uma fábrica, semelhança reforçada pelas coberturas inclinadas e por uma escultura em forma de forno com chaminé da autoria de Jorge Garizo do Carmo. A exposição interior, que teve como consultor técnico o Eng.º Ramalho Correia e como decorador Manuel de Figueiredo, estruturava-se em três áreas temáticas correspondentes às três atividades produtivas predominantes na província reunidas sob o tema geral *Unidade na atividade referenciada*.[160] Esta união encontrava-se simbolizada por um painel de João Aires colocado na entrada junto ao balcão de informações.

Os **Pavilhões dos Transportes, Obras de Fomento e Correios**, que integravam

157 "Ao longo do acesso do pavilhão e a céu aberto, máquinas e alfaias agrícolas simbolizam a mecanização e o progresso deste sector económico. Como complemento um mural ao longo da placa de entrada, afirmando todo esse progresso e a cooperação existente entre o branco e o negro." EAEM, 1956: LXI.

158 "Logo após a rampa de entrada e o painel (...) encontra-se um átrio por onde começa praticamente a visita a este setor. Nesse hall de entrada, de forma cilíndrica e cujo teto é constituído por uma estrutura metálica, focar-se-á a agricultura de uma maneira geral e se evidenciarão as condições ótimas que possui a Província para o seu desenvolvimento." *Diário*, 1956-07-18: 2.

159 "Termina este pavilhão com um painel descritivo do aproveitamento e industrialização dos produtos agrícolas, com amostras dos mesmos e ainda na intenção de dar a chamada ao pavilhão seguindo-se o das indústrias propriamente ditas" EAEM, 1956: LXI.

160 "Inicialmente pretendeu-se dividir esta exposição das indústrias em três pavilhões distintos – cada um dos quais respeitante a um dos imperativos para que a atividade tende: alimentar, vestir, e abrigar as populações da Província, como se lê numa das legendas colocadas logo no *hall* de entrada.
Esta diretriz inicial teve de ser alterada e assim reuniu-se num só pavilhão as três orientações distintas, o que não veio trazer grandes inconvenientes pelo facto de que o que se perdeu em amplitude, ganhou-se em unidade no conjunto." *Diário*, 1956-07-27: 1, 7.

Diário
de Lourenço Marques & Guardian

DOMINGO, 15 DE JULHO DE 1956

TEMAS INTERNACIONAIS

E AGORA O QUE TEREMOS DE NOVO?

A VISITA DO SR. PRESIDENTE DO CONSELHO ao Estádio Universitário de Lisboa

VISITA PRESIDENCIAL

MOÇAMBIQUE PREPARA-SE AFANOSAMENTE PARA RECEBER A VISITA DO CHEFE DO ESTADO

O DIA DA FESTA Nacional da França FOI BRILHANTEMENTE COMEMORADO em Lourenço Marques

Conversações TITO-NASSER

ESTABELECIMENTOS MILITARES VISITADOS PELO CHEFE DO ESTADO

EXPOSIÇÃO DAS ACTIVIDADES SOCIAIS, CULTURAIS E ECONÓMICAS

Uma zona com três pavilhões - «Transportes», «Obras de Fomento» e «Correios»

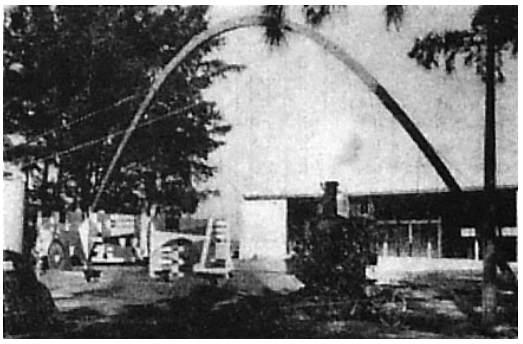
SEIS ESTUDANTES HÚNGAROS APODERARAM-SE DE UM AVIÃO e conseguiram fugir para o OCIDENTE

Vítima de um ataque cardíaco faleceu o DR. JOÃO HENRIQUE ULRICH

O Sr. Eng. Jorge Jardim REGRESSA

NA ASSEMBLEIA NACIONAL um Representante de ELVEMAR

650.000 operários da indústria do AÇO AMERICANA estão em greve



EAEM - Pavilhões dos Transportes, Obras de Fomento e Correios

Zona dos "Transportes", "Fomento" e "Correios" – À esquerda, o painel de João Ayres e, à direita, a locomotiva, ambos sob um enorme arco, vendo-se ao fundo um dos três pavilhões desta zona.
Diário, 1956-07-15: 1.

DR. TIAGO FERREIRA

FOI UM ÊXITO ARTÍSTICO e uma lição de bem representar a apresentação do Teatro dos Estudantes da UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Comitiva do Chefe do Estado

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Transportes para o Aeroporto

Instalações de tribunais

BEBERETE EM HONRA dos dirigentes do Comércio e da Indústria Metropolitanos

O CORAÇÃO DA CIDADE VAI PULSAR A SUESTE

Uma visão rápida dos acontecimentos que vão começar a descerrular-se na Avenida MARECHAL CARMONA

EAEM - Pavilhões dos Transportes, Obras de Fomento e Correios

Uma ponte e uma torre – um ângulo obtido no recinto da Exposição das Atividades Sociais, Culturais e Económicas, cujo brilho não está inteiramente patente nesta imagem.
Diário, 1956-08-04: 12.

uma zona da exposição com diversas atividades relacionadas entre si[161] foram projetados por Paulo de Melo Sampaio e construídos pelo empreiteiro Eng.º Augusto José Martins. A entrada no recinto estava assinalada por um simbólico arco parabólico de madeira[162] numa aparente referência formal à proposta de Le Corbusier para o Palácio dos Sovietes em Moscovo (1931).[163] Do lado esquerdo do arco encontrava-se um mural da autoria de João Aires que fazia a simbiose das três atividades económicas.[164] À sua direita uma das primeiras locomotivas que circulou em Moçambique simbolizava os transportes e uma escultura suspensa do arco representava os correios. Na entrada do Pavilhão do Fomento uma piramidal torre metálica com 37m de altura e secção triangular – eventualmente o obelisco a que se refere Paulo de Melo Sampaio na reportagem do jornal *Diário -*,[165] foi dedicada à missão geográfica que fez o primeiro levantamento topográfico da antiga província. Os arranjos exteriores do recinto onde se implantavam os três pavilhões foram realizados por Jorge Garizo do Carmo enquanto os seus interiores pelos decoradores Augusto Cabral e Fernando Fernandes. Para além de vários murais por João Aires havia ainda no interior do Pavilhão dos Transportes um painel da autoria de Rui Calçada Bastos.

Os **Pavilhões de Turismo e da Rádio e o Restaurante Zambi** formavam a zona

161 "No pavilhão dos transportes, situado à direita, estão distribuídos os transportes marítimos, ferroviários, rodoviários e aéreos, tratados cada um de modo a dar-se a ideia das suas origens, evolução e valor até aos nossos dias.
(...) Saindo-se do Pavilhão dos Transportes, entra-se no do Fomento, antecedido por uma torre metálica, utilizada para a demarcação geodésica da Província, indicativo do trabalho indispensável a toda a obra organizada de fomento.
(...) Fecha este conjunto, o Pavilhão dos Correios, possuindo uma estação própria em funcionamento e mostrando aos visitantes o que se tem levado a efeito num crescente e rápido desenvolvimento em toda a Província de Moçambique nos últimos anos." EAEM, 1956: LXII; "O encadeamento destas três atividades justifica-se plenamente. De facto, são as obras de fomento que facilitam e dão incremento aos diversos géneros de transporte. Estradas, vias férreas, etc., são fatores propícios ao desenvolvimento dos transportes e com eles interligados. Quanto aos correios, é claro que só através da sua ação é possível controlar o movimento dos transportes, saber quando chega um navio, um comboio ou um avião, etc. (...)." Paulo de Melo Sampaio *in Diário*, 1956-07-15: 1, 15.

162 "O elo de ligação destes três sectores é o arco de entrada, simbolizando a correlação existente entre aquelas atividades, representada pelos motivos ali expostos." EAEM, 1956: LXII.

163 Le Corbusier, 1995 [1934]: 124-137.

164 "Atentámos melhor no painel e em breve lobrigámos, apenas invisíveis enquanto se não concentra a vista, uma locomotiva, um navio e um avião (...)." *Diário*, 1956-07-15: 1.

165 "Haverá também um obelisco simbolizando o Fomento." Paulo de Melo Sampaio *in Diário*, 1956-07-15: 15.

de Turismo da EAEM, projetada por Pancho Guedes.[166] Deste conjunto não conhecemos ainda a forma exterior do Pavilhão do Turismo,[167] sabemos que o Pavilhão da Rádio era um pequeno edifício ligado ao anterior[168] e que o Pavilhão do Cinema/Artes foi desenhado mas não foi construído por pretextos económicos.[169] O Restaurante Zambi foi construído para ser utilizado durante a EAEM como restaurante e *boîte* da exposição.

O **Restaurante Zambi**,[170] que Pancho Guedes incluiu na família de edifícios a que chama *A elegante arte de curvar espaço*,[171] constitui um volume arqueado de um piso encostado à mata de eucaliptos a nordeste[172] definindo uma esplanada exterior semicircular aberta a sudoeste sobre a marginal e a baía do Espírito Santo.[173] O corpo do restaurante, com os topos rematados por duas pirâmides irregulares deitadas, é coberto por uma laje de betão formando uma cobertura de duas águas saliente em todas as direções, lançada em consola sobre vigas aparentes.[174] Desta cobertura projetam-se chaminés cónicas e um lanternim assimetricamente localizados. Integrados na conceção arquitetónica do edifício encontrava-se

166 "Ia haver uma grandiosa exposição em Lourenço Marques por ocasião da visita do Presidente Craveiro Lopes. Fico com o desenho do restaurante, com o pavilhão do turismo, o da rádio e o do cinema/artes. Divido os projetos em dois tipos de construção: o restaurante em betão armado e os outros pavilhões, que eram provisórios, feitos de tubos, madeira, lonas e cartão, com chão de pedra moída." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 138.

167 "Representa este pavilhão uma análise de tudo quanto de turístico existe em Moçambique.
(...) Nesta decoração houve talvez a ideia de dar um aspeto humorístico e alegre, pois na verdade tudo quanto signifique turismo é sinónimo de boa disposição e ótimas condições para viagens.
Uma das curiosidades destes desenhos é que são totalmente executados à pena e a tinta da China. Um dos elementos decorativos é uma escultura volante, para oscilar à mais pequena aragem." EAEM, 1956: LXIV.

168 "Intimamente ligado ao turismo, está o pavilhão da Rádio nesta Província de Moçambique.
(...) De configuração fora do vulgar, foca as diversas atividades radiofónicas desta Província." EAEM, 1956: LXIV.

169 "O que queriam era escangalhar o conjunto, pois não havia outro projeto tão económico como o que eu fiz." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 138.

170 25°58'48.04"S, 32°34'46.18"E.

171 "Estas casas dançantes exploram a arte de curvar espaço de muitas maneiras - às vezes as curvas partem de um só ponto central; noutros projetos têm origem em vários pontos diferentes.
A primeira a ser construída foi um hotel ou prédio (...) mas foi para a área das exposições que desenhei, construí e decorei o Restaurante Zambi (...)." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 135.

172 "No local onde se levanta o restaurante não havia árvores. E os construtores chegaram o restaurante o mais para trás que puderam, o mais possível encostado aos eucaliptos, mas nem um só derrubaram." *Diário*, 1956-07-16: 4.

173 Para desenhos de projeto consultar GUEDES, 2009: 138-139 e www.guedes.info.

174 "Para terminarmos estes breves apontamentos, resta-nos dizer que a estrutura com que o Sr. Arq. Miranda Guedes dotou o edifício, é de tal ordem que garante completa frescura mesmo nas tardes mais ensolaradas do verão." *Diário*, 1956-07-16: 4.

EAEM - Restaurante Zambi

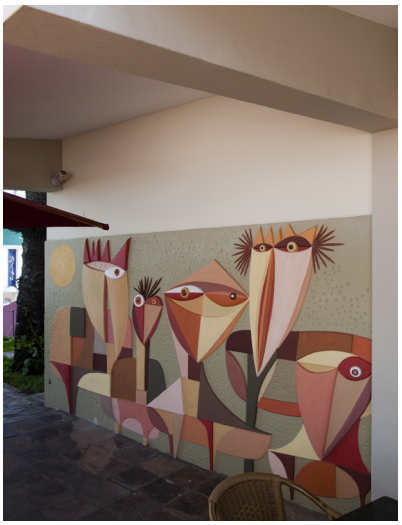
Esquerda e direita:
Vista desde a marginal.
(EM, 2009).

EAEM - Restaurante Zambi

Esquerda e direita:
Topo sudoeste.
(EM, 2009).

EAEM - Restaurante Zambi

Esquerda e direita:
Mural *Aves*.
(EM, 2009).



um painel interior por Jorge Garizo do Carmo[175] e os murais exteriores *Tropismos* e *Aves*,[176] realizados em colaboração com Antero Machado (n.1934)[177] e executados pelo estucador Gonçalves Diogo.[178]

Ao contrários dos restantes edifícios da exposição, que foram erguidos com estruturas leves fabricadas na África do Sul e posteriormente desmontadas,[179] o Restaurante Zambi, construído em betão e alvenaria, subsiste ainda.[180] Embora tenha sofrido alterações ao longo do tempo que o descaracterizaram significativamente – entre outras intervenções o encobrimento da frente convexa com o encosto de outras construções, as alterações no desenho da frente côncava, o encerramento generalizado dos vãos envidraçados com paredes de alvenaria e a alteração na forma dos espaços interiores -, em 2012 o Zambi permanecia ainda como um dos melhores e mais icónicos restaurantes de Maputo.[181]

O **Pavilhão da Feira das Indústrias Portuguesas** na EAEM foi desenhado por Keil do Amaral e Alberto Cruz. O pavilhão continha, numa área coberta de 5 600m^2 distribuída por 5 naves retangulares unidas entre si por passagens cobertas e intercaladas por pátios exteriores, cerca de 300 expositores em representação de empresas industriais da metrópole e de Angola. Os vários componentes do pavilhão foram erguidos com estruturas ligeiras

175 "No interior do restaurante, do lado esquerdo de quem entra pelo lado da baía há um sítio reservado à orquestra. Em frente encontra-se um painel de Jorge Garizo do Carmo (...) a quem aliás pertencem muitas outras decorações e painéis que decoram outros setores da exposição." *Diário*, 1956-07-16: 4.

176 "Nos mínimos pormenores ressalta todo o bom gosto e carinho que o arquiteto Miranda Guedes lhe dedicou, não só através das artísticas linhas arquitetónicas como também nos elementos decorativos, em que dois *painéis* que se encontram no exterior, *Tropismos* e *Aves*, são inconfundíveis e acusam facilmente a sua procedência." *Diário*, 1956-07-16: 4.

177 "Seguiu com atenção, como teve oportunidade de me revelar, o trabalho de Antero Machado com quem trabalhou em alguns projetos e que considerava, na época, *o melhor deles todos*. Antero fixou-se alguns anos depois na África do Sul. Os dois terão trabalhado no projeto do restaurante Zambi, em Maputo, onde se conservam até hoje três murais." Costa, 2011a.

178 "Destaca (...) os operários: o Gonçalves – *um bom pedreiro de rebocos* (...) – responsável pelos murais do Leão que Ri e do Zambi (...)." Milheiro, 2009b: 74; Pancho Guedes *in* Guedes, 2009: 22.

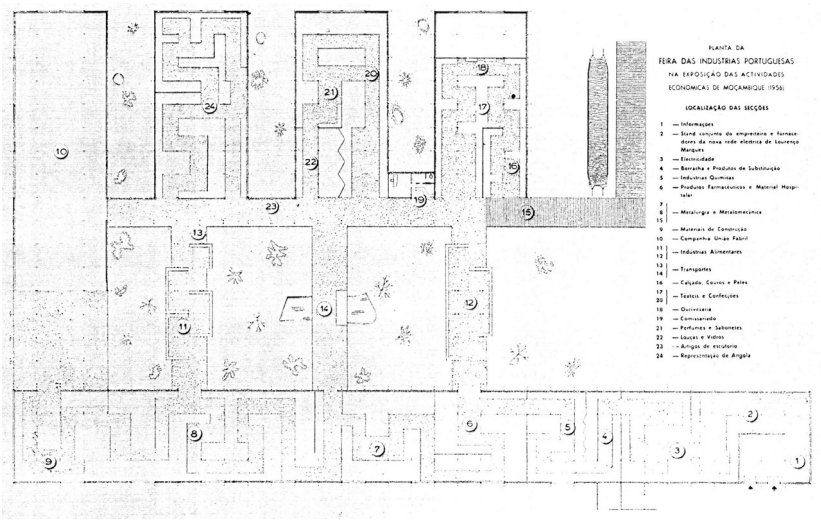
179 "Preparam-se em Pretória as estruturas metálicas que serão o esqueleto dos vários pavilhões (material recuperável que não será desperdiçado)." J. Costa Júnior *in BGU*, 1956-04: 215-217.

180 "As funções e a construção obedeceram a moldes definitivos e se (...) o conjunto total que se está levantando, tem carácter provisório, prevendo-se a sua duração para quatro meses, outro tanto não sucederá com o restaurante que ficará a dotar a cidade com um dos mais típicos e felizes, o que muito virá beneficiar o turismo de Lourenço Marques." *Diário*, 1956-07-16: 4.

181 "Entre casuarinas e as águas da Baía, tendo como patronos o sol, de dia, e a lua, de noite, por entre a música da orquestra e das águas da baía, a capital Lourenço Marques foi dotada com um novo restaurante. Um restaurante chamado *Zambi*." *Diário*, 1956-07-16: 4.

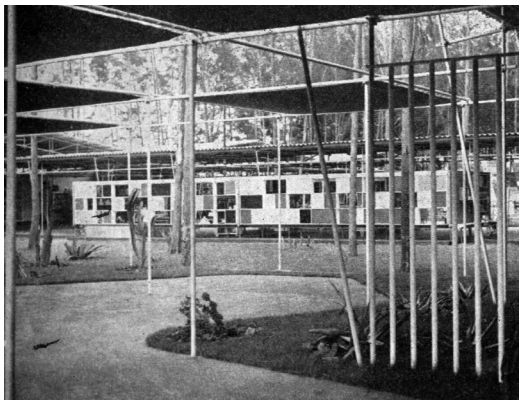
EAEM - Pavilhão da FIP

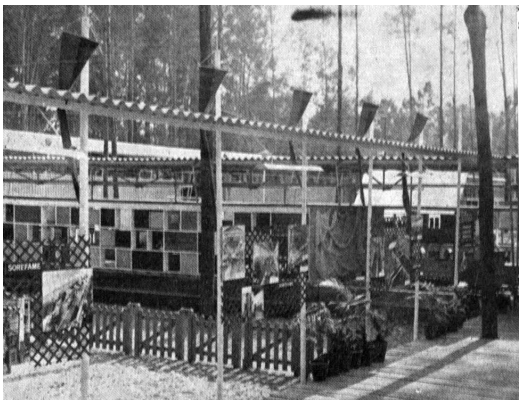
Planta.
FIP, 1956: desdobrável.



EAEM - Pavilhão da FIP

Esquerda e direita:
[s.a.], 1956.
AIN, 1956-08: 15.





fabricadas em Lisboa. Compostas por tubulares metálicos unidos por rótulas suportavam paredes e coberturas em fibrocimento de produção moçambicana. Os *stands* e as divisórias interiores foram concebidos e fabricados na metrópole e montados em Lourenço Marques em Julho de 1956[182] sob supervisão de uma das várias equipas de técnicos e artistas plásticos responsáveis pela montagem das exposições da FIP. Esta equipa era dirigida pelo pintor e artista gráfico Manuel Lapa (1914-1979) e composta pelos pintores Fernando de Azevedo (1923-2002) e Marcelino Vespeira (1925-2002), pelo pintor e arquiteto Nuno San Payo (n.1926), pelos decoradores José Alves e António das Neves, e pelo eletricista José Barradas. As fotografias do pavilhão revelam uma construção com uma grande unidade formal em resultado da economia de um desenho reduzido à associação e repetição de elementos estandardizados produzidos industrialmente: tubulares metálicos e suas ligações, candeeiros, expositores, divisórias, grelhagens, sinalética, etc.

No desenho da EAEM participaram profissionais provenientes de diversos contextos e de distintas gerações de protagonistas da arquitetura do século XX em Portugal.[183] Excetuando o edifício da Fazenda, um anacrónico resíduo da arquitetura monumental do Estado Novo, a conceção geral do espaço da exposição e dos pavilhões que constituiram as diferentes zonas em que se dividiu anunciaram novas formas, espaços, métodos de projeto e sistemas construtivos caraterísticos da arquitetura do Movimento Moderno internacional do segundo

182 "O Pavilhão, que foi concebido e montado pela Comissão da Feira, com a equipa artística e técnica vinda especialmente da Metrópole para tal efeito (...).
Reúne o Pavilhão expositores da Metrópole e da Província de Angola, sendo as fotografias que completam o desfile dos *stands* da autoria de Horácio Novais, Santos de Almeida e do nosso camarada de redação Carlos Alberto." *Notícias*, 1956-08-07: 11.

183 "A conceção e realização foi confiada aos arquitetos e artistas portugueses aqui residentes, cuja juventude está patente nos modernos conceitos de arte que seguem e defendem com a maior convicção, tendo trabalhado com grande espírito de equipa com os colegas metropolitanos a quem foram entregues as representações da Associação Industrial Portuguesa e da Agência-Geral do Ultramar." Comandante Dias Ferreira (Presidente da Comissão Executiva da EAEM), 6 de Agosto de 1956 *in Notícias*, 1956-08-07: 11.

pós-guerra. Um novo gosto arquitetónico que,[184] ao serviço do regime do Estado Novo, se revela apto a expressar a pretendida modernidade da sociedade colonial moçambicana.[185]

O projeto do **Pavilhão de Desportos da Delegação da Beira do Clube Ferroviário de Moçambique**[186] foi desenhado em 1956 por Paulo de Melo Sampaio. Iniciativa impulsionada pelo Eng.º Albano Sousa Dias, chefe do Serviço de Via e Obras e dirigente do clube, teve cálculos de estruturas pelo Eng.º Joaquim Alves Mendes e orientação de obra por Carlos Teixeira de Sousa.[187] A sua maqueta esteve patente em 1956 na EAEM, em Lourenço Marques,[188] e em 1960 no Pavilhão dos Caminhos de Ferro de Moçambique na Central Africa Trade Fair, em Bulavaio, antiga Rodésia do Sul e atual Zimbabué.[189] O empreendimento do pavilhão constituiu uma etapa de um vasto plano de obras para os terrenos do clube concretizado durante a década de 50 - plano que incluiu a construção das bancadas do campo de futebol[190] e a asfaltagem das pistas para provas de ciclismo.[191] A construção do pavilhão de desportos iniciou-se em 1956 tendo a cerimónia do *pau de fileira*, assina-

184 "Quando a exposição for aberta ao público ele sentir-se-á como um apreciador a quem fosse dado ver um quadro raro numa moldura ricamente trabalhada, e não soubesse o que mais admirar: se o quadro, se a moldura. (...) Só falando nos pavilhões que já observámos, devemos salientar o bom gosto apurado, a arte elevada e o sentido das conveniências dos srs. arquitetos Able Pascoal, Fernando Eurico, João Tinoco e esposa, Melo Sampaio e Miranda Guedes (...). *Diário*, 1956-07-18: 1, 2; "O elevado nível arquitetónico do Pavilhão da Agricultura, o funcional do Pavilhão da F.I.P., os painéis do Pavilhão da Agricultura, do Fomento, de Honra, das Comunicações, do Restaurante, o Arco do Pavilhão do Fomento, as esculturas em ferro do Pavilhão da Agricultura e do Restaurante, o curioso da torre integrada na representação dos Serviços Geográficos, as maquetas espalhadas pelos vários setores (...)." *Notícias*, 1956-08-11: 1.

185 "Temos a firme convicção que está na prática sincera dos princípios corporativos a linha de rumo para que esses objetivos sejam alcançados. É pois, com uma afirmação de fé e confiança nesses princípios que se realiza a primeira Exposição das Atividades Económicas de Moçambique, afirmação de fé e confiança que é, sem dúvida a melhor homenagem que podemos prestar tanto a Vossa Excelência como ao Ilustre Presidente do Conselho, fundador do regime e seu maior obreiro." Comandante Dias Ferreira (Presidente da Comissão Executiva da EAEM), 6 de Agosto de 1956 *in Diário*, 1956-08-07: 2.

186 19°49'21.33"S, 34°50'26.84"E.

187 *DM*, 1961-03-25: 3.

188 *BPCFTM*, 1956-08: 41.

189 "O Pavilhão de Desportos do Ferroviário da Beira, exposto na Feira de Bulavaio, foi apreciado pela Rainha-Mãe de Inglaterra, como se vê na gravura." *DM*, 1960-05-18.

190 "Os trabalhos em curso têm prosseguido ativamente, estando em vias de conclusão o primeiro grupo de bancadas monumentais com que muito virá a lucrar o desporto local e os seus adeptos.
Tivemos (...) a oportunidade de apreciar a grandiosidade daquelas bancadas, cujo topo termina por uma longa *pala* airosamente lançada que protegerá a assistência (...)." *DM*, 1954-08-31: 5.

191 "Devem começar brevemente, no Ferroviário, importantes obras que consistem na asfaltagem do *relevé* das pistas para provas de ciclismo." *DM*, 1955-03-19: 5.

Notícias na BEIRA

AS MONTRAS
e os reclamos luminosos

O MAGNÍFICO ARRANJO URBANÍSTICO
DAS INSTALAÇÕES
DO CLUBE FERROVIÁRIO DA BEIRA
e o grandioso Pavilhão de Desportos
para 5.000 pessoas
que está em construção

Arnaldo Felgueiras e Sousa

Novos recordes
estabelecidos pelo Rhodesia Railways no transporte de carvão

BAILE
DO CLUBE DESPORTIVO
DA BEIRA

A POLÍCIA CAPTUROU
UM PERIGOSO MALFEITOR

TERÁ LUGAR
no próximo dia 28,
no C. R. I. P.,
UM SARAU MUSICAL

LICEU PERO DE ANAIA
EXAMES

TRIBUNA
DOS LEITORES

Pelo Centro Recreativo
Juiz Portugués

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL
SPOT LISBOA E BEIRA — C. R. I. P.
o jogo mais importante
de hoje

O SPORTING JOGA HOJE
EM ANA PERY

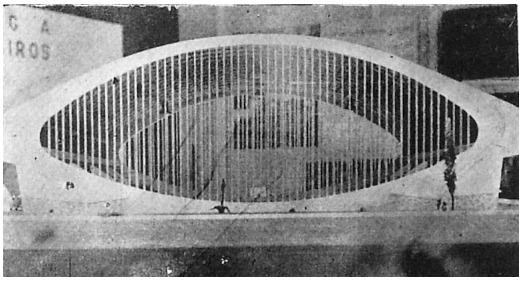
O AUTOMÓVEL
E TOURING CLUBE
DE MOÇAMBIQUE
vai abrir uma delegação
NA BEIRA

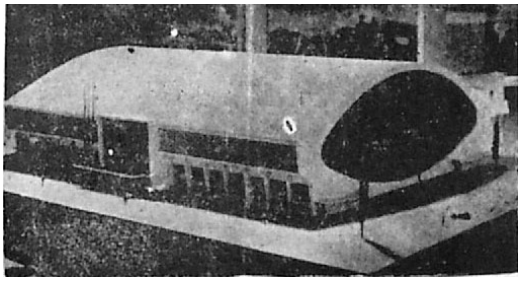
ARTUR BRANDÃO

INFORMAÇÕES

UM GRANDE CIRCO
NA BEIRA
O CIRCO ROSWELL
com espectáculos
em Manica e Sofala

NOTÍCIAS DESPORTIVAS
DA METRÓPOLE





Pavilhão do Ferroviário

Esquerda:
O Pavilhão de Desportos visto de topo mostrando os lados envidraçados para livre entrada de ar e luz.
Notícias, 1957-05-19: 5.

Direita:
Vista geral do grandioso pavilhão que o Ferroviário está a erguer..
Notícias, 1957-05-19: 5.

Pavilhão do Ferroviário

Esquerda:
Pormenor do topo nordeste.
(VR, 2010 | EWV).

Direita:
Frente noroeste.
(VR, 2010 | EWV).

lando a colocação do último arco metálico, sido realizada em 6 de Novembro de 1959.[192] A inauguração teve lugar no dia 2 de Setembro de 1961 numa cerimónia que contou com a presença do governador-geral de Moçambique, contra-almirante Sarmento Rodrigues, e a bênção do bispo da Beira, D. Sebastião de Resende. Durante esta cerimónia realizou-se um desfile de atletas de Moçambique, Angola, Rodésia e África do Sul.[193] Embora a necessitar de urgentes obras de manutenção em 2010 o edifício estava ainda em utilização.

O projeto do pavilhão inseria-se num arranjo urbanístico, igualmente da autoria de Paulo de Melo Sampaio,[194] para o terreno do clube localizado a norte da estação ferroviária - um lote paralelo ao porto da Beira com as frentes maiores para a antiga Avenida Alves Roçadas, atual Avenida da Base N'Tchinga, e Rua João de Resende. O plano geral proposto dividia o terreno em três zonas funcionais distintas: zona desportiva, que englobava os já existentes campos de futebol, de *bowling green* e de ténis e que compreendia a construção do recinto de estacionamento de bicicletas, da entrada principal e das bilheteiras, de dois campos para voleibol e do pavilhão desportivo para 5 000 espetadores, cuja construção se queria iniciar primeiro;[195] zona recreativa, para a qual se previa a construção da nova sede do clube, de um parque de estacionamento, de uma piscina com bancadas para 1 000 espetadores,

192 *Notícias*, 1959-11-13: 5.

193 "Deram entrada seguidamente no pavilhão mais de 1500 atletas num desfile impressionante que a assistência aplaudiu entusiasmada. Centenas de estandartes vindos de todos os pontos de Moçambique e também de Angola tomaram parte na cerimónia inicial. Havia também numerosas representações da Rodésia e da África do Sul." *BGU*, 1961-10/12: 427-428.

194 "Mas havia que estabelecer um plano geral para todas as obras a realizar dentro de um arranjo urbanístico adequado não somente estudando as necessidades presentes como prevendo um futuro que se desenha extraordinariamente promissor pelo constante desenvolvimento do porto, do caminho de ferro e da cidade.
Assim o pensou o clube, que encarregou o Sr. arquiteto Paulo de Melo Sampaio não somente de conceber o indispensável arranjo urbanístico como de projetar um pavilhão de desportos cuja construção o Ferroviário queria, desde já, iniciar.
E bem andou o clube, pois que o trabalho apresentado pelo Sr. arquiteto Melo Sampaio é realidade notável no campo da arte de planejar e construir do nosso tempo. O seu alto sentido estético, a que está aliado um valor indiscutível de projetista superior, produziram a notável realidade que hoje vamos tentar descrever nestas colunas e que não podem, desde já deixar de merecer-nos entusiásticas felicitações e agradecimentos, pois que dotarão a Beira de mais um valor real de engrandecimento e riqueza." *Notícias*, 1957-05-19: 5, 6.

195 "A entrada principal dará aceso a uma larga avenida arborizada que comunica com os diferentes campos de jogos e que tem, ao fundo, o Pavilhão de Desportos. Vários arruamentos internos darão acesso aos campos de treinos que serão separados uns dos outros por relvados arborizados.
Dois campos de voleibol, o campo de basquetebol e o campo de *bowling green* ladeiam a avenida principal que comunica com as bancadas do campo de futebol, que serão as existentes acrescidas de cerca de outro tanto. Igualmente são previstas bancadas para indígenas na cabeceira norte e instalações para peões (indígenas) no espaço entre a ciclo-pista e a carreira de tiro." *Notícias*, 1957-05-19: 6.

de um parque infantil e de um parque de diversões;[196] e zona habitacional, constituída por campos de treinos e habitações separadas para o pessoal europeu e *indígena* do clube.[197] Do conjunto planeado apenas foram construídos, segundo temos registo, o conjunto da entrada principal, o parque infantil[198] e o Pavilhão de Desportos. Este último, um volume autónomo de planimetria retangular e elevação transversal elíptica, implanta-se ao longo da Rua João de Resende definindo uma praça entre a entrada principal do recinto desportivo, realizado pela Avenida Alves Roçadas, e a entrada principal do pavilhão assinalada pelo volume autónomo do átrio principal.

Com uma área coberta de 4 200m^2 o pavilhão foi pensado como um equipamento multifuncional dimensionado para as necessidades presentes e futuras da cidade da Beira.[199] O seu programa distribui-se por duas zonas distintas: a zona de público que compreende o átrio principal, dois bares, sanitários, duas bancadas paralelas para cerca de 6 000 espetadores dispostas ao longo dos lados maiores do edifício e servidas por oito escadas em comunicação direta com o exterior,[200] e 62 camarotes para 500 espetadores acessíveis por uma escada privativa; e a zona desportiva que engloba o campo de jogos para hóquei em patins, basquetebol, voleibol, ténis e corridas de patins, e ainda diversos espaços de apoio

196 "Esta destacada zona fica colocada a sul do terreno das instalações e tem junto de si a piscina, dado o seu carácter não somente desportivo como recreativo. Com acesso pela entrada principal (desportos) a piscina tem-no também pela zona recreativa, evitando assim que, em dias de competições, o público não devasse a zona reservada para os sócios.
A futura sede ocupará a parte do lado nascente do terreno (...) e terá a forma de um *L*, em que a parte vertical, mais comprida, será destinada a restaurante, *bar*, salas de jogo, biblioteca, salas da Direção e de Seção, habitações, etc. e a base do *L* preenchida pelo salão de festas.
Um parque infantil, junto da sede do clube e separando-a da parte desportiva (...) completa o conjunto." *Notícias*, 1957-05-19: 6.

197 "Situada no lado norte, esta zona estará afastada e separada das instalações com acesso para os sócios e para o público." *Notícias*, 1957-05-19: 6.

198 "Realmente, e com a presença de altos funcionários do Caminho de Ferro e Porto da Beira (...) procedeu-se à inauguração do Parque Infantil instalado junto ao Pavilhão dos Desportos." *BPCFTM*, 1963-12: 14.

199 "Dotará a cidade com a mais notável e grandiosa construção do género de Moçambique e uma das mais destacadas de todo o país pela sua beleza estética, pela sua grandiosidade e pela sua utilização, que poderá alargar-se a um sem número de aplicações.
Na sua conceção previu-se o desenvolvimento populacional da cidade, dotando-o com acomodações que poderão parecer exageradas no presente mas não o serão num próximo futuro." *Notícias*, 1957-05-19: 6.

200 "Os degraus variam, conforme a curva de visibilidade, desde 0m,15 até 0m,20. As bancadas estão divididas em sectores, de distâncias iguais entre duas escadas consecutivas, com o fim de distribuir o público no rápido desenvolver das entradas e saídas." *Notícias*, 1957-05-19: 6.

às atividades desportivas.[201] Com exceção do corpo do átrio principal e da tribuna de honra a composição espacial e volumétrica do edifício assenta simetricamente nos dois eixos principais: o eixo transversal estrutura a entrada na zona desportiva, a repetição em espelho dos gigantescos vãos ovais envidraçados para iluminação e ventilação da nave principal e o corpo do átrio principal, localizado no centro do alçado sudeste e antecedido por um alpendre coberto por uma pala em balanço; o eixo longitudinal organiza a repetição simétrica do desenho das bancadas assim como da *fenêtre en longueur* que as remata em toda a sua extensão. Construído com uma estrutura de pilares, lajes e vigas de betão o edifício é coberto por um revestimento de chapa metálica suportado por oito treliças metálicas em arco, cada uma delas com 52 metros de comprimento. Especiais cuidados foram tomados com a ventilação cruzada e com a proteção solar do edifício que se refletem no encerramento das paredes exteriores com grelhagens de elementos modulares prefabricados, com *brise-soleil* constituídos por lâminas fixas de betão moldado e com caixilhos metálicos com persianas de vidro. O desenho do pavilhão, que revela possíveis paralelismos compositivas com a piscina coberta que Ícaro de Castro Mello projetou para São Paulo, no Brasil (1952),[202] tem uma linguagem exterior que se carateriza pela volumetria geral elíptica, pela sucessão rítmica de elementos estruturais e pelo jogo de claro-escuro formado pelos *brise-soleil*, persianas de vidro e módulos vazados das grelhagens.

A construção do Pavilhão Ferroviário - na época o maior de todas as antigas províncias ultramarinas -, inseriu-se num programa de desenvolvimento da cidade da Beira que encontrou na dimensão do programa e na modernidade da arquitetura os símbolos capazes de veicular os valores de progresso, durabilidade e permanência que informaram a utopia

201 "A zona desportiva compreende o campo de jogos, a secção de hóquei em patins (com sala para a seção, oficina, arrecadação e 4 balneários), a secção de basquetebol e de voleibol (com sala para a seção, dois balneários para homens, dois balneários para senhoras, uma arrecadação e sanitários) e 2 balneários para visitantes." *Notícias*, 1957-05-19: 6.

202 Mindlin, 1999 [1956]: 198-199.

colonial do regime do Estado Novo.[203]

O **Instituto Liceal Dom Gonçalo da Silveira**,[204] também conhecido por Colégio dos Reverendos Irmãos Maristas, na cidade da Beira, foi um empreendimento da Diocese da Beira que contou com o apoio financeiro do governo-geral da província.[205] Desenhado por Francisco José de Castro em 1957[206] teve o concurso da empreitada e o início da construção respetivamente em Junho e Dezembro do mesmo ano.[207] As aulas daquela instituição, que tinham sido suspensas por falta de instalações próprias, foram retomadas em 10 de Setembro de 1959 quando as obras estavam já perto da sua conclusão, prevista para o final do ano.[208] Em 2009 estavam a decorrer obras de manutenção no antigo colégio, atualmente utilizado pelo Departamento de Medicina da Universidade Católica de Moçambique.[209]

Neste colégio exclusivamente masculino, que oferecia regime de internato para alunos residentes fora da cidade, lecionava-se a escola comercial e o liceu.[210] Situa-se na Avenida D. Gonçalo da Silveira, implantado paralelamente à avenida e à vala que a ladeia. É constituído por três prismas alongados de três pisos e coberturas de duas águas: dois corpos paralelos de tamanho desigual sensivelmente orientados na direção norte-sul e um terceiro corpo perpendicular que os une transversalmente a meio dos seus eixos longitudinais. O conjun-

203 "A forma airosa da cobertura, com suas linhas curvas a contrastar com a rigidez da estrutura e dos alçados interiores, o envidraçado dos topos e tantos outros grandes e pequenos traços fazem com que se fique verdadeiramente encantado com o arrojo, beleza e grandiosidade do invulgar projeto que o Ferroviário constrói para riqueza desta nossa Beira, que, nos mais variados sectores, caminha sempre para um futuro que nós próprios dificilmente antevemos." *Notícias*, 1957-05-19: 6.

204 19°50'49.89"S, 34°51'54.07"E.

205 "A seguir à instalações do Sporting Clube da Beira e por detrás das novas moradias construídas para o Comando Militar da Beira iniciaram-se já os trabalhos de construção do magnífico edifício onde ficará instalado o novo Instituto Liceal Dom Gonçalo da Silveira, da Diocese da Beira que (...) recebeu um empréstimo do Governo (...) que o administrará de acordo com as necessidades e exigências da obra a realizar e cujo projeto e execução ficam, igualmente, na sua inteira dependência e fora, portanto, da interferência ou ingerência do Estado, que apenas se obriga à cobertura financeira do empreendimento até àquela mencionada importância." *Notícias*, 1957-12-05: 5.

206 Castro, [19??]: 2.

207 "Já foram entregues na Secretaria da Diocese da Beira, todas as propostas dos concorrentes à construção de um edifício destinado ao Colégio dos Reverendos Irmãos Maristas, que até antes da abertura do Liceu Pêro de Anaia, dirigiram o Instituto Liceal D. Gonçalo da Silveira." *Notícias*, 1957-06-26: 8.

208 *Notícias*, 1959-09-11: 5.

209 Magalhães; Gonçalves: 227.

210 *Notícias*, 1957-06-26: 8.

Instituto D. Gonçalo da Silveira

Esquerda:
Fachada principal - alpendre de entrada.
(EM, 2009).

Direita:
Fachada principal - *brise-soleil*.
(EM, 2009).

Instituto D. Gonçalo da Silveira

Esquerda:
Fachada principal - alpendre de entrada.
(EM, 2009).

Direita:
Fachada principal - *brise-soleil*.
(EM, 2009).

Instituto D. Gonçalo da Silveira

Esquerda e direita:
Fachada principal.
(EM, 2009).

to define dois pátios simétricos em "U" orientados a norte e a sul, para os quais abrem galerias exteriores de circulação suportadas por *pilotis*. A sua frente principal, protegida no piso térreo por um *brise-soleil* de lâminas verticais e nos pisos superiores por uma grelhagem composta por lajetas verticais contrafiadas perpendiculares à fachada – sistema que Francisco José de Castro voltará a usar para captação das correntes de ar dominantes nos alçados do edifício da dependência do BNU em Quelimane -, constitui o elemento icónico que referencia o edifício no tecido urbano envolvente. Da entrada principal projeta-se um alpendre semicircular apoiado em esbeltos *pilotis*, uma réplica do acesso principal desenhado por Le Corbusier para a sede do Centrosoyus, em Moscovo (1928-1933).[211]

Suprindo uma carência no ensino liceal da Beira a construção do Colégio dos Maristas constituiu um marco arquitetónico da simultânea renovação das infraestruturas e das instituições existentes na cidade.[212]

O **Infantário Piramidal**[213] ou Abrigo dos Pequenitos de Nossa Senhora, em Lourenço Marques, foi originalmente projetado como um orfanato de uma ordem religiosa[214] integrado no complexo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.[215] Primeira obra desenhada por Pancho Guedes no estilo a que chamou de Américo-Egípcio[216] ao seu projeto e construção são atribuídas diversas datações que, em conjunto, abrangem o período entre 1957[217] e 1963.[218] O edifício alberga atualmente o estabelecimento privado Nyoxani, uma escola pré-

211 Le Corbusier, 1995 [1929]: 206-213; Le Corbusier, 1995 [1934]: 34-41

212 "Vastas salas de aula, refeitórios, dormitórios e quartos para os mais velhos, quartos para os alunos que venham do mato, ginásio, uma vasta sala de espetáculos, máquinas de projetar, etc. tudo quanto há de moderno além dum recinto de jogos, balneários, etc." *Notícias*, 1959-09-12: 6.

213 25°57'44.76"S, 32°35'48.27"E.

214 Albuquerque, 1998: 101.

215 Kultermann, 2000: 61.

216 "Quando chegou o grande nevoeiro, alguns disseram que era bonito e na Itália desenterraram os mortos, mas Kahn falou através dos seus canais e disse que os edifícios seriam daí por diante o que eles realmente quisessem ser. Muitos alegraram-se porque os edifícios iam ser o que era preciso que fossem – atléticos e bem servidos -, porque os edifícios iam por fim encontrar as suas verdadeiras caras. Paradoxalmente, por toda a parte os edifícios tornaram-se tal e qual como Kahn tinha querido que os seus próprios fossem - velhos à nascença e sobrealimentados. Foi assim que começou o estilo Américo-Egípcio, tão forte hoje e amanhã desaparecido - porque os arquitetos são todos olhos e não têm ouvidos." Pancho Guedes *in* Guedes, 2009: 141.

217 Guedes, 2009: 142.

218 Kultermann, 2000: 60.

Infantário Piramidal

Esquerda:
Entrada pela R. João de Barros.
(EM, 2009).

Direita:
Entrada pela antiga R. Garcia de Resende.
(EM, 2009).

Infantário Piramidal

Esquerda:
Corpo longitudinal de dois pisos.
(EM, 2009).

Direita:
Entrada pela antiga R. Garcia de Resende.
(EM, 2009).

Infantário Piramidal

Esquerda e direita:
Pormenor da entrada pela antiga R. Garcia de Resende.
(EM, 2009).

-primária e primária do primeiro grau.

O edifício localiza-se no bairro de Sommerschield, uma zona periférica habitada pelas classes altas de Lourenço Marques, num terreno retangular com três frentes que abrem para as ruas João de Barros, Isac Zitha e para a antiga Rua Garcia de Resende, atual Rua Geração 8 de Março. Graças ao seu sucesso inicial o infantário, inicialmente dimensionado para 180 crianças, rapidamente estava a ser utilizado por cerca de 300. Do projeto original apenas foram construídas as instalações previstas para a primeira fase: salas de aula com os respetivos pátios e anexos de apoio, zonas administrativas, capela e dormitórios das freiras - estes últimos reconvertidos em salas para crianças e em espaços de serviço. A segunda fase, que compreendia a construção de um grande salão, de uma sala de jantar e de uma cozinha do lado noroeste do volume longitudinal, não chegou a ser edificada por falta de fundos. O edifício compõe-se por um longo volume de dois pisos paralelo à Rua Isac Zitha, com entradas nos topos e corredores longitudinais ligando interiormente a Rua João de Barros com a Rua Garcia de Resende.[219] O alçado sudeste do segundo piso deste volume foi parcialmente revestido com uma grelhagem de ventilação composta por módulos de betão prefabricado com a forma de pirâmides truncadas. Das seis salas de aula do piso térreo projetam-se seis pátios e três armazéns de material desportivo - volumes encerrados de planta quadrada com 4m x 4m, pilares de cunhal e coberturas piramidais em betão pre-fabricado.[220] Um pórtico aberto com a mesma dimensão dos armazéns assinala a entrada secundária a sudoeste enquanto um módulo piramidal com o dobro da dimensão e maior complexidade espacial e volumétrica - continha uma capela que também servia de salão de festas -, remata o coberto da entrada principal a sudeste. Assumidamente influenciado

219 Para desenhos de projeto consultar GUEDES, 2009: 142, KULTERMANN, 2000: 60 e www.guedes.info. Projeto redesenhado no âmbito do EWV com base em digitalizações do projeto fornecidas pela FAPFUEM.

220 "Hoje em dia não podemos financiar só pirâmides, por isso fazemo-las no telhado - não temos a sorte dos Egípcios." Pancho Guedes *in* SANTIAGO, 2007: 67.

pela obra de Louis Kahn nos Balneários de Trenton (1954-1959)[221] o desnho do Infantário Piramidal revela igualmente alguma proximidade com o sistema de agregação indefinida de módulos espaciais de diferentes dimensões - cada um deles definido por quatro pilares e uma cúpula de betão moldado -, que forma a matriz compositiva do projeto de Aldo van Eyck para o orfanato de Amesterdão (1955-1960).

O **Prédio e Cinema Montalto**,[222] um empreendimento da Sociedade de Construção Montalto, Lda. - à qual pertenciam Celso Mendes de Magalhães, André Manoussos Babiolakis e Marcelino Alves Ribeiro -, vieram ocupar dois talhões centrais da planta de Vila Pery. Os lotes tinham frentes para a antiga Avenida da República, atual Avenida 25 de Setembro, e para uma rua secundária. Os seus projetos, que Paulo de Melo Sampaio desenhou em 1957, substituiram uma anterior proposta para os mesmos terrenos cuja concessão tinha entretanto caducado.[223] Embora bastante degradados em 2012 cumpriam ainda a sua função original sendo o cinema utilizado pelo Centro Cultural Académico do Instituto Superior Politécnico de Manica.

O Prédio Montalto teve cálculos de betão armado pelo Eng.º Pires de Carvalho. Foi edificado entre 1958 e 1960 numa empreitada de construção sob a responsabilidade do Eng.º Jaime Guedes. Constituindo na época da sua edificação o maior e mais valioso prédio de toda a região de Vila Pery[224] tem a forma de um prisma retangular com seis pisos, implan-

221 "O Estilo Américo-Egípcio é uma piada visual feita à custa da obra de Kahn em Trenton, mas atrás da ironia esconde-se uma profunda admiração.
O trabalho de Khan fascinou-me devido à sua clareza e arcaísmo. Ele estabeleceu a continuidade da Arquitectura." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 141.

222 19° 6'42.21"S, 33°28'35.59"E.

223 "A Sociedade de Construções Montalto Limitada, com sede em Vila Pery (...), vem, por intermédio do signatário, Celso Mendes de Magalhães (...) requerer a V. Ex.ª:
1.º - a concessão dos talhões nos 100 e 101 da Planta de Urbanização de Vila Pery, Concelho de Chimoio, Distrito de Manica e Sofala, em tempos concedidos ao sócio da requerente André Manoussos Babiolakis, ao qual, por despacho de Sua Ex.ª O Governador Geral de 24 de Janeiro de 1956 (...) havia sido prorrogada, por mais um ano, a autorização para o aproveitamento dos referidos talhões;
2.º - autorização para nos referidos talhões, construir o prédio de rendimento e cinema cujo projeto se junta, em substituição do, em tempos, apresentado, nos termos do despacho de Sua Ex.ª O Governador Geral de 28 de Junho de 1955 (...) pelo sócio da requerente André Manoussos Babiolakis e aprovado por despacho de 5 de Setembro de 1956 (...)." Celso Mendes de Magalhães *in Exmo. Senhor Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Chimoio*. Vila Pery, 11 de Maio de 1957 (CCAISPM).

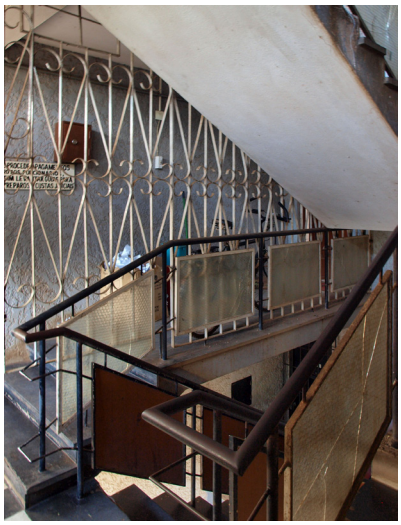
224 *DM*, 1960-04-06: 7.

Prédio Montalto

Esquerda e direita:
Fenêtres en longueur, varandas, pilastras, palas e *brise-soleil*.
(EM, 2010 | EWV).

Prédio Montalto

Esquerda e direita:
Frente à antiga Av. da República.
(EM, 2010 | EWV).



Prédio Montalto

Esquerda e direita:
Galeria e caixa de escadas.
(EM, 2010 | EWV).

tado à face da Avenida da República. Os pisos superiores foram ocupados por habitações e escritórios e os inferiores por estabelecimentos comerciais. Entre estes estabelecimentos destaca-se o concorrido Café Chimoio, aberto ao público no dia 5 de Janeiro de 1960.[225] No interior do café, localizado no cunhal principal do prédio junto ao Cinema Montalto, encontrava-se uma pintura por Jorge Garizo do Carmo.[226] Os andares superiores do edifício foram servidos por galerias implantadas nas traseiras e por duas caixas de escadas inscritas nos seus topos. Um conjunto de alvéolos abobadados na cobertura em *toit terrace* contêm os lavadouros, sanitários e habitações para os *serviçais indígenas*.[227] Estes volumes rematam o ritmo de pilares e pilastras salientes que, interrompendo a dominante horizontal das montras, das *fenêtres en longueur* e das palas de betão, expressam no alçado principal a compartimentação interna do edifício – uma composição de alçado que revela grandes afinidades com o vizinho edifício do antigo BNU.

O projeto inicial que Paulo de Melo Sampaio desenhou em 1957 para o Cinema Montalto foi por ele alterado em 1960.[228] O concurso público para a sua edificação foi lançado em Fevereiro de 1961 e a abertura de propostas realizou-se em 4 de Março do mesmo ano.[229] A construção, que ficou a cargo da Companhia de Construções de Moçambique,[230] decorreu entre 1961 e 1963. O cinema, uma sala de espetáculos polivalente com capacidade para 780 espectadores, é composto por dois elementos distintos: um prisma retangular contendo o palco e respetiva teia e um volume de cobertura oblíqua e forma trapezoidal compreendendo o fosso de orquestra, a plateia e o balcão. A cabine de projeção, os escritórios e o

225 *Notícias*, 1960-01-07: 6.

226 *DM*, 1960-08-31: 5.

227 "Embora de acordo com o projeto, verifica-se na prática que os lavadouros, e sanitários para serviçais indígenas, construídos no terraço do edifício estão inconvenientemente situados, para permitir não só uma boa fiscalização da higiene do local como para a remoção do lixo e esgoto das águas sujas das lavagens, convindo remediar o facto com vista a futuros projetos nestas condições." Presidente da Câmara Municipal de Chimoio Mário de Albuquerque e Castro Freiria, [et. al.], *in Auto de Vistoria*. Vila Pery, 23 de Setembro de 1960 (CCAISPM)

228 "Refere-se o presente projeto – parte arquitetónica – a modificações a fazer noutro projeto já apresentado (...).
Trata-se de uma modificação radical de conceção e de métodos construtivos." O Consultor Técnico Eng.º Civil Franco Martins *in Câmara Municipal do Chimoio – Cópia*. Vila Pery, 31 de Outubro de 1960 (CCAISPM).

229 *DM*, 1961-02-03: 10.

230 *DM*, 1961-03-15: 5.

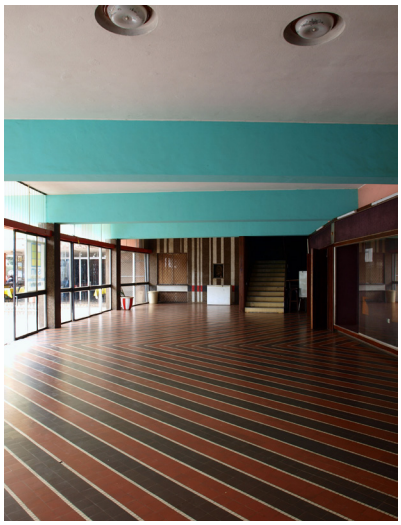
Cinema Montalto

Esquerda e direita:
Fachada principal.
(EM, 2010 | EWV).

Cinema Montalto

Esquerda:
Bilheteira exterior.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Pormenor do mural da fachada principal.
(EM, 2010 | EWV).



Cinema Montalto

Esquerda:
Foyer - bilheteira interior.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Foyer.
(EM, 2010 | EWV).

Cinema Montalto

Esquerda e direita:
Foyer - montra, entradas na plateia e acesso ao balcão.
(EM, 2010 | EWV).

Cinema Montalto

Esquerda e direita:
Plateia e palco.
(EM, 2010 | EWV).

Cinema Montalto

Esquerda e direita:
Sala de espetáculos.
(EM, 2010 | EWV).

átrio de entrada ocupam uma faixa circular contígua à fachada principal a oeste, lado maior deste volume em leque. O edifício foi construído com um sistema de elementos resistentes de betão que suportam coberturas metálicas revestidas a fibrocimento pelo exterior. O alçado principal do cinema subdivide-se em dois elementos: um pano superior opaco ligeiramente balançado que ostenta um mural realizado com seixos colados sobre argamassa; e uma caixilharia inferior metálica encerrando o *foyer* do cinema. Neste átrio, para o qual abre uma bilheteira que se prolonga no exterior num volume revestido a pastilha cerâmica policromada formando motivos geométricos abstratos, convergem as entradas para a sala de espetáculos e os acessos aos sanitários. O desenho da fachada do Cinema Montalto, elemento de referência no tecido urbano da cidade, apresenta uma composição volumétrica e funcional com afinidades com o Cine-Teatro Águia, em Quelimane. Denota ainda possíveis influências formais da fachada principal, encimada por um painel de mosaico cerâmico por Di Cavalcanti, do Teatro da Cultura Artística de São Paulo, Brasil, edifício de 1949 por Rino Levi e Roberto Cerqueira César.[231]

A **Igreja paroquial de S. Gabriel Arcanjo**,[232] na Matola, foi projetada por Pancho Guedes com a colaboração do Eng.º Jorge de Matos. A inauguração, pelo Cardeal-Arcebispo de Lourenço Marques D. Teodósio Clemente de Gouveia, teve lugar em 24 de Março de 1958.[233]

Implantada a eixo de uma rotunda da vila a nave da igreja tem a forma de um volume retangular de cobertura triangular ritmado pela sequência de pilares e vigas aparentes. Para os lados maiores do corpo principal projetam-se nas traseiras dois volumes de cobertura plana. Uma torre sineira de planta quadrangular une-se lateralmente à frente da igreja através de um corpo térreo. O topo da torre é rematada por uma elegante estrutura de betão que

231 Mindlin, 1999 [1956]: 35.

232 25°58'9.36"S., 32°27'26.14"E.

233 "Festa que alegrou as almas (...): a festa da sagração e inauguração oficial da magnífica igreja com que foi dotada a vila, igreja essa de feição acentuadamente moderna, consagrada a S. Gabriel Arcanjo." *Notícias*, 1958-03-25: 1.

suspende uma cobertura formada pela dobragem triangular de uma membrana do mesmo material. A simplicidade da volumetria exterior da Igreja de S. Gabriel deixa pressupor a existência de um espaço interior único - um programa conforme com os mais atualizados princípios de organização do espaço litúrgico.[234]

A **Ampliação da Escola Paiva Manso**,[235] em Lourenço Marques, foi projetada nos SOP em 1958 por Fernando Mesquita.[236] Para aquisição do seu mobiliário foi-lhe consignada uma verba no Plano Escolar de 1959.[237] A sua construção parecia estar já concluída em Janeiro de 1960, de acordo com uma fotografia publicada pelo jornal *Notícias.*[238]

Localizada no Alto-Maé a escola primária preexistente tem a forma de um "L" com um dos braços faceando a Avenida 24 de Julho. A ampliação da escola consistiu na construção de um edifício retangular implantado nas traseiras paralelamente à avenida, definindo com os corpos antigos um pátio central em forma de "U" aberto a sudeste. O novo volume de dois pisos foi construído em betão: tem o piso térreo parcialmente vazado, formando um recreio coberto que prolonga o pátio central, e uma dupla cobertura de duas águas, a superior das quais revestidas a fibrocimento sobre estrutura de madeira. Os *pilotis* e as vigas oblíquas que ritmam o recreio coberto do piso térreo suportam o piso superior em consola. Ao longo da frente sudoeste do segundo piso dispõem-se as salas de aula que são acessíveis por uma galeria exterior disposta ao longo da frente nordeste. Com uma depurada linguagem moderna resultante da adaptação climática do edifício e da utilização de sistemas construtivos

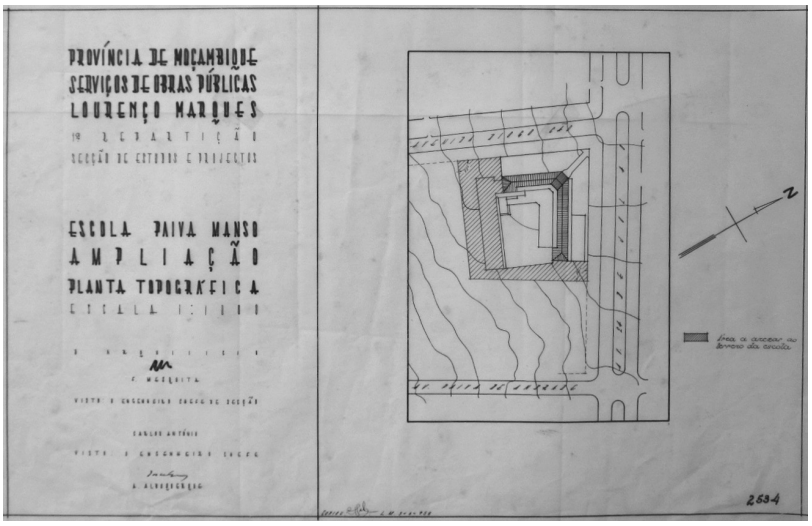
234 "Resta-nos, finalmente, recordar dois nomes, que, por virem no fim, não são os últimos no nosso reconhecimento. Referimo-nos ao Sr. Arquiteto Miranda Guedes e ao Sr. Eng.° Jorge de Matos.
Arquiteto de arrojada conceção em construções pois, aceitou galhardamente em fazer também o projeto para uma igreja. Devia ser ela, ou então se negaria o artista a si mesmo, em estilo moderno e revolucionário.
Nós pensamos que conseguiu o seu arrojado plano ou sonho de artista, a saber – *levantar uma casa de Deus no estilo da nova época*.
Foi seu companheiro de trabalho e animador o Sr. Eng.° Jorge de Matos, sempre otimista e convencido de que a igreja da Matola-Rio havia de ser uma Casa de Deus, digna e bela." D. Teodósio Clemente de Gouveia *in Notícias*, 1958-03-25: 13.

235 25°57'41.78"S, 32°33'54.66"E.

236 MOPH, n.° 2534.

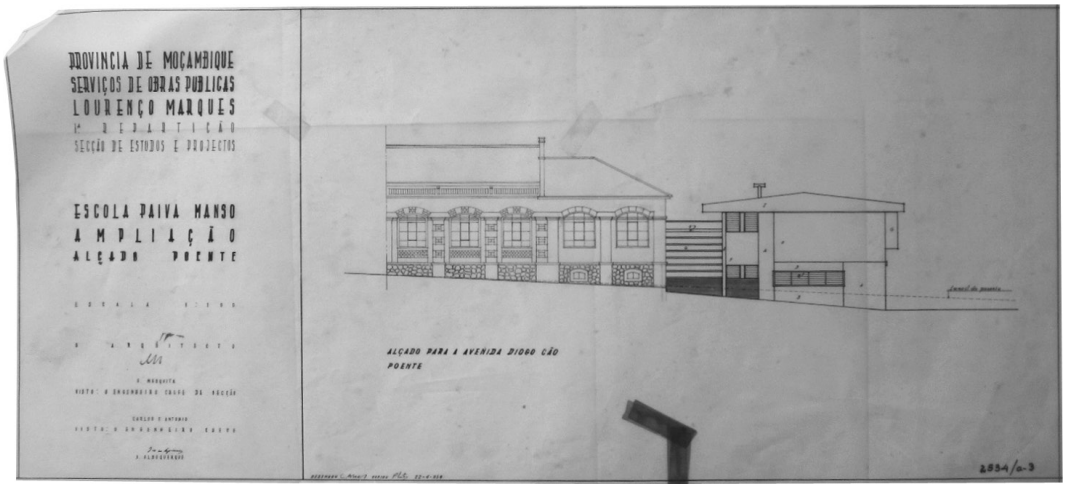
237 *BGU*, 1960-03: 311-312.

238 *Notícias*, 1960-01-15: 12.



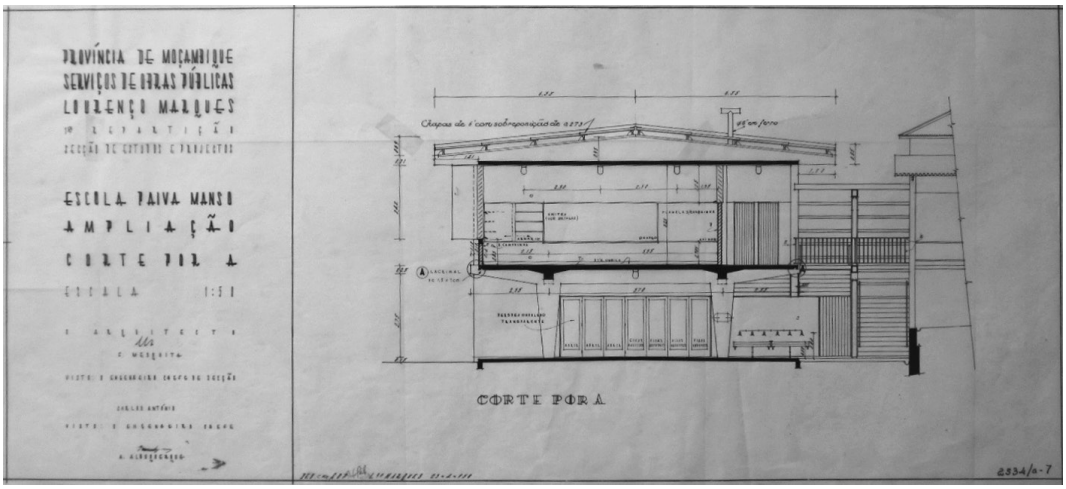
Escola Paiva Manso

Planta topográfica.
Escala 1:1000.
Projeto, Junho de 1958.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2534).



Escola Paiva Manso

Alçado poente.
Escala 1:100.
Projeto, 22 de Abril de 1958.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2534/a-3).



Escola Paiva Manso

Corte por A.
Escala 1:50.
Projeto, Abril de 1958.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2534/a-7).

estandardizados a ampliação da Escola Paiva Manso anunciou alguns dos temas e formas que informaram os projetos desenhados por Fernando Mesquita para as escolas técnicas elementares.

A **Delegação da Beira do Automóvel & Touring Clube de Moçambique**[239] foi desenhada em 1958 por Paulo de Melo Sampaio[240] com o objetivo inicial de albergar a nova sede do Clube da Beira, uma histórica associação de natureza social.[241] Em bom estado de conservação - foi-lhe apenas acrescentado um anexo nas traseiras e foram encerrados alguns pórticos do rés-do-chão -, neste edifício funcionava em 2010 o Palácio dos Casamentos da cidade. Um mural em alto-relevo executado por Shikhani e integrado no traçado dos arranjos exteriores da frente do edifício valoriza atualmente a sua fachada principal.

O edifício ocupou dois talhões da planta da cidade localizados entre o Largo Artur Brandão e a praia. A sua implantação descreve um arco de circunferência, o mesmo tema da fachada principal do fronteiro Grande Hotel, rematando com uma superfície côncava o quarteirão e o jardim compreendidos entre as ruas Andrade Corvo e Afonso de Paiva.[242] A sua volumetria é composta por um prisma curvo de um piso de altura e cobertura inclinada. O piso térreo parcialmente vazado permite a continuidade visual entre o tecido urbano e o mar. Da frente nascente do edifício destaca-se assimetricamente uma parede suspensa aparentemente pousada em dois cubos revestidos a pedra rústica. Na face posterior desta parede uma escadaria exterior suspensa por dois tirantes de aço da cobertura trapezoidal e apoiada em dois elegantes *pilotis* estabelece a comunicação vertical entre os espaços de apoio e

239 19°50'46.90"S, 34°50'22.12"E.

240 "De facto no melhor lugar que se poderia desejar acaba o Clube da Beira de adquirir os talhões n.ºs 887 e 900, com mais de 2 000 metros quadrados, que ainda esta semana começará a aterrar para neles poder erguer edifício apropriado e cujo projeto o Sr. arquiteto Melo Sampaio está, rapidamente, a concluir! *Notícias*, 1958-02-13: 6.

241 "Porque as caraterísticas do Clube da Beira sempre foram as de clube social, e as suas antigas instalações já estavam antiquadas para esse fim, resolveu o Clube da Beira (...) desfazer-se da mesma e construir um edifício novo com instalações modernas e adequadas (...)." *Notícias*, 1958-06-18: 5.

242 Para desenhos de projeto consultar ALBUQUERQUE, 1998: 56.

Notícias da BEIRA

AS FESTAS DA CIDADE DA BEIRA

Decorreu com o maior interesse a reunião de segunda-feira

A NOVA SEDE SOCIAL DO CLUBE DA BEIRA

INFORMAÇÕES

VIDA DESPORTIVA

O SPORTING VAI TRAZER O F. C. DO PORTO À BEIRA

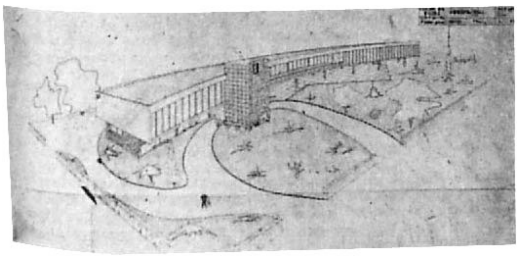
FALA-SE NA POSSIBILIDADE DA IDA A VILA PERY

RAINHA DO FADO DE MOÇAMBIQUE

FESTEJOS DOS SANTOS POPULARES EM VILA PERY

INICIA-SE AMANHÃ, QUINTA-FEIRA, NO "PALÁCIO", A TEMPORADA DE CONCERTOS DO CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL

com o grande violinista CHRISTIAN FERRAS e o notável pianista PIERRE BARBIZET



Automóvel & Touring Clube

O novo Clube da Beira.
Notícias, 1958-06-18: 5.

Automóvel & Touring Clube

Esquerda e direita:
Passagem coberta e escadaria com mural em mosaico de vidro ao fundo.
(EM, 2009).

Automóvel & Touring Clube

Esquerda:
Pormenor do mural por Shikani.
(EM, 2009).

Direita:
Pormenor da caixilharia do piso 2.
(VR, 2010 | EWV).

Automóvel & Touring Clube

Esquerda:
Fachada nascente com mural por Shikani.
(EM, 2009).

Direita:
Esplanada coberta.
(EM, 2009).

Automóvel & Touring Clube

Esquerda e direita:
Fachada nascente, piso 1 - percurso coberto
(EM, 2009).

esplanada coberta do piso inferior e os espaços sociais do piso superior.[243] A estrutura do edifício, autónoma das paredes de encerramento, é composta por duas fiadas assimétricas de pilares nos quais apoiam as vigas oblíquas de betão aparente que suportam a consola do piso superior. Os materiais de revestimento utilizados acentuam o contraste entre a função de suporte da base do edifício - com as suas paredes transversais e pilares revestidos a pedra rústica -, a leveza do piso superior - com as superfícies rebocadas de paredes e tetos e os grandes panos de caixilharia de madeira esmaltada - e o caráter representativo da sala de festas - com pavimento, paredes e *pilotis* revestidos com escuros ripados de madeira maciça envernizada. A proteção solar do edifício é assegurada pelo dimensionamento das aberturas, grandes panos de caixilharia no alçado nascente e estreitos lanternins no poente. A ventilação transversal dos espaços é assegurada pela extensiva utilização de persianas reguláveis de vidro integradas nas folhas das caixilharias exteriores. Um mural em mosaico de vidro de desenho geométrico, possivelmente da autoria de Jorge Garizo do Carmo, recobre as quatro faces da parede da escadaria exterior: em conjunto com os mastros das bandeiras que o ladeiam contribui para enfatizar a presença do equipamento no entorno urbano envolvente.[244]

O **Hospital Egas Moniz**,[245] em Nampula, foi construído no âmbito do Quadro Complementar das Construções Hospitalares segundo um projeto da 1.ª Repartição da Direção do

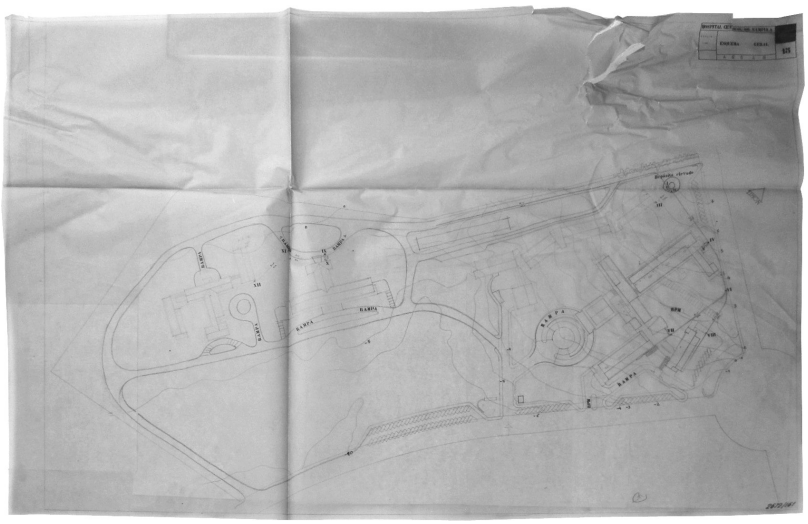
243 "No rés-do-chão, ficará instalado um amplo e moderno *hall* de entrada e uma escadaria de acesso ao 1.º andar, sendo ocupado por um moderno gabinete destinado à direção, sanitários para homens e senhoras, arrecadação e um vasto terraço coberto pelo próprio edifício. Ficam ainda instalados no rés-do-chão a cozinha, despensa, sanitários, vestiário do pessoal indígena e habitação do encarregado da sede do clube.
A escada de acesso ao 1.º andar vai dar a um átrio que comunica, independentemente, com a zona do restaurante, a zona dos sanitários e zona dos salões que ficam instalados neste piso.
A zona do restaurante é constituída pelo bar, amplo restaurante e copa, comunicando esta com o átrio para servir os diversos salões que têm como acesso uma varanda que comunica com a biblioteca, duas salas de jogos e um enorme salão de festas, colocado na extremidade a fim de se tornar mais amplo." *Notícias*, 1958-06-18: 6.

244 "Com as caraterísticas de clube social julgamos que na verdade melhor se não podia fazer, e o autor do projeto, foi realmente feliz na forma como concebeu o novo edifício, que uma vez construído (...) ficará a enriquecer grandemente toda a área do Grande Hotel, que vai tomando a forma que merece, quanto à arquitetura dos prédios que ali se estão a construir, sendo necessário agora, que o projetado jardim que a Câmara Municipal vai fazer junto ao Largo Artur Brandão se não faça demorar, para que a verdadeira urbanização daquela área complete a obra que o Grande Hotel iniciou, e a nova sede do Clube da Beira vai enriquecer." *Notícias*, 1958-06-18: 6.

245 15° 7'23.95"S, 39°15'40.85"E.

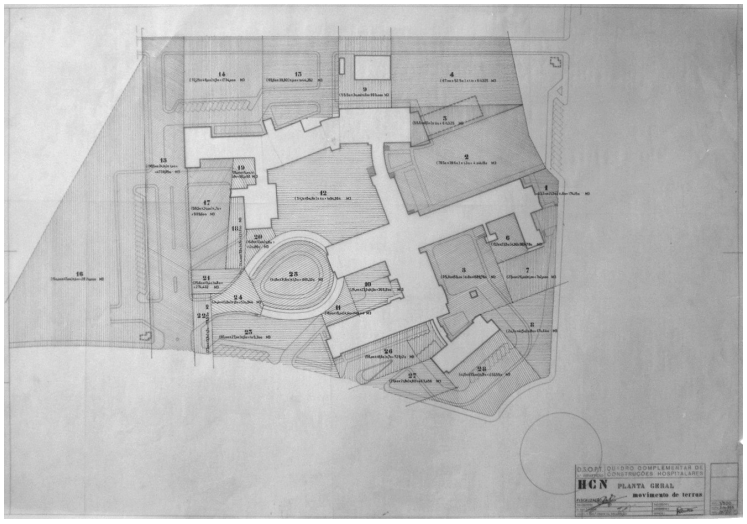
Hospital Egas Moniz

Hospital Central de Nampula. Esquema geral
Escala 1:500.
Águas, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2672/161).



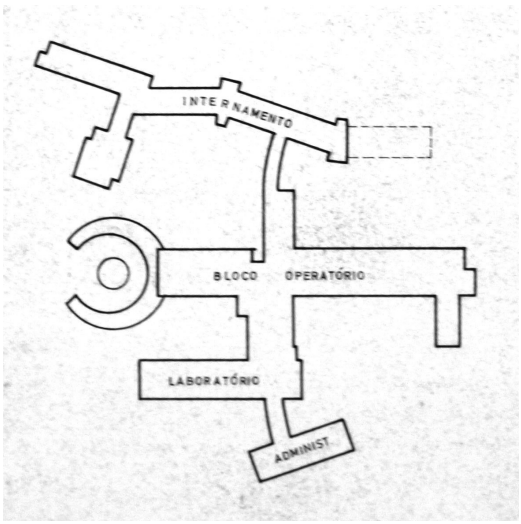
Hospital Egas Moniz

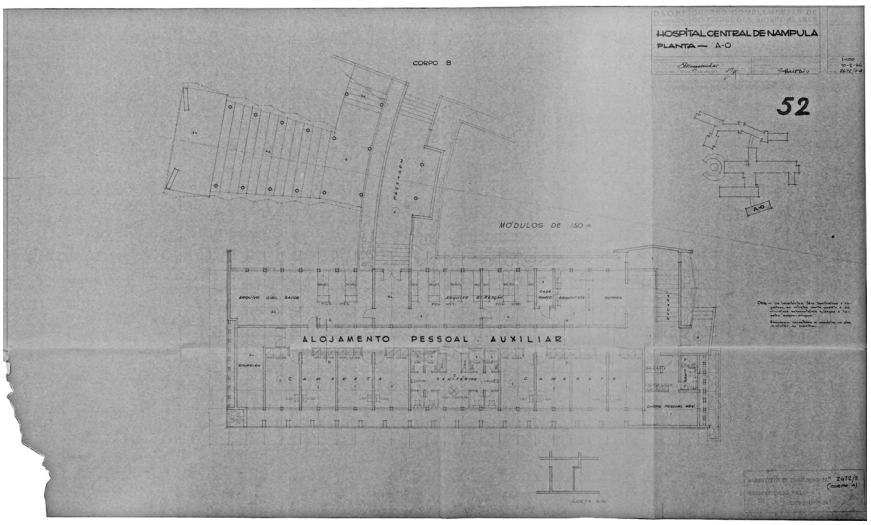
Planta geral. Movimento de Terras.
Escala 1:500.
Fiscalização, 2 de Outubro de 1965.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2672/315).



Hospital Egas Moniz

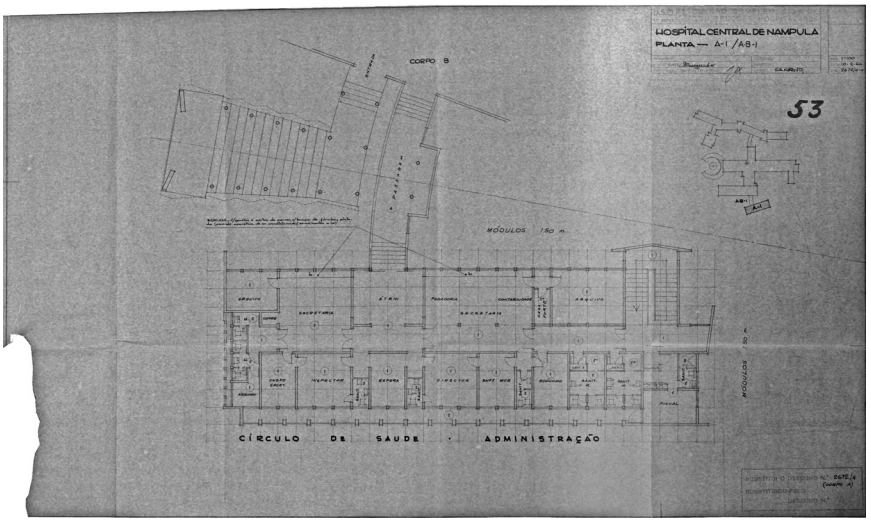
MENDES, 1967: 7.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 12978).





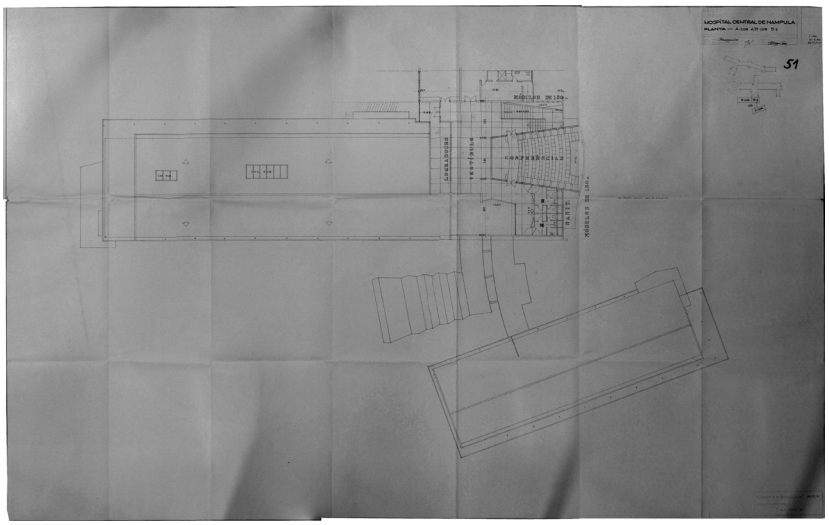
Hospital Egas Moniz

Hospital Central de Nampula. Planta A-0.
Escala 1:100.
Fiscalização?, 10 de Fevereiro de 1966.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/3-a).



Hospital Egas Moniz

Hospital Central de Nampula. Planta A-1 / AB-1.
Escala 1:100.
Fiscalização?, 10 de Fevereiro de 1966.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/4-a).

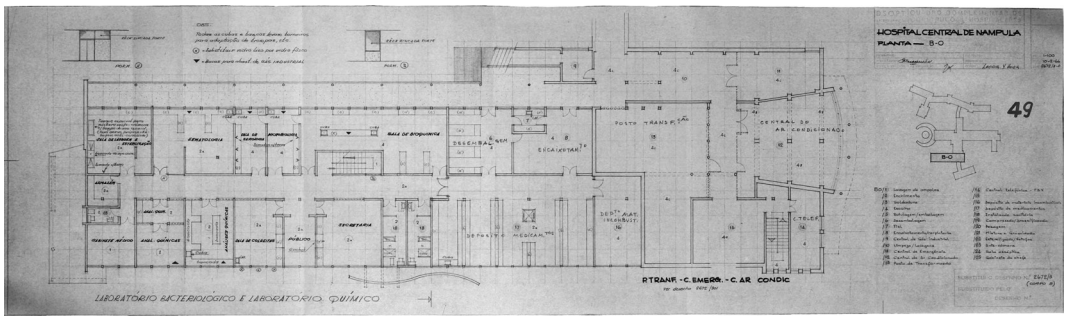


Hospital Egas Moniz

Hospital Central de Nampula. Planta A-cobertura, AB-cobertura, B-2.
Escala 1:100.
Fiscalização?, 10 de Fevereiro de 1966.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/5-a).

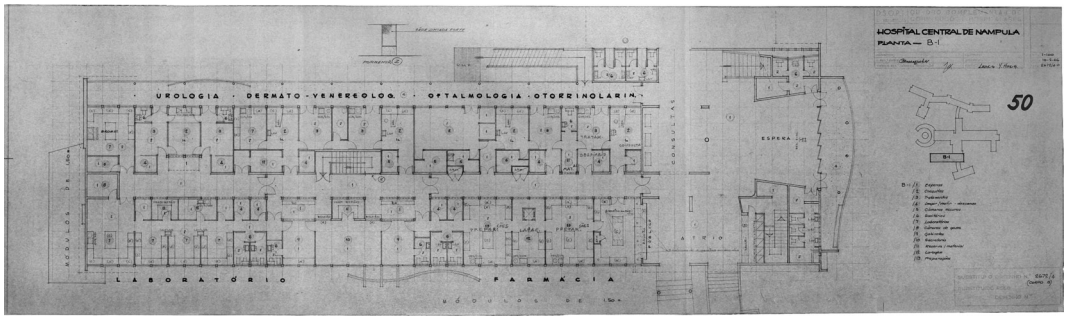
Hospital Egas Moniz

Hospital Central de Nampula. Planta B-0.
Escala 1:100.
Fiscalização?, 10 de Fevereiro de 1966.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/3-b).



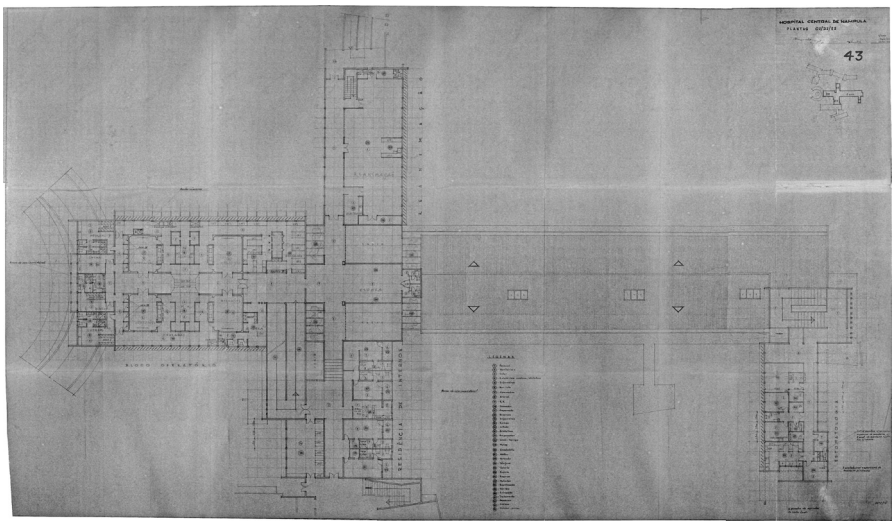
Hospital Egas Moniz

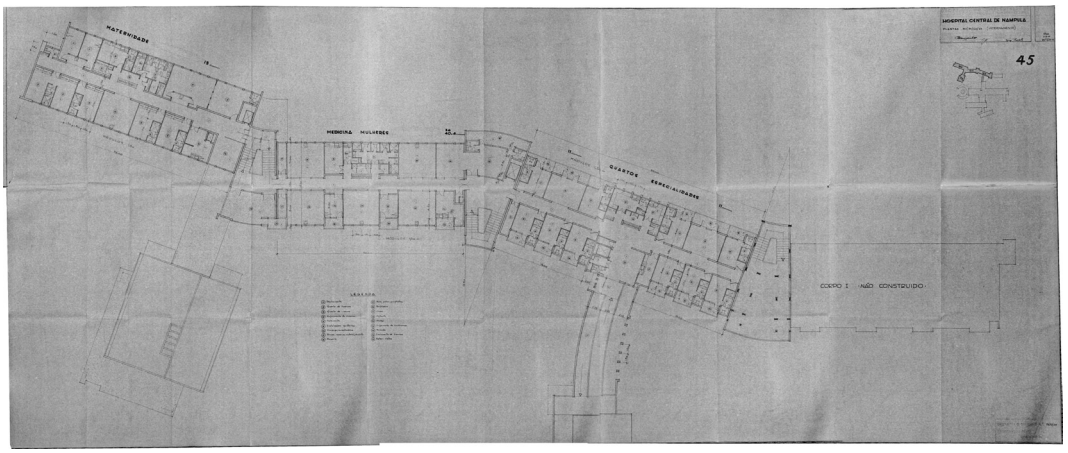
Hospital Central de Nampula. Planta B-1.
Escala 1:100.
Fiscalização? 10 de Fevereiro de 1966.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/4-b).



Hospital Egas Moniz

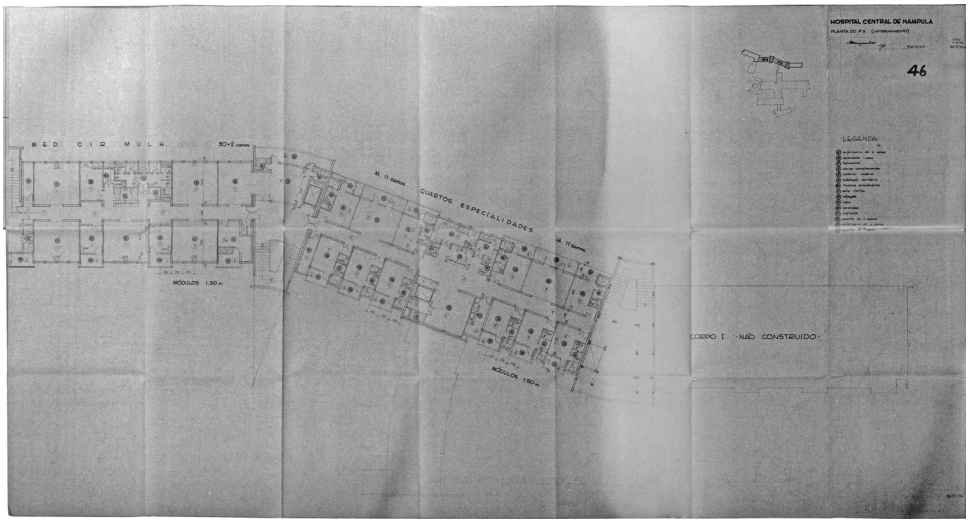
Hospital Central de Nampula. Plantas C2, D2, E2.
Escala 1:100.
Fiscalização? 26 de Abril de 1966.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/19-a).





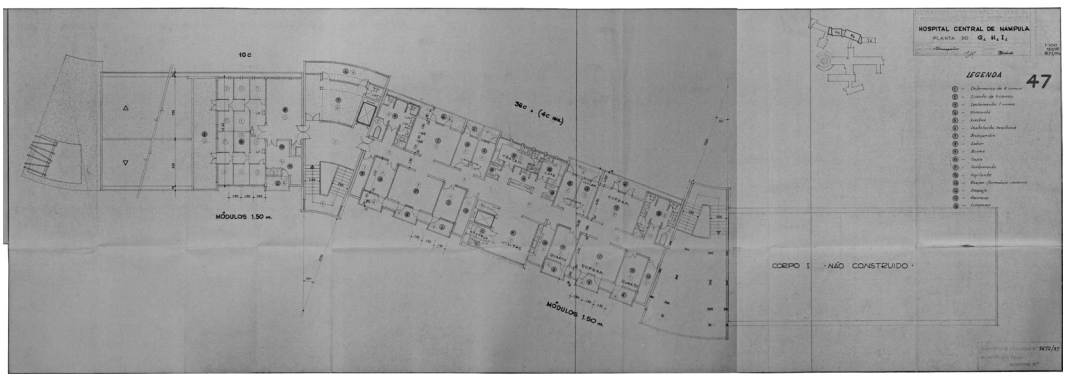
Hospital Egas Moniz

Hospital Central de Nampula. Plantas M-2, P-2, G-2, H-2 (Internamento).
Escala 1:100.
Fiscalização? 11 de Maio de 1966.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/35-a).



Hospital Egas Moniz

Hospital Central de Nampula. Plantas do P-3 (Internamento).
Escala 1:100.
Fiscalização? 11 de Maio de 1966.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/36-a).



Hospital Egas Moniz

Hospital Central de Nampula. Plantas do G-4, H-4, I-4.
Escala 1:100.
Fiscalização? 11 de Maio de 1966.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2672/37-a).

Hospital Egas Moniz

Esquerda:
H. C. Nampula. Entrada.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 12978).

Direita:
H. C. Nampula. Corpo da Administração.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 12978).

Hospital Egas Moniz

Esquerda:
Corpos P, M, G e H.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Corpo D.
(EM, 2010 | EWV).

Hospital Egas Moniz

Vista *a vol d'oiseau.*
(EM, 2009).

Serviço de Obras Públicas e Transportes. Foi desenhado por Francisco Assis, possivelmente em coautoria com Luís Vasconcelos.[246] O projeto do edifício, provavelmente iniciado em Outubro de 1958,[247] estava em fase de conclusão em Abril de 1960.[248] O financiamento da sua construção teve verbas inscritas no orçamento para 1961 do II Plano de Fomento.[249] O concurso público para construção da primeira fase foi lançado em 7 de Setembro de 1961 com abertura de propostas prevista para 24 do mês seguinte.[250] A adjudicação da empreitada e o início das obras tiveram lugar no final de 1961 ou início de 1962.[251] O hospital, que começou a funcionar em Abril de 1967[252] e estava em pleno funcionamento em Novembro do mesmo ano, foi oficialmente inaugurado em 10 de Dezembro de 1968.[253] O Hospital Central de Nampula tinha como objetivo servir a população do norte da antiga província:[254] tinha uma área total coberta de 8 680m^2, capacidade para 500 camas e era servido por um corpo clínico de 35 médicos especialistas e duzentos enfermeiros.[255] Complementava assim uma rede que incluía os hospitais centrais da Beira e de Lourenço Marques, também eles em processo de renovação das suas instalações no início da década de 60.[256] Atualmente apresenta no exterior diversos sinais de degradação construtiva.

246 Segundo informação prestada por Maria Alfreda Vasconcelos em 23 de Janeiro de 2011.

247 "Chegou no passado dia 15 a Nampula o Sr. Dr. Ferreira da Silva, diretor dos Serviços de Saúde da Província, que ali foi por força da projetada construção do novo Hospital Regional de Nampula, que parece virá a ficar implantado na Rua Luís de Camões, em frente à Avenida Presidente Carmona.
Fomos informados que o projeto é do mais moderno que hoje se concebe e o seu orçamento anda em redor dos 60 000 contos. Comportará 250 camas. (...)." *Notícias*, 1958-10-24: 7.

248 *Notícias*, 1959-04-26: 6.

249 "Também em 1961 se pretende iniciar a construção do hospital de Nampula, para o qual a fase em curso do Plano de Fomento contribuirá com quarenta e cinco mil contos. Tal dispêndio corresponde a uma prioridade e marca uma época na vida da província." Comandante Correia de Barros [Governador-Geral] *in BGU*, 1960-06/07: 223; *BGU*, 1961-03/04: 337-340.

250 *DM*, 1961-09-09: 6.

251 *BGU*, 1962-01/02: 149-150.

252 *DM*, 1966-10-05: 12.

253 *BGU*, 1968-11/12: 193-194.

254 "Logo que entre em funcionamento, este hospital, esquematizado e projetado para servir de apoio a cerca de dois milhões de habitantes dos distritos de Cabo Delgado, do Niassa e de Moçambique, representará a solução para os problemas de saúde de toda a região norte da Província." *BGU*, 1965-11: 108-109.

255 *BGU*, 1965-11: 108-109.

256 "No que respeita a hospitais centrais a distribuição está de forma a cada um poder servir uma das três zonas em que a Província foi dividida. São estas a de Lourenço Marques (no sul), a da Beira no centro e a de Nampula no norte, respectivamente com os hospitais de Miguel Bombarda, de Rainha D. Amélia e de Egas Moniz." António de Sousa Mendes *in Estudo relativo à Comissão Eventual de Serviço à Província de Moçambique para visita de estudo a obras de vulto em curso ou executadas, nomeadamente edifícios hospitalares e escolares*. Lisboa, 29 de Julho de 1967 (CDIIPAD, ref. 12978).

O edifício está localizado no remate do eixo visual da atual Avenida Paulo Samuel Kamkhomba, num quarteirão com frentes para a antiga Praça Infante D. Henrique, atual Praça da Liberdade, para a antiga Avenida Luís de Camões, atual Rua dos Continuadores, e para as atuais Rua de Tete e Avenida Samora Machel. O complexo hospitalar é composto por uma sequência de quatro edifícios principais e respetivas rampas de acesso genericamente orientados na direção noroeste/sudeste, unidos entre si por elementos transversais de menor dimensão. Os volumes paralelos dos laboratórios e do bloco operatório assentam aproximadamente sobre a diagonal maior do terreno não estabelecendo qualquer relação direta com o desenho urbano envolvente. O bloco da administração implanta-se a nordeste na perpendicular ao enfiamento visual da Avenida Paulo Samuel Kankhomba e o bloco de internamento, cujo último segmento nunca foi construído, desenha ao longo da Rua de Tete um movimento sinuoso.

O hospital foi construído com uma estrutura principal em betão armado. Os revestimentos interiores utilizados tinham grande adequação à função hospitalar: betonilhas coloridas e esquarteladas, mosaicos cerâmicos *Cerabati*, *Vinilex*, azulejos, rebocos e madeiras envernizadas. A volumetria fragmentária do edifício, estrutural e geometricamente ordenada segundo uma métrica modular constante e pontualmente interrompida por elementos plásticos de exceção, foi exuberantemente unificada pelo repertório formal do Movimento Moderno internacional do segundo pós-guerra: *pilotis*, *fenêtres en longueur*, *brise-soleil*, palas, grelhas de betão prefabricado e murais cerâmicos com desenhos geométricos. O complexo do Hospital de Egas Moniz veio integrar, em conjunto com os antigos Liceu Gago Coutinho, Escola Industrial e Comercial Neutel de Abreu e Edifício da Companhia de Seguros Nauticus, uma triangulação de infraestruturas modernas destacadas no tecido urbano de Nampula.

A **Igreja de Santo António da Polana**[257] da Ordem Franciscana, em Lourenço Marques, foi objeto de um primeiro projeto realizado por Luís Possolo na Direção de Serviços

257 25°57'56.71"S, 32°35'49.71".

PELAS RUAS DA CIDADE

médicos

FAZ HOJE

CRONICA DO DIA

30 ANOS A MOCIDADE DE UM SENHOR POETA

O CASO EM FOCO

Notas BREVE

Falta um novo livro de poemas

António Feliz da Costa

LEVANTE-SE O REU

ESPECTÁCULO DE "MUSIC-HALL" no Palco dos Lisbonetes

O GRANDE ESPECTÁCULO DESTA NOITE PARA FECHO DOS PASSATEMPOS COSTA & CORDEIRO

CASA DAS BIORAS

SPECTADORES

EXAMES do ensino primário

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

CÃO "COOLIE" DE COR PRETA

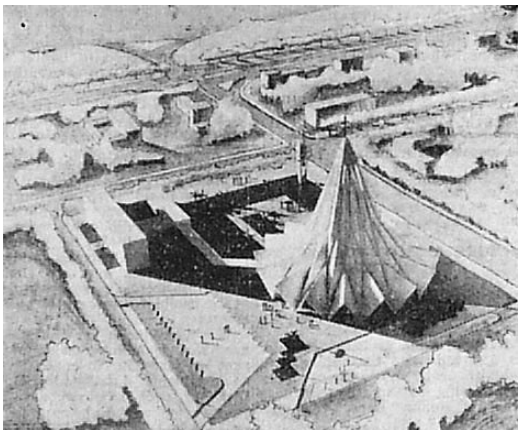
AINDA O ACIDENTE DE VIAÇÃO

RADIODIFUSÃO

MOVIMENTO HOSPITALAR

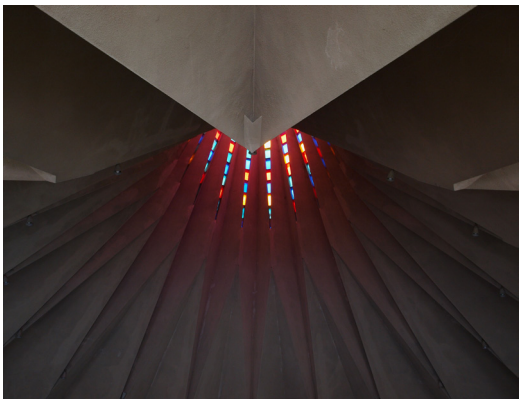
parteiras

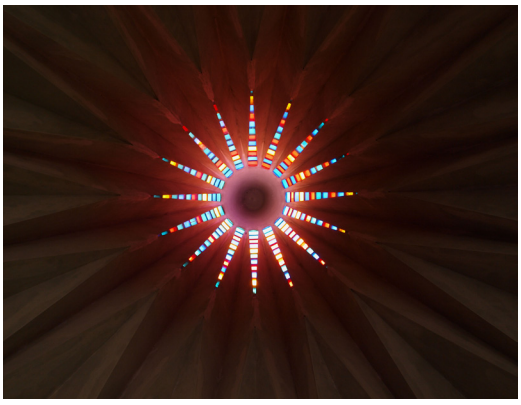
advogados



Igreja da Polana

Assim ficará, numa maravilhosa e arrojada obra que honra a nossa arquitetura, a nova Igreja de Santo António da Polana.
Notícias, 1959-07-10: 12.





Igreja da Polana

Esquerda:
Dobragem da membrana de betão pelo interior.
(EM, 2009).

Direita:
Vista interior do lanternim.
(EM, 2009).

Igreja da Polana

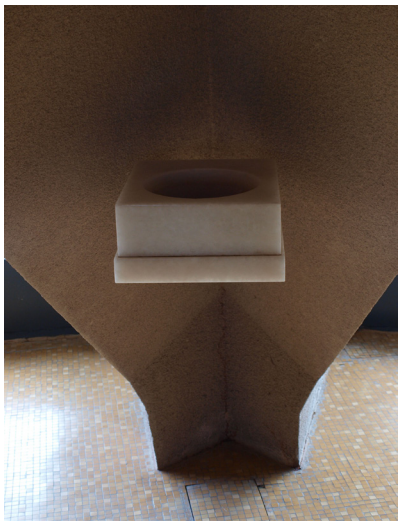
Esquerda e direita:
Vistas exteriores.
(EM, 2009).

Igreja da Polana

Esquerda e direita:
Vão triangular pelo exterior e interior.
(EM, 2009).

Igreja da Polana

Esquerda e direita:
Apoio da membrana de betão com pia de água benta.
(EM, 2009).



de Urbanização e Habitação (DSUH), em Lisboa, entre 1958 e 1959.[258] Este projeto inicial, que foi aparentemente abandonado por razões processuais,[259] propunha a localização da igreja paroquial no antigo Parque José Cabral, atual Parque dos Continuadores, no cruzamento da antiga Avenida 31 de Janeiro, atual Avenida Agostinho Neto, com a antiga Avenida Fernandes Tomás, atual Avenida dos Mártires da Machava.[260] Em Maio de 1959 a Câmara Municipal de Lourenço Marques emitiu um parecer a um anteprojeto para uma igreja no Parque José Cabral no qual se manifesta insatisfeita com a localização proposta.[261] Um mês depois um novo local tinha sido escolhido e o projeto estava em execução.[262]

A igreja de Santo António da Polana localiza-se nos terrenos do antigo campo de golfe, num talhão retangular com 8 000m^2 limitado pela antiga Avenida Couceiro da Costa, atual Avenida Armando Tivane, pela antiga Rua Heróis de Nevala, atual Rua Kwame Nkrumah, pela Rua Luís Pasteur e por uma quarta rua secundária. O seu projeto foi desenhado por Nuno Craveiro Lopes sob a orientação litúrgica do padre Afonso Simões. Teve cálculos de betão armado pelo Eng.º Alfredo Pinho Morgado e decoração por Manuel de Figueiredo.[263] A primeira pedra do novo templo foi benzida em 11 de Setembro de 1959 pelo Bispo Auxiliar de Lourenço Marques, Dom Custódio Alvim Pereira, na presença do Ministro do Ultramar, contra-almirante Vasco Lopes Alves, e do governador-geral de Moçambique, comandante

258 Ferreira, 2006: 129.

259 "Como habitualmente acontece neste tipo de trabalhos, o projeto foi avançando com base num conjunto de decisões centralizadas pelos serviços técnicos da metrópole, sem o conhecimento prévio ou participação da província. Só que neste caso, essa falta de comunicação, associada ao ritmo lento de evolução dos trabalhos, vai ser entendida pela ordem Franciscana como uma *quebra* no contrato, suscetível de pôr em causa todo o processo, e justificar uma nova encomenda do mesmo projeto, a um arquiteto local." Ferreira, 2006: 132.

260 "A igreja é colocada a eixo da avenida, como forma de remate, implantando-se segundo a tipologia comum dos projetos executados pelo gabinete: um corpo principal correspondente à nave (...) rematado nos topos pelo coro alto e pelo altar-mor, ladeados por volumes autónomos destinados às restantes funções – que são neste caso, respetivamente, batistério e casa mortuária, sacristia e arrecadação." Ferreira, 2006: 130.

261 "Deu entrada na Câmara Municipal desta cidade um requerimento do Sr. arquiteto Nuno Craveiro Lopes, apresentando o anteprojeto de uma igreja que a Ordem dos Franciscanos pretende construir no Parque José Cabral, e que mereceu o seguinte despacho: *A Câmara considera que a ter de construir-se a igreja no Parque José Cabral – se não for possível encontrar-se outra solução, porque qualquer aproveitamento com edifícios limita o natural aproveitamento do parque nas suas finalidades próprias, sendo como é um dos poucos de que a cidade está dotada – o local mais apropriado para a sua implantação seria o ângulo das Avenidas Fernandes Tomás e Massano de Amorim.*" *Notícias*, 1959-05-09: 14.

262 Ferreira, 2008: 263, nota 177.

263 *BGU*, 1962-07: 176.

Pedro Correia de Barros, entre outros convidados civis e militares.[264] Construída entre 1960 e 1962 pela empresa Sofil sob a direção técnica do Eng.º Falcão e Cunha[265] foi inaugurada em 13 de Junho de 1962.[266]

Objeto isolado de forma cónica com 40m de diâmetro de base e 46,15m de altura - curiosamente replicado por uma maqueta em betão colocada no jardim -, a igreja implanta-se no setor noroeste sobre o eixo longitudinal do terreno. Em Julho de 1959 o jornal *Notícias* publicou uma perspetiva aérea do projeto representando um arranjo geral da área envolvente bastante diferente daquele que foi implementado: entre outros elementos não concretizados previa-se a edificação de uma torre sineira isolada e a construção de um volume prismático perpendicular à linha de costa.[267] A visibilidade atual da igreja a partir da Avenida Armando Tivane é bastante prejudicada pelo volume do salão e residência paroquial, um edifício de autoria desconhecida e arquitetura desqualificada ligado ao espaço sacro por uma passagem subterrânea.

A volumetria da igreja resulta da sobreposição sequencial de finas membranas poligonais de betão - com os vazios triangulares sobrantes formando os vãos exteriores do edifício -, num movimento ascendente que se inicia nos dezasseis vértices pousados no solo e que culmina numa cruz com 4m de altura iluminada a *néon* verde-claro. Templo de planta central tem capacidade para 800 pessoas sentadas e 1500 de pé.[268] A sua organização espacial foi presidida por uma conceção comunitária da celebração litúrgica que se expressou no sentido unitário da matriz circular e da sua subdivisão geométrica. Para que nela existisse total coerência entre espaço e programa faltou apenas a colocação do altar-mor no centro da igreja sobre uma plataforma circular, tal como previsto no projeto original.[269] De forma mais convencional optou-se pela localização do altar-mor no final do eixo da entrada,

264 *Notícias*, 1959-07-10: 8.

265 Esteves; Tavares, 2003: 212.

266 "No passado dia 13 de Junho, no bairro da Polana, foi solenemente benzida a igreja monumental e moderna que os missionários franciscanos ali construíram." *BGU*, 1962-07: 174.

267 *Notícias*, 1959-07-10: 12.

268 *BGU*, 1962-07: 176.

269 *BGU*, 1960-08/09: 432.

embora já virado para a assembleia.[270]

A estrutura de suporte da igreja aparenta ser constituída apenas pelas membranas de betão autoportantes:[271] na realidade foi necessário criar uma cinta de travação circular, embebida a meia altura do volume na zona de sobreposição dos elementos triangulares.[272] Na construção da igreja utilizou-se uma gama limitada de materiais de acabamento: as suas superfícies exteriores foram rebocadas com uma argamassa de cor e textura próxima do betão, o pavimento interior foi revestido a mosaico cerâmico policromo, os bancos e confessionários foram construídos com madeira envernizada e os altares, pia batismal e pia de água benta com mármore branco de Angola. Os três vãos triangulares que formam a entrada foram encerrados com caixilharias de ferro pintado que suportam vidros martelados incolores aos quais se sobrepõem desenhos estilizados de motivos bíblicos traçados em metal. Nos restantes treze vãos do piso térreo os caixilhos suportam alternadamente vidros coloridos fixos e persianas de vidro reguláveis ou vitrais de desenho convencional. Os lanternins que formam os dezasseis raios triangulares da estrela colorida suspensa sobre o centro da igreja são constituídos por chapas sobrepostas de *perspex*.[273]

A arquitetura desta igreja revela afinidades concetuais, estruturais e formais com as igrejas mexicanas do espanhol Félix Candela e com a arquitetura religiosa dos expressionistas alemães dos períodos anterior e posterior à II Guerra Mundial. Apresenta óbvias semelhanças com o projeto vencedor do concurso público internacional realizado em 1957 para o Santuário della Madonna delle Lacrime, em Siracusa, Itália, da autoria de Michel Andrault e

270 "Conta-se a propósito da igreja de St.º António da Polana, que apesar de não ter cobrado honorários pelo seu trabalho à ordem dos Franciscanos (...) os padres desvirtuaram grande parte da beleza do seu projeto original, modificando o seu enquadramento, fazendo construir 2 *barracões* junto à igreja (...) e principalmente adulterando a disposição interior do altar-mor, que ficava não onde está hoje junto a uma das paredes, mas no centro da igreja, diretamente debaixo da cúpula, onde o efeito da luz ao longo do dia era mágico, refletindo-se imponentemente no chão de mármore branco que também foi trocado por ladrilhos castanhos." http://pt.wikipedia.org.

271 "Os elementos plissados, que constituem a estrutura de betão armado em forma de cone, apoiam-se entre as formas triangulares e entre si, em elevações sucessivas que convergem para uma cúpula que suporta a cruz." Esteves; Tavares, 2003: 212.

272 Informação transmitida pelo arquiteto José Forjaz em 16 de Fevereiro de 2009.

273 "Tem somente duas imagens, colocadas na retaguarda do altar-mor. (...) O programa pedagógico é obtido pelos 7 vitrais, fabricados pela Sociedad Mauméjean Hermanos, de Madrid. (...) O vidro colorido veio da Bélgica. Nas janelas da cúpula tem *perspex*." *BGU*, 1962-07: 176.

Pierre Parat – edifício construído depois da igreja laurentina, entre 1989 e 1994.[274] Elemento de referência no tecido urbano de Lourenço Marques e um dos *ex-libris* da cidade, objeto de ampla difusão em postais e publicações turísticas da época, a Igreja de Santo António da Polana constitui um símbolo da convergência entre a arquitetura do Movimento Moderno do segundo pós-guerra e a afirmação de progresso e contemporaneidade que alimentava a utopia identitária do regime colonial.

O primeiro projeto para a **Catedral de Quelimane**[275] resultou de um concurso público de arquitetura lançado pela Diocese de Quelimane e pela Direção dos Serviços de Obras Públicas e Transportes de Lourenço Marques em 15 de Setembro de 1959. Destinado exclusivamente a arquitetos portugueses a residir e a exercer a profissão em Moçambique o concurso tinha o dia 29 de Dezembro do mesmo ano como data final para entrega de propostas.[276] De acordo com o *Diário de Moçambique* o júri reuniu no dia 21 de Abril de 1960 para apreciação dos trabalhos concorrentes.[277] Do anteprojeto de Megre Pires conhecemos uma perspetiva publicada pelo jornal *Notícias* em 24 de Agosto de 1961 - reproduzida por André Ferreira em *Obras Públicas em Moçambique* -,[278] assim como alguns desenhos e textos de uma versão posterior guardados no arquivo do Conselho Municipal de Quelimane.

O projeto destinava-se a um quarteirão delimitado pelo campo de futebol do Sporting Clube de Quelimane e pelas antigas ruas Almirante Castilho, Vasco da Gama e Correia Mourão – as atuais Rua Paulo Samuel Kankhomba, Avenida 7 de Setembro e Rua Filipe Samuel Magaia -, no mesmo terreno onde se encontra a atual catedral. Segundo o desenho de Megre Pires a catedral implantava-se isoladamente ao centro do lote, rodeada por relvados

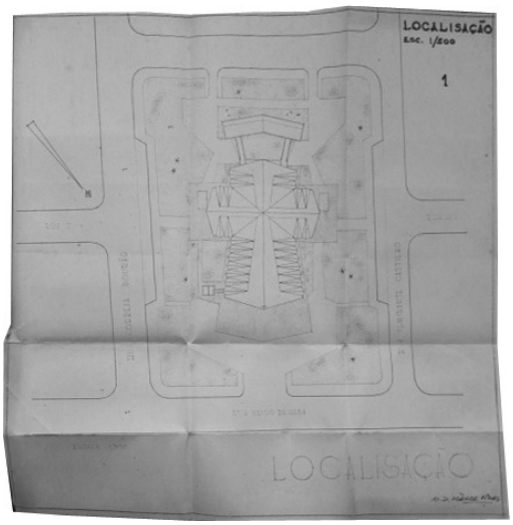
274 Ferreira, 2008: 138, 263, nota 181; Milheiro; Ferreira, 2009: 14-15, nota 54.

275 17°52'30.53"S, 36°53'12.78"E.

276 *Notícias*, 1959-09-17: 4.

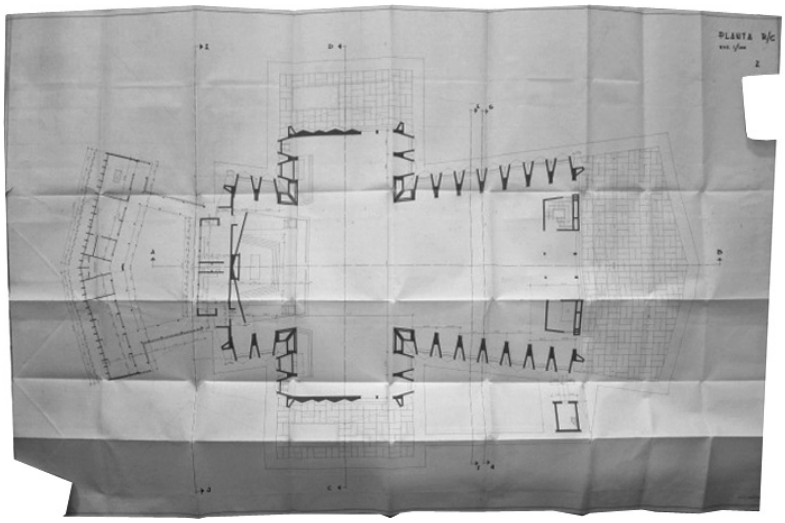
277 "Para o seu projeto, fora aberto concurso, a que concorreram alguns interessados, sendo o respetivo anteprojeto apreciado hoje, 21 de Abril, em Lourenço Marques, por um júri, organizado para o efeito, de que faz parte um representante da Câmara Municipal de Quelimane, que escolheu para tal incumbência, o Sr. Eng.° Inácio Moniz e Vasconcelos, Chefe dos Serviços de Obras, Urbanização e Cadastro." *DM*, 1960-04-21: 10.

278 Ferreira, 2008: 139, 141, 264 - nota 185.



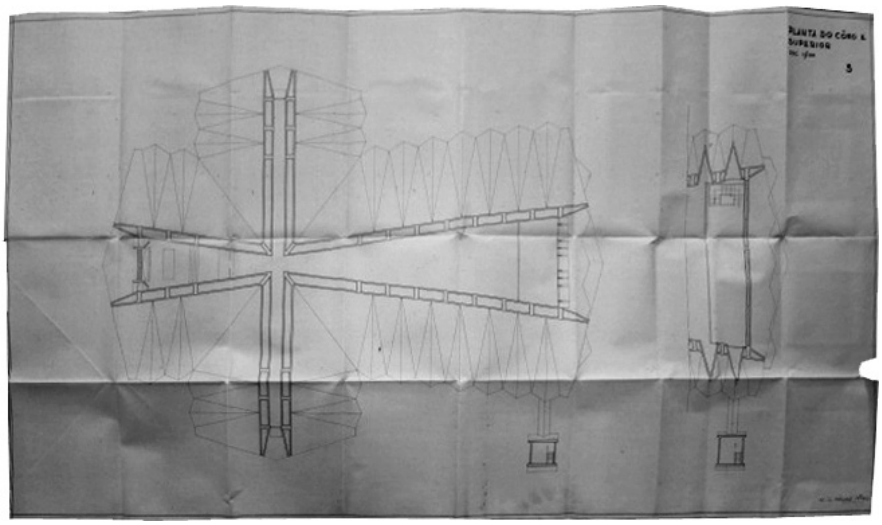
Catedral de Quelimane

Localização.
Escala 1:500.
Projeto?, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | CMQ).



Catedral de Quelimane

Planta rés-do-chão.
Escala 1:100.
Projeto?, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | CMQ).

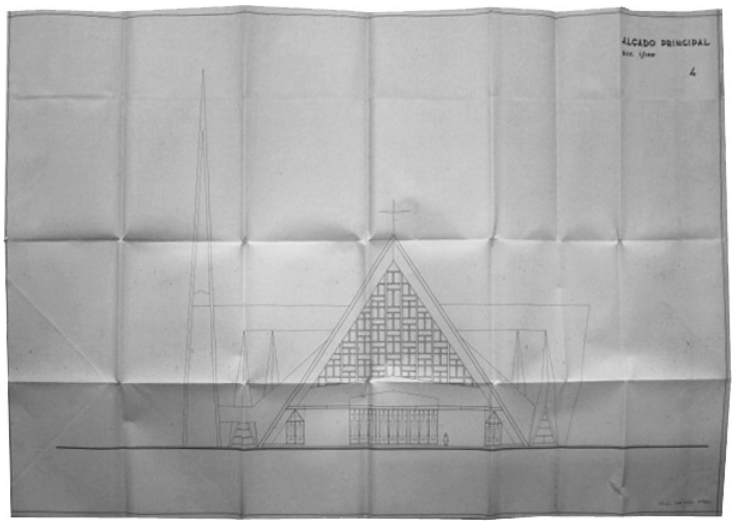


Catedral de Quelimane

Planta do coro e superior.
Escala 1:100.
Projeto?, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | CMQ).

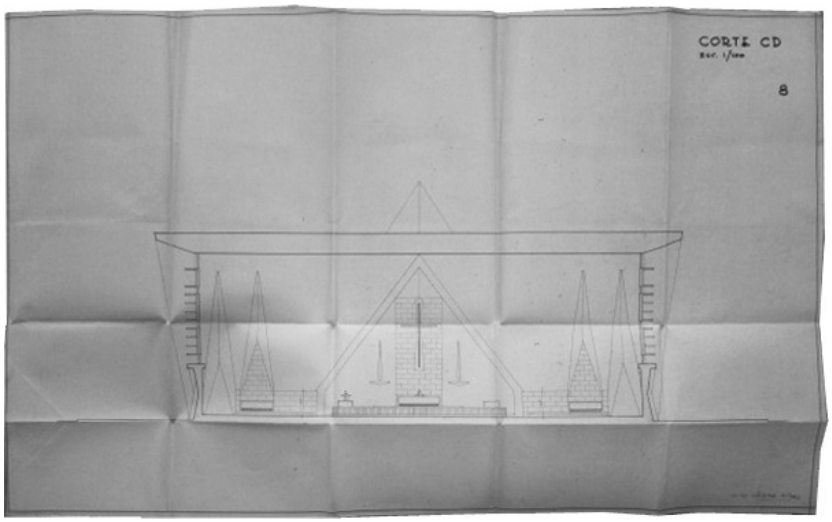
Catedral de Quelimane

Alçado principal.
Escala 1:100.
Projeto?, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | CMQ).



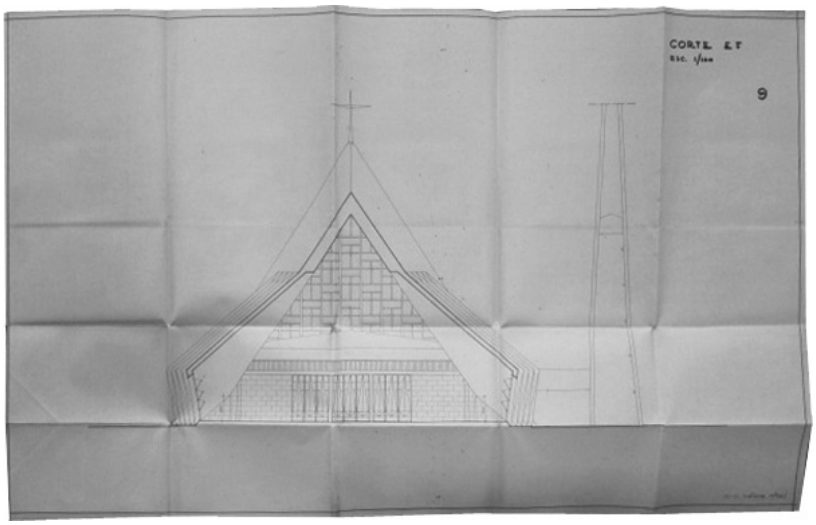
Catedral de Quelimane

Corte CD.
Escala 1:100.
Projeto?, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | CMQ).



Catedral de Quelimane

Corte EF.
Escala 1:100.
Projeto?, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | CMQ).



e percursos asfaltados cobertos a sarrisca. Igreja de planta cruciforme tinha a nave principal orientada na direção nordeste-sudoeste, paralela ao comprimento maior do terreno, e entrada principal pela Rua Vasco da Gama. Os dois braços do transepto dispunham-se perpendicularmente ao eixo principal da igreja rematando o enfiamento de duas ruas opostas que neste quarteirão se vêm terminar – as atuais ruas Lucas Kumato e Alberto Lithuli. A volumetria geral representada na perspetiva atrás referida reproduzia a forma de uma tenda divina - motivo simbólico recorrente na arquitetura cristã do segundo pós-guerra -, composta por quatro prismas triangulares inclinados convergindo para um ponto acima do centro da cruz. Na versão mais recente do projeto os lados maiores destes quatro prismas foram intersetados ao longo da zona de contato com o solo por uma sequência de prismas menores perpendiculares de forma também triangular. Este desenho, que tira partido da resistência da dobragem das membranas de betão, apresenta afinidades formais e estruturais com a Igreja de Santo António da Polana, em Lourenço Marques. Ambas as igrejas denotam influências das arquiteturas religiosas de Félix Candela e dos expressionistas alemães e em ambas os cálculos de engenharia são da autoria do Eng.º Alfredo de Pinho Morgado - no projeto zambeziano em coautoria com o Eng.º Carlos Dória Nóbrega, de acordo com o rótulo dos desenhos datados de Agosto de 1962.

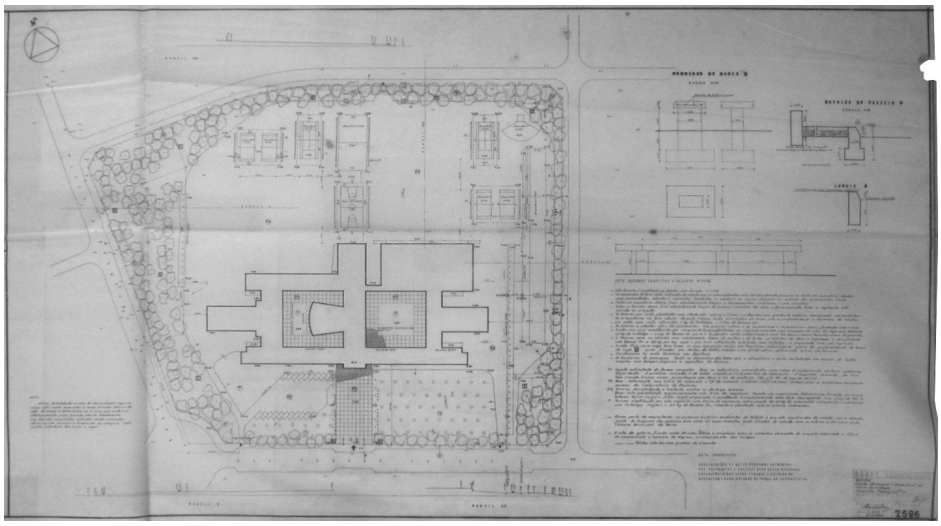
Para o edifício preconizou-se um limitado número de materiais de acabamento: reboco com areia grossa e cimento branco no exterior e interior, pavimentos interiores em mármore claro e lambrins em mármore escuro, vãos exteriores encerrados com caixilharias metálicas e vidro, este último com revestimento *Sun-X* da *DuPont* em tom verde-claro transparente.[279]

Ao projeto de Megre Pires não corresponde o edifício finalmente construído, que se encontrava em fase de conclusão em 1973.[280] De autor ainda desconhecido a atual Catedral de Quelimane apresenta uma escala menos monumental e um desenho mais orgânico que remete para as tendências mais setentrionais da arquitetura europeia da década de 60.

279 Megre Pires *in Catedral de Quelimane. Localização e implantação.* [s.l.], [196?] (CMQ).
280 Vieira; Lemos; Vieira, 2006: 143.

Escola Freire de Andrade

Beira. Escola Industrial e Comercial de Freire de Andrade. Planta topográfica.
Escala 1:500.
Fiscalização, 7 de Dezembro de 1960.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2586).



Na viragem da década de 50 para 60 foram desenhados em Lourenço Marques, nos serviços técnicos do SOP e sob a responsabilidade de Fernando Mesquita, uma série de projetos para novas escolas técnicas elementares destinadas às principais cidades da antiga província ultramarina.

A Escola Industrial e Comercial Freire de Andrade, na cidade da Beira, tinha sido projetada em 1956 por Eurico Pinto Lopes, Schiappa de Campos (n.1926) e Lucínio Cruz (1914-1999) no Gabinete de Urbanização do Ultramar, em Lisboa.[281] O concurso público para a sua construção foi lançado em 11 Setembro de 1959,[282] a empreitada foi adjudicada em Março do ano seguinte,[283] e as obras iniciaram-se em Abril do mesmo ano sob a responsabilidade da Socel, Sociedade de Construções e Empreitadas, Lda.[284] A escola iniciou o seu funcionamento no novo edifício no ano letivo de 1962/1963[285] apesar de a sua inauguração apenas se ter realizado em data posterior.[286] Tanto quanto registamos esta foi a única escola técnica elementar edificada em Moçambique segundo os desenhos elaborados pelo GUU. Por

281 Para mais desenhos de projeto consultar Ferreira, 2008: 162, fig. 232, 165, fig. 236 e 166, fig. 239.
282 *Notícias*, 1959-09-13: 16.
283 *Notícias*, 1960-03-23: 5.
284 *DM*, 1960-04-25: 5.
285 *BGU*, 1962-10: 232.
286 *BGU*, 1963-06/07: 276.

executar ficaram os projetos de 1956 para as novas escolas de Nampula e Inhambane, por Lucínio Cruz e Schiappa de Campos,[287] e o projeto de 1958 para Quelimane, desenhado pelo segundo destes arquitetos.[288]

Os projetos das escolas técnicas elementares do SOP originaram uma nova família de edifícios que, tendo a sua origem no sistema compositivo e programático das anteriores escolas primárias (tipologia também criada por Fernando Mesquita em meados da década de 50),[289] delas se vão distinguir pela sua escala, complexidade funcional e estandardização construtiva. O desenho que informou estas novas tipologias evoluirá de projeto em projeto mantendo no entanto as seguintes caraterísticas constantes:[290]

- A implantação de cada escola, dispondo-se sobre uma matriz ortogonal que assenta sobre a topografia do terreno compensando eventuais declives com rampas, degraus ou plataformas, é autónoma do desenho da malha urbana envolvente. As galerias de circulação são orientadas na direção norte-sul e os pavilhões letivos e de apoio e os pátios entre eles na direção nascente-poente. Os recintos desportivos, tanques de natação e campos de jogos são implantados nos espaços sobrantes entre a zona edificada e o limite do lote. Rodeando os edifícios são criadas massas protetora de vegetação, objeto de estudo pormenorizado na planta geral de cada projeto;
- Cada escola organiza-se segundo um processo de associação de pavilhões-tipo sobre um esqueleto espacial em árvore formado pelas galerias de circulação longitudinal - galerias exteriores de menor altimetria e cobertura plana - e pelos alpendres e galerias transversais

287 Ferreira, 2008: 160-167.

288 Milheiro, 2010b: 8.

289 Ferreira, 2006: 164.

290 "De entre as construções escolares realizadas em Moçambique ressaltam as novas Escolas Técnicas Elementares, que pudemos apreciar em Lourenço Marques e em Nampula.
Partindo de um projeto destinado à construção de uma primeira escola, que depois poderia ser revisto para acerto de possíveis deficiências que houvesse, foi esta escola já construída em quatro cidades da Província segundo o projeto inicial.
A lotação total da escola foi determinada unicamente a partir de razões de ordem económica. Foi calculada a menor lotação total que permite em condições normais de uso garantir a mais alta possível taxa de utilização efetiva. Assim, está prevista a frequência de 900 alunos, sendo 40% feminina e 60% masculina." António de Sousa Mendes *in Estudo relativo à Comissão Eventual de Serviço à Província de Moçambique para visita de estudo a obras de vulto em curso ou executadas, nomeadamente edifícios hospitalares e escolares*. Lisboa, 29 de Julho de 1967 (CDIIPAD, ref. 12978).

que, na face posterior dos diversos pavilhões, dão acesso às escadas e aos compartimentos interiores;

- Os pavilhões têm a forma de volumes paralelepipédicos de um, dois ou três pisos com coberturas inclinadas de uma ou duas águas que por vezes se projetam em consolas assimétricas para ambos os lados maiores dos volumes;
- Cada diferente pavilhão de cada escola pode albergar no seu interior distintos programas, embora a maioria seja estudada em função das condicionantes específicas de uma única atividade escolar;
- Os pavilhões, as galerias de circulação, os abrigos de bicicleta, os recintos exteriores desportivos, os muros de vedação, os portões de entrada, os paus de bandeira e o mobiliário fixo constituem elementos-tipo que se vão reproduzindo e aperfeiçoando a cada novo projeto escolar;
- O dimensionamento dos espaços interiores e exteriores e dos pórticos estruturais dos pavilhões obedece a múltiplos da unidade base de 2,85m x 3,85m, a primeira medida aplicada na direção este-oeste e a segunda na direção norte-sul. Esta métrica, materialmente expressa pela sucessão rítmica de pilares e vigas, vãos e caixilhos, placas de *brise-soleil* e estereotomias dos revestimentos, é apenas interrompida pelos pórticos transversais das galerias de circulação. Com 8,19m de largura total e cerca de 2,60m de pé-direito, estas galerias são formadas por duas fiadas de *pilotis* em tubo de aço esmaltado com 4" de diâmetro, distanciadas 4,79m entre eixos. Suportam vigas transversais de betão aparente com 40cm de altura, salientes em consola de 1,70m para ambos os lados da galeria. Nestas vigas pousa uma delgada membrana de betão;
- Os sistemas construtivos utilizados assentam em estruturas de betão armado, compostas por pilares, vigas e lajes de betão, e em estruturas mistas que combinam pilares metálicos com vigas e lajes de betão, como nas galerias, ou pilares e vigas de betão com asnas prefabricadas de metal, como nas oficinas de trabalhos manuais e ginásios. Recorre-se a uma limitada gama de materiais de construção predominantemente estandardizados, de

baixo custo e grande resistência e facilidade de manutenção;

- A proteção climática do conjunto obtém-se pela orientação dos edifícios aos pontos cardeais, pelo desenho das galerias principais - que com 8,19m de largura por 2,6m de pé-direito funcionam como recreios protegidos da chuva -, pela abertura dos vãos exteriores das salas a norte e a sul - e pelo seu sombreamento através dos alpendres, galerias de circulação suspensas e *brise-soleil* verticais perpendiculares às fachadas -, pelas coberturas duplas ventiladas e pela circulação transversal das correntes de ar no interior dos espaços através das persianas de vidro amovíveis que preenchem os lanternins junto aos tetos;
- A expressão arquitetónica destas escolas é imediatamente reconhecível pela torção que as implantações apresentam em relação aos tecidos urbanos envolventes - contraste muito legível nas fotografias aéreas e de satélite -, pela sua caraterística volumetria - independentemente do número e associação de elementos-tipo de cada conjunto escolar -, e pela linguagem exterior dos edifícios.

A obtenção de conclusões rigorosas sobre o processo de evolução tipológica das escolas técnicas elementares e dos liceus projetados pelos SOP em Lourenço Marques carece da análise completa das fontes documentais primárias existentes no arquivo do MOPH. Podemos apenas retirar conclusões provisórias sobre o desenvolvimento deste processo pela análise dos documentos disponíveis relativos a algumas escolas técnicas criadas por um decreto governamental de 1958:[291] escolas industriais e comerciais de Nampula, Quelima-

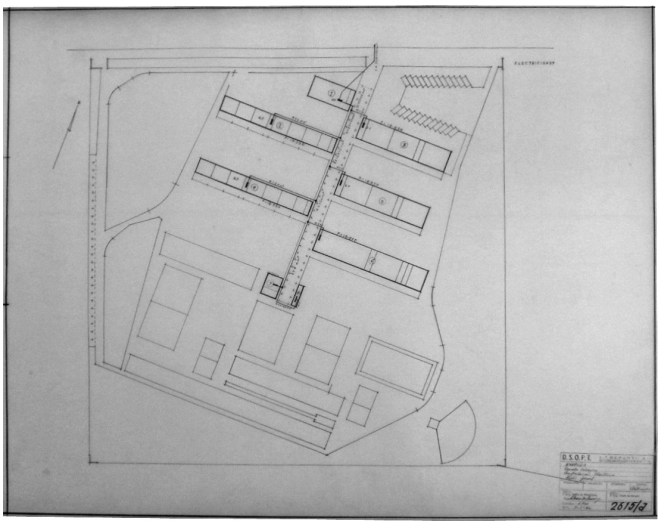
291 "Por outro lado continua a alargar-se o ensino técnico.
Assim, por decreto recente, foram criadas nas cidades de Nampula e de Inhambane, da província de Moçambique (...) escolas industriais e comerciais, em que se ministrarão os seguintes cursos: ciclo preparatório, formação de serralheiro, carpinteiro-marceneiro e montador eletricista; geral de comércio e formação feminina.
(...) Foram, de igual modo, criadas duas escolas técnicas elementares, em Lourenço Marques, de frequência mista, que começarão a funcionar logo que forem obtidas instalações adequadas, deixando de funcionar na Escola Industrial e na Comercial daquela cidade o ciclo preparatório.
Os cursos industriais nas escolas Industriais e Comerciais da Beira, Quelimane, Nampula, Inhambane (...) serão postos a funcionar logo que o seu apetrechamento o permita.
Dado que estamos na viragem de uma grande página da vida do Ultramar em que se conclui o I Plano de Fomento e em vésperas da entrada em execução do II Plano, para 1959-1964, tem plena acuidade a justificação do preâmbulo do decreto agora mandado para o *Diário do Governo*, ao acentuar que o *problema criado pela afluência dos estudantes às escolas técnicas, consequência do desenvolvimento das atividades industriais e comerciais, naquelas províncias ultramarinas, fica solucionado, provendo-se, também, às necessidades de mão-de-obra qualificada.*" *BGU*, 1958-07: 106-107.

ne e Inhambane, e Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo, em Lourenço Marques,

O projeto mais antigo que conhecemos para uma escola técnica elementar desenhada por Fernando Mesquita[292] data de meados de 1959 e foi parcialmente publicado por André Ferreira.[293] Os desenhos reproduzidos, que o autor inclui no texto referente ao projeto da Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo, representam um prismático pavilhão de salas de aula com dois pisos de altura e cobertura de duas águas servido no piso térreo por uma galeria exterior perpendicular. O desenho deste edifício será reproduzido em Dezembro do mesmo ano no projeto para os pavilhões de salas de aula da escola técnica de Nampula.

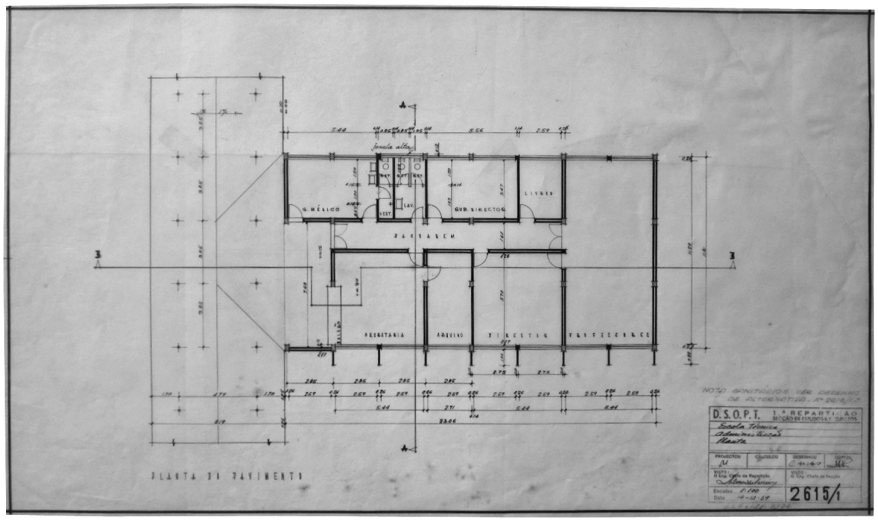
A **Escola Industrial e Comercial Neutel de Abreu**,[294] atual Escola-Instituto Industrial e Comercial, em Nampula, foi o primeiro projeto dos SOP para uma escola técnica a ser construído: os desenhos a que tivemos acesso abarcam o período entre Julho de 1959 e Fevereiro de 1962.[295] O concurso público para a sua construção, financiada pelo programa de construções escolares do II Plano de Fomento,[296] foi lançado em Março de 1960,[297] tendo a empreitada sido adjudicada no final do mesmo ano.[298] Em Abril de 1961 estavam a ser erguidas as estruturas de betão de diversos pavilhões[299] tendo a escola entrado em funcionamento em meados de 1963.[300] No ano seguinte foi objeto de elogiosas referências numa reportagem sobre Moçambique publicada pela *National Geographic*.[301] Os pavilhões

292 MOPH, n.° 1959 a 1959-4-4.
293 Ferreira, 2008: 175, figs. 260-263.
294 15° 7'13.46"S, 39°16'0.63"E.
295 MOPH, n.° 2615.
296 *BGU*, 1960-03: 31.
297 *Notícias*, 1960-03-12: 9.
298 *BGU*, 1960-10/11: 511.
299 *JN*, 1961-04-21: 5.
300 *BGU*, 1963-06/07: 276.
301 "What impressed me most were Nampula schools, counterparts of those found in Lourenço Marques and other cities. At the new technical schools, boys worked with wood, metal, and electrical equipment. Girls in neat blue smocks where being schooled in domestic sciences." Wentzel, 1964-08: 200.



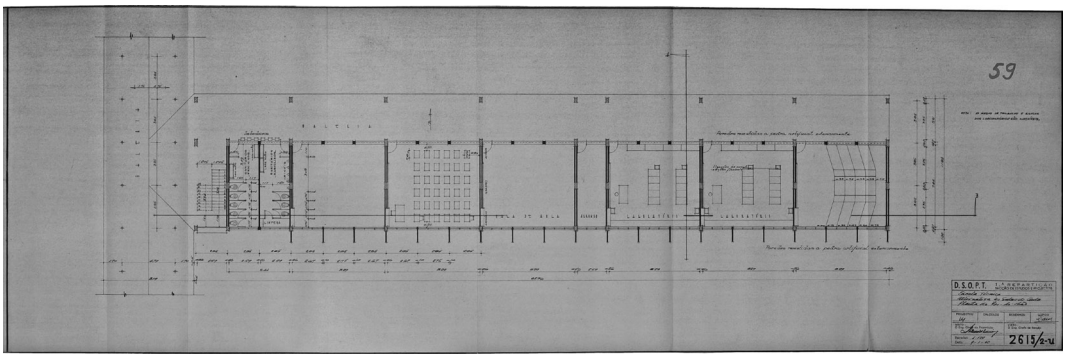
Escola Neutel de Abreu

Nampula. Escola Técnica. Rede geral.
Escala 1:500.
Projeto, 7 de Janeiro de 1960.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2615/d).



Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Administração. Planta.
Escala 1:100.
Projeto, 14 de Dezembro de 1959.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2615/1).

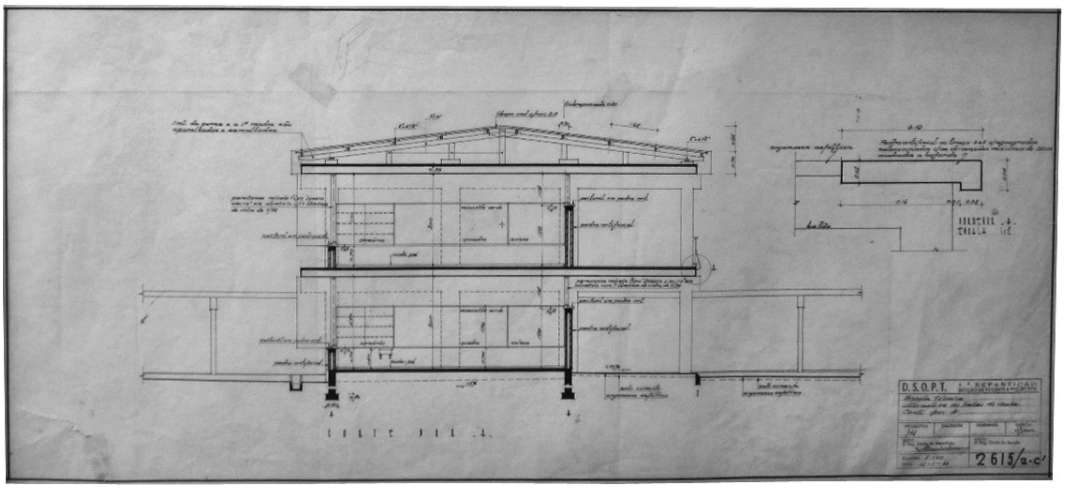


Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Alternativa às salas de aula. Planta do rés-do-chão.
Escala 1:100.
Projeto, 18 de Janeiro de 1960.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 13502 /
ref. MOPH, n.º 2615/2-u).

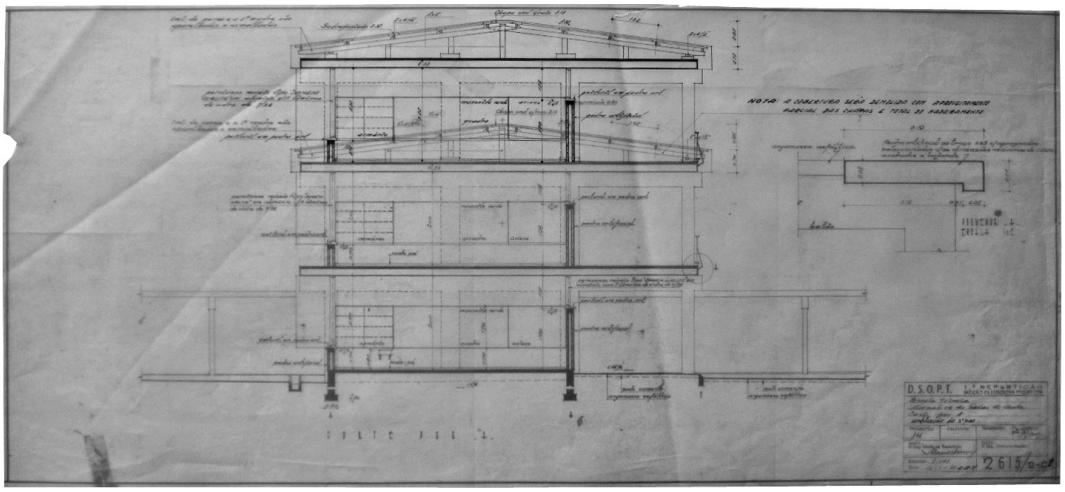
Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Alternativa às salas de aula. Corte por A.
Escala 1:100.
Projeto, 18 de Janeiro de 1960.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2615/2-c').



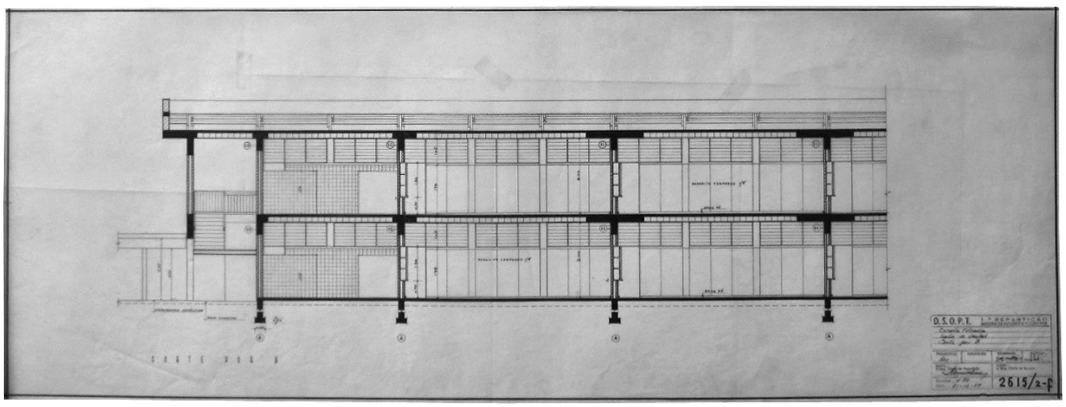
Escola Neutel de Abreu

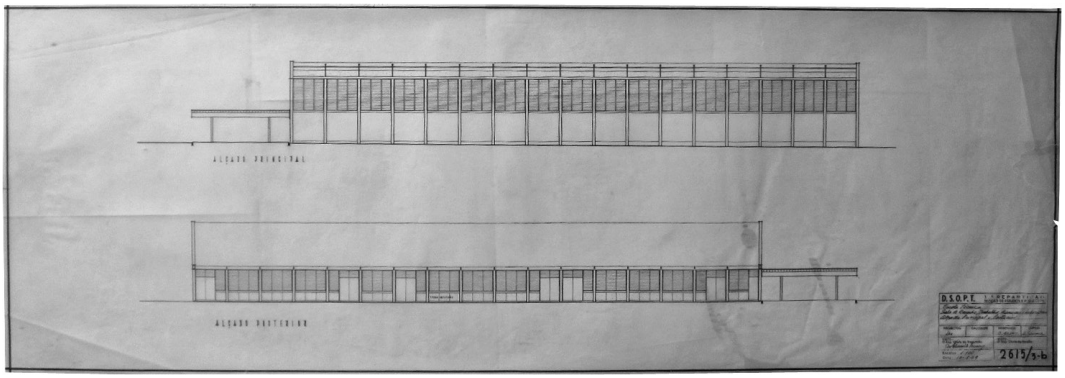
Escola Técnica. Alternativa às salas de aula. Corte por A. Ampliação do 3.º piso.
Escala 1:100.
Alterações, 6 de Outubro de 1971.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2615/2-c').



Escola Neutel de Abreu

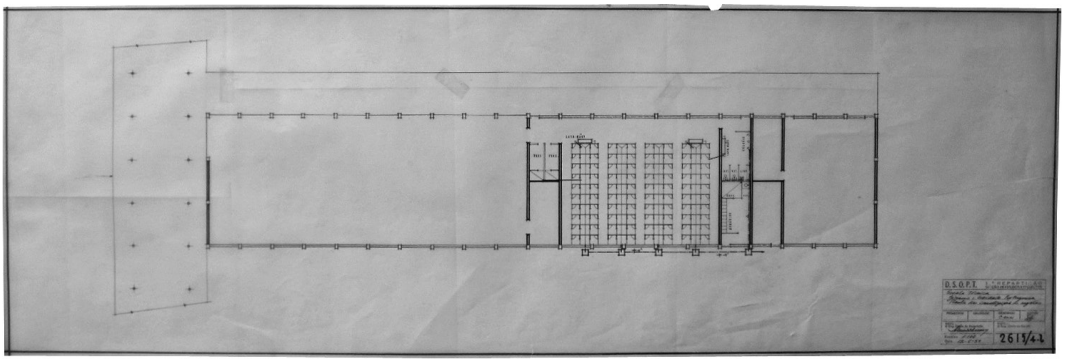
Escola Técnica. Sala de aula. Corte por B.
Escala 1:50.
Projeto, 31 de Dezembro de 1959.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2615/2-f).





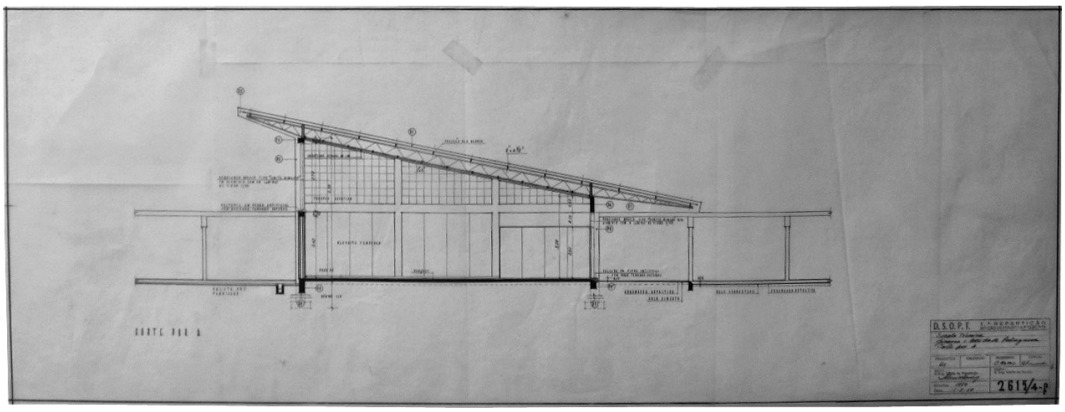
Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Sala de desenho, trabalhos manuais e laboratório. Alçado principal e posterior.
Escala 1:100.
Projeto, 10 de Julho de 1959.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2615/3-b).



Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Ginásio e Mocidade Portuguesa. Planta das canalizações de esgotos.
Escala 1:100.
Projeto, 12 de Agosto de 1959.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2615/4-l).

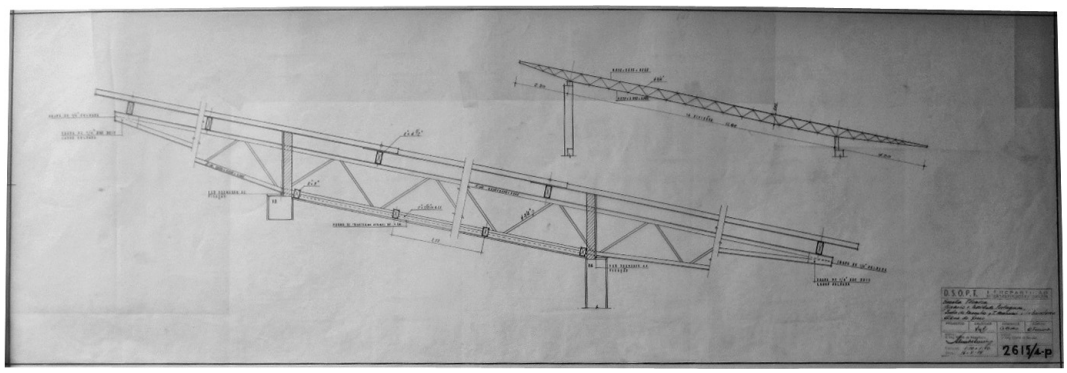


Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Ginásio e Mocidade Portuguesa. Corte por A.
Escala 1:50.
Projeto, 16 de Agosto de 1959.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2615/4-f).

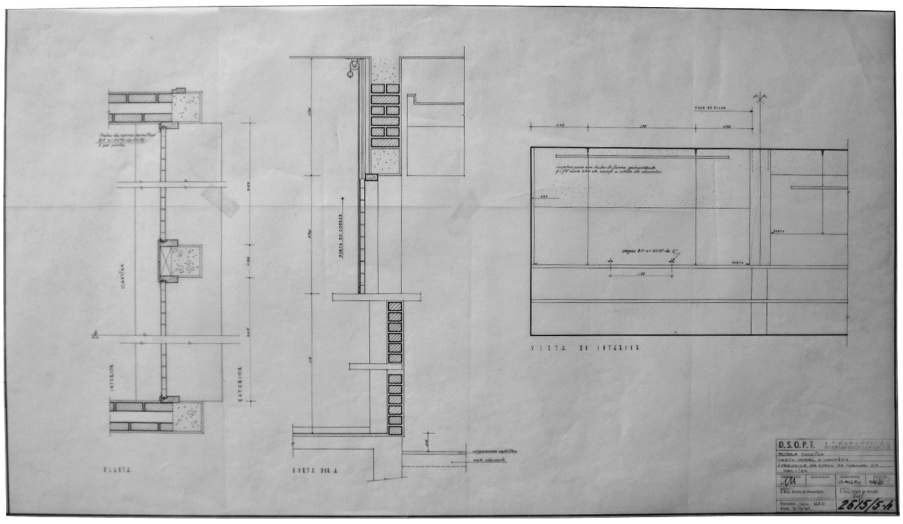
Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Ginásio e Mocidade Portuguesa. Sala de desenho, trabalhos manuais e laboratório. Asna de ferro.
Escalas 1:10 e 1:50.
Projeto, 16 de Julho de 1959.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2615/4-f).



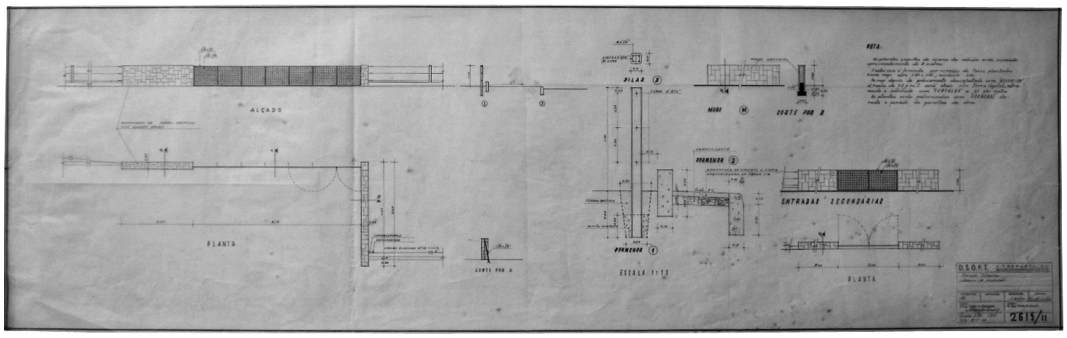
Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Canto coral e cantina. Pormenor da porta de correr da cantina.
Escalas 1:10 e 1:20.
Fiscalização?, 5 de Outubro de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2615/5-h).



Escola Neutel de Abreu

Escola Técnica. Muros de vedação.
Escalas 1:10 e 1:50.
Projeto, 6 de Janeiro de 1960.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2615/11).



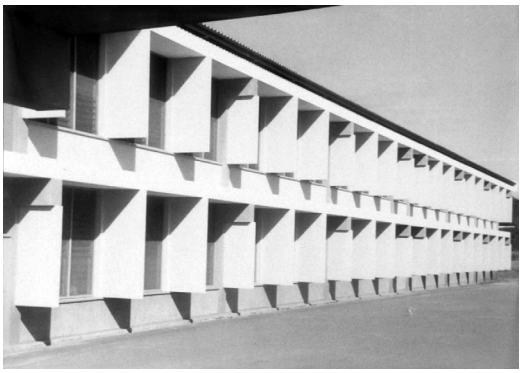
Escola Neutel de Abreu

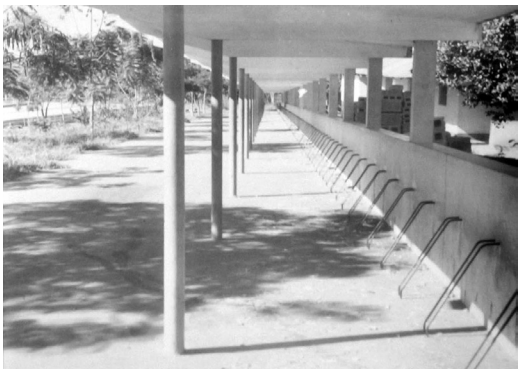
Esquerda:
Escola Técnica. Nampula - Corpo das salas de desenho.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 12978).

Direita:
Escola Técnica. Nampula - Corpo de aulas.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 12978).

Escola Neutel de Abreu

Esquerda e direita:
Escola Técnica. Nampula - Conjunto.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 12978).





Escola Neutel de Abreu

Esquerda:
Escola Técnica. Nampula - Corpo de aulas.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 12978).

Direita:
Escola Técnica. Nampula - Abrigo para bicicletas.
António de Sousa Mendes, 1967.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 12978).

das oficinas de serralharia, eletricidade, culinária e puericultura tiveram um projeto para a sua ampliação - que não foi construído -, desenhado pelos SOP em 1964. Este projeto propunha a criação de um corpo de união dos topos dos dois volumes de oficinas. Era coberto por uma sequência de quatro telhados de uma água, dois dos quais na continuidade das coberturas existentes. Os pavilhões de salas de aula foram ampliados em extensão e em altura segundo desenhos elaborados entre 1970 e 1973, implicando em cada um dos edifícios a criação de uma segunda caixa de escadas e a sobreposição de um terceiro piso aos dois anteriormente existentes.

A escola de Nampula tem a entrada principal ao centro da frente para a antiga Rua Luís de Camões, atual Rua dos Continuadores, uma artéria diagonal à malha urbana da cidade. Os vários volumes que a constituem implantaram-se sobre uma matriz ortogonal orientada pelos pontos cardeais, oblíqua em relação ao alinhamento da rua e aos limites do lote. O acesso automóvel, que é feito por uma entrada secundária aberta no limite nordeste desta frente, conduz a uma bolsa de estacionamento privativa enquanto o acesso de bicicletas, que foi aberto no limite sudoeste da mesma frente, conduz ao abrigo de bicicletas. A partir da entrada principal, colocada na confluência do percurso da galeria central com a rua, sucedem-se os diversos pavilhões, desalinhados entre si e intercalados por pátios. A poente localizaram-se o pavilhão da administração, com um piso, e dois pavilhões de salas de aula, inicialmente com dois pisos e mais tarde ampliados para três. Todos estes edifícios têm coberturas de duas águas. A nascente localizaram-se dois pavilhões para desenho, trabalhos manuais e laboratórios e um pavilhão com o ginásio e as instalações da Mocidade Portuguesa. Todos estes edifícios têm um piso e cobertura de uma água. No remate sul da galeria central implantou-se um pequeno edifício de um piso e telhado de duas águas que cobre dois volumes autónomos albergando a sala de canto coral e a cantina. Após o término da galeria central localizam-se, ao fundo do terreno, o tanque de natação e os recintos desportivos das diversas modalidades.

As salas de aula foram dispostas ao longo das fachadas principais a norte em conse-

quência do acesso principal ser feito a partir daquela direção. Os vãos exteriores a norte das salas de aula estão por isso protegidos da maior intensidade dos raios solares verticais apenas pelos pequenos alpendres formados pelo balanço das coberturas, uma vez que os profundos alpendres e galerias estão dispostos nas frentes contrárias. Por outro lado os acessos às salas de aula fazem-se pelas fachadas posteriores. Os vãos exteriores a sul destas salas estão por isso muito expostos à grande intensidade dos raios solares horizontais de nascente e poente, uma vez que os *brise-soleil* de placas verticais de betão estão colocados perpendicularmente às fachadas opostas.

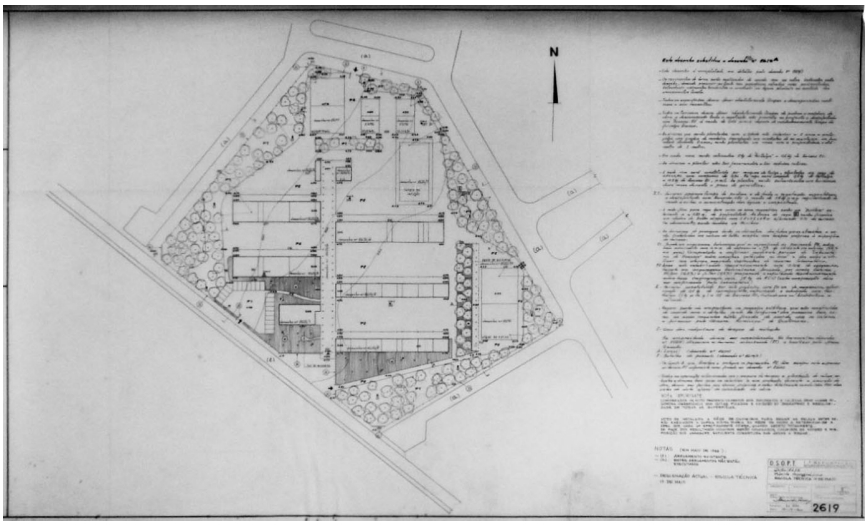
A **Escola Industrial e Comercial D. Francisco Barreto**,[302] em Quelimane - atualmente a bem conservada Escola Industrial e Comercial 1.º de Maio -, foi desenhada após a Escola Industrial e Comercial Neutel de Abreu - o seu número de processo no arquivo do MOPH é posterior ao de Nampula.[303] O desenho mais antigo que dela conhecemos data de Janeiro de 1960, mês durante o qual os arruamentos envolventes ao terreno oferecido pela Câmara Municipal estavam já a ser abertos.[304] O concurso público para a sua construção, financiada pelo programa de construções escolares do II Plano de Fomento,[305] foi lançado em Março[306] - a proposta com o preço mais baixo foi apresentada pela Empresa de Construções Civis e Industriais, Lda.[307] -, tendo a obra sido adjudicada em Junho do mesmo ano.[308] A construção já tinha sido iniciada em Janeiro de 1961[309] tendo a inauguração tido lugar em meados de 1963.[310]

A escola localiza-se numa zona que, na época da sua construção, correspondia ao limi-

302 17°52'26.51", 36°53'20.68"E.
303 MOPH, n.º 2619.
304 *Notícias*, 1960-01-22: 6.
305 *BGU*, 1960-03: 31.
306 *Notícias*, 1960-03-12: 9.
307 *DM*, 1960-06-02: 5.
308 *DM*, 1960-06-14: 12.
309 *DM*, 1961-01-26: 4.
310 "Também se encontram concluídos os novos edifícios das Escolas Industriais e Comerciais da Beira e de Nampula, e já neles decorrem os serviços, mas alguns contratempos, em especial atrasos no apetrechamento quanto a mobiliário, obrigaram a adiar para o próximo ano lectivo, mas ainda dentro do decorrente ano civil, as festas inaugurais." Oliveira Boléo *in BGU*, 1963-06/07: 276.

Escola D. Francisco Barreto

Quelimane. Planta topográfica. Escola Técnica 1.° de Maio.
Escala 1:500.
Projeto, 7 de Janeiro de 1960.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2619).



Escola D. Francisco Barreto

Esquerda:
Lado poente.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão da administração.
(EM, 2009).

Escola D. Francisco Barreto

Esquerda e direita:
Entrada principal e pavilhão de salas de aula.
(EM, 2009).

Escola D. Francisco Barreto

Esquerda:
Pormenor do pavilhão de salas de aula.
(EM, 2009).

Direita:
Escada de acesso ao pavilhão de salas de aula.
(EM, 2009).

Escola D. Francisco Barreto

Esquerda e direita:
Galeria central.
(EM, 2009).

Escola D. Francisco Barreto

Esquerda e direita:
Pátio entre pavilhões de salas de aula.
(EM, 2009).

Escola D. Francisco Barreto

Esquerda:
Pormenor da dupla cobertura do pavilhão de salas de aula.
(EM, 2009).

Direita:
Alpendre do piso 1 do pavilhão de salas de aula.
(EM, 2009).

Escola D. Francisco Barreto

Esquerda:
Pátio entre os pavilhões de trabalhos manuais.
(EM, 2009).

Direita:
Alpendre da face norte do pavilhão do ginásio.
(EM, 2009).

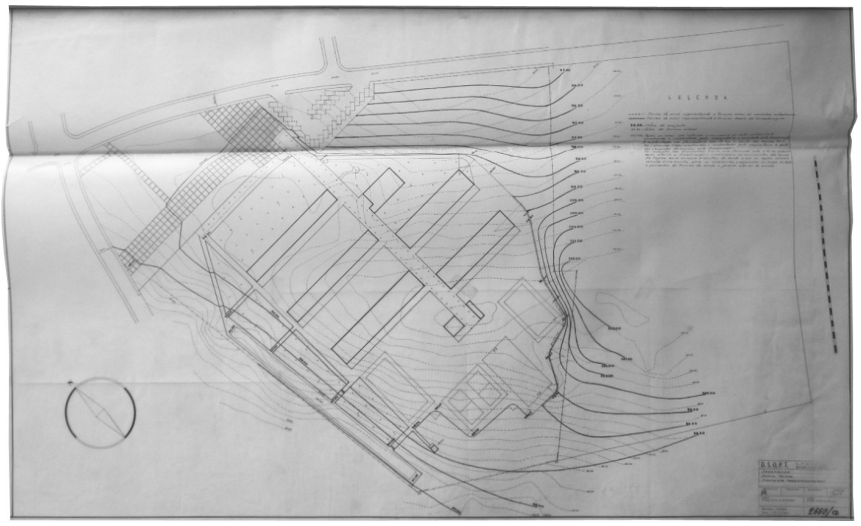
te da malha urbana consolidada de Quelimane, com acesso principal pela Rua Vasco da Gama, a atual Avenida 25 de Junho. A planta topográfica revela que na sua implantação foram aplicados os mesmos princípios de orientação aos pontos cardeais que regeram o projeto da escola de Nampula, com a mesma autonomia em relação aos alinhamentos do tecido urbano e aos limites do lote, e que o seu programa compreendia igualmente sete pavilhões de desenho semelhante. As diferenças entre as duas escolas resultam principalmente da adaptação do mesmo projeto a diferentes situações topográficas, como demonstram a planta geral e a visita ao local realizada em 2009: a escola de Quelimane tem a frente urbana virada a sul, com a consequente rotação em 180° das fachadas principais e posteriores dos pavilhões, protegendo de forma mais eficaz os espaços internos da incidência solar; a implantação dos acessos automóveis, zona de estacionamento e abrigo de bicicletas da escola de Quelimane é simétrica, segundo o eixo de simetria da galeria central, da implantação da escola de Nampula; os pavilhões da administração e do ginásio trocam de lado em relação ao eixo da galeria central permitindo que o ginásio esteja alinhado com as salas de aula de comprimento igual; a sequência de volumes inicia-se com um primeiro pavilhão de salas de aula do lado direito em vez do corpo da administração; os espaços exteriores entre volumes são mais estreitos devido ao menor comprimento da galeria central; o abrigo de bicicletas, o tanque de natação e os campos de jogos distribuem-se pelos espaços sobrantes a nascente e norte; em 2009 os corpos das salas de aula mantinham-se ainda com dois pisos, fiéis aos desenhos originais do projeto de Nampula.

A **Escola Industrial e Comercial Vasco da Gama**,[311] atual Escola Industrial e Comercial Eduardo Mondlane, em Inhambane, foi projetada depois das escolas elementares de Nampula e Quelimane: o seu número de processo no MOPH é posterior aos das outras duas[312] e o único desenho que dela conhecemos, a *Planta das Terraplanagens*, tem a data

311 23°52'22.00"S, 35°23'7.16"E.
312 MOPH, n.° 2660.

Escola Vasco da Gama

Inhambane. Escola Técnica. Planta das terraplanagens.
Escala 1:500.
Projeto, 17 de Outubro de 1960.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2660/a).



de Outubro de 1960. A sua construção foi adjudicada em Janeiro de 1961[313] tendo sido inaugurada em 10 de Junho de 1963[314] - imediatamente depois da escola de Quelimane e antes da de Nampula.

A escola técnica de Inhambane localiza-se no final do tramo reto da Avenida da Revolução, um dos eixos visuais da estrutura urbana em pata de ganso proposta na *Planta modificada da Vila de Inhambane* de 1910.[315] Como nas escolas de Nampula e Quelimane a sua

313 "Foi adjudicada (...) a construção da Escola Técnica de Inhambane, obra incluída no 2.º Plano de Fomento e cujo prazo de execução é de 570 dias." *DM*, 1961-01-15: 12.

314 "E dentro de poucos dias, a 10 de Junho, serão solenemente inauguradas as novas instalações da Escola Industrial e Comercial de Inhambane." Oliveira Boléo *in BGU*, 1963-06/07: 276.

315 Bruschi; Lage, 2005: 34, 35, 39, 72.

implantação não estabelece qualquer relação com o tecido urbano envolvente ou com os limites do terreno orientando-se antes segundo os pontos cardeais. A sua frente urbana principal localiza-se, tal como na escola de Nampula, do lado norte do terreno. Em consequência a sua planta geral, que reproduz literalmente o desenho da escola de Quelimane, sofre uma rotação de 180º. O estacionamento automóvel está nesta escola localizado à esquerda da entrada principal enquanto o abrigo das bicicletas surge do lado direito, implantado perpendicularmente à galeria central e antecedendo os pavilhões de salas de aula. Como a topografia do terreno forma um declive e o lote é bastante profundo cria-se na frente principal uma zona de transição entre a avenida e o interior do complexo escolar. O desenho desta articulação é resolvido com plataformas em vários níveis e a projeção para norte da mais longa galeria central das escolas técnicas observadas.

A **Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo**, atual Escola Secundária Estrela Vermelha, em Lourenço Marques, constitui o exemplo com maior complexidade de entre todas as escolas técnicas observadas. Será por isso objeto de análise e interpretação mais desenvolvida no capítulo "Os símbolos".

No âmbito de um plano de incentivo do ensino público na antiga Província, concretizado através de um diploma aprovado em 21 de Agosto de 1961 numa sessão extraordinária do conselho legislativo de Moçambique, foram criados dezenas de estabelecimentos de diversas áreas e níveis de ensino. Entre eles encontram-se as escolas técnicas elementares da cidade de Moçambique e de Porto Amélia.[316]

316 "A sessão legalizou e autorizou a criação de liceus, institutos, escolas técnicas e escolas primárias, demonstrando-se assim o cuidado e a atenção que ao Governo-Geral merecem os problemas da educação pública.
As medidas agora aprovadas procuram incentivar o ensino e a cultura em todo o território da província, tendo os centros mais importantes, onde se situam interesses espirituais e materiais de alta valia, recebido um enorme impulso.
O Governo da Nação, assoberbado com a pesada e dura tarefa de Angola, não fechou os olhos à premente necessidade que se impõe no domínio do avanço da instrução. Respondeu inteiramente à vontade e desejo de todos nós e respondeu, externamente, à malevolência de quantos, em cátedras internacionais, apregoam que nada fazemos em terras do Ultramar para promover o avanço cultural dos que vivem em parcelas do continente africano onde flutua a bandeira portuguesa." *BGU*, 1961-10/12: 381-382; *BGU*, 1961-08/09: 267..

As instalações da **Escola Técnica Elementar de Moçambique**,[317] localizada na Ilha de Moçambique, resultaram da ampliação do preexistente *Grande Hotel*. Este edifício, que deixou de funcionar como hotel em 1961,[318] foi especialmente adquirido para o efeito não se inserindo portanto no processo de evolução do modelo de escolas-tipo que temos vindo a observar. As obras para a sua adaptação à função escolar, projetadas pelos SOP,[319] estavam a decorrer em meados de 1963.[320]

A **Escola Comercial Joaquim Romero**,[321] em Porto Amélia, atual Escola Industrial e Comercial de Pemba, tem na relação do arquivo do MOPH um número de projeto posterior ao da escola da Ilha de Moçambique.[322] A empreitada parcial para a sua construção foi adjudicada em 1964[323] e concluída em 1965,[324] tendo sido inaugurada com a configuração atual em 1968.[325] A escola é composta por dois conjuntos de edifícios, cada um deles unido por uma galeria de direção norte-sul, separados por um percurso exterior de direção este-oeste. Ao longo deste caminho, que se inicia numa entrada secundária, implanta-se o abrigo das bicicletas. Alguns edifícios do conjunto sul desta escola revelam uma composição dos alçados e uma utilização dos materiais de revestimento diferente dos projetos de Fernando Mesquita parecendo confirmar a sua atribuição a João José Tinoco,[326] arquiteto com escritório independente dos SOP.

317 15° 1'48.56"S, 40°44'21.76"E.

318 "O edifício do Grande Hotel de Moçambique que (...) vai deixar de funcionar como hotel, é uma sólida construção, situa-se num local ideal e fresco, e, com algumas indispensáveis adaptações, converter-se-á numa ótima escola técnica." *JN*, 1961-04-07: 5.

319 MOPH, n.° 2695.

320 *BGU*, 1963-06/07: 276.

321 12°57'38.02"S, 40°29'36.99"E.

322 MOPH, n.° 2718.

323 *BGU*, 1964-05/06: 181.

324 *BGU*, 1965-09: 194-195.

325 Informação prestada *in loco* em 02.07.2010 com base na tese de mestrado de Ana Paula dos Santos Pinto *A formação dos recursos humanos em Moçambique: o acesso ao ensino técnico na Província de Cabo Delgado: o caso da Escola Industrial e Comercial de Pemba – EICP*. Lisboa: [s.n.], 2006.

326 Bruschi; Carrilho; Lage, 2005: 45.

Escola Joaquim Romero

Esquerda e direita:
Pavilhões do conjunto sul.
(EM, 2010 | EWV).

Escola Joaquim Romero

Esquerda e direita:
Pavilhões do conjunto sul.
(EM, 2010 | EWV).

Escola Joaquim Romero

Esquerda:
Pavilhões do conjunto sul.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Percurso este-oeste com abrigo de bicicletas.
(EM, 2010 | EWV).

Procurando colmatar lacunas na distribuição geográfica do ensino secundário na antiga província em meados de 1962 é aprovado um diploma pelo Conselho Legislativo de Moçambique que cria as escolas técnicas elementares de Vila Cabral, Tete e João Belo.[327]

A **Escola Técnica Elementar Comandante Augusto Cardoso**,[328] em Vila Cabral, atual Escola Industrial e Comercial Ngungunhana, foi desenhada nos primeiros meses de 1964.[329] A primeira fase da sua construção foi adjudicada no mesmo ano[330] e a sua inauguração teve lugar no final de 1965.[331]

A orientação da sua implantação, ligeiramente desviada em relação aos pontos cardeais, poderá ter sido condicionado pela forma do terreno. Também a fragmentação da coerência arquitetónica do edifício poderá ter tido origem em decisões circunstanciais tomadas ao longo do faseamento da sua construção. Segundo uma *Planta Geral Atualizada*, datada de Junho de 1969, do conjunto previsto apenas tinham sido edificados o troço inicial da galeria central, o pavilhão de salas de aula, o pavilhão de salas de desenho e o corpo da secretaria, cantina e instalações da Mocidade Portuguesa. As atuais imagens de satélite do *Google Earth* revelam-nos que foram mais tarde construídos o pavilhão de oficinas e o troço em falta da galeria central e que ficaram por edificar os pavilhões da administração, do ginásio e de canto coral. Nestas imagens encontram-se ainda dois pavilhões não previstos originalmente, unidos por um percurso que prolonga para norte o eixo da galeria central.

As fotografias da época[332] e os desenhos técnicos datados de 1964 da escola de Vila Cabral revelam-nos algumas modificações ao desenho original dos pavilhões-tipo dos SOP nomeadamente na composição dos vãos exteriores, na substituição das guardas metálicas

327 "As duas novas escolas técnicas elementares, previstas para João Belo e Tete, correspondem à execução de um plano de ocupação do ensino secundário no qual sejam contempladas pelo menos todas as sedes de distrito, prevendo-se, por isso, a inclusão imediata de Vila Cabral, ainda mesmo que não fosse possível o seu funcionamento no próximo ano lectivo." Contra-almirante Sarmento Rodrigues (Governador-geral) *in BGU*, 1962-08/09: 285.

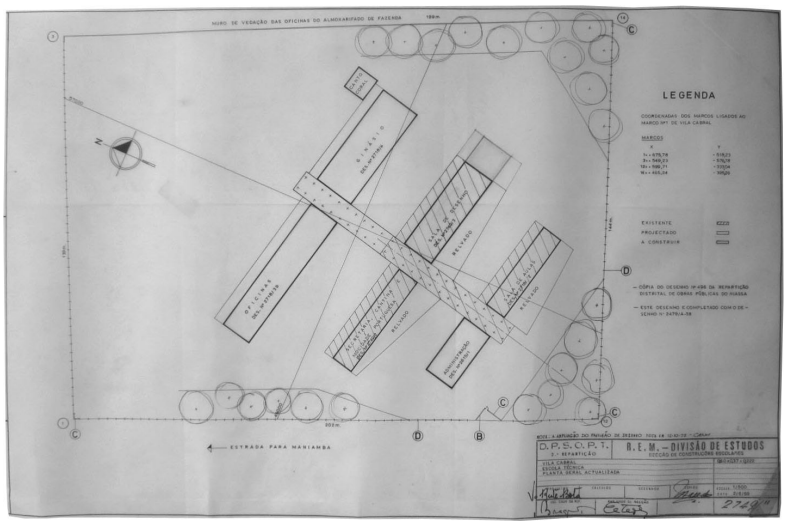
328 13°17'46.66"S, 35°14'25.55"E.

329 MOPH, n.° 2749.

330 *BGU*, 1964-05/06: 181.

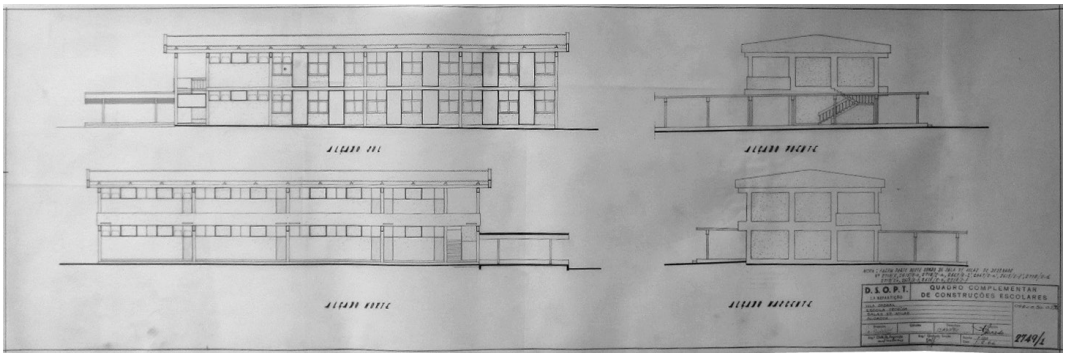
331 *BGU*, 1965-11: 96-98.

332 Carlos Alberto Vieira, [s.d.] *in* Vieira; Lemos; Vieira, 2006: 160; [s.a.], 1965-11-25 *in BGU*, 1965-11: 81.



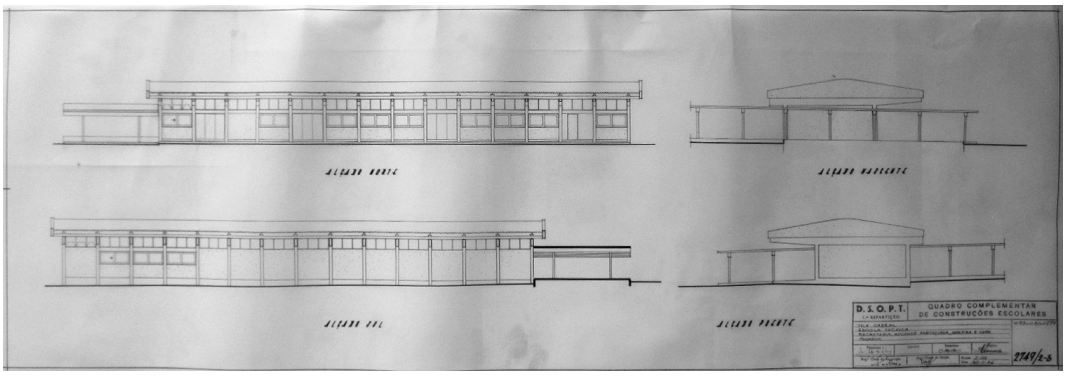
Escola Comandante Augusto Cardoso

Vila Cabral. Escola Técnica. Planta geral atualizada.
Escala 1:500.
2 de Junho de 1969.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2749/'').



Escola Comandante Augusto Cardoso

Vila Cabral. Escola Técnica. Salas de aula. Alçados.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Fevereiro de 1964.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2749/1).



Escola Comandante Augusto Cardoso

Vila Cabral. Escola Técnica. Secretaria, Mocidade Portuguesa, cantina e copa. Alçados.
Escala 1:100.
Projeto, 30 de Janeiro de 1964.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2749/2-b).

por muretes de alvenaria e no desaparecimento dos *brise-soleil*. Como em Porto Amélia estas alterações parecem anunciar uma progressiva modificação da linguagem arquitetónica das escolas técnicas dos SOP.

A escola técnica elementar de Tete tem um número de projeto posterior à de Vila Cabral na relação de processos do arquivo do MOPH.[333] Desta escola apenas temos registo da requisição em 1965 do terreno para a sua futura construção, posteriormente portanto aos limites cronológicos deste trabalho. Da escola técnica elementar de João Belo não temos ainda qualquer informação para além da notícia da sua criação.

No âmbito do referido plano de incentivo do ensino público de 1961 foram igualmente criados os liceus de Nampula - antigo Liceu Almirante Gago Coutinho e atual Escola Secundária de Nampula -, de Quelimane - antigo Liceu João de Azevedo Coutinho e atual Escola Pré Universitária 25 de Setembro - e liceu feminino D. Ana da Costa Portugal, em Lourenço Marques - atual Escola Secundária da Polana. Para o liceu de Nampula foi desenhada pelos SOP, no final de 1962 e início de 1963,[334] uma adaptação do projeto de liceu criado em 1956 por Lucínio Cruz e Eurico Lopes no GUU.[335] Este modelo liceal tinha sido anteriormente concretizado em dois estabelecimentos liceais da antiga província: no antigo Liceu Pêro de Anaia, atual Escola Secundária Pré Universitária Samora Moisés Machel, na Beira - em funcionamento desde o ano letivo 1959-1960[336] e inaugurado por ocasião das comemorações do 33º aniversário da *Revolução Nacional*, em 28 de Maio de 1959;[337] e no antigo Liceu António Enes, atual Escola Secundária Francisco Manyanga, em Lourenço Marques, aberto à frequência em 1962.[338]

333 MOPH, n.º 2800.
334 MOPH, n.º 2710/a.
335 Ferreira, 2006: 152-156.
336 *Notícias*, 1959-02-02: 6.
337 *Notícias*, 1959-05-27: 5; *Notícias*, 1959-05-30: 6.
338 *BGU*, 1962-05: 163.

O liceu de Nampula teve um novo projeto pelos SOP em 1969,[339] no mesmo ano que o congénere de Quelimane.[340] Ambos os projetos foram sintetizados em plantas topográficas nas quais se reproduz a mesma tipologia das escolas técnicas elementares adaptada agora às diferentes topografias dos terrenos e às diversas necessidades programáticas do ensino liceal. Nos projetos destes dois equipamentos foram utilizados os mesmos princípios de implantação, as mesmas estruturas compositivas e as mesmas componentes tipo anteriormente projetadas pelos SOP – galerias, pavilhões, recintos desportivos e muros de vedação. Integram-se assim na mesma família arquitetónica das escolas técnicas elementares, referência frequente na paisagem urbana das antigas capitais de distrito moçambicanas.

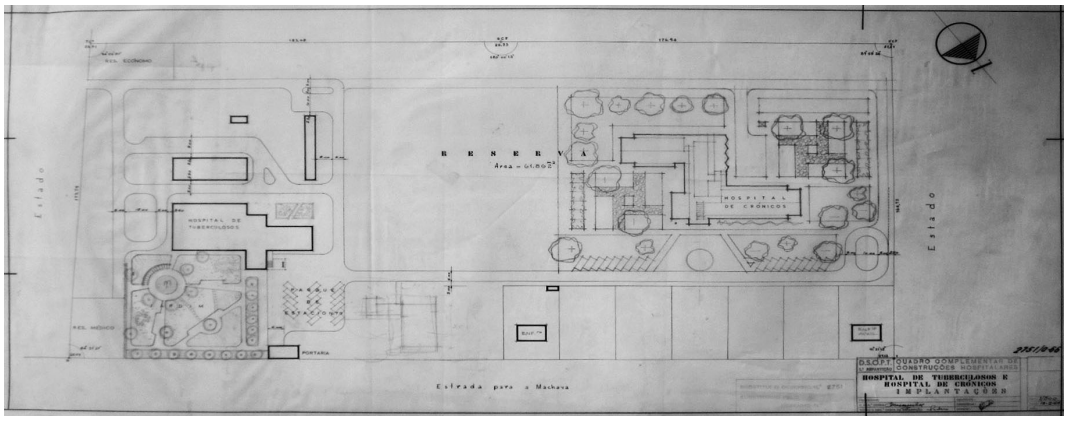
O liceu feminino de Lourenço Marques, por outro lado, foi desenhado no exterior do gabinete técnico oficial por João José Tinoco e José Forjaz em data próxima de 1970. O projeto mantém as mesmas regras de implantação e o mesmo esqueleto compositivo dos anteriores projetos do SOP mas com um sentido unitário e uma nova expressão *brutalista* de todas as componentes. O projeto do liceu feminino foi ainda reproduzido, com uma implantação dos pavilhões quase completamente simétrica em relação ao eixo da galeria central, no edifício da atual Escola Secundária II da Zona Noroeste de Maputo.

O **Hospital de Tuberculosos**,[341] oficialmente designado por Hospital-Sanatório da Machava - um empreendimento do governo-geral da antiga província -,[342] foi financiado pelo Fundo de Algodão de Moçambique e desenhado por João José Tinoco e Alberto Soeiro no exterior dos Serviços de Obras Públicas. A primeira fase do complexo estava em projeto em meados de 1960[343] tendo sido inaugurada pelo governador-geral no dia 12 de Agosto de 1966.[344] Atualmente denominado Hospital Geral da Machava encontra-se aparentemente

339 MOPH, n.º 2710/b.
340 MOPH, n.º 2981.
341 25°54'52.62", 32°31'56.60"E.
342 MOPH, n.º 2751.
343 *BGU*, 1960-06/07: 222-223.
344 *BGU*, 1966-08/09: 380-382.

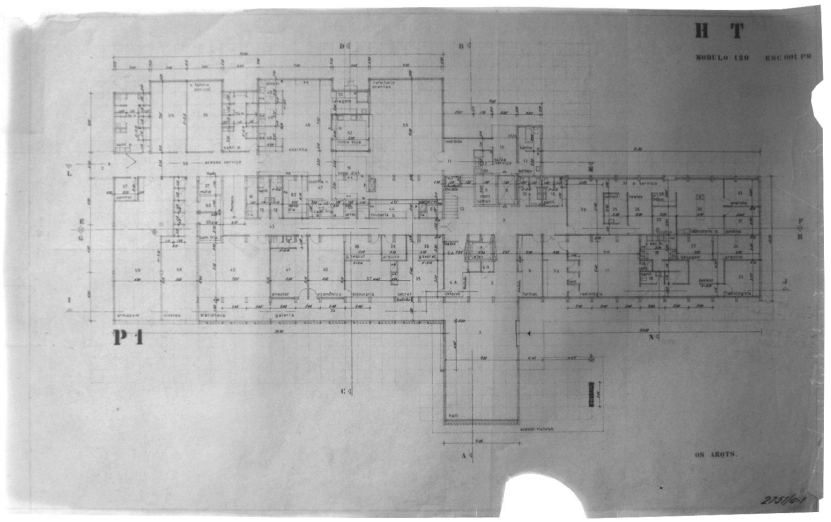
Hospital de Tuberculosos

Hospital de Tuberculosos e Hospital de Crónicos. Implantações.
Escala 1:500.
?, 18 de Fevereiro de 1964.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2751/a-66).



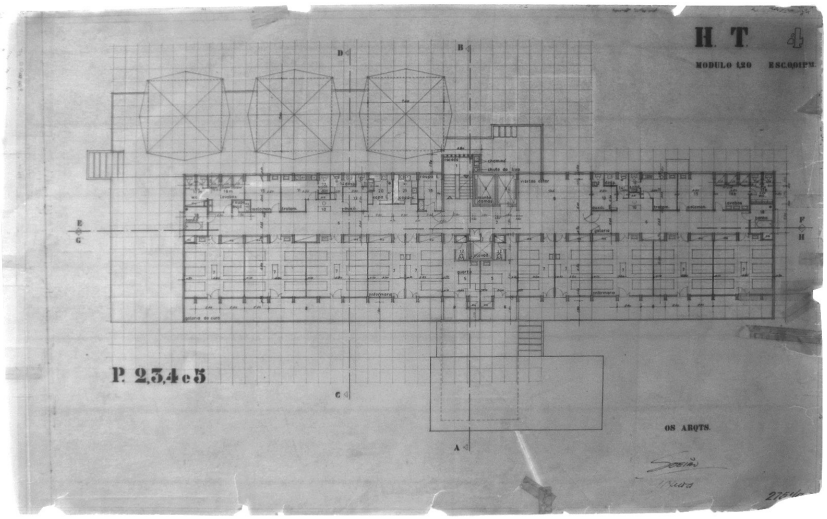
Hospital de Tuberculosos

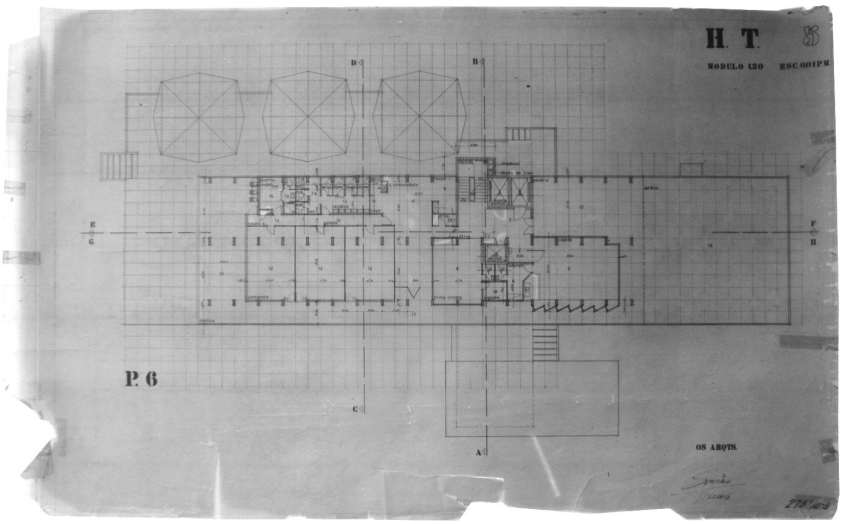
P1.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2751/a-1).



Hospital de Tuberculosos

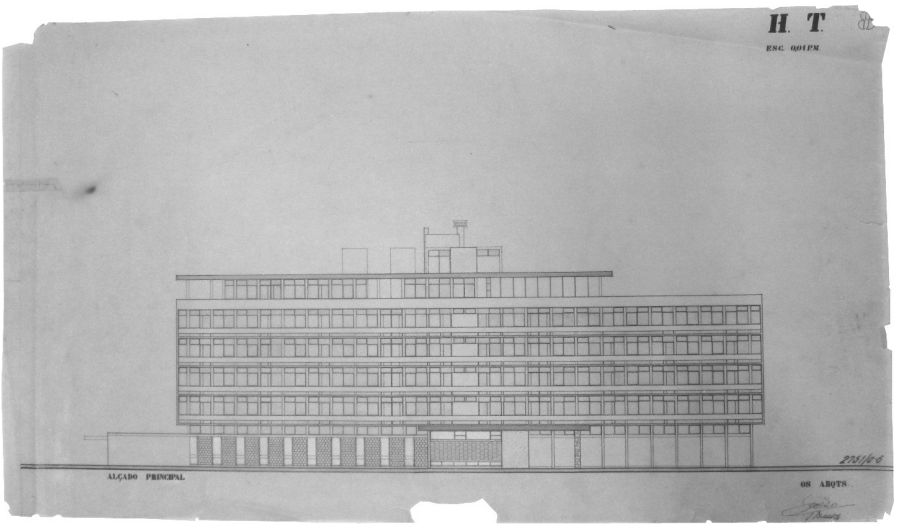
P2, 3, 4 e 5.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2751/a-2).





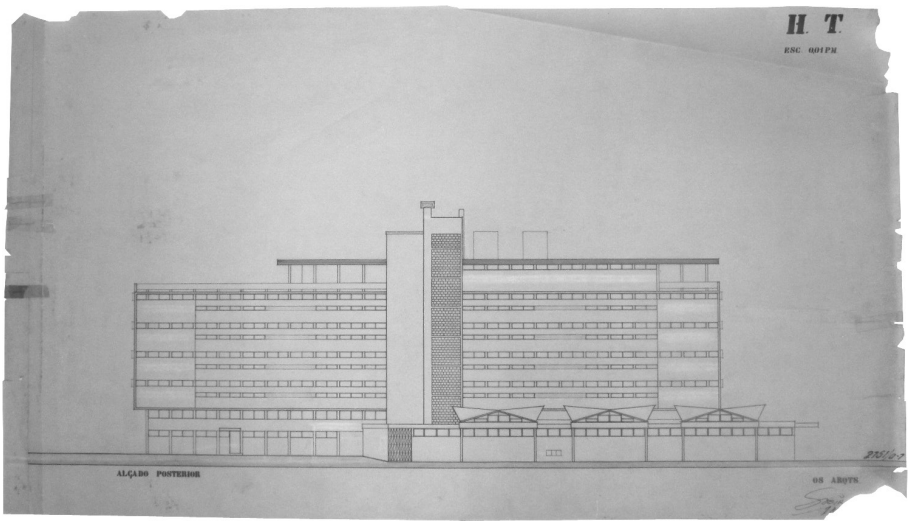
Hospital de Tuberculosos

P6.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2751/a-3).



Hospital de Tuberculosos

Alçado principal.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2751/a-6).

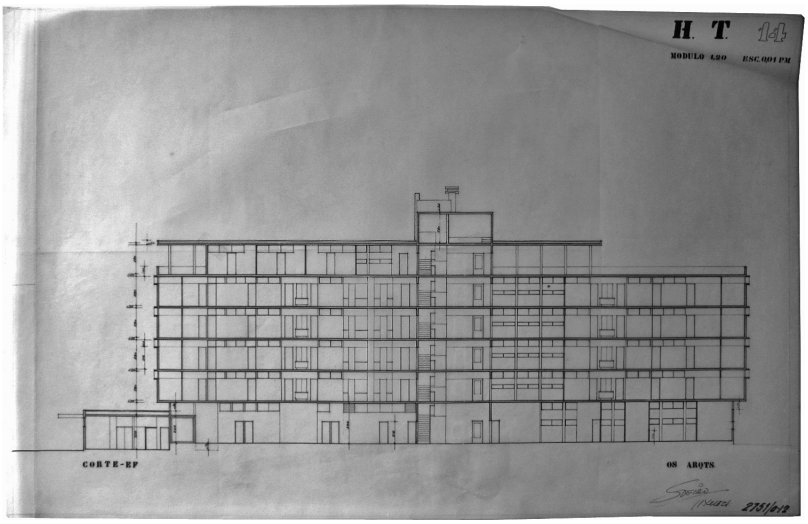


Hospital de Tuberculosos

Alçado posterior.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2751/a-7).

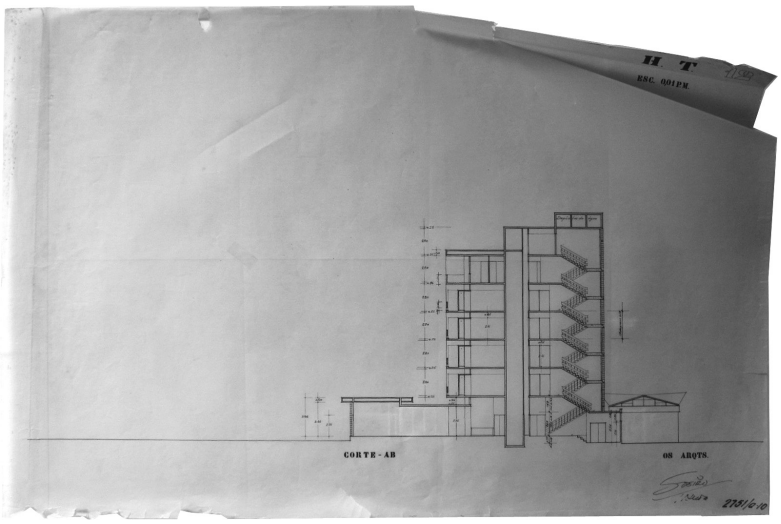
Hospital de Tuberculosos

Corte EF.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2751/a-12).



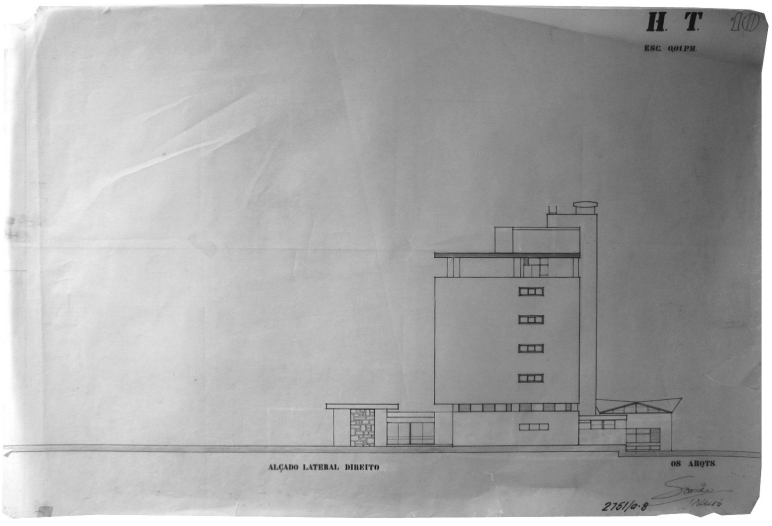
Hospital de Tuberculosos

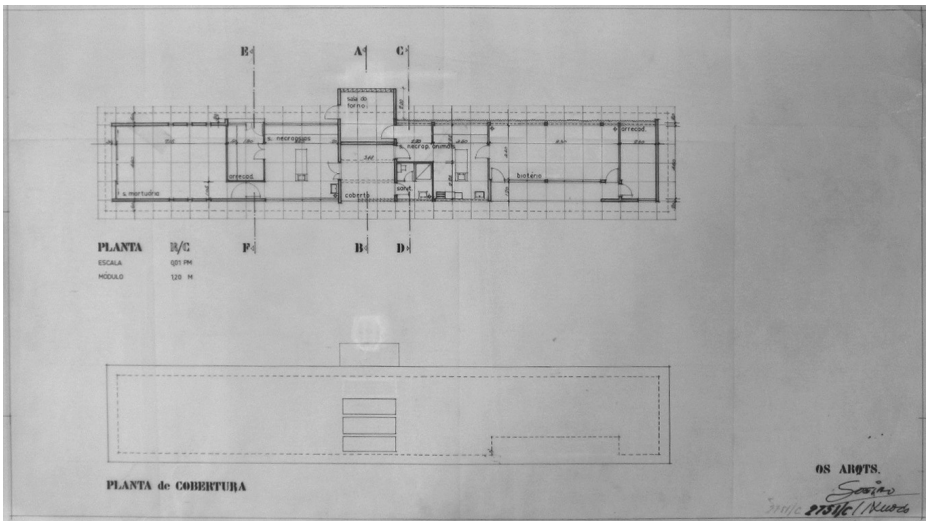
Corte AB.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2751/a-10).



Hospital de Tuberculosos

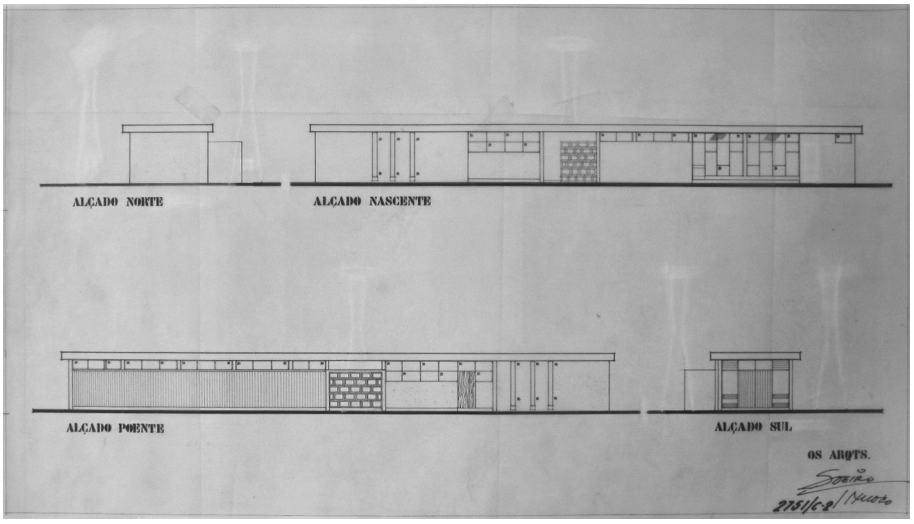
Alçado lateral direito.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2751/a-8).





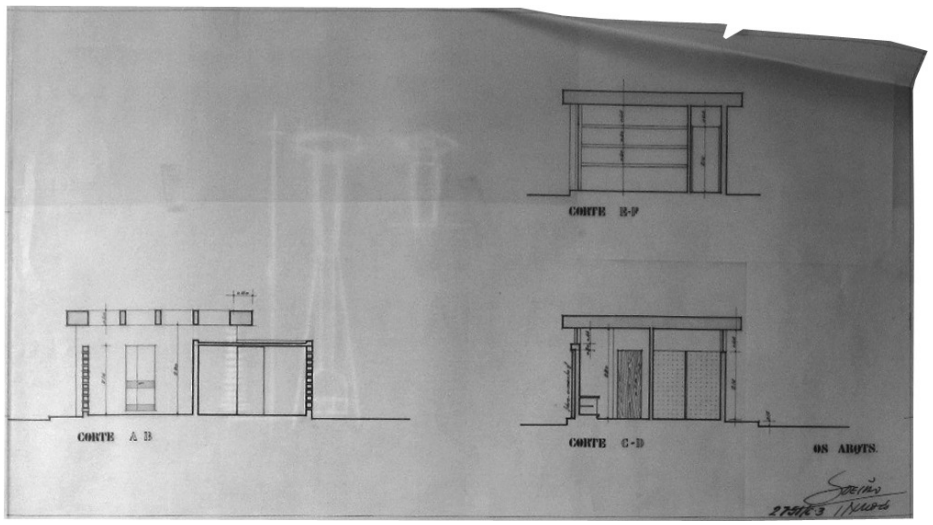
Hospital de Tuberculosos
(Biotério e Sala Mortuária)

Planta rés-do-chão e planta de cobertura.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2751/c).



Hospital de Tuberculosos
(Biotério e Sala Mortuária)

Alçados norte, nascente, poente e sul.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2751/c-2).



Hospital de Tuberculosos
(Biotério e Sala Mortuária)

Cortes AB, CD e EF.
Escala 1:50?.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2751/c-3).

Hospital de Tuberculosos

Esquerda e direita:
Hospital de Tuberculosos - fachada principal.
(EM, 2009).

Hospital de Tuberculosos

Esquerda:
Hospital de Tuberculosos - traseiras com o biotério e sala mortuária em primeiro plano.
(EM, 2009).

Direita:
Hospital de Tuberculosos - traseiras com o refeitório ao fundo.
(EM, 2009).

em bom estado de conservação - apenas as galerias do seu alçado principal foram encerradas com caixilharias de vidro.

O hospital localiza-se na periferia de Lourenço Marques na proximidade do antigo Estádio Salazar, atual Estádio da Machava, no cruzamento da Rua do Jardim, estrada que liga Lourenço Marques à Machava, com uma via perpendicular direcionada a Marracuene. Ocupa o topo sudeste de um terreno retangular com frente para a Rua do Jardim. Para o topo noroeste deste lotel foi projetado o Hospital de Crónicos, edifício não construído do qual se conhece uma planta de implantação assinada por Francisco Assis. O complexo do Hospital de Tuberculosos compunha-se, em projeto, por quatro volumes de diferentes funções e dimensões implantados assimetricamente no terreno: a portaria, uma pequena construção localizada à face da estrada, definia um pórtico de entrada; o hospital, um prisma retangular com seis pisos de altura implantado no centro do terreno paralelamente à estrada, separava o estacionamento e jardim da frente principal de acesso público das traseiras reservadas aos serviços internos do hospital; os serviços industriais, um volume de um piso com lajes de cobertura em várias cotas, dispunha-se paralelamente às traseiras do hospital; e o corpo do biotério e sala mortuária, um extenso prisma retangular com um piso de altura, implantava-se perpendicularmente aos dois anteriores. Este último volume era transversalmente dividido pelo coberto de entrada e pelo volume protuberante do forno, sendo o conjunto unificado pelo plano horizontal da laje de cobertura.

O programa do edifício principal do hospital, com capacidade de internamento para duzentos doentes tuberculosos, distribui-se por espaços interiores compartimentados de acordo com uma métrica de múltiplos e submúltiplos do módulo base de 1,20m:

- No primeiro piso encontram-se o *hall* de entrada, a zona administrativa, a farmácia, a radiologia, os laboratórios, o refeitório de doentes, a cozinha, a serventia de pessoal, um armazém e uma despensa de víveres, entre outros serviços;
- Em cada um dos pisos 2 a 5, que tinham idêntica compartimentação, dispunham-se ao longo da frente nordeste, abrindo por envidraçados para as galerias de cura, dois quartos

individuais, quatro enfermarias de duas camas e seis enfermarias de seis camas; ao longo da frente sudoeste, iluminadas por lanternins e estreitas janelas horizontais, localizavam-se as salas de tratamento, de isolamento, de auxiliares, de visitas, copas, depósitos de roupa e instalações sanitárias;

- No piso 6, colocados do lado noroeste do edifício, encontravam-se uma capela e respetiva sacristia, um solário coberto e um jardim descoberto; do lado sudeste localizava-se o que aparenta ser uma zona reservada a doentes infantis (conclusão retirada da legenda da planta do piso),[345] compreendendo salas da comunidade e de brinquedos, três camaratas e um recreio coberto, para além de outros espaços de apoio. As circulações verticais efetuavam-se pela torre que interseta o edifício no eixo de simetria da sua fachada posterior, enquanto as distribuições horizontais realizam-se ao longo de um corredor assimétrico em relação à seção transversal do volume.

A estrutura de suporte do bloco do hospital foi constituída por pórticos de *pilotis* retangulares independentes das paredes de encerramento e compartimentação, dispostos segundo a mesma matriz modular que regula todo o edifício. Os materiais utilizados na construção foram maioritariamente de produção industrial com pequena diversidade, baixo custo e grande resistência: os vãos exteriores de correr, basculantes, projetantes e fixos foram executados com caixilharias tipo *Jameta* e com perfis de ferro, chapa metálica e vidro; os vãos interiores foram erguidos com caixilhos metálicos com persianas de vidro ou com caixilhos de madeira maciça local, contraplacado, linóleo e vidro; os revestimentos exteriores e interiores foram maioritariamente executados com granolites, rebocos, azulejos, contraplacados folheados e mosaicos asfálticos vitrosos e hidráulicos.

No edifício do Hospital de Tuberculosos aplicaram-se ortodoxamente os axiomas e as formas do Movimento Moderno internacional do segundo pós-guerra, imediatamente revelados na sua expressão formal exterior: um bloco prismático apoiado num esqueleto estrutural de *pilotis*, suspenso em relação à cota do terreno sobre um piso térreo aparentemente vazado

345 MOPH, n.º 2751/a-3.

- ilusão obtida pela expressão autónoma dos pilares, pelo recuo das paredes exteriores e pelo rebaixamento da cota das coberturas dos espaços do rés-do-chão; uma composição de alçados de dominante horizontal - que resulta das galerias contínuas do alçado nordeste e das *fenêtres en longuer* do sudoeste -, num jogo de claro-escuro entre planos opacos, envidraçados ou encerrados por grelhagens de módulos prefabricados de betão; um livre desenho do *toit-terrace* do último piso no qual se sucedem jardins descobertos, solários e recreios cobertos, espaços interiores envidraçados, opacos ou de lâminas verticais oblíquas; um jogo assimétrico de volumes autónomos que se desprendem do corpo principal ou que o intersetam como o corpo da entrada no rés-do-chão da fachada principal - um volume de um piso em "L" com duas palas sobrepostas -, o corpo do refeitório, cozinha e serventia do pessoal - coberto por uma laje horizontal na qual assentam três cúpulas formadas por membranas poligonais de betão -, ou o volume articulado da torre da caixa de escadas, ascensores, depósitos de água e chaminé - corpo que interseta a fachada posterior e a cobertura do edifício no eixo central da sua extensão longitudinal.

A **Dependência de Quelimane do BNU**,[346] terceira mais lucrativa agência em território moçambicano,[347] teve um primeiro projeto, datado de 1956, desenhado pelo agente técnico de engenharia José Figueiredo Correia do Valle (1907-?).[348] A proposta consistia numa construção com cinco pisos em forma de "L" ocupando a totalidade das frentes urbanas para a antiga Avenida Salazar, atual Avenida Samora Machel, e para a antiga Rua Governador Castro e Silva.[349] O edifício afirmava-se exteriormente como um bloco único monumental

346 17°52'50.20"S, 36°53'7.25"E.

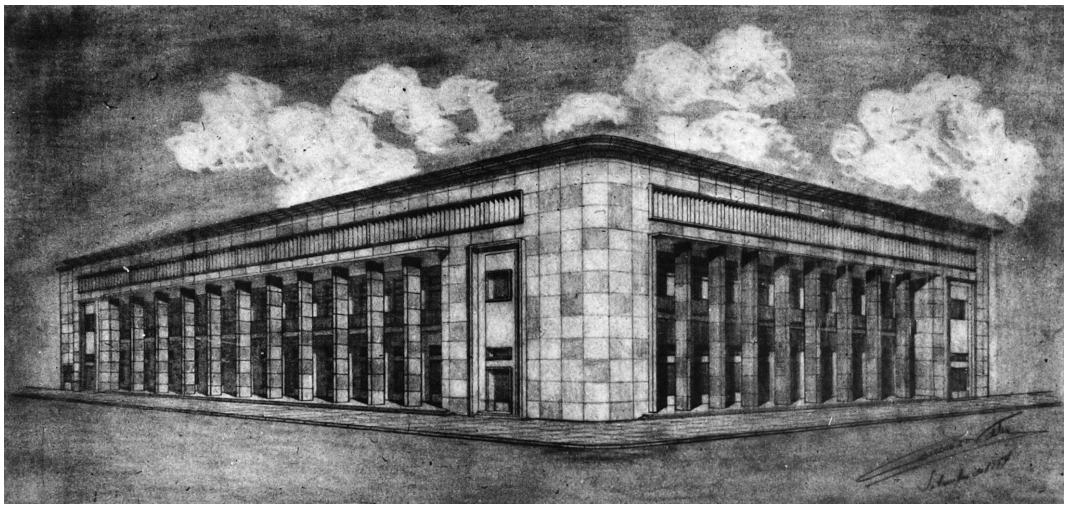
347 "Porque, se quisermos passar um olhar pelo que as estatísticas nos ditam, poderemos avaliar dos lucros arrecadados nesta dependência do banco – terceira, depois de Lourenço Marques e Beira e a uma enormíssima distância de qualquer das outras." Pinto de Oliveira *in Voz da Zambézia*, 4 de Outubro de 1957 (AHCGDFBNU).

348 *DM*, 1954-09-09: 7; *DM*, 1955-09-01: 5.

349 "Trata-se de uma bela edificação destinada à instalação dos seus serviços e moradia do seu gerente, chefe de serviços, inspector e administradores.
(...) O prédio terá, além de uma cave destinada à instalação da *casa forte* do Banco, rés-do-chão para os serviços privativos e para atender o público, primeiro andar para futura expansão dos serviços, segundo andar para residências e terraço para a instalação de dormitórios, casas de banho e cozinhas para indígenas e arrumações." *Notícias*, 1957-02-01: 6.

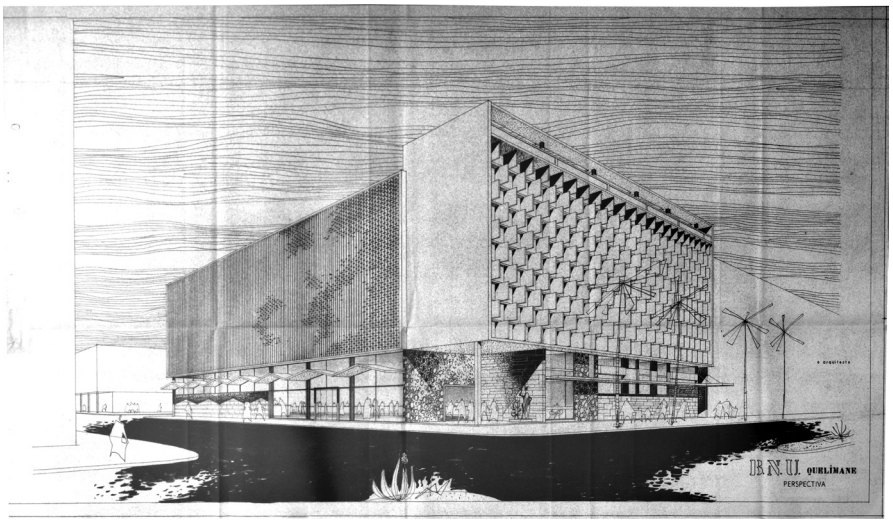
Banco Nacional Ultramarino
(Projeto de Correia do Valle)

Projeto de um edificio destinado à agência do Banco Nacional Ultramarino em Quelimane (capa).
Projeto, 1956.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



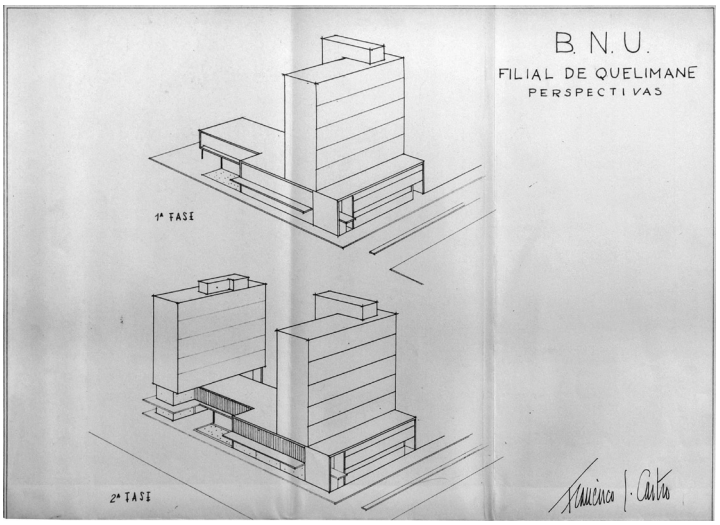
Banco Nacional Ultramarino

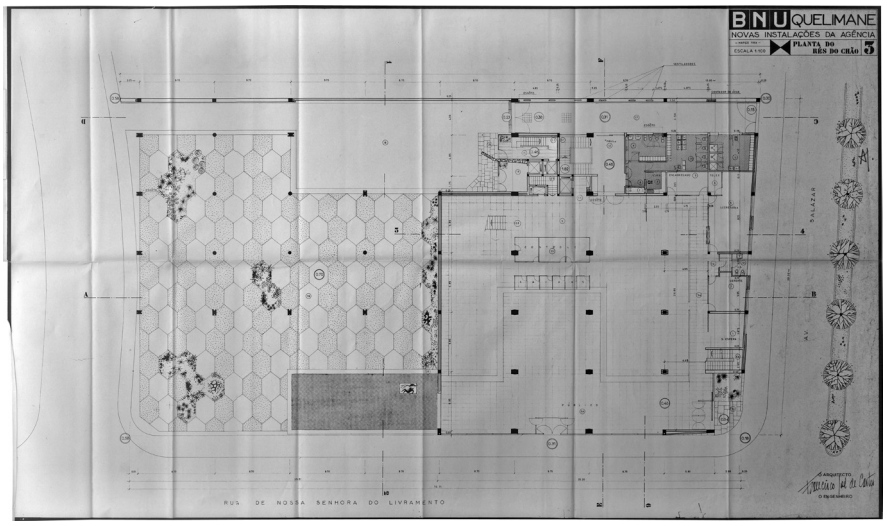
B.N.U. Quelimane. Perspetiva.
Esboceto, 21 de Setembro de 1960.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

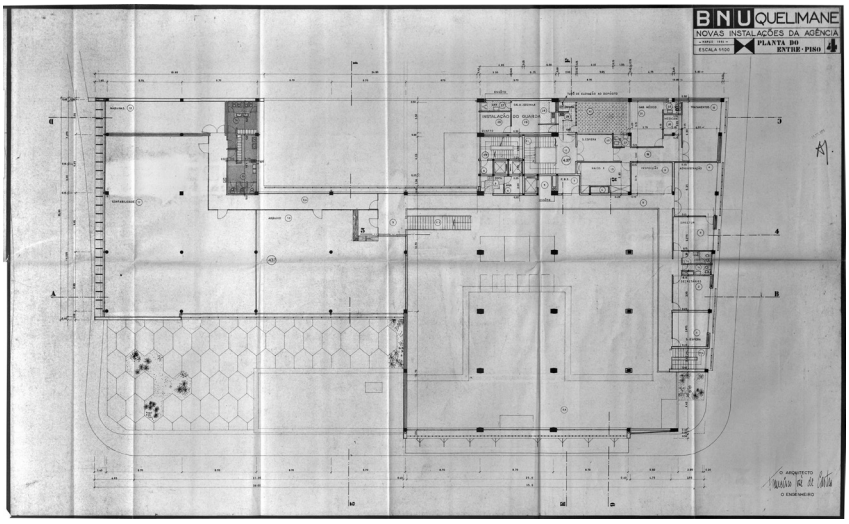
B.N.U. Filial de Quelimane. Perspetivas.
Esboceto, Junho de 1962.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





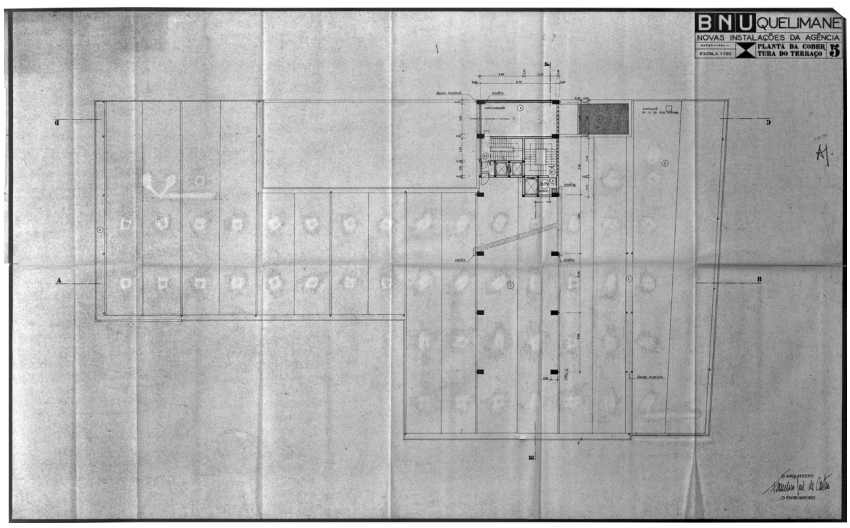
Banco Nacional Ultramarino

BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Planta do rés-do-chão.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Planta do entrepiso.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

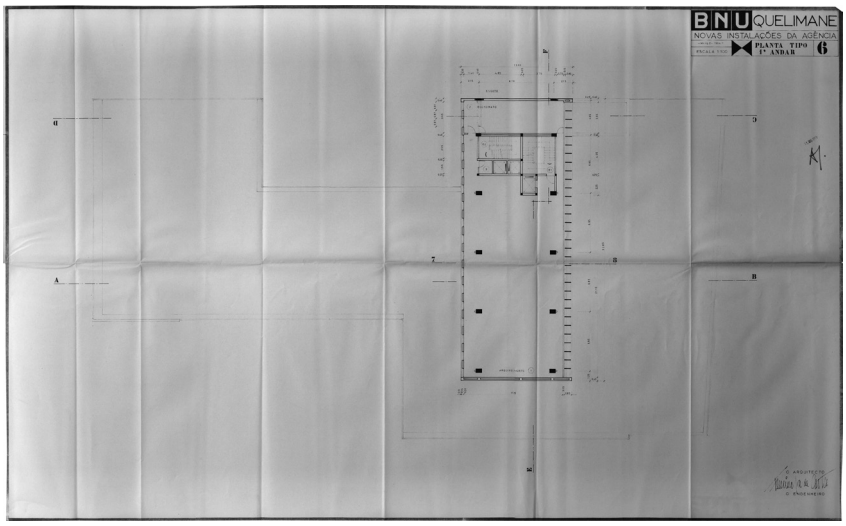


Banco Nacional Ultramarino

BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Planta da cobertura do terraço.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

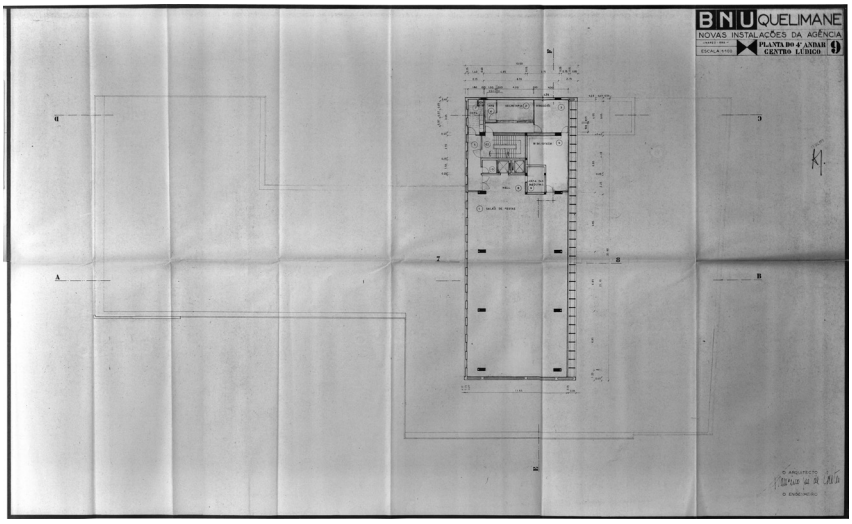
Banco Nacional Ultramarino

BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Planta tipo. 1.º andar.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



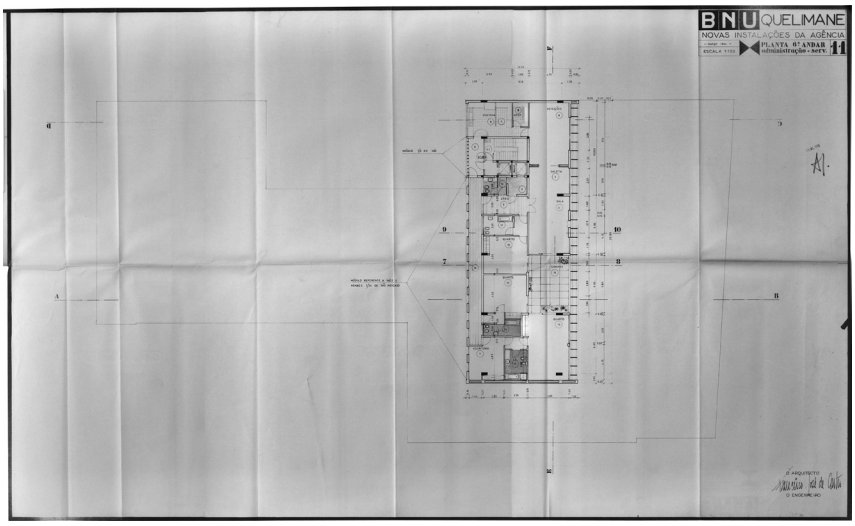
Banco Nacional Ultramarino

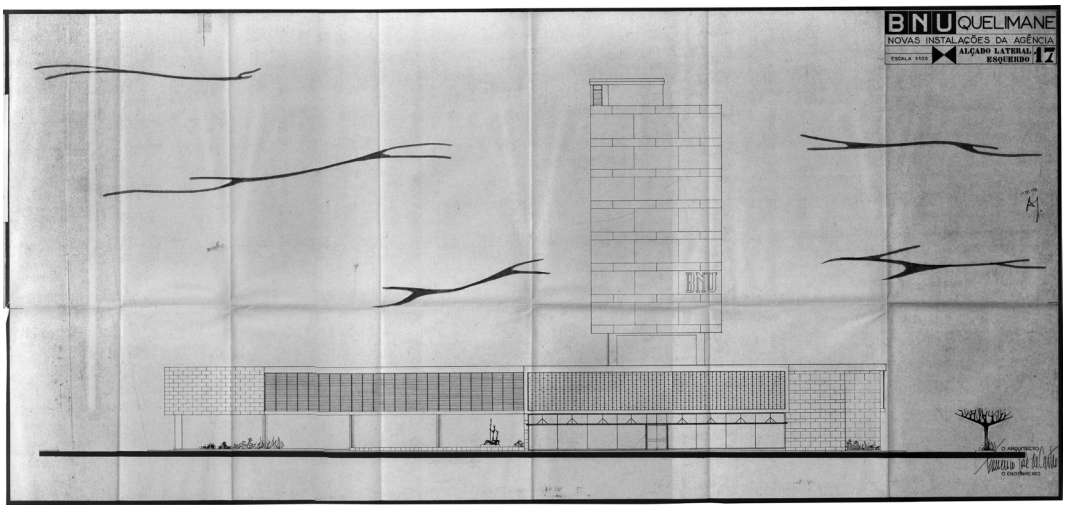
BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Planta do 4.º andar. Centro lúdico.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

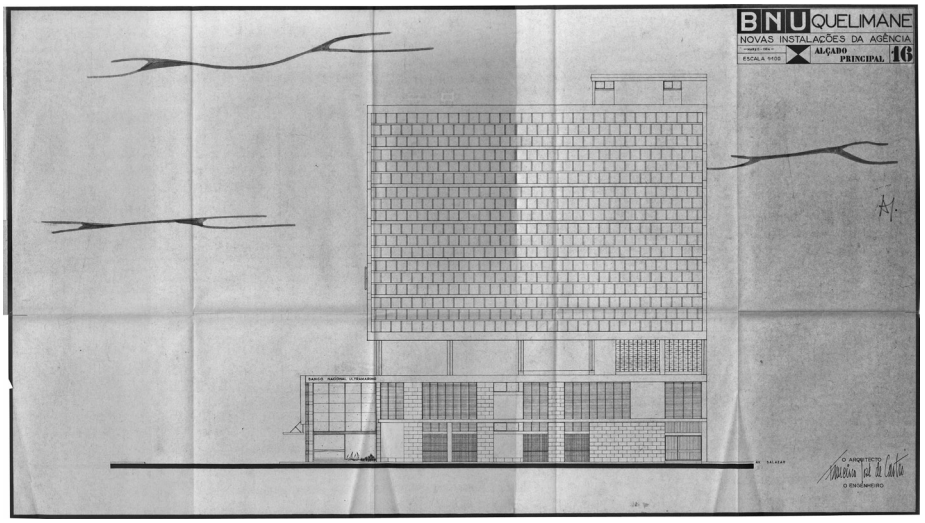
BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Planta do 6.º andar. Administração e serv.iços.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





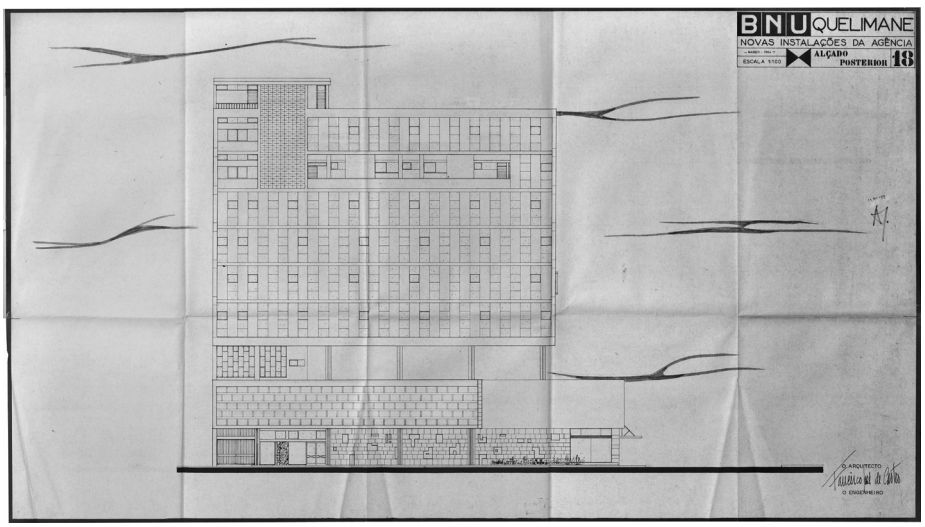
Banco Nacional Ultramarino

BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Alçado lateral esquerdo.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Alçado principal.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

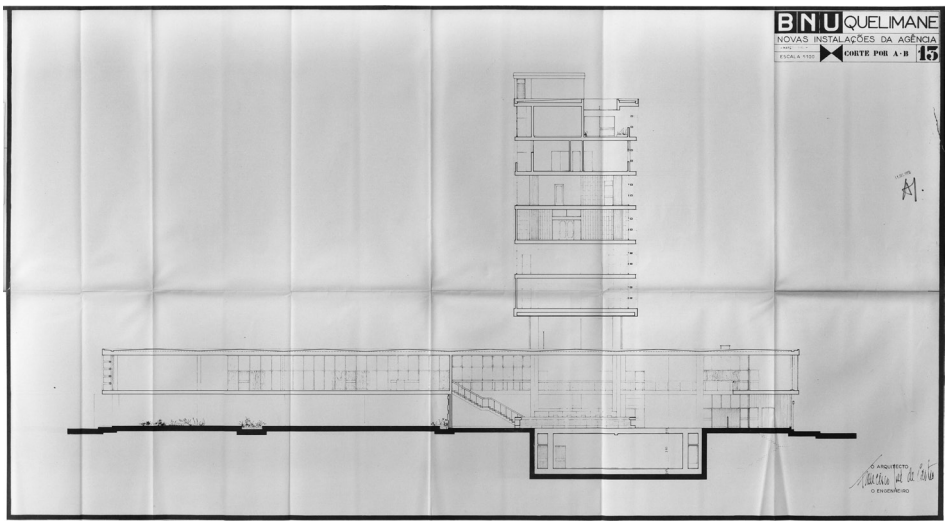


Banco Nacional Ultramarino

BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Alçado posterior.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

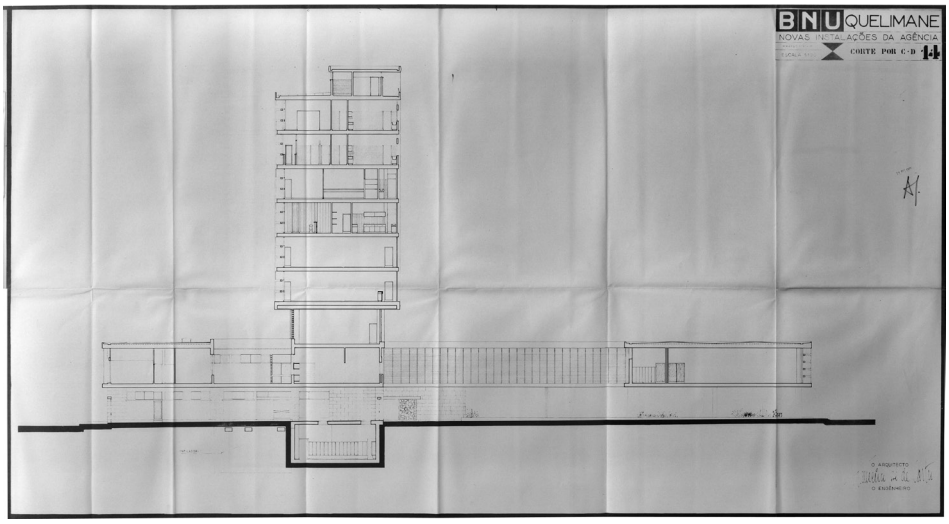
Banco Nacional Ultramarino

BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Corte por A-B.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



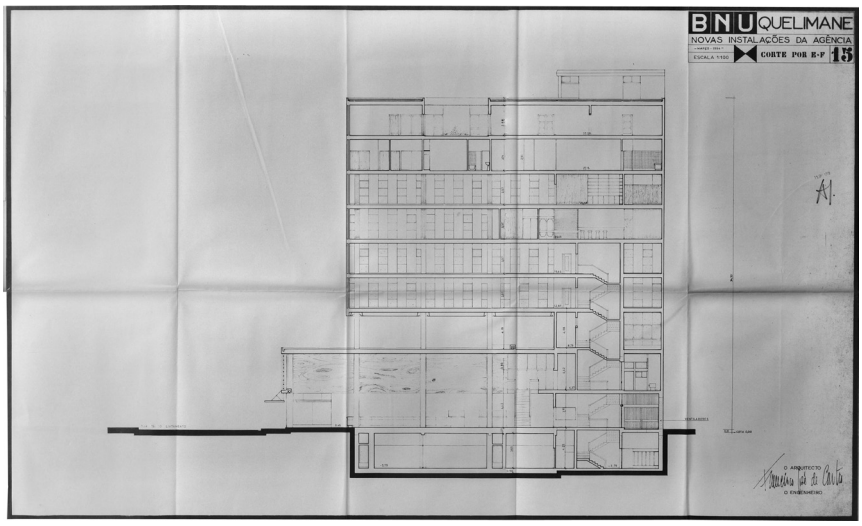
Banco Nacional Ultramarino

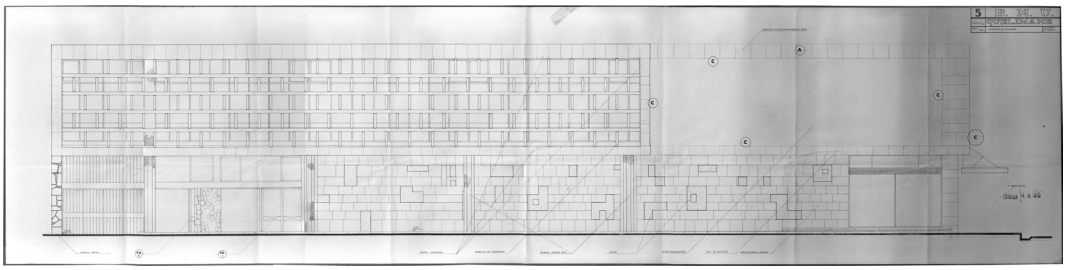
BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Corte por C-D.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

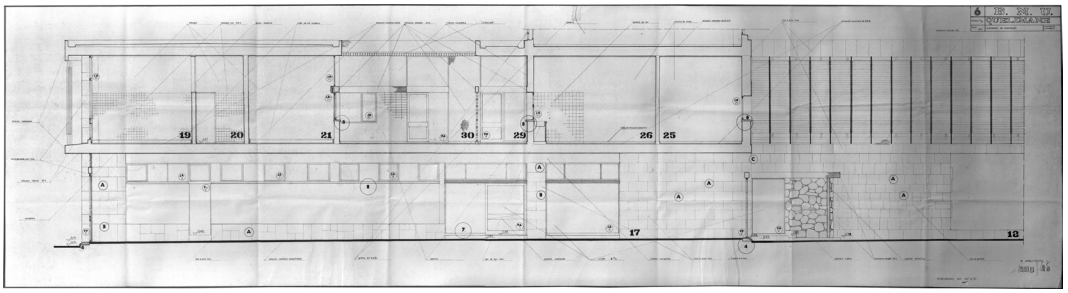
BNU Quelimane. Novas instalações da agência. Corte por E-F.
Projeto, Março de 1964.
Escala 1:100.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





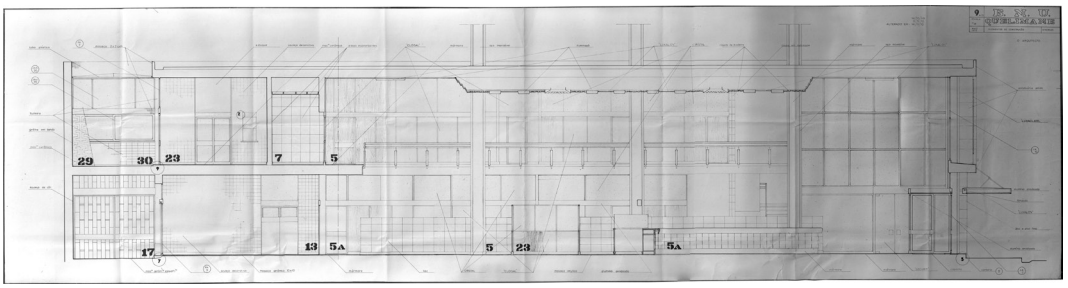
Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Quelimane. Elementos de construção. Cantarias e diversos.
Fiscalização, Maio de 1970.
Escala 1:25.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Quelimane. Elementos de construção. Cantarias e diversos.
Fiscalização, Maio de 1970.
Escala 1:25.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

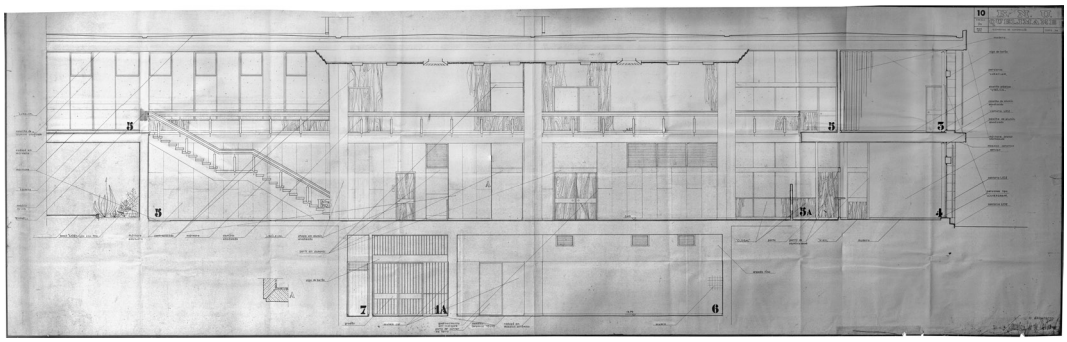


Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Quelimane. Elementos de construção. Diversos.
Fiscalização, Maio de 1970.
Escala 1:25.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

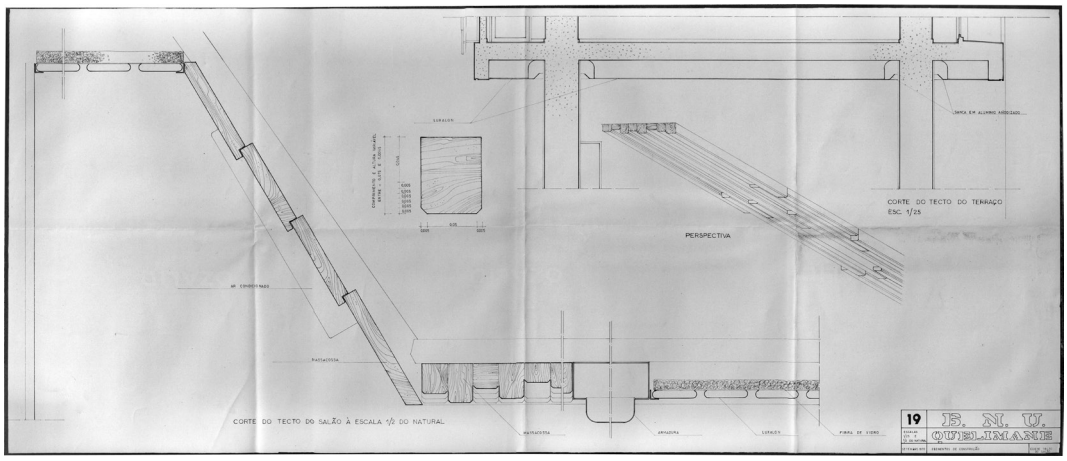
Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Quelimane. Elementos de construção. Corte 3.4.
Fiscalização, Maio de 1970.
Escala 1:25.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



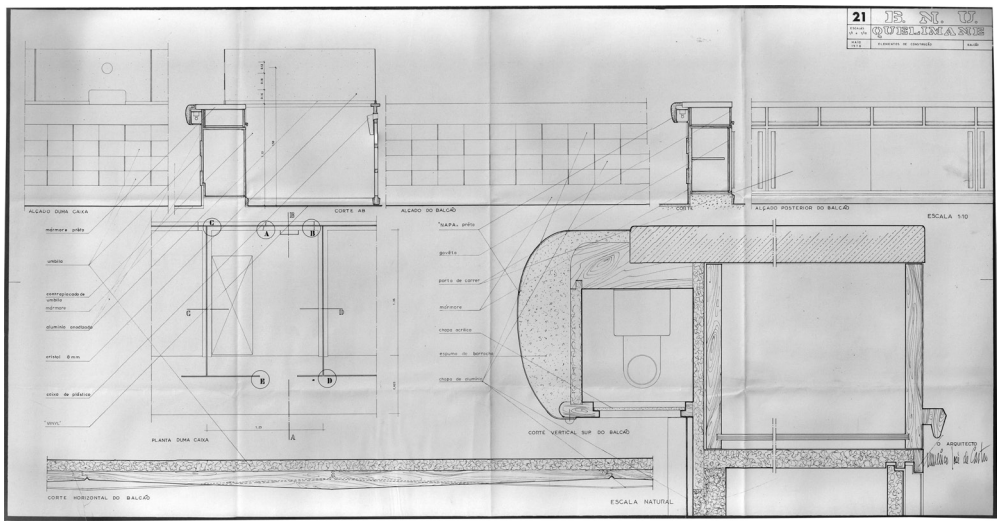
Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Quelimane. Elementos de construção. Corte teto do salão.
Fiscalização, Setembro de 1970.
Escalas 1:25 e 1:2.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Quelimane. Elementos de construção. Balcão.
Fiscalização, Maio de 1970.
Escalas 1:10 e 1:1.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Agência de Quelimane. Inauguração do edifício. Visita às instalações.
[s.a.], 18 de Dezembro de 1972.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Quelimane.
Lusitana Quel., [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
Agência de Quelimane. BNU. Aspetos exteriores do edifício.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Agência de Quelimane. BNU. Aspetos exteriores do edifício.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

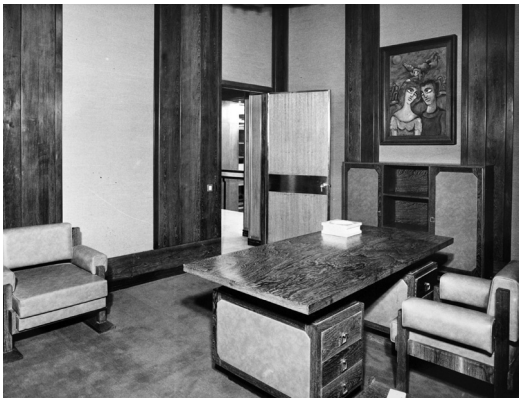
Esquerda:
Rés-do-chão. Agência de Quelimane. BNU. Vista geral da entrada principal.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Rés-do-chão. Agência de Quelimane. BNU. Controlo de assinaturas.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Rés-do-chão. Agência de Quelimane. BNU. Expediente vendo-se na parte superior a tapeçaria de Arraiolos executada em Quelimane por Tapeçarias PET, segundo cartão de João Aires.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Entrepiso. Agência de Quelimane. BNU. Gabinete do diretor.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício (entrepiso). Contabilidade e controlo c/c.
Lusitana Quel., [s.d.].
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU)

Direita:
Associação dos Empregados. Agência de Quelimane. BNU. 3.º e 4.º andares. Salão de festas vendo-se ao fundo um painel a óleo de João Paulo.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

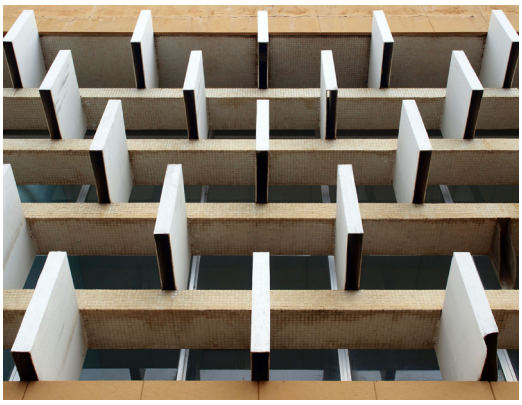
Esquerda:
Vista do corpo da torre desde o Hotel Chuabo.
(EM, 2009).

Direita:
Vista com o Hotel Chuabo em primeiro plano.
(EM, 2009).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Fachada posterior.
(EM, 2009).

Direita:
Zona aberta do piso térreo.
(EM, 2010 | EWV).



Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Fachada posterior - *brise-soleil*.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Zona aberta do piso térreo - parede nordeste.
(EM, 2010 | EWV).

com pilastras de ordem gigante enquadradas por cunhais, entablamentos e cornijas salientes - sugerindo um sistema construtivo em pedra que ocultava a verdadeira estrutura de betão. Tal como no projeto de Correia do Valle para a antiga dependência do BNU na Beira, edifício inaugurado em 1954, a linguagem desta proposta teve origem no neoclassicismo estilizado da arquitetura alemã do III Reich amplamente difundida em Portugal na década de 40. A abertura de propostas do concurso público para a arrematação da empreitada de *Construção de um Edifício destinado à Agência do Banco Nacional Ultramarino em Quelimane* foi anunciada para 31 de Outubro de 1956;[350] a notícia da desistência da edificação foi publicada em Setembro do ano seguinte.[351] A decisão de retomar o processo de construção de um novo edifício e de encomendar um novo projeto ao arquiteto Francisco José de Castro foi tomada pela administração do BNU em Março de 1960.[352]

A dependência do BNU efetivamente construída foi projetada por Francisco José de Castro nos seus escritórios da Beira e de Lisboa. Foram realizados diversos estudos: um primeiro esboceto em 1960, novos esbocetos e um anteprojeto em 1962, projeto em 1964 e mais elementos de pormenorização construtiva ao longo de 1970. O projeto de estabilidade foi

350 *Notícias*, 1956-09-02: 18.

351 "No seu número 55 de 24-8-57, fazia-se o nosso jornal eco de um boato posto a circular com insistência, de que o Banco Nacional Ultramarino (...) havia desistido da construção, em Quelimane, do novo edifício onde ficaria instalada a sua dependência nesta cidade.
(...) Afinal a ruim atoarda veio a confirmar-se, de modo a não poderem restar dúvidas a quem quer que seja sobre as intenções da administração daquele estabelecimento. Foi posta de parte a ideia de construção de novo edifício e bem assim de algumas residências para funcionários, conforme o B.N.U. havia profusamente feito anunciar na imprensa de toda a Província, há cerca de um ano. Aos construtores que haviam concorrido à empreitada das obras foram já devolvidos os respectivos depósitos (...)." Pinto de Oliveira *in Voz da Zambézia*, 4 de Outubro de 1957 (AHCGDFBNU).

352 "Tomámos a resolução de construir um novo edifício no terreno pertencente à Casa Furstenau.
(...) Parece-nos aconselhável que o arquiteto visite o local e se inteire dos condicionamentos municipais.
Também o arquiteto em colaboração com V. Exas. deverá estabelecer o programa escrito das necessidades da respectiva dependência.
(...) Uma vez que essa Direcção dos Serviços e o arquiteto autor do projecto estejam de posse ou seguros desses elementos achamos conveniente que o mesmo arquiteto elabore um esboceto geral, o qual terá como principal finalidade o podermos avaliar a vossa proposta em termos gerais.
Interessa-nos especialmente saber o destino que havemos de dar a uma eventual zona de terreno que seja excessiva para o banco. Em qualquer caso temos sempre a ideia de que o banco deverá prever em relação ao número de funcionários atuais uma ampla expansão.
(...) Solicitamos que desde já, estabeleçam o necessário contato com o Sr. Arq. Francisco de Castro a fim de o incumbir deste trabalho."
D. Luiz Pereira Coutinho (O Administrador do BNU) *in À Exma. Direcção dos Serviços do Banco em Moçambique – Lourenço Marques: Novo Edifício do Banco em Quelimane*. Lisboa, 26 de Março de 1960 (AHCGDFBNU).

calculado pelo engenheiro João Menezes Caiado Cabral e o de instalações elétricas pela empresa Moura, Sucrs., Lda.[353] Para o estudo da aplicação de ar condicionado Francisco José de Castro propôs a firma Nunes Correia de Lisboa. A assistência técnica à obra ficou a cargo do arquiteto Mário Couto Jorge e do engenheiro José Cadaval Fragoso de Sousa.[354] A colocação da primeira pedra do novo edifício foi efetuada pelo governador do BNU, Francisco Vieira Machado, em 11 de Agosto de 1964. A empreitada geral da obra foi adjudicada em Julho de 1966 à Sofil, Sociedade de Fomento Imperial, SARL,[355] que por sua vez subempreitou a construção das fundações à firma Construções Técnicas, Lda.[356] Os trabalhos preliminares foram iniciados em Janeiro de 1967 e a obra foi suspensa em Agosto de 1968 - quando estavam apenas construídas as fundações e a cave -, em virtude da cessação de atividades da Sofil.[357] As obras recomeçaram em 3 de Fevereiro de 1969 após terem sido revistos os cálculos das fundações, tendo a responsabilidade pela empreitada sido transferida para a EME, Empresa Moçambicana de Empreitadas, SARL.[358] O edifício, com uma área coberta fechada de cerca de 5 700m^2,[359] foi inaugurado em 18 de Dezembro de 1972. Em Junho de 2010 albergava as instalações de duas instituições, o Banco de Moçambique e um departamento do Governo Provincial da Zambézia, tendo para tal sofrido a separação de parte do entrepiso e a subdivisão do grande *hall* de atendimento público. Necessitava, nesse ano, de obras de manutenção no exterior que estavam previstas para breve.

Situada nas traseiras da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, em frente ao Rio dos Bons Sinais, a antiga dependência do BNU ocupa um talhão com a área de 2 750m^2 com frentes para a antiga Avenida Oliveira Salazar, atual Avenida Samora Machel, a sudoeste,

353 [s.a.] *in Programa do edifício de Quelimane.* [s.l.], [posterior a.30/10/1972] (AHCGDFBNU).

354 Francisco José de Castro *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Rua do Comércio, 84 – Lisboa.* Lisboa, 18 de Agosto de 1964 (AHCGDFBNU).

355 [s.a.] *in Programa do edifício de Quelimane.* [s.l.], [posterior a.30/10/1972] (AHCGDFBNU).

356 *Notícias*, 18 de Janeiro de 1967 (AHCGDFBNU).

357 João de Chaby (Serviço de Obras, Conservação e Património da Diretoria em Moçambique do BNU) *in Ultranacio Lisboa para Excelentíssimo Senhor Vice-Governador*. Lourenço Marques, 15 de Outubro de 1968 (AHCGDFBNU).

358 João de Chaby (Serviço de Obras, Conservação e Património da Diretoria em Moçambique do BNU) *in Ao Governo do B.N.U. – Serviço de Obras, Conservação e Património – Lisboa: Agência de Quelimane – Construção do Novo Edifício.* Lourenço Marques, 22 de Abril de 1969 (AHCGDFBNU).

359 [s.a.] *in Programa do edifício de Quelimane.* [s.l.], [posterior a.30/10/1972] (AHCGDFBNU).

antiga Travessa de Nossa Senhora do Livramento, atual Travessa 1.º de Julho, a noroeste, e uma rua secundária, a nordeste. O primeiro esboceto, que previa grande aumento do número de funcionários do banco, propunha a construção de um edifício com sete pisos e cerca de 12 000m^2 de área total ocupando, com exceção da cave e do andar superior, a totalidade do terreno disponível. Subjacente à sua volumetria estava a preocupação de ombrear com a escala monumental do vizinho complexo Montegiro, em início de construção à época deste primeiro estudo.[360] Em posteriores versões do projeto mantiveram-se algumas propostas constantes deste esboceto: o revestimento dos *pan de verre* das frentes nordeste e sudoeste do edifício com *brise-soleil* de lâminas alternadas que se projetam perpendicularmente ao plano da fachada e que servem também para captação das correntes de ar dominantes; a assumida diferenciação entre o desenho destes dois alçados e a proteção solar prevista para a frente noroeste do edifício;[361] uma distribuição do programa pelos vários pisos reminiscente da organização funcional da filial do BNU em Lourenço Marques;[362] o dimensionamento da estrutura de suporte pelo menor número de pilares possível e a concentração das comunicações verticais numa única zona, facilitando a criação de pisos

360 "O esboceto da fachada em perspectiva, dá uma ideia aproximada do volume da construção que cremos se imporá no meio que a rodeia apesar do volume da construção do novo edifício destinado à firma Monteiro & Giro." Francisco José de Castro *in Quelimane. Novo edifício (Esboceto): Memória Descritiva*. Beira, 21 de Setembro de 1960 (AHCGDFBNU).

361 "Como o eixo principal do edifício situa-se sensivelmente no sentido E-O, e os ventos predominantes correm no quadrante SE-SO nas fachadas voltadas ao nascente e poente, foram dispostas umas lâminas alternadas de modo a poderem captá-los e defenderem as fachadas, nos dias de chuva, puxada pelos ventos do quadrante sul.
A fachada virada a norte será protegida dos raios solares por uma grelha, composta por elementos de betão, formando um favo." Francisco José de Castro *in Quelimane. Novo edifício (Esboceto): Memória Descritiva*. Beira, 21 de Setembro de 1960 (AHCGDFBNU).

362 "Programa – Construção de um edifício constando de cave, r/c, sobreloja e quatro andares, dispondo-se os diversos serviços pelos seguintes pavimentos:
Cave – Casas fortes, tanto do B.N.U. como do Estado e cofres particulares.
R/chão - Zona do público, seção de letras, correspondência, expediente, 6 caixas etc.
Gabinete para o Gerente, Sub-Gerente, secretário, sala de espera, sanitário, vestiários para homens, senhoras e serventes indígenas.
S/loja – Administração e Direção do B.N.U.
Serviços médicos.
1° Andar – Contabilidade, respetivos arquivos e sanitários.
2° Andar – Arquivos vivo e morto.
3° Andar – Futuro aumento.
4° Andar – Habitações para o Gerente, Administração, dois flats e instalações para os indígenas." Francisco José de Castro *in Quelimane. Novo edifício (Esboceto): Memória Descritiva*. Beira, 21 de Setembro de 1960 (AHCGDFBNU).

abertos em *plan libre* e possibilitando múltiplas compartimentações interiores;[363] a abertura nos pisos inferiores de um grande *hall* de atendimento público com pé-direito duplo, para o qual abre um *mezzanine* que distribui para os gabinetes da administração e dos serviços médicos; e a marcação da entrada pela Avenida Oliveira Salazar através da escavação do cunhal poente do piso térreo.

A excessiva superfície e o custo de construção previstos estiveram na base do pedido de revisão do primeiro esboceto e da apresentação de um novo na escala 1:500.[364] No final de Junho de 1962 Francisco de Castro propõe uma nova composição volumétrica que está na base do projeto final do edifício. Com uma redução substancial da área a edificar e uma nova organização funcional do espaço interno prevê-se o faseamento do empreendimento em duas etapas:[365] na primeira fase é prevista a edificação de um embasamento ocupando parcialmente o terreno disponível e contendo na cave, rés-do-chão e entrepiso os serviços mais diretamente relacionados com a agência bancária. Na frente sudoeste deste embasamento pousa uma torre contendo arquivos nos três primeiros pisos e habitações para funcionários nos dois restantes; na segunda fase, que não foi construída, propunha-se a edificação de uma segunda torre na frente nordeste paralela à primeira e com a mesma altimetria. Pela sua autonomia funcional esta segunda torre deveria constituir um prédio de rendimento com

363 "Procurámos um módulo de estrutura, com o menor número de pontos de apoio, de modo a facilitar a implantação pelos diversos pisos, as dependências requeridas para cada serviço.
(...) Foi nossa preocupação além da escolha de um módulo conveniente a concentração das comunicações verticais num só bloco e de tal maneira situado que tanto servisse as instalações do banco como as habitações do 4° andar." Francisco José de Castro *in Quelimane. Novo edifício (Esboceto): Memória Descritiva*. Beira, 21 de Setembro de 1960 (AHCGDFBNU).

364 "Ficou combinado com o Sr. Arq. Castro rever o projeto de Quelimane e apresentar em breve um esboceto novo, nas seguintes condições:
- Rever o projeto para um custo reduzido, sem prejuízo de futuras expansões;
- Prever a dependência, nesta fase, com um mínimo de funcionários, duplo do existente (junta-se lista do pessoal existente) ou seja cerca de 150 funcionários;
- Estabelecer independência completa entre o banco, possíveis habitações e prováveis escritórios." *Reunião de 6 de Junho entre Sr. Arq. Francisco de Castro e Sr. Arq. Alzina de Menezes: Dependência de Quelimane – Novo Edifício*. Lisboa, 6 de Junho de 1962 (AHCGDFBNU).

365 "O Sr. Arquitecto Francisco de Castro elaborou aqui um novo esquema para o edifício de Quelimane, o qual prevê uma grande redução no seu custo. (...) Escolheu-se uma solução que não ocupando desde já todo o terreno de uma forma compacta, apresenta um arranjo agradável com uma substancial redução do custo." D. Luiz Pereira Coutinho (O Administrador do BNU) *in À Directoria dos Serviços do Banco em Moçambique: Construção do Novo Edifício para a Filial de Quelimane*. Lisboa, 27 de Junho de 1962 (AHCGDFBNU).

estabelecimentos comerciais nos dois primeiros pisos e apartamentos nos cinco restantes.

Este segundo esboceto vai ser desenvolvido num anteprojeto na escala 1:200, datado do final de Julho de 1962 e aprovado pela Câmara Municipal de Quelimane em Setembro do mesmo ano[366] e efusivamente celebrado pela imprensa local.[367] Este anteprojeto consolida, com algumas alterações, a composição volumétrica e a organização funcional do esboceto anterior:[368]

- A segunda torre desaparece, deixando a sua marca no contorno da zona nordeste do embasamento que, suportado por *pilotis* cilíndricos, cobre uma praça no rés-do-chão - uma reserva espacial para futuras ampliações da agência;
- A torre sudoeste, agora com quatro pisos de arquivos e dois de habitações, vê reforçada a separação programática e autonomia formal em relação ao embasamento pelo intercalar entre ambos de um piso aberto pontuado pelos *pilotis* e pelo volume encerrado e integrado nos limites da torre com as comunicações verticais.

366 Joaquim de Santana Afonso (O Vogal mais velho servindo de Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Quelimane) *in Ao Exmo. Sr. Gerente do B.N.U. – Quelimane: Ante-Projecto do edificio da Delegação de Quelimane*. Quelimane, 24 de Setembro de 1962 (AHCGDFBNU).

367 "A boa nova reveste-se de redobrado interesse e é tanto mais de aplaudir quanto é certo que o B.N.U. fez questão de levar a cabo uma construção de impressionante grandiosidade, que muito virá beneficiar a capital zambeziana. Nada menos de nove pisos constituirão o novo prédio que ficará situado precisamente no centro da cidade, ao lado do vasto conjunto da firma Monteiro & Giro e no talhão antigamente ocupado pela Casa Furstenau.
Como é do conhecimento público, o anteprojecto do prédio foi já entregue, com toda a solenidade, na Câmara Municipal, esperando-se para breve a apresentação do projecto definitivo e o início dos trabalhos." [*Voz da*] *Zambézia*, 7 de Setembro de 1962 (AHCGDFBNU).

368 "Procurámos uma solução em planta que permitisse um aumento de área destinada à zona de trabalhos, quando se tornasse necessário e em volume, que pudesse resultar tanto ou quanto equilibrada com o edifício fronteiro da firma Monteiro e Giro.
Fomos portanto para uma solução em pilares em parte da construção, permitindo assim uma futura ocupação no caso de se verificar a necessidade de aumento, não só da zona destinada ao público como ao expediente.
Em elevação, estudámos uma solução em bloco, como que implantado sobre outro edifício, isolando-o do resto da construção. Obtivemos assim uma imponência no conjunto que não obteríamos se o distribuísse por toda a área disponível, do que resultaria uma desproporção, não só em relação à área ocupada como em relação ao edifício fronteiro.
Igualmente permitia-nos separar nitidamente as zonas de menor movimento ou sejam os arquivos, a zona de habitação, do banco propriamente dito, além de que se iria obter melhores condições de habitabilidade.
Uma vez encontrado o partido em planta, distribuímos por vários pisos, os diversos serviços que compõem a delegação, a saber:
- Zona da casa forte e instalações para o pessoal menor e ar condicionado além de um armazém na cave.
- Zona de trabalho, público, gerência e instalações para o pessoal tanto masculino como feminino, no rés-do-chão.
- Contabilidade e anexos, instalações para a administração, posto médico e instalações para o guarda no entrepiso.
- Arquivos – 1°, 2°, 3° e 4° andares.
- Habitações – 5° e 6° andares." Francisco José de Castro *in Memória Descritiva e Justificativa do Anteprojecto do novo edifício destinado à Filial do Banco Nacional Ultramarino em Quelimane*. Beira, 30 de Julho de 1962 (AHCGDFBNU).

O projeto na escala 1:100, que data de Março de 1964, foi aprovado nos serviços camarários em 7 de Maio seguinte[369] e completado com os elementos em falta para lançamento do concurso de construção em Outubro do mesmo ano.[370] As alterações mais significativas que presenta referem-se ao desenho de alguns espaços interiores - como as salas do público e de contabilidade -, à criação de um volume técnico na cobertura da torre - com lavadouro, instalações dos criados e casa das máquinas - e, principalmente, à alteração das funções dos dois pisos intermédios da torre - inicialmente destinados a arquivos e que agora constituem o centro lúdico da Associação dos Empregados. Este centro compreende salas de jogos, salão de festas, bar, cozinha, biblioteca, gabinete da direção e secretaria. A distribuição funcional do edifício da dependência de Quelimane reproduz assim, ao longo dos vários pisos do conjunto, a estruturação programática da filial de Lourenço Marques. Como ela constitui um involuntário modelo de condensador social.

O esqueleto estrutural do edifício é independente das paredes de encerramento e de compartimentação que foram erguidas com blocos de cimento. A estrutura é composta por pórticos de pilares retangulares e cilíndricos de betão que, na zona central do edifício, medem 8,70m x 6,85m entre eixos longitudinais e transversais - uma modulação dimensionada de forma a flexibilizar a compartimentação do espaço interior. Os materiais utilizados na construção refletem as especiais exigências de qualidade construtiva e representatividade institucional do edifício: os vãos exteriores foram maioritariamente encerrados com caixilharias metálicas de alumínio anodizado e ferro pintado com tinta isolante dos raios solares, sendo a zona central dos espaços de público, expediente e contabilidade, iluminada com claraboias cobertas por calotes plásticas tipo *Perspex*; nos vãos interiores e no mobiliário fixo associaram-se perfis de alumínio anodizado e ferro com chapas de alumínio anodizado, tábuas de madeira maciça, contraplacado, *Formica*, mármore, napa, plástico e vidro;

369 Danilo Costa (O Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Quelimane) *in Ao Exmo. Sr. Gerente da Delegação do B.N.U. – Quelimane: Implantação do edifício do B.N.U.* Quelimane, 3 de Abril de 1965 (AHCGDFBNU).

370 João de Chaby (Serviço de Obras da Diretoria em Moçambique do BNU) *in À Directoria em Moçambique – Lourenço Marques: Agência de Quelimane – Novo Edifício*. Lourenço Marques, 10 de Novembro de 1964 (AHCGDFBNU).

e no revestimento de pavimentos, paredes e tetos exteriores e interiores foram utilizados produtos de fabrico industrial e materiais de extração natural, importados da metrópole ou de origem local, com uma grande diversidade de expressões construtivas - predominam mosaicos hidráulicos, mosaicos cerâmicos *Cerabati*, mosaicos de vidro *Evinel*, tijoleiras vidradas, alcatifas plástica e de lã, granolite, azulejos, chapas de alumínio anodizado, estuques, aglomerados de cortiça, granitos, mármores Ruivina e Trigacho, calcários Vidraço e Lioz, contraplacado, madeiras maciças de Umbila, Massacossa e Panga-Panga.

A proteção solar dos vãos exteriores do edifício foi realizada pela sobreposição pelo exterior de persianas metálicas fixas *Persal*, grelhagens de módulos prefabricados de betão e *brise-soleil* constituídos por lajetas horizontais de betão suportando placas verticais fixas de fibrocimento. O terraço do último piso foi defendido da exposição solar por uma cobertura realizada com tubos plásticos suportados por uma estrutura de ferro. Foi prevista a ventilação dos espaços interiores - nos quais foram também instalados equipamentos de ar condicionado -, pelas correntes de ar dominantes: a sua captação é efetuada, como atrás referido, pelas lâminas alternadas de fibrocimento dos *brise-soleil* das fachadas sudeste e noroeste.

Para além do equipamento e mobiliário que constituem a decoração dos gabinetes e habitações dos funcionários superiores, escolhidos e desenhados por Francisco José de Castro,[371] foram integradas diversas obras de arte no desenho do edifício: temos referência à escultura da fonte, da autoria de Jorge Mealha, à tapeçaria de Arraiolos da sala de público, executada pela Fábrica de Tapetes da Zambézia, e aos painéis de azulejos exteriores, ambos desenhados por João Aires,[372] ao painel cerâmico do topo do salão de festas, executado pela Fábrica Viúva Lamego, e ao quadro a óleo do bar do centro lúdico, os dois da autoria

371 "Correspondem aos estudos completos de decoração segundo um programa estabelecido, de duas habitações destinadas respetivamente à Administração e Gerência do B.N.U. no 5º e 6º andares do edifício em construção, bem como das salas da Administração, Gerência e Direção nos pisos inferiores e situados na agência." Francisco José de Castro *in Proposta*. Lisboa, 27 de Agosto de 1970 (AHCGDFBNU).

372 João Aires *in Exmo. Senhor. Eng. Chefe do Serviço de Obras do Banco Nacional Ultramarino – Lourenço Marques*. Lourenço Marques, 11 de Dezembro de 1970 (AHCGDFBNU).

de João Paulo. Sabemos ainda que num dos gabinetes foi colocado um quadro do ciclo *Terrícolas* por Eleutério Sanches.[373]

A composição da dependência do BNU revela - nos *pilotis* de articulação entre os sólidos geométricos da base e da torre e entre ambos e o solo -, uma proximidade volumétrica com o edifício do Ministério da Educação no Rio de Janeiro. Os princípios metodológicos e concetuais e a formalização sintática que caraterizam a arquitetura do Movimento Moderno internacional do segundo pós-guerra foram ortodoxamente aplicados no edifício de Quelimane. Na sua modernidade tardia contribuem para conferir a representatividade institucional indispensável a uma agência do banco emissor de moeda em Moçambique.[374]

A **Igreja do Sagrado Coração de Jesus**,[375] na cidade da Beira, teve o seu projeto encomendado pelo bispo da Beira na sequência da criação, em 1957, da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus. Localizada no bairro do Macúti, uma das zonas da cidade com maior crescimento populacional e desenvolvimento turístico,[376] foi desenhada entre 1960 e 1961 pelo arquiteto Bernardino Ramalhete. Uma das suas obras preferidas[377] estava já em adiantado estado de construção em Março de 1961.[378] O projeto teve acompanhamento litúrgico pelo Padre Ferreira da Silva e pelo próprio bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende (1906-1967),[379] e cálculos de estabilidade pelos engenheiros José Cadaval de Sousa (nave da igreja) e Octavini (torre da igreja).[380] Inaugurada em Junho de 1964 no âmbito das celebrações do I Centenário do Apostolado da Oração, encontrava-se em 2010 em bom estado

373 Ilegível *in Ao Banco Nacional Ultramarino – Serviço de Obras, Conservação e Património: Agência de Quelimane – Novo Edifício – Decoração*. Lisboa, 18 de Maio de 1971 (AHCGDFBNU).

374 "Em toda a parte, os estabelecimentos bancários se distinguem pela grandeza, beleza e até luxo das suas acomodações, em toda a parte, dentro e fora das fronteiras, que isso constitui um bom motivo de propaganda para as casas do dinheiro." Pinto de Oliveira *in Voz da Zambézia*, 4 de Outubro de 1957 (AHCGDFBNU).

375 19°50'52.92"S, 34°53'21.65"E.

376 *Notícias*, 1957-08-18: 5.

377 "Tenho três queridas obras de arquitetura na Beira (...), a Estação de Caminho de Ferro, a minha intervenção nisso, a Igreja do Macúti e a casa (...) Francisco Lopes Duarte. Três coisas que são (...) as minhas joias." Ramalhete, 2011-12-29.

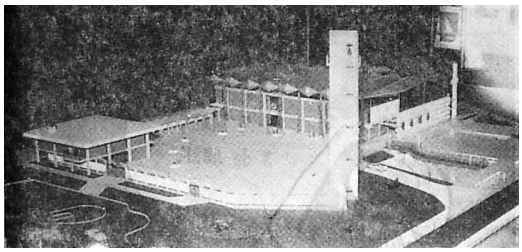
378 José Capela *in DM*, 1961-03-14: 3.

379 "Sim senhor, era isto que eu queria. É um belo armazém de missas." D. Sebastião de Resende citado por Bernardino Ramalhete *in* Ramalhete, 2011-12-29.

380 Milheiro, 2010a: 38.

Igreja do Macúti

O conjunto arquitetónico, com a residência paroquial, à esquerda, já projetada para fazer parte do conjunto.
DM, 1961-03-14: 3..



DIARIO de Moçambique

MAIS UMA GRANDE OBRA NA BEIRA

DE ARQUITECTURA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA

A DOUTRINA DA FÉ CRISTÃ

OBSTÁCULOS DA FÉ

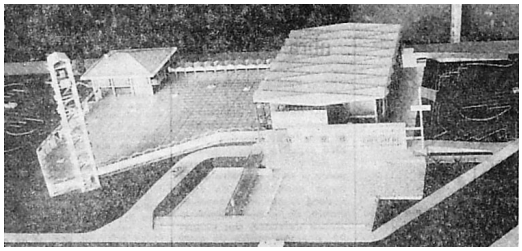
VAMOS TER CARACUL em MOÇAMBIQUE?

HORIZONTE

JOSÉ DO EGIPTO EM MILÃO

Igreja do Macúti

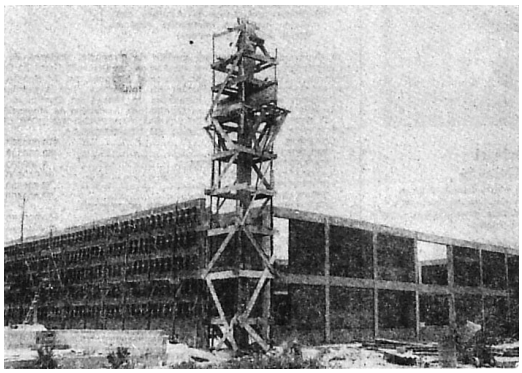
Uma visão total, em maqueta, da Igreja do Macúti.
DM, 1961-03-14: 3.

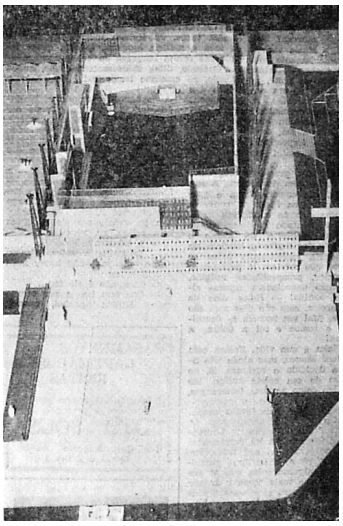


Igreja do Macúti

Esquerda:
Um aspeto da construção da nova igreja.
DM, 1961-03-14: 3.

Direita:
A maqueta descoberta deixa ver o interior do templo.
DM, 1961-03-14: 3.





Igreja do Macúti

Esquerda:
Nártex.
(EM, 2009).

Direita:
Grelha de betão.
(EM, 2009).

Igreja do Macúti

Esquerda:
Fachada lateral.
(EM, 2009).

Direita:
Torre sineira.
(EM, 2009).

Igreja do Macúti

Esquerda:
Fachada lateral.
(EM, 2009).

Direita:
Torre sineira.
(EM, 2009).

Igreja do Macúti

Esquerda:
Entrada lateral.
(EM, 2009).

Direita:
Confessionários.
(EM, 2009).

Igreja do Macúti

Esquerda:
Altar-mor.
(EM, 2009).

Direita:
Nave.
(EM, 2009).

Igreja do Macúti

Esquerda:
Entrada principal.
(EM, 2009).

Direita:
Nave
(EM, 2009).

de conservação.

O complexo da igreja localiza-se entre a antiga Avenida do Presidente Craveiro Lopes, atual Avenida dos Mártires da Revolução, e o mar. Ocupa um quarteirão triangular que converge para o Largo D. Sebastião Soares de Resende, no qual se implantam a residência paroquial e o seu jardim, a nave da igreja, o campanário e um adro para cerimónias ao ar livre.[381] Previa-se ainda a criação de um parque de estacionamento, que não foi construído. [382] A nave implanta-se sensivelmente na direção este-oeste, unida à torre do campanário por um pórtico de betão aparente. A torre, apoiada numa placa flutuante sobre um pântano com areia,[383] é formada por uma grelha de elementos estruturais em betão aparente. A nave é antecedida por um espaço concebido para cerimónias ao ar livre e por um *nártex* a céu aberto, protegido por uma grelha monumental formada por blocos prismáticos de betão aparente e rematado por uma cruz no mesmo material. Quatro vigas atravessam transversalmente o *nártex* e a grelha, destinadas a suportar no seu topo quatro peças em madeira esculpidas por artesãos maconde que nunca foram executadas. A nave, com a forma de uma caixa retangular com estrutura aparente de betão e paredes de tijolo maciço, madeira e vidro é coberta por uma abóbada curva em fibrocimento suportada por uma estrutura autónoma composta por pilares exteriores metálicos e asnas também metálicas - embora nas fotografias da maqueta, publicadas pelo *Diário de Moçambique* em Março de 1961, a cobertura fosse composta por um jogo volumétrico de segmentos em forma de losango.[384] No vasto espaço interior único, compreendendo assembleia e altar, as conceções comunitárias preconizadas pelos movimentos de renovação litúrgica do pós-guerra estão presentes na disposição dos elementos que constituem o seu programa. A zona do presbitério, limitada ao fundo pela parede curva que separa o espaço sacro da sacristia, é destacada

381 "A igreja ocupa uma grande área com o campanário afastado cerca de 40 metros do corpo da igreja, o que, se por um lado a divide, por outro mais facilmente integra o espírito de conjunto de que fazem parte um largo terreiro onde será erguida uma via-sacra e, defronte do templo, um palco e novo terreiro onde larga assembleia de fiéis poderá seguir o desenvolvimento de atos religiosos. Ainda defronte, um pequeno lago, no centro do qual arderá de dia e de noite o lume simbólico da Fé. José Capela *in DM*, 1961-03-14: 3-4.

382 Para desenhos de projeto consultar Albuquerque, 1998: 126 e Milheiro, 2010a: 38.

383 Ramalhete, 2011-12-29.

384 *DM*, 1961-03-14: 3.

apenas pelo pódio oblíquo sobre o qual assenta e pelo baldaquino que a cobre. Este último elemento é formado por uma estrutura reticulada de caixotões vazados suspensa por cabos de aço desde as asnas da cobertura.[385]

A linguagem do complexo, composta com base nos princípios arquitetónicos do Movimento Moderno, denota influências formais dos movimentos posteriores à crítica aos CIAM nomeadamente na expressividade da estrutura e na aparência natural dos materiais industriais *pobres* utilizados. A esta paradoxal associação de expressões arquitetónicas opostas correspondeu uma contraditória interpretação do seu significado arquitetónico: em 31 de Julho de 1964 a Igreja do Sagrado Coração de Jesus foi prolongadamente visitada pelo presidente Américo Tomaz, um dos pilares da ortodoxia do regime do Estado Novo, na companhia do contestatário bispo da Beira, um notório opositor da ditadura e do regime colonial.[386]

O **Aeroporto Sacadura Cabral**,[387] atual Aeroporto Internacional da Beira, localiza-se no Alto da Manga, a cerca de 11km a nordeste do centro da cidade. A sua edificação neste local deveu-se ao esgotamento da capacidade de crescimento do existente aeródromo Pais Ramos que, situado no central bairro do Esturro, foi encerrado à aviação comercial em 31 de Maio de 1954.[388] A discussão em torno da construção de um novo aeroporto tinha sido iniciada em 1947 no âmbito dos trabalhos do Plano de Urbanização da cidade,[389] tendo

385 "Ora, quanto a nós, neste aspeto parece-nos ter resultado feliz a solução do caso presente em que a supressão de adjacências barrocas e de bizantinices, alheada a um esplendor posicional do altar-mor, permitem exatamente a exaltação do altar sacrificial, (...). Bem certo que o aspeto de nudez de paredes, quase jansenista, se harmoniza mal com o nosso temperamento de latinos." José Capela *in DM*, 1961-03-14: 3.

386 "Ovacionado pela multidão que o aguardava, o Chefe do Estado seguiu diretamente para a moderna igreja do Sagrado Coração de Jesus, no Macúti.
À porta do templo, o prelado da diocese, D. Sebastião Soares de Resende, recebeu o supremo magistrado da Nação, acompanhando-o numa pormenorizada visita à igreja, de arrojada conceção arquitetónica." *BGU*, 1964-07/08: 206-207.

387 19°47'55.07"S, 34°54'8.90"E.

388 *DM*, 1954-05-27: 5 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

389 "A questão do novo aeródromo foi abordada, pela primeira vez, no decorrer da elaboração do Plano de Urbanização de 1947. Já nessa altura os técnicos achavam que o mesmo teria que se mudar para o Alto da Manga, algures entre as estradas do Savane e do Macúti, já que o Aeródromo Pais Ramos se encontrava em terreno baixo e argiloso, e a sua ampliação só se poderia fazer à custa de inúmeras demolições e expropriações." Sopa; Miranda; Fernandes, 2010: 527.

Notícias da BEIRA

PHILCO

LOTARIAS

TABACARIA DA SORTE

O AERÓDROMO DA MANGA
DEPOIS DE URBANIZADO
E DE COMPLETAS AS OBRAS
FICARÁ A SER UM DOS MELHORES DA ÁFRICA AUSTRAL

FORAM ATRIBUÍDOS OS PRÉMIOS do 2.o Salão de Artes Plásticas da Beira

DIZ-SE A MESA DE CAFÉ...

INFORMAÇÕES

O "NOTÍCIAS" no Dondo

DE VIRGÍLIO REVES

FESTA BRAVA NA BEIRA

NA SEGUNDA CORRIDA DE TOUROS AS HONRAS FORAM PARA CARLOS ALBERTO

TENDO OS BANDARILHEIROS DEIXADO MELHOR IMPRESSÃO

UM EXEMPLO A SEGUIR:
PRESERVANDO A FAUNA CINEGÉTICA NO UGANDA
COM VISTA A PROTEGER A INDÚSTRIA TURÍSTICA

A "FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE"

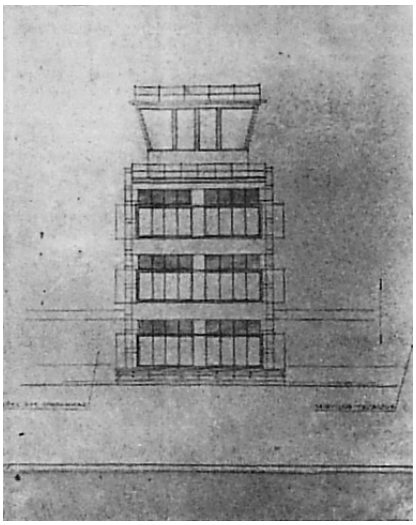
DR. MOREIRA DE SÁ

VIDA DESPORTIVA
FUTEBOL
SENSAÇÃO NA JORNADA
COM A GOLEADA SOFRIDA PELO FERROVIÁRIO FRENTE AO CENTRO RECREATIVO

A INAUGURAÇÃO DO AERÓDROMO DE ESPUNGABERA

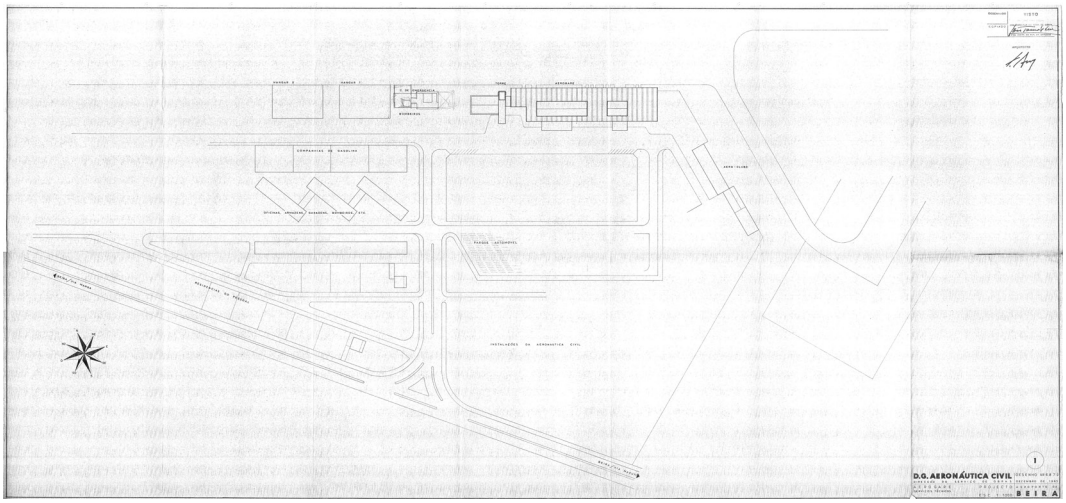
REUNIÕES FILATÉLICAS

Cinema NACIONAL — Cinema OLYMPIA — Cinema São JORGE



Aeroporto Sacadura Cabral

Perspetiva da torre de controlo do Aeroporto da Manga.
Notícias, 1958-09-02: 5.



D.G. AERONÁUTICA CIVIL

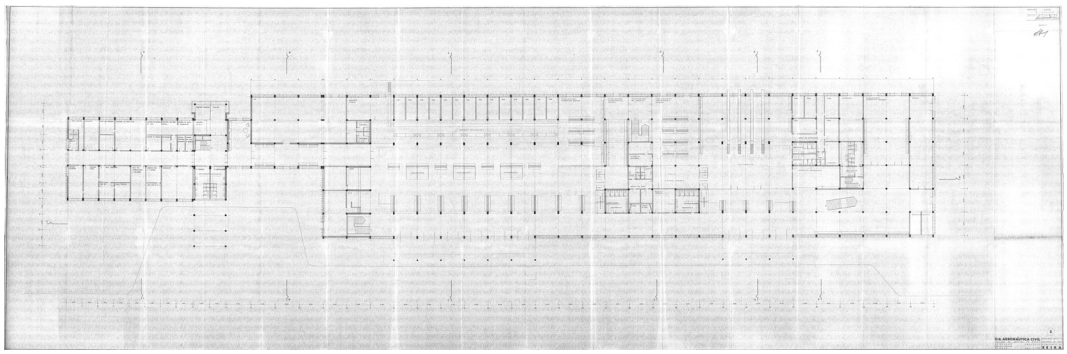
BEIRA

Aeroporto Sacadura Cabral

Aeroporto da Beira. Aerogare. Serviços Técnicos.
Escala 1:1000.
Projeto, Dezembro de 1963.
(ANA).

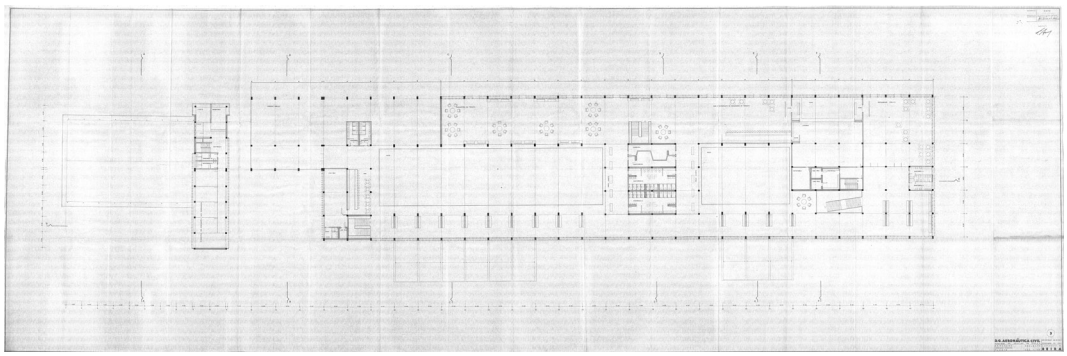
Aeroporto Sacadura Cabral

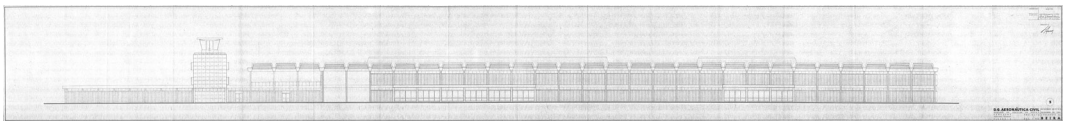
Aeroporto da Beira. Aerogare. Serviços Técnicos. Planta.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1963.
(ANA).



Aeroporto Sacadura Cabral

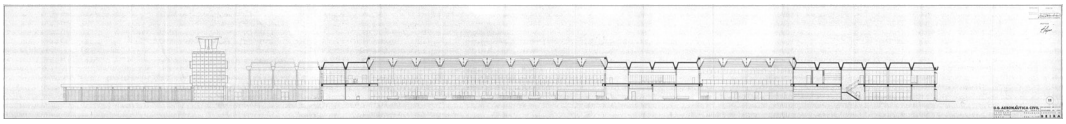
Aeroporto da Beira. Aerogare. Serviços Técnicos. Planta.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1963.
(ANA).





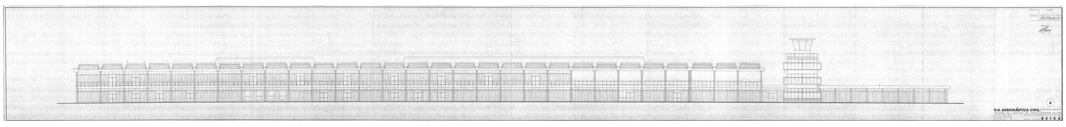
Aeroporto Sacadura Cabral

Aeroporto da Beira. Aerogare. Serviços Técnicos. Alçado S.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1963.
(ANA).



Aeroporto Sacadura Cabral

Aeroporto da Beira. Aerogare. Serviços Técnicos. Corte G.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1963.
(ANA).

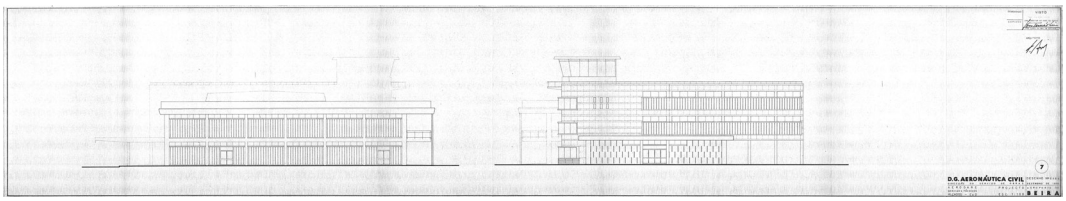


Aeroporto Sacadura Cabral

Aeroporto da Beira. Aerogare. Serviços Técnicos. Alçado N.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1963.
(ANA).

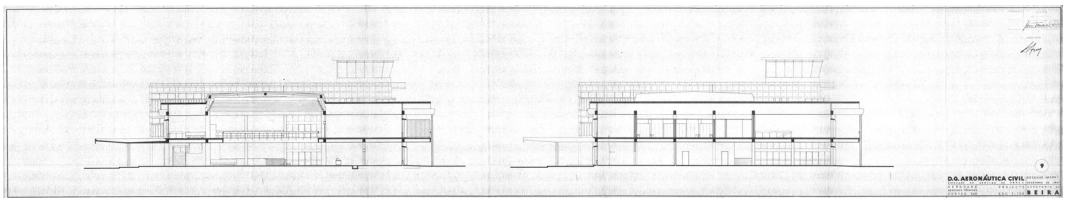
Aeroporto Sacadura Cabral

Aeroporto da Beira. Aerogare. Serviços Técnicos. Alçados E e O.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1963.
(ANA).



Aeroporto Sacadura Cabral

Aeroporto da Beira. Aerogare. Serviços Técnicos. Cortes C e D.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1963.
(ANA).



os terrenos da Manga sido expropriados para esse efeito em 1949.[390] As novas pistas de aterragem e descolagem, cujos trabalhos de terraplanagem decorriam em Dezembro de 1950[391] e prosseguiam em bom ritmo em Fevereiro de 1951,[392] foram oficialmente abertas ao trânsito aéreo em 18 de Maio de 1953.[393] Inicialmente construídas em terra batida estas pistas foram asfaltadas entre 1956 e 1957,[394] no âmbito de um conjunto de melhoramentos previstos para o aeroporto[395] que visavam dotá-lo com as instalações apropriadas ao volume de tráfego gerado pela sua estratégica posição geográfica.[396] Em 2 de Setembro de 1958 o jornal *Notícias* publicou a notícia do encerramento do concurso para a construção da torre de controlo. O artigo foi ilustrado com o alçado principal do edifício e com a planta geral com

390 "Em virtude do atual aeródromo da Beira se encontrar situado num local que o plano de urbanização da cidade considerou como *zona de edificações*, o governador geral de Moçambique determinou a sua transferência, autorizando a expropriação, por utilidade pública, no sítio da Manga, de várias áreas de terreno." *BGC*, 1949-04: 150.

391 *BPCFTM*, 1950-12: 12-14.

392 *BGC*, 1951-02.

393 "Cerca das 11,20 horas chegaram a pequeno intervalo, duas aeronaves – o *Dakota* CR-ABJ (...) o *Lockheed* CR-ACT (...). Ficou deste modo aberto à exploração da DETA este novo aeródromo, embora mais tarde, tenha o movimento de ser interrompido a fim de se proceder à asfaltagem da pista." *DM*, 1953-05-19: 5 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

394 *DM*, 1957-01-23: 7 (http://beiraumseculo.blogspot.com); *BPCFTM*, 1957-04: 9-10.

395 "Em 17 de Março de 1956 pelos C.F.M. foi lavrado o contrato com a firma Construtora do Tâmega, Lda. para a execução por empreitada do trabalho de pavimentação das pistas do aeródromo da Manga, na Beira (...).
(...) há a considerar ainda a execução de outras obras de interesse imediato para a exploração do aeródromo, como sejam as travessias das pistas em manilhas de grés, edifícios de torre de comando, serviços técnicos, aerogare, central de emergência do aeroporto, bem como moradias para o pessoal e centro emissor (...)." *BPCFTM*, 1956-06: 16-17.

396 "Neste programa da aviação, traçado pela Direção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique – seguir-se-ão outros melhoramentos importantes como, por exemplo, o estabelecimento da *rádio-ajuda* e restantes instalações radioelétricas, bem assim como a edificação de uma nova estação ou aerogare.
Elevar-se-á o aeroporto à categoria de campo para aviões de grande porte, em vista da posição geográfica da Beira, ponto central conveniente a muitas carreiras internacionais, especialmente as que servem a África do Sul e a África Central." *Notícias*, 1958-02-07: 5.

a qual se ordenou a implantação das diversas infraestruturas posteriormente erguidas.[397] A empreitada para a construção da torre de controlo foi adjudicada à Companhia Portuguesa de Construções Laing, Limitada.[398] Em Maio de 1959 a sua edificação estava num estado adiantado, esperando-se para breve a sua entrada em funcionamento.[399] No início de 1961 foi celebrado contrato para construção de uma aerogare provisória segundo projeto elaborado pela Direção dos Serviços de Aeronáutica Civil, em Lisboa.[400] No mesmo ano foi resolvido transferir o Centro de Informação de Voo de Lourenço Marques para a Beira com a consequente necessidade de incluir as instalações técnicas de controlo do tráfego aéreo no programa da futura aerogare.[401] O novo edifício foi desenhado na Direção do Serviço de Obras da DGAC por Cândido Palma de Melo,[402] arquiteto que também projetou a aerogare do aeroporto de Lourenço Marques. O projeto, que já estava em curso no início de 1961,[403]

397 "Pela sua situação geográfica, a Beira é sem dúvida uma das cidades de maior preferência para a escala de várias linhas de navegação aérea.
Dispõe hoje de um aeródromo (...) com pistas excelentes onde pode aterrar qualquer tipo de avião.
Falta-lhe porém uma estação aérea, uma torre de controlo, hangares e a urbanização necessária. Os planos para tudo isto já estão concluídos (...).
No passado dia 13 de Agosto, foi encerrado o concurso para a edificação da Torre de Controlo daquele aeródromo.
Esta torre, com linhas de caraterísticas habituais em todos os modernos aeródromos, dispõe de três pisos, além de uma cave destinada a depósito de material. O primeiro piso será destinado a uma sala para pilotos e movimento com respetivas instalações sanitárias; no 2.° piso, além de uma sala de espera e do gabinete para o diretor do aeródromo, funcionará uma secretaria e no 3.° piso, ficará a funcionar a sala de comunicações com toda a aparelhagem de receção, observação e controlo, além de uma pequena oficina de manutenção.
(...) Esta torre ficará ligada à aerogare que será construída num futuro muito breve, (...).
Além da aerogare que sabemos, vai ficar moderníssima (...) o aeródromo ficará ainda com dois excelentes hangares, instalações para as companhias gasolineiras, residência do pessoal e ainda oficinas, garagens, armazéns, parques para automóveis e várias instalações destinadas à Aeronáutica Civil.
(...) Junto ao aeródromo da Manga ficará instalado também o Aero-Clube da Beira com as suas pistas privativas. (...)." *Notícias*, 1958-09-02: 5, 6.

398 *Notícias*, 1959-06-05: 5.

399 *Notícias*, 1959-05-06: 5.

400 *BGU*, 1961-01/02: 417.

401 "Depois de mencionar que a decisão (...) havia sido tomada na última reunião da A.F.I. (...) onde foi apresentada a resolução do Governo Português de que o Centro de Informação de Voo passaria de Lourenço Marques para a Beira, o Diretor da Aeronáutica Civil descreveu as obras, a montagem e a organização dos serviços necessários a assegurar o controlo de todo o tráfego aéreo e referiu-se ao projeto da nova aerogare a ser elaborado e que englobará no mesmo edifício, a atual torre de controlo do Aeroporto da Manga." *BPCFTM*, 1961-01: 15.

402 Fernandes, 2002: 58-60.

403 "A construção do edifício da aerogare, que será a continuação da atual torre de controlo, foi propositadamente deixada para o fim, dada a necessidade de conceder toda a prioridade aos serviços técnicos que garantam a maior segurança e eficiência de voo. O projeto do edifício está a ser elaborado em Lisboa (...). *DM*, 1961-01-13: 9; "O projeto da aerogare do Aeroporto da Beira está sendo elaborado em Lisboa, sendo o edifício atual para a torre de controlo. Parte do futuro edifício da aerogare possuirá salas de despacho, polícia, alfândega, restaurante e estabelecimentos dos C.T.T.." *BGU*, 1961-03/04: 333.

foi concluído em Dezembro de 1963. Ao longo do processo de construção, que se iniciou em meados de 1965,[404] este projeto sofreu uma redução de comprimento e consequente reorganização do espaço interior.[405] O novo terminal foi inaugurado em 27 de Junho de 1968.[406]

O volume longitudinal da aerogare implanta-se entre a placa de estacionamento de aeronaves e um vasto espaço de receção. Segundo a planta geral do projeto esta praça seria acessível desde a estrada de ligação entre os bairros do Macúti e da Manga e estaria rodeado por diversas instalações relacionadas com a atividade do aeroporto: a poente companhias de gasolina, oficinas, armazéns, garagens, bombeiros e residências do pessoal, a sul o parque automóvel e instalações da aeronáutica civil, e a nascente os edifícios do aeroclube. O terminal tem a forma de um prisma retangular com dois pisos coberto por uma sequência de vinte e cinco abóbadas em forma de "U" invertido (eram vinte e nove no projeto inicial), módulos estruturais tridimensionais de sentido transversal. Este prisma liga-se à preexistente torre de controlo - que apresenta evidentes semelhanças formais com a congénere do aeroporto de Luanda -, através de um corpo de um piso que contém os serviços técnicos. A expressão formal das duas fachadas principais da aerogare assenta no equilíbrio entre a acentuação vertical dos pilares e dos *brise-soleil* de lâminas, a dominante horizontal das lajes de piso e de remate e o movimento rítmico das abóbadas da cobertura. Palas horizontais projetam-se assimetricamente do alçado sul assinalando as entradas principais no edifício; no alçado norte, à face da pista, os envidraçados recuam formando no

404 *BGU*, 1965-05: 173.

405 "As obras da aerogare do aeroporto Sacadura Cabral, que, apesar de reduzido no seu projeto inicial de quatro módulos (24 metros de comprimento), será, mesmo assim, a maior de todo o território português (tem um bom par de metros a mais que a de Lourenço Marques e é um pouco maior que a de Lisboa) não estão, como muita gente julga, atrasadas. Mas vão estar. Por outras palavras, a aerogare da Beira, que tanta falta faz ao serviço do maior aeroporto de Moçambique, não vai estar pronta na data prevista para a sua entrega – Junho do próximo ano.

E não vai estar porque as alterações a que obrigaram as reduções acima referidas (redistribuição de áreas e serviços pela nova área coberta do edifício) e a escolha dos materiais de acabamento do -mesmo atrasaram de tal maneira os trabalhos que só ao fim de um ano de obra é que foram fornecidos esses elementos a quem os tinha de receber. Como alguns desses materiais têm de ser importados do estrangeiro ou da Metrópole (a maioria deles são de cá, note-se) e as respetivas encomendas só agora é que puderam ser feitas." *DM*, 1966-12-04: 2.

406 Sopa; Miranda; Fernandes, 2010: 527.

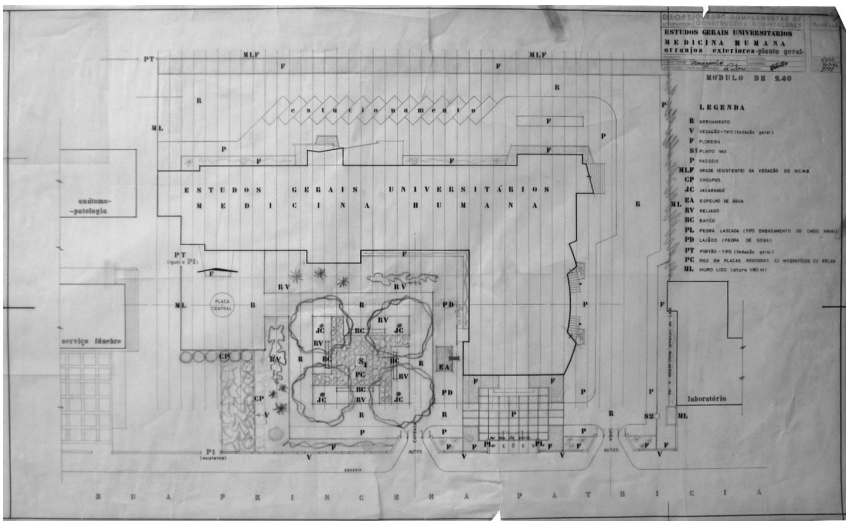
primeiro piso um profundo alpendre e no segundo uma varanda pública contínua coberta pela projeção em consola das abóbadas da cobertura.

A organização funcional e espacial do edifício estrutura-se em torno dos dois diferentes átrios de chegada e de partida. Ambos com pé-direito duplo são plasticamente expressos no interior pelos forros de réguas de madeira dos caixotões dos tetos e formalmente assinalados no exterior pelos dois volumes sobrepostos às abóbadas da cobertura. No primeiro piso da aerogare encontram-se os espaços e serviços afetos ao trânsito doméstico e internacional dos passageiros enquanto no segundo piso se encontram os espaços comerciais que os apoiam: barbearia, cabeleireiro, bares e restaurantes públicos e de passageiros em trânsito. A compartimentação de todos os espaços interiores é regrada pela modulação base de 6m x 6m, matriz que dimensiona também a estrutura de suporte. Esta sistematização de proporções permite o recurso à prefabricação das abóbadas de betão da cobertura.[407]

No espaço do aeroporto foram ainda integradas algumas obras de arte: a decoração dos restaurantes e dos escritórios dos Serviços Aéreos da Beira e dos Transportes Aéreos de Moçambique foi realizada pelo arquiteto José Augusto Moreira, os painéis decorativos por José Pádua e a estátua de Sacadura Cabral por Jorge Vasconcelos. Esta escultura, com quatro metros de altura, foi colocada em 1972 no largo fronteiro à aerogare a eixo da sua entrada principal.[408]

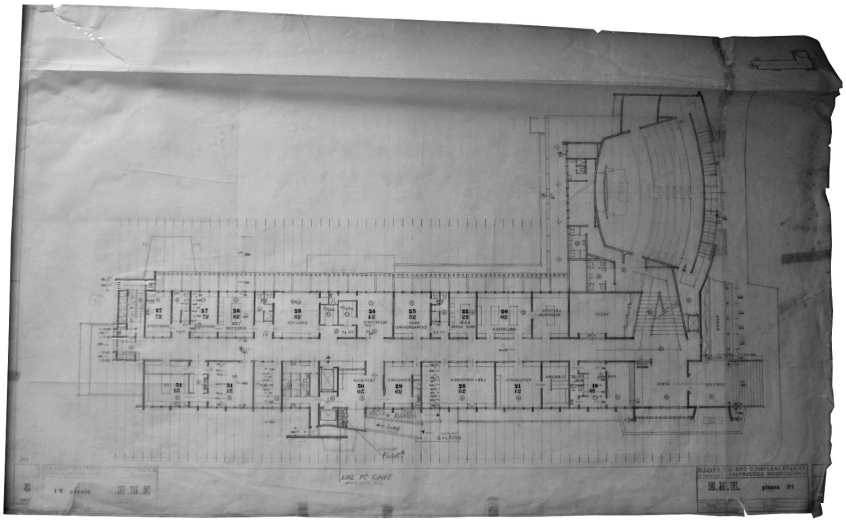
A **Escola de Medicina Humana**[409] ou Instituto de Anatomia Humana dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique, atual Faculdade de Medicina da Universidade Eduardo Mondlane, localiza-se na frente à antiga Avenida Princesa Patrícia - atual Avenida Salvador Allende -, do quarteirão ocupado pelo Hospital Central de Maputo. Foi desenhada em 1963 e inaugurada em 19 de Novembro de 1965 pelos ministros do Ultramar, professor Silva

407 Ferreira, 2008: 222-228.
408 Sopa; Miranda; Fernandes, 2010: 527.
409 25°58'5.66"S, 32°35'14.09"E.



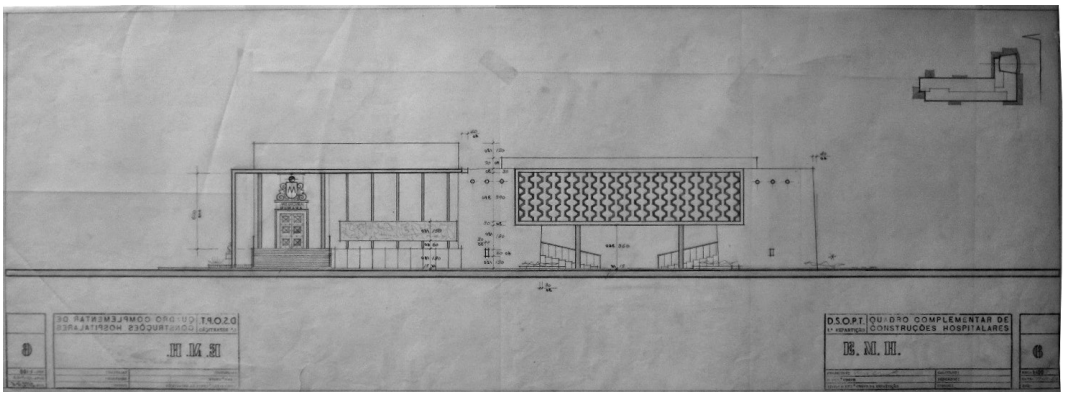
Escola de Medicina Humana

Estudos Gerais Universitários. Arranjos Exteriores. Planta geral.
Escala 1:200.
Projeto, 30 de Julho de 1964.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2772).



Escola de Medicina Humana

Planta P1.
Escala 1:100.
Projeto, 13 de Agosto de 1963.
(MMO+, 2012 | EWV | MOPH).

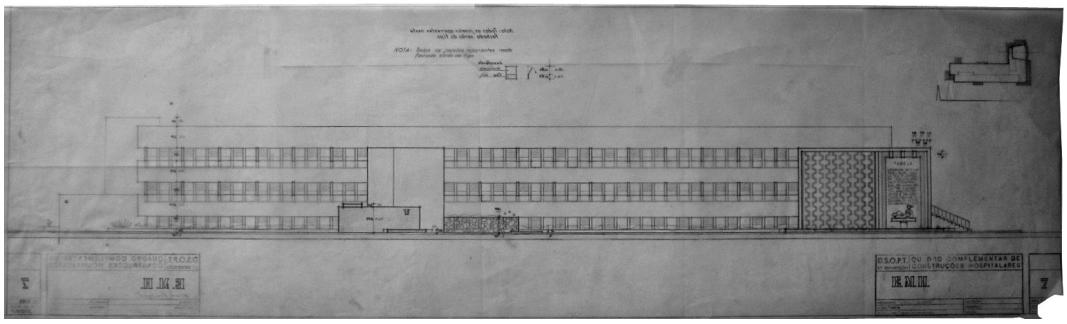


Escola de Medicina Humana

[s.n.].
Escala 1:100.
Projeto, [data ilegível].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH).

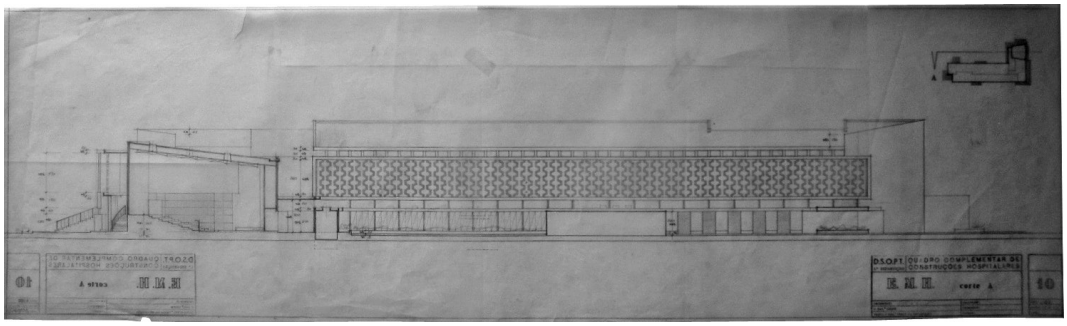
Escola de Medicina Humana

[s.n.].
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH).



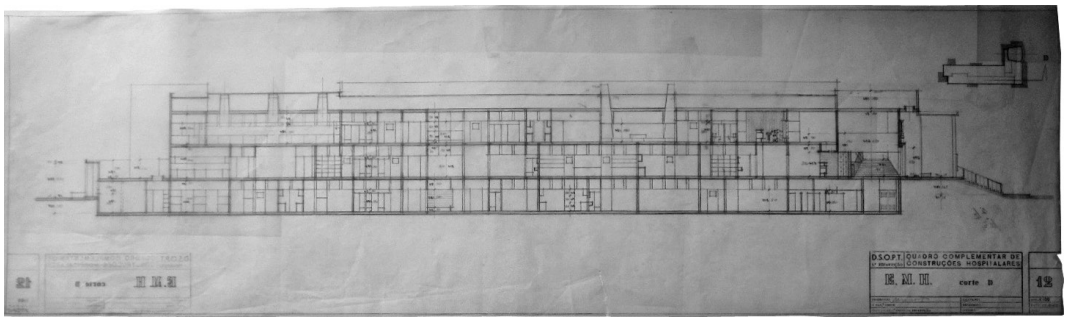
Escola de Medicina Humana

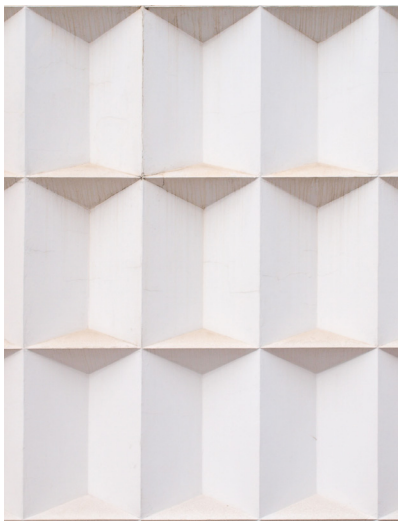
Corte A.
Escala 1:100.
Projeto, 13 de Agosto de 1963.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH).



Escola de Medicina Humana

Corte D.
Escala 1:100.
Projeto, 13 de Agosto de 1963.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH).





Escola de Medicina Humana

Esquerda e direita:
Fachada noroeste.
(EM, 2010 | EWV).

Escola de Medicina Humana

Esquerda:
Volume do auditório.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Entrada principal
(EM, 2010 | EWV).

Escola de Medicina Humana

Esquerda:
Volume do auditório - grelhagem.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Entrada principal - painel cerâmico.
(EM, 2010 | EWV).

Cunha, e da Educação Nacional, professor Galvão Teles.[410] A sua autoria apenas pôde ser deduzida, embora de forma não completamente definitiva, pelas rubricas constantes dos desenhos existentes no arquivo do MOPH.[411] De acordo com estas fontes o projeto terá a tripla autoria de Fernando Mesquita, Francisco Assis e Luís de Vasconcelos, arquitetos que integravam na época o Serviço de Obras Públicas de Lourenço Marques.

Construção com três pisos, dos quais o inferior é semienterrado, a Escola de Medicina Humana tem a forma de um "L" que delimita um espaço de jardim entre o edifício e a avenida – jardim que, objeto de um desenho de arranjos exteriores em 1964, foi posteriormente ocupado por um novo volume de construção que prolonga as instalações existentes.[412] O volume do braço maior do "L" contém os diversos compartimentos técnicos do programa, servidos por um corredor central disposto paralelamente à avenida, enquanto o braço menor abriga um auditório de forma trapezoidal, um volume com o seu eixo central paralelo ao braço maior do edifício.[413] Ambos os corpos são articulados pela entrada e átrio principais colocados no ponto de convergência das circulações internas do edifício. A formalização exterior do edifício assenta na articulação de elementos de distinta função e natureza arquitetónica: enquanto a horizontalidade do conjunto é acentuada pelas *fenêtres en longueur* o alçado urbano (noroeste) do braço maior e o topo circular das traseiras do auditório são plasticamente qualificados pela sobreposição de fachadas falsas assentes em *pilotis* e compostas por grelhagens de elementos prefabricados de betão – um padrão geométrico que também foi utilizado no Hospital Central de Nampula. Aos momentos de acesso ao edifício

410 *BGU*, 1965-11: 61-62.

411 MOPH, n.° 2772.

412 A repetição do rótulo na frente e no verso dos desenhos do projeto de 1963 poderá indicar alguma flexibilidade na localização do edifício a construir. A volumetria representada nestes desenhos é simétrica, segundo o eixo longitudinal, daquela da *Planta Geral* dos *Arranjos Exteriores* de 1964, bem como da construção final.

413 "O novo instituto, um moderno edifício de três pisos, dotado de ar condicionado, elevadores e monta-cargas, tem uma capacidade para uma frequência de cerca de 170 alunos.
Além de um teatro anatómico com capacidade para 12 mesas e um mais pequeno, para duas mesas, o Instituto está dotado de salas de injeção, serra elétrica, câmara frigorífica para 24 cadáveres, arquivo de ossos, de cérebros, 34 cubas para maceração de ossos, biotério, instalação de raios X (...), biblioteca, museu, salas de esterilização e operação, de Histologia para serviço de Anatomia Humana, câmara fotográfica e laboratório, bem como uma central telefónica automática para 25 telefones. Está igualmente dotado de um anfiteatro com capacidade para 170 pessoas." *BGU*, 1965-01/02: 185-186.

é conferido um forte protagonismo formal: a entrada e átrio principais são antecedidos por uma escadaria encimada por um painel cerâmico e por um coberto apoiados em *pilotis* enquanto a entrada que faz frente à avenida - e que conduz a um vestíbulo justaposto à fachada lateral do auditório articulando a construção inicial com a ampliação posterior - é envolvida por *letterings* e pelo painel em relevo composto pela repetição de um padrão geométrico de forte contraste luminoso.

O **Palácio das Repartições**[414] da antiga cidade de Porto Amélia localiza-se à face da antiga Rua Oliveira Salazar, atual Avenida 16 de Junho, uma artéria central da malha ortogonal prevista para o planalto da cidade pela *Planta da Povoação de Porto Amélia*, aprovada em 1936 e desenhada por Januário da Silva Moura para a Direção dos Serviços de Agrimensura.[415] A forma geométrica desta zona de expansão será modificada pelo *Anteplano Geral de Urbanização de Porto Amélia* - projeto da autoria de João António de Aguiar no GUC/GUU, em elaboração em 1950 e em parcial concretização em 1956 -,[416] em favor de um desenho urbano mais orgânico e sinuoso, referenciado ao modelo da cidade jardim.[417] O traçado retilíneo da Rua Oliveira Salazar e a mancha de implantação do Palácio das Repartições e vias secundárias envolventes são representados com a sua forma final no *Plano de Urbanização de Porto Amélia*, projeto de Paulo de Melo Sampaio iniciado em 1961 e aprovado em 1967.[418] O edifício do Palácio das Repartições, desenhado por Carlota Quintanilha e João José Tinoco no exterior dos Serviços de Obras Públicas da antiga província, deverá datar de cerca de 1963 de acordo com a relação de processos dos arquivos do MOPH.[419] Em Setembro de 1959 foi noticiado o início da construção de um Palácio do Governo do Distrito

414 12°57'50.91"S, 40°29'32.45"E.

415 Mendes, 2008b: 628.

416 "Dia a dia, vamos verificando que as construções nesta vila aumentam consideravelmente. Trabalha-se afincadamente na abertura das ruas que obedecem ao novo Plano de Urbanização da Planta de Porto Amélia." *Notícias*, 1956-03-08: 7.

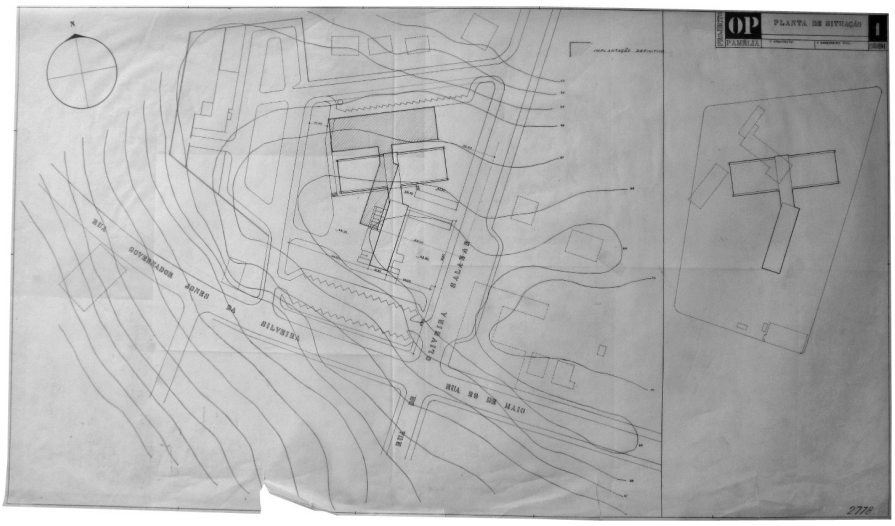
417 Bruschi; Lage, 2005: 36; Bruschi; Carrilho; Lage, 2005: 23.

418 Bruschi; Lage, 2005: 50, 55, 74; Bruschi; Carrilho; Lage, 2005: 9, 13, 24.

419 MOPH, n.° 2778.

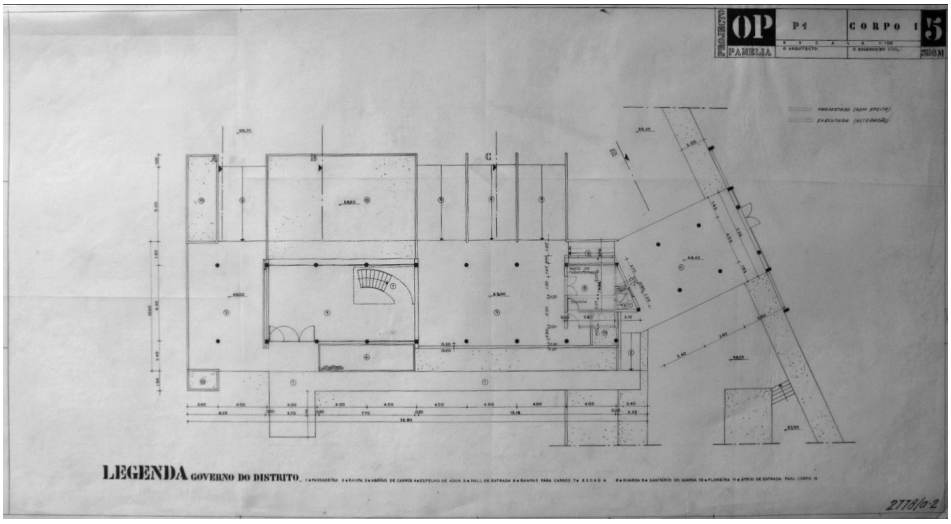
Palácio das Repartições

Planta de Situação.
Sem escala.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2778).



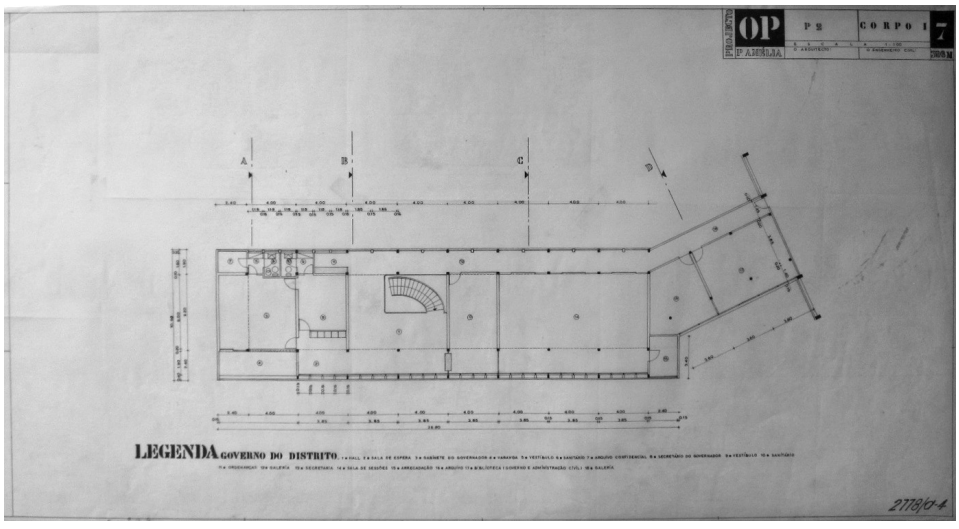
Palácio das Repartições

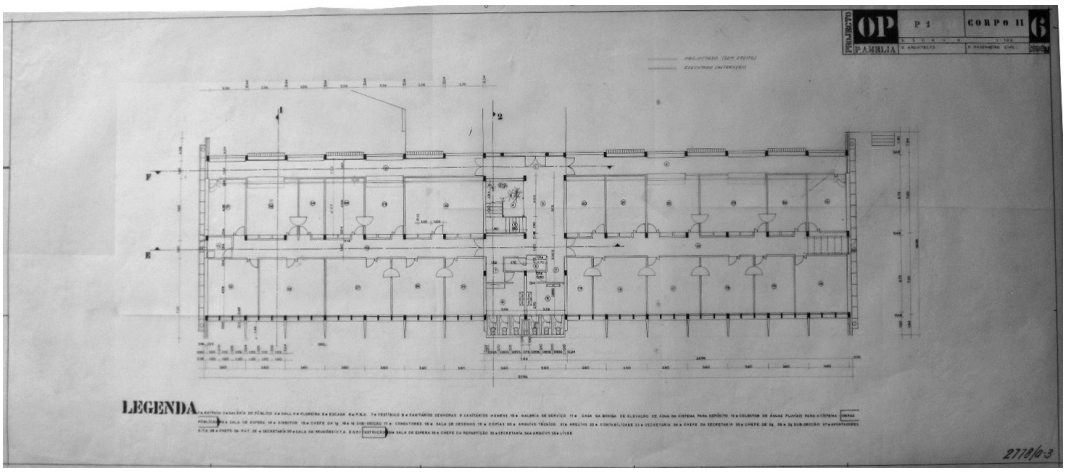
Corpo I. P1.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2778/a-2).



Palácio das Repartições

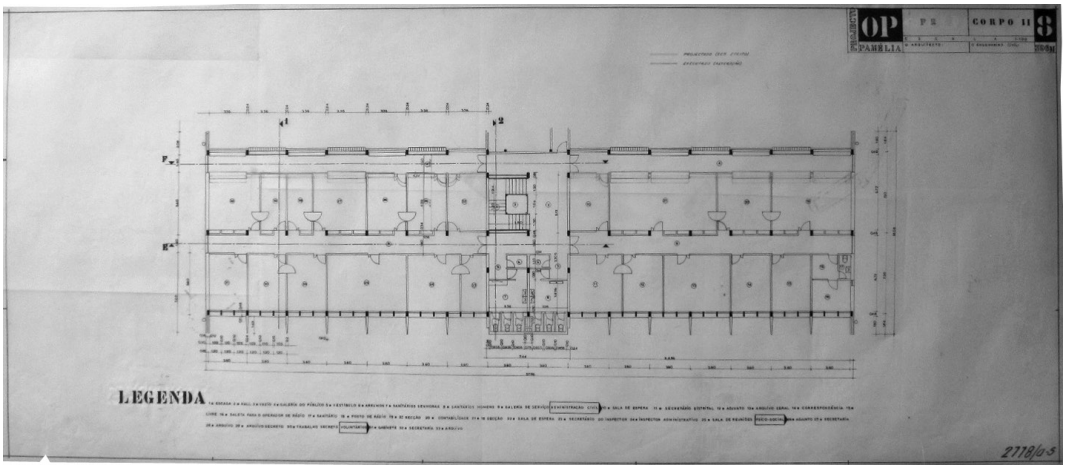
Corpo I. P2.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2778/a-4).





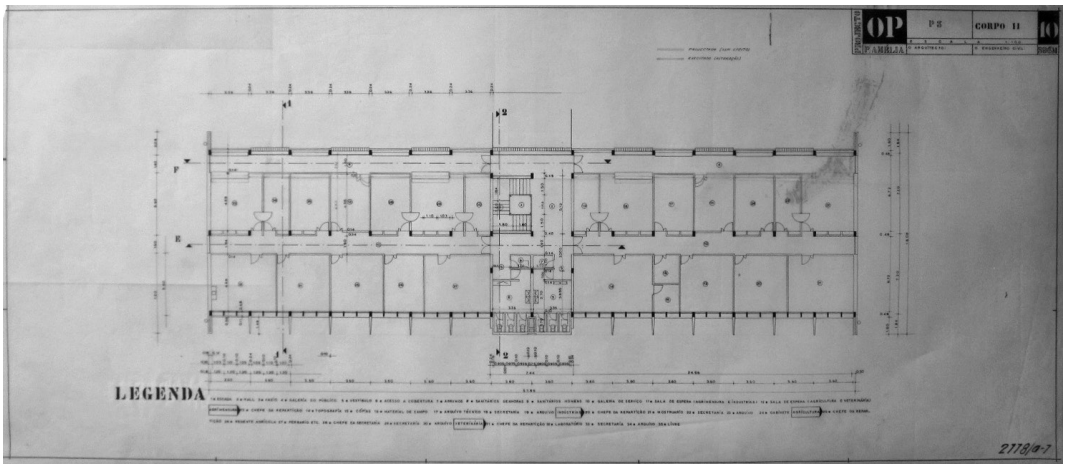
Palácio das Repartições

Corpo II. P1.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2778/a-3).



Palácio das Repartições

Corpo II. P2.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2778/a-5).

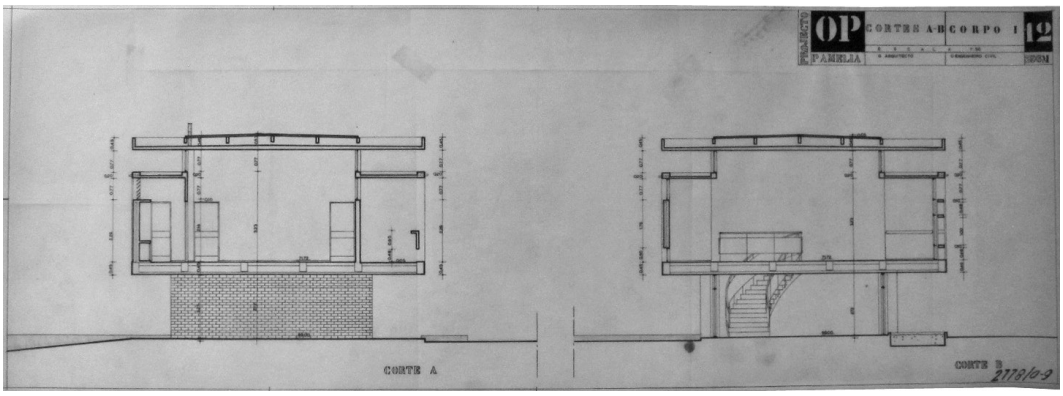


Palácio das Repartições

Corpo II. P3.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2778/a-7).

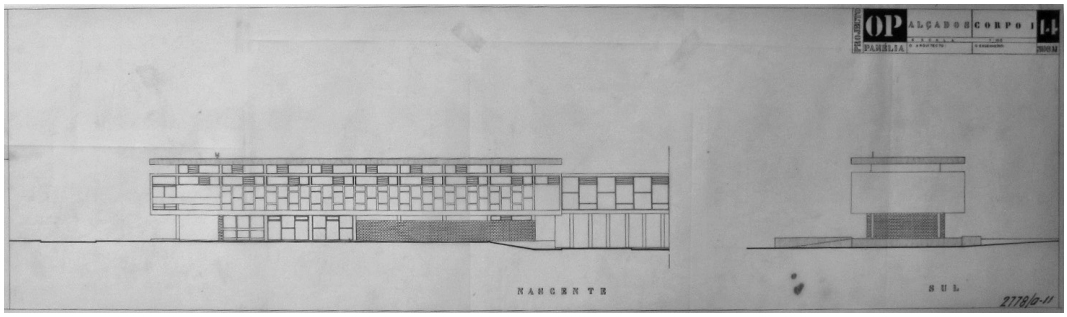
Palácio das Repartições

Corpo I. Cortes A-B.
Escala 1:50.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2778/a-9).



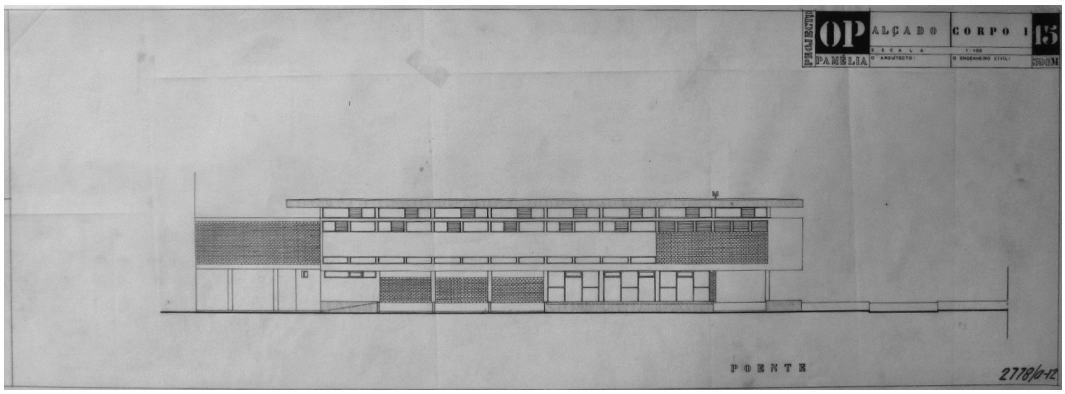
Palácio das Repartições

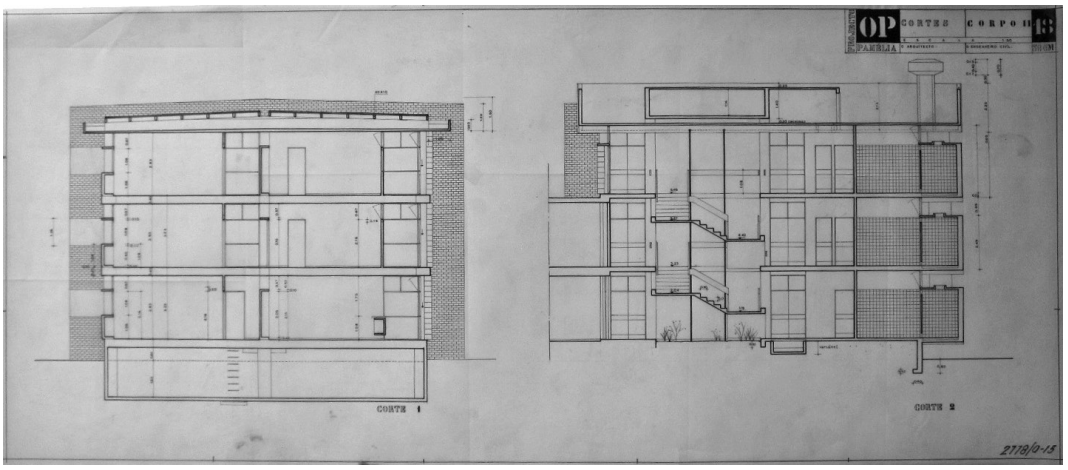
Corpo I. Alçados nascente e sul.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2778/a-11).



Palácio das Repartições

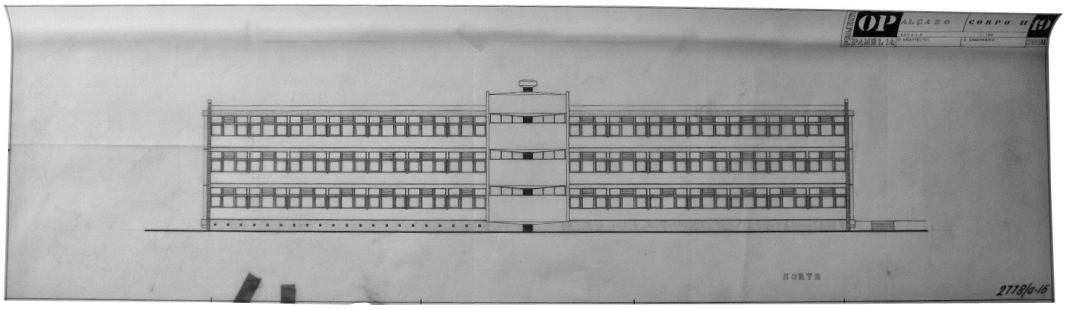
Corpo I. Alçado poente.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.° 2778/a-12).





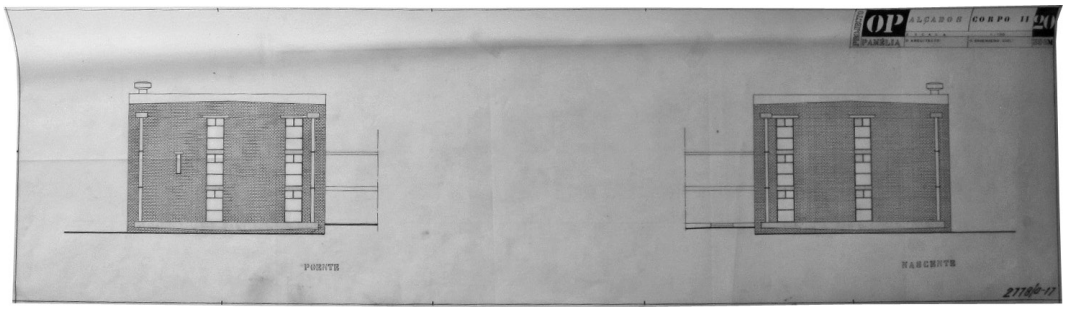
Palácio das Repartições

Corpo II. Cortes 1 e 2.
Escala 1:50.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2778/a-15).



Palácio das Repartições

Corpo II. Alçado norte.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2778/a-16).



Palácio das Repartições

Corpo II. Alçados poente e nascente.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.° 2778/a-17).

Palácio das Repartições

Esquerda:
Corpo I - fachada principal.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Corpo I - *hall* de entrada.
(EM, 2010 | EWV).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo I - fachada posterior.
(EM, 2010 | EWV).

Palácio das Repartições

Esquerda:
Corpo I - volume de interligação.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Corpo II - entrada sob o volume de interligação.
(EM, 2010 | EWV).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo II - caixa de escadas.
(EM, 2010 | EWV).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo II -fachada norte com *fenêtre en longueur*, palas e *brise-soleil*.
(EM, 2010 | EWV).

Palácio das Repartições

Esquerda:
Corpo II - topo poente.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Corpo II - topo nascente.
(EM, 2010 | EWV).

de Cabo Delgado que julgamos não se referir ao mesmo edifício.[420] Em Novembro de 1966 o palácio estava construído e a aguardar inauguração procedendo-se apenas à limpeza dos terrenos envolventes.[421] Em bom estado de conservação albergava em 2010 as instalações da sede do governo provincial de Cabo Delgado.

A composição volumétrica do Palácio das Repartições de Porto Amélia assenta na articulação de dois volumes, os corpos I e II, dispostos em ângulos oblíquos e interligados por uma passagem superior que estabelece a concordância geométrica entre si. A implantação dos dois volumes relaciona o edifício com os alinhamentos da malha urbana envolvente definindo em simultâneo uma praça de representação entre o conjunto e a Rua Oliveira Salazar. O corpo I, implantado paralelamente a esta artéria, tem a forma de um prisma retangular com dois pisos e cobertura plana e compreende os espaços reservados ao governo provincial: no rés-do-chão parcialmente aberto dispõem-se os abrigos de automóveis, as instalações do guarda e o *hall* de entrada envidraçado, no qual uma escultórica escada helicoidal conduz ao piso superior; no 1.º andar alinham-se ao longo fachada sudeste os diversos gabinetes e espaços de apoio do governador. O volume que interliga os dois corpos cobre no piso inferior um átrio exterior. O corpo II, um prisma retangular com três pisos acima do solo no qual funcionam os diversos serviços de atendimento público, está centralizada no volume transversal de maior dimensão que o interseta. Este volume contém a caixa de escadas, os depósitos de água e, em cada piso, os sanitários e um *hall* de distribuição. Para cada um destes *halls* convergem simetricamente galerias longitudinais de acesso público dispostas ao longo da fachada sul - para as quais abrem os *guichets* de atendimento -, e galerias longitudinais de serviço colocadas ao centro do edifício - para as quais abrem as traseiras dos gabinetes de atendimento público e a frente dos gabinetes de acesso reservado. A compartimentação dos gabinetes deste corpo, realizada com divisórias independentes da estrutura de suporte do edifício, assenta numa matriz compositiva em *plan libre* dimensionada segundo múlti-

420 "Já se deu início à grandiosa obra do Palácio do Governo do Distrito de Cabo Delgado, a qual está a cargo do empreiteiro Sr. Afonso Henrique Andrade Pais." *Notícias*, 1959-09-15: 9.

421 *DM*, 1966-11-25: 5.

plos e submúltiplos do módulo estrutural de base.

As estruturas de suporte do corpo I e do volume de interligação são compostas por uma dupla fiada central de *pilotis* cilíndricos de betão para além da qual as lajes de piso e de cobertura se projetam em balanço ao longo das três frentes do edifício. A estrutura de suporte do corpo II é constituída por uma quadrícula de três fiadas de pilares retangulares de betão que abarcam a totalidade do prisma. Todas as estruturas são autónomas das paredes de encerramento exterior e de compartimentação interior do edifício.

O sombreamento dos dois corpos obtém-se pela utilização de duplas coberturas ventiladas que, no corpo I, formam um complexo jogo de planos horizontais que contribui para a demarcação formal entre este volume e o corpo de interligação. Os mecanismos de proteção dos *pan de verre* dos vãos exteriores informam decisivamente a expressão arquitetónica do conjunto. Assim, no alçado sudoeste do corpo I são utilizados *brise-soleil* formados por lâminas horizontais e verticais fixas de betão que compõem um padrão geométrico. No alçado noroeste do mesmo volume esta expressão é complementada por planos opacos retangulares de tijolo maciço que contribuem para o maior encerramento desta fachada. No alçado sul do corpo II, de composição marcada pela alternância entre planos envidraçados e nembos opacos de alvenaria, a proteção dos vãos exteriores é realizada por painéis retangulares perfurados por aberturas circulares. Finalmente no alçado norte do corpo II a proteção das *fenêtres en longueur* é assegurada por *brise-soleil* constituídos por palas horizontais - que as defendem dos raios solares verticais de norte - e por lâminas verticais de betão projetando-se perpendicularmente à fachada - que as protegem dos raios solares horizontais de nascente e poente.

A ventilação cruzada dos espaços interiores obtém-se pela abertura de janelas basculantes e persianas de lâminas horizontais de vidro nas folhas superiores dos envidraçados exteriores. Esta ventilação é complementada por lanternins abertos na parte superior das divisórias interiores longitudinais e das portas de acesso aos gabinetes.

O desenho do Palácio das Repartições de Porto Amélia baseia-se no seu congénere de Vila

Cabral, projetado pelos mesmos arquitetos pouco tempo antes: ambos apresentam semelhante composição volumétrica, organização programática e estruturação espacial. Embora em cada um dos palácios exista uma clara diferenciação entre a conceção da estrutura de suporte e a expressão formal exterior dos volumes que os constituem em Porto Amélia a linguagem projetada para o corpo II afasta-se já das ortodoxas referências a Le Corbusier e à moderna arquitetura brasileira que informam ainda o desenho do corpo I. Exetuam-se deste distanciamento as aberturas circulares patentes no alçado sul do corpo II, eventuais influências do edifício do Colégio Estadual da Penha, em São Paulo, Brasil (1952), por Eduardo Corona.[422] Assim, enquanto nas fachadas maiores do corpo I se afirma o carácter representativo do conjunto através do jogo de claro-escuro obtido pela alternância de cheios, vazios e variações cromáticas e texturais nos alçados de topo do corpo II a solidez do assentamento no terreno, o ritmo vertical das aberturas das fachadas sul, nascente e poente, e a extensiva utilização de tijolo maciço e betão aparente aproximam já o seu desenho da escala e da expressão formal da arquitetura europeia produzida a partir da crítica aos CIAM de finais da década de 50.

422 Mindlin, 1999 [1956]: 160-161.

Os símbolos

Neste quarto capítulo, "Os símbolos", serão analisados detalhadamente dez edifícios paradigmáticos de arquitetura moderna moçambicana que, pela sua modernidade e representatividade urbana, melhor exemplificam a a confluência entre as utopias do Estado Novo e do Movimento Moderno.

Ao longo do capítulo seguinte estes dez edifícios serão individualmente observados segundo critérios constantes numa mesma sucessão de tópicos de referenciação e interpretação. Estes critérios têm duas naturezas distintas correspondentes a dois tempos de apresentação de cada edifício: num primeiro momento cada exemplo será explicado com recurso às fontes documentais pesquisadas, num processo de investigação objetivo caraterístico da História da Arquitetura; num segundo momento cada caso de estudo foi decomposto em categorias disciplinares de exame estabelecidas *a priori*, numa metodologia intuitiva de leitura dos factos arquitetónicos caraterística da Teoria da Arquitetura. Com a utilização de um duplo método de abordagem dos exemplos em estudo procurou-se cruzar as diferentes leituras e demonstrar as premissas iniciais da investigação detetando as características invariantes por entre a diversidade de programas e discursos que informam as suas idiossincrasias individuais.

O primeiro momento de análise de cada exemplo em estudo foi subdividido nos seguintes tópicos de referenciação histórica da informação recolhida:

- Designação do edifício à época da sua construção e promotores responsáveis pela encomenda dos projetos e pela empreitada de construção;
- Autores dos projetos de arquitetura e das diversas especialidades e datação das diferentes fases de desenvolvimento dos projetos;
- Construtores responsáveis pelas empreitadas das diversas fases e datação da sua sucessão cronológica;
- Localização genérica dos edifícios em relação os tecidos urbanos onde se inserem;
- Programa geral a que originalmente se destinaram;
- Função atual dos edifícios e seu estado de conservação.

O segundo momento de observação de cada exemplo em estudo foi subdividido nas seguintes categorias disciplinares de leitura dos objetos edificados:

- Descrição e caraterização da implantação em relação à envolvente próxima;
- Descrição e caraterização da volumetria e da sua expressão formal externa;
- Descrição e caraterização da organização funcional do programa e da composição espacial resultante da compartimentação interna;
- Descrição e caraterização do sistema estrutural adotado e das matrizes modulares através do qual é dimensionado;
- Descrição e caraterização do sistema construtivo adotado e da natureza dos materiais utilizados;
- Descrição e caraterização dos processos de proteção climática através da implantação, disposição espacial interna e mecanismos de proteção solar e ventilação transversal;
- Descrição e caraterização das contribuições artísticas provenientes das diversas disciplinas plásticas bem como da sua integração (*Gesamtkunstwerk*) nos projetos dos edifícios;
- Descrição das influências externas que informam o desenho e caraterização da sua lingua-

gem arquitetónica.

No último tópico será aferida, de forma conclusiva, a consonância demonstrada por cada exemplo analisado com as conclusões gerais do trabalho.

A seleção dos exemplos em estudo teve em consideração a sua adequação à demonstração das proposições do trabalho: em primeiro lugar a sua complexidade programática, qualidade arquitetónica, sofisticação tecnológica e representatividade ideológica; em segundo lugar a fundamental existência de documentação primária acessível – desenhos e textos dos projetos, fotografias de época, testemunhos de autores, artigos da imprensa, referências bibliográficas -, bem como a realização do reconhecimento e registo fotográfico pessoal dos factos arquitetónicos *in loco*.

Cine-Teatro São Jorge (1952-1954). Praça Almirante Reis / Praça 3 de Fevereiro - Avenida da República / Avenida Eduardo Mondlane. Beira. Moçambique. 19°50'35.85"S, 34°50'47.80"E. João Garizo do Carmo.

A construção do Cine-Teatro São Jorge, na cidade da Beira, constituiu um empreendimento de um grupo de empresários beirenses da família Paraskeva: os irmãos Sócrates, Cleo, João, Nicolau, Alexandre e Menelau.[1]

Projetado em 1952 pelo arquiteto João Garizo do Carmo teve cálculos de estabilidade pelo engenheiro Alfredo Lorena Birne[2] e projeto de eletricidade pelo engenheiro Eugénio Rodrigues Sopa.[3]

A sua construção foi adjudicada em 1953 à Companhia de Construções de Moçambique[4] - empresa que também construiu o Grande Hotel da Beira -, sob a direção do engenheiro Jo-

1 *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1954 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

2 "Formado pelo Instituto Superior Técnico, em 1936, o Eng.º Lorena Birne, após a sua formatura, ingressou no quadro dos engenheiros das Obras Públicas, mediante concurso, tendo nos Serviços de Hidráulica Marítima e Fluvial projetado, calculado e dirigido trabalhos em betão armado (...).
Veio para a província de Moçambique em 1945, em comissão de serviço, como funcionário dos caminhos-de-ferro, encontrando-se atualmente, a trabalhar como particular." *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1954 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

3 "O projeto de eletrificação do Cine-Teatro S. Jorge é da autoria do Sr. Eng.º Eugénio Rodrigues Sopa, chefe dos Serviços Municipalizados de Eletricidade da Câmara Municipal da Beira.
O Sr. Eng.º Rodrigues Sopa, que outrora exerceu com brilho as lides jornalísticas, é outro profissional competente que s aiu duma das escolas do Porto, a Faculdade de Engenharia." *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1954 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

4 "Os irmãos Paraskevas, devidamente autorizados a construírem nos talhões 151, 151A e 151B, na Praça Almirante Reis desta cidade, um edifício para instalação e funcionamento nele dum cineteatro, salão de chá, cervejaria e boîte, têm o prazer de comunicar que adjudicaram a construção do majestoso prédio à *Companhia de Construções de Moçambique Ld.ª* (...)." Nicolau Paraskeva *in Diário de Moçambique*, 17 de Março de 1953 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

aquim Vaz,[5] e foi inaugurado em 17 de Novembro de 1954 com a presença do Governador de Manica e Sofala.[6] A esta primeira abertura ao público seguiram-se em 22 de Janeiro de 1955 a inauguração do sistema de ar condicionado,[7] em 26 de Fevereiro de 1955 a realização da primeira sessão do cinemascópio reservada à imprensa e rádio locais[8] e em 4 de Julho do mesmo ano a abertura do salão de chá.[9]

A localização do edifício, que foi sugerida pela Câmara Municipal da Beira,[10] permitiu-lhe servir uma zona de crescimento linear da cidade para sudeste. Esta área de expansão, que estava já assinalada na *Planta da Beira* da Companhia de Moçambique datada de 1899,[11]

5 "O Sr. Eng.° Joaquim Vaz entra no número daqueles que tomaram parte relevante na construção do Cine-Teatro S. Jorge, porque é hoje quem dirige tecnicamente a Companhia de Construções de Moçambique, empresa construtora da nova, aparatosa e rica casa de espetáculos.
O Eng.° Joaquim Vaz é natural do Porto, onde se formou em engenharia civil no ano de 1939.
Primeiramente funcionário das Obras Públicas, estabeleceu-se por sua conta no Porto, em 1942, tendo realizado importantes obras de empreitada, especialmente no ramo de canalizações a abastecimento de águas, a que se dedicou. Por ele foram realizadas as instalações desta especialidade dos modernos edifícios do Porto do Palácio Atlântico, Mercado do Bom Sucesso, Hotel da Praça D. João I, grande parte dos recentes prédios da parte nova da Rua Sá da Bandeira e parte alta da Avenida dos Aliados, o Seminário de Santa Joana em Aveiro, etc.
Veio para a Beira em 1952 por lhe ter sido adjudicada a empreitada das canalizações e instalações sanitárias do Grande Hotel da Beira." *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1954 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

6 "A nossa cidade vai assistir no próximo dia 17 a um acontecimento que muito a vai beneficiar no campo de diversões. Na tarde desse dia, às 15.30 horas, o Sr. Governador de Manica e Sofala, Ferreira Martins, inaugurará oficialmente o novo cinema S. Jorge, estando presentes entidades oficiais e individualidades de maior destaque do nosso meio.
Será exibido um filme de curta-metragem, para que os assistentes possam apreciar o funcionamento da aparelhagem moderna de que dispõe o novo cinema, incontestavelmente um dos melhores de toda a província.
À noite, com início às 21 horas, realizar-se-á a primeira sessão, que será de gala, com trajes de *soirée*. *Diário de Moçambique*, 12 de Novembro de 1954 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

7 "O cinema *S. Jorge* vai inaugurar amanhã, domingo, nas suas salas, ar condicionado.
Desta forma, os espectadores vão usufruir, além das excecionais condições que a casa oferece e que todos conhecem, mais uma, a de um ambiente fresco que é, sem dúvida da maior importância." *Diário de Moçambique*, 22 de Janeiro de 1955 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

8 "Realizou-se ontem, com início pelas 15 horas, no cinema S. Jorge, uma sessão privada de *cinemascope* para a imprensa e rádio desta cidade (...).
A magnífica aparelhagem com que foi dotada esta sala de espetáculos e as cuidadas condições acústicas que a caracterizam, permitiram que a projeção em cinemascópio com sonorização estereofónica, feita durante cerca de uma hora, constituísse um espetáculo sem dúvida agradável e interessante de que, gostosamente, fazemos eco.
O novo sistema de projeção, que o São Jorge exibe com as dimensões de 13mx3m é, na realidade, uma fase verdadeiramente avançada da *arte das imagens animadas* a que temos de reconhecer o poder de convicção que exerce sobre o espectador, não sendo de esquecer mas, pelo contrário, de realçar, o efeito da *estereofonia*." *Diário de Moçambique*, 27 de Fevereiro de 1955 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

9 *DM*, 1955-06-04: 5.

10 "(...) não tive qualquer dificuldade em aprovar a indicação da Câmara Municipal. Mesmo sob o ponto de vista urbanístico, está muito bem escolhido. Lembre-se que o S. Jorge ficará a servir uma zona residencial importante. E não esqueça que dará origem a um descongestionamento." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 5 de Dezembro de 1953-12-05 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

11 Silveira, [c.1956]: 264.

tinha a forma de uma malha ortogonal - uma característica constante na produção urbanística da engenharia militar. O edifício ocupa três talhões deste novo tecido urbano no ângulo sul do cruzamento da antiga Avenida da República, atual Avenida Eduardo Mondlane, com a antiga Praça Almirante Reis, atual Praça 3 de Fevereiro.

Suprindo uma lacuna de espaços equipados para representações teatrais na cidade da Beira o programa inicial compreendia, para além de cervejaria, salão de chá e *boîte*, uma sala de espetáculos mista para teatro e cinema.[12] A sala de espetáculos possuía um palco com uma teia de 10 metros de altura, 6 camarins sob ele e o maior ecrã do Ultramar português,[13] o primeiro em toda a África Oriental a permitir projeções em cinemascópio.[14]

Renomeado Cinema 3 de Fevereiro após a independência as obras para a sua transformação no Centro Cultural da delegação da Beira da Universidade Pedagógica iniciaram-se em 2005 e foram interrompidas em 2007 por falta de verbas.[15] Aquando da primeira visita do autor à cidade da Beira, em Fevereiro de 2009, as obras estavam a decorrer. Durante a segunda visita, em Julho de 2010, as obras ainda não tinham sido concluídas, tal como se podia constatar pelos tapumes que encerravam o edifício. A qualidade com que foi construído é demonstrada pela natureza das obras de recuperação em curso: dispensando alterações construtivas significativas estas obras incidiam principalmente no restauro dos elementos arquitetónicos e construtivos originais.

A implantação do Cine-Teatro São Jorge apoia-se na diagonal de um terreno de cunhal com duas frentes urbanas e reduzidas dimensões. A disposição do eixo maior do edifício

12 "A sala de espetáculos é, como sabe, mista de teatro e cinema. O nosso objetivo quanto ao teatro está no facto de não haver na Beira um palco onde se trabalhe em condições. É claro que a questão comercial, para este caso, pouco ou nada interessou, uma vez que o teatro, vindo da Metrópole, aqui nos chega decadente. Mas, pelo menos, este palco trará à cidade da Beira um melhoramento apreciável e que é este de qualquer companhia ali poder dar as suas representações, trabalhando à vontade em local apropriado que satisfaça plenamente todas as exigências da peça." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 5 de Dezembro de 1953 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

13 "É de realçar o facto que a tela própria para cinemascópio, no S. Jorge, mede 13 metros de largura, portanto a maior de todas as que foram já instaladas no Ultramar." *DM*, 1955-02-19: 5.

14 "Pode escrever que a sala ficará, possivelmente, equipada com um écran de 38 pés e será a primeira, pelo menos na África Oriental pois eu não sei o que se passa em Angola, a apresentar o cinemascópio." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 5 de Dezembro de 1953 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

15 *DM*, 2007-06-25: 5 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

assente sobre a mediatriz do lote, numa orientação próxima da direção norte-sul, permite limitar as zonas de incidência solar nos vãos exteriores virados ao quadrante norte, obter o máximo de espaço disponível para o desenvolvimento em profundidade da sequência espacial interior e maximizar a superfície de contacto entre o interior e o exterior do edifício.

A complexa articulação volumétrica que carateriza a sua expressão formal exterior é composta por dois elementos principais a que correspondem duas utilizações distintas: o corpo central maior em leque, a sala de espetáculos, é precedido a norte por dois volumes convexos de menor superfície e altimetria contendo os *foyers* e diversos espaços de apoio e é rematado a sul, no interior do quarteirão, por um volume prismático de maior altura que aloja a teia do palco; e um corpo lateral menor de topo circular que se projeta da empena nascente do corpo central e que contém o salão de chá. As intersecções volumétricas organicamente expressionistas da forma exterior, dramaticamente acentuadas pelo jogo de luz e sombra ao longo do movimento solar diurno, contribuem para enfatizar a natureza excecional da função pública do edifício.

A organização dos principais espaços interiores segue estritamente a volumetria exterior. Na frente à Praça Almirante Reis dois *foyers* curvos sobrepostos abrem-se para o exterior através de dois grandes vãos horizontais: o *foyer* do piso térreo funciona como uma antecâmara distribuindo para uma plateia com 700 lugares, bilheteira e escadaria de acesso ao piso superior; o *foyer* do segundo piso, coberto por um escultórico teto curvo em movimento descendente transversal a partir do grande janelão semicircular, serve a entrada no balcão para 500 espectadores. No centro do terreno a forma trapezoidal da sala de espetáculos faz convergir no palco toda a direccionalidade do espaço interior num movimento descendente acentuado pela pendente do pavimento e pelo desenho ondulante dos tetos falsos. A plasticidade espacial dos *foyers* e da sala principal é reforçada pela iluminação indireta oculta nas sancas de luz dos tetos e pelos focos de luz neles embebidos.[16] No miolo do quarteirão

16 "A iluminação é feita por meio de luz indireta. E da aplicação desta luz, nasce um dos principais partidos decorativos." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 5 de Dezembro de 1953 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

o vazio interior da teia do palco remata verticalmente o eixo compositivo que estrutura diagonalmente toda a sequência espacial interna. O salão de chá anexo, que tem uma ligação interior ao bar do edifício principal e entrada exterior independente pela Avenida da República, organiza-se autonomamente em torno de um pé-direito duplo central rodeado ao nível do segundo piso por um *mezzanine* que abre para uma varanda exterior.

Como se pode observar pela secção vertical publicada por António Albuquerque, único desenho técnico a que tivemos acesso,[17] o edifício foi construído com uma estrutura mista de betão e aço. Os tetos falsos em estuque e os revestimentos exteriores ocultaram, por detrás de uma aparente solidez escultórica, a verdadeira estrutura do edifício. Esta é constituída por asnas metálicas na cobertura da sala de espetáculos e vigas em consola para suporte do vão exterior do *foyer* superior. Os desafios estruturais referidos pela imprensa residiram nos cálculos do pórtico da boca de cena e do balanço do balcão sobre a plateia sem apoios intermédios.[18]

Numa obra que recorre aos sistemas construtivos industriais caraterísticos da construção em betão - cuja utilização se encontrava amplamente difundida na época -, destaca-se o recurso na fachada principal a *brise-soleil* compostos por lâminas verticais de alumínio anodizado de produção industrial.[19]

A aplicação no cineteatro de quebra-luzes estandardizados antecede a publicação no livro *Arquitetura Moderna no Brasil*, de 1956, de semelhantes *brise-soleil* de alumínio de produção em série utilizados num edifício em S. Paulo.[20] A proteção térmica dos grandes vãos que o cine-teatro abre a norte é realizada, ao nível do segundo piso, pelos referidos *brise-soleil* e, ao nível do piso térreo, pelo recuo do plano da caixilharia em relação ao plano da

17 Albuquerque, 1998: 42.

18 "(...) o balcão avança dez metros sobre a plateia, sem uma única coluna. Isto, sob o ponto de vista da engenharia, é um trabalho de valor." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 5 de Dezembro de 1953 (http://beiraumseculo.blogspot.com); "Na nova casa de espetáculos, o pórtico do palco e o balcão balanceando 12 metros sobre a plateia mereceram especiais cuidados ao distinto engenheiro, que hoje pode olhar para esta obra, que se construiu também com o seu auxílio, com certo orgulho e legítima satisfação." *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1953 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

19 "Posso também dizer-lhes que todos os quebra-luzes desta fachada serão em alumínio anodizado, uma coisa muito bonita e que dura eternamente." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 5 de Dezembro de 1953 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

20 Mindlin, 1999 [1956]: 34.

fachada principal e pela pala horizontal formada pela saliência da moldura que envolve o vão superior.

No projeto do edifício do cinema foram colocados três murais exteriores em cerâmica policromada da autoria de Jorge Garizo do Carmo[21] - artista plástico que colaborou em diversas obras do seu irmão João Garizo do Carmo.[22] Os três murais do interior do cinema foram realizados por Arlindo Rocha, um pioneiro da escultura abstrata em Portugal.[23] Tentando uma síntese entre a arquitetura e as artes plásticas estes murais ocupam, com exceção do painel que se inscreve no desenho da caixilharia do piso térreo, vastas superfícies de parede com representações simbólicas das artes performativas que decorrem no edifício.[24]

As superfícies exteriores rebocadas e pintadas e a delicadeza dos caixilhos que encerram os vãos exteriores do Cine-Teatro S. Jorge referem o edifício ao purismo geométrico da arquitetura do Movimento Moderno inicial. A sua implantação num terreno de cunhal abrindo para uma praça fronteira, a plasticidade do jogo de volumes, a superfície curva do vão da fachada principal e a fluidez e estruturação geral dos espaços principais remete antes para o Cinema Batalha na cidade do Porto, obra projetada por Artur Andrade (1913-2005) e inaugurada em 1946 - relação que a semelhança entre as seções verticais longitudinais das duas salas de espetáculos também reforça. A possível influência do desenho do edifício portuense poderá ter origem na estadia de João Garizo do Carmo na cidade do Porto enquanto estudante da Escola de Belas-Artes e colaborador de Viana de Lima. Ambos os cinemas denotam o conhecimento do movimento ondulante do *pan de verre* que encerra

21 "Para a Beira executou os 200m^2 dos painéis exteriores e revestimento de fachada a grés policromado (majólicas a fogo livre) para o Cine-Teatro S. Jorge." *Notícias*, 1958-08-13: 6.

22 "Posso começar por lhe dizer que houve a preocupação de valorizar artisticamente o edifício, coisa que não se costuma fazer por estas terras. Portanto ele terá, na fachada, três painéis em cerâmica policromada. Estes painéis são de autoria de Jorge Garizo do Carmo, meu irmão (...).
(...) O do lado esquerdo, a figura de S. Jorge que dá o nome ao cineteatro. O painel que envolve a entrada principal, representa o som e a luz – a síntese do cinema. Finalmente, o do lado direito apresenta-nos a música, a dança e o teatro. Todas estas figuras simbólicas são muito curiosas pela sua cor e movimento e embelezam grandemente a fachada do edifício." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 5 de Dezembro de 1953 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

23 "O escultor Arlindo Rocha concebeu e realizou *Alegoria às Descobertas*, *As Comadres* e *Romance de Pierrot e Columbina*, que embelezam o proscénio, o balcão e a plateia." *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1954 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

24 "Todavia, o arrojo da arquitetura nova estava, em certo modo, a pedir algo de novo, mais moderno e abstrato, nas decorações." *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1954 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

o corpo curvilíneo em consola da pista de dança do Casino de Pampulha (1942), Brasil, por Óscar Niemeyer.[25] No caso do cinema moçambicano a referência à arquitetura deste autor brasileiro torna-se ainda mais explícita pela semelhante exploração formal do ritmo de elementos verticais de sombreamento que compõem o *brise-soleil* do vão superior da fachada principal.[26] Para além do Casino e do Yacht Club de Pampulha também na Obra do Berço, no Rio de Janeiro (1937),[27] Óscar Niemeyer utiliza lâminas verticais orientáveis para proteção do envidraçado da fachada principal.

Equipamento de referência localizado numa zona de recente expansão da cidade o Cine-Teatro São Jorge teve no seu programa de complexidade e escala inovadores, na cuidadosa e racional organização funcional e espacial - com espaços técnicos adequados e equipamentos mecânicos de qualidade -, na volumetria e linguagem interiores e exteriores vinculadas à arquitetura do Movimento Moderno - com obras de arte de Garizo do Carmo e Arlindo Rocha integradas no mesmo conceito arquitetónico -, no arrojo estrutural e na utilização de novos materiais e elementos de proteção solar e de climatização artificial,[28] as características que lhe conferiram qualidades de modernidade e durabilidade. Um símbolo das aspirações da sociedade que o edificou.[29]

25 O Casino de Pampulha foi publicadvo em 1943 no catálogo da exposição do MOMA *Brazil Builds*, em Setembro de 1947 na revista *Architecture D'Aujourd'hui* e, em 1950 na monografia *The Work of Oscar Niemeyer* de Stamo Papadaki. Como obra de referência da moderna arquitetura brasileira é provável que o conjunto de Pampulha tenha integrado a exposição *Arquitectura Contemporânea no Brasil*, aberta durante três dias entre o final de 1948 e início de 1949 no Instituto Superior Técnico em Lisboa (Milheiro, 2008: 5; Milheiro; Ferreira, 2009: 4).

26 "A severidade aparente do conjunto é equilibrada pelo jogo de massas em comunicação, pela transparência das fachadas e dos interiores, como também pelos pilotis e *brise-soleil* do bloco arredondado (...)." Mindlin, 1999 [1956]: 190.

27 Goodwin, 1943: 86.

28 "O cinema *S. Jorge*, inaugurado em Novembro do ano findo é bem o fruto da conceção arquitetónica moderna e de todas as possibilidades da técnica dos nossos dias." *DM*, 1955-02-19: 5.

29 "Com a inauguração do Cinema S. Jorge, a Beira fica dotada de mais uma excelente casa de espetáculos, de linhas elegantes e com todos os confortos modernos, o que muito concorre para a valorizar." *Diário de Moçambique*, 18 de Novembro de 1954 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

Cine-Teatro São Jorge

Esquerda:
Janelão do *foyer* do piso 2.
(EM, 2009).

Direita:
Frente à antiga Pr. Almirante Reis.
(EM, 2009).

Cine-Teatro São Jorge

Esquerda:
Frente à antiga Av. da República vendo-se o exterior da casa de chá.
(EM, 2009).

Direita:
Articulação volumétrica na frente à antiga Av. da República.
(EM, 2009).

Cine-Teatro São Jorge

Esquerda e direita:
Interior da casa de chá.
(EM, 2009).

Cine-Teatro São Jorge

Esquerda:
*Foy*er do piso 1.
(EM, 2009).

Direita:
*Foy*er do piso 1 com mural por Arlindo Rocha.
(EM, 2009).

Padaria Saipal (1952-c.1957). Avenida Paiva Manso / Avenida Filipe Samuel Magaia. Lourenço Marques / Maputo. Moçambique. 25°57'37.23"S, 32°34'28.03"E. Amâncio d'Alpoim Miranda (Pancho) Guedes.

A Padaria Saipal constituiu um empreendimento da Sociedade Administradora da Indústria de Panificação Limitada (SAIPAL), cooperativa de padeiros de Lourenço Marques animada pelo sócio José Fernandes Dionísio Moço.[30] A cooperativa autointitulava-se *Saipal, pão da cidade*,[31] designação e epíteto inscritos em grandes letras nos dois alçados de topo do edifício da fábrica.

Desenhada por Pancho Guedes teve o seu projeto assinado pelo engenheiro Vitalle Moffa, com quem Pancho colaborou no início da década de 50. A datação do projeto foi estabelecida entre 1952 e 1954,[32] distintas datas que poderão corresponder a diferentes fases de desenvolvimento do estudo.

Embora se desconheça ainda a cronologia da construção do edifício sabe-se que a sua estrutura estava já erguida em 13 de Dezembro de 1957: com assistência de mais de cem convidados, beberete no salão principal e reportagem da imprensa laurentina realizou-se nesse dia a cerimónia do *pau de fileira*, acontecimento que tradicionalmente assinalava a colocação das traves do telhado do novo edifício.[33] No final do mesmo mês iniciou-se o pro-

30 *Notícias*, 1958-08-08: 11.

31 "A padaria Saipal era a sede e a fábrica da Cooperativa de Padeiros de Lourenço Marques. Chamavam-se a si próprios *pão da cidade*." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 88.

32 ALBUQUERQUE, 1998: 88; SANTIAGO, 2007: 54; GUEDES, 2009: 88.

33 "Com a presença de mais de uma centena de convidados (...), realizou-se ontem, (...) a cerimónia do *pau de fileira* na nova e grandiosa padaria da *Sociedade Administradora da Indústria de Panificação Limitada (SAIPAL)*.
(...) Assinalando a cerimónia (...), foi servido (...) um grandioso beberete no salão principal (...)." NOTÍCIAS, 1956-12-14: 13.

cesso de instalação e montagem das maquinarias alemãs de fabrico de pão.[34] Em Agosto de 1958 a panificadora estava já em pleno funcionamento.[35]

A padaria Saipal localiza-se no bairro do Alto Maé, uma zona de expansão para norte da malha ortogonal de Lourenço Marques tal como definida em 1887 no *Projecto de ampliação da cidade de Lourenço Marques* pelo major engenheiro António José de Araújo. Com a forma de um retângulo orientado na direção noroeste-sudeste o terreno abre-se, num dos seus topos menores, para a Avenida Paiva Manso. Os seus três outros lados confinam com os limites dos talhões vizinhos no interior do quarteirão.

O edifício compreendia originalmente, para além dos escritórios da sociedade, uma fábrica de panificação planeada de forma a poder vir a duplicar no futuro a sua produção, armazéns e outras instalações de apoio à laboração.[36] O vazio exterior constituído pelo pátio lateral a sudoeste foi pensado como um espaço de reserva para uma possível ampliação da fábrica. Neste pátio a estrutura de arcos foi deixada apontada de forma a permitir futuras extensões.[37]

Não foi de grande duração o funcionamento da Saipal que, devido a desentendimentos entre os padeiros, rapidamente abriu falência.[38] Em 1996 o edifício da fábrica funcionava

34 "Deram ontem entrada na Saipal oito volumes (...) contendo os primeiros maquinismos comprados pela conhecida firma para as suas novas instalações.
Este equipamento ultramoderno foi fornecido pela casa de Hamburgo Breckwoldt & Co., de marca *Winkler* (...).
(...) Podemos informar também os leitores que chegam a Lourenço Marques, no próximo mês de Janeiro os técnicos que procederão à montagem destas máquinas, e que a Saipal já pediu à Câmara Municipal de Lourenço Marques autorização para montar postos de distribuição de pão através da cidade." *Notícias*, 1957-12-27: 12.

35 *Notícias*, 1958-08-08: 11.

36 "De grandiosa conceção, cobrindo uma área de três mil metros quadrados, o gigantesco edifício, de estilo verdadeiramente arrojado nas suas linhas de acentuado modernismo, é da autoria do conhecido arquiteto Miranda Guedes e compreende escritórios, armazéns de farinha, parte fabril propriamente dita, camaratas para o pessoal, geradores, lavandaria, etc. estando previsto o início da atividade da grandiosa fábrica para dentro de seis meses, com uma laboração diária de 15.000 quilos de farinha, em oito horas de serviço. A maquinaria será toda alemã, tendo a fábrica capacidade para, no futuro, nela se instalarem mais aparelhos pelos quais duplicará a produção." *Notícias*, 1956-12-14: 13.

37 "A melhor parte da Saipal é o pátio lateral, que resultou de uma previsão para a futura expansão da área de fabrico, para que a Saipal fizesse biscoitos quando não estava a fazer pão. As intersecções dos arcos e pilares, resultantes de uma cuidada análise das cargas, tornaram-se personagens monumentais que parecem adiantar-se ao resto do edifício, trespassadas pelos vazios daquilo que imagino como *zona neutra*." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 88.

38 "Infelizmente, as máquinas não sabiam fazer pão à portuguesa e recusaram-se a ser adaptadas. Os padeiros começaram a desentender-se e a Saipal em breve abriu falência." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 88.

como um armazém: embora globalmente preservada[39] tinha os acessos em rampa para a entrada na cota superior e o alçado principal bastante alterados. Em 2009, aquando da visita ao edifício, decorriam obras na parte anterior do edifício para instalação da empresa Fipag que alteraram cores e materiais de revestimento interior e exterior. As zonas centrais e posteriores da padaria, que mantinham ainda uma caracterização formal mais próxima do original, aguardavam disponibilidade financeira da empresa para entrar em obras. Tinha-se entretanto frustrado a hipótese de recuperação do edifício para a sua transformação em Museu de Moçambique.[40]

A Padaria Saipal implanta-se paralelamente aos limites do terreno e à quadrícula urbana envolvente. Apresenta-se como um objeto autónomo, colocado sensivelmente ao centro do lote, criando quatro espaços distintos em seu redor. O maior destes espaços, entre a fábrica e a avenida, constituía uma zona de transição onde se desenvolviam as rampas com os acessos principais ao edifício.[41]

A silhueta dos alçados de topo, que à época da sua construção foi interpretada como uma evocação da forma de um pão português,[42] é hoje popularmente associada com a representação iconográfica de um elefante africano, como me informaram durante a visita ao edifício. De facto a sua volumetria exterior é de conceção mais abstrata, matricialmente resultante da estrutura de suporte interior. Esta é composta pela intersecção transversal de dois arcos parabólicos de diferente dimensão e desenvolvimento formal que, repetidos sucessivamente ao longo da extensão longitudinal do edifício, se projetam em baixo-relevo na superfície dos alçados noroeste e sudeste e se salientam, como arcobotantes, ao longo de todo o alçado nordeste e sudoeste. A extrusão longitudinal destes arcos define dois corpos abobadados de planimetria ortogonal e dominante longitudinal que se intersectam tangen-

39 Fernandes; Janeiro; Neves, 2008: 185.

40 Santiago, 2007: 55.

41 Para desenhos de projeto consultar Guedes, 2009: 88-89 e www.guedes.info.

42 "Nos seus primeiros tempos a Saipal tinha tido um poderoso e simbólico significado - os padeiros gostavam imenso, e com frequência se declaravam maravilhados, que eu tivesse desenhado a sua sede com a forma de um enorme pão português. Todos os armários para o pão, nos seus vários depósitos pela cidade fora, tinham recortes do alçado em madeira no topo das prateleiras. No entanto, eu não tinha pensado no pão português." Pancho Guedes *in* Guedes, 2009: 88.

cialmente: o volume largo e baixo desenvolve-se a todo o comprimento do edifício enquanto o mais alto e estreito só se concretiza nas frentes principal e de traseiras, abrindo um vazio central no qual escultóricas estruturas inacabadas ritmam o pátio central de reserva.[43] A cobertura dos dois volumes tem a forma de uma fina membrana de betão estendida sobre os arcos parabólicos, ligeiramente saliente nos alçados de topo e prolongando-se para além da parede exterior ao longo de todo o lado nordeste. O movimento ondulante das coberturas abobadadas, que unifica formalmente o conjunto, é interrompido apenas por elementos pontuais tais como os dois volumes escultóricos das chaminés da fábrica ou o lanternim da zona de escritórios.

A composição espacial interna do edifício resulta das necessidades do programa funcional. Este assenta numa organização planimétrica ortogonal que, como outros projetos no *Stiloguedes*, é bastante simples, direta e funcional.[44] Sobreposta a um piso térreo extremamente compartimentado a nave da zona de fabrico, espaço central do edifício, é antecedida pela zona administrativa que ocupa dois pisos na frente principal. Com pé-direito duplo e 1 200m^2 de superfície a nave foi dimensionada de acordo com os requisitos técnicos dos fabricantes alemães das máquinas e dos equipamentos.[45] Coberta pela abóbada mais larga e baixa e iluminada lateralmente pelas *fenêtres en longueur* - dispostas em vários níveis e apenas interrompidas pelo ritmo constante dos arcos estruturais - remata-se num *mezzanine* envidraçado a toda a largura do seu topo posterior.

O princípio estrutural da padaria, tal como o seu princípio compositivo, baseia-se na interseção tangencial de dois arcos parabólicos de betão armado e na sua rítmica repetição, de forma completa ou parcial, ao longo do desenvolvimento longitudinal do edifício. Estes módulos transversais, desenhados com a ajuda do engenheiro Vitalle Moffa,[46] ligam-se entre si

43 "As intersecções dos arcos e pilares, resultantes de uma cuidada análise das cargas, tornaram-se personagens monumentais que parecem adiantar-se ao resto do edifício, trespassadas pelos vazios daquilo que imagino como *zona neutra*." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 88.

44 GUEDES, 2009: 79.

45 GUEDES, 2009: 88.

46 "O corte tinha tido origem em dois arcos parabólicos trabalhados repetidas vezes com a ajuda do engenheiro Vittalle Moffa, de modo a que os arcos precisassem de pouco ferro, não precisando teoricamente de nenhum." Pancho Guedes *in* GUEDES, 2009: 88.

pelas vigas longitudinais e pelas lajes de piso e membranas de cobertura, travando assim o conjunto da estrutura de suporte.

O sistema construtivo preenche os vazios da estrutura encerrando o edifício e compartimentando o seu espaço interior através de elementos opacos de alvenaria, materiais de fabrico industrial e caixilharias de metal ou madeira com vidro transparente ou translúcido.

A proteção climática é facilitada pela exposição dos lados maiores do edifício aos pontos cardeais colaterais de nordeste e sudoeste. No alçado nordeste os vãos exteriores de dominante horizontal são protegidos pela projeção oblíqua da membrana de cobertura para além do plano da parede exterior. No alçado sudoeste as aberturas são resguardadas da incidência dos raios de nascente e poente por *brise-soleil* compostos por elementos verticais de formas trapezoidais, perpendiculares ao plano da fachada, e por alguma opacidade dos arcobotantes. A orientação do edifício permite, por outro lado, a captação dos ventos dominantes garantindo a circulação transversal do ar através das grelhas de ventilação inseridas nos caixilhos exteriores.

O edifício da Padaria Saipal, como outros edifícios de Pancho Guedes, assume-se não apenas como uma obra de arquitetura mas como uma fusão desta com a escultura.[47] Constitui um exemplo maior da constante revindicação de uma liberdade criativa na qual pintura, escultura e arquitetura se confundem na génese formal da obra de arte.[48]

Regrando a linguagem idiossincrática do *Stiloguedes* encontram-se na Padaria Saipal alguns dos princípios conceptuais e padrões formais da arquitetura do Movimento Moderno internacional: carácter objetual da volumetria, ossatura estrutural independente, *plan libre*, *fenêtres en longueur*, materiais estandardizados de produção industrial. Podem também ser descobertas nesta obra eventuais referências à contemporânea arquitetura moderna brasi-

47 "But Pancho Guedes exemplifies Benedetto Croce's conception that intuition and representation are interchangeable terms.Pancho thus sculpts his architecture and architects his sculpture – a uniquely non-European outlook." P. G. Raman *in* GUEDES; GUEDES, 2003:1.

48 "Pancho Guedes built over 25 years in the remote country of Mozambique an architectural world in which old and new, European and African, fantasy and radical requirements were no longer contrasting each other, but were unified into a new whole, a *Gesamtkunstwerk* in which all the included values were enhanced and elevated to a new level." Udo Kultermann *in* GUEDES; GUEDES, 2003: 20.

leira, que o autor não desconhecia: para além de proximidades compositivas e estruturais com a Unidade Industrial da Sotreq, de 1949, no Rio de Janeiro, por M. M. M. Roberto,[49] contém referências diretas ao bloco principal da fábrica da indústria de alimentos Duchen, de 1950, perto de São Paulo, Brasil, por Óscar Niemeyer e Helio Uchôa.[50] Embora de escalas e contextos bastante distintos ambos as fábricas desenham, sobre o mesmo programa industrial de natureza alimentar, edifícios com múltiplas afinidades: na distribuição funcional, na compartimentação espacial interior, na lógica estrutural e na expressão formal da volumetria geral e dos alçados de topo.

Na estruturação arquitetónica das obras de Pancho Guedes articulam-se elementos de natureza escultórica[51] - regrados pelos princípios, padrões e referências formais do Movimento Moderno e da História da Arquitetura -, que revelam influências do expressionismo, do surrealismo e da cultura plástica local.[52] Símbolos da modernidade arquitetónica internacional e marcos da linguagem específica do seu autor os edifícios de Pancho Guedes construídos durante a década de 50 tiveram ampla divulgação local. Suscitaram espanto e polémica na conservadora sociedade colonial de Lourenço Marques, educada nos valores metropolitanos da arquitetura tradicional do Estado Novo.[53]

49 Mindlin, 1999 [1956]: 238-239..

50 Milheiro, 2008: 11.

51 "Later, when I got to know the work of Miranda Guedes, I began to recognize his buildings as veritable sculptures placed in a rather unimaginative urban setting." Luís Bernardo Honwana *in* Guedes; Guedes, 2003: 9.

52 "No architect in Mozambique had ever linked architecture to indigenous culture. Only in his designs do we see a geometry reflecting the tattoo-like patterns so characteristic of African mythology." Malangatana Ngwenya Valente *in* Guedes; Guedes: 16-17.

53 "Every new architectural project of Pancho Miranda Guedes became the object of intense debate in the city. The echoes of these discussions reached all segments of society, from which many of us, far from the epicentre of these intellectual confrontations, only got the impression that the architect's works did not please an establishment that we detested for many reasons." Luís Bernardo Honwana *in* Guedes; Guedes, 2003: 9; "Inevitably, any news spread fast, and would be glamorized to a golden status. It was then that one day I heard at the dinner table, my parents and friends talk about this young genius, an architect with an attitude intent on transforming the population's sedate and predictable lifestyle. (...) By then the whole world was talking about Pancho Guedes, and the elite felt vindicated in their initial prediction. As expected, his reputation preceded his very presence, and the vignettes of Pancho's dealings with clients, builders, the authorities and the establishment at large, became legends larger than life, a giant that I wondered if ever I would be given a glimpse of." Luís Ferreira da Silva *in* Guedes; Guedes, 2003: 14.

Padaria Saipal

Esquerda:
Fachada principal e frente nordeste.
(EM, 2009).

Direita:
Frente nordeste.
(EM, 2009).

Padaria Saipal

Fenestração da frente nordeste.
(EM, 2009).

Padaria Saipal

Esquerda:
Frente nordeste e fachada posterior. (EM, 2009).

Direita:
Remate das coberturas na fachada posterior.
(EM, 2009).

Padaria Saipal

Esquerda e direita:
Pátio de reserva na frente sudoeste.
(EM, 2009).

Padaria Saipal

Esquerda:
Piso térreo na frente sudoeste.
(EM, 2009).

Direita:
Cunhal oeste.
(EM, 2009).

Padaria Saipal

Esquerda e direita:
Pátio de reserva na frente sudoeste.
(EM, 2009).

Padaria Saipal

Esquerda e direita:
Nave principal.
(EM, 2009).

Padaria Saipal

Esquerda:
Mezzanine.
(EM, 2009).

Direita:
Divisória interior.
(EM, 2009).

Padaria Saipal

Esquerda:
Mezzanine.
(EM, 2009).

Direita:
Nave principal - vão exterior.
(EM, 2009).

Aerogare, Torre de Comando e Serviços Técnicos do Aeroporto Gago Coutinho (1953-1963). Avenida Marechal Craveiro Lopes / Avenida Acordos de Lusaka. Lourenço Marques / Maputo. Moçambique. 25°55'30.74"S, 32°34'25.34"E. Cândido Palma de Melo.

As novas instalações da aerogare, torre de comando e serviços técnicos do Aeroporto Gago Coutinho de Lourenço Marques, atual Maputo, constituíram uma das infraestruturas moçambicanas de apoio ao transporte aéreo que, enquadradas na rede nacional de aeroportos, foram financiadas pela primeira fase do I Plano de Fomento.[54]

Em 1953 foi constatada a urgente necessidade de um novo edifício para os serviços técnicos e torre de controlo do aeroporto, para o qual foi executado um estudo preliminar no Serviço de Obras da Direção Geral da Aeronáutica Civil, em Lisboa.[55] O edifício da aerogare, localizado de acordo com o plano geral das instalações, foi projetado pelo arquiteto Cândido Palma de Melo entre 1955 e 1960 também nos Serviços de Obras da DGAC em Lisboa. O seu primeiro anteprojeto, desenhado em 1955,[56] foi apresentado e discutido no

54 *Notícias*, 1958-11-23: 26.

55 "Realizadas as obras de terraplanagem e pavimentação foi reconhecida, em 1953, a necessidade de execução imediata de um edifício destinado a Serviços Técnicos do Aeroporto, abrangendo a Torre de Comando. Os estudos preliminares então elaborados permitiram a execução do projeto da referida Torre de Comando, devidamente integrada no plano de conjunto do edifício terminal, localizado em conformidade com o Plano Geral aprovado." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

56 "Em 1955, com os resultados obtidos por esta política de progressivo equipamento do aeroporto, começou a tornar-se aconselhável o início dos estudos definitivos da aerogare, pelo que foi elaborado então o respetivo anteprojeto o qual só no ano seguinte pode ser objeto de apreciação direta na Província." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

início de 1956 com os delegados dos serviços provinciais moçambicanos.[57] Em função de novos dados programáticos surgidos numa reunião internacional da especialidade este anteprojeto foi posteriormente revisto e atualizado através de um novo estudo.[58] O projeto final, incluindo toda a pormenorização para a empreitada de construção, foi concretizado entre 1958 e 1960.

As obras no edifício dos serviços técnicos e torre de comando estavam em fase de conclusão em Março de 1956, de acordo com a fotografia publicada aquando da visita de uma delegação de técnicos da Aeronáutica Civil à antiga província.[59] Por ocasião das comemorações do 33.º aniversário da *Revolução Nacional*, em 28 de Maio de 1959, neste edifício foi inaugurado o Centro de Comunicações Aeronáuticas de Lourenço Marques.[60] O concurso para arrematação da empreitada da construção da aerogare teve lugar no dia 16 de Junho de 1960[61] tendo a sua construção sido iniciada no final do mesmo ano. O edifício foi aberto ao tráfego aéreo em 24 de Maio de 1963[62] e oficialmente inaugurado em 17 de Junho do mesmo ano, data comemorativa da chegada ao Rio de Janeiro de Gago Coutinho e Sacadu-

57 "Em Fevereiro-Março de 1956, quando da visita à Província de uma missão desta direção geral, foi esta portadora do anteprojeto da aerogare. Então, foi o mesmo analisado pelos vários serviços interessados e foi discutido entre os elementos constitutivos da missão e os delegados dos serviços provinciais – Meteorologia, Alfândega, Polícia, Saúde, D.E.T.A. e Aeronáutica Civil – que assim tiveram oportunidade de se pronunciar (...) acerca da suficiência ou insuficiência das instalações previstas e do seu arranjo dentro do sistema geral. A Missão anotou os pontos de vista expressos, que mais especialmente interessavam aos elementos dos Serviços de Obras da Direção Geral da Aeronáutica Civil: Engenheiro Themudo Barata e Arquiteto Palma de Melo." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

58 "Entretanto teve lugar em Montreal uma reunião AGA, com a participação de técnicos nacionais, da Direção Geral da Aeronáutica Civil, e foram definidos certos princípios, diretamente relacionados com o traçado geral dos edifícios terminais dos aeroportos. O facto deu origem a que o anteprojeto básico fosse revisto e outro produzido em seu lugar, mantendo-se porém em grande escala a orientação inicial, em particular no que respeita a áreas.
Este segundo anteprojeto foi enviado à Província, para a seu respeito se pronunciar, e deu origem a um parecer remetido pelo Governo-Geral de Moçambique." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

59 "Vindos de Lisboa, visitaram Lourenço Marques e outras localidades da Província os Srs. Engenheiros Vítor Veres e Temudo Barata, e o Arquitecto Palmas, todos funcionários superiores do Secretariado da Aeronáutica Civil." *BPCFTM*, 1956-03: 17.

60 *Notícias*, 1959-05-28: 20; *Notícias*, 1959-05-30: 15.

61 *DM*, 1960-05-08: 6.

62 "Lourenço Marques tem a aerogare que merece, como a teve há 23 anos quando os C.F.M. construíram aquela que até agora serviu as necessidades da capital da Província, embora ultimamente com deficiências.
E foram essas próprias deficiências que justificaram a construção da estação aérea de onde desde o dia 24 de Maio partem e chegam os aviões." *BPCFTM*, 1963-05: 19.

ra Cabral no final da primeira travessia do Atlântico-Sul.[63]

O aeroporto localiza-se na zona de expansão das instalações do antigo aeródromo de Mavalane localizadas na periferia de Lourenço Marques. Situa-se no remate de uma avenida desenhada pelo GUU com o apoio técnico dos Caminhos de Ferro de Moçambique e da Aeronáutica Civil. Batizada Avenida Marechal Craveiro Lopes, atual Avenida Acordos de Lusaka, estava prevista no conjunto dos trabalhos a efetuar no âmbito do Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques. Constituía um eixo de trânsito interurbano ligando a estação ferroviária e a entrada principal do porto marítimo, na antiga Praça Mac Mahon, atual Praça dos Trabalhadores, com as novas instalações do aeroporto.[64]

O Plano Geral do Aeroporto de Lourenço Marques, aprovado em 1948, resultou de uma política que procurou reduzir os custos de construção de um aeroporto novo pela progressiva adaptação do conjunto das instalações existentes às novas necessidades técnicas e

63 "Dotado o aeroporto com o que era essencial para a segurança da navegação aérea, foi depois construída a nova estação, inaugurada a 17 de Junho de 1963, em comemoração da chegada ao Rio de Janeiro do avião em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral completaram a primeira travessia do Atlântico – Sul." *in Voando em Moçambique: 7-DETA* (http://www.voandoemmozambique.blogspot.com).

64 "No conjunto dos trabalhos a efetuar dentro do Plano de Urbanização da Cidade de Lourenço Marques, está prevista uma nova estrada para o aeroporto, cujo anteprojeto foi elaborado pelo Gabinete de Urbanização do Ultramar, depois de ouvidos os técnicos dos Caminhos de Ferro de Moçambique e de Aeronáutica Civil.
Estando em curso as obras de rearranjo do Aeroporto de Lourenço Marques, cuja execução foi considerada no Plano de Fomento, enquadrada na rede nacional de aeroportos, houve que providenciar a abertura de uma via de acesso condigna.
Trata-se de uma artéria de trânsito interurbana, que ligará a Praça Mac-Mahon, términos ferroviário e entrada principal do porto marítimo, à nova estação do Aeroporto de Lourenço Marques, em Mavalane.
O traçado da nova avenida, correndo mais ou menos em linha reta na direção N.-S. prevê um perfil transversal de duas faixas de rodagem de 9,00 metros, separadas por uma faixa arrelvada de 2,00 metros e passeios pavimentados de 5,00 metros de cada lado com uma faixa arborizada e de proteção de 2,00 metros de cada lado, no total de 34 metros.
Na passagem do Caminho de Ferro da Manhiça, a topografia natural do terreno, permitirá a passagem inferior da estrada, estando prevista uma ponte para o caminho-de-ferro.
Dessa nova avenida artéria, estão já construídos 2 quilómetros de estrada até à Avenida Caldas Xavier (atual Avenida do General J. J. Machado). Dessa avenida até à rotunda do aeroporto terão de ser construídos mais 2,500 quilómetros e da rotunda até à aerogare a distância a cobrir será de um quilómetro.
Uma das razões que ditaram aquele traçado foi a necessidade imediata que se verificou de acelerar o aterro do pântano conhecido pela Lagoa do Paixão, por motivos de ordem higiénica e de ordem técnica, visto a secagem daquele terreno melhorar a salubridade da área respetiva e concorrer para a remoção de uma das principais causas da neblina matinal sobre o campo de aviação que lhe fica próximo.
Junto à aerogare está prevista uma alameda arborizada e ajardinada, a fim de se conseguir uma perspetiva atraente do novo edifício que por motivos de orientação das pistas teve de ser localizado em posição difícil, quanto à estética geral do conjunto. Integrado neste arranjo ajardinado, prevêem-se parques de estacionamento com capacidade para mais de dois milhares de veículos automóveis e possibilidades para outras instalações do aeroporto. Da nova aerogare sairá também uma nova estrada direta interurbana, ao bairro de Sommerschield." *BPCFTM*, 1955-05: 19.

funcionais.[65] Este plano estruturou genericamente um conjunto de intervenções que decorreram em duas fases distintas, ambas conducentes ao completo equipamento do aeroporto: numa primeira fase a ampliação das pistas existentes, sua pavimentação e iluminação e a construção de novos edifícios - manutenção de aeronaves, serviços técnicos, torre de comando, centro emissor e recetor, centrais de emergência, rádio ajudas, instalações petrolíferas, etc.; numa segunda fase a construção de um novo edifício terminal por inadequação da construção existente às necessidades surgidas e pela importância que o empreendimento assumiu para a aeronáutica da antiga província.[66]

A forma da aerogare existente em 2010 não coincidia estritamente com o edifício inicialmente construído. Esta alteração era exteriormente expressa pela existência de 7 em vez de 5 segmentos abobadados[67] - com esta ampliação para nordeste e sudoeste o comprimento total do edifício passou de 208,4 para 232,4 metros - e no espaço vazio ao nível do segundo piso entre o bar e a torre de comando. Constituem outras alterações significativas ao edifício, algumas delas já previstas no projeto original, o aumento de um para três espaços cobertos antecedendo as entradas principais do alçado sudeste e a multiplicação do número e do desenho dos volumes que se projetavam sobre a plataforma desde o alçado noroeste. O processo de ampliação e modernização do Aeroporto Internacional de Maputo, iniciado em 2007, compreendeu numa primeira fase a construção de um novo terminal internacional e a demolição da aerogare existente, concluída em Abril de 2011. No seu lugar foi edificado

65 "O Plano Geral do Aeroporto de Lourenço Marques foi aprovado em 1948, resultando dos despachos respetivos à orientação a que nos referimos a qual tinha em vista reduzir, tanto quanto possível, o encargo com a construção do aeródromo e prevendo por isso o adiamento da construção do novo edifício, cuja necessidade já então se verificava, para ulterior oportunidade." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

66 "Esta urgência deriva do facto de, entre as necessidades fundamentais relacionadas com a Aeronáutica Civil de Moçambique, situar-se em primeiro plano (...) a aerogare de Lourenço Marques, edifício que está previsto não só para servir o movimento do tráfego desembarcado e embarcado, ou seja, propriamente como aerogare, mas incluirá também instalações de ordem administrativa e de ordem técnica, estas últimas de assistência à exploração das aeronaves, tais como: de comunicações, dotadas das respetivas salas de manutenção do equipamento, e de meteorologia." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

67 Ferreira, 2006: 200-202.

um novo terminal para voos domésticos.[68]

Os edifícios do terminal, serviços técnicos e torre de comando do antigo Aeroporto Gago Coutinho integravam-se no desenho do *Plano de Conjunto da Zona Urbanizada*, primeira folha datada de Maio de 1958 do projeto da aerogare. O desenho do plano assentava numa matriz compositiva resultante da orientação das pistas existentes, formada por duas malhas que se intersectam segundo ângulos de 45º. Previa-se a criação de uma vasta alameda ajardinada e arborizada rodeada por parques de estacionamento e por edifícios contendo as instalações de apoio ao aeroporto: hangares, armazéns, oficinas, instalações para companhias de gasolina, bombeiros, central de emergência e aeroclube. Convergiam nesta alameda duas artérias urbanas: o final da Avenida Craveiro Lopes e uma nova via não construída para ligação ao bairro residencial de Sommerschield. O topo noroeste da alameda encerrava-se com um edifício de grande extensão longitudinal que compreendia a aerogare, os serviços técnicos e a torre de comando.

O jogo de volumes que compunham o edifício da aerogare era unificado, em projeto, por um longo piso térreo com a sua dominante longitudinal acentuada pelas *fenêtres en longueur*. Protegidas por *brise-soleil* de lâminas verticais estas aberturas apenas eram interrompidas pelos pilares e pelas caixilharias das entradas. A esta base sobrepunha-se, na zona do terminal de passageiros, um segundo piso com idêntico desenho. O equilíbrio assimétrico do conjunto era assegurado pela distribuição de massas entre o prisma vertical da torre de controlo, intersetando transversalmente o piso térreo e rematado na cobertura pela sala de comando envidraçada, e o desenvolvimento longitudinal do volume da aerogare coroada pelo ritmo ondulante das cinco naves abobadadas. No desenho deste alçado sudeste destacava-se a pala que antecedia a entrada principal e que assinalava o eixo central da alameda fronteira. Os diversos elementos que informavam o desenho do alçado noroeste

68 "Porém mostra a experiência que, se é difícil a progressiva adaptação do conjunto de pistas, plataformas e caminhos às necessidades sempre evolutivas das aeronaves, no que respeita aos edifícios terminais tal evolução leva à sua inexorável condenação em curto prazo." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

articulavam-se de forma mais complexa. Nesta frente dois volumes retangulares projetavam-se desde dois módulos abobadados e uma galeria exterior coberta, suportada por *pilotis* de secção quadrada, soltava-se do corpo principal ligando longitudinalmente as diversas saídas para a pista. A torre de controlo, completamente encerrada na frente sudeste, equlibrava o seu desenho através de faixas salientes de *fenêtres en longueur* dispostas nas restantes três fachadas. Estas aberturas, sobrepostas e contínuas, envolviam os dois cunhais do edifício na frente virada à pista.

O programa do edifício terminal, progressivamente desenvolvido ao longo das diferentes fases de projeto, foi informado pelas mais recentes exigências internacionais para o projeto de aerogares nomeadamente pelas normativas da IATA, Associação Internacional de Transporte Aéreo, e concebido para suprir as necessidades do tráfego num período de vinte anos.[69] Atendendo à especificidade do movimento de passageiros entre o aeroporto de Lisboa e os das antigas colónias[70] a referência modelar para a programação da aerogare de Lourenço Marques, principalmente no que se refere ao dimensionamento e funcionamento das instalações destinadas ao público, foi constituído pela aerogare do Aeroporto General Craveiro Lopes, em Luanda (1947-1954), projetada por Keil do Amaral.[71] O programa da aerogare laurentina foi distribuído por quatro zonas funcionais distintas:

- Serviços técnicos com diversos gabinetes e instalações técnicas ocupando a torre de comando e o piso térreo confinante a sudoeste;
- Zona de passageiros com salas de tráfego, espera, bagagens, alfândega e passageiros em

69 *BGU*, 1960-12: 573.

70 "No Ultramar nota-se normalmente grande afluência de pessoas à chegada e partida dos aviões, particularmente aqueles que realizam viagens de longo curso, como no caso dos serviços da T.A.P.. Há assim, em média, um maior movimento relativo de público nas aerogares do que o existente no Aeroporto de Lisboa (onde o facto parcialmente se verifica nos serviços com destino à África portuguesa, e por força do mesmo hábito). Assim, houve necessidade de prover à conveniente arrumação do público, de modo a não perturbar outros serviços do Aeroporto, dado que em circunstâncias de espaço insuficiente existe a natural tendência para a ocupação de áreas reservadas a fins determinados, sobretudo, pela maior proximidade, as que se destinam ao despacho de passageiros e aos trâmites correntes de embarque e desembarque." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

71 "Comprovado o facto em Luanda, a experiência ali colhida levou a corrigir as instalações gerais do público: vestíbulo e sala de espera, restaurante e todos os anexos suplementares que ao público se destinam." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

trânsito no primeiro piso, o restaurante e a esplanada no segundo piso;
- Zona do público com as galerias internas e uma sala com serviço de bar e terraço anexo no segundo piso;
- Zona de carga com um armazém para os despachantes no topo nordeste do piso térreo.

O esquema de circulações, genericamente organizado de forma a separar passageiros e público por pisos distintos, colocou passageiros, bagagens e cargas a movimentarem-se no mesmo piso obrigando a disciplinar as respetivas linhas de trânsito de forma a evitar cruzamentos entre si. O projeto final previa ainda a possibilidade de se poder alterar toda a organização em favor de um esquema funcional em que passageiros e cargas percorressem circuitos coincidentes em pisos distintos. Esta hipótese já estava contemplada na conceção da estrutura resistente e na previsão de áreas de reserva para futuras ampliações do lado da pista.

A aerogare, resultado do acoplamento de uma sequência modular de corpos iguais, foi concebida em *plan libre* como uma vasta nave sem barreiras fixas permitindo futuras alterações da organização interna sem prejuízo das formas arquitetónicas globais e da estrutura de suporte. O espaço interior organizava-se em torno de uma praça de distribuição longitudinal na qual convergiam as circulações de passageiros e público. Elemento agregador da composição assimétrica geral esta praça ligava os dois pisos principais do edifício através de vazios pontuais, escadarias e zonas de pé-direito total.[72] O núcleo deste espaço central localizava-se no vestíbulo principal. Neste espaço uma escadaria de escultórico desenho curvo que conduzia ao bar do segundo piso rematava o eixo transversal da entrada principal.

Os sistemas estruturais e construtivos utilizados na edificação da aerogare recorreram predominantemente à pré-fabricação de componentes e a materiais estandardizados de forma a diminuir custos e prazos de execução. A estrutura principal do edifício, dimensionada segundo um módulo base de quatro metros, foi concebida como um sistema de pilares, lajes e vigas de betão armado. Os cinco módulos abobadados com 20m x 12m, separados

72 Ferreira, 2006: 202.

entre si por módulos intercalares de 4m, permitiram libertar de pilares o espaço central da aerogare. Construtivamente independentes da restante estrutura estes módulos maiores tinham as coberturas suportadas por asnas metálicas, exteriormente revestidas com chapas de alumínio.[73] As restantes lajes planas foram impermeabilizadas com materiais betuminosos ou, como no caso específico das passagens cobertas, impregnadas com produtos hidrófugos adicionados ao betão. Os vãos exteriores foram encerrados com caixilharias de aço pintado a tinta de esmalte e vidro, enquadradas por elementos de betão constituindo soleiras, padieiras e ombreiras, e protegidas por *brise-soleil* móveis de fibrocimento. Nalguns alçados laterais virados a nordeste e sudoeste utilizaram-se grelhagens compostas por módulos prefabricados de betão. Os espaços interiores apresentaram uma grande uniformidade de pormenorização construtiva: pavimentos revestidos com mosaicos cerâmicos e hidráulicos e ladrilhos polivinílicos; pilares interiores e exteriores revestidos a mosaico vitroso e paredes interiores revestidas a azulejo ou pintadas a tinta plástica; divisórias dos gabinetes em madeira maciça, contraplacado, termolaminado e vidro; tetos de betão pintados a tinta plástica (com exceção dos tetos falsos suspensos das asnas metálicas da cobertura que eram constituídos por ripados de madeira envernizada); escadas com degraus em marmorite polida e guardas em aço, madeira e vidro aramado belga.

A proteção climática do edifício foi incorporada no desenho do projeto através da utilização de mecanismos e sistemas construtivos adequados:[74] *brise-soleil* verticais orientáveis complementados por palas horizontais e verticais de betão ao longo de toda a extensão do edifício para impedir a exposição dos *pan de verre* dos lados maiores da aerogare aos raios horizontais do sol nascente e poente; lajes duplas de betão para evitar as pontes térmicas

73 "A solução construtiva assenta na conceção de um conjunto de corpos modulados com vinte metros de comprido, construtivamente independentes, intercalados de corpos com quatro metros de módulo, todos de betão armado, sendo no entanto parte das coberturas resolvida com estrutura metálica e chapa de alumínio." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

74 "Em relação às exigências resultantes do clima local tomaram-se as seguintes previdências: quanto à incidência solar foram previstos dois tipos de proteção – quebra-sóis móveis e os vãos baixos e palas devidamente colocadas nos vãos superiores, entradas e passagens cobertas, adoção de lajes duplas na cobertura e a previsão de ventilação transversal nos gabinetes e salas através dos vãos superiores, junto ao teto." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

nas coberturas do edifício (excetuando as abóbadas de alumínio do vestíbulo central que foram separadas do espaço interior por tetos falsos de madeira); galerias cobertas unificando os acessos à pista para proteger os passageiros das intempéries; e vãos de ventilação superior nos caixilhos exteriores e nas divisórias interiores para garantir a circulação transversal do ar junto aos tetos.

Neste edifício de desenho fundamentalmente utilitário apenas os painéis cerâmicos com a representação das rotas marítimas e aéreas dos portugueses, desenhados por Fausto Rocha e colocados na sala de espera,[75] timidamente expressavam o conceito de integração das artes.

O esquema compositivo da aerogare do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro (1937-1944), pelos irmãos Marcelo (1908-1964) e Milton Roberto (1914-1953),[76] pode ter influenciado o projeto da aerogare de Lourenço Marques: ambos têm uma análoga estruturação interna em torno de um grande espaço central longitudinal pontualmente perfurado por zonas de pé-direito duplo, rodeado por espaços menores de apoio e intersectado transversalmente pela sequência espacial composta pela entrada principal, vestíbulo e sala de espera aberta sobre a plataforma. Como referimos e como foi assumido por Cândido Palma de Melo a principal referência para o desenho da aerogare do Aeroporto Gago Coutinho encontra-se na aerogare de Luanda.[77] As semelhanças entre ambos os projetos encontram-se, para além da idêntica organização programática, na articulação dos edifícios com o espaço exterior envolvente e na disposição assimétrica dos diferentes corpos volumétricos. Os contactos formais entre ambos são sobretudo evidentes na utilização da mesma linguagem arquitetónica intimamente vinculada aos princípios e formas do Movimento Moderno

75 Ferreira, 2006: 202.

76 Mindlin, 1999 [1956]: 248-249..

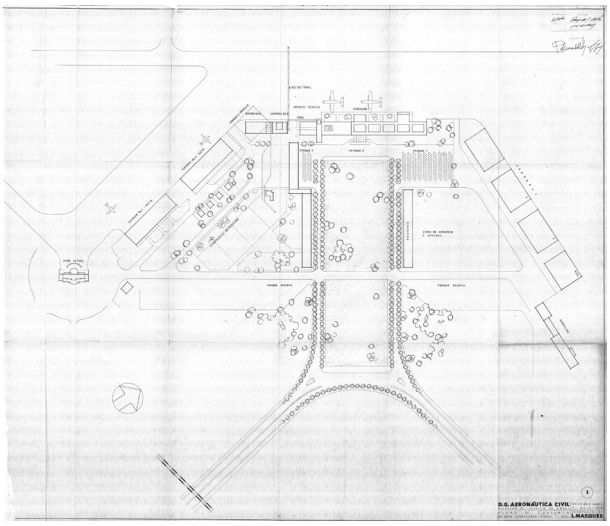
77 "A Aerogare de Luanda, de resto, era em todos os aspetos o melhor meio básico de produção de projeto para um edifício similar, dada a experiência de que se dispõe, do seu funcionamento. E foi à base da verificação do que em Luanda se mostrava correto ou incorreto que se fez o projeto da Aerogare de Lourenço Marques, atentas porém as diferenças que existem entre o movimento que escala os dois aeroportos e que, praticamente, pouco se refletem nas aerogares." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa.* Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

internacional.[78]

A arquitetura da aerogare do Aeroporto Gago Coutinho conferia ao novo equipamento coletivo, na época da sua inauguração, um significado que ultrapassava a sua mera função infraestrutural: tornava-se um símbolo de moderna contemporaneidade na entrada principal da antiga província ultramarina.[79]

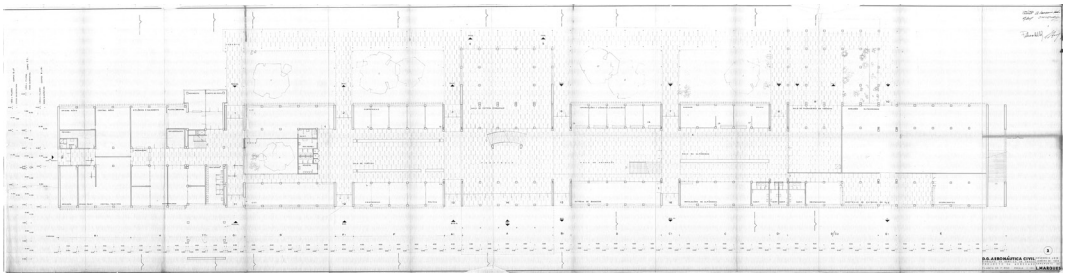
78 "O edifício será a resultante harmoniosa de todas as soluções encontradas e que expressa num jogo franco de volumes e materiais a intenção funcional de todo este conjunto." Cândido Palma de Melo [et. al.] *in Aeroporto de Lourenço Marques – Projeto da Aerogare: Memória Descritiva e Justificativa*. Lisboa, 31 de Dezembro de 1959 (ANA).

79 "Desde a madrugada do dia 24 de Maio deste ano de 1963 que em Mavalane não cessou, e por longo tempo se verificará ainda a *romaria* para ver a nova estação aérea de Lourenço Marques.
E de todas as bocas se podem ouvir exclamações de admiração e elogio." *BPCFTM*, 1963-05: 19.



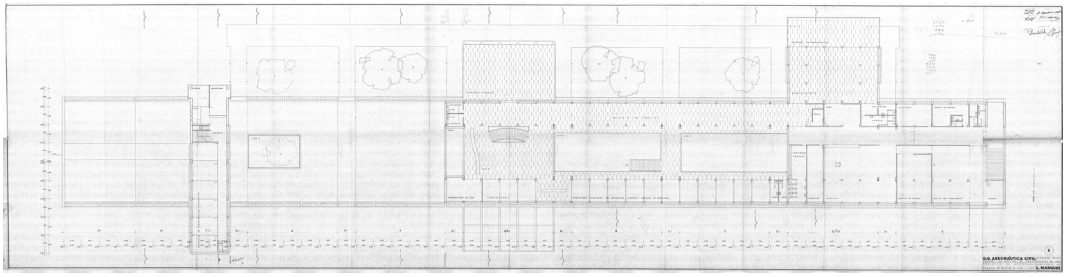
Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Plano de conjunto da zona urbanizada.
Escala 1:1000.
Projeto, 7 de Maio de 1958.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Planta do 1º piso.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1959.
(ANA).

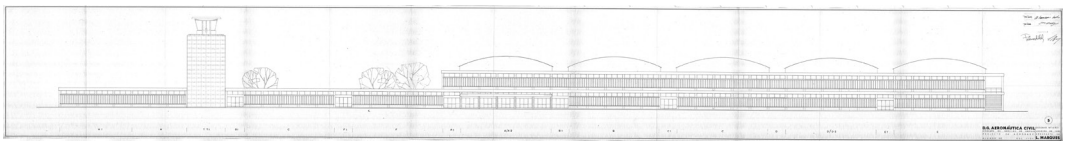


Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Planta do 2º piso.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1960.
(ANA).

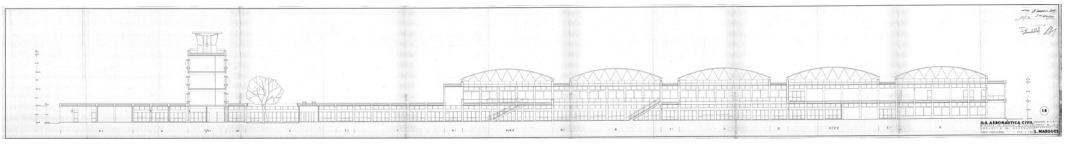
Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Alçado SE.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1960.
(ANA).



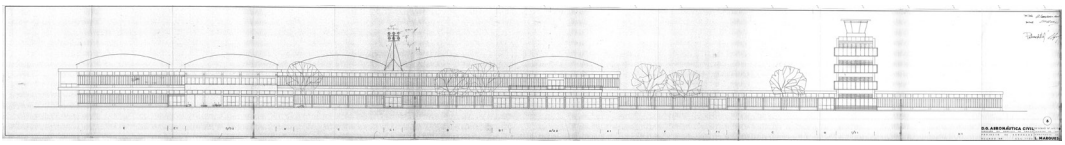
Aeroporto Gago Coutinho

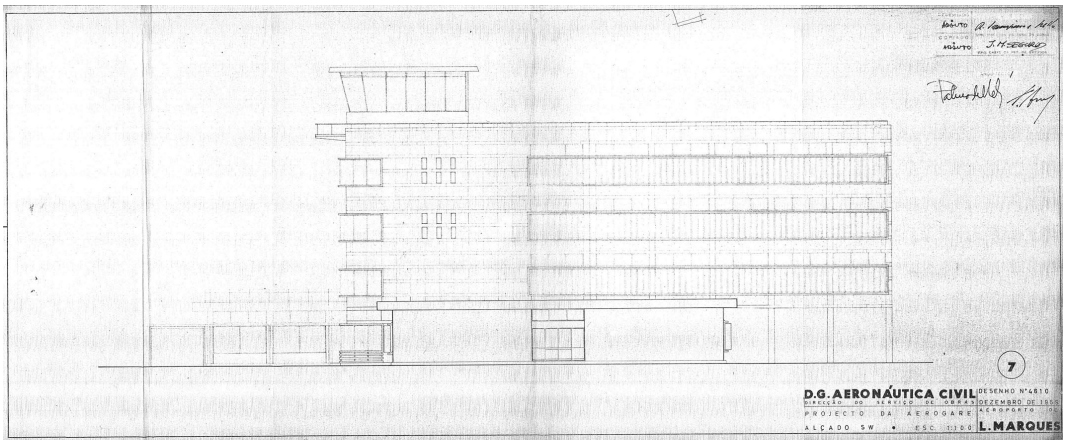
Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Corte longitudinal.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1960.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

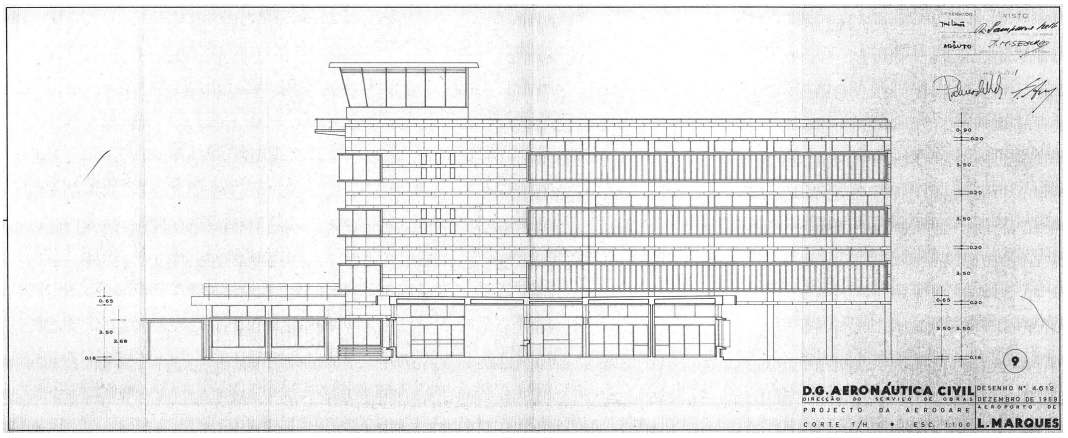
Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Alçado NW.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1960.
(ANA).





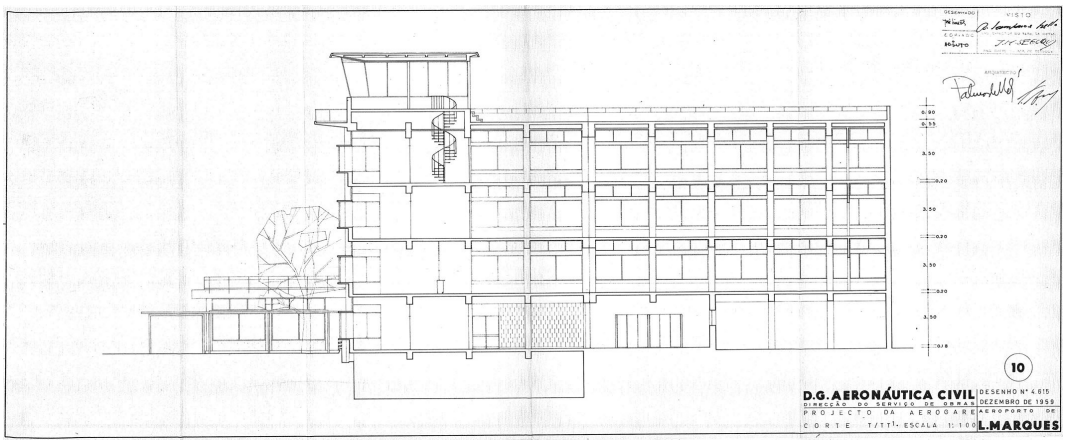
Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Alçado SW.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1959.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Corte T/TH.
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1959.
(ANA).

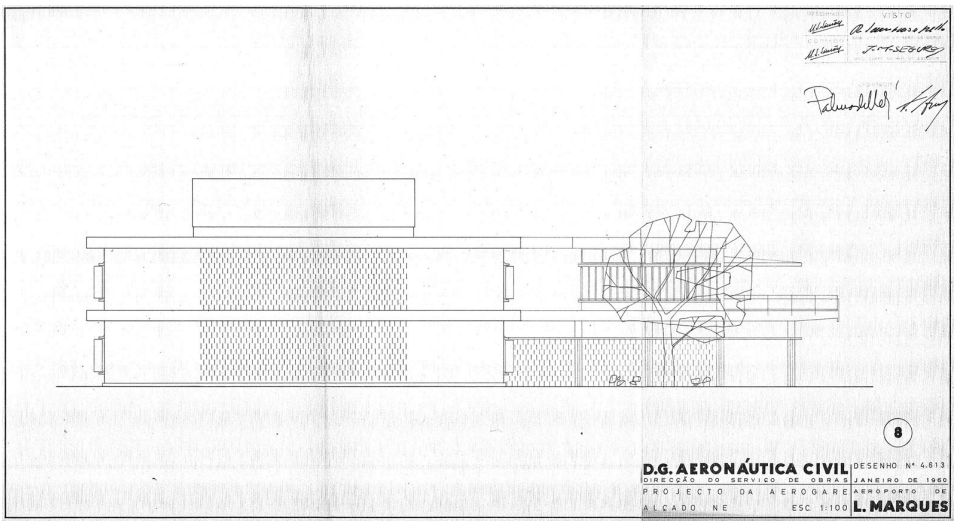


Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Corte T/TT[1].
Escala 1:100.
Projeto, Dezembro de 1959.
(ANA).

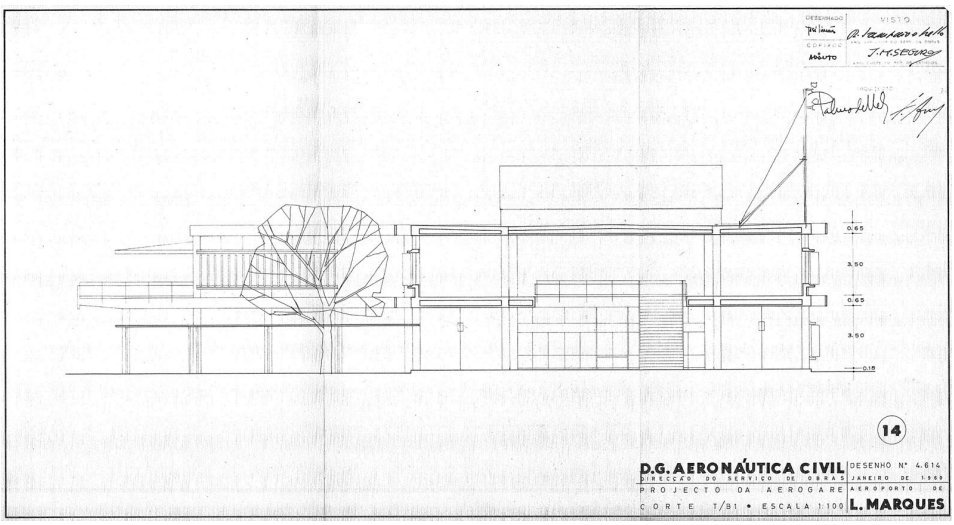
Aeroporto Gago Coutinho

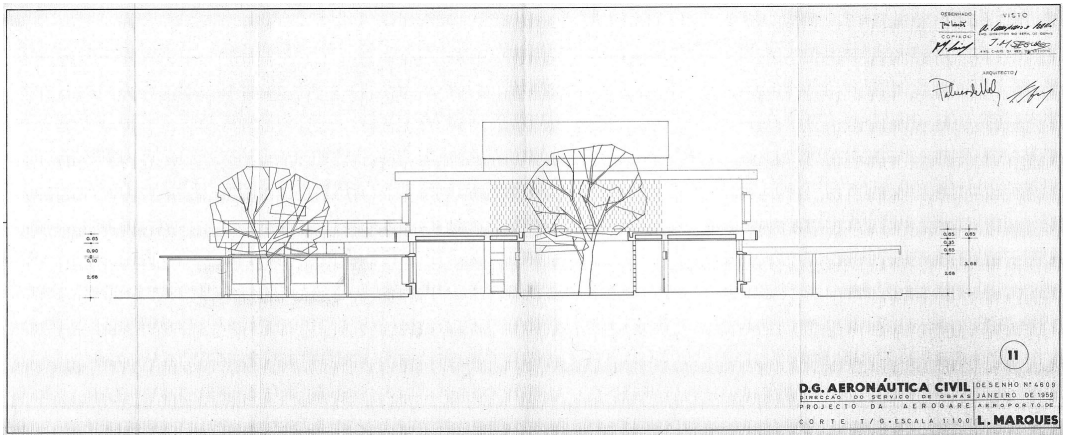
Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Alçado NE.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1960.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

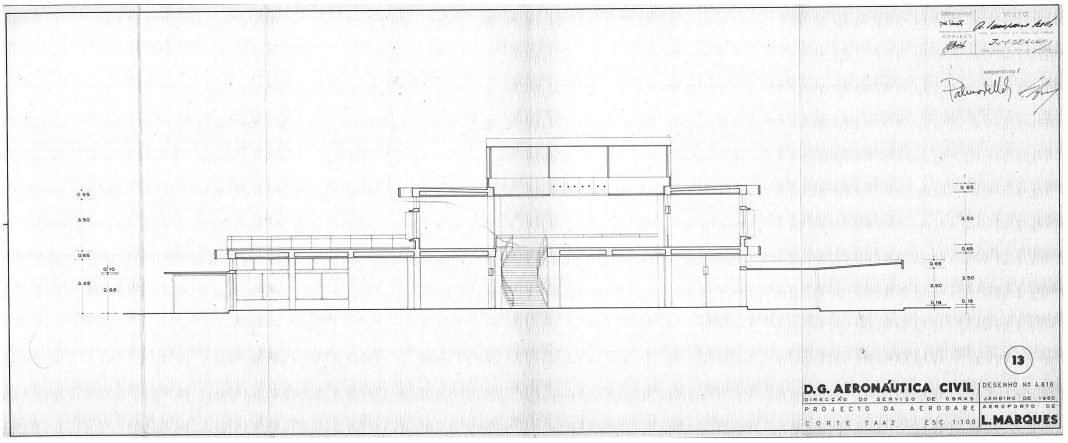
Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Corte T/B1.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1960.
(ANA).





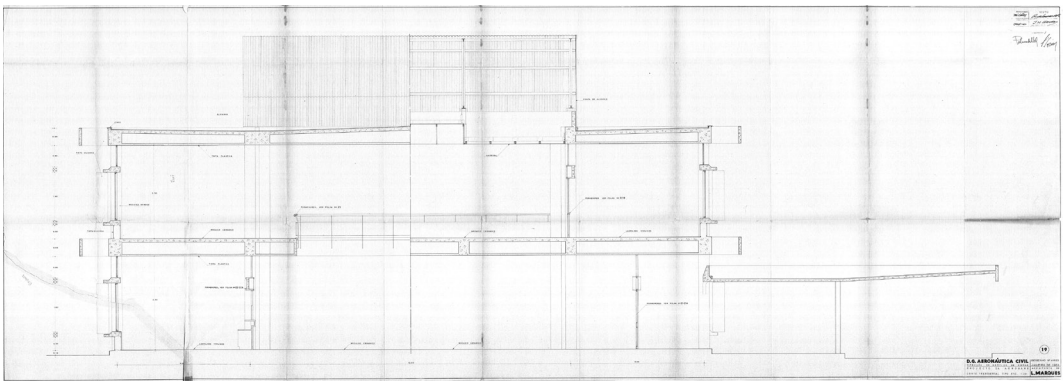
Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Corte T/G.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1959.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Corte TAA2.
Escala 1:100.
Projeto, Janeiro de 1960.
(ANA).

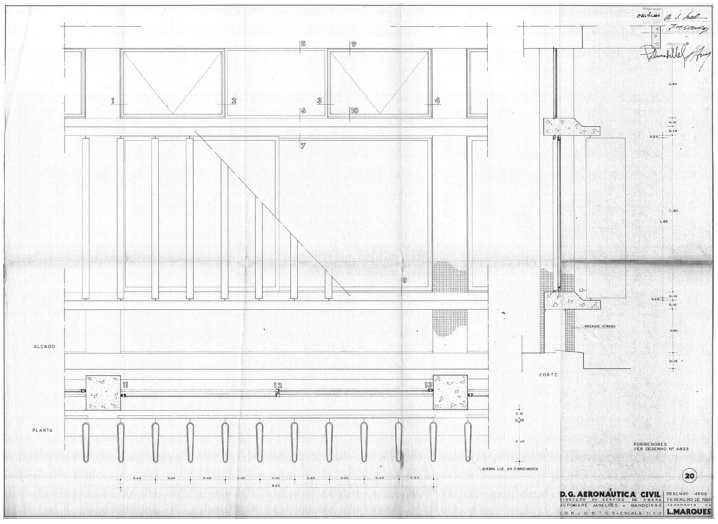


Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Corte transversal tipo.
Escala 1:20.
Projeto, Janeiro de 1960.
(ANA).

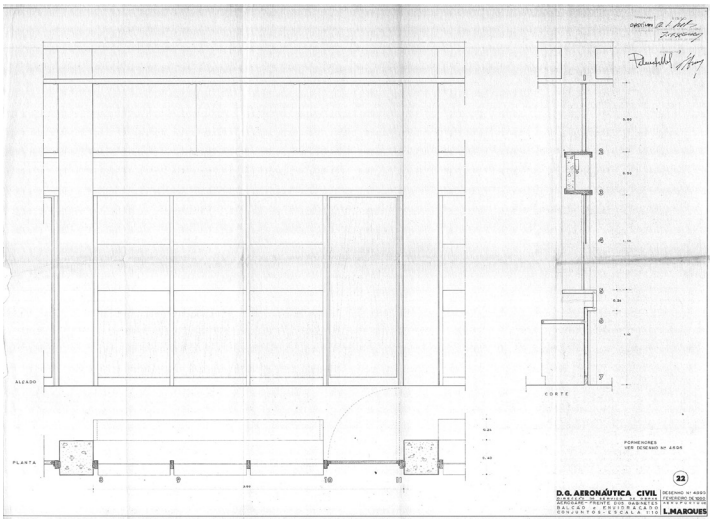
Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Aerogare. Janelões e Bandeiras. Conjuntos.
Escala 1:10.
Projeto, Fevereiro de 1960.
(ANA).



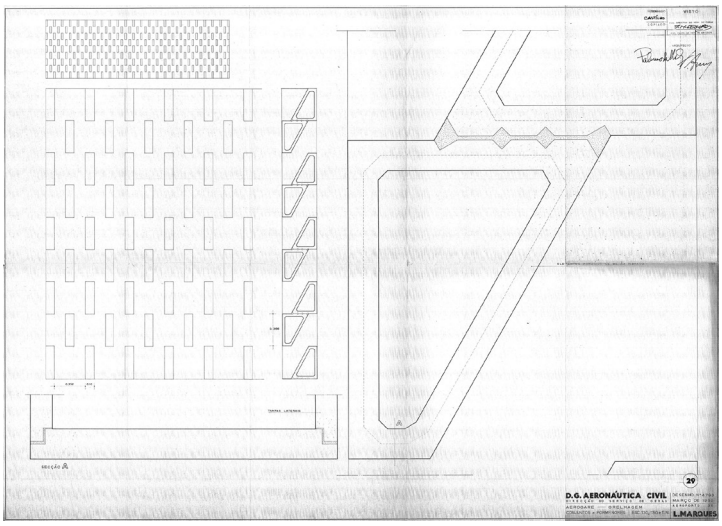
Aeroporto Gago Coutinho

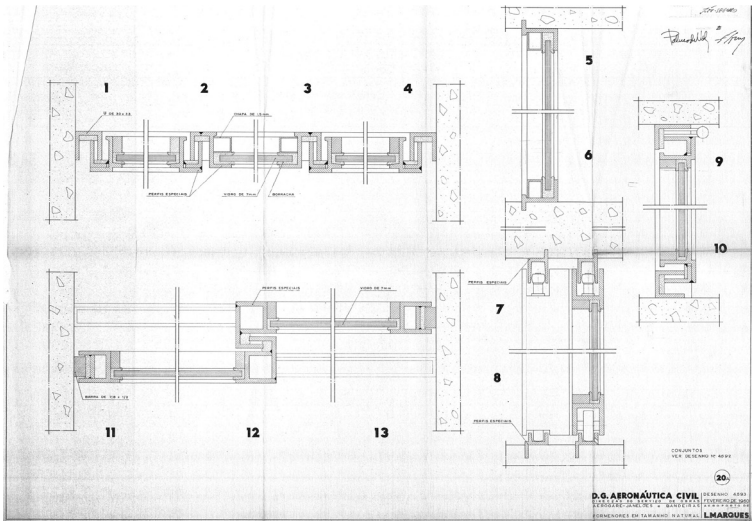
Aeroporto de Lourenço Marques. Aerogare. Frente dos gabinetes. Balcão e envidraçado. Conjuntos.
Escala 1:10.
Projeto, Fevereiro de 1960.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

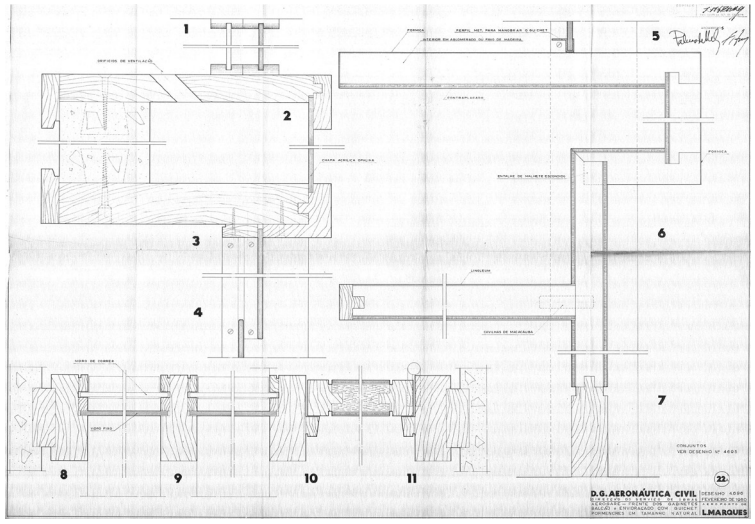
Aeroporto de Lourenço Marques. Aerogare. Grelhagem. Conjunto e pormenores.
Escalas 1:10, 1:5 e 1:1.
Projeto, Março de 1960.
(ANA).





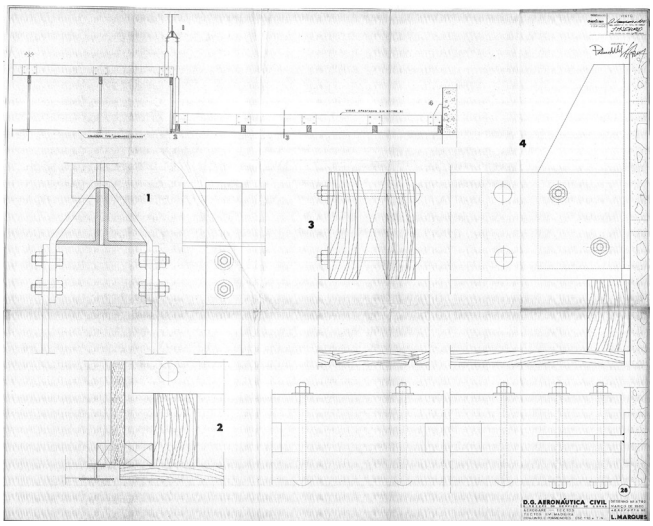
Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Aerogare. Janelões e bandeiras.
Escala 1:1.
Projeto, Fevereiro de 1960.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Aerogare. Frente dos gabinetes. Balcão e envidraçado com guichet.
Escala 1:1.
Projeto, Fevereiro de 1960.
(ANA).

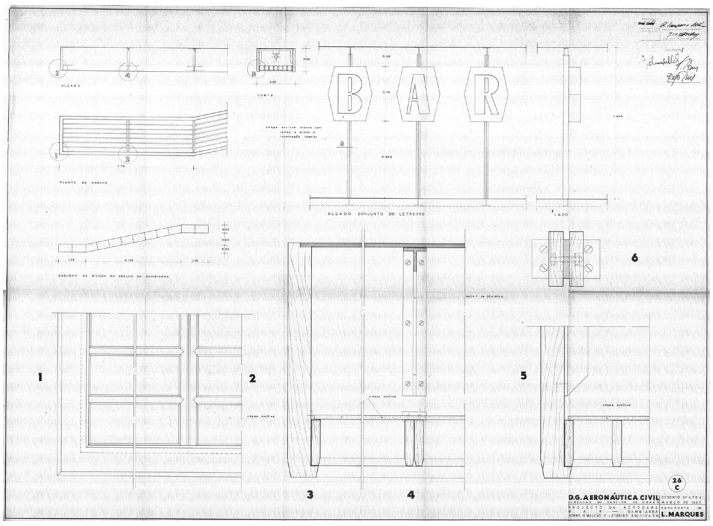


Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Aerogare. Tetos. Tetos de madeira. Conjunto e pormenores.
Escalas 1:10 e 1:1.
Projeto, Março de 1960.
(ANA).

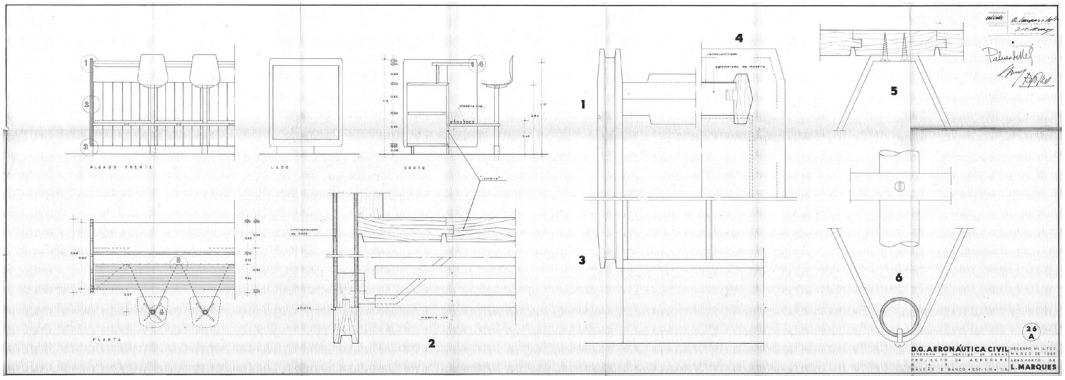
Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Bar. Gambiarra sobre o balcão e letreiro.
Escalas 1:10 e 1:1.
Projecto, Março de 1960.
(ANA).



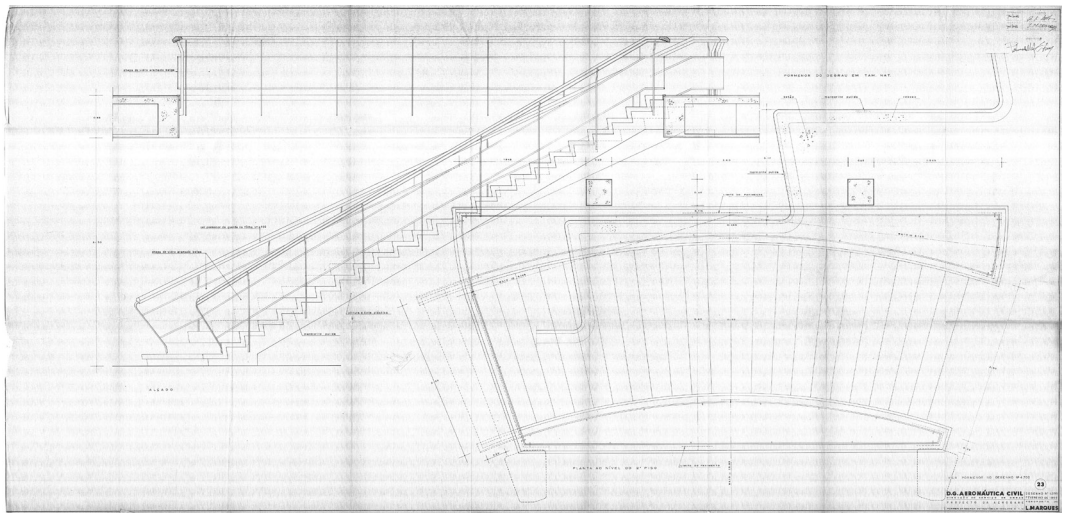
Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Bar. Balcão e banco.
Escalas 1:10 e 1:1.
Projecto, Março de 1960.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

Aeroporto de Lourenço Marques. Projeto da aerogare. Pormenor da escada do vestíbulo.
Escalas 1:10 e 1:1.
Fevereiro de 1960.
(ANA).



Aeroporto Gago Coutinho

Esquerda:
Aerogare - entrada principal.
(EM, 2009).

Direita:
Aerogare - frente à pista.
(EM, 2009).

Aeroporto Gago Coutinho

Esquerda e direita:
Aerogare - frente à pista.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Aerogare - frente à pista.
(EM, 2009).

Aeroporto Gago Coutinho

Esquerda e direita:
Torre de comando - frente à pista
(EM, 2010 | EWV).

Igreja do Imaculado Coração de Maria (1954-1957). Rua 3.300 – Rua 3.321, Bairro da Manga. Beira. Moçambique. 19°46'16.13"S, 34°52'16.34"E. João Garizo do Carmo.

A igreja da Paróquia do Imaculado Coração de Maria, ou igreja da Manga, constituiu um empreendimento da Diocese da Beira.

O novo templo foi desenhado pelo arquiteto beirense João Garizo do Carmo. Uma gravura sua foi publicada na imprensa da Beira no final de Janeiro de 1955.[80] O seu projeto estava em vias de conclusão em Junho do mesmo ano.[81]

O lançamento da primeira pedra esteve previsto para Julho de 1955.[82] Após alguns contratempos, que atrasaram a execução do edifício,[83] o novo templo foi benzido em 18 de Agosto de 1957 pelo primeiro bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende (1906-1967). Esta cerimónia foi integrada nas comemorações do quinquagésimo aniversário da cidade e contou ainda com a presença do encarregado do governo-geral, Dr. Juvenal de Carvalho.[84]

A Paróquia do Imaculado Coração de Maria localiza-se no Alto da Manga, um populoso subúrbio residencial a norte da cidade.

A nova igreja veio substituir uma capela erguida em 1954 para atender provisoriamente

80 "Pela gravura junta, os nossos leitores podem fazer uma ideia do que será a futura igreja do Imaculado Coração de Maria do Alto da Manga, que dentro em breve será uma realidade." *Diário de Moçambique*, 27 de Janeiro de 1955 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

81 "Esta igreja, cujo estudo está em vias de conclusão, deverá ser construída próximo da escola primária oficial da Manga." *DM*, 1955-06-21: 5.

82 *DM*, 1955-06-21: 5.

83 *Diário de Moçambique*, 19 de Junho de 1956 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

84 *Notícias*, 1957-08-20: 1; *BGU*, 1957-09: 188.

às necessidades do culto, enquanto se aguardava pela construção do templo definitivo.[85]

A igreja católica do Imaculado Coração de Maria, em bom estado de conservação, continua ainda a desempenhar a sua função original.

O edifício implanta-se na zona prevista para o centro cívico do bairro da Manga pelo *Plano de Urbanização da Manga*, projeto de 1952 desenhado por Nuno Craveiro Lopes na Seção de Urbanização de Moçambique dos SOP. O centro cívico, integrado numa malha ortogonal extensa, consistia fundamentalmente num quarteirão retangular parcialmente rodeado por bandas contínuas de edifícios destinados a comércio.[86] O plano previa para este quarteirão a divisão em cinco sectores por quatro percursos pedonais de desenho graficamente irregular e a construção de três objetos autónomos rodeados de vegetação: a escola primária no terreno noroeste, a igreja no sudoeste e uma construção não identificada no sector central. Os restantes dois lotes, deixados em branco no plano de pormenor, constituíam uma reserva para futuros equipamentos: o terreno a nordeste foi posteriormente ocupado com um estabelecimento escolar enquanto o de sudoeste permanecia em 2009 praticamente livre de construções. Do conjunto apenas a Escola Primária da Manga, projeto de 1952 por João Aires para o SOP, cumpriu a implantação originalmente prevista para o lote a noroeste: os edifícios de comércio e os percursos pedonais não foram construídos e a igreja ocupou o terreno a sudeste com uma implantação semelhante à inicial. A igreja dispôs-se assim sobre o eixo diagonal do quarteirão, assinalando com esta torção o carácter excecional do seu programa.

Ao longo da extensão longitudinal da igreja sucedem-se dois momentos arquitetónicos baseados em regras compositivas opostas: uma zona assimétrica junto à fachada principal

85 "Está de parabéns a paróquia do Imaculado Coração de Maria do alto da Manga, que inaugura a sua capela provisória, onde poderá celebrar os atos do culto desafogadamente, enquanto não estiver pronta a igreja paroquial, cujas obras deverão iniciar-se ainda este ano (...)." Padre Serafim Amaral *in DM*, 1954-01-09: 6.

86 Ferreira, 2008: 265, nota 214.

e uma zona estritamente simétrica ao longo da nave central e da cabeceira do edifício.[87] A fachada principal da igreja está limitada pela abóbada parabólica de betão da cobertura da nave que descarrega diretamente no solo e avança sobre a fachada principal formando um coberto profundo sobre a entrada. Esta laje curva, intersetada pelo movimento ondulante da fina membrana de betão do batistério a sudoeste, prolonga-se verticalmente no volume plasticamente escultórico da torre sineira a nordeste. A composição da parede do fundo da fachada principal subdivide-se verticalmente em dois sectores: à esquerda frestas verticais encerradas no piso térreo por vitrais coloridos e à direita um púlpito exterior e a entrada principal envolvidos por um mural policromado com motivos geométricos em relevo. As fachadas anteriores e posteriores do batistério repetem com igual desenho o mesmo tema da divisão em duas partes de diferentes dimensões e composição: modelado vidrado em relevo nos setores maiores e frestas verticais de iluminação nos menores, os últimos estabelecendo a transição entre o batistério e o corpo maior da nave. A zona de composição simétrica da igreja, que constitui o setor de maior extensão do edifício, compreende dois corpos contíguos de distinta volumetria: a nave, uma abóbada assente em arcos parabólicos e suspensa sobre um embasamento rústico de pedra do qual se projetam, em fachadas opostas, duas entradas laterais envolvidas por membranas retangulares de betão; e a cabeceira, uma abóbada que prolonga com menor altimetria o perfil parabólico da nave da igreja e à qual se colam simetricamente os corpos regulares das instalações de apoio revestidos com a mesma pedra irregular do embasamento. O tema compositivo dos alçados da fachada principal e do batistério é retomado no alçado posterior da capela-mor através do desenho das frestas verticais encerradas com alvenaria.

87 "E sobre a Igreja do Alto da Manga, fomos informados de que este templo estava concebido para comportar 600 pessoas sentadas, tendo uma nave de 40 metros de comprido, totalizando a construção 54 metros, com 17m de abóbada.
A estrutura da nave é em arcos parabólicos. Na fachada principal a porta está puxada à direita e dividida em dois sectores. No da direita, sobre a entrada, vê-se um púlpito exterior, que remata com uma estátua de Nossa Senhora e tem um painel de fundo em cerâmica policromada, cujo efeito deve ser surpreendente. O sector esquerdo da fachada é formado por frestas com vitrais.
À esquerda da fachada, ficará, apenso, o batistério, cuja cobertura é encimada pela cruz que não existe sobre a torre, onde serão instalados os sinos, que serão movimentados eletricamente." *Diário de Moçambique*, 27 de Janeiro de 1955 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

A sequência espacial interior da igreja estabelece uma estreita correspondência com a sua organização volumétrica exterior: o vestíbulo sob o coro alto constitui-se, com a colocação assimétrica do compartimento da escada de acesso ao coro alto e dos rasgos verticais da fenestração exterior, numa zona de transição entre a entrada principal, também ela desfasada do eixo central do edifício, e os espaços rigorosamente simétricos da assembleia e do presbitério. No lado oposto a capela-mor reproduz numa escala mais reduzida o perfil parabólico da nave principal. O desenho do espaço sacro foi organizado convencionalmente,[88] com uma clara hierarquização entre a zona da assembleia e do altar. Não revela ainda a adesão dos seus autores às novas conceções espaciais comunitárias preconizadas pelos movimentos de renovação litúrgica que a exposição do MRAR, patente em 1955 na cidade da Beira, iria em breve revelar.

O significante sistema estrutural utilizado no corpo principal da igreja baseia-se nas qualidades estruturais do arco parabólico que, ao não gerar impulsos laterais, constitui uma evolução do arco ogival gótico.[89] As estruturas da nave e da capela-mor foram resolvidas por uma sequência de arcos parabólicos em betão sobre os quais assentam abóbadas no mesmo material. O corpo do batistério definiu-se através de uma fina e ondulante membrana de betão emergindo do solo.Os anexos nas traseiras, com coberturas planas, foram encerrados com paredes de pedra irregular nas quais se destacam os contornos em reboco pintado dos pilares e vigas oblíquas de betão.

Com exceção dos murais na fachada principal e no batistério os revestimentos exteriores da Igreja da Manga resumem-se ao reboco pintado sobre betão e alvenaria e à pedra irregular aparente no embasamento da nave e nas instalações de apoio. Os materiais utilizados

88 "Em primeiro lugar, o projeto de uma igreja, quanto ao ponto de vista funcional, é bastante reduzido, pois o fim em vista é bem singelo: um recinto em que os fiéis possam assistir ao culto que se celebra no altar, ficando este em evidência." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 19 de Junho de 1956 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

89 "Assim como as ordens clássicas ou a ogiva gótica são padrões de uma arquitetura elevada, mas já obsoleta, hoje em dia, vão existindo, também, formas que são verdadeiros padrões. A forma parabólica encontra-se nessa posição...
O ponto de partida que adotei como tema principal da composição da Igreja do Imaculado Coração de Maria, na Manga, e que arquitectonicamente melhor traduzia a pureza da devoção deste templo, foi a parábola, que, em matemática, é uma linha puríssima." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 19 de Junho de 1956 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

nos espaços interiores denotam a mesma simplicidade de recursos: predomina o reboco pintado no revestimento das paredes, tetos e elementos estruturais, e a madeira envernizada no pavimento e na face interior da abóbada da capela-mor.

A climatização do espaço interior da nave fez-se principalmente pela captação das correntes de ar dominantes através de frestas horizontais contínuas existentes a todo o comprimento da zona da assembleia entre os planos da abóbada e do embasamento. Nas instalações de apoio existe um sistema de introdução de ar semelhante, realizado através de rasgos abertos na parede de de fundo da capela-mor na zona de sobreposição dos planos verticais de alvenaria.

Revelando uma consciente intencionalidade teórica João Garizo do Carmo procurou integrar no projeto de arquitetura da Igreja da Manga os contributos das diversas disciplinas das artes plásticas: da estatuária de Arlindo Rocha à cerâmica policromada e aos vitrais do seu irmão, o arquiteto e artista plástico Jorge Garizo do Carmo.[90]

Antes mesmo da sua construção a Igreja da Manga foi considerada na cidade da Beira um plágio da Igreja de São Francisco, no Bairro de Pampulha, Belo Horizonte (1942), por Óscar Niemeyer - acusação veementemente negada por João Garizo do Carmo em entrevista à imprensa local.[91] Se é notória a semelhança na expressão exterior das abóbadas parabólicas de ambas as igrejas outras possíveis influências de Pampulha na Manga serão de natureza menos direta: encontram-se na composição assimétrica dos elementos constituintes da zona junto ao alçado principal, na plástica organicidade dos objetos escultóricos

90 "Ao conceber esta igreja, pretendi que ela fosse a síntese das três artes maiores: arquitetura, pintura e escultura. Como síntese, está a parte decorativa intimamente ligada com o todo. Aliás, a decoração, não deve ser mais que a consequência lógica da conceção arquitetónica da obra. A decoração não deve ser postiça, nem com ela fazer-se obra de *camuflagem*, nem, muito menos, ser um recurso para valorizar a arquitetura. Deve apenas ser parte integrante do conjunto, com princípio e fim! Na estatuária espero que seja Arlindo Rocha; na pintura (cerâmica policromada) e vitrais, Jorge Garizo do Carmo. Espero também aplicar frescos na capela-mor, mas o problema económico é possível que condicione a realização total desta minha pretensão. Se assim for, espero, no entanto, que, com o tempo, se consiga ir concluindo o enriquecimento do património artístico previsto para a sua total harmonia e equilíbrio decorativo." João Garizo do Carmo *in Diário de Moçambique*, 19 de Junho de 1956 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

91 "Já muito antes de Oscar Niemeyer a forma parabólica foi imensamente empregada, tanto em obras de arquitetura religiosa como em de arquitetura civil, tais como grandes silos, coberturas de piscinas, pontes, gares, etc... enfim, em todos os casos em que se pretendia vencer grandes vãos em betão armado, com a maior economia e elegância." João Garizo do Carmo *in DM*, 1956-06-19: 3 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

que constituem o batistério e a torre sineira e no preenchimento com murais artísticos dos planos verticais definidos pelas membranas de betão. O tema da cobertura parabólica já tinha, aliás, sido experimentado em alguns exemplares da arquitetura religiosa moderna da metrópole com as quais o templo beirense mantém algumas afinidades formais e estruturais: na Igreja de Santo António das Antas, no Porto (1944), por Fernando Tudela (n.1917), na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, também no Porto (1953), por Fernando Tudela e Fernando Barbosa, e na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Guimarães (1953), por Fernando Barbosa. A fachada principal da igreja beirense apresenta ainda uma acentuada semelhança com o desenho da fachada principal da Igreja de Santo Isidro, na Colónia Agrícola de Pegões (1957), pelo arquiteto Eugénio Correia (1897-1985), que foi no entanto inaugurada em data posterior.[92]

A linguagem arquitetónica da obra moçambicana resulta híbrida, entre a livre composição espacial e volumétrica da zona frontal e a convencional formalização das zonas central e posterior, estruturadas segundo um eixo de simetria longitudinal numa sequência de arquétipos característicos dos espaços sacros tradicionais: vestíbulo/coro alto, nave e capela-mor.

A Igreja do Imaculado Coração de Maria constituiu um símbolo da abertura do público laico e do clero moçambicano ao contemporâneo processo de renovação das linguagens da arquitetura sacra tradicional.[93] Edifício representativo da identificação da sociedade colonial moçambicana com a novidade contida nas propostas da arquitetura do Movimento Moderno internacional teve uma fotografia sua, ilustrando um artigo dedicado a Moçambique, publicada em 1964 na *National Geographic*.[94]

92 *Diário de Notícias*, 21 de Janeiro de 1957 (FCGBA).

93 "Já, em tempos, há mais de um ano, o *Diário de Moçambique* teve ocasião de fazer uma referência desenvolvida à Igreja do Imaculado Coração de Maria a erigir no Alto da Manga. Essa notícia despertou enorme expectativa em volta do projeto levando-o à discussão pública e à consideração dos competentes, alguns dos quais receberam, com entusiasmo, o anúncio da primeira igreja moderna a edificar em toda a província." *Diário de Moçambique*, 19 de Junho de 1956 (http://beiraumseculo.blogspot.com).

94 "Soaring concrete curves outline a church in Manga, a Beira suburb. Stylized African mural decorates the arch-shadowed façade. The church, which also has bottle-glass mosaics, expresses the spirit of modern architecture in Mozambique." WENTZEL, 1964-08: 226.

Igreja da Manga

Esquerda e direita:
Fachada principal.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda e direita:
Coberto na fachada principal.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda:
Batistério.
(EM, 2009).

Direita:
Fachada principal.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda e direita:
Batistério.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda e direita:
Nave e entrada lateral.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda e direita:
Entradas laterais.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda:
Nave e cabeceira.
(EM, 2009).

Direita:
Abertura para ventilação.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda e direita:
Assembleia e altar-mor.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda:
Arco estruturais.
(EM, 2009).

Direita:
Coro alto.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda:
Assembleia, vestíbulo da entrada principal e coro alto.
(EM, 2009).

Direita:
Abertura para ventilação.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda:
Vestíbulo da entrada principal com vitrais.
(EM, 2009).

Direita:
Assembleia e altar-mor desde o vestíbulo de entrada principal.
(EM, 2009).

Igreja da Manga

Esquerda e direita:
Vitrais.
(EM, 2009).

Filial de Lourenço Marques do Banco Nacional Ultramarino (1954-1964). Avenida da República / Avenida 25 de Setembro - Rua Consiglieri Pedroso - Travessa da Laranjeira / Rua B.N.U. Lourenço Marques / Maputo. Moçambique. 25°58'20.97"S, 32°34'12.23"E. José Gomes Bastos.

Entre 1913 e 1958 a filial do Banco Nacional Ultramarino em Lourenço Marques ocupou um edifício com uma fachada *Beaux-Arts* desenhado pelo arquiteto metropolitano José Cristiano de Paula Ferreira da Costa.[95] A nova sede foi construída no terreno ocupado por esta antiga filial expressamente demolida para o efeito.

O projeto e a fiscalização do novo edifício foram da responsabilidade exclusiva de José Gomes Bastos embora alguma bibliografia específica atribua o acompanhamento da obra a Marcos Miranda Guedes, arquiteto que colaborou nas fases iniciais do projeto do BNU ainda no escritório lisboeta de Gomes Bastos.[96] Como referimos no capítulo "Os arquitetos" José Bastos nomeou Miranda Guedes como seu adjunto local, cargo que este último nunca chegou a exercer.[97] O desenho do edifício foi concretizado ao longo das seguintes etapas: em 1954, durante a permanência do autor em Lourenço Marques, foi realizado um primei-

95 "Em 1912 chegou a Lourenço Marques, vindo de Lisboa, um arquitexto famoso que aqui deixou seu nome ligado a muitas obras importantes dessa época, José Cristiano de Paula Ferreira da Costa. (...) A sua obra na Metrópole já era notável. Projetara e executara em Sintra, o sumptuoso palácio do marquês de Val-Flor e em Lisboa o palacete do conde de Seixal. (...) Foi um arquiteto que aqui fez escola. Foi autor da magnífica fachada do edifício do Banco Nacional Ultramarino (...) e do primeiro teatro Gil Vicente." Alfredo Pereira de Lima *in* FERREIRA, 2008: 252, nota 20.

96 José Gomes Bastos *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Rua do Comércio – Lisboa.* Lisboa, 9 de Março de 1959 (AHCGDFBNU).

97 José Gomes Bastos *in Exmo. Senhor João Neves Raposo de Magalhães Dig.mo Diretor do Banco Nacional Ultramarino – Lourenço Marques.* Lourenço Marques, 18 de Junho de 1961 (AHCGDFBNU).

ro esboceto no qual se definiram as linhas gerais do programa funcional do edifício;[98] em 1954 foi apresentado um anteprojeto com a implantação condicionada aos limites irregulares do terreno disponível; em 1955 foi apresentado e aprovado pelos serviços da Câmara Municipal[99] e do Governo-Geral[100] um anteprojeto que levou em consideração a ampliação e regularização dos limites do terreno através do processo de expropriação e demolição das construções existentes - com este anteprojeto consolidaram-se os princípios arquitetónicos gerais a que o projeto iria obedecer ao longo do seu desenvolvimento posterior; em 1959 foi desenhado o primeiro projeto final no qual se introduziram novas propostas que resolveram questões entretanto surgidas de natureza formal, construtiva e programática;[101] no início de 1960 foi entregue uma nova versão do projeto final que consolidou e complementou a apresentação anterior com os desenhos de pormenorização construtiva necessários para a execução dos toscos; ao longo do processo de edificação foram ainda introduzidas outras alterações ao projeto, nomeadamente o crescimento da volumetria da frente sudoeste em mais dois pisos conforme um novo alinhamento previsto pela Câmara Municipal para as

98 "A ausência inicial de um programa que estabelecesse o número de dependências, as suas intercomunicações e lotação das futuras instalações, obrigou-me, durante a minha estadia em Lourenço Marques, a executar um esboceto que foi apreciado e criticado pelos diversos serviços e que graficamente serviu de base ao presente anteprojeto.
Nestas diligências fui carinhosamente auxiliado pelo Ex.° Vice-Governador, que tanto facilitou a minha tarefa, que praticamente me permitiu executar um esboceto em que poucas alterações se tornavam necessárias." José Gomes Bastos *in Anteprojeto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

99 "Com referência ao assunto tratado na nossa carta (...) vimos informar V. Exas. de que o anteprojeto foi, em princípio, aprovado pela Câmara Municipal, desta cidade, com algumas alterações que não julgamos de grande importância." O Gerente Geral do BNU *in Ao Banco Nacional Ultramarino (Serviço de Obras) – Lisboa: Imóveis – Novo Edifício da Filial.* Lourenço Marques, 8 Julho de 1955 (AHCGDFBNU).

100 "Foi aprovado pelo Governo da Província (...) o projeto para as novas instalações do Banco Nacional Ultramarino, declarando a expropriação urgente por utilidade pública das parcelas onde será implantada a referida construção." *DM*, 1955-11-15: 7.

101 "Esta remodelação foi motivada por diversas razões como sejam:
a) Adaptação rigorosa ao terreno adquirido, visto que, o levantamento que serviu de base ao projeto inicial não correspondia com rigor às cotas definitivas, nem era exato quanto aos ângulos dos cunhais. Estas diferenças foram certamente devidas ao facto das construções e muros que ao tempo existiam, terem dificultado o rigor da medição.
b) Alteração da cota da soleira modificada pela câmara, considerando o período das cheias na época das chuvas.
c) Alteração do piso da cave, em virtude dos cálculos e das razões de ordem económica, que levaram a considerar as paredes interiores, como resistentes.
d) Alteração introduzida pelos serviços de Administração do Banco, em Lourenço Marques, considerando o desenvolvimento verificado no período de 3 anos que decorreu, entre a elaboração do programa do projeto e o início de execução da obra. Estas alterações implicaram modificações completas na compartimentação do 3° e 4° piso e pequenas alterações no 2°." José Gomes Bastos *in Serviço de Obras do Banco Nacional Ultramarino*. Lisboa, 15 de Outubro de 1959 (AHCGDFBNU).

cérceas da Rua Consiglieri Pedroso.[102]

O contrato para a construção e acabamentos da filial do BNU foi assinado em meados de 1957 com a empresa SOFIL, Sociedade de Fomento Imperial, SARL,[103] tendo as demolições das construções existentes sido concluídas um ano depois. A subempreitada para a execução das fundações foi atribuída por concurso em 1958 à empresa Christiani & Nielsen, Lda.,[104] firma que realizou sondagens para estudo das características do subsolo do terreno e elaborou um novo projeto das fundações.[105] A transferência provisória dos serviços da filial para o edifício das antigas instalações dos Serviços de Fazenda e Contabilidade teve lugar em Abril de 1958[106] tendo a edificação do edifício sido iniciada no final desse ano ou no princípio de 1959.[107] Em Junho de 1959 é noticiado pela imprensa o início da utilização de um sistema importado de grande eficiência na secagem de terrenos de forma a facilitar o trabalho nas escavações que estavam, nesta altura, a cinco metros de profundidade.[108] O prazo final de construção foi inicialmente previsto para Dezembro de 1963 e a abertura

102 "Acaba de ser levantado, pela Câmara Municipal de Lourenço Marques, um problema que julgo merecer ser apreciado.
(...) O mesmo problema estava no momento para ser levantado por nós porque, lateralmente ao edifício da Nova Filial do B.N.U. em Lourenço Marques, com frente para a Rua Consiglieri Pedroso, foram e estão a ser edificadas novas construções atingindo a altura máxima estabelecida pelos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Lourenço Marques.
Nestas condições, o atual projeto da filial prevê uma construção que, a não ser levantada até aos 24 metros de altura, reduz muito sensivelmente a monumentalidade e expressão que se deseja que o edifício venha a ter.
As construções nesta cidade estão a multiplicar-se extraordinariamente e aquela rua veio a beneficiar de outros edifícios – como o Hotel Tamariz, por exemplo -, que, a não se elevar o edifício do B.N.U. à mesma altura, me parece vir a prejudicar-se a prevista expressão inicialmente pretendida." Mário Pignatelli [O Delegado Permanente] *in Ao Banco Nacional Ultramarino – Serviço de Obras – Rua dos Correeiros, 79, 5º - Lisboa*. Lourenço Marques, 12 de Maio de 1960 (AHCGDFBNU).

103 *Notícias*, 1957-06-05: 16.

104 [s.a.] *in Exmo. Sr. D. Luiz Pereira Coutinho: Informação*. Lourenço Marques, 28 de Janeiro de 1958 (AHCGDFBNU).

105 "Iniciou-se no último dia do mês, a sondagem que a *Christiani & Nielsen* considera imprescindível ao estudo a apresentar. Não houve possibilidade de se lhe dar início mais cedo, por as demolições só então terem desimpedido o solo para colocação da sonda." Mário Pignatelli [O Delegado Permanente] *in Relatório de Junho de 1958*. Lourenço Marques, 10 de Julho de 1958 (AHCGDFBNU); "Realizou-se a sondagem de confirmação, que se prolongou até aos 50 metros de profundidade. (...). Realizaram-se reuniões entre os representantes da *Christiani & Nielsen*, *Sofil* e a fiscalização, aguardando-se para breve a entrega do projeto (...)." Mário Pignatelli [O Delegado Permanente] *in* R*elatório de Julho de 1958*. Lourenço Marques, 6 de Agosto de 1958 (AHCGDFBNU)

106 *Notícias*, 1958-04-11: 12.

107 "Em relação à construção do edifício da Filial do B.N.U. em Lourenço Marques e ao próximo início da referida obra venho solicitar a V. Exas. que se dignem autorizar que se dê início ao contrato estabelecido para a execução do projeto e respetiva fiscalização." José Gomes Bastos *in Banco Nacional Ultramarino – Secção de Obras*. Lisboa, 12 de Dezembro de 1958 (AHCGDFBNU).

108 *Notícias*, 1959-06-06: 15.

do edifício para 16 de Maio de 1964 - data da comemoração do centenário do BNU;[109] a inauguração efetiva só teve lugar em 25 de Julho do mesmo ano em cerimónia presidida pelo presidente da República aquando da sua visita à província.[110]

O novo edifício localiza-se na baixa da cidade, na envolvente próxima da antiga Praça 7 de Março, atual Praça 25 de Junho, entre duas das mais representativas artérias da cidade colonial novecentista: a Rua Consiglieri Pedroso e a antiga Avenida da República, atual 25 de Setembro. O edifício ocupa assim grande parte de um quarteirão de transição entre a estrutura urbana do antigo Presídio de Lourenço Marques e a malha ortogonal proposta no *Projecto de ampliação da cidade de Lourenço Marques*, plano de 1887 da autoria do major engenheiro António José de Araújo.

O programa do banco previa uma complexa organização programática que refletia as diferentes funções que a instituição tinha que simultaneamente cumprir: instituição privada controlada pelo governo central metropolitano, sua tesoureira, responsável pela emissão de moeda em todas as províncias ultramarinas, com exceção de Angola, e principal banco comercial de Moçambique.[111]

Em Abril de 1973 os Serviços de Pessoal e o Centro de Documentação e Informação do BNU foram transferidos do edifício da filial para o remodelado primeiro andar do confinante prédio *Art Déco* da Casa Coimbra, construção recentemente demolida. Também o edifício da filial foi objeto de uma profunda remodelação interna motivada por uma reorganização

109 "O Sr. Arquiteto José Bastos (...) declarou na manhã de ontem que as obras deverão estar concluídas em Dezembro do ano corrente. (...) Após o remate dos trabalhos seguir-se-ão o equipamento e mobiliário, de forma a que a instalação possa ser inaugurada durante o primeiro semestre do ano próximo a coincidir com o centenário do Banco Nacional ultramarino." *Notícias*, 21 de Maio de 1963 (AHCGDFBNU).

110 "Após a chegada do Chefe do Estado ao local foi imediatamente iniciada a cerimónia, que começou pela bênção da frontaria e da entrada do átrio, dada pelo arcebispo de Lourenço Marques, tendo, em seguida, o Presidente da República descerrado uma lápida onde se lê:
Este edifício foi solenemente inaugurado pelo Presidente da República, almirante Américo Thomaz, em 25 de Julho de 1964, sendo Presidente do Conselho o Prof. António Oliveira Salazar; ministro do Ultramar, o comandante Peixoto Correia e governador-geral de Moçambique, o general Costa e Almeida." *BGU*, 1964-07/08: 115.

111 "The new regime of the BNU established by Decree-Law No. 39221, of 25 May 1953, was based on a general principle of continuity in relation to the bank's past history: it was to be a private bank controlled by the government, becoming the sole issuer of banknotes for the whole Portuguese Colonial Empire (with the unavoidable exception of Angola, because of the particular regime established in the mid-1920s), acting as a commercial bank both in the territories where it had issuing rights and in Portugal proper, and also acting gratuitously as the government treasurer." Nunes, 2010: 24.

dos serviços efetuada no decorrer de 1973 e ao longo de 1974.[112] Com a independência de Moçambique, em 1975, as funções do Banco Nacional Ultramarino foram transferidas para o Banco de Moçambique e a filial passou a albergar a sede do banco central do novo país. A julgar pela aparência exterior do edifício e dos espaços interiores do primeiro piso acessíveis ao público – avaliação condicionada pelas restrições à observação e registo fotográfico registadas aquando da visita do autor em Fevereiro de 2009, Junho e Julho de 2010 e Março de 2012 - o edifício encontra-se em bom estado de conservação.

Em planimetria a filial do BNU tem a forma de um anel retangular cujo centro constitui um vasto pátio de iluminação e ventilação de todos os pisos com exceção do primeiro - neste nível o terreno está integralmente ocupado com construção. O edifício, com cerca de 6000m^2 de superfície coberta,[113] está limitado por três frentes urbanas e pelo lote confinante a sudeste. Forma assim um quarteirão menor fechado contido em cerca de um terço da área do um quarteirão maior parcialmente livre. A sua frente principal abre sobre a Avenida da República, a nordeste, a fachada posterior sobre a Rua Consiglieri Pedroso, a sudoeste, e o seu alçado lateral sobre a Travessa da Laranjeira, mais tarde batizada como Rua BNU, a noroeste.[114] O acesso à zona de atendimento público do piso térreo faz-se por entradas opostas abertas sobre as duas artérias principais e as entradas para o pessoal do banco e para as habitações dos pisos superiores pela travessa lateral.

A definição das diferentes volumetrias dos quatro braços que formam o anel levou em consideração os regulamentos municipais para a zona onde está implantado o edifício an-

112 "Em referência ao telex de V. Ex.ª (...) a seguir indicamos as principais atividades deste serviço em 1973:
1. Filial
Obras de grande remodelação no edifício por motivo da nova organização dos serviços.
2. Casa Coimbra
Adaptação do 1° andar para instalação do Serviço de Pessoal e Centro de Documentação e Informação. Inaugurada em 28/4/73 pelo Sr. Dr. Castro Fernandes ao tempo Vice-governador do Banco." Obras [Serviço de Obras, Conservação e Património da Delegação em Moçambique] *in Ultranacio Lisboa para Senhor João Esteves – Serviço de Obras, Conservação e Património: Atividades em 1973*. Lourenço Marques, 29 de Janeiro de 1974 (AHCGDFBNU).

113 *Binário*, 1965-09: 942.

114 "Esta última artéria será alargada (por cessão à Câmara Municipal de uma faixa de terreno com metro e meio de largura a todo o comprimento da travessa), permitindo assim a construção de um belo passeio (...)." *DM*, 1955-07-14: 8.

teriores à entrada em vigor do Plano Geral de Urbanização[115] - bem como a evolução destas diretrizes ao longo do processo de projeto e obra.[116] Os volumes do complexo foram formalmente unificados pelos alpendres em forma de palas de betão que ligam as três frentes urbanas,[117] pelo desenho das *fenêtres en longueur* e pela repetição de dois módulos dimensionais constantes[118] exteriormente plasmados no ritmo dos elementos que subdividem verticalmente os vãos exteriores: pilares, nembos, lâminas verticais e prumos de caixilharias. A expressão formal de cada um dos braços do edifício modifica-se de acordo com a hierarquia dos espaços exteriores circundantes e da função dos espaços interiores que abrigam. A frente para a Avenida da República, com sete pisos acima da cota de soleira, é a que tem maior altimetria e simultaneamente maior autonomia volumétrica. Esta separação é acentuada pela continuidade das cérceas e dos revestimentos do piso da cobertura da fachada principal ao longo do primeiro troço do alçado lateral e pela rutura provocada pela caixilharia vertical das caixas de escadas da Travessa da Laranjeira. O jogo de claro-escuro do profundo *brise-soleil* do alçado nordeste, entre o piso térreo envidraçado e assente em *pilotis* e o terraço do piso superior recuado, enfatiza por outro lado a fachada principal do

115 "Esclarece-se ainda, que as sujeições de urbanização previstas para o local condicionam: o máximo de dois pisos para a frente sobre a Rua Consiglieri Pedroso, e um mínimo de quatro pisos para a frente sobre a Avenida da República." José Gomes Bastos in *Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU); "É no entanto de considerar que tratando-se de um edifício especial e prevendo o Regulamento do Plano, que neste caso, os estudos serão feitos em concordância com as disposições que a Câmara Municipal previamente indicar e considerando que o B.N.U. fez uma consulta antes da deliberação de 27-5-955, afigura-se-nos que o projeto poderá ser ainda apreciado dentro dos Regulamentos e Posturas em vigor." Augusto Rodrigues da Silva [O Arquiteto-Chefe da 2ª Repartição] in *Apenso ao Requerimento nº 1462/55, de 2-6-55, do Banco Nacional Ultramarino: Informação*. Lourenço Marques, 2 de Junho de 1955 (AHCGDFBNU)

116 "Por decisão camarária, foi recentemente determinado que os prédios cuja fachada ladeia a Rua Consiglieri Pedroso pudessem ser elevados até aos 24 metros." Mário Pignatelli [O Delegado Permanente] *in Exmo. Senhor Arquiteto José Gomes Bastos – Largo da Biblioteca Nacional, 17, cave – Lisboa*. Lourenço Marques, 26 de Julho de 1958 (AHCGDFBNU); "Fica, por encarar oportunamente, a elevação da frente sobre a Rua Consiglieri Pedroso, conforme nova cércea da câmara, assunto que poderá ser resolvido posteriormente, uma vez que já se considerou a possibilidade dessa ampliação, nas fundações e na estrutura resistente." José Gomes Bastos *in Serviço de Obras do Banco Nacional Ultramarino*. Lisboa, 15 de Outubro de 1959 (AHCGDFBNU).

117 "Nestas circunstâncias o anteprojeto apresentado não contraria as posturas em vigor, devendo apenas respeitar (...) os artigos 36º e 37º do R.E.U. que fixam a altura e a largura do alpendre, que é obrigatório, neste caso, com a largura de 3 metros para as Avenidas da República e Consiglieri Pedroso e 1,50 metros para a Travessa da Laranjeira, devendo do lado da Avenida da República harmonizar-se com o alpendre existente da Casa Coimbra no que respeita a alturas." A Comissão de Estética e de Urbanização *in Apenso ao Requerimento nº 1462/55, de 2-6-55, do Banco Nacional Ultramarino: Parecer da Comissão de Estética e de Urbanização*. Lourenço Marques, 2 de Junho de 1955 (AHCGDFBNU)

118 "A fachada para a Avenida da República, embora baseada sobre um módulo, marcará francamente os pisos correspondentes ao Banco." José Gomes Bastos in *Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

edifício e a sua representatividade institucional - qualidade comprovada pela representação da fachada principal do edifício na face das atuais moedas moçambicanas de 10 meticais. A frente para a Travessa da Laranjeira constitui uma grande superfície rasgada pelos elementos horizontais e verticais que compõem a matriz compositiva dos alçados exteriores enquanto a frente para a Rua Consiglieri Pedroso, com uma altimetria de dois pisos à face da rua e seis pisos recuados, estabelece a transição entre a massa monumental do edifício e a escala mais apertada desta artéria urbana. Nesta segunda frente um volume prismático suspenso acima da pala do alpendre - rasgado por um grande vão horizontal saliente protegido por *brise-soleil* de lâminas verticais -, afirma na autonomia do seu desenho a presença da instituição no contexto urbano envolvente. No interior do pátio central as diferentes altimetrias prismáticas dos quatro braços do anel articulam-se com as palas horizontais sobre os terraços, o volume cilíndrico da escadaria helicoidal e a superfície curva da abóbada que cobre a zona de trabalho do espaço de atendimento público. Os alçados deste espaço estão baseados na repetição do mesmo módulo dimensional dos vãos exteriores das frentes urbanas - com a exceção das grelhagens contínuas que encerram as galerias de acesso às habitações no 6º e 7º pisos do volume maior. Resolvem com grande depuração e unidade formal os diferentes requisitos funcionais dos espaços internos que com eles confinam.

O funcionamento deste edifício de grande dimensão e complexidade programática - previsto para 300 funcionários em 1955 já ultrapassavam os 500 em 1965 -[119] foi estruturado em duas zonas principais distribuídas pelos distintos pisos propostos de forma a evitar qualquer cruzamento entre os serviços internos e a circulação do público: a zona dos serviços bancários, que se subdividia em espaços de atendimento público e espaços privados de representação, trabalho, apoio social e lazer, e a zona das habitações do pessoal superior. Esta estruturação espacial, que foi sendo definida ao longo do processo de projeto e de construção, resultou da flexibilidade permitida pelo método geral de desenho adotado em todo o edifício. Excetuando o desenho fixo do grande *hall* de atendimento público do rés-

119 *Binário*, 1965-09: 940, 942.

-do-chão a área disponível de cada piso foi livremente adaptada às mais distintas funções. Limitado pelos contornos variáveis das volumetrias exteriores, dimensionado pela malha estrutural e compositiva patente nos alçados exteriores e condicionado pelos elementos verticais constantes - pilares, escadas, ascensores e prumadas das instalações técnicas e sanitárias -, cada piso de serviços constituiu uma matriz espacial em *plan libre* divisível de acordo com as necessidades de organização funcional requeridas em cada momento através de tabiques amovíveis construídos em alumínio anodizado e vidro.[120] De acordo com a documentação recolhida no Fundo BNU do Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos os diversos pisos do edifício deveriam apresentar, à época da sua inauguração, a seguinte composição espacial e organização funcional internas:

- O primeiro piso (cave), com entrada reservada aos funcionários do banco pela Travessa da Laranjeira, continha os vestiários do pessoal, instalações técnicas e serviços do banco. Rodeados por uma galeria de proteção os serviços do banco foram subdivididos em duas zonas: a sala dos cofres de aluguer, acessível ao público pela escada helicoidal após passagem pela sala de controlo, e o conjunto e os compartimentos das diversas casas fortes;
- O segundo piso (piso térreo), abria nas frentes à Avenida da República e à Rua Consiglieri Pedroso os principais ingressos do público e na Travessa da Laranjeira os acessos privados do banco. Separavam-se assim a entrada da cave dos acessos verticais aos pisos superiores do edifício. O acesso pela Avenida da República, desenhado de forma monumental, fazia-se por um átrio exterior assente num pódio com *pilotis* elevado em relação à cota do passeio e acessível por uma escadaria. Ao fundo desta plataforma cinco portas giratórias inseridas num plano contínuo de caixilharia - ladeado por um painel de cerâmica policromada de grande dimensão por Querubim Lapa -, conduziam ao extenso vestíbulo principal no qual se encontravam o balcão do porteiro e os ascensores para as zonas de acesso público dos 3º e 4º pisos. Este espaço estava separado da zona de atendimento público por um vão com 17 metros de comprimento encerrado por uma divisória de correr

120 *Binário*, 1965-09: 940.

que recolhia na contraface da parede do fundo - sobre a qual se dispunha uma composição escultórica por Manuela Madureira. A segunda entrada, pela Rua Consiglieri Pedroso, fazia-se por um átrio exterior limitado por um plano recuado de caixilharia no qual se inseriam duas portas giratórias que conduziam a um vestíbulo secundário, separado da zona de atendimento público por um lanço de degraus. Unindo as entradas em frentes opostas encontrava-se um mural gravado em mármore por Francisco Relógio que desenrolava longitudinalmente, ao longo dos seus 80m de extensão, a narrativa da tomada de Tânger.[121]

O *hall* de atendimento público, uma rua interior entre as duas artérias principais, estava subdividido em espaço de público e secções de expediente e letras através de um balcão que ziguezagueava entre os elementos estruturais. As seções ocupavam zonas centrais de trabalho cobertas e iluminadas por uma abóbada translúcida, suportada por uma estrutura de betão,[122] com os seus tímpanos revestidos por painéis da autoria de Jorge Garizo do Carmo.[123] Por baixo da abóbada e em seu redor encontravam-se os cubículos das caixas e os diversos espaços de trabalho. A representatividade deste piso era ainda enfatizada pela escultórica escada helicoidal que, revestida em toda a extensão com mosaico de vidro policromado desenhado por Estrela Faria, ligava entre si todas as zonas de acesso público do edifício.

- O terceiro piso subdividia-se em zona de acesso público e zona reservada aos serviços internos do banco: a zona do público, área em comunicação direta com a entrada principal através dos ascensores e da escada helicoidal, era constituída por um *hall* disposto paralelamente à Avenida da República. Rodeado por balcões de atendimento público tinha o seu topo sudeste integralmente revestido com uma pintura a óleo de grande dimensão por Rolando Sá Nogueira ou José Freire; a zona dos serviços internos ocupava os restantes

121 "João Madeira Pires *in Importâncias pagas a fornecedores da obra de Lourenço Marques*. Lisboa, 15 de Abril de 1964 (AHCGDFBNU).

122 "Ainda, e no receio de deficiências de iluminação do núcleo central, este será coroado por um lanternim em cimento translúcido, cuidadosamente defendido, em vista do arco solar do verão ser francamente desfavorável a este sistema de iluminação." José Gomes Bastos *in Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

123 *Binário*, 1965-09: 94

braços do edifício com diversas espaços reservados aos funcionários do banco;

- O quarto piso, ou piso da administração, estava centralizado no grande *hall* de representação qualificado pela escada helicoidal que nele desembocava e pelo painel de grande dimensão, por Jorge Garizo do Carmo, que revestia toda a extensão do seu topo sudeste. Este piso compreendia, na frente à Avenida da República os espaços principais da administração, na frente à Travessa da Laranjeira o serviço de obras, na frente à Rua Consiglieri Pedroso o gabinete do conservador e os serviços de inspeção, e no braço sudeste os serviços e salas de apoio à administração;
- O quinto piso, que continha os serviços de apoio aos trabalhadores do banco, estava subdividido em zona do centro social ou lúdico, zona da secretaria dos serviços de pessoal e zona do posto médico. O centro social ocupava a frente à Avenida da República com as espaços de lazer mais tranquilos e a ala sudeste com atividades mais ruidosas. A secretaria dos serviços de pessoal situava-se na frente à Travessa da Laranjeira e o posto médico na frente à Rua Consiglieri Pedroso;
- O sexto e sétimo pisos compreendiam dois apartamentos por piso para funcionários superiores organizados em três faixas funcionais paralelas: galerias de acesso ao longo do pátio central, vestíbulos, copas, cozinhas e casas de banho encerrados no miolo das habitações, e quartos e salas abertos sobre a Avenida da República. A zona habitacional estava fisicamente separada do volume de dois pisos em forma de "U" que preenchia o lado oposto do conjunto. Este segundo corpo estava preenchido com os serviços de assistência social para além de outros serviços internos do banco;
- O oitavo piso, um volume recuado na frente à Avenida da República, constituía a zona de receção da administração. Albergava espaços de carácter eminentemente representativo que abriam para um vasto terraço destacado sobre o perfil nordeste da cidade.

Ao contemplar atividades que ultrapassavam a sua estrita função institucional, como o centro lúdico e o posto médico do 5.º piso, a zona de assistência social do 6.º e as habitações do 6.º e 7.º - para além das zonas dos serviços internos e de atendimento público da

cave, 1º, 2º, 3º e 8.º pisos -, a filial do BNU caracterizava-se como um microcosmo programático: um complexo multifuncional ou um condensador social involuntário.

O edifício foi erguido com uma estrutura composta por paredes resistentes, pilares e lajes em betão armado. Esta estrutura foi ordenada segundo uma malha dimensional de múltiplos da unidade de vão exteriores, correspondendo à distância entre os eixos dos seus nembos laterais - ou seja 0,105m + 1,30m + 0,105m. Na frente à Travessa da Laranjeira a malha estrutural longitudinal baseou-se num módulo estrutural principal de 9,85m - distância entre eixos de pilares retangulares com 1,00m x 0,40m -, correspondendo a seis vãos, cinco nembos e dois meios pilares - ou seja 0,50m + 1,30m + 0,21m + 1,30m + 0,21m + 1,30m + 0,21m + 1,30m + 0,21m + 1,30m + 0,21m + 1,30m + 0,50m. Na frente à Rua Consiglieri Pedroso a malha estrutural transversal densificou-se com a introdução de um pilar intercalar, criando-se um meio módulo com 4,925m entre eixos de pilares correspondendo a três vãos com 1,21m, dois nembos com 0,21m e dois meios pilares com 0,4375 - ou seja 0,4375m + 1,21m + 0,21m + 1,30m + 0,21m + 1,30m + 0,4375m. As dimensões dos três braços posteriores assim como as proporções do pátio central e da abóbada que o cobre, construída com uma armadura de vigotas de betão e tijolos de vidro com proteção solar de fabrico francês,[124] assentam nesta malha estrutural; a concordância desta reticula ortogonal com os ângulos oblíquos da Rua Consiglieri Pedroso e da Avenida da República é resolvida em ambas as frentes com recurso a um último módulo excecional de forma trapezoidal e dimensão variável.

Com uma grande qualidade de construção o edifício utiliza materiais nobres de fabricação industrial ou extração tradicional nos seus acabamentos exteriores e interiores.[125] No exterior rebocado e pintado (com exceção das empenas em tijolo cerâmico anteriormente referidas), os vãos exteriores foram encerrados com caixilhos de alumínio anodizado e vidro

124 *Binário*, 1965-09: 942.

125 "Deverão aplicar-se materiais de revestimento, que correspondem pela sua nobreza e qualidades ao fim a que se destina o edifício. (...) O especto exterior traduzirá o sistema construtivo e a forma de defesa ao clima, embelezando-se unicamente pela cor e qualidade dos revestimentos." José Gomes Bastos *in Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

fumado. Nas zonas de público, integralmente revestidas com materiais resistentes e laváveis, e de representação, tratadas com uma sóbria expressão de luxo,[126] combinaram-se em pavimentos, lambrins, escadarias, revestimento de pilares, balcões e vãos interiores uma grande diversidade de materiais nobres de extração tradicional: mármore Estremoz branco, verde Monte da Lua e Brecha Tavira, calcários Vidraço e Lioz, granito Sueco negro, Pinho de Oregon e madeiras de Megunda, Zebrano, Cedro do Líbano e Panga-Panga. Os espaços dos serviços internos do banco foram compartimentados com divisórias em materiais leves, permitindo uma grande flexibilidade de organização espacial, e foram revestidos com materiais de produção industrial: mosaicos, azulejos, betonilhas e marmorites.

A proteção climática do edifício à exposição solar constituiu, desde o início do projeto, um fator preponderante no desenho da sua expressão exterior.[127] Foram criados mecanismos de sombreamento que se sobrepõem aos vãos exteriores dos alçados nordeste, na frente à Avenida 25 de Setembro, e sudoeste, na frente à Rua Consiglieri Pedroso - o alçado noroeste, na frente à Travessa da Laranjeira, estava naturalmente resguardado da inclemência solar pela volumetria urbana envolvente.[128] Sobre as *fenêtres en longueur* do alçado nordeste, o mais exposto aos raios solares ao longo das várias estações do ano, José Gomes Bastos desenhou, entre o 3º e o 7º pisos, um *brise-soleil* fixo composto por uma densa e profunda grelha de lâminas verticais e palas horizontais enquadradas pela projeção das paredes de limite e pelo balanço das lajes de piso. As aberturas do grande vão sobre a entrada do alçado sudoeste foram por sua vez protegidas por um extenso *brise-soleil* de fabricação industrial

126 *Binário*, 1965-09: 940, 941.

127 "O partido do exterior, que se adotou para este conjunto, foi especialmente condicionado pelo estudo de insolação a que se procedeu. Junta-se a este anteprojeto o gráfico, que permitiu judiciosamente definir quais os elementos que conviriam à defesa das dependências." José Gomes Bastos *in Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

128 "A fachada poente (Travessa da Laranjeira), embora mais exposta, não foi no entanto defendida da mesma forma que as restantes, por razões, que adiante se indicam:
1º - A Travessa da Laranjeira é uma artéria toda construída do lado oposto ao terreno destinado ao banco e portanto muito mais sombria que as outras frentes.
2º - Esta artéria é francamente estreita (8 metros).
3º - A impossibilidade de abrir vãos para nascente por o edifício se encostar a construções existentes obriga a exigir, que a luz de poente, embora coada, entre e atravesse francamente a área das instalações." José Gomes Bastos *in Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

composto por um denso ritmo de lâminas verticais orientáveis mecanicamente.[129]

A ventilação dos espaços interiores foi propiciada pelas instalações de ar condicionado - o edifício possuía uma das maiores centrais de África -,[130] e pelos vãos praticados nas paredes exteriores. Em cada piso os vãos exteriores foram compostos por duas bandas horizontais de aberturas: a inferior ao nível do observador, encerrada com caixilharias de duas folhas de abrir, e a superior junto ao teto, encerrada por persianas de lâminas de vidro orientáveis. Em conjunto com dispositivos similares colocados na parte superior das divisórias internas estas persianas possibilitavam a circulação cruzada das correntes de ar nos espaços internos do edifício.

Edifício sede do banco emissor de moeda com especiais exigências de representatividade, monumentalidade e riqueza artística[131] a filial do BNU em Lourenço Marques constituiu um exemplo de integração sintética de diversas obras de arte no projeto de arquitetura. Sob a ativa coordenação de José Gomes Bastos e por seu convite direto contribuíram para esta *Gesamtkunstwerk* os seguintes artistas plásticos: Querubim Lapa com um painel de cerâmica policromada em baixo-relevo colocado na parede exterior à direita da entrada principal;[132] Manuela Madureira com as três figuras em bronze suspensas do paramento do fundo do átrio principal à direita do vão de acesso à sala do público;[133] Estrela Faria com o desenho

129 "Dada a dificuldade de conhecimento de firmas especializadas neste fabrico, consultaram-se unicamente duas firmas, uma em África do Sul e outra na Alemanha.
(...) Não se vê qualquer vantagem no comando elétrico automático com temporizador por necessitar em caso de avaria, a intervenção de operários especializados e não o recurso, a qualquer simples mecânico." José Gomes Bastos *in Propostas para o fornecimento de lâminas quebra sol: Parecer.* [s.l.], [s.d.] (AHCGDFBNU).

130 *Binário*, 1965-09: 940, 942.

131 *Binário*, 1965-09: 940.

132 "Por incumbência do Sr. Arquiteto José Gomes Bastos, venho apresentar a V. Exas. a proposta que junto envio, pela qual me prontifico realizar um trabalho decorativo em cerâmica para a fachada da Filial do Banco Nacional Ultramarino, em Lourenço Marques.
(...) O painel será feito em placas modeladas, com esmaltes policromados da melhor qualidade, com desenhos segundo a maquete a apresentar e terá as dimensões de 8m x 8,50m." Querubim Lapa *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Lisboa: Proposta.* Lisboa, 1 de Abril de 1961 (AHCGDFBNU).

133 "Conforme referi verbalmente solicitei a colaboração da Escultora Sra. D. Maria Manuela Madureira para a execução de uma *maquette* destinada ao átrio da nova filial de Lourenço Marques.
Destina-se este elemento decorativo a ser colocado sobre a grande parede (10 metros de comprimento por 4 metros de altura), fronteira à entrada e formando ângulo com os corpos dos elevadores e para a qual até hoje nada foi previsto como decoração." José Gomes Bastos *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Rua do Comércio – Lisboa.* Lisboa, 14 de Dezembro de 1962 (AHCGDFBNU).

para o revestimento a mosaico de vidro de Murano das paredes da escada helicoidal - executado em Itália pela firma Vetreria Ugo Donà & Figlio e assente em Lourenço Marques pelos mosaicistas da fábrica italiana E. Zavagno e A. Chiviló;[134] Francisco Relógio com o desenho inciso em mármore da conquista de Tânger - ampliado no local pelo próprio artista -, que preenche integralmente os 80m de extensão da parede nordeste da sala do público do rés-do-chão;[135] e Rolando Sá Nogueira ou José Freire, com a pintura a óleo sobre a parede sudeste do átrio do público do terceiro piso. Sobre esta última obra permanece ainda alguma incerteza: enquanto a correspondência existente no fundo BNU documenta a proposta, aceitação e despacho da obra por Rolando Sá Nogueira,[136] e a fotografia publicada pela revista *Arquitectura* em 1963 se refere a este painel,[137] o artigo publicado pela revista *Binário* em 1965 atribui-a antes a José Freire.[138] Por outro lado existe documentação de pagamentos

134 "Por incumbência do Sr. Arquiteto José Gomes Bastos, venho apresentar a V. Exas. a proposta que junto envio, pela qual me prontifico a realizar um desenho em tamanho natural para ser executado em mosaico italiano e destinado ao revestimento das paredes da escada helicoidal, principal, de acesso e ligação do 1° ao 4° piso.
(...) Estrela Faria, (...), propõe-se executar (...), um painel um desenho em tamanho natural correspondente à área de 260 m^2 e esquema indicativo das cores, para ser executado em mosaico italiano e assente por uma firma competente a determinar." Estrela Faria *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Lisboa*. Lisboa, 19 de Maio de 1961 (AHCGDFBNU).

135 "Por incumbência do Sr. Arquiteto José Gomes Bastos, venho apresentar a V. Exas. a proposta que junto envio, pela qual me prontifico a realizar um desenho em tamanho natural para gravar em mármores, destinado ao *hall* público da Filial do B.N.U., em Lourenço Marques." Francisco Relógio *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Lisboa*. Lisboa, 19 de Abril de 1961 (AHCGDFBNU); "Merecendo-lhe este trabalho o maior interesse profissional, está certo o signatário da grande vantagem de proceder à sua ampliação no local, corrigindo a composição se necessário for, de forma que as figuras não sejam intercetadas e se apresentam com o máximo partido decorativo.
Torna-se difícil determinar desde já, as peças acessórias devidas a grelhas de arejamento, a bocas de incêndio, acessórios elétricos, etc.... que muito podem por infelicidade prejudicar a composição." Francisco Relógio *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Rua do Comércio – Lisboa*. Lisboa, 19 de Junho de 1962 (AHCGDFBNU).

136 "Por incumbência do Sr. Arquiteto José Gomes Bastos, venho apresentar a V. Exas. a proposta que junto envio, pela qual me prontifico a realizar uma *maquette* à escala de 1:5, correspondente a um painel a óleo destinado ao revestimento do topo do *hall* do 3° piso da Filial do B.N.U., em Lourenço Marques.
(...) Rolando Augusto Bebiano Victorino Dantas Pereira de Sá Nogueira, (...), propõe-se executar (...), um painel a óleo com 12.00 de largo por 3.00 de alto, destinado ao topo do hall do 3° piso da nova Filial do B.N.U. em Lourenço Marques.
O painel será pintado a óleo, em 15 grades, sobre tela, de forma a tornar da maior facilidade a sua montagem e aplicação." Rolando Sá Nogueira *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Lisboa*. Lisboa, 30 de Setembro de 1961 (AHCGDFBNU); "O signatário vem agradecer a V. Exas. a aprovação que se dignaram conceder ao estudo por mim efetuado e que se destina ao painel a colocar no *hall* do 3° piso da nova Filial do B.N.U. em Lourenço Marques.
Comunico que imediatamente vou iniciar a execução do trabalho definitivo (...)." Rolando Sá Nogueira *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino – Lisboa*. Lisboa, 20 de Outubro de 1962 (AHCGDFBNU); "Tendo concluído o painel de pintura a óleo sobre tela que se destina à filial do Banco nacional Ultramarino em Lourenço Marques que (...) foi entregue devidamente embalado no cais da Companhia Colonial de Navegação, para embarque no vapor Lobito no dia 13-9-63." Rolando Sá Nogueira *in Exma. Administração do Banco Nacional Ultramarino*. Lisboa, 20 de Setembro de 1963 (AHCGDFBNU).

137 *Arquitectura*, 1963-12: 36.

138 *Binário*, 1965-09: 943.

efetuados aos dois artistas[139] e as fotos do edifício, tiradas após a sua conclusão em 1964, revelam uma pintura diferente daquela publicada no ano anterior.

Por iniciativa da administração realizou-se em 1962 um concurso entre artistas plásticos da Província para a realização de um painel destinado a preencher toda a extensão da parede sudeste do vestíbulo da administração, no quarto piso do edifício. Para este concurso, que contou com o apoio de José Gomes Bastos na elaboração do regulamento e da relação de nomes a consultar, foram convidados Bertina Lopes, Antero Machado, José Freire, João Aires, João Paulo, José Pádua e Jorge Garizo do Carmo[140] - a este último foi atribuída a execução do trabalho.[141] Pelos gabinetes do edifício foram ainda distribuídas diversas pinturas por João Aires, Dana Michahelles, Araújo Soares, João Paulo e José Pádua. No centro social foram colocados painéis por Bertina Lopes e Malangatana Ngwenya Valente,[142] autor do mural que cobre a parede do fundo do salão de festas da Associação dos Empregados.[143]

José Gomes Bastos desenhou o edifício do BNU como uma resposta à exigência de mo-

139 "João Madeira Pires *in Importâncias pagas a fornecedores da obra de Lourenço Marques*. Lisboa, 15 de Abril de 1964 (AHCGDFBNU).

140 "Pensa a Administração do Banco que numa obra tão importante como o edifício em construção, devem igualmente os artistas de Moçambique ficar representados, atestando o seu valor e o nível artístico do meio. Pretende-se igualmente proporcionar aos artistas da Província uma oportunidade de revelarem o seu valor.
Nestes termos determina-se a abertura de um concurso entre artistas de Moçambique para a execução de um painel decorativo destinado ao *hall* do quarto piso.
(...) Dimensão do painel: altura - 2,325, comprimento - 13,48
(...) Como motivo de composição deverão evitar-se os assuntos de ordem histórica.
O painel que constitui todo o fundo de um hall, conforme se pode observar no local, deverá desenrolar-se ao longo de toda a sua extensão de forma a constituir um conjunto de grande interesse e parcialmente tratado, de forma a que o pormenor mereça especial atenção." José Gomes Bastos *in Banco Nacional Ultramarino: Concurso para a execução de um painel decorativo, destinado ao hall do 4° piso (Administração)*. Lourenço Marques, 18 de Julho de 1962 (AHCGDFBNU).

141 "Em 1962, radicou-se em Lourenço Marques e começou a trabalhar como jornalista. Em 1964, em concurso com outros artistas, ganhou a execução de um grande painel mural no BNU." (www.cps.pt).

142 *Binário*, 1965-09: 940.

143 Fernandes, 2002: 101.

dernidade que descobriu no urbanismo e na arquitetura de Lourenço Marques,[144] tomando como modelo alguns edifícios que observou em 1954 durante a sua viagem à África do Sul.[145] Uns e outros são exemplificados na memória descritiva do primeiro anteprojeto por postais ilustrados retratando os prédios dos Organismos de Coordenação Económica, Rubi, Santos Gil e African Life, edifícios construídos em Lourenço Marques durante a década de 40, e por fotografias das novas instalações do Banco Holandês em Pretória e de outras edificações de arquitetura moderna de Joanesburgo.

Na linguagem do edifício do BNU articulam-se duas distintas expressões da arquitetura do Movimento Moderno: enquanto a depuração formal, expressão utilitária e equilíbrio de massas do volume central se refere à produção arquitetónica que antecedeu a II Guerra Mundial a liberdade compositiva que informa o desenho das duas frentes principais, nas quais são notórias as influências corbusianas, reportam o edifício ao *Estilo Internacional* do segundo pós-guerra. .

O empreendimento de construção da filial do Banco Nacional Ultramarino em Lourenço Marques foi informado por um dado programático de base: a necessidade de conferir à arquitetura do novo edifício a capacidade de monumentalizar a pluralidade funcional e o papel institucional representados pelo banco no tecido económico e no contexto ideológico

144 "O projeto deverá atender ao clima, deixando transparecer as características funcionais e de molde a que a expressão do conjunto se enquadre nas tendências da arquitetura atual, considerando o aspeto dos últimos edifícios construídos na cidade, que bem marcam o anseio de renovamento e o nível de civilização desta progressiva Província Ultramarina.
(...) O aspeto do conjunto, ou seja, a expressão do bloco procurou harmonizar-se com a arquitetura atual e progressiva, que caracterizam a maioria dos blocos construídos ultimamente em Lourenço Marques.
Juntam-se algumas fotografias, que ilustrarão esta afirmação, e que demonstram a adoção geral de um estilo funcional e caracteristicamente moderno. De resto o traçado da cidade e a urbanização existente consente e solicita este aspeto de arquitetura como mais adequado e mais lógico para revestir as frentes das suas longas, largas e formosas avenidas." José Gomes Bastos *in Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

145 "Na viagem efetuada a Joanesburgo e Pretória, muito se aprendeu e sentiu.
Espanta a grandeza dos edifícios públicos e das instalações particulares para serviço público.
Sejam de que época forem e são na sua maioria, velhos de duas décadas, impõem-se pelo seu traçado, construção e arranjo de conjunto. No edifício destinado ao novo Banco Holandês de Pretória, em acabamento, sente-se como o tijolo local, embora de 1ª qualidade, pode ser um material nobre, desde que seja acompanhado pelo requinte do pormenor e do acabamento." José Gomes Bastos *in Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

locais.[146] O discurso proferido pelo governador do banco, Francisco Vieira Machado, durante a cerimónia de inauguração que contou com a presença do presidente da República, almirante Américo Tomás, do ministro do ultramar, comandante Peixoto Correia, do governador-geral de Moçambique, general Costa e Almeida, e do arcebispo de Lourenço Marques, D. Custódio Alvim Pereira - entre outros convidados -, atesta bem o significado atribuído a este edifício enquanto instrumento arquitetónico de linguagem moderna ao serviço da utopia colonial do regime do Estado Novo.[147]

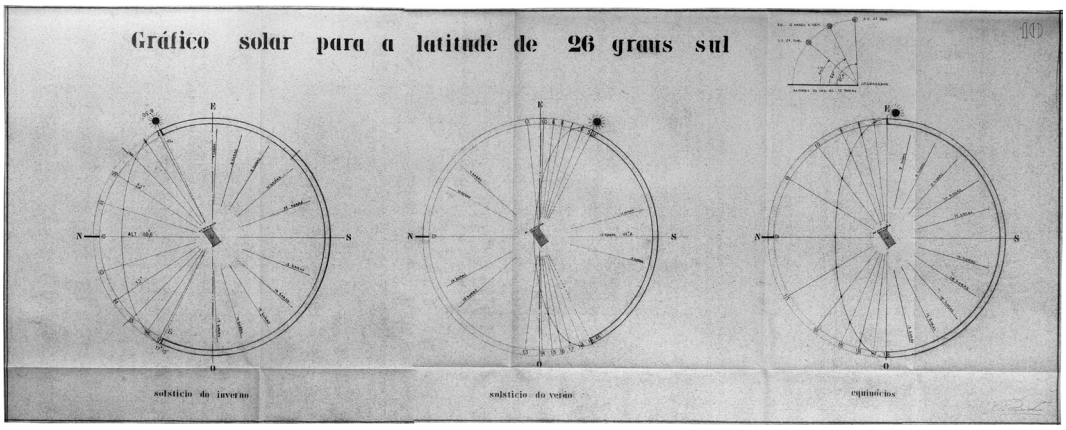
146 "No caso presente – um banco emissor – o aspeto é diferente e excecional. A construção deverá impor-se, como exemplo, pelo nível das suas instalações e especialmente pelo tratamento dos seus pormenores." José Gomes Bastos *in Ante-projecto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva*. Lisboa, 10 de Dezembro de 1954 (AHCGDFBNU).

147 "Vai Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, visitar o novo edifício do banco emissor da capital da província de Moçambique. Talvez o ache demasiadamente vasto, luxuoso em demasia. Propositadamente assim o quisemos. É que pretendemos testemunhar, não só por palavras, mas por obras visíveis também, a nossa absoluta, total confiança no progresso da província, no seu desenvolvimento, na sua riqueza, no seu futuro sempre português.

Na nossa África nada é demasiadamente grande porque a rapidez da evolução é estonteante e o que hoje é suficiente o amanhã torna-o acanhado. Na nossa África é preciso conceber com grandeza. A tacanhez não é para estas terras! E pretendemos que o edifício fosse digno e belo, como é próprio da instituição cujos serviços vai albergar e que tem por dever servir de exemplo e de estímulo. Com efeito, um banco emissor não deve apenas servir para pôr notas em circulação. Por importante que seja esta sua função, por fundamental mesmo que ela seja no conjunto económico, outro papel tem ainda a desempenhar: ele deve ser o guia, o paradigma das forças vivas do território onde trabalha.

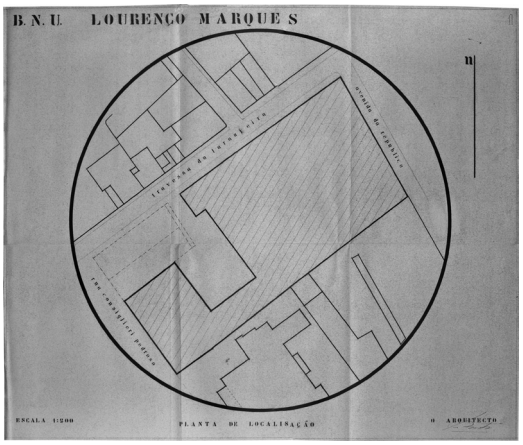
(...) Terra de Moçambique, batizada portuguesa e com o sangue dos nossos soldados e com o suor dos nossos colonos, terra de Moçambique muito minha querida, como não havia de o seu banco emissor, podendo fazê-lo, deixar de dotar a sua capital, exótica flor de magia, com um monumento digno da sua grandeza, da sua pujança, da opulência magnífica da sua potencialidade?!

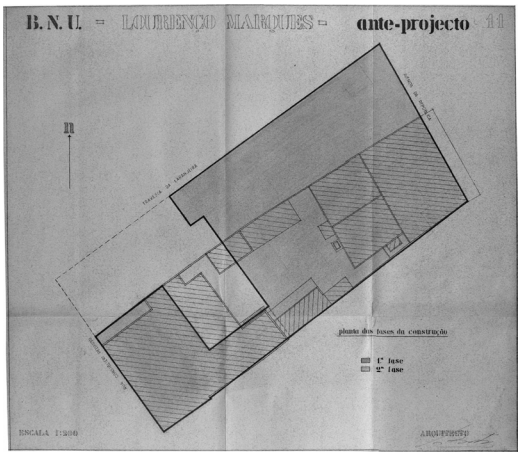
Este edifício é assim, senhor Presidente, um grito de amor e de fé!" Francisco Vieira Machado *in BGU*, 1964-07/08: 115-119



Banco Nacional Ultramarino

Gráfico solar para a latitude de 26 graus sul.
Anteprojeto, Dezembro de 1954
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

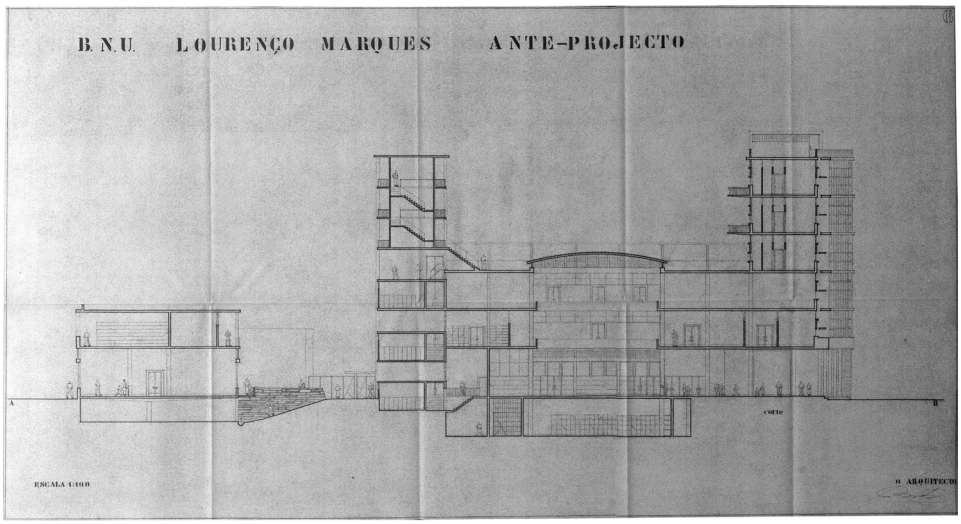




Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
B.N.U. Lourenço Marques. Planta de localização.
Escala 1:200.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
B.N.U. Lourenço Marques. Anteprojeto. Planta das fases de construção.
Escala 1:200.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



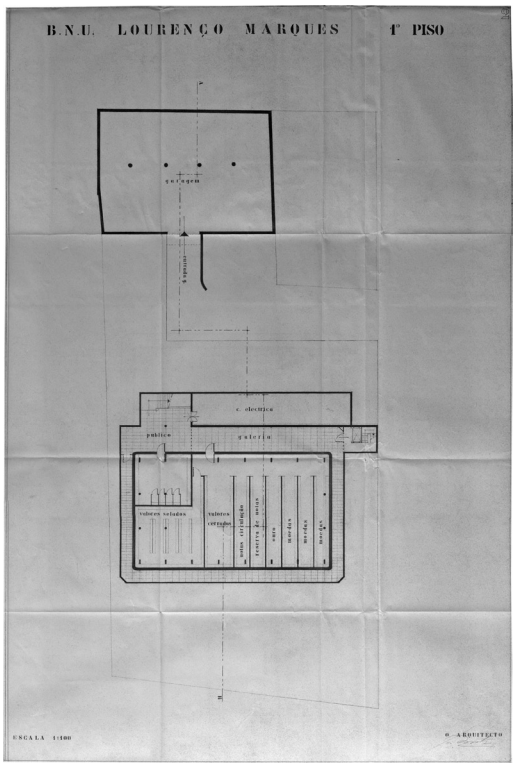
Banco Nacional Ultramarino

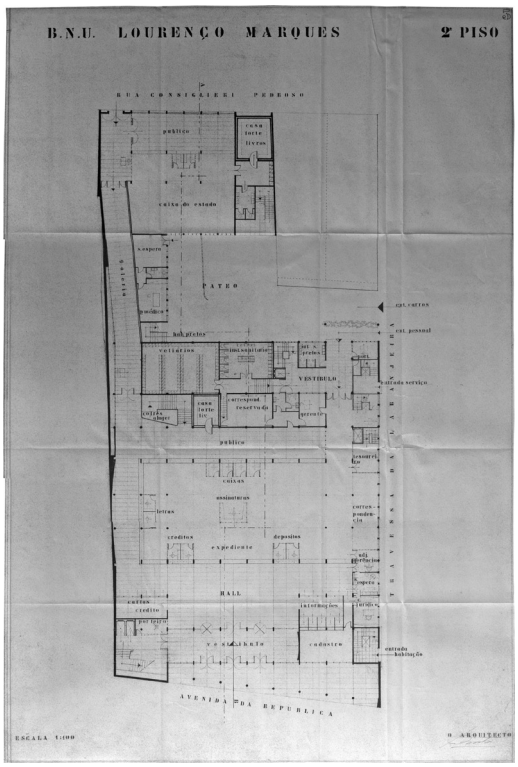
B.N.U. Lourenço Marques. Anteprojeto. 3.º piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
B.N.U. Lourenço Marques. 1.º piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
B.N.U. Lourenço Marques. 2.º piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

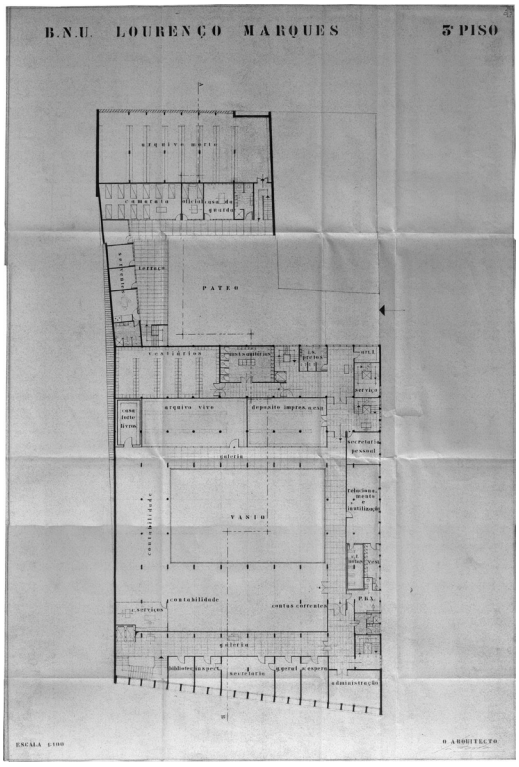


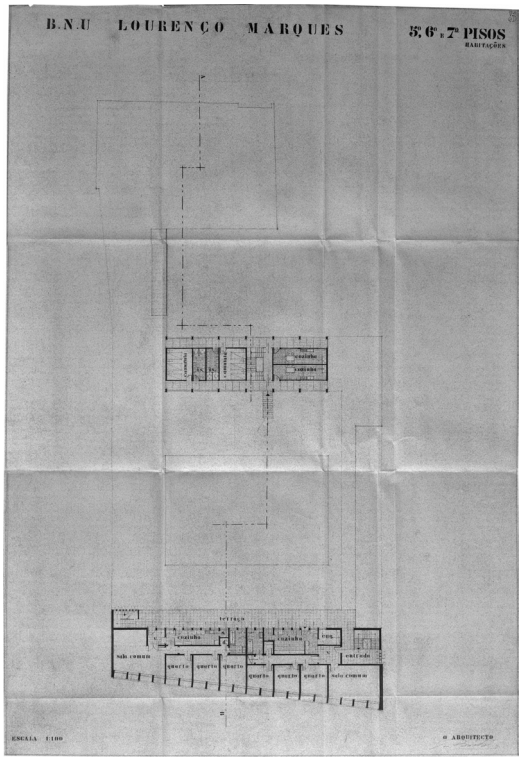


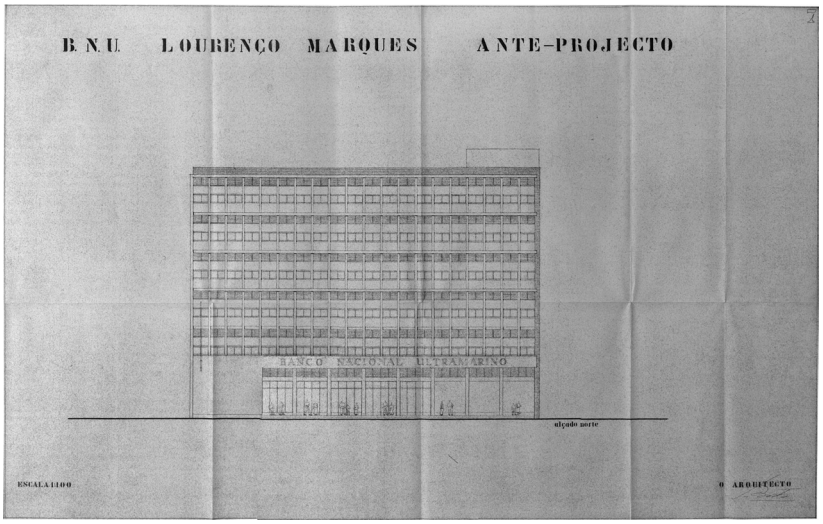
Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
B.N.U. Lourenço Marques. 3.º Piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
B.N.U. Lourenço Marques. 5.º, 6.º e 7.º pisos. Habitações.
Escala 1:100.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

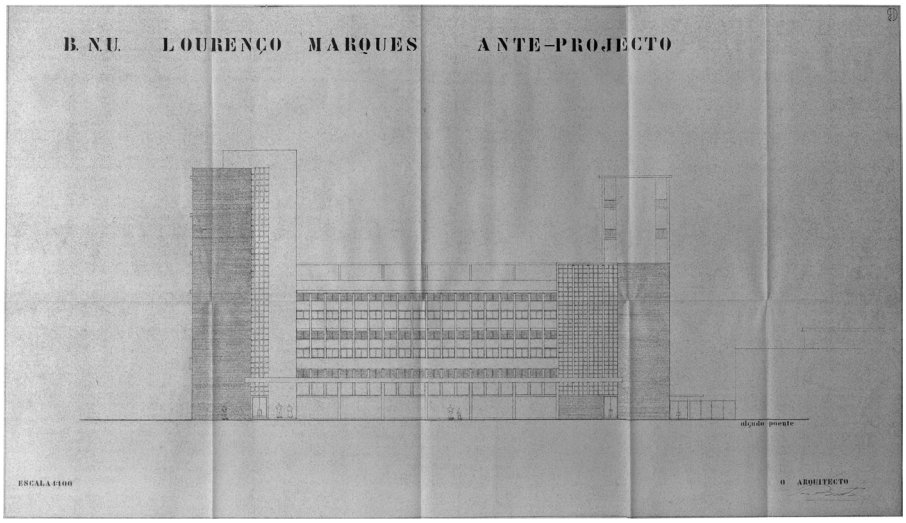






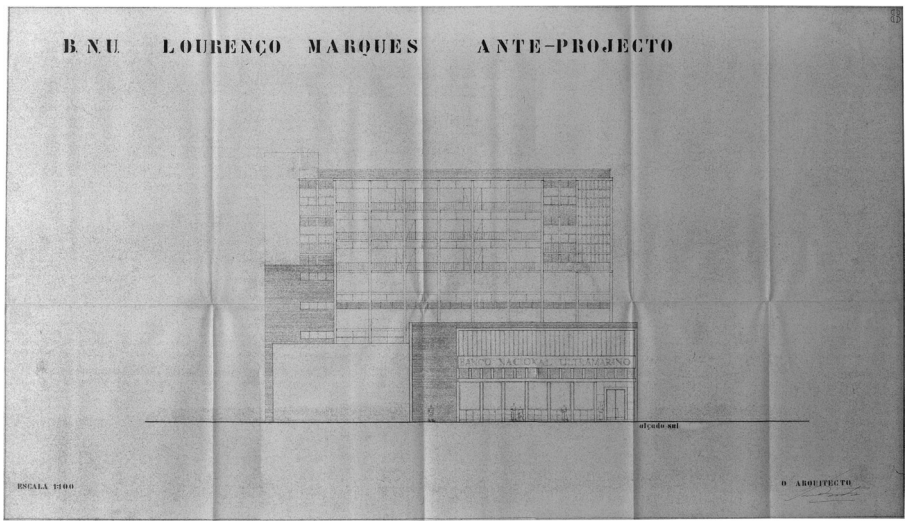
Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Lourenço Marques. Anteprojeto. Alçado norte.
Escala 1:100.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Lourenço Marques. Anteprojeto. Alçado poente.
Escala 1:100.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

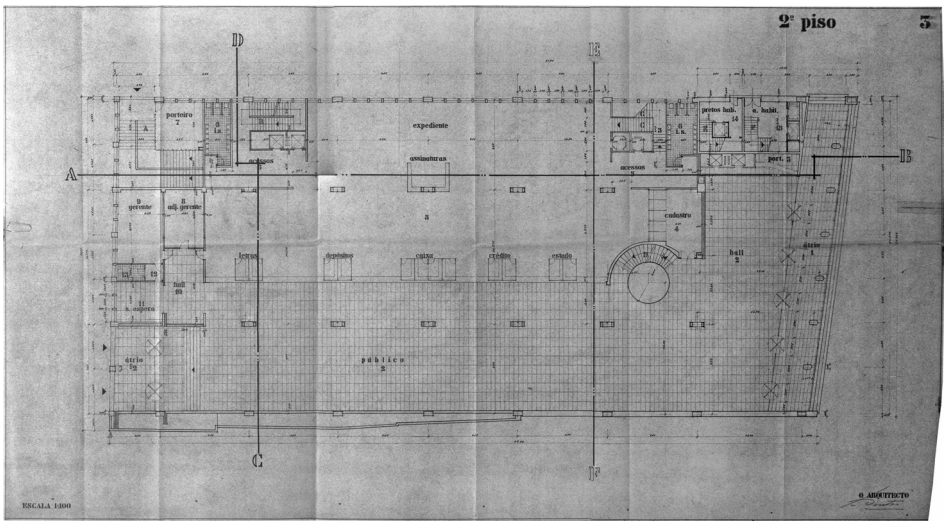


Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Lourenço Marques. Anteprojeto. Alçado sul.
Escala 1:100.
Anteprojeto, Dezembro de 1954.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

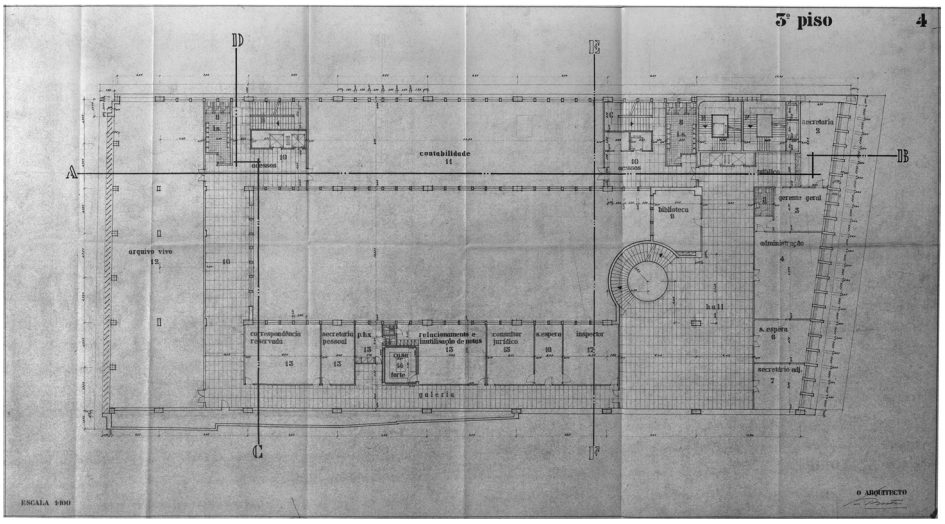
Banco Nacional Ultramarino

2.º piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



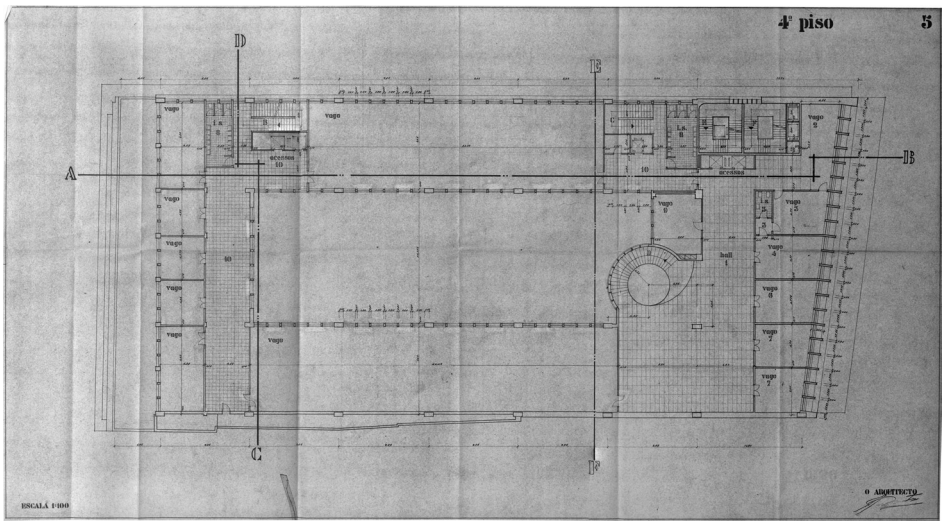
Banco Nacional Ultramarino

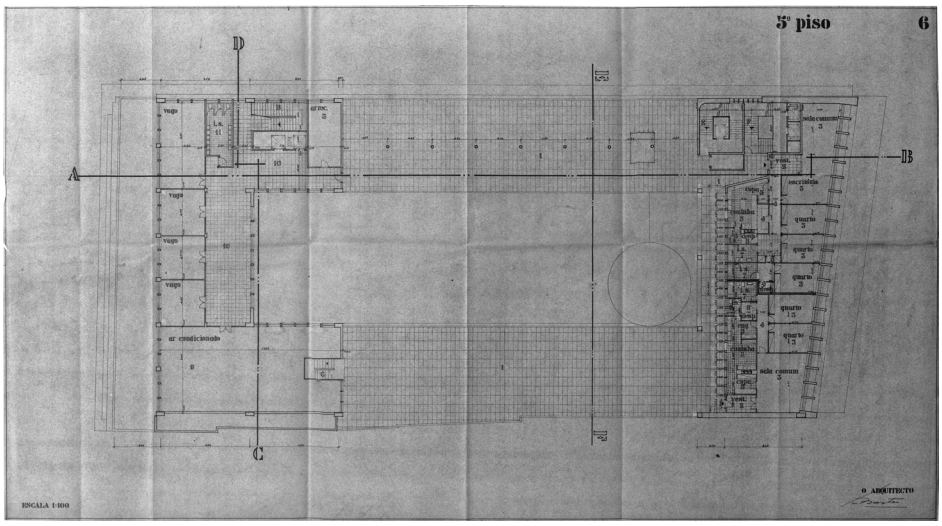
3.º piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

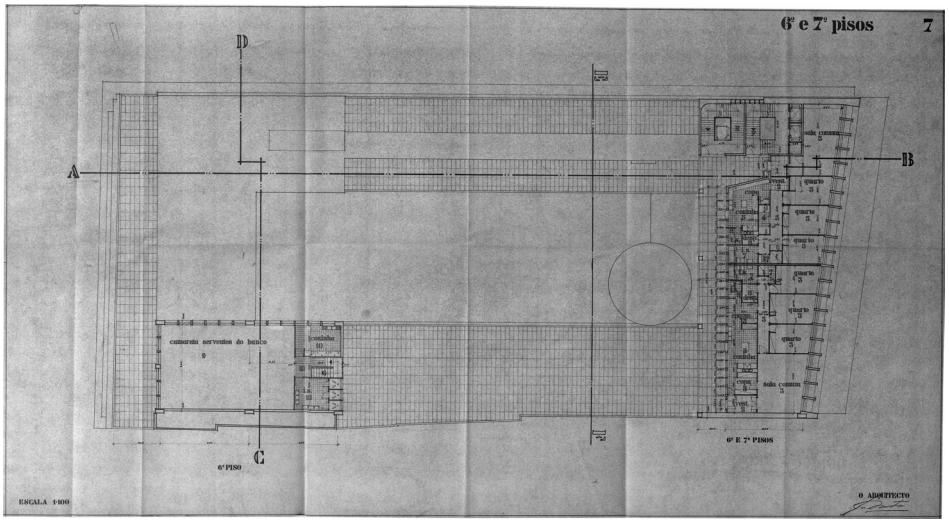
4.º piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





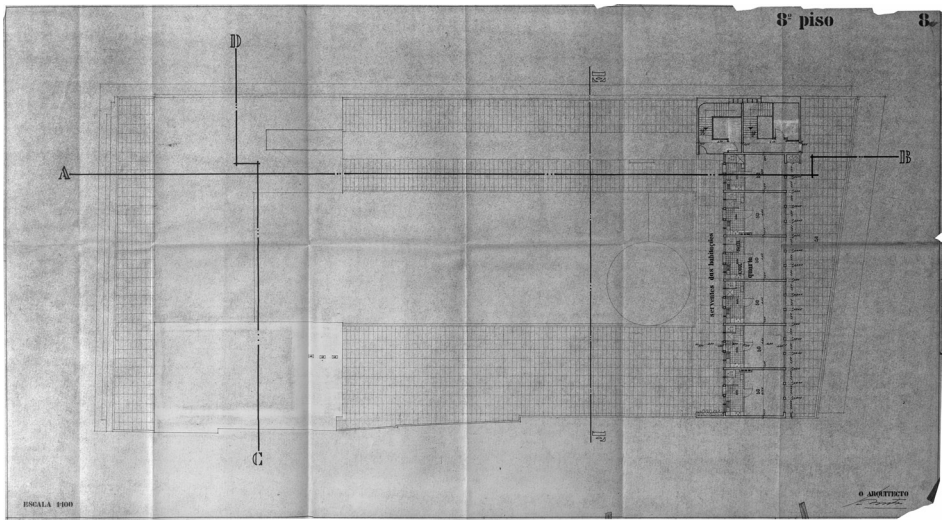
Banco Nacional Ultramarino

5.º piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

6 e 7.º pisos.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

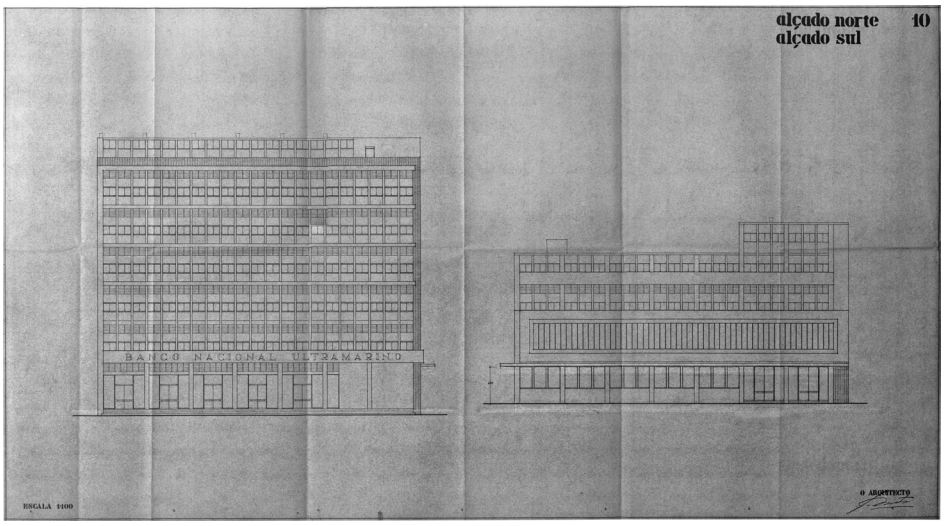


Banco Nacional Ultramarino

8.º piso.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

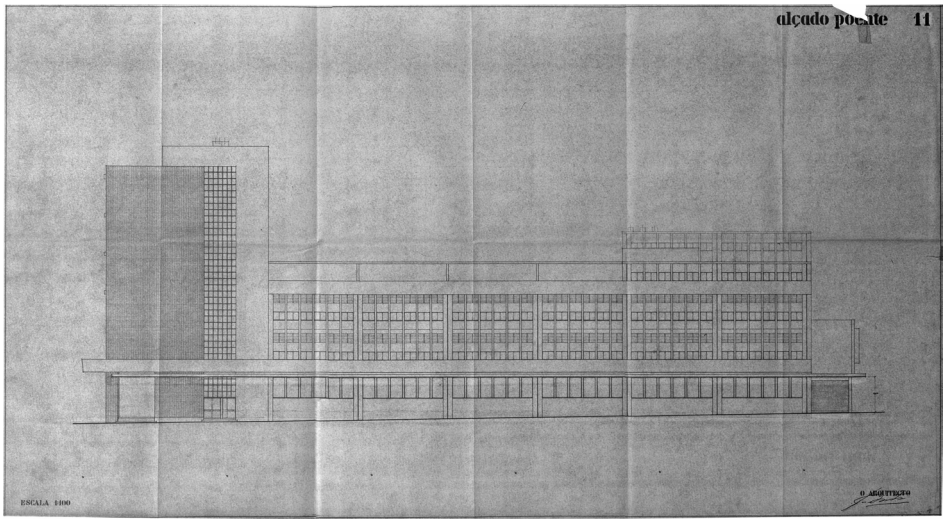
Banco Nacional Ultramarino

Alçado norte. Alçado sul.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



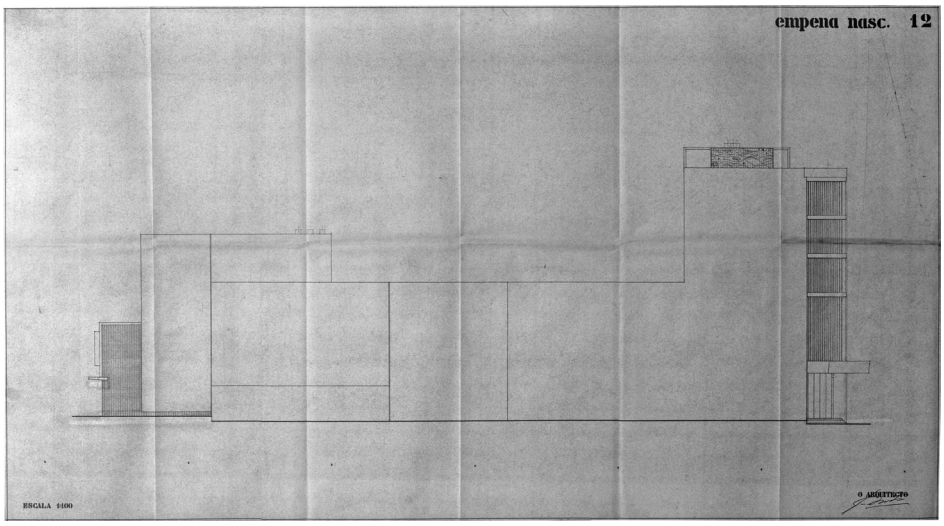
Banco Nacional Ultramarino

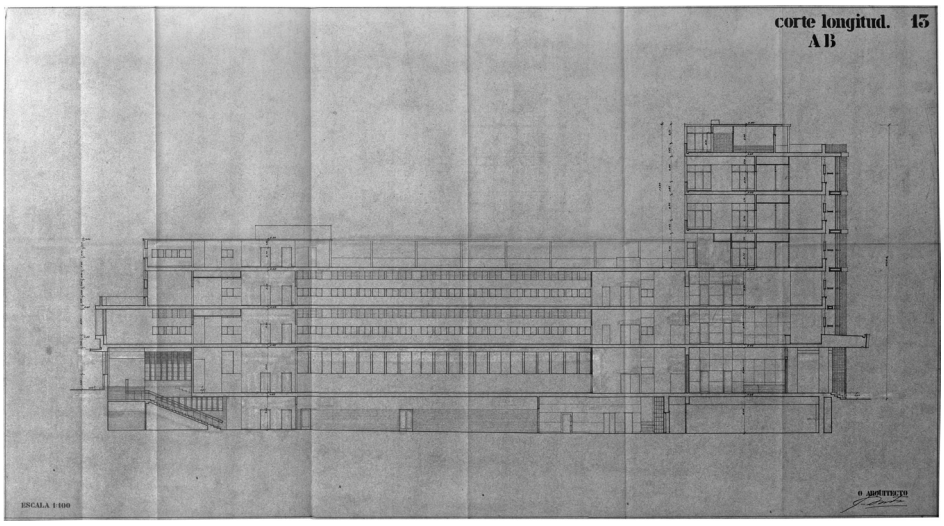
Alçado poente.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

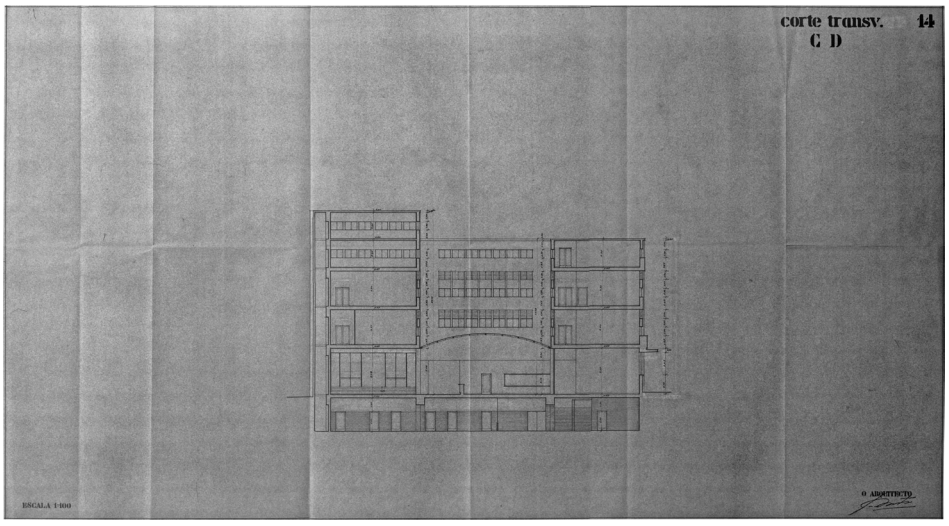
Empena nascente.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





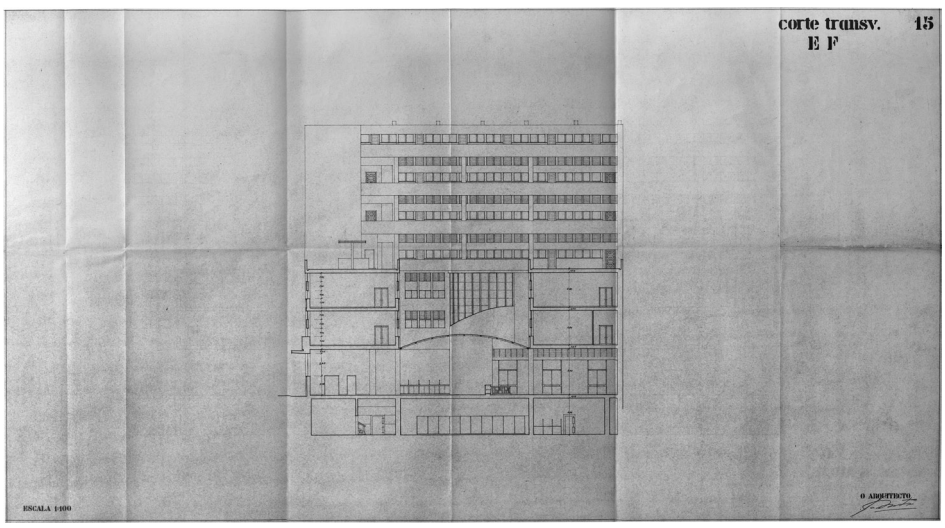
Banco Nacional Ultramarino

Corte longitudinal AB.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Corte transversal CD.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

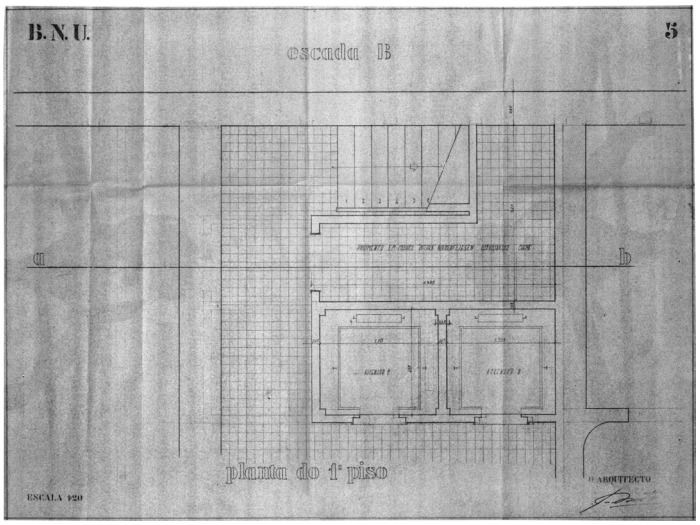


Banco Nacional Ultramarino

Corte transversal EF.
Escala 1:100.
Anteprojeto, 1955?
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

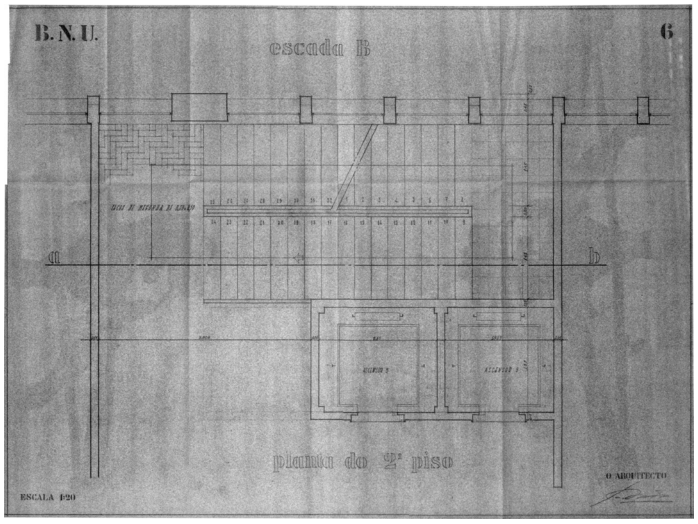
Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Escada B. Planta do 1.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



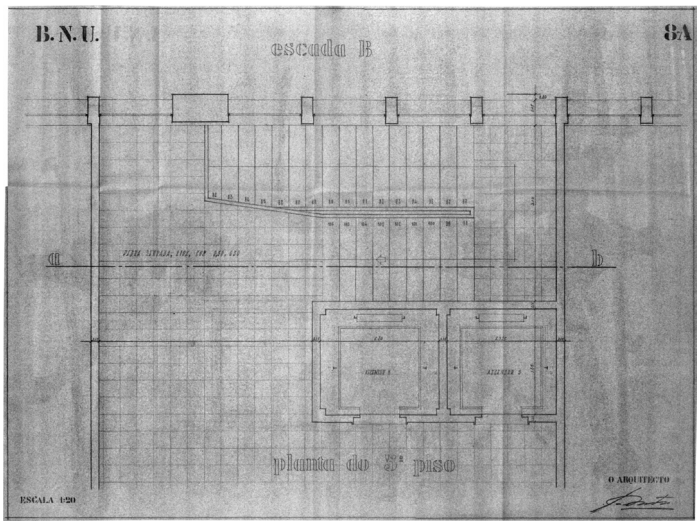
Banco Nacional Ultramarino

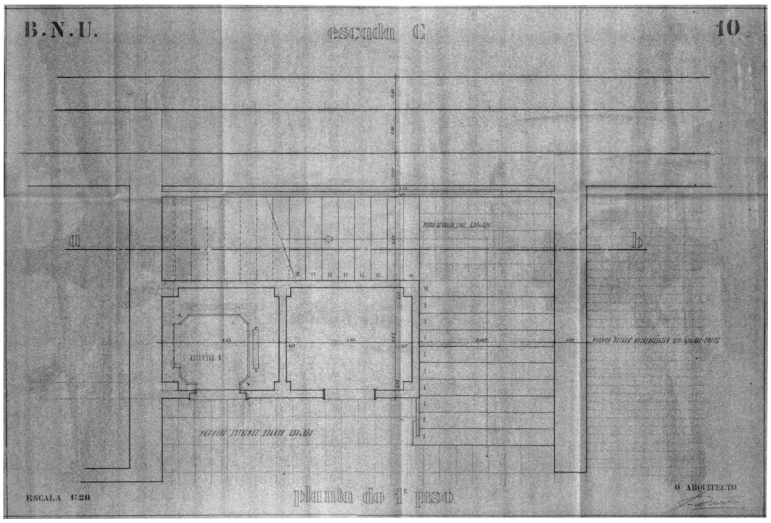
B.N.U. Escada B. Planta do 2.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

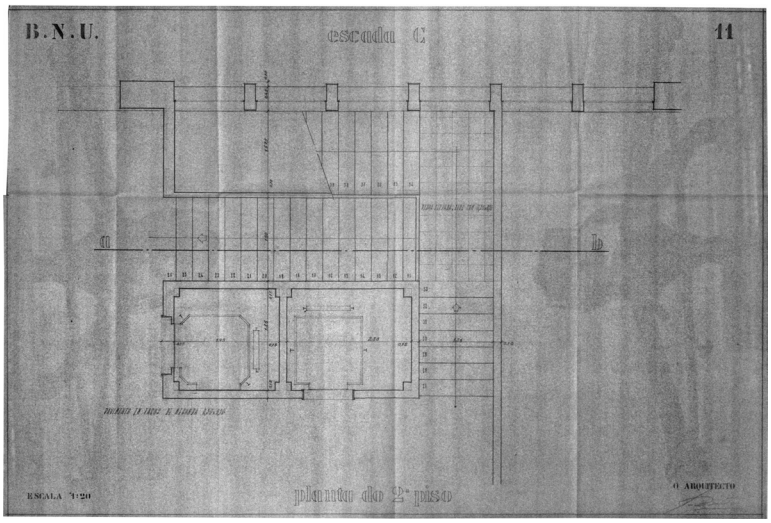
B.N.U. Escada B. Planta do 5.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





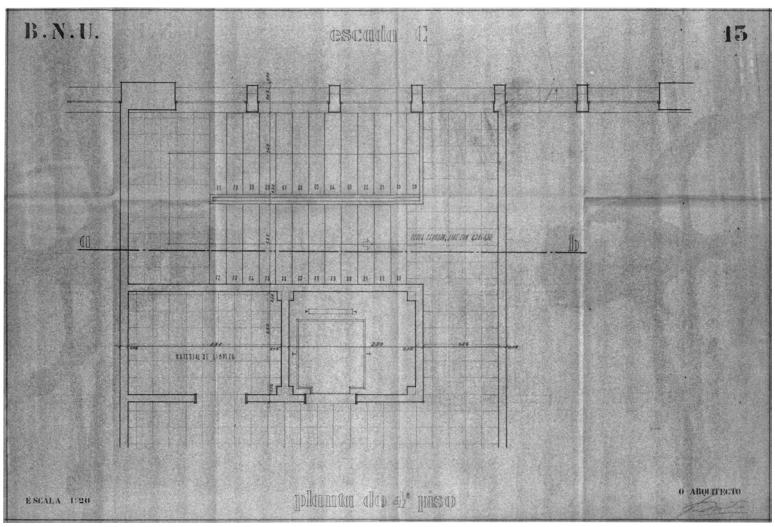
Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Escada C. Planta do 1.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Escada C. Planta do 2.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

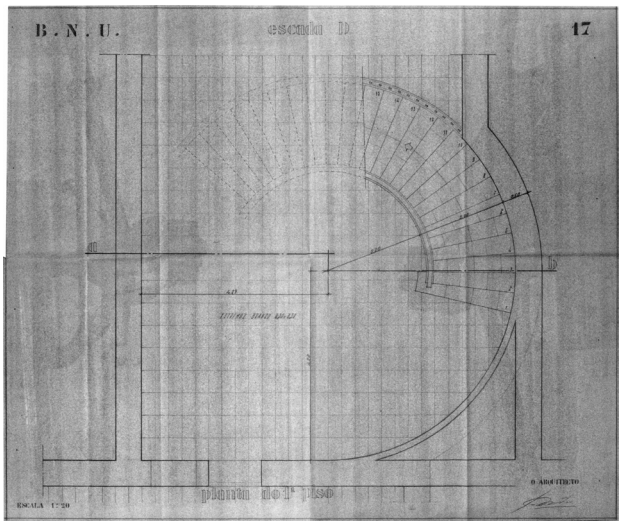


Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Escada C. Planta do 4.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

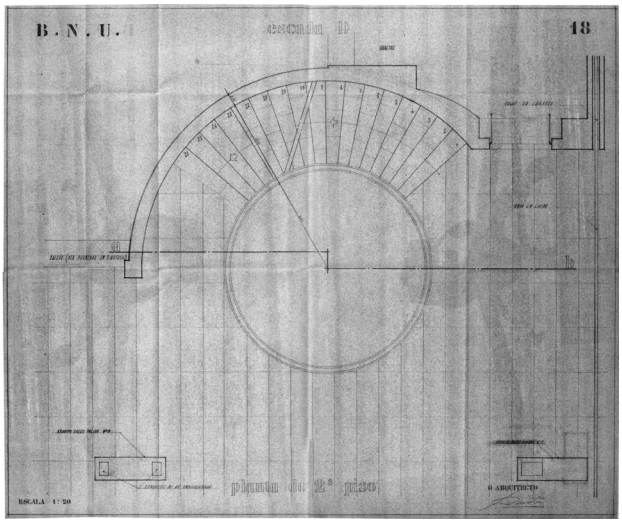
Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Escada D. Planta do 1.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



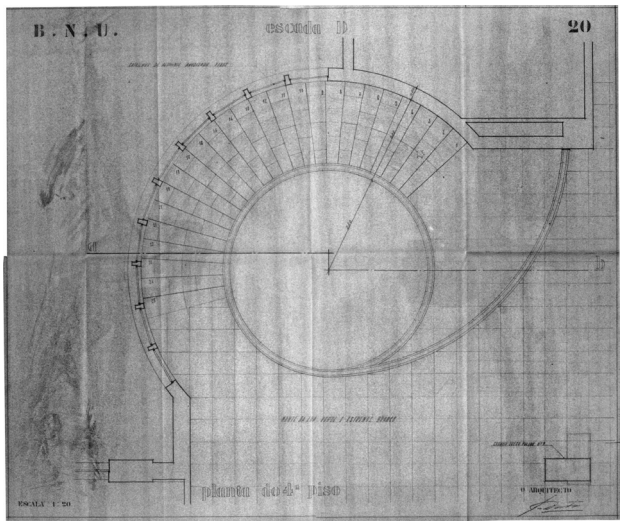
Banco Nacional Ultramarino

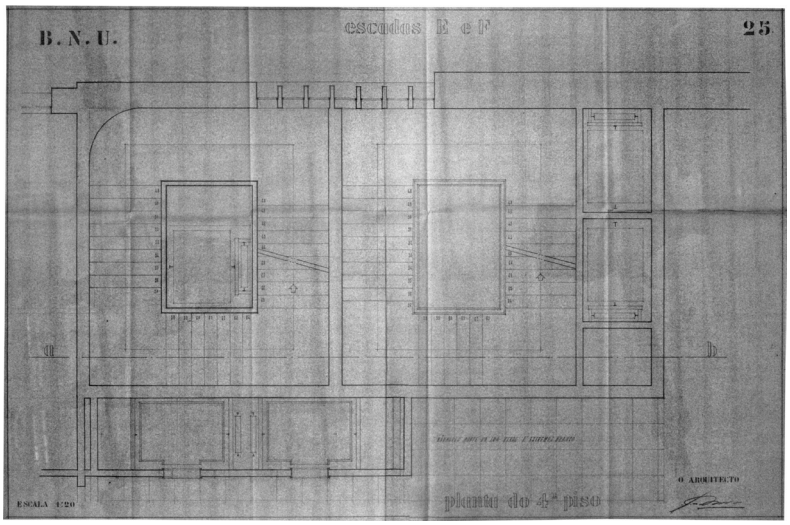
B.N.U. Escada D. Planta do 2.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

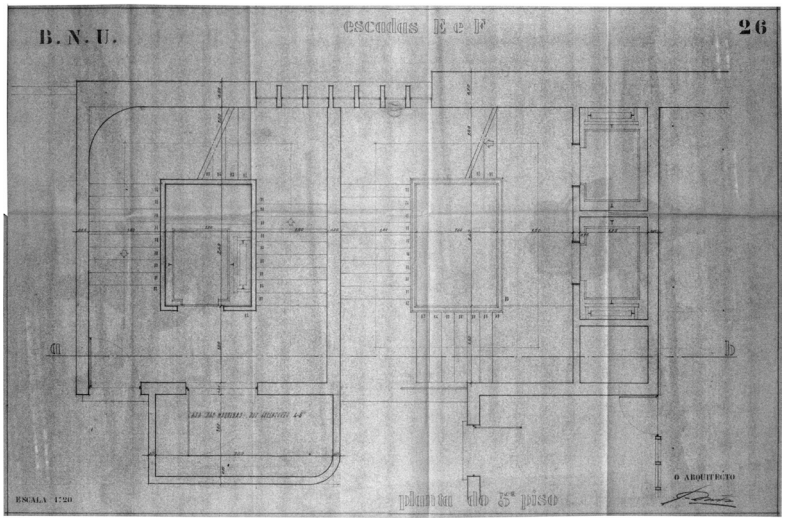
B.N.U. Escada D. Planta do 4.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).





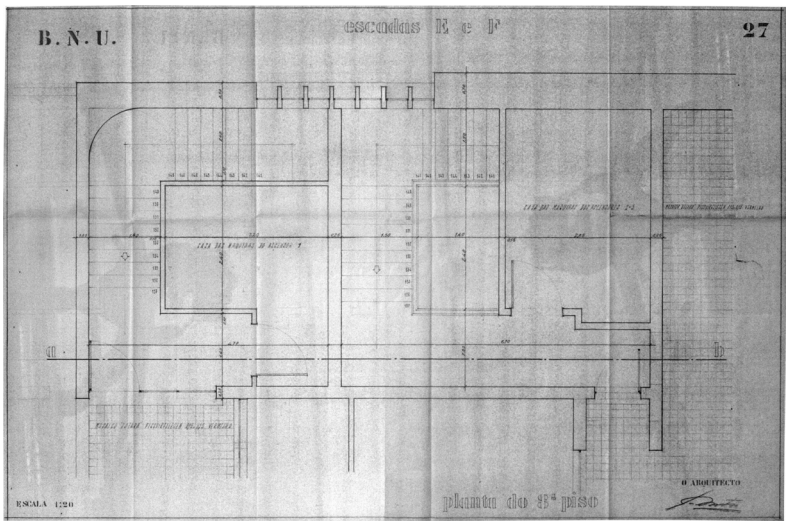
Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Escadas E e F. Planta do 4.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Escadas E e F. Planta do 5.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

B.N.U. Escadas E e F. Planta do 6.º piso.
Escala 1:20.
Projeto, 1960.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Filial em Lourenço Marques, 1914.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

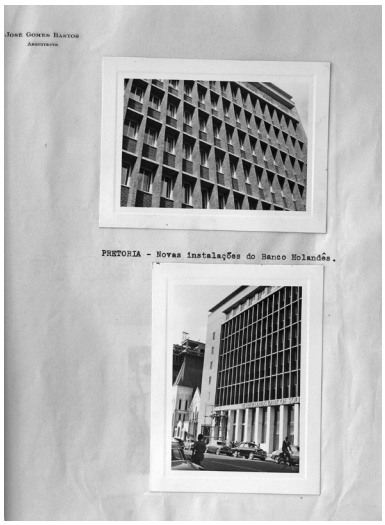
Direita:
Lourenço Marques, 1913 a 1958.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

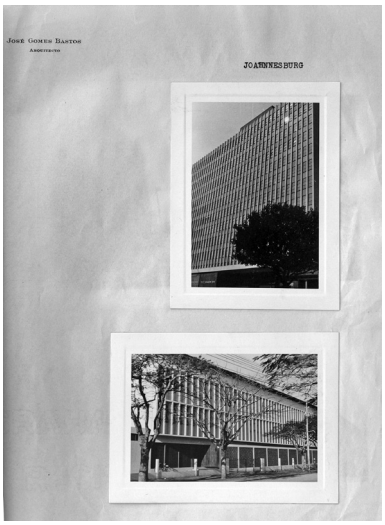
Banco Nacional Ultramarino

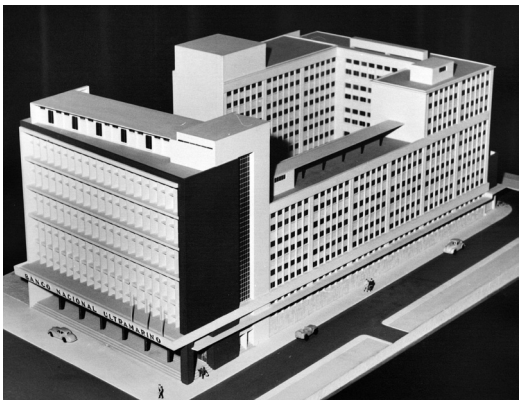
Esquerda e direita:
Ante-projeto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

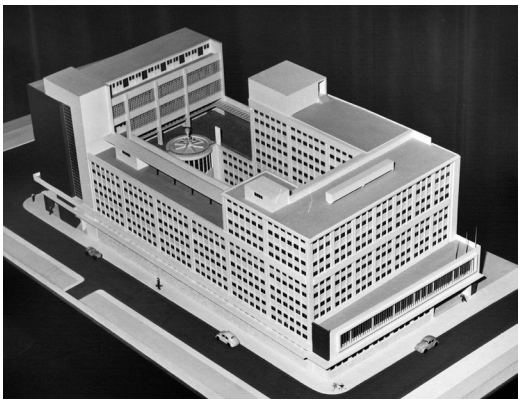
Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Ante-projeto de uma filial do B. N. U. - Lourenço Marques: Memória Descritiva.
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).







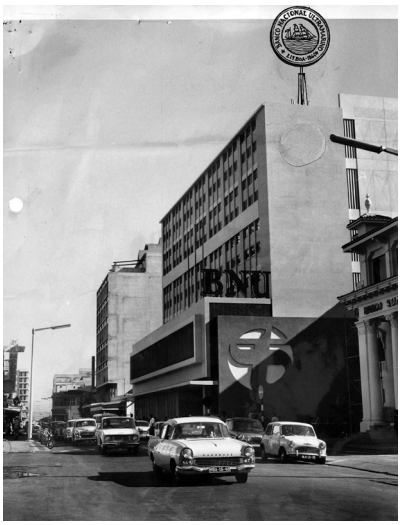


Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Lourenço Marques. Maquetas do novo edifício.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Vista aérea. Avenida da República e Rua B.N.U.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Frente à Rua Consiglieri Pedroso
[s.a.], 1970.
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
Lourenço Marques. Fachada do edifício.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Lourenço Marques. Vista aérea do edifício.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 3.º andar. Centro social. Terraço.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Cave. Casa forte do Estado.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Posto de transformação (cave).
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Lourenço Marques. Escadaria principal.
Revestimento por Estrela Faria.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Cave. Perspetiva da escada nobre.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Cave. Cofres de aluguer.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

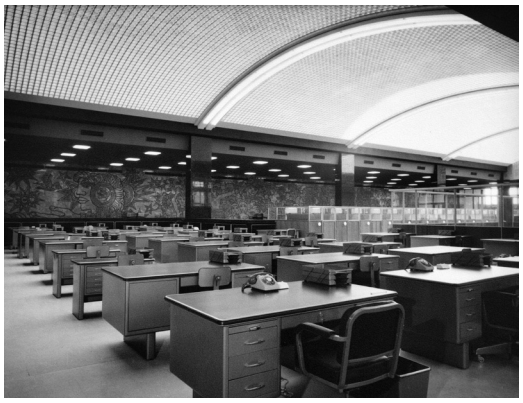
Esquerda e direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Rés-do-chão. Átrio da entrada principal.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Rés-do-chão. Zona de público.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Rés-do-chão. Seção de Letras.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Rés-do-chão. Seção de Expediente.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Rés-do-chão. Zona de público.
Mural de Francisco Relógio.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 1.º andar. Zona de público junto às Seções de Créditos e Garantias, Saques e Caixas do Estado.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 1.º andar. Zona de público.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

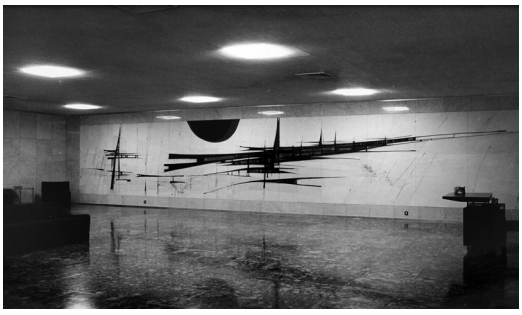
Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 1.º andar. Contabilidade.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 1.º andar. Contencioso (gabinete).
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 2.ª andar. Escada nobre e zona de público.
Revestimento por Estrela Faria.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 2.ª andar. Acesso à administração e diretoria.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Lourenço Marques. Interior do edifício.
Painel de Jorge Garizo do Carmo.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 2.º andar. Zona de público.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda e direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 2.º andar. Sala de reuniões e biblioteca.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

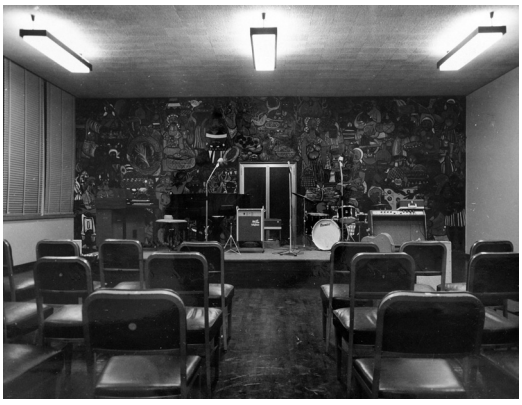
Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 3.º andar. Centro social. Sala de jogos.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 3.º andar. Centro social. Sala de leitura e biblioteca.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 3.º andar. Sala de ping-pong. Centro social.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).

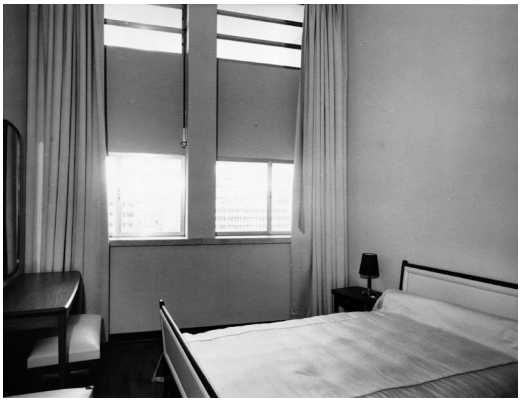
Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. Sala de festas da Associação dos Empregados.
Mural de Malangatana.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010 | AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 3.º andar. Posto médico. Sala de tratamentos.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 3.º andar. Posto médico. Agentes físicos.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).



Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 4.º e 5.º andar. Habitações. Cozinha.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 4.º e 5.º andar. Habitações. Quarto de casal.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 6.º andar. Zona de receção da Exma. Administração. Sala.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Direita:
Novo edifício da filial de Lourenço Marques. 6.º andar. Zona de receção da Exma. Administração. Terraço.
[s.a.], [s.d.].
(EM, 2010|AHCGDFBNU).

Banco Nacional Ultramarino

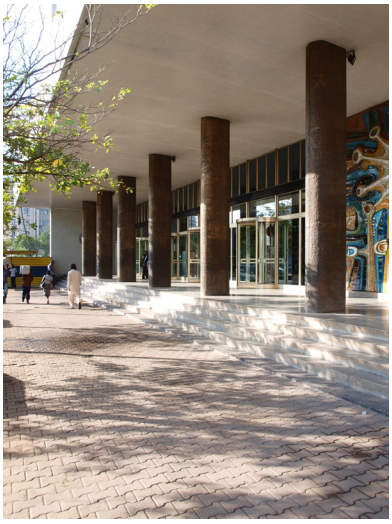
Esquerda:
Frente à Av. da República.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Frente à R. Consiglieri Pedroso.
(EM, 2012 | EWV).

Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Frente à Tv. da Laranjeira.
(EM, 2012 | EWV).

Direita:
Pórtico na frente à antiga Av. da República.
(EM, 2012 | EWV).



Banco Nacional Ultramarino

Esquerda:
Entrada pela antiga Av. da República.
(EM, 2012 | EWV).

Direita:
Painel por Querubim Lapa.
(EM, 2012 | EWV).

Complexo Comercial, Turístico e Habitacional Montegiro (1954-1966). Avenida Oliveira Salazar / Avenida Samora Machel – Rua de Nossa Senhora do Livramento / Travessa 1.º de Julho - Rua Correia Mourão / Rua Filipe Samuel Magaia – Praceta de Salazar / Praça Travessia do Zambeze. Quelimane. Moçambique. 17°52'48.39"S, 36°53'5.55"E. Arménio Taveira Losa e Cassiano Barbosa.

O complexo comercial, turístico e habitacional Montegiro, em Quelimane, foi construído para albergar as novas instalações da sede da empresa Monteiro & Giro, Lda. na cidade.[148] Embora a filial metropolitana da firma estivesse localizada na cidade do Porto a empresa dedicava-se, desde 1926, a diversas atividades comerciais, industriais, agrícolas e turísticas em Moçambique.[149]

O conjunto de edifícios foi integralmente desenhado no escritório dos arquitetos associados Arménio Losa (1908-1988) e Cassiano Barbosa (1911-1998) a partir da cidade do Porto, sem qualquer visita ao local: o acompanhamento da obra foi da responsabilidade do engenheiro Ribeiro Costa e do arquiteto Eduardo Figueirinhas Correia, profissional es-

148 "Devido à expansão da firma, os seus diretores optaram por construir um conjunto de novas instalações em Quelimane, cidade portuária de onde escoava o comércio da região da Zambézia. Para além de ambicionar expandir os seus interesses na região, a *Monteiro & Giro* planeava transferir a sua sede para Quelimane - apesar de este facto não estar patente nem no contrato celebrado, em Dezembro de 1954, com Losa & Barbosa nem na correspondência oficial durante o processo construtivo. Esta intenção explica a dimensão, polivalência e complexidade do programa para o conjunto de edifícios encomendado." MENDIRATTA, 2007b: 1.

149 "Monteiro & Giro, Lda. era tida na Zambézia, como uma firma de sucesso, e olhada com admiração.
Iniciada em 1926, contava agora em 1975, nove firmas associadas, interligadas em serviços e produção de utilidade, para os seus oito estabelecimentos comerciais de alta qualidade e supermercados, espalhados por todo o território de Moçambique.
Proprietária de 40.000 hectares de terras, dos quais 4.000 plantadas com chá, era já considerada o maior produtor mundial nesse sector. Com onze fábricas a laborar, dezenas de plantações diversas, explorações de pecuária já com um efetivo de 23 000 cabeças de gado bovino, aviários, oficinas de reparações de automóveis, agências de turismo, e um hotel de luxo, o célebre Hotel Chuabo, empregava na altura 14 300 pessoas." João Maria Neves Pinto, 17 de Maio de 2004 *in* http://macua.blogs.com.

tabelecido em Quelimane.[150] Os projetos de estruturas foram realizados pelos engenheiros António A. dos Santos Soares e Jorge A. Delgado de Oliveira.

A primeira maqueta e o primeiro esboço de programa para o complexo comercial, habitacional e turístico datam de Junho de 1954. O anteprojeto foi apresentado em Março de 1955 e genericamente aprovado pela Câmara Municipal de Quelimane dois meses depois. O projeto foi submetido à apreciação camarária em Março de 1956 e, por imperativos de natureza urbanística e de segregação racial, condicionalmente aprovado pelas entidades oficiais em Julho do mesmo ano.[151] Em Junho de 1960 é redigida a memória descritiva de um aditamento ao projeto de 1956, concretizando alterações substanciais à solução anterior acordadas com o cliente desde Fevereiro de 1958.[152] Foram objeto de memórias descritivas específicas os projetos do corpo principal do hotel, em Janeiro de 1962,[153] do corpo técnico do hotel e do bloco C, em Abril do mesmo ano,[154] e de uma sala multifuncional a construir sobre o *stand* de máquinas e automóveis, em Fevereiro de 1963.[155] Segundo os documentos existentes no Centro de Documentação da FAUP a produção de peças desenhadas para as diversas componentes do complexo continuará até Maio de 1967, data do último desenho conhecido com o esquema do equipamento do escritório do hotel.[156]

150 "Embora utilizando os materiais disponíveis localmente, o aparato técnico-construtivo do conjunto M&G exigiu trabalhos sofisticados nas múltiplas frentes edificatórias, e recorreu sobretudo a mão-de-obra deslocada da metrópole. Foi assim organizada uma equipa residente de cerca de quarenta pessoas, que contava com a direção de obra – constituída pelo arquiteto Figueirinhas Correia e pelo engenheiro civil Ribeiro Costa, responsável pela articulação com os arquitetos e gestão da obra -, e por mestres e operários das várias artes." Tostões; Oliveira, 2011: 8

151 "Às últimas sessões da Câmara Municipal foram apresentados os seguintes requerimentos:
De Monteiro & Giro, Limitada, pedindo autorização para a construção do conjunto de edifícios destinados aos seus estabelecimentos, habitações e hotel, no talhão que possui na Avenida Doutor Oliveira Salazar, conforme o projeto definitivo que junta e cujo anteprojeto já foi apreciado oportunamente por esta Câmara.
(...) De Monteiro & Giro, Limitada, pedindo licença para iniciar as fundações do seu prédio, na parte em que estão definitivamente aprovadas, cujo projeto foi presente à sessão camarária de 7 deste mês, e dizendo que já tomou providências no sentido de obter a documentação das alterações indicadas na documentação do serviço de Obras, Urbanização e Cadastro e parecer da Comissão de Melhoramentos Sanitários, em que foi condicionada aquela aprovação (...)." *Notícias*, 1956-07-18: 7, 8.

152 Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Relação das alterações introduzidas no projeto aprovado, de acordo com a decisão comunicada em 31.2.58, e com as instruções transmitidas no decurso dos dois meses seguintes*. Porto, 15 de Abril de 1959 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 1, doc. 40).

153 FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 2, doc. 62.

154 FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 93.

155 FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 109.

156 FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 13, doc. 341.

Os trabalhos de cravação de estacas para as fundações dos edifícios do complexo estavam a decorrer em Julho de 1956 a cargo da empresa Fundações Franki, Lda.[157] Em Abril de 1960 foi noticiado o deferimento pela Câmara Municipal de Quelimane do pedido da Monteiro & Giro para prosseguir com as fundações do complexo,[158] e em Junho do mesmo ano acordou-se no início imediato da construção das estruturas dos três primeiros pisos do hotel, bloco A, armazém e estação de serviço.[159] Em Março de 1966 faltavam apenas pequenas obras no bloco do hotel para a completa edificação do conjunto.[160]

O complexo Montegiro localiza-se num quarteirão central de Quelimane.[161] A cidade assenta sobre uma malha urbana quadriculada, representada na *Planta da Villa de Quelimane*,[162] levantamento de Jerónimo Romero de 1853-54. Esta estrutura compõe-se de vias de direção nordeste-sudoeste, antigas valas de drenagem das águas pluviais para o Rio dos Bons

157 "19/05/1955 – A empresa *Franki* é abordada pela equipa de engenheiros para elaborar um orçamento relativo à execução das fundações para a obra em Quelimane. Esta empresa tinha feito recentemente as fundações da obra da Fábrica da Cerveja, no Porto. (...) 19/09/1955 – Reunião entre Losa & Barbosa, eng. António Soares e o cliente nas instalações da empresa *Monteiro e Giro Lda*. (no Porto). O motivo da reunião relacionava-se com a proposta da obra para as fundações da empresa *Franki*.
4/10/1955 – Reunião entre Losa & Barbosa, eng. Arantes dos Santos (filho), eng. António Soares e eng. Moreira(?) do Amaral sobre a proposta da obra para as fundações da empresa *Franki*." Mendiratta, 2007a: 1; "A piquetagem já foi iniciada e prosseguirá com muito maior rapidez logo que entre em funcionamento o novo bate-estacas, que já se encontra no terreno em montagem (...)." Monteiro & Giro (assinatura ilegível) *in Construção de prédio em Quelimane*. Quelimane, 24 de Julho de 1956 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 1, doc. 30).

158 "Monteiro & Giro, Limitada, pedindo licença para prosseguir com os trabalhos preliminares das fundações do conjunto de edifícios a construir no seu talhão da avenida Salazar, os quais constam da ligação das estacas de fundação já cravadas no terreno, por sapatas e tirantes em betão armado, comprometendo-se a entregar oportunamente o processo definitivo para estudo e aprovação, altura em que solicitará a respetiva licença de construção. Foi deliberado deferir (...)." *DM*, 1960-04-02: 3.

159 "Em conversa com o eng. Ribeiro Costa fica assente:
-As obras a realizar imediatamente são as estruturas até ao 1° andar (inclusive) dos corpos de: hotel, bloco A, armazém, estação de serviço.
- Estas obras serão acabadas integralmente para tornar possível transferir as instalações comerciais da Firma dentro de um ano.
- As restantes obras aguardarão ainda as certezas quanto ao fornecimento, pela Câmara, dos serviços públicos: água, energia elétrica." Arménio Losa *in Em conversa com o eng. Ribeiro Costa* s.l., 27 de Junho de 1960 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 4, doc. 128).

160 "Para a conclusão total do conjunto – cuja importância, sobejamente conhecida, se julga necessário salientar – faltam apenas obras mínimas de remate e equipamento do edifício do hotel, que ficarão terminadas dentro de dois a três meses." Arménio Losa *in Excelentíssimo Senhor Ministro do Ultramar. Excelência*. Porto, 1 de Março de 1966 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 4, doc. 155).

161 "Situa-se na zona central da cidade ainda em desenvolvimento, onde se concentram as principais atividades sociais e económicas (...)." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (hotel). Porto, Janeiro de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, docs. 88 e 89).

162 Bruschi; Lage, 2005: 25

Sinais, unidas entre si por vias perpendiculares de direção noroeste-sudoeste.[163] Situado nas traseiras da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, primitiva catedral de Quelimane, o quarteirão do complexo Montegiro tem frente a sudoeste para a antiga Avenida Oliveira Salazar, atual Avenida Eduardo Mondlane, principal artéria da cidade, a noroeste para a antiga Rua Correia Mourão, atual Rua Filipe Samuel Magaia, a nordeste para a antiga Praceta de Salazar, atual Praça Travessia do Zambeze - e para a nova passagem de peões que liga as duas anteriores -,[164] e a sudeste para a antiga Travessa de Nossa Senhora do Livramento, atual Travessa 1.º de Julho.

Os edifícios projetados para o complexo Montegiro cumpriam, numa área útil total de 21 249,20m^2, diversas funções ao serviço das atividades económicas desenvolvidas pela firma Monteiro & Giro em Moçambique:[165] funções comerciais nas instalações de aluguer ou naquelas destinadas à sede da empresa e a firmas a ela associadas - 3 301,20m^2 de instalações comerciais, 2 182,50m^2 de armazém e 2 490,90m^2 de escritórios; funções habitacionais nos fogos de rendimento - 6 570,40m^2 em três blocos mistos; e funções turísticas no corpo principal do bloco H - hotel com 6 192,50m^2, corpo técnico com 295,70m2 e snack-bar anexo com 216,00m^2.

Em 2009 e 2010 estavam em utilização, no complexo Montegiro, o bloco do Hotel Chuabo com o anexo Snack-bar Côco, alguns estabelecimentos comerciais do bloco C, o espaço do *stand* de máquinas e automóveis, reconvertido em templo da Igreja Universal do Reino

163 "O comandante da colónia militar destinada a Tete, chegado a Quelimane em 16 de Setembro de 1860, dizia que o estado da povoação era deplorável: estava cortada por valas que davam saída às águas pluviais para o rio, difíceis de atravessar a pé, guarnecidas de alto caniço e diferentes arbustos; não havia ruas, mas sim estreitos carreiros por entre junça de quatro a seis palmos de altura; bosques aqui e além; pântanos e arrozais." José Manuel Fernandes e José Capela *in* MATTOSO, 2010: 578.

164 "Alterações fundamentais:
(...) Criação de uma passagem pública de peões, através dos terrenos da firma, entre a Rua de Correia Mourão e a Travessa de Nª. Sª. do Livramento através da praceta (esta passagem virá a ser coberta quando se construir no terreno contíguo, propriedade da firma)." Arménio Losa *in Memória Descritiva do Aditamento.* [s.l.], Julho de 1960 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 2, doc. 62).

165 "As obras que se projetam têm em vista, principalmente, prover a firma proprietária de novas e atualizadas instalações para as suas múltiplas atividades comerciais. Mas, além destas instalações e com o fim de as valorizar, determinou-se também a construção de habitações, de um hotel e de outras dependências para rendimento." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojeto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva.* Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

de Deus, e os espaços habitacionais e de escritórios, predominantemente ocupados por diversas repartições de organismos públicos: a Direção Provincial de Saúde da Zambézia nos escritórios sobre o *stand* de máquinas e automóveis; a Direção Provincial para a Coordenação da Ação Ambiental nos escritórios do bloco A; e a Direção Provincial dos Registos e Notariado da Zambézia nos escritórios do bloco B. O estado precário de conservação do conjunto, resultado de muitos anos de intensiva utilização sem manutenção infraestrutural, tem-se acentuado ultimamente. Como exemplo deste processo de contínua degradação refira-se o recente arrombamento e saque do interior dos estabelecimentos comerciais do bloco A e do bloco do H,[166] ou a progressiva substituição do mobiliário que originalmente equipava o Hotel Chuabo por peças desqualificadas de produção industrial corrente.

Com a implantação do complexo Montegiro definiu-se um quarteirão com quatro frentes através de uma mancha contínua de construção de forma aproximadamente retangular.[167] Esta massa é pontualmente interrompida, no miolo do quarteirão, pelos pátios do armazém e do hotel, acessíveis a partir da Travessa 1º de Julho por passagens abertas entre os blocos B e C e B e H. Os alinhamentos dos limites exteriores do quarteirão resultaram da orientação das duas principais vias envolventes, a Avenida Oliveira Salazar e a Rua Correia Mourão, numa consciente recusa dos alinhamentos definidos pelo Código de Posturas da cidade

166 *DZ*, 2010-11-25: 1.

167 Para mais desenhos de projeto para além dos agora publicados consultar Magri; Tavares, 2011: 74-76.

de Quelimane.[168] A implantação inicialmente proposta pelo escritório portuense procurou criticamente adaptar aos contornos irregulares do contexto urbano envolvente uma proposta arquitetónica de natureza autónoma.[169] Esta adaptação de um objeto independente a uma realidade existente concretiza-se através de uma matriz compositiva que articula duas malhas ortogonais com duas direções subtilmente distintas, resultantes da orientação das duas vias principais referidas: o bloco H e os blocos B e C estão contidos na malha paralela à Avenida Oliveira Salazar enquanto o *stand* de máquinas e automóveis, o armazém e o bloco A se inscrevem na orientação da Rua Correia Mourão. A articulação entre ambas as matrizes é organicamente resolvida pelo desfasamento e torção dos alinhamentos do bloco A, na Praceta de Salazar, e do *stand* de máquinas e automóveis, na passagem de peões. Esta geometria expressa-se também na forma irregular do espaço interior do quarteirão e do

168 "Sobre o projecto apresentado pela firma Monteiro & Giro Lda., tendo a informar:
(...) Na planta geral verifica-se que os edifícios não ficaram localizados nos alinhamentos exigidos, ou seja, à face interior dos passeios, tendo recuado 4 metros.
É de notar que além do exposto, as fachadas do prédio voltadas à Trav. de N. Sra. do Livramento e Rua do Largo 28 de Maio não ficaram paralelas a estas ruas o que dará um mau aspeto, não sendo permitido pelo Código de Posturas." Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Quelimane *in Informação*. Quelimane, 1 de Junho de 1956 (MENDIRATTA, 2007a: 5); "Na informação dada pelos Serviços Técnicos da Câmara Municipal são feitos alguns reparos ao projeto, apontando-se também deficiências a que procuraremos dar plena satisfação.
(...) Com a ortogonalidade dos corpos dos edifícios voltados para a Trav. de N. Sra. do Livramento e seus gavetos, pretendeu-se precisamente evitar o mau aspeto que resultaria da subordinação rigorosa aos alinhamentos de uma rua tão pouco extensa, sem continuidade e enviesada. (...) Precisamente porque no anteprojeto houvera demasiado rigorismo na subordinação a alinhamentos que não podem considerar-se fundamentais, dada a reduzida importância do pequeno arruamento em relação à artéria principal, é que as perspetivas da Avenida Salazar resultavam frágeis e, portanto, insuficientes, inestéticas e de mau aspeto.
A importância dos edifícios projetados, evidenciada sobretudo pelo seu volume, sobreleva em muito o valor que possa ter um arruamento de tão restritas dimensões. Mesmo que fosse válido para a Trav. de N. Sra. do Livramento o argumento do *mau aspeto que dará* o não paralelismo, ainda assim seria indispensável ter em conta as vantagens de que beneficia a artéria principal com as suas longas perspetivas.
(...) No caso presente é indubitável que a importância dos edifícios – e não só pelo volume como pelo carácter representativo – excede em muito a importância e a categoria da pequena travessa enviesada de N. Sra. do Livramento. Subordinar-lhe inteiramente as construções, enviesá-las também e perpetuar em altura e para mais longe distância, um pequeno desacerto da superfície que não passa de um acidente local; tornar evidente de vários lados, para sempre e para toda a gente o que só um observador atento e no próprio sítio poderá notar, parece ser medida a desaconselhar." Arménio Losa *in Esclarecimentos ao Projecto apresentado por Monteiro & Giro, Lda*. Porto, 19 de Julho de 1956 (MENDIRATTA, 2007a: 6-7).

169 "A alteração mais sensível consiste na implantação ortogonal do grupo de edifícios dos sectores sul e nascente do quarteirão.
(...) A implantação ortogonal obtém-se pelo abandono na via pública de extensa área de terreno, a integrar na zona de circulação de peões (...).
Para o conjunto arquitetónico, a regularidade e a simplificação das estruturas, a clareza da ordenação do espaço e as possibilidades de uma maior valorização plástica, são os maiores benefícios desta nova implantação ortogonal." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Monteiro & Giro Lda. Projecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva Complementar do Ante-projecto*. Porto, Março de 1956 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 87).

volume do corpo técnico do hotel, assim como no ângulo de concordância, no cunhal oeste, dos alinhamentos dos blocos A e H.

No desenho volumétrico do complexo Montegiro detetam-se os mesmos princípios urbanos presentes na sua planimetria, nomeadamente a sugestão de um embasamento contínuo em toda a mancha de implantação, interrompido apenas pelos pátios do interior do quarteirão e pela abertura à Rua de Nossa Senhora do Livramento, entre os blocos B e C. Esta base compreende os dois pisos acima do solo do armazém e do *stand* de máquinas e automóveis, os pisos térreos e entresolo dos blocos A e B, e o piso térreo, entresolo e 1.º andar do bloco H. Acima dela projetam-se três prismas retangulares isolados com diferentes altimetrias: mais cinco pisos em consola para a rua e para o interior do quarteirão nos blocos A e B, num total de sete, e mais sete pisos no bloco H, num total de dez.[170] No seu conjunto o embasamento e os prismas retangulares definem três lados do quarteirão, sendo o quarto lado delimitado pelo bloco C, com o seu topo sudoeste perpendicularmente colado ao corpo principal do hotel. Inicialmente desenhado como um volume de dois pisos, com comércio no rés-do-chão e salão de festas para o hotel no 1.º andar, mais tarde pensado como um corpo de quartos que ampliava a capacidade do estabelecimento hoteleiro, ao bloco C foram finalmente atribuídos o programa misto e a volumetria atuais. Como provável consequência deste atribulado processo de gestação tardia este edifício apresenta algumas características arquitetónicas exógenas em relação aos restantes blocos construídos: uma volumetria mais regular, sem o jogo de avanços e recuos dos planos verticais dos outros edifícios; um desenho distinto das frentes comerciais, do alpendre que as protege e do *brise-soleil* de betão sobreposto às galerias de distribuição horizontal; uma composição mais

170 "Analisando, porém todos os aspetos do problema – diferenciação de atividades, características de cada sector, acessos e circulações, clima – procurou-se solução mais ajustada às circunstâncias. Esta resultou, depois de sucessivas tentativas, na concentração em três blocos independentes dos sectores de *habitação* e *hotel*, que se destacam, isolados, acima dos dois primeiros pavimentos desenvolvidos em extensão.
A conceção final é, pois, um misto de construção em superfície e em altura. A construção em superfície, limitada aos dois primeiros pavimentos, contorna o terreno e encerra o quarteirão, ocupando-o numa grande percentagem, mas não totalmente." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

esquemática do alçado principal, resolvido na sobreposição de pilastras verticais a faixas horizontais de cheios e vazios; e um acentuado balanço da laje de cobertura superior sobre o perfil da rua.

Apesar das variações programáticas dos espaços interiores, ortodoxamente expressas no exterior segundo a máxima de que *a forma segue a fun*ção, o conjunto edificado contém uma grande unidade na sua expressão arquitetónica. Esta é-lhe conferida por algumas constantes formais que percorrem o complexo Montegiro: semelhante resolução das frentes urbanas dos espaços comerciais dos blocos A, B e H, protegidas por palas suspensas por tirantes de aço com um elaborado desenho de perfil; ordenação dos alçados principais dos três blocos segundo grelhas estruturais de betão que, com diferentes profundidades, interrompem as *fenêtres en longueur* - como no bloco H -, ou que criam jogos de luz e sombra pela disposição alternada das quadrículas de cheios e vazios -, como nos blocos A e B; proteção climática dos alçados posteriores com *brise-soleil* de betão sobrepostos às galerias de distribuição horizontal, como nos blocos A, B e C, unificando três frentes do miolo do quarteirão com a mesma geometria de luz e sombra;[171] e hierarquizada pormenorização dos vãos exteriores e constante utilização dos mesmos materiais, motivos gráficos e princípios de aplicação dos revestimentos exteriores.[172]

De acordo com os documentos de arquivo consultados os estabelecimentos comerciais da firma Monteiro & Giro desenvolviam-se em cinco amplos espaços em *plan libre* distribuídos

171 "As fachadas interiores, (...), ficam mais abertas e mais rigidamente estruturadas, com a substituição do paramento exclusivo em grelha por uma armação constituída por lâminas horizontais e verticais de betão armado.
(...) Uma destas lâminas funciona como parapeito e as restantes como quebra-luzes e apoio eventual de grelhas de proteção contra o sol." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Monteiro & Giro Lda. Projecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva Complementar do Ante-projecto*. Porto, Março de 1956 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 87).

172 "A diferenciação entre elementos estruturais e os restantes panos de fachada obtém-se e acentua-se com a diversidade de tons de uma mesma cor." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (hotel). Porto, Janeiro de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, docs. 88 e 89).

ao longo das quatro frentes urbanas.[173] As cinco secções distintas do conjunto – modas e tecidos no bloco H, supermercado no bloco A, *stand* de máquinas e automóveis na primitiva estação de serviço, ferragens no bloco B e eletrodomésticos no bloco C –, comunicavam entre si por tubos pneumáticos, cuja central estava instalada no armazém. As primeiras quatro estabeleciam entre si um contínuo espacial, com zonas de transição bem definidas, numa tipologia próxima do *grande armazém* comercial.[174] Sob o bloco H, com entrada pela Avenida Oliveira Salazar, situava-se a loja de modas e tecidos distribuída por dois pisos: no rés-do-chão as zonas de bijutaria e perfumaria, ourivesaria, artigos fotográficos e ótica, sapataria, chapelaria, tecidos finos, atoalhados e retrosaria; no *mezzanine* as zonas de homens, crianças, senhoras e estofos e cortinados. Sob o bloco A, com acesso pela Rua Correia Mourão, o espaço comercial organizava-se também em dois pisos: no rés-do-chão o supermercado antecedido por um bar e um quiosque com tabacaria e venda de livros e jornais; no *mezzanine*, localizado na continuidade do *mezzanine* do bloco H, as zonas de brinquedos e de artigos de escritório. Na nave com pé-direito duplo do rés-do-chão do *stand* de máquinas e automóveis, edifício com frente de montras para a passagem de peões e entrada de serviço pela Rua Correia Mourão,[175] dispunham-se duas zonas comerciais distintas: na frente da loja a zona de exposição de máquinas e ferramentas, equipamentos elétricos, camiões, máquinas agrícolas, automóveis, tratores, pneus, alfaias agrícolas e acessórios; ao fundo do espaço comercial a zona dos balcões de atendimento público. No bloco B, com acesso pela antiga Praceta de Salazar, situava-se a secção de ferragens, com uma organização espacial

173 "A compartimentação interna dos estabelecimentos é independente das estruturas dos edifícios e mais ou menos rígida, conforme as próprias conveniências. Normalmente serão os móveis e armações do apetrechamento comercial que definirão os espaços, o que permitirá a elasticidade necessária à evolução imprevisível de cada sector de venda." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

174 "Internamente todos os estabelecimentos ficam ligados entre si e em contacto direto com os escritórios centrais, com o armazém de apoio e com a estação de serviço, formando um conjunto orgânico nos diversos sectores autónomos do complexo comercial." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojeto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva.* Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

175 "Ajustamento das instalações a uma já prevista adaptação da estação de serviço a stand de exposições e venda de máquinas e automóveis, com montras em toda a extensão do novo arruamento criado para a circulação de peões." Arménio Losa *in Memória Descritiva do Aditamento*. s.l., Julho de 1960 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 2, doc. 62).

em dois pisos semelhante aos espaços comerciais dos blocos A e H: no rés-do-chão as zonas de armas, munições, caça, pesca e desportos, utensílios, equipamento doméstico e artigos plásticos, equipamentos, materiais de construção, artigos sanitários, drogas e tintas; no *mezzanine* a zona de exposição de equipamentos domésticos e sanitários. O piso térreo do bloco C, fisicamente separado do restante complexo comercial e com entradas pela Travessa de Nossa Senhora do Livramento, continha a casa do porteiro (a metade traseira de dois módulos estruturais), o acesso ao pátio do hotel, a loja de viagens *Sotur* e a barbearia *Veneza* (cada um deles com um módulo estrutural), a secção de eletrodomésticos da firma Monteiro & Giro, com as zonas de eletroacústicos e eletrodomésticos (com três módulos inteiros), separada por uma porta de fole de uma escola de costura (com a metade frontal dos restantes dois módulos estruturais). O armazém estava implantado no centro do quarteirão, apoiando as atividades comerciais nos espaços confinantes com os quais comunicava diretamente ao nível do piso térreo. Servido por um pátio próprio, acessível pela Travessa de Nossa Senhora do Livramento, estava subdividido em três sectores funcionais distintos distribuídos pela cave e por dois pisos acima do solo: *stand*, tecidos e ferragens.[176]

Os espaços para escritórios foram, tal como os estabelecimentos comerciais, concebidos em *plan libre*, tendo a compartimentação interior sido desenvolvida pelos arquitetos ao longo da construção dos edifícios. Foram assim desenhados os escritórios da gerência da empresa Monteiro & Giro, ocupando o 1.º andar do bloco A, com acesso principal pela escada interior helicoidal e pelo ascensor que preenchem o tramo sudoeste do edifício, e com acesso de serviço por uma escada exterior de tiro adossada à sua empena nordeste. As instalações da sede da empresa prolongavam-se, na mesma cota, pelo corpo de ligação com o bloco do hotel e com a sala sobre o *stand* de máquinas e automóveis – um antigo terraço que, numa fase adiantada da edificação do complexo, foi coberto para albergar um

176 Esta subdivisão do armazém consta de um desenho à mão sobre papel de segundas vias datado de 3 de Março de 1965 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 3, doc. 62), descrito como anexo ao desenho nº 86, original a tinta do piso térrea do armazém datado de Junho de 1961 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 3, doc. 61)

espaço único polivalente.[177] Este espaço era acessível por uma escada helicoidal, inscrita num escultórico volume semicilíndrico a partir de uma entrada na Praceta de Salazar, e era iluminado por lanternins oblíquos expostos a nordeste e sudoeste. A organização espacial dos escritórios do hotel, implantados no 1.º andar do bloco C e com ligação direta ao entrepiso do bloco H por uma abertura no topo da galeria exterior das traseiras, foi igualmente objeto de desenho pelos arquitetos portuenses. A resolução das circulações e dos sanitários de serviço do bloco C partilha com o bloco H a mesma matriz espacial e volumétrica: enquanto no primeiro um volume semicilíndrico alberga a escada helicoidal e um retângulo irregular contém os sanitários dos *indígenas*, ambos adossados às galerias exteriores de distribuição, no segundo a escada helicoidal e o volume de serviços estão inscritos em prismas retangulares encostados ao corpo principal do edifício e tangentes aos corredores dos quartos - corredores que nas fases iniciais do projeto eram também galerias exteriores de distribuição. A área de escritórios do 1.º andar do bloco B e do 2.º andar do bloco C foram compartimentadas com dimensões múltiplas da modulação estrutural dos edifícios: dois espaços de tamanho desigual no primeiro caso (3 + 5 módulos) e quatro espaços sensivelmente iguais no segundo (2 + 2 + 2 + 2 módulos).[178] Os acessos aos escritórios do bloco

177 "O terraço superior da cobertura da estação de serviço é reservado a parque infantil, privativo dos inquilinos dos blocos residenciais. O acesso a este recreio é direto de cada bloco, aproveitando a circulação horizontal e vertical de serviço, controlada à saída da casa do porteiro." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Monteiro & Giro Lda. Projecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva Complementar do Ante-projecto*. Porto, Março de 1956 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 87); "Verificou-se, entretanto, que um logradouro a utilizar principalmente pelas crianças, viria a causar perturbação nos locais de trabalho – que são os andares de escritórios situados ao nível do primeiro andar daqueles blocos – pois se tornariam em inevitável fonte de ruídos.
Esta constatação e a circunstância de haver, nas proximidades, espaços livres próprios para o recreio das crianças tinha determinado a supressão daquela área como logradouro e a eliminação dos acessos inicialmente previstos.
(...) Projetou-se, assim, um novo piso sobre o corpo do 'Stand', - onde as possibilidades da estrutura permitem um aumento de sobrecarga – do qual resulte um amplo salão contíguo ao corpo dos escritórios.
Para que entretanto lhe possa ser dada uma função diferente daquela que lhe é destinada no futuro, estabelecem-se os acessos directos e independentes por uma nova escada e os anexos de apoio para vestiários, sanitários e central de ar condicionado (...).
O novo corpo é iluminado pelos dois lados mais extensos e em dois níveis. A forma dada à construção permite um substancial recuo das superfícies envidraçadas para as abrigar do sol e tornar possível uma proteção complementar contra o calor com a colocação de quebra-luzes exteriores." Arménio Losa *in Memória Descritiva* (alteração do stand). Porto, Fevereiro de 1963 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 109).

178 "Os escritórios são espaços delimitados com possibilidades de expansão e reagrupamento, também com sanitários privativos e com instalação de pequena cozinha." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (alteração do bloco C). Porto, 10 de Abril de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 93).

B são, como no bloco A, efetuados pela escada principal helicoidal e pelo ascensor, ambos ocupando o tramo sudeste do edifício, e pela escada de serviço adossada à sua empena noroeste.

A componente habitacional do complexo Montegiro distribui-se pelos quatro pisos superiores dos blocos A e B e pelos dois pisos superiores do bloco C. Os dois primeiros edifícios, embora com diferentes dimensões, têm o mesmo número de pisos e uma semelhante matriz compositiva e distributiva: os catorze apartamentos T3 duplexes do bloco A e os oito do bloco B estão dimensionados segundo a métrica estrutural dos edifícios, ocupando dois módulos de dois pisos cada um. As circulações nestes edifícios foram zonadas de acordo com o princípio generalizado de segregação racial, informalmente imposto pelas autoridades oficiais:[179] aos *indígenas* estavam reservadas as entradas de serviço, as escadas exteriores e as galerias de pé-direito rebaixado de acesso ao piso de dia dos apartamentos, ao fundo das quais, junto às caixas encerradas dos ascensores, se encontravam os arrumos e as instalações sanitárias destinadas aos *serviçais*; os habitantes e visitantes *europeus* utilizavam as entradas e átrios principais, as escadas interiores helicoidais, os ascensores e os vestíbulos de paredes ondulantes que articulavam as comunicações verticais com as galerias de pé-direito elevado de acesso ao piso de noite dos apartamentos, entrada nobre

179 "Sobre o projecto apresentado pela firma Monteiro & Giro Lda., tendo a informar:
(...) Somente o Hotel tem camaratas e sanitários para pessoal serventuário, não tendo sido estudado o alojamento para os indígenas do Bloco A e B das habitações.
Nas plantas do rés-do-chão e 1° andar, as lojas e escritórios correspondentes ao Bloco A e B não estão localizados os sanitários para europeus.
Os sanitários e camaratas para indígenas também não foram mencionados havendo vantagem de formar um corpo separado.
Do mesmo modo, nas moradias duplex, estão localizados os sanitários para indígenas nos topos das galerias de circulação, o que não é vantajoso, pois fica junto ao agregado europeu." Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Quelimane in *Informação*. Quelimane, 1 de Junho de 1956 (Mendiratta, 2007a: 5); "Considerando o esclarecimento prestado pelo Exmo. Senhor Arquiteto, sou a informar:
(...) Não são justas as considerações feitas sobre a informação das moradias duplex, pois, o assunto foi bem compreendido merecendo todo o apreço pela sua conceção.
No entanto quando se menciona que não é vantajoso a localização dos sanitários indígenas junto do agregado europeu, ou seja no mesmo prédio, não queremos afirmar que não seja permitido tal disposição." Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Quelimane in *Informação*. Quelimane, Julho de 1956 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 1, doc. 30).

das habitações.[180] Os pisos de dia destas habitações T3 duplex - com cozinhas e lavandarias viradas para as galerias de serviço, salas de estar, jantar e varandas abertas para a envolvente urbana -, e os pisos de noite – com vestíbulos de entrada numa cota intermédia, quartos secundários e casas de banho ao longo das galerias principais dos *europeus* e quartos principais e varandas abertos para as frentes urbanas -, estavam unidos por escadas de tiro inscritas nos oblíquos vazios dos átrios, espaços que articulavam todas as circulações horizontais e verticais no interior de cada habitação. Os dois pisos superiores do bloco C estavam subdivididos em dezasseis apartamentos, cada um com a dimensão de um módulo estrutural, acessíveis nas traseiras por galerias exteriores sobrepostas e verticalmente ligadas pelo ascensor e pela escada helicoidal que também servia os pisos de escritórios. Os dezasseis apartamentos deste bloco eram tipologicamente semelhantes a um quarto de hotel: um vestíbulo de entrada distribuía para uma casa de banho e para um espaço único contendo as zonas de dormir, estar e refeições. Os dois apartamentos dos pisos superiores do topo nordeste do bloco tinham uma organização espacial diferente, em função do recorte do volume exterior e do consequente aumento da área livre interior.

A função turística e a afirmação representativa do complexo Montegiro resolviam-se no

180 "Em cada bloco, o principal movimento é garantido por ascensor que estabelece a ligação fácil e direta entre o vestíbulo da entrada principal e as duas galerias de circulação de europeus. Uma escada ampla e bem iluminada, parte também daquele vestíbulo e, como o ascensor, só dá acesso às galerias dos europeus, duplicando as facilidades criadas para a circulação vertical que ficará sempre assegurada. A circulação de europeus – vertical e horizontal – fica, assim, totalmente separada das circulações de indígenas para as quais foi criado um sistema independente desde a rua até à zona de serviço de cada habitação.
(...) A circulação horizontal faz-se por galerias próprias que conduzem diretamente às entradas de serviço, partindo de escadas colocadas num dos seus extremos.
(...) A cada fiada de habitações, que se distribuem por dois pavimentos sobrepostos, correspondem duas galerias também sobrepostas: a galeria de serviço para circulação horizontal dos indígenas, de pé direito reduzido e a galeria principal. A galeria dos indígenas dá acesso directo e exclusivo às dependências de serviço sem qualquer outro contacto com a restante circulação nem com a vida privada das habitações. A galeria principal, por cima daquela conduz somente à entrada, também principal de cada casa e não é acessível senão à circulação de europeus.
As circulações verticais situam-se em extremos opostos, comunicando as de um lado com as galerias principais e as do outro com as de serviço. Nas primeiras a articulação entre as circulações horizontal e vertical forma um pequeno vestíbulo cuja função principal é dar uma sensação de espaço que contrabalance a reduzida largura das galerias e do ascensor." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

bloco do Hotel Chuabo.[181] Num corpo com dez pisos de altura, preenchendo a frente do quarteirão sobre a Avenida Oliveira Salazar, estão compreendidos os seguintes espaços com distintas funções:

- No rés-do-chão um átrio de pé-direito duplo está rodeado pela portaria, ascensores e *snack-bar* semiautónomo,[182] o Snack-Bar Côco, um espaço único de pé-direito duplo com entrada principal a partir da avenida e ligação direta ao átrio do hotel. O átrio abre a sua frente principal para a avenida através de caixilharias de alumínio anodizado e a lateral para a Travessa de Nossa Senhora do Livramento, parcialmente fechada por uma escultórica parede solta. Antecedendo esta parede uma escada em forma de helicoide semicircular liga o piso térreo ao entrepiso;
- No entrepiso, um espaço de *mezzanine* debruçado sobre o átrio, inicia-se a escada helicoidal que liga verticalmente todos os pisos do edifício com exceção do último.[183] Neste piso abre-se a comunicação com os escritórios do hotel situados no 1.º andar do bloco C. A partir de um lanço de degraus acede-se também à sala de estar e de jogos e às suites do 1.º andar;[184]
- No 1.º andar a sala de estar constitui um vasto espaço polivalente, organizado em duas cotas e três zonas distintas, ao fundo da qual se situa um conjunto de quartos para hós-

181 "A cidade de Quelimane, centro de forte região, não tem ainda instalações hoteleiras ao nível das suas exigências, tanto em quantidade como em qualidade. O hotel que se pretende edificar dará satisfação plena às necessidades imediatas e mesmo às de um futuro próximo.
(...) O corpo do Hotel é implantado (...) ao longo da principal artéria da cidade, e destaca-se do conjunto e em todo o aglomerado pela sua altura. Ocupa, portanto, uma posição dominante que lhe permitirá oferecer os melhores panoramas aos seus hóspedes (...)." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (hotel). Porto, Janeiro de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, docs. 88 e 89); "Será não só o edifício de maior vulto de Quelimane, mas também o mais importante e confortável estabelecimento hoteleiro e centro de vida social." Arménio Losa *in Excelentíssimo Senhor Ministro do Ultramar. Excelência*. Porto, 1 de Março de 1966 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 4, doc. 155).

182 "O vestíbulo dá também acesso direto ao café-bar que lhe fica contíguo e que poderá ou não vir a ser integrado na exploração do Hotel." Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

183 "Até ao andar nobre a escada desenvolve-se dentro do mesmo átrio com uma largueza de traçado que depois abandona. A partir daquele andar a escada passa a ter uma função secundária pois toda a circulação vertical converge para o ascensor." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

184 "No andar nobre a maior parte do espaço é absorvido por uma grande sala. É a sala de estar dos hóspedes que, pelas suas dimensões e forma se adapta bem a quaisquer jogos, a festas, a reuniões culturais, etc. permitindo que o hotel centralize grande parte da vida social da cidade." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

pedes especiais.[185] Todos os espaços deste piso, incluindo os antigos escritórios da sede da Monteiro & Giro localizados no corpo de ligação ao bloco A, abrem-se para varandas exteriores inseridas em volumes longitudinais prismáticos, suspensos em consola da fachada principal, representando ao longo da avenida a hierarquia funcional do andar nobre do hotel;

- Nos cinco pisos seguintes, do 2.º ao 6.º andares, dispõem-se os quartos do hotel, maioritariamente abrindo para sudoeste: onze quartos-tipo duplos e uma *suite* em cada piso, dispostos perpendicularmente à fachada principal. Cada quarto-tipo, que ocupa a largura de um módulo estrutural, organiza-se em torno de um vestíbulo de entrada que distribui para a casa de banho e, através de uma porta/espelho de *pivot*, para o espaço de estar e dormir. Nas fases iniciais de projeto o quarto prolongava-se por uma varanda exterior, posteriormente encerrada.[186] Cada *suite*¸ que ocupa dois módulos estruturais com frentes à avenida e à travessa a sudeste, organiza-se em torno de um vestíbulo duplo que articula entre si a entrada com a sala de estar, o quarto e a casa de banho. Acedidos por corredores longitudinais dispostos ao longo das traseiras todos os quartos são apoiados por um núcleo de serviços que contém as circulações verticais e os espaços de apoio de cada andar.[187] O núcleo de serviços, um volume adossado à face posterior do edifício, liga-se nos pisos inferiores ao pátio das traseiras e ao corpo técnico de dois pisos, este

185 "As instalações do hotel distribuem-se pelos vários pisos do modo seguinte: (...) no primeiro andar (...) o salão de estar e um pequeno grupo de quartos agrupados (*suites*) destinados a hóspedes de honra (...)." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (hotel). Porto, Janeiro de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, docs. 88 e 89).

186 "Os quartos, além da área principal, contêm uma varanda exterior privativa, um quarto de banho e um vestíbulo de entrada ou antecâmara." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

187 "Os serviços do andar compreendem uma pequena copa, ligada às cozinhas por monta-pratos, uma dependência para rouparia, um quarto de cama para a vigilante e os respetivos sanitários. Neste corpo de serviços existe ainda a central de acondicionamento de ar do andar, as bocas de descarga de roupas sujas e de lixos (...).
(...) Os dois sistemas de circulação interna – principal e de serviço – são completamente estanques.
(...) A circulação de serviço faz-se quase exclusivamente na vertical (...).
Esta circulação do pessoal – garantida por monta-cargas e escada – faz-se a partir de uma entrada própria, aberta para um arruamento lateral (...).
As circulações verticais são complementadas por monta-pratos, pelas tubagens de queda dos lixos e da roupa suja." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (hotel). Porto, Janeiro de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, docs. 88 e 89).

último implantado paralelamente ao corpo principal do hotel;[188]

- No 7.º andar o espaço longitudinal da sala de jantar ocupa grande parte da área disponível. Separada por caixilhos de vidro e cortinados de um vestíbulo transversal iniciado no átrio dos ascensores – no qual nasce uma escada de tiro conduzindo ao bar do piso superior -, comunica com a cozinha através de um estrangulamento em forma de sifão. As instalações do pessoal estão colocadas depois da cozinha, no topo noroeste deste piso;[189]
- No 8.º andar, um volume recuado em relação ao plano da fachada principal abrindo para uma varanda debruçada sobre a marginal e o Rio dos Bons Sinais, encontram-se o bar, servido por uma zona de balcão, uma cozinha de apoio e uma *boîte* com palco, pista de dança e cabina de *Hi-Fi* cuidadosamente pormenorizada pelo escritório portuense. Os dois espaços estão separados por uma divisória de fole tipo *Modernfold*.

A liberdade de adaptação dos espaços interiores do complexo Montegiro a diversos requisitos programáticos resulta fundamentalmente dos princípios que presidiram à disposição da estrutura de suporte do conjunto. Esta disposição obedece, como referido, a uma articulação de duas malhas de pilares assentes em estacaria, compostas por pórticos estruturais de pilares e vigas de betão armado dimensionados segundo uma métrica repetida ao longo das frentes urbanas dos edifícios principais: um módulo de 3,75m no corpo principal do hotel e no bloco C,[190] de 4,00m nos blocos A e B, cerca de 5,00m no *stand* de máquinas e automóveis e dimensões excecionais nos tramos de remate dos edifícios onde se situam

188 "As dependências, incluídas no projeto (...), são as necessárias às instalações industriais do hotel (...): central de aquecimento, posto de transformação e quadros gerais de eletricidade, lavandaria, depósito de água, etc." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (alteração do bloco C). Porto, 10 de Abril de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 93).

189 "As instalações do pessoal concentram-se nos dois últimos pisos (...) e compreendem, além dos sanitários e chuveiros diferenciados segundo a qualificação e o sexo, um refeitório e vestiários com armários individuais." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (hotel). Porto, Janeiro de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, docs. 88 e 89).

190 "A largura dos tramos da estrutura do corpo principal do hotel, foi reduzido de 4,00m para 3,75m.
Os quartos ficam com menos largura mas ainda suficientemente amplos. Em contrapartida, esta economia de espaço tornou possível a inclusão de mais um tramo e, portanto, de mais um quarto por andar." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Monteiro & Giro Lda. Projecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva Complementar do Ante-projecto*. Porto, Março de 1956 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 87).

as circulações verticais.[191]

Na compartimentação dos espaços interiores com paredes de tijolo vazado[192] e no revestimento de algumas paredes e pavimentos interiores e exteriores destaca-se a intensiva utilização dos produtos da Fábrica de Cerâmica da Monteiro & Giro. Por empresas do Porto foram produzidas as caixilharias dos vãos exteriores, quer as de alumínio anodizado dos espaços mais representativos - das montras e caixilharias do rés-do-chão e das galerias dos estabelecimentos comerciais e do hotel -, quer as de madeira envernizada que encerram todos os vãos restantes – com exceção das aberturas do armazém e do portão de acesso ao pátio de carga e descarga, executados com perfis de ferro.[193] Os principais materiais utilizados nos revestimentos exteriores tinham maioritariamente origem industrial: marmorite nos pavimentos, degraus e soleiras dos espaços de circulação dos blocos A, B e C, com entalhes de mármore branco nas *passadeiras* dos vestíbulos de entrada; tijoleira vermelha nas coberturas de todos os edifícios e na pala do alpendre do *stand*, tijoleira vermelha com motivos em relevo na empena sudeste do bloco B, tijoleira canelada em forma de bambu nos átrios dos ascensores dos blocos A, B e C; *cavan* em duas cores nas paredes das galerias de circulação e em alguns elementos estruturais aparentes como pilares, topo de lajes e componentes dos *brise-soleil*; pastilha de pasta de vidro *Evinel* com duas cores no revestimento das fachadas principais (formando padrões geométricos na empena sudeste

191 "Os corpos altos – os três blocos – são constituídos por pórticos de dois elementos verticais balanceados em consolas para um e outro lado e independentes dos restantes corpos do edifício. Em cada corpo, os tramos estabelecem-se com a mesma equidistância e a mesma disposição, apenas alterados nos encaixes das circulações verticais. Nos pavimentos superiores – rés-do-chão e entre--solos – as galerias e marquises suspendem-se da estrutura geral por consolas de tirantes, de tal modo que todas as cargas, de qualquer dos edifícios, são sempre transmitidas aos pilares dos pórticos. E assim, as fundações reduzem-se praticamente, pelo menos na parte mais delicada e de maior dificuldade de execução, a um número bastante limitado de pontos de apoio." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

192 "As paredes exteriores dos edifícios, assim como as divisórias interiores, apoiam-se exclusivamente nos elementos resistentes da estrutura. Segundo a função que desempenhem – encerramento, compartimentação, isolamento térmico ou acústico – estas paredes executar-se-ão em fiadas simples ou duplas de tijolo vazado ou grelhas também vazadas de betão simples, moldado." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

193 "Os caixilhos e portas serão, de um modo geral, executados em madeira da região exceto nos sectores comerciais e nas áreas de acabamento mais apurado onde se generalizará o uso do alumínio anodizado." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

do bloco B e na fachada principal do bloco C), das empenas nordeste e noroeste dos blocos A e B, das quadrículas modulares dos blocos A, B, C e H, das paredes interiores das escadas helicoidais dos blocos A, B e C, e das faces inferiores das palas dos alpendres das lojas; azulejo no revestimento das fachadas dos blocos A e B, da empena sudoeste do bloco A e da cobertura da pala do alpendre do bloco H; granito polido de dois tipos e pedra Lioz polida no revestimento das frentes e dos topos das palas dos alpendres dos estabelecimentos comerciais, *snack-bar* e hotel; reboco no revestimeto das fachadas das traseiras e das empenas dos bloco C e H, das fachadas do *stand* de máquinas e automóveis, do armazém, dos tetos das galerias, das caixas dos elevadores, e das faces inferiores das lajes de cobertura ou dos volumes em balanço.

Nas habitações utilizou-se madeira maciça e em contraplacado (vãos interiores, armários, degraus e guarda da escada, revestimento dos pavimentos dos quartos, salas e zonas de circulação), tijoleira gresificada e azulejos (pavimentos e paredes das zonas de serviço), reboco e estuque nas paredes e nos tetos. Nos estabelecimentos comerciais é dado especial relevo ao desenho dos espaços de transição entre as lojas do bloco H e do bloco A, entre o *stand* de máquinas e automóveis e as lojas do bloco B, assim como à pormenorização das escadas de ligação às galerias e destas aos escritórios da firma – utilizando madeira maciça, marmorite, pedra Lioz, vidros temperados e estruturas metálicas tubulares.

O carácter funcional dos espaços públicos do *snack-bar* e hotel são enfatizados pelos materiais selecionados para o seu acabamento:[194] os revestimentos de pedra Lioz, mármore Verde Viana, madeira maciça envernizada e estafe dos pavimentos, paredes e tetos do vestíbulo de entrada, escada nobre e galeria do entrepiso realçam a representatividade da zona de receção do hotel; a marmorite, reboco e perfis metálicos brancos dos degraus, despenhamentos e guardas da escultórica escada helicoidal, iluminados lateralmente contra a tijoleira canelada em forma de bambu e a madeira maciça das paredes envolventes,

194 "Os acabamentos já estabelecidos são de nível elevado, mas sem a exuberância do luxo." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* (hotel). Porto, Janeiro de 1962 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, docs. 88 e 89).

revelam a sua função articuladora; o uso de extensas superfícies de madeira maciça envernizada de jambir, umbaua ou umbila, tijoleira, alcatifa e parquet, acentuam o conforto das salas de estar e jantar, do café-bar e da *boîte*, do *snack-bar*, dos espaços de circulação e dos quartos. Em todo o bloco H os vãos interiores e os armários são predominantemente executados em madeira maciça envernizada e *placarol* folheado, sendo de destacar o sofisticado desenho dos pormenores da porta de *pivot* que separa o vestíbulo dos quarto-tipo da respetiva zona de dormir.

A proteção climática do complexo Montegiro foi particularmente considerada no desenvolvimento do projeto. Em resultado da orientação geográfica do terreno aos pontos cardeais colaterais todas as faces dos edifícios estão expostas à incidência dos raios horizontais do sol nascente ou poente.[195] Para resolução deste problema os espaços principais dos pisos de habitação dos blocos A e B abrem para profundas varandas direcionadas a noroeste e nordeste, enquanto as galerias de circulação das traseiras dos blocos A, B e C e os espaços do alçado sudeste do bloco H são abrigadas por *brise-soleil* de betão. Na fachada sudoeste do hotel a proteção solar da sala de estar e dos quartos do piso nobre realiza-se pela sua abertura a uma profunda varanda, enquanto o sombreamento da sala de jantar e dos quartos-tipo se resolve com o avanço da malha estrutural e o recuo da parede exterior. Por outro lado na sua fachada nordeste os estreitos lanternins, para os quais foram projetados *brise-soleil* metálicos, não permitem uma grande penetração solar nos corredores dos quartos. O sombreamento do espaço interior do *stand* de máquinas e automóveis é realizado pelo recuo dos vãos exteriores em relação às fachadas anterior e posterior e pela forma

195 "No estudo do anteprojeto houve sempre a preocupação de não descuidar nenhum dos aspetos que o clima tropical aponta como fundamentais. Não podendo – ou não sendo de tentar – dar-se orientação mais racional aos edifícios em função do percurso do sol, houve que procurar soluções de pormenor resultantes da subordinação aos alinhamentos estabelecidos. (...) Seja qual for o período do ano, haverá sempre, em cada corpo de edifício, uma fachada demasiadamente exposta aos raios solares do início ou do fim do dia, quando a inclinação do sol se aproxima do plano horizontal.
Nas fachadas voltadas ao interior, a solução é relativamente fácil porque, não havendo vistas a preservar, os elementos de proteção podem ser inamovíveis. (...).
Nas outras frentes estabelecem-se paredes duplas com caixa de ar isoladora, nas superfícies fechadas, e, para proteção das aberturas, elementos móveis que se deslocam para tomar posições ajustadas ao curso do sol." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

oblíqua da cobertura inferior do 1.º andar.[196] Os tetos dos pisos superiores habitáveis dos blocos A, B, C e H e do *stand* de máquinas e automóveis são sombreados por coberturas duplas ventiladas,[197] enquanto as frentes das lojas são sempre protegidas das intempéries por alpendres cobertos por palas de betão, suspensas por tirantes de aço.

A implantação isolada dos blocos A, B e H permitiu que as correntes de ar dominantes em Quelimane, que sopram de sudeste a sudoeste, ventilassem o interior do quarteirão e dos edifícios.[198] De acordo com as alterações introduzidas ao projeto pelo aditamento de 1960 foi decidido instalar ar condicionado no hotel e *snack-bar*, nos estabelecimentos comerciais e nos escritórios. Esta decisão levou a que, no caso do hotel, fossem encerrados os corredores dos quartos, inicialmente previstos como galerias exteriores cobertas.

A mais visível contribuição artística para o complexo Montegiro, da autoria dos arquitetos do projeto, é constituída pela parede sudeste do vestíbulo de entrada, painel solto da fachada do edifício em projeção para o exterior. Construída em betão e revestida com placagem de pedra Lioz bujardada, iluminada no interior por lâmpadas ocultas, nesta parede inserem-se motivos geométricos em relevo e abrem-se pequenos vãos exteriores encerrados com

196 "O novo corpo é iluminado pelos dois lados mais extensos e em dois níveis. A forma dada à construção permite um substancial recuo das superfícies envidraçadas para as abrigar do sol e tornar possível uma proteção complementar contra o calor com a colocação de quebra-luzes exteriores." Arménio Losa *in Memória Descritiva* (alteração do stand). Porto, Fevereiro de 1963 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 109).

197 "Na solução da cobertura procurou-se, sobretudo, obter maiores garantias de proteção contra o calor, evitando-se a incidência direta do sol sobre superfícies em contacto muito direto com os espaços interiores." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Monteiro & Giro Lda. Projecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva Complementar do Ante-projecto*. Porto, Março de 1956 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 87).

198 "Os três blocos elevam-se sobre aqueles pavimentos. Como ficam soltos, independentes e distantes dos outros, não causam estorvo à livre circulação dos ventos, questão essencial, senão indispensável, nas zonas quentes.
(...) Às bandeiras e lanternins, criados sempre em todas as dependências, tanto nas fachadas como nas divisórias interiores, é dada também a função fundamental de permitir a livre circulação de ar em todos os sentidos e, principalmente, de estabelecer a ventilação transversal dos corpos do edifício.
A ventilação transversal é assegurada, por este processo, em todos os planos desde o rés-do-chão até à própria cobertura.
(...) Esta ventilação transversal – pela zona superior, rente aos tetos, onde se acumula o ar mais aquecido – é a mais eficiente e a que garante maior nível de conforto em relação às pessoas em estado de repouso." Arménio Losa *in Monteiro & Giro Lda. Anteprojecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva*. Porto, Março de 1955 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 86).

vidro colorido *cata-calor*.[199] Para além deste painel, com forte presença exterior no cunhal da Avenida António Salazar com a Travessa de Nossa Senhora do Livramento, o Hotel Chuabo inclui algumas obras de arte que, como noutros edifícios desenhados por Arménio Losa e Cassiano Barbosa, contribuem para a formação de uma *Gesamtkunstwerk*: suspensa na parede noroeste do vestíbulo principal do hotel uma escultura de uma ninfa em bronze, da autoria de José Rodrigues (n.1936) a pedido de Arménio Losa,[200] e algumas pinturas realizados por cinco artistas locais - um mural em toda a extensão da parede sudoeste da *boîte*, um painel na parede do fundo da cabine de som e uma pintura isolada colocada na parede ao cimo das escadas de acesso ao café-bar, superfície que já em projeto tinha sido reservada para um painel decorativo.[201]

No desenho do complexo Montegiro estão presentes elementos arquitetónicos característicos de anteriores projetos portuenses do escritório de Arménio Losa e Cassiano Barbosa: a exploração das qualidades plásticas e espacialmente estruturadoras das escadas helicoidais, efetuada no Bloco da Carvalhosa (1945-1950), no Edifício DWK (1946-1951) ou no Edifício Soares & Irmão (1950-1953), está igualmente presente em todos os blocos e no *stand* de máquinas e automóveis do conjunto moçambicano; também a proteção solar do *pan de verre* pelo *brise-soleil* experimentado na fachada sul do edifício da Rua de Ceuta, num desenho reminiscente do alçado norte do Ministério da Educação do Rio de Janeiro, é replicado com adaptações circunstanciais nas galerias das traseiras e na fachada lateral do bloco do hotel. Para além destes elementos idiossincráticos existem pontos de contacto

199 "Na base desta fachada, a parede exterior que encerra, por um dos lados, o vestíbulo de entrada do hotel, destaca-se dos restantes elementos para formar uma superfície independente a revestir com materiais nobres.
Será um grande painel de azulejos ou mosaico policromado ou, talvez, um grande baixo relevo. Será o principal motivo de valorização artística do conjunto." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Monteiro & Giro Lda. Projecto de um conjunto de edifícios a construir em Quelimane. Memória Descritiva Complementar do Ante-projecto*. Porto, Março de 1956 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 3, doc. 87); "Dentro de uma semana devo enviar o pormenor da vedação lateral do vestíbulo de entrada do hotel." Arménio Losa *in Caro Engenheiro Ribeiro Costa*. Porto, 10 de Agosto de 1964 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, envelope 4, doc. 133).

200 Segundo informação prestada por José Rodrigues em 27 de Fevereiro de 2012.

201 "Estes artífices decoravam as paredes dos edifícios das aldeias em que viviam, nos arredores de Quelimane. *Descobertos* pelo arqto Eduardo Figueirinhas Correia (1922-), aceitaram o convite e realizaram, com tinta corrente da construção civil, o painel que se pode admirar no último piso do Hotel Chuabo." Tostões; Oliveira, 2011.

entre o complexo Montegiro e a Fábrica Duval (1946-1951), em Saint-Dié, França, obra de Le Corbusier publicada em 1953 no quinto volume da *Œeuvre complète*.[202] Estas semelhanças encontram-se na ossatura estrutural independente, em consola para ambos os lados da fiada de pilares centrais (blocos A e B), na independência dos volumes de circulação vertical, adossados aos prismas retangulares dos edifícios (blocos C e H) e, principalmente, no paralelismo formal entre a composição modular, o carácter autónomo, o específico desenho e o intenso jogo de luz e sombra dos *brise-soleil* de betão da Fábrica Duval e do Hotel Chuabo.

A coesão formal do complexo Montegiro é garantida pela utilização de uma linguagem arquitetónica filiada no coetâneo vocabulário do Movimento Moderno, dado de partida do projeto:[203] coberturas planas com *toit terrasse*, *fenêtres en longueur*, *brise-soleil*, amplas palas de sombreamento, utilização de revestimentos cerâmicos. Outros elementos característicos desta arquitetura internacional presentes no projeto de 1956, como as coberturas em borboleta e as grelhas de elementos de betão moldado, desapareceram ao longo do desenvolvimento do projeto final. No edifício do hotel atual encontram-se, pelo contrário, elementos arquitetónicos que remetem para temas característicos da década de 60: a extensiva utilização de revestimentos de madeira maciça envernizada, de reboco carapinha, de alcatifas, napas e cortinados, e o desenho dos pontos de luz em forma de cilindros e hexágonos de gesso ou metal, suspensos das lajes ou formando tetos falsos, nos vestíbulos de entrada e nas salas de estar e jantar. O escritório portuense desenhou também algum equipamento e diversos elementos gráficos para o complexo Montegiro, num amplo entendimento do papel do arquiteto na coordenação de todos os intervenientes e na concretização de todas as escalas da obra: o mobiliário fixo e móvel dos estabelecimentos comerciais, do *snack-bar* e do hotel – algumas peças como mesas, cadeiras ou sofás, foram selecionadas pelos autores entre a produção disponível no mercado -, bem como a sua disposição nos

202 LE CORBUSIER, 1995 [1953]: 12-20.

203 "A encomenda pretendia também, muito objetivamente, um *edifício moderno* (segundo as palavras do engº Ribeiro Costa, ideólogo e gestor do projeto)." TOSTÕES; OLIVEIRA, 2011: 6.

diversos espaços; os mastros das bandeiras, os *letterings* e anúncios luminosos do complexo Montegiro, do Hotel Chuabo e do Snack-bar Côco; e ainda os contornos dos passeios que envolvem o complexo e o seu revestimento com um padrão de elementos trapezoidais realizado com betonilha esquartelada de duas cores, obtida pela mistura de cimento claro e areia branca e de cimento normal e areia preta.

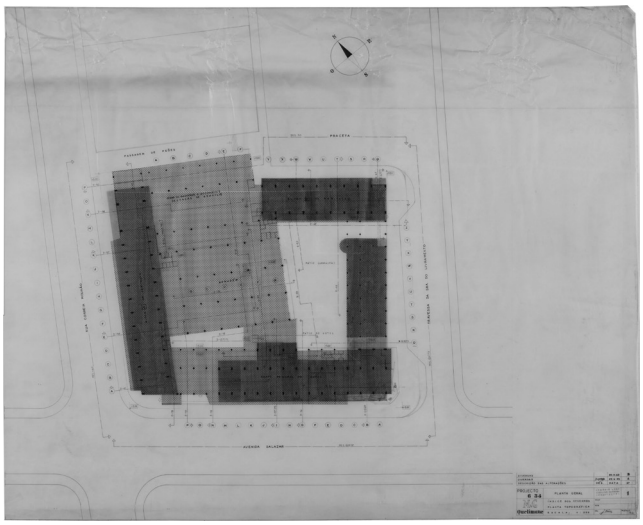
O conjunto comercial, habitacional e turístico da Monteiro & Giro, um empório comercial moderno no âmbito territorial da cidade de Quelimane, prolongava a natureza económica heterogénea dos antigos prazos do Zambeze[204] e das grandes companhias concessionárias.[205] Pólo agregador de atividades económicas e sociais diárias, marco da arquitetura do Movimento Moderno e a mais icónica referência monumental de Quelimane o complexo Montegiro compõe, em conjunto os vizinhos Banco de Moçambique, antigo BNU, e Igreja de Nossa Senhora do Livramento, antiga catedral, um representativo triângulo de equipamentos coletivos de valor patrimonial simbolicamente destacados na frente fluvial da cidade sobre o perfil social e urbano da antiga Avenida Salazar.

204 "Não é fácil explicar o que foram estes prazos recorrendo a fórmulas simples. De facto, grande parte do interesse destas instituições reside no facto de se assemelharem a hologramas, apresentando uma imagem diferente de si mesmos consoante o ângulo de visão. Para os Portugueses, tratavam-se de terras cedidas mediante a assinatura de contratos de arrendamento elaborados de acordo com as regras do direito romano, mas, para os africanos, eram basicamente chefias, logo, funcionavam como parte de um complexo sistema de relações económicas e sociais destinadas a aproximar os povos da região. Este carácter dualista é típico da cultura social e política dos Afro-Portugueses, a qual lhes permitiu viver e operar em dois (mesmo três) mundos ao mesmo tempo. A sociedade por eles constituída funcionava como uma ponte capaz de ligar a África, a Ásia e a Europa, tendo levado ao crescimento de formas culturais e sociais de carácter sincrético que, à semelhança dos prazos, tinham uma vitalidade considerável." Newitt, 1995: 203.

205 "As grandes companhias concessionárias tinham agido como senhores feudais, obtendo os seus lucros do controlo direto da tributação e da mão-de-obra, da detenção de monopólios comerciais e do direito de arrendar subconcessões." Newitt, 1995: 400.

Complexo Montegiro

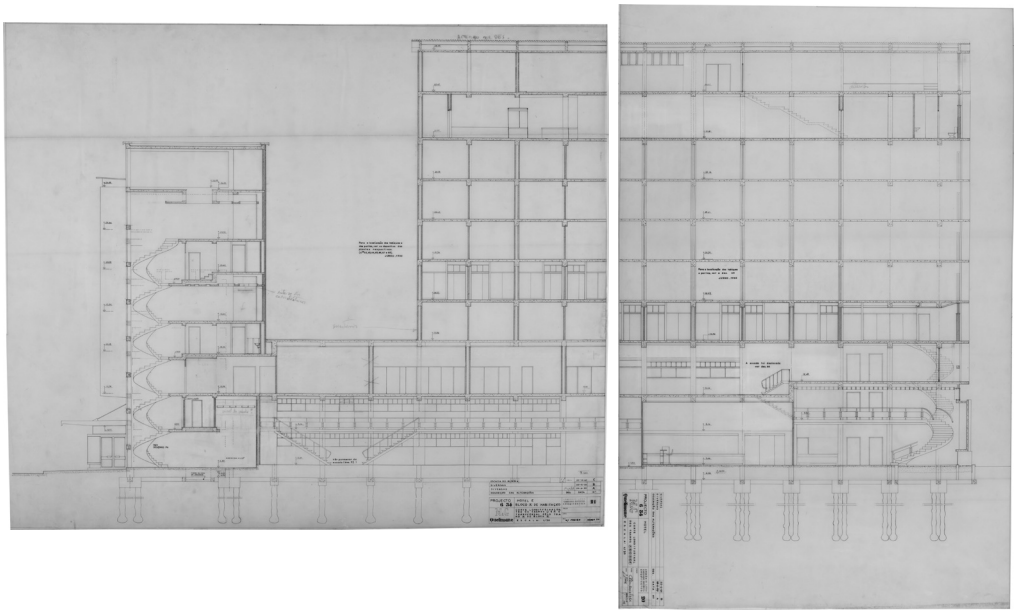
Planta geral. Índice dos desenhos. Planta topográfica.
Projeto, Março de 1956 a 20 de Junho de 1960.
Escala 1:200.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 1, doc. 1).

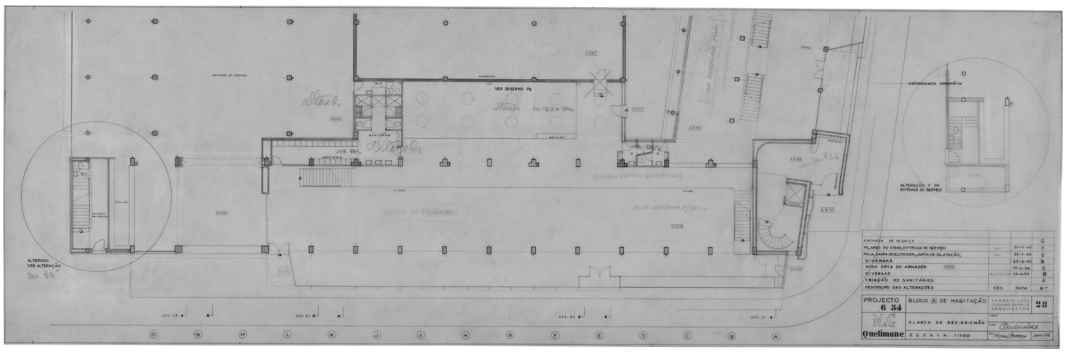


Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel e bloco A de habitação. Corte longitudinal entre os tramos J e P e transversal pelo tramo A do bloco A.
Projeto, Março de 1956 a 20 de Setembro de 1960.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 1, doc. 7).

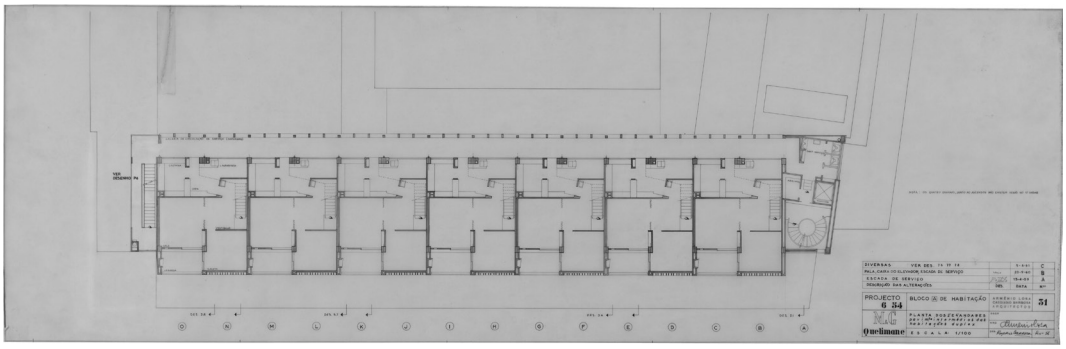
Direita:
Hotel. Corte longitudinal dos tramos A, B, C, D, E e F.
Projeto, Março de 1956 a 20 de Junho de 1960.
Escala 1:50.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 1, doc. 6).





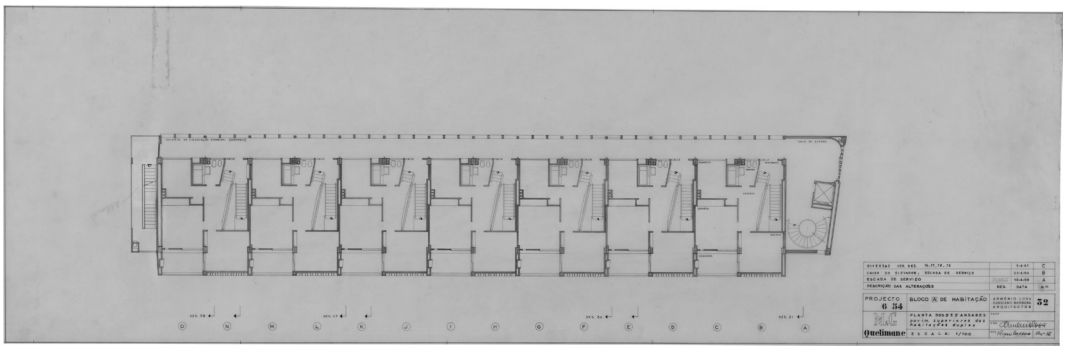
Complexo Montegiro

Bloco A de habitação. Planta do rés-do-chão.
Projeto, Janeiro de 1956 a 20 de Setembro de 1960.
Escala 1:100.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 1, doc. 8).



Complexo Montegiro

Bloco A de habitação. Planta dos 2.º e 4.º andares, pavimentos intermédios das habitações duplex.
Projeto, Fevereiro de 1956 a 5 de Abril de 1961.
Escala 1:100.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 1, doc. 11).

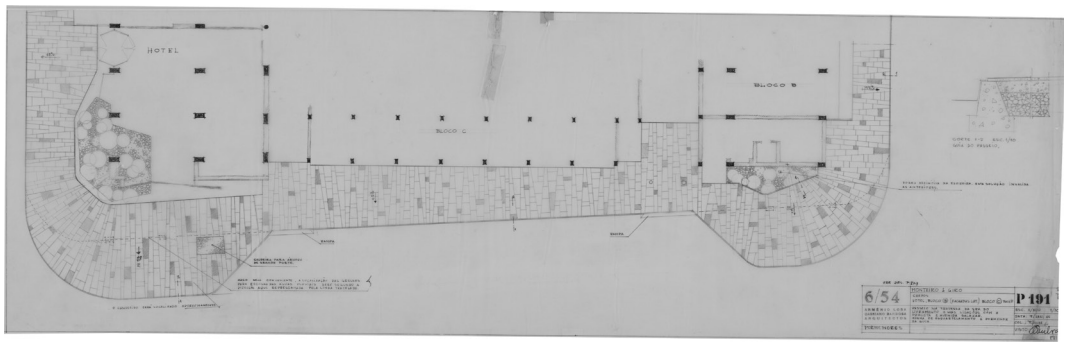


Complexo Montegiro

Bloco A de habitação. Planta dos 3.º e 5.º andares, pavimentos superiores das habitações duplex.
Projeto, Fevereiro de 1956 a 5 de Abril de 1961.
Escala 1:100.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 1, doc. 12).

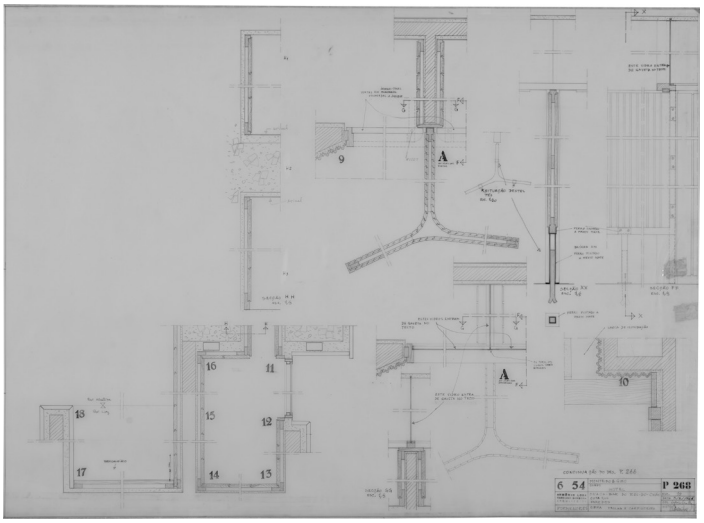
Complexo Montegiro

Monteiro & Giro. Corpos hotel, bloco B (fachadas lat.), bloco C fachada posterior. Passeio na Travessa da Sra. do Livramento e suas ligações com a Praceta e Avenida Salazar. Forma de esquartelamento e pormenor da guia.
Pormenores, 9 de Janeiro de 1964.
Escalas 1:100 e 1:10.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, pasta 8, doc. 188).



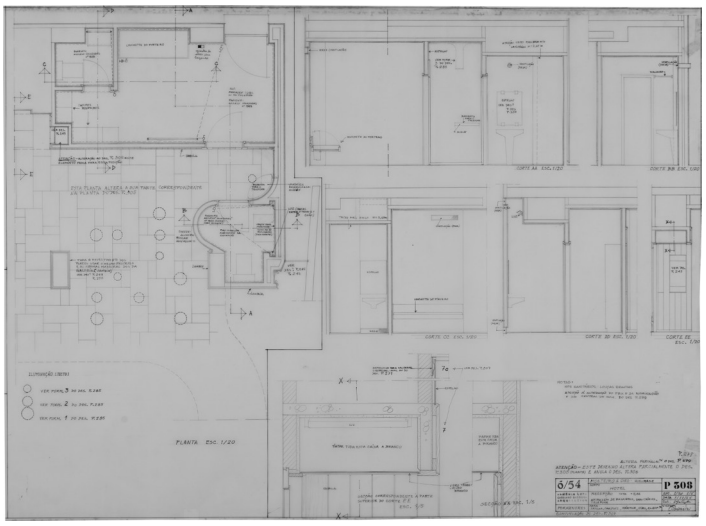
Complexo Montegiro

Monteiro & Giro. Corpo hotel. Snack-bar do rés-do-chão. Cota 5,66. Paredes.
Pormenores, 3 de Fevereiro de 1965.
Escala 1:5.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, doc. 264).



Complexo Montegiro

Monteiro & Giro. Corpo hotel. Receção. Cota 5,66. Armazém de bagagens, sanitários, telefones.
Pormenores, 1 de Dezembro de 1965.
Escalas 1:20 e 1:5.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/115, doc. 304).



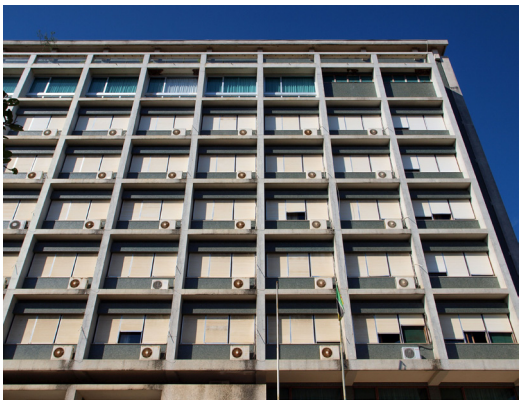
Complexo Montegiro

Esquerda:
Igreja de Nossa Senhora do Livramento com o Hotel Chuabo (bloco H) e a dependência do BNU em segundo plano.
(EM, 2009).

Direita:
Dependência do BNU com Hotel Chuabo (bloco H) na frente à antiga Av. Oliveira Salazar.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - cunhal entre aa antigas Av. Oliveira Salazar e R. de Nossa Senhora do Livramento.
(EM, 2009).



Complexo Montegiro

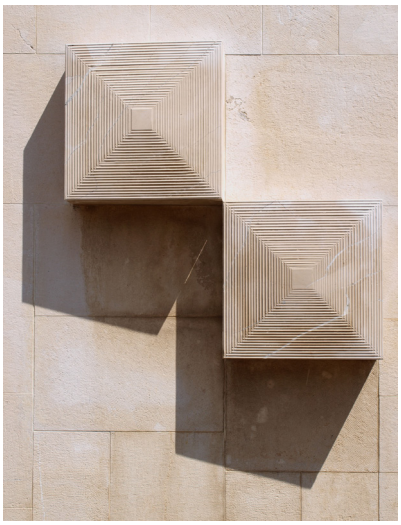
Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - fachada à antiga Av. Oliveira Salazar.
(EM, 2009).

Direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - fachada à antiga R. de Nossa Senhora do Livramento.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - parede escultórica pelo exterior.
(EM, 2009).

Direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - pormenor exterior da parede escultórica.
(EM, 2009).



Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - pormenor exterior da parede escultórica.
(EM, 2009).

Direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - entrada principal.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - entrada principal.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H), piso térreo - átrio principal com escultura por José Rodrigues e acesso ao *snack-bar* na parede do fundo.
(EM, 2009).

Direita:
Hotel Chuabo (bloco H), piso térreo - portaria e *mezzanine.*
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H), piso térreo - portaria.
(EM, 2009).

Direita:
Hotel Chuabo (bloco H), piso térreo - pontos de luz em gesso.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

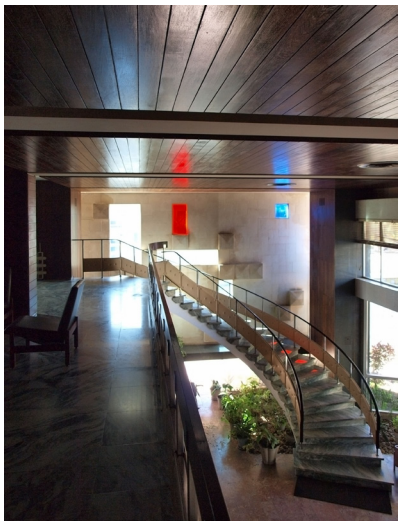
Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H), piso térreo - ascensores.
(EM, 2009).

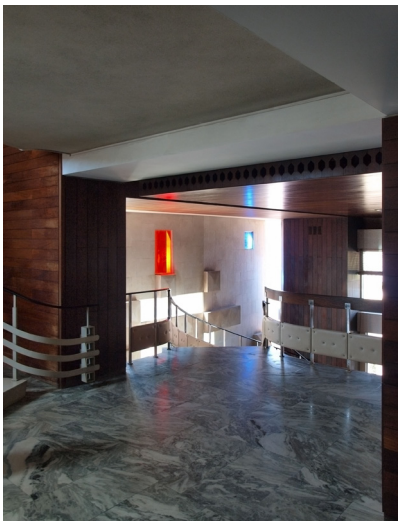
Direita:
Hotel Chuabo (bloco H), piso térreo - escada semicircular com parede escultórica ao fundo.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H), entrepiso - escada semicircular.
(EM, 2009).

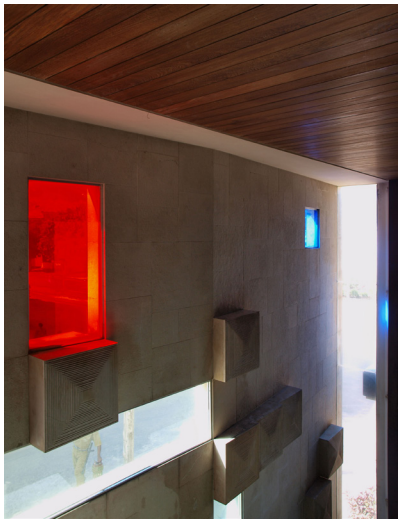
Direita:
Hotel Chuabo (bloco H), entrepiso - espaço de convergência de circulações horizontais e verticais com parede escultórica ao fundo.
(EM, 2009).

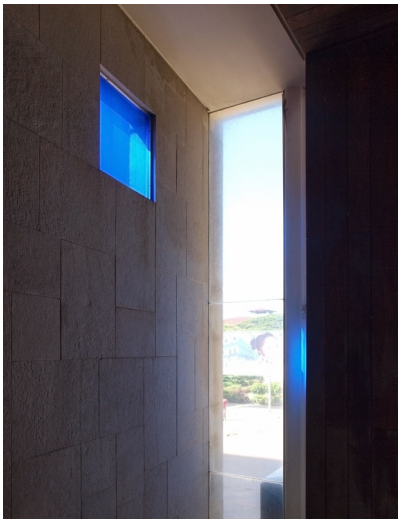




Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - pomenores da parede escultórica.
(EM, 2009).



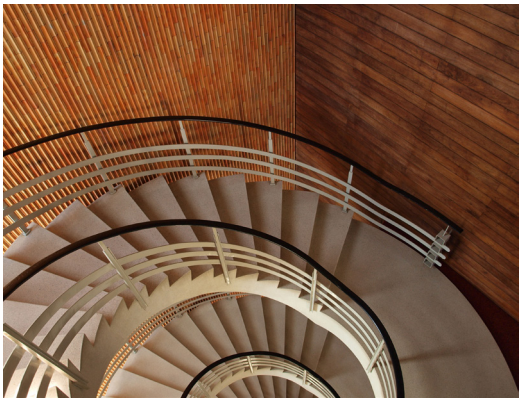


Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H), 1.º andar - sala de estar e de jogos.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - escada helicoidal.
(EM, 2009).



Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - escada helicoidal.
(EM, 2009).

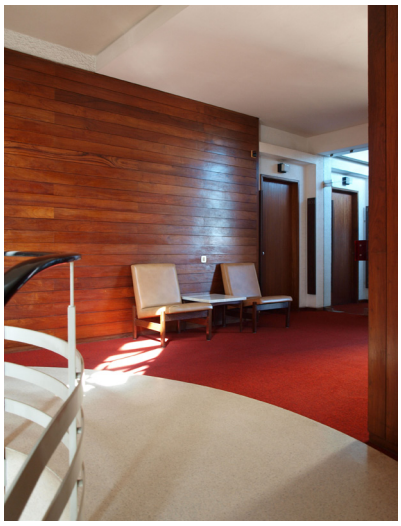
Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - parede revestida com tijoleira canelada.
(EM, 2009).

Direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - escada helicoidal.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - vestíbulo dos quartos.
(EM, 2009).



Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - ascensores no vestíbulo dos quartos.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - corredor dos quartos.
(EM, 2009).

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - pormenor dos ascensores no vestíbulo dos quartos.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

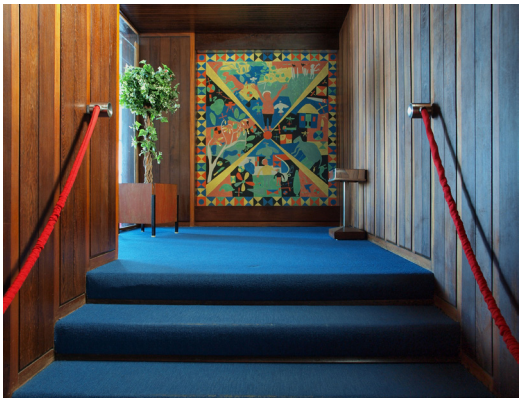
Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - vestíbulo do quarto-tipo com porta de *pivot* aberta.
(EM, 2009).

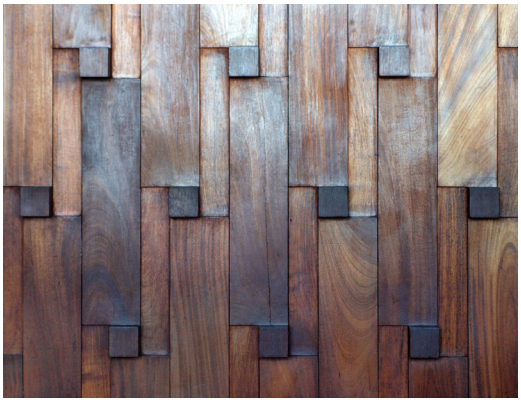
Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - vestíbulo do quarto-tipo com porta de *pivot* entreaberta.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H), 7.° andar - vestíbulo da sala de jantar.
(EM, 2009).

Direita:
Hotel Chuabo (bloco H), 7.° andar - sala de jantar.
(EM, 2009).





Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H) - escada de tiro entre o 7.° e o 8.° andares com painel por artista local ao fundo.
(EM, 2009).

Direita:
Hotel Chuabo (bloco H), 8.° andar - revestimento com arrincoado de madeira.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H), 8.° andar - bar.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H), 8.° andar - *boîte*.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Hotel Chuabo (bloco H), 8.° andar - cabina de *Hi-Fi* com portas fechadas.
(EM, 2009).

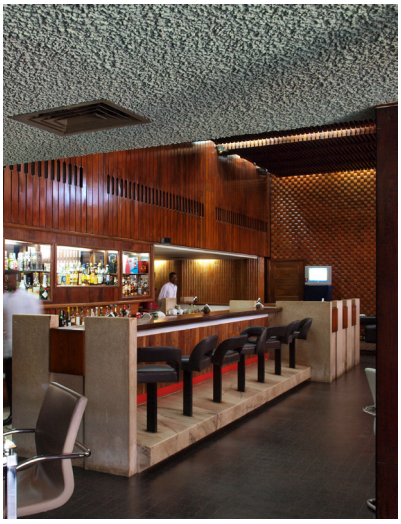
Direita:
Hotel Chuabo (bloco H), 8.° andar - cabina de *Hi-Fi* com portas abertas.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Hotel Chuabo (bloco H), 8.° andar - mural por cinco artistas locais.
(EM, 2009).

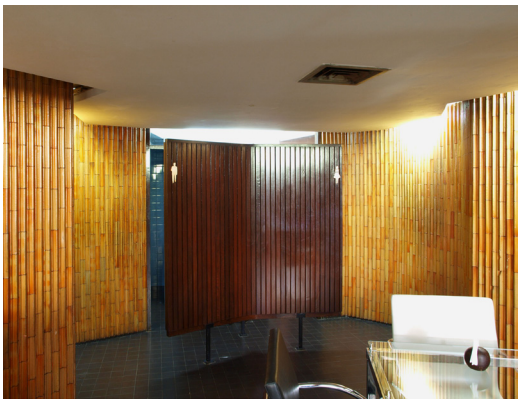
Complexo Montegiro

Hotel Chuabo (bloco H) - Rio dos Bons Sinais desde a varanda do 8.° andar.
(EM, 2009).



Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H), piso térreo - Snack-Bar Côco.
(EM, 2009).



Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H), piso térreo - Snack-Bar Côco.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Hotel Chuabo (bloco H) - frente à antiga Av. Salazar.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Articulação entre os blocos A e H no cunhal entre as antigas R. Correia Mourão e Av. Salazar.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Articulação entre os blocos A e H no cunhal entre as antigas R. Correia Mourão e Av. Salazar e entrada principal no bloco A.
(EM, 2009).

Direita:
Articulação entre os blocos A e H no cunhal entre a R. Correia Mourão e Av. Salazar.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco A na frente à antiga R. Correia Mourão.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco A - exterior do supermecado.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Bloco A - exterior do supermercado.
(EM, 2009).

Direita:
Bloco A, *stand* de máquinas e automóveis e bloco B no cunhal entre a antiga R. Correia Mourão e a passagem de peões.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Bloco A, *stand* de máquinas e automóveis e bloco B no cunhal entre a antiga R. Correia Mourão e a passagem de peões.
(EM, 2009).

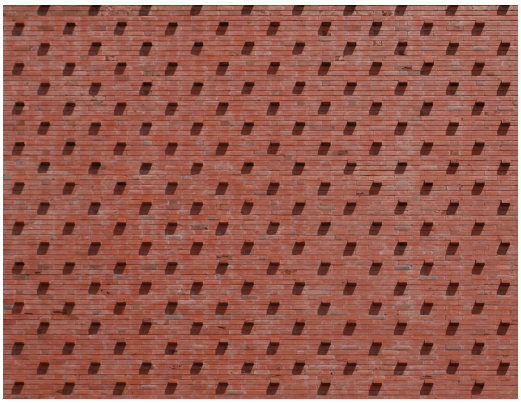
Direita:
Stand de máquinas e automóveis na frente à passagem de peões.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco B na frente à antiga Praceta de Salazar.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco B no cunhal entre as antigas Praceta de Salazar e R. de Nossa Senhora do Livramento.
(EM, 2009).



Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco B - empena com revestimento a tijoleira na frente à antiga R. de Nossa Senhora do Livramento.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco B - entrada principal pela antiga R. de Nossa Senhora do Livramento.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Bloco B - escada helicoidal.
(EM, 2009).

Direita:
Bloco B - átrio principal de acesso às galerias.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco B, 1.º andar - galeria de acesso aos escritórios.
(EM, 2009).

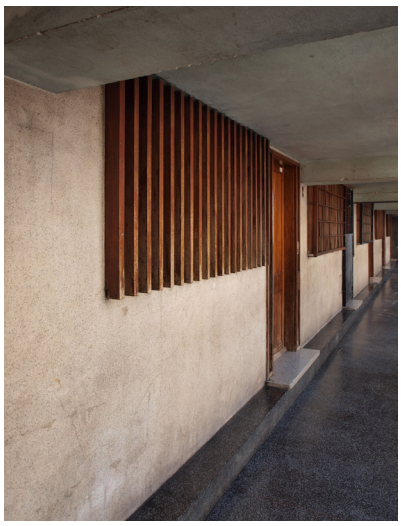
Complexo Montegiro

Esquerda:
Bloco B - galeria de serviço.
(EM, 2009).

Direita:
Bloco B - galeria principal.
(EM, 2009).

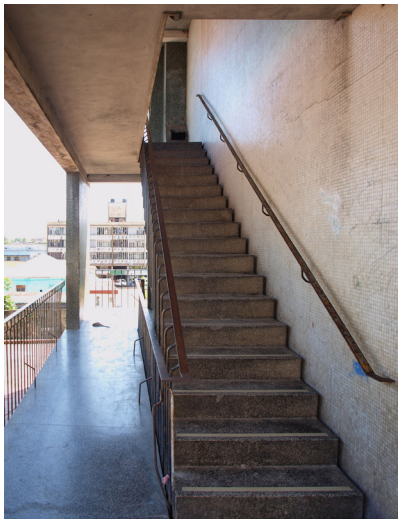
Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco B, 1.º andar - entradas de serviço.
(EM, 2009).



Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco B - galeria de serviço.
(EM, 2009).



Complexo Montegiro

Esquerda:
Bloco B - escada de serviço.
(EM, 2009).

Direita:
Bloco B - Pormenor de *brise-soleil* da fachada posterior.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda e direita:
Bloco B - *Brise-soleil* da fachada posterior no último piso.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Pátio interior do quarteirão - fachadas posteriores do corpo técnico e dos blocos C e H.
(EM, 2009).

Direita:
Pátio interior do quarteirão - cobertura do armazém em primeiro plano e fachadas posteriores dos blocos H e A em segundo plano.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Vazio entre os blocos B e C.
(EM, 2009).

Direita:
Bloco C - entrada pela antiga R. de Nossa Senhora do Livramento.
(EM, 2009).

Complexo Montegiro

Esquerda:
Bloco C - frente à antiga R. de Nossa Senhora do Livramento.
(EM, 2009).

Direita:
Cunhal entre as antigas Av. Oliveira Salazar e R. de Nossa Senhora do Livramento vendo-se os blocos H, C e B.
(EM, 2009).

Fábrica Cerâmica e Aglomerado Residencial Monteiro & Giro, Lda. (1956-1960). Quelimane. Moçambique. 17°43'15.30"S, 36°53'31.24"E. Arménio Taveira Losa e Cassiano Barbosa.

Os empreendimentos da empresa portuense Monteiro & Giro, Lda. em Quelimane compreendem dois polos distintos mas interdependentes: o complexo comercial, habitacional e turístico Montegiro, que acabámos de observar, e a Fábrica Cerâmica e Aglomerado Residencial.[206]

O conjunto fabril situava-se a 23km de distância do centro da cidade, na margem da estrada nacional e da linha de caminho-de-ferro entre Quelimane, Nicoadala e Mocuba.

De acordo com a planta geral e memórias descritivas do projeto propunha-se a construção do corpo principal de uma fábrica de cerâmica com as suas vias de acesso – caminho de ligação à estrada nacional, ramal ferroviário privativo e praceta de distribuição e controlo -, os seus prolongamentos – escritórios, vestiários, cantina, gabinete médico, portaria e armazém principal -, e as suas instalações técnicas de apoio – depósito de água e cisterna. Para habitação dos trabalhadores europeus previu-se a edificação de um aglomerado residencial composto por quatro edifícios geminados com oito habitações-tipo, repetível um número indeterminado de vezes (na planta geral previa-se a implantação de doze unidades), um

206 "Construir com esta ambição em circunstâncias de isolamento, ausência de mão-de-obra e materiais adequados, colocava dificuldades de ordem operacional evidentes. Tentando minimizar a inevitabilidade de importar grande parte dos materiais foi procurado retirar o maior proveito das matérias-primas que, existentes no local (...) poderiam aí, também, ser manufaturadas e utilizadas.
A descoberta (...) de argila de excepcional qualidade nos arredores da cidade contribuiu para a solução, alargando o horizonte do investimento e sugerindo a edificação de uma fábrica de cerâmica que faria o apoio, também, à construção do edifício em Quelimane." Tostões; Oliveira, 2011: 7.

edifício de apartamentos para trabalhadores solteiros, uma messe com sala de restaurante, cozinha e lavandaria, e o arranjo dos espaços exteriores do complexo: arruamentos, jardins e parques de jogos.

O projeto do conjunto é, na sua quase totalidade, dos mesmos autores do complexo Montegiro: os arquitetos Arménio Losa (1908-1988) e Cassiano Barbosa (1911-1998), com escritório comum na cidade do Porto. A partir de uma encomenda inicial de 1956,[207] e de um mencionado mas ainda não conhecido anteprojeto anterior,[208] foi entregue em Abril de 1958 uma Planta Geral com a respetiva Memória Descritiva – definindo os princípios de intervenção e o desenho urbano do conjunto -,[209] o projeto definitivo do edifício da fábrica - resultado da adaptação de um projeto-tipo fornecido pelos instaladores do equipamento fabril -,[210] e os anteprojetos dos edifícios de escritórios, vestiários e portaria, das habitações-tipo e suas variantes. Esta última encomenda foi limitada a um grupo de quatro habitações geminadas, as efetivamente necessárias numa primeira fase.[211] Em Novembro de 1958 foi entregue o

207 "Embora com uma encomenda do projeto mais tardia (1956) do que a do edifício Chuabo (1954), a premência da laboração da fábrica, tendo em vista o fornecimento de materiais para as respetivas obras, fez com que o desenho e a edificação deste núcleo avançasse em primeiro lugar." Tostões; Oliveira, 2011: 16

208 De acordo com os esquissos não datados existentes em FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, pasta única, e com a anotação manuscrita a lápis sobre o original da Planta Geral, em FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 1, onde se pode ler: "Nota: No local onde agora se implantou a messe e o edifício de apartamentos 8 tinha sido previsto construir um grupo de habitações unifamiliares em ala contínua, para o qual se apresentou anteprojecto. Novembro 1958."

209 Assim, a Planta Geral – desenho nº 1 – é um plano parcial de urbanização que não requer, para já pelo menos, mais pormenorização para ser entendido e aplicado. (...) Na planta geral define-se a arrumação dos vários edifícios, dependências e serviços a construir imediatamente ou em fases sucessivas (...). Definem-se também os acessos e as circulações que convém ordenar e disciplinar." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

210 "Os desenhos seguintes – do número 2 ao número 10 – constituem o projeto propriamente dito da fábrica com os pormenores indispensáveis à sua execução. É o projecto definitivo, revisto e acabado, elaborado a partir dos esquemas de fabrico propostos pela casa fornecedora do respetivo equipamento.
(...) O projeto da fábrica é, como ficou dito, o ajustamento e revisão do esquema proposto pela casa fornecedora de equipamento. Limita-se às obras de construção civil – ou seja aos edifícios – (...), visto todas as construções de carácter industrial (...) serem da competência dos respetivos fornecedores que indicarão, ou indicaram já, os necessários pormenores." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva.* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

211 "Trata-se, porém, não de um edifício único e isolado mas de uma habitação-tipo com sucessivas variantes, estudado para aplicação à construção em série e que poderá repetir-se número indefinido de vezes (...).
Propomos, por isso, que, nesta fase de liquidação dos anteprojetos, se considere o grupo de quatro habitações, a realizar na primeira fase para satisfação das necessidades imediatas (...)." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Esclarecimento ao cálculo dos nossos honorários relativos ao processo agora apresentado com os diversos estudos para a construção da Fábrica Cerâmica e de suas dependências, prolongamentos e casas de habitação.* Porto, 10 de Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 2).

projeto do edifício de apartamentos e da messe, cuja pormenorização foi posteriormente desenvolvida em desenhos realizados entre Junho e Agosto de 1959.

As obras no corpo principal da fábrica estavam a decorrer em Abril de 1958. Previa-se que após a sua entrada em funções se iniciasse a construção dos arruamentos e outras infraestruturas previstos na Planta Geral.[212] A edificação da messe e do edifício de apartamentos constituiria a fase seguinte dos trabalhos, antecedendo a construção das quatro habitações geminadas que completam o Aglomerado Residencial.[213] Segundo a correspondência trocada entre Arménio Losa e o engenheiro Ribeiro Costa, gestor das obras de Quelimane da Monteiro & Giro, em Outubro de 1960 estava a decorrer a construção do edifício da messe.[214] A edificação de todo o conjunto estava concluída no final do mesmo ano.[215]

O estado atual do polo fabril e residencial é ruinoso, mesmo considerando a pouca fidelidade com que foram executadas algumas partes do projeto original: o ramal de caminho-de-ferro existe ainda na localização prevista mas sem carris; o acesso principal à estrada nacional foi construído para norte do alinhamento original; não existem vestígios da praceta de receção, do coberto que a ladeava e dos edifícios que abrigava, que não devem ter sido construídos; a Fábrica Cerâmica, cujo volume se assemelha à matriz modular original embora com uma mancha de implantação mais curta e mais regular, está desativada desde meados da primeira década de 2000, segundo o testemunho de um antigo trabalhador; não

212 "Os projetos vão elaborar-se imediatamente de modo a poderem executar-se logo que a fábrica inicie a laboração, produzindo os materiais-base indispensáveis.
Entretanto ter-se-ão os arruamentos e os arranjos definidos na Planta Geral." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

213 "A primeira fase de realização do Aglomerado Residencial para o pessoal europeu da Fábrica Cerâmica, inicia-se com a construção de um edifício de pequenos apartamentos sem cozinha, anexo a um outro edifício central onde se alojam os serviços de apoio das residências, com uma sala de restaurante.
(...) Depois de construídas as casas de habitação unifamiliares previstas no plano, os pequenos apartamentos serão reservados para a instalação dos empregados solteiros, do pessoal eventual ou de casais sem filhos. E o edifício central continuará servindo como centro de reunião, convívio e recreio da população residente no aglomerado. Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

214 "A fim de podermos fornecer os elementos de precisão indispensáveis para a execução dos caixilhos de alumínio da sala do restaurante, entregue à Firma Secca & Cª. Lda., rogamos, a pedido desta o favor de nos serem comunicadas as medidas – tanto quanto possível com a indicação de toscos e limpos – que se pedem no esquema junto." Arménio Losa *in Exmo. Sr. Ribeiro Costa. Monteiro & Giro, Lda. Quelimane: Fábrica Cerâmica. Obra da Messe. Caixilhos de alumínio.* Porto, 1 de Outubro de 1960 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 16).

215 Mendiratta, 2007b: 2

existem vestígios dos arruamentos, jardins e parques de jogos do aglomerado residencial; os cinco edifícios habitacionais projetados persistem ainda, com algumas alterações ao desenho original; e as instalações da messe foram destruídas, permanecendo de pé a cobertura abobadada que as abrigava, como uma evocação das ruínas de outro império colonial.

A estrutura urbana da Fábrica Cerâmica e Aglomerado Residencial, localizada numa verdejante planície do vale do Zambeze pontuada por palmares, subdivide-se em dois núcleos com duas orientações distintas separados por uma cortina arbórea de proteção: o corpo principal da fábrica, seus anexos e instalações técnicas, localizado nas proximidades da estrada nacional e da linha de caminho-de-ferro e como elas orientado aos pontos cardeais colaterais; e a curta distância o conjunto habitacional, implantado segundo uma malha ortogonal orientada aos pontos cardeais principais e beneficiando dos ventos dominantes, da natureza mais arenosa e arborizada do terreno e do afastamento à fábrica e às suas emissões poluentes. O conjunto é unificado por uma espinha dorsal constituída por um arruamento principal que, iniciando-se na estrada nacional, distribui nas suas margens para os diversos equipamentos previstos no programa: para a fábrica e seus anexos na praceta de receção;[216] para as habitações geminadas, implantadas isoladamente num entorno desprovido de muros de vedação, através das veredas pedonais transversais;[217] para os edifícios da messe e de apartamentos e para os jardins e parques de jogos que os envolvem através

216 "Uma praceta intermédia é o centro do complexo e zona de distribuição e controlo. Nesta praceta situam-se os serviços exteriores – escritórios, cantina, armazém principal – com os seus acessos diretos e independentes, e a entrada da fábrica.
Toda a circulação de pessoas e veículos passa obrigatoriamente nesta praceta, onde se disciplina e se controla: o pessoal trabalhador – europeu e indígena – os empregados, os clientes ou fornecedores e todos os residentes no bairro de habitação anexo. Uma parte da sua área é reservada ao estacionamento de veículos que se arrumam em dois sectores distintos – um para pesados e outro, abrigado, para os automóveis ligeiros – sem causar prejuízo à circulação." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

217 "A rua serve o bairro no seu conjunto, mas não diretamente as casas. Estas são dispostas ao longo de pequenas veredas mais tranquilas, destinadas essencialmente à circulação de peões e que os automóveis só utilizam para acesso às garagens privativas.
As veredas vão sendo criadas ou ampliadas à medida do crescimento do aglomerado (...).
A supressão das vedações é de extraordinário interesse para o bom aspeto do conjunto, aumentando a sensação de largueza que já se procurou obter com o afastamento dos edifícios e, sobretudo, para se não criar uma compartimentação demasiado rígida e desagradável para cada unidade de habitação." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva.* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

da praceta do parque de estacionamento,[218] centro do Aglomerado Residencial e remate em *cul-de-sac* do arruamento principal. As circulações no interior do conjunto urbano são estruturadas segundo um processo de zonamento hierárquico de vias de acesso aos edifícios de habitação e da messe, separando a circulação automóvel da pedonal assim como os peões *europeus* dos *indígenas*.[219]

A volumetria do corpo principal da Fábrica Cerâmica resulta da agregação de segmentos abobadados que permitem uma expansão ilimitada, abertos lateralmente ao exterior por lanternins horizontais colocados imediatamente abaixo do beiral. Sobre este esquema genérico o escritório portuense propôs, entre outros ajustamentos, a criação de duas variantes ao desenho das abóbadas das coberturas permitindo que na transição de arcos consecutivos com raios diferentes se abram vãos exteriores que contribuam, consoante as necessidades, para melhorar a iluminação e a ventilação dos espaços interiores.[220] Os arquitetos propuseram igualmente a construção de um coberto que prolonga os segmentos abobadados da fábrica protegendo os seus anexos e as zonas de estacionamento de viaturas ligeiras,

218 "Além do terreno livre de cada habitação, mais ou menos privativo, o plano comporta algumas áreas destinadas a jardins, parques e campos desportivos. Um dos jardins é reservado aos jogos infantis; os restantes espaços livres serão organizados e tratados de modo a que toda a população residente possa encontrar, no exterior das habitações, o ambiente natural que melhor convenha à sua idade ou aos seus gostos." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva*. Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

219 "O espaço é distribuído por duas zonas bem definidas e perfeitamente separadas: a de serviço e a dos europeus. A separação estende-se ainda, para além do edifício, com vedações de muros e sebes vivas, ao longo dos percursos obrigatórios de circulação dos indígenas, para maior recato da zona reservada aos europeus.
(...) Os acessos a cada zona foram organizados de forma a não haver interferências escusadas. Há um percurso lateral para circulação dos indígenas e dos abastecimentos entre a praceta e a entrada de serviço, e um outro percurso, mais recatado de ligação aos apartamentos.
O acesso dos europeus é direto e rasgado para o exterior; entra a messe e os apartamentos a circulação canaliza-se para um corredor coberto que une os dois edifícios num só conjunto arquitetónico." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial*. Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

220 "Introdução de dois tipos de abóbada de cobertura com raio diferente, com que se melhora a ventilação e que permite a iluminação superior, por lanternins, das principais áreas de trabalho, tornando possível, no futuro, dispensar a iluminação das janelas e, portanto, ampliar lateralmente as instalações.
(...) Os lanternins variam de dimensão, de acordo com as necessidades de iluminação, sendo menos altos nos locais onde a incidência direta do sol é incómoda ou prejudicial." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva*. Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

implantado em dois lados da praceta intermédia de controlo e distribuição.[221]

A volumetria dos edifícios habitacionais foi desenhada como a sobreposição de três elementos de forma regular: um primeiro piso vazado, libertando a construção do terreno natural, e no qual uma malha de *pilotis* redondos suporta o piso superior; um segundo piso sólido, constituído por um prisma retangular projetado em consola nos quatro lados da malha estrutural; e um telhado de duas águas de secção triangular que cobre integralmente o piso intermédio. Enquanto a transparência do primeiro piso é pontualmente interrompida pelos *pilotis* e paredes soltas de tijolo aparente, a expressão exterior do piso residencial é mais compacta, resultado da afirmação plástica da grelha de pilares e lajes de betão e do encerramento dos vazios com paredes de alvenaria de tijolo aparente ou rebocado, caixilhos de madeira e grelhas de elementos cerâmicos vazados. As coberturas são revestidas com telhas de cerâmica, os seus tímpanos encerrados por paredes de tijolo rebocado perfuradas por frestas de ventilação de composição livre. As ligações entre os dois pisos são realizadas por escadas de tiro de plástico desenho estrutural, prefabricadas em betão aparente moldado, com os seus lados protegidos por guardas metálicas construídas com perfis tubulares.

O edifício da messe é constituído por um coberto aberto de planta quadrada, com uma área de 441m^2, composto pela intersecção de quatro superfícies troncocónicas rebocadas. Assente numa plataforma irregular revestida a tijoleira o coberto implanta-se no cruzamento dos eixos do arruamento principal do complexo e do edifício de apartamentos. Liga-se a

221 "O mesmo tipo de cobertura do corpo principal da fábrica abriga todo este conjunto e as áreas de circulação junto dele, assim como as restantes edificações da praceta: escritório, cantina, gabinete médico, etc.
(...) Este tipo de cobertura alta e independente, tem ainda a virtude de valorizar plasticamente a zona mais representativa do complexo industrial – a praceta de entrada, com os escritórios – onde as pequenas construções ficariam, de outro modo, sem a escala conveniente e demasiado dispersos. A cobertura, por englobar todos os edifícios no mesmo conjunto, empresta-lhes um pouco de imponência (...)." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva.* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

este último através de uma cobertura horizontal suportada por *pilotis* redondos.[222] Uma fina membrana rebocada, com a forma de uma estrela em planta e de uma cúpula invertida em corte, forma um baldaquino suspenso do centro geométrico da superestrutura cobrindo o volume quadrado que alberga o restaurante. Este espaço central, com três frentes envidraçadas, apoia as suas costas num muro exterior que faz parte de um embasamento mais vasto, livremente composto por superfícies verticais e horizontais de traçado reto ou ondulante que delimitam os compartimentos interiores e exteriores do restaurante, cozinha e lavandaria. A partir da cobertura da cozinha projetam-se duas chaminés cilíndricas de betão que intersectam a superfície do coberto principal.

A composição espacial e organização funcional interna da fábrica e dos seus anexos, conjunto no qual foi menor a intervenção do escritório portuense, não serão agora observadas: enquanto as variantes ao previsto desenho das abóbadas e respetivos lanternins foram concretizadas já as propostas de Arménio Losa e Cassiano Barbosa para o coberto da praceta de receção e para os edifícios que protegia aparentemente não tiveram continuidade.

Os dois tipos de edifícios habitacionais para trabalhadores casados efetivamente construídos assentam numa matriz funcional e espacial comum, composta sobre uma grelha modular definida por pórticos estruturais de *pilotis* redondos. Do lado nascente do arruamento principal foram implantados dois edifícios iguais com duas casas geminadas cada, ambos compostos por nove tramos estruturais; do lado poente foram igualmente construídos dois edifícios iguais com duas casas geminadas cada, ambos compostos por seis tramos estruturais - esta última tipologia estava já prevista nos dois módulos centrais da variante *casas em*

222 "O edifício central – Restaurante ou Messe – é implantado no extremo do aglomerado, nos limites do terreno arenoso (...).
A localização escolhida afirma-se também como a mais vantajosa em relação às outras edificações projetadas, por se situar em zona desafogada por três lados e, assim, em posição intermédia entre o conjunto das residências e as áreas livres de recreio e de desporto (...).
Apesar desta posição extrema, o edifício principal torna-se assim o centro geográfico, o ponto dominante e de convergência de todo o aglomerado (...).
Fazendo frente ao conjunto urbano, para onde se abrem a sala do restaurante e as suas esplanadas, colocado na margem da praceta de giração e estacionamento, no eixo e ao fundo da rua-alameda, este edifício especial na função e na forma fica com as melhores perspetivas (...)." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

ala contínua do anteprojeto entregue em Abril de 1958. O desenho destes quatro edifícios foi posteriormente alterado para adotar algumas soluções definidas no projeto do bloco de apartamentos, nomeadamente o dimensionamento dos tramos estruturais, as consolas das varandas, a forma dos pilares e das escadas de tiro e o desenho do telhado e dos alçados de topo. O programa distribuiu-se por dois pisos compartimentados em *plan libre*: o primeiro piso aberto compreende uma área de recreio coberto, garagem e área de trabalho - esta última zona compreende a pia de lavar, o quarto, W.C. e chuveiro dos *indígenas*, compartimentos definidos por paredes de tijolo autónomas da estrutura e separadas do teto; o segundo piso contém, num núcleo interior rodeado por áreas exteriores constituídas por varandas, escadas de tiro simétricas e entradas principais e de serviço, três quartos, duas casas de banho, sala comum, cozinha, copa e despensa.

O edifício de apartamentos, que partilhou com as habitações-tipo a mesma matriz arquitetónica, constituiu uma tipologia funcional única no aglomerado residencial: com onze tramos estruturais de comprimento formava um vasto espaço de distribuição, recreio infantil e estacionamento automóvel no primeiro piso aberto. Nesta praça coberta convergiam os caminhos das traseiras dos *indígenas*, a passagem coberta dos *europeus* e as seis escadas de tiro de acesso aos oito apartamentos do segundo piso, colocadas transversalmente ao corpo do edifício. No piso superior do edifício, previsto para trabalhadores solteiros, cada apartamento ocupava dois meios tramos estruturais com dois compartimentos multifuncionais e uma casa de banho,[223] os dois primeiros abrindo para uma varanda exterior coberta. Chegava-se a esta varanda por uma escada individual, nos quatro apartamentos de topo, ou

223 "Embora de dimensões diferentes, a estas peças pode ser dada a atribuição que o inquilino entender por mais conveniente. Qualquer uma delas tem área e proporções que permitem utilizá-la quer como quarto quer como sala. Podem ainda ser ambas destinadas a quartos de dormir organizando-se, na maior, o espaço para trabalho ou para estar." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

por uma escada partilhada dois a dois, nos quatro apartamentos centrais.[224]

Os espaços interiores e exteriores da messe definiram-se, na área sob proteção da cobertura abobadada e no terreno envolvente, com uma grande qualidade plástica e liberdade formal. A organização funcional assentou na subdivisão do conjunto em três zonas distintas e em dois tipos de circulação dos utentes, separados por muros revestidos a tijoleira cerâmica ou reboco: o restaurante localizou-se a norte, no remate visual do arruamento principal, com a sala e os seus balcões no interior do volume envidraçado, os cubículos do lavabo e bengaleiro numa dobra dos muros exteriores e a esplanada nos espaços semicobertos fronteiros à praceta de estacionamento;[225] a lavandaria situou-se a sul, num espaço quadrado coberto pela superestrutura abobadada - no qual se dispuseram as pias, armários, mesa e tábuas de brunir -, delimitado pelos cubículos das instalações sanitárias e chuveiros dos *indígenas* e rodeado por um caminho de serviço que dava acesso ao quarto do vigilante e arrumos e aos coradouros e estendais dos relvados fronteiros; comunicando com o restaurante e a lavandaria colocaram-se a poente as instalações da cozinha - balcões, mesa de trabalho, espaço do frigorífico e do fogão, vestiários e despensas -, definidas por paredes retas e ondulantes, iluminadas por lanternins horizontais e verticais e cobertas por uma laje de betão pontualmente aberta num rasgo central de ventilação.

Os sistemas estruturais e construtivos utilizados no conjunto da fábrica Cerâmica e Aglo-

224 "Os apartamentos são independentes em todos os aspetos: a partir do patamar superior das escadas, uma porta de entrada nas varandas – por onde se faz o acesso - corta os contactos com o exterior. A partir desta porta, começa o domínio privativo de cada inquilino. No interior, a intimidade é perfeita em virtude do nível a que se situa e dos resguardos que a protegem; as varandas, porém, ampliando o espaço de cada moradia para o ar livre, em zona ainda abrigada dos maiores rigores do sol, permitem um viver mais sociável sem perda da própria intimidade, pela facilidade de relações imediatas com o exterior." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

225 "A sala do restaurante – no centro do edifício – é um quadrado apenas definido pelo teto: uma abóbada invertida, em forma de estrela de quatro pontas e suspensa da cobertura geral, na qual o seu quadrado se inscreve.
Por dois lados, e por um terço de outro lado, é delimitada por caixilhos de grandes vidros que, ao abrirem, tornam o espaço indefinido; e a parede do fundo, que continua para além da sala, juntamente com a continuidade do pavimento que se prolonga para o exterior com o mesmo tipo de acabamento, contribuem para aumentar a sensação de inexistência dos limites reduzidos da sala.
A sala só é, pois, um quadrado dimensionado e restrito quando as suas paredes de vidro estão corridas. Abertos os caixilhos, a área amplia-se, alargando-se pela esplanada onde, a qualquer hora do dia, se encontra sempre um largo sector abrigado do sol e das chuvas. A sala, propriamente dita, só existe como refúgio para os dias e as horas menos agradáveis (...)." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

merado Residencial assentaram na utilização de um reduzido número de materiais de construção de origem industrial, tirando o maior partido das qualidades estruturais e formais dos materiais cerâmicos produzidos pela própria fábrica.[226] O tijolo foi utilizado, com as suas superfícies aparentes, rebocadas ou revestidas com tijoleiras cerâmicas, como principal elemento de suporte das abóbadas do corpo principal da fábrica e, de forma mais experimental, na construção das abóbadas do edifício da messe.[227] O tijolo foi igualmente utilizado na edificação de paredes resistentes - como nos espaços cobertos por lajes planas aligeiradas do edifício da messe -, na construção de paredes exteriores - em fiada simples ou duplas -, e na compartimentação dos espaços interiores. O betão armado foi utilizado como único elemento de suporte nos pilares e vigas do corpo principal da fábrica e na construção dos pilares e lajes dos edifícios residenciais, nestes últimos segundo pórticos modulares de 3,20m x 3,50m; constituiu, em colaboração com o tijolo, um sistema estrutural misto nas cintas e beirais de remate das abóbadas da fábrica e nas vigas cruzadas que travam as quatro abóbadas da messe.[228] As grelhas de ventilação oblíquas das *fenêtres en longueur* do corpo principal da fábrica foram igualmente construídas em betão assim como as palas de sombreamento e as escadas de tiro dos blocos residenciais,[229] as chaminés da cozinha, as lajes planas aligeiradas do lavabo, bengaleiro, cozinha e quarto do vigilante, e a delgada

226 "De um modo geral, procura tirar-se o melhor partido da utilização dos materiais cerâmicos que a fábrica produzirá, mesmo na fase experimental e que se prestam a soluções de acabamento de alto valor qualitativo.
O tijolo vidrado, o tijolo prensado, as grelhas de barro cozido, o tijolo, o azulejo e o mosaico, assim como a telha, produtos da fábrica, serão os mais largamente utilizados." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

227 "Como já foi referido, a cobertura e principal estrutura do edifício da messe é uma abóbada de cruzeiro, formada por quatro superfícies troncocónicas, construídas em tijolo." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5); "Esta articulação entre projeto e produção, permitiu soluções muito interessantes, como aquela que presidiu à execução de abóbadas autoportantes na messe num tipo de tijolo especial, também executado na fábrica (...)." Tostões; Oliveira, 2011: 7-8, nota 13.

228 "Na intersecção das quatro superfícies curvas formam-se duas nervuras cruzadas de betão armado que absorvem todos os esforços; são o único esqueleto e apoio da construção, assente no solo pelos quatro extremos." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

229 "As escadas de acesso, também em betão armado são moldadas em cofragem especial, muito cuidada, que dispensa trabalhos suplementares de acabamento. Os pilares, cilíndricos, do rés-do-chão ficam prontos, do mesmo modo, ao retirarem-se as cofragens tubulares de fibrocimento em que são moldadas." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

membrana suspensa pelas quatro pontas e por varões de aço intercalares que cobriu a sala do restaurante do edifício da messe.[230]

Com a tijoleira cerâmica de produção local, lisa ou com padrões em relevo - posteriormente utilizada no complexo Montegiro e noutros edifícios de Quelimane -, revestiram-se pavimentos exteriores e interiores, a face superior da passagem coberta entre a messe e o bloco de apartamentos, e algumas paredes e muros nos quais se pretendeu tirar partido arquitetónico das qualidades volumétricas, cromáticas e texturais daquele material.[231] A telha foi utilizada para proteger as coberturas inclinadas dos cinco blocos de habitação e as abóbadas da fábrica. O reboco foi utilizado no revestimento das superfícies interiores e exteriores das abóbadas e de alguns compartimentos da messe, bem como das paredes do núcleo central do segundo piso dos blocos residenciais.

Os lanternins superiores da fábrica foram encerrados com caixilhos constituídos por perfis de betão pré-fabricado, nas folhas fixas,[232] e por perfis de ferro, nas folhas móveis. Os vãos exteriores e interiores dos edifícios habitacionais e dos compartimentos da messe foram construídos com madeiras africanas, com exceção da caixilharia da sala do restaurante que foi produzida em alumínio anodizado. Esta última caixilharia foi fabricada pela mesma firma portuense que mais tarde construiu os caixilhos de alumínio do complexo Montegiro.

Em todas as escalas de desenvolvimento do projeto foi dada especial atenção à proteção

230 "Uma outra abóbada, invertida e mais ligeira, suspensa das nervuras por quatro pontos, em forma de estrela, constitui o próprio teto da sala do restaurante." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

231 "Nos interiores, não só da messe como dos apartamentos, o tijolo é aplicado em largas superfícies sem rebocos suplementares, com finalidade simultaneamente decorativa e prática: paramentos mais duradouros e ricos e redução da intensidade luminosa." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

232 "Foram assim concebidos (...) os lanternins de iluminação ou de vedação com caixilharia de elementos de betão armado, prefabricados, a que podem ajustar-se os caixilhos móveis de ventilação – em ferro – quando e onde forem precisos (...).
A prefabricação dos elementos de betão terá de ser feita no próprio local e, por consequente, estudaram-se perfis-tipo de execução simples e limitados em número: três perfis apenas para os quais não será necessário mais do que três moldes." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva.* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

climática do conjunto.[233] Esta preocupação esteve presente nos ajustamentos ao esquema proposto para o corpo principal da fábrica, nomeadamente na criação de abóbadas de raio diferente de forma a abrir lanternins de iluminação e ventilação de dimensão ajustável às necessidades específicas dos espaços subjacentes, mas também na função protetora do abrigo previsto para a praceta de receção e distribuição.[234] A escolha da localização do aglomerado residencial levou em consideração a situação vantajosa do terreno em relação aos ventos dominantes, enquanto a orientação aos pontos cardeais principais da sua malha urbana se deveu a fatores de natureza estritamente climática: como resultado desta disposição geral os edifícios habitacionais implantam-se com as suas faces principais viradas a norte ou a sul, quadrantes mais fáceis de proteger, e encerram as empenas expostas aos raios solares horizontais de nascente e poente com grelhas de elementos cerâmicos vazados que evitam a penetração dos raios solares, ao mesmo tempo que asseguram a circulação de ar nos espaços interiores.[235] Como complemento destes mecanismos de proteção climática refira-se a construção sobre *pilotis* dos blocos residenciais, criando pisos vazados protegidos da chuva e arejados naturalmente;[236] a criação de alpendres ao longo dos lados maiores

233 "Entre os métodos adotados e sempre de aconselhar nas regiões tropicais, contam-se: as coberturas altas e independentes, separadas dos tetos das dependências; a orientação ortogonal relativamente ao eixo norte-sul; o prolongamento das coberturas para que o sol não incida sobre as paredes, e a ventilação transversal, sem impedimento, dos conjuntos e de cada uma das partes dos edifícios." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

234 "Esta cobertura é independente e alta, permitindo todas as liberdades de implantação das instalações que abriga e garantindo uma ventilação apropriada ao clima.
(...) a sua principal razão de ser é a função de abrigo que desempenha e que é importante nas condições climáticas locais: abrigo contra o calor e contra a chuva das várias instalações e das pessoas que as procuram." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva.* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

235 "A orientação das casas e o seu afastamento relativo obedecem a princípios ajustados às condições locais: clima excessivamente quente e húmido e baixo custo do terreno.
As fachadas – principais ou posteriores – voltam-se rigorosamente para o norte ou para o sul para melhor se protegerem contra a incidência direta do sol sem o recurso a processos complicados ou dispendiosos. Os lados, orientados a nascente ou a poente, mais difíceis de proteger, podem fechar-se completamente desde que a iluminação dos interiores não esteja dependente das aberturas laterais.
(...) Com esta orientação e com o afastamento planeado das construções obtém-se também o arejamento das habitações e do aglomerado, que os ventos dominantes poderão varrer livremente sem encontrarem obstáculos." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva.* Porto, Abril de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 3).

236 "Outro elemento importante na luta a travar contra o calor, é a elevada extensão do solo colocada na sombra pela sobre-elevação dos edifícios. Não apenas pela comodidade de oferecerem abrigo, mas por causarem desequilíbrios térmicos no ambiente, favoráveis à formação de correntes de ar." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

dos blocos geminados de habitação e em toda a volta do bloco de apartamentos, protegendo os compartimentos interiores da exposição solar pelo seu recuo em relação aos planos das coberturas; a existência de uma dupla cobertura nestes edifícios, ventilando a câmara entre ambas por vãos exteriores nos tímpanos das empenas e por fiadas longitudinais de aberturas quadradas ao longo dos tetos dos alpendres; a criação de circulação cruzada de ar no miolo dos apartamentos através de lanternins invertidos e aberturas quadradas localizadas nos tetos das antecâmaras e das casas de banho; e ainda o aproveitamento das correntes de ar pela criação de bandeiras de abertura regulável nos vãos exteriores e interiores de todos os edifícios habitacionais e na sala do restaurante.

No edifício da messe a forma das abóbadas constituiu o principal resguardo dos espaços e compartimentos subjacentes. As lajes de cobertura do percurso de ligação ao edifício de apartamentos, da sala do restaurante, dos lavabos e bengaleiro, dos arrumos, da casa do guarda e da cozinha - esta última ventilada, como referido, por um rasgo quadrado aberto no teto do seu espaço central -, apenas complementaram esta primeira proteção climática.[237]

Edifícios compostos pela associação de corpos geometricamente puros, espaços interiores que se prolongam no exterior, volumes suspensos sobre *pilotis* redondos permitindo a continuidade do terreno natural, exploração de elementos plásticos de exceção à matriz dominante e das qualidades formais dos materiais de produção industrial relacionam, entre outras características sintáticas, o conjunto da Fábrica de Cerâmica e Aglomerado Residencial com a linguagem arquitetónica do Movimento Moderno internacional. A sua inscrição no léxico desta arquitetura deve igualmente ser observada à luz das proximidades que estabelece com alguns edifícios modernos seus contemporâneos: a articulação de abóbadas com curvaturas distintas para abertura de lanternins no corpo principal da fábrica assemelha-se concetualmente à cobertura experimental para a fábrica Raul Fernandez, San Bartolo, Mé-

237 "A abóbada cobre um espaço quadrado de que só reduzida parte é compartimentada e encerrada. As instalações e dependências distribuem-se, com plena liberdade, debaixo desta cobertura geral que funciona como um grande guarda-sol de proteção. Coberturas mais baixas, curvas ou planas, formam os tetos das dependências, em níveis diferentes, definindo os volumes e as áreas de cada um." Arménio Losa & Cassiano Barbosa (sem assinatura) *in Memória Descritiva. Aglomerado Residencial.* Porto, Novembro de 1958 (FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, envelope único, doc. 5).

xico (1950),[238] por Felix Candela. Também o princípio autoportante das abóbadas tronco-cónicas que se intersectam no edifício da messe tem afinidades estruturais com o trabalho sobre a estabilidade de hiperboloides parabólicas do mesmo autor, de que são exemplos a cobertura do Átrio da Bolsa de Valores da Cidade do México (1955)[239] ou o projeto não realizado para um mercado (1956).[240] A matriz concetual que informa o desenho da messe, uma superestrutura abobadada aberta cobrindo uma infraestrutura encerrada transparente, aproxima-se temática, geográfica e formalmente da cúpula aberta e pousada em quatro pontos que cobre um ondulante volume envidraçado no *Dining Hall* do *Sultan Bello Hall* do *University College*, Ibadan, Nigeria (1949-1960), de Fry, Drew & Partners;[241] finalmente o desenho da membrana de betão pontualmente suspensa da abóbada que forma o teto da sala do restaurante parece referir-se ao desenho das plataformas suspensas na cúpula que as envolve do Palácio das Artes no Parque do Ibirapuera, São Paulo, Brasil (1951-1955), por Óscar Niemeyer, Zenon Lotufo, Helio Uchôa e Eduardo Kneese de Melo.[242]

O conjunto da Fábrica Cerâmica e Aglomerado Residencial da Monteiro & Giro renova o modelo de proximidade entre local de trabalho e de residência que caracteriza a estruturação social e urbana das zonas industriais das cidades europeias novecentistas. Este *aggiornamento* é realizado através da teorização do Movimento Moderno, tal como foi expresso

238 Alanís, 2010: 8.
239 Alanís, 2010: 44-45.
240 Alanís, 2010: 15.
241 Fry; Drew, 1974: 174, figs. 231-232; 177, fig. 238; Kultermann, 2000: XXIV, fig. 13.
242 Mindlin, 1999 [1956]: 210-211.

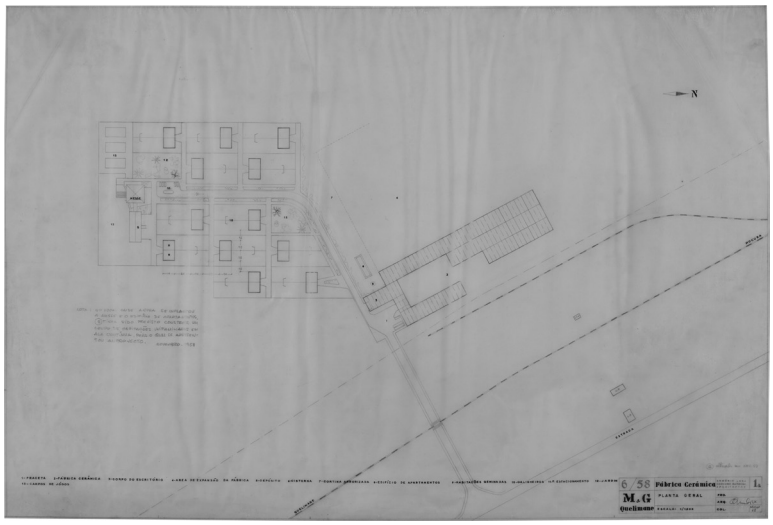
por Arménio Losa na sua intervenção no 1.º Congresso Nacional de Arquitetura.[243] Desenvolvido com metodologias científicas de projeto como o zonamento hierárquico de funções, espaços e circulações, a normalização tipológica dos programas habitacionais e a utilização de materiais estandardizados e sistemas construtivos industriais, o complexo fabril nasceu condicionado por um pano de fundo ideológico de sinal oposto ao ideário igualitário dos seus autores.

Desde o início do projeto assumiu-se o nivelamento da burguesia e do proletariado português na mesma categoria de *europeus* assim como a sua total separação da classe dos *indígenas*. O microcosmo fabril e residencial resultou assim num paradoxal modelo de estrutura produtiva - progressista na sua formulação arquitetónica e urbana e regressivo na estruturação social que propôs: um símbolo das contradições presentes no âmago da *praxis* moderna dos arquitetos modernos portugueses.

243 "As possibilidades atuais da Arquitetura, resultantes da introdução e intenso aproveitamento de todas as técnicas e materiais novos, resultantes de uma atitude menos contemplativa do profissional, de uma análise mais científica e humana dos problemas, entrarão ao serviço da civilização maquinista (...).
A fábrica não será de futuro o edifício negro e sujo, detestado, intolerável, perturbador da paisagem ou dos panoramas da cidade, mas elemento precioso de valorização estética.
As instalações serão limpas, higiénicas, bem ordenadas, racionais e alegres. E o trabalho executar-se-á com satisfação, tornando-se mais produtivo.
Eliminar-se-ão os ruídos, as trepidações, os cheiros e as poeiras. O ar condicionado, temperatura propícia, a luz solar, a nova luz artificial, a eletricidade, afastarão da fábrica e da oficina os males que hoje atormentam o trabalhador. As necessidades da pessoa humana serão tidas em consideração e não apenas as máquinas e os produtos.
As condições naturais - o contacto com a Natureza - serão de novo reintegradas na vida humana. As árvores, os jardins rodearão a fábrica, penetrarão mesmo nela. E o trabalho deixará de ser obrigatoriamente segregado, isolado da Natureza, condenado ao enclausuramento perpétuo." Losa, 2008 [1948]: 133-134.

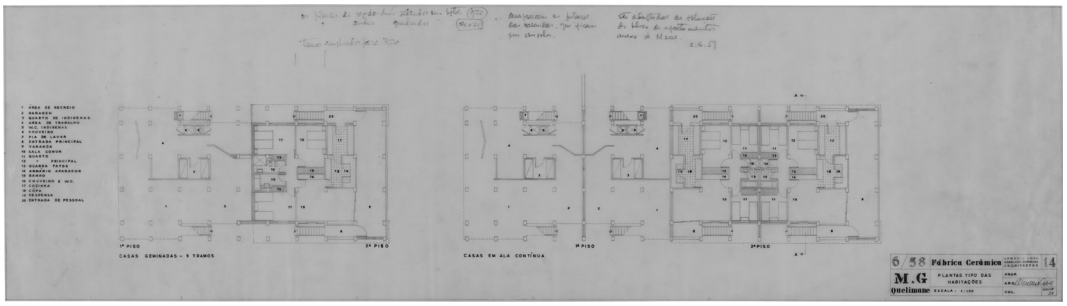
Fábrica Cerâmica

Fábrica Cerâmica. Planta geral.
Plano, Março de 1958 a Novembro de 1958.
Escala 1:1000.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, pasta única, doc. 1).



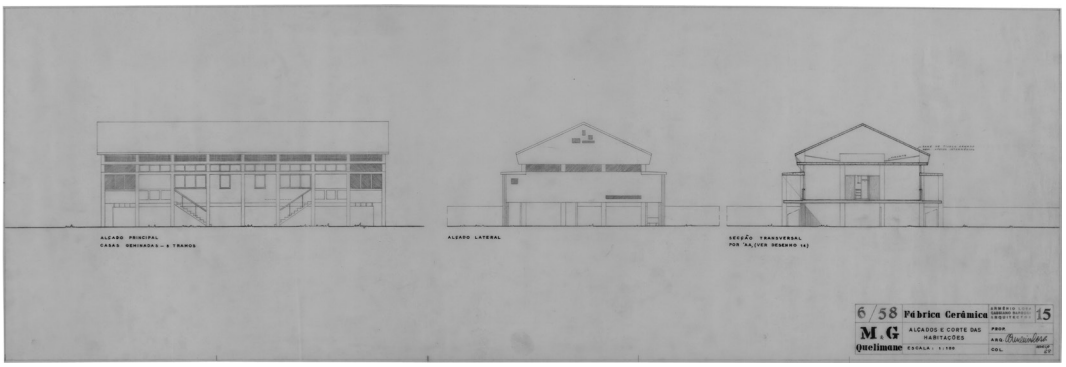
Fábrica Cerâmica

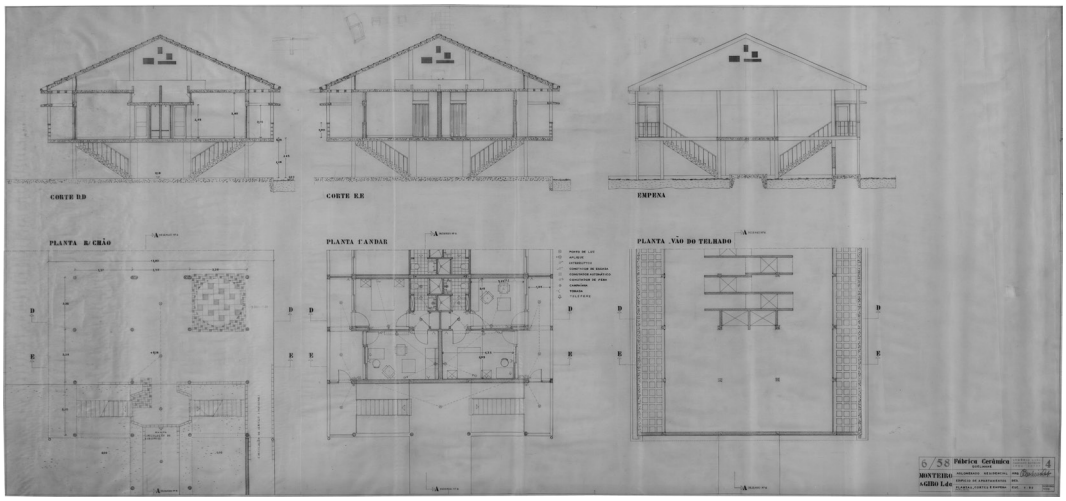
Fábrica Cerâmica. Plantas tipo das habitações.
Anteprojeto, Março de 1958.
Escala 1:100.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, pasta única, doc. 14).



Fábrica Cerâmica

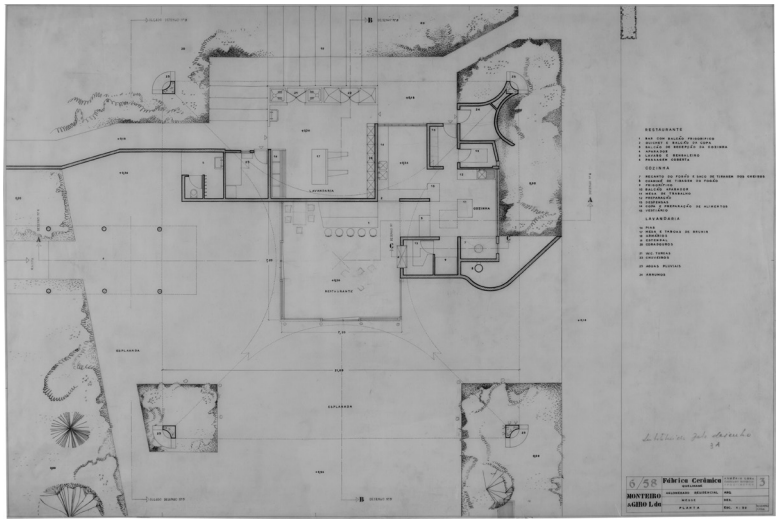
Fábrica Cerâmica. Alçados e corte das habitações.
Anteprojeto, Março de 1958.
Escala 1:100.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, pasta única, doc. 15).





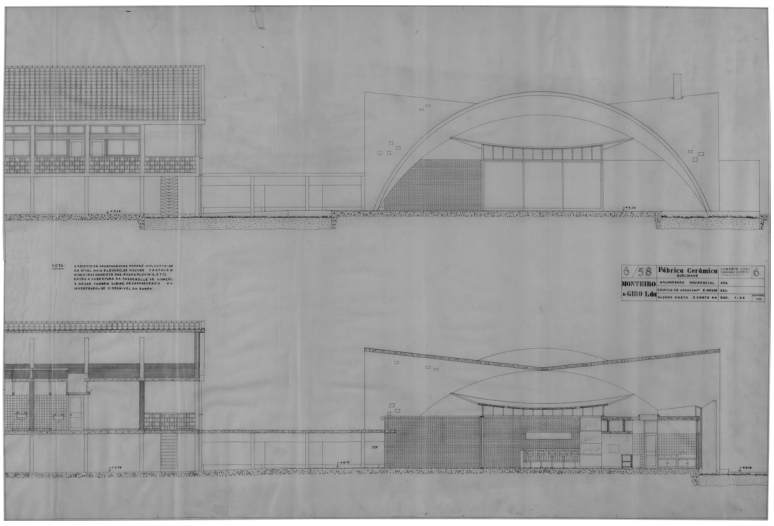
Fábrica Cerâmica

Fábrica Cerâmica. Quelimane. Aglomerado Residencial. Edifício de apartamentos. Plantas, cortes e empena (parciais).
Projeto, Novembro de 1958.
Escala 1:50.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, pasta única, doc. 21).



Fábrica Cerâmica

Fábrica Cerâmica. Quelimane. Aglomerado Residencial. Messe. Planta.
Projeto, Novembro de 1958.
Escala 1:50.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, pasta única, doc. 20).



Fábrica Cerâmica

Fábrica Cerâmica. Quelimane. Aglomerado Residencial. Edifício de apartamentos e messe. Alçado norte e corte AA.
Projeto, Novembro de 1958.
Escala 1:50.
(AT | FAUPCDUA, AL/CB, ARQ/169, pasta única, doc. 23).

Fábrica Cerâmica

Esquerda e direita:
Fábrica.
(EM, 2010 | EWV).

Fábrica Cerâmica

Esquerda e direita:
Aglomerado Residencial visto a eixo
do arruamento principal.
(EM, 2010 | EWV).

Fábrica Cerâmica

Esquerda e direita:
Casas geminadas com seis tramos
estruturais.
(EM, 2010 | EWV).

Fábrica Cerâmica

Esquerda:
Edifício de apartamentos.
(EM, 2009).

Direita:
Edifício de apartamentos e passagem coberta vistos desde o centro do edifício da messe.
(EM, 2009).

Fábrica Cerâmica

Esquerda e direita:
Edifício de apartamentos - escada de acesso ao piso superior em betão moldado.
(EM, 2009).

Fábrica Cerâmica

Esquerda:
Edifício de apartamentos - escadas de acesso ao piso superior.
(EM, 2009).

Direita:
Edifício de apartamentos - grelha cerâmica.
(EM, 2009).

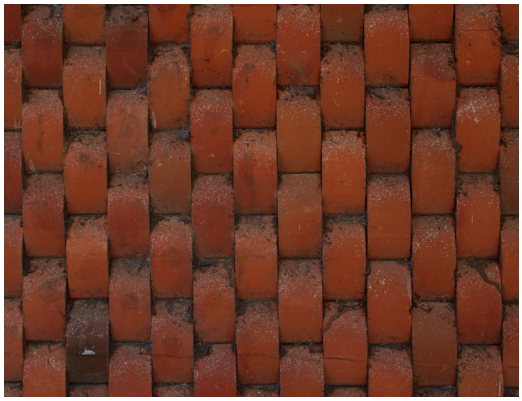
Fábrica Cerâmica

Esquerda e direita:
Edifício de apartamentos - varanda exterior coberta.
(EM, 2009).

Fábrica Cerâmica

Esquerda:
Edifício da messe - pormenor de revestimento cerâmico.
(EM, 2009).

Direita:
Remate da passagem coberta entre os edifícios de apartamentos e da messe.
(EM, 2009).



Fábrica Cerâmica

Esquerda e direita:
Edifício da messe - cobertura abobadada.
(EM, 2009).

Fábrica Cerâmica

Esquerda:
Edifício da messe - caixilharia e cobertura do restaurante.
(EM, 2009).

Direita:
Edifício da messe - muro e chaminés da cozinha.
(EM, 2009).

Fábrica Cerâmica

Esquerda:
Edifício da messe - caixilharia e cobertura do restaurante.
(EM, 2009).

Direita:
Edifício da messe - muro e chaminés da cozinha.
(EM, 2009).

Fábrica Cerâmica

Esquerda:
Edifício da messe - restaurante e cozinha.
(EM, 2009).

Direita:
Edifício da messe - apoio da cobertura abobadada.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira (1957-1966). Largo Manuel António de Sousa - Largo dos Caminhos de Ferro de Moçambique – Rua João Resende. Beira. Moçambique. 19°49'31.42"S, 34°50'16.46"E. Paulo de Melo Sampaio, João Afonso Garizo do Carmo e Francisco José de Castro.

A linha do Caminho de Ferro da Beira (CFMECB), inaugurada em 1898, foi construída pela Beira Railways Company, Limited, companhia subsidiária da British South Africa Company. Em cumprimento da *Lei de Nacionalização de Capital*, de 1943, segundo a qual algumas indústrias estratégicas e os serviços públicos teriam de possuir 60% de capital português,[244] em 1 de Janeiro de 1949 o Porto da Beira foi comprado com verbas inscritas num empréstimo do governo central à antiga província de Moçambique, concedido em 1947.[245] A linha do CFMECB foi adquirida pelo Ministério das Finanças do governo metropolitano em Abril do mesmo ano.[246] A tutela de ambas as infraestruturas foi atribuída à Direção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique (DSPCFTM). Foi

244 Newitt, 1995: 399.

245 "Não cabe esta aquisição e ulterior apetrechamento do Caminho de Ferro dentro do empréstimo de 1 000 000 contos, concedidos à colónia de Moçambique (...) em cujo plano de aplicação não foi considerado, não podendo, assim, adotar-se solução semelhante à da aquisição do porto da Beira, feita por aplicação definitiva de disponibilidades ainda não consignadas daquele empréstimo.
Por isso se usa neste caso fórmula diversa, sendo a aquisição feita diretamente pelo Estado, que se substituirá à companhia concessionária nos seus direitos e obrigações enquanto não for dada forma jurídica definitiva à exploração da linha agora nacionalizada.
A aquisição do referido caminho de ferro, depois do porto da Beira, representa a realização de velhas e patrióticas aspirações, tornada possível pelas disponibilidades financeiras do Estado e pelas reservas, em esterlino, da economia nacional (...)." *Diário do Governo in BGC*, 1949-05: 139.

246 "A Companhia vende ao Estado e transfere-lhe, nos termos deste contrato todos os direitos e interesses das concessões de que ela é titular, feitas pela Companhia de Moçambique, incluindo designadamente a propriedade ou quaisquer outros direitos sobre todos os terrenos, a linha férrea com todas as suas obras, estações e dependências (...).
As concessões de que a Companhia era titular consideram-se terminadas, por efeitos deste contrato, na meia-noite de seis para sete de Abril corrente (...).
Na mesma data, todos os direitos que constituem objeto daquelas concessões revertem para o Estado, assumindo este a posse do Caminho de Ferro (...)." "Contrato de Venda do Caminho de Ferro da Beira", 2 de Abril de 1949, *in BGC*, 1949-05: 133, 134.

este organismo, através do CFMECB, que empreendeu a construção de uma nova estação terminal na cidade.

A Estação Central da Beira localiza-se na margem direita de um braço de mar, o Chiveve, localizado a norte da língua de areia sobre a qual assenta o núcleo inicial da cidade. Situa-se numa área com desenho urbano e ocupação funcional definidos pelo Plano de Urbanização da Cidade da Beira (1943-1951), projeto da autoria do arquiteto José Luís Porto e do engenheiro Joaquim de Oliveira Ribeiro Alegre. O complexo da estação, construído no mesmo local das infraestruturas ferroviárias preexistentes, abre-se para o Largo Manuel António de Sousa, a sudoeste, e para a Rua João Resende, a sudeste, definindo uma fronteira entre as instalações do Porto da Beira, a noroeste, e o tecido urbano envolvente.

O terminal ferroviário da Beira ligava diretamente a cidade e o seu porto marítimo com o *hinterland* africano através de três linhas férreas de penetração no interior: duas destas linhas, com término em Tete e em Salisbúria, atual Harare, na Rodésia do Sul, agora Zimbabué, eram exploradas pela DSPCFTM; a terceira linha, que terminava em Port Herald, na Niassalândia, atual Maláui, pertencia à Trans-Zambézia Railway, companhia privada inglesa nacionalizada em 1967.[247] As articulações destas três linhas férreas com a rede ferroviária da África Central permitiam ligar indiretamente o porto da Beira com a Rodésia do Norte, agora República da Zâmbia, com o Congo Belga, atual República Democrática do Congo, com a Bechuanalândia, hoje Botsuana, com a República da África do Sul e, através do Caminho de Ferro de Benguela, com o porto do Lobito, em Angola.[248]

Enquanto expressão arquitetónica do centro de comando de uma vasta rede ferroviária e portuária o programa geral da nova Estação Central da Beira procurava resolver no mesmo

247 "Como oportunamente se tornou público, foram assinados em Lisboa, a 20 de Março último, três acordos básicos entre os governos do Malawi e de Portugal. (...) Pelo segundo acordo, comprometeu-se o Governo do Malawi a ceder ao Governo Português (...) a propriedade das 150 000 ações que aquele governo possuía da Companhia de Caminho de Ferro da Transzambézia, situado em território de Moçambique." *GCF*, 1967-06-16: 106.

248 "Para se ajuizar do que tem sido o esforço gigantesco do Estado, no caminho de ferro da Beira, e o labor de todos os ferroviários para bem servir não só a economia do distrito de Manica e Sofala cujo território atravessa em toda a largura, mas muito especialmente os países do interior desta parte de África que não tem fronteiras com o mar, como seja o Malavi, a Rodésia, a Zâmbia e o próprio Catanga, na República do Congo, assegurando a saída dos seus produtos para todo o mundo e garantindo-lhes um serviço de transporte e manuseamento seguro e eficiente (...)." *GCF*, 1967-04-16: 55

complexo edificado duas necessidades funcionais complementares: a substituição das precárias e inadequadas instalações ferroviárias existentes, longo anseio da população local, e a concentração num único edifício dos serviços da administração do porto e do CFMECB, até aí dispersos por diversas instalações provisórias.[249] A resolução de condicionantes de ordem económica específicas da cidade, nomeadamente a existência de mão-de-obra em excesso na construção civil - como referido no despacho que acompanha o novo anteprojeto de 1959 -, concorreu igualmente para a justificação do empreendimento de construção do novo edifício.[250]

O primeiro projeto para a Estação Central da Beira foi realizado na década de 30 por iniciativa da Beira Railways.[251] Em 1949, na sequência da aquisição do CFMECB, foi publicamente anunciado o início do projeto para uma nova estação.[252] O desenho de um edifício moderno foi encomendado em 1954 ao arquiteto Manuel Júlio Barbosa e Silva, residente na cidade.[253] Este deverá ser o anteprojeto de 1956 a que se referem os serviços governamentais de Lisboa e que, aprovado Câmara Municipal da Beira, foi objeto de uma informação e parecer pouco favoráveis por parte dos organismos centrais.[254] Por iniciativa da administração do caminho-de-ferro foi solicitado o apoio técnico dos serviços camarários locais para a seleção de um novo projeto para o edifício da estação, tendo sido aberto, em meados de

249 "(...) estando os diferentes serviços da Administração dos Caminhos de Ferro, a funcionar, ou em edifícios alugados, ou em barracões de madeira e zinco dispersos por vários locais, há que agrupá-los num único edifício que evite esta inconveniente dispersão (...). " Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

250 "A grave situação na Beira, em matéria de desemprego na construção civil, poderá ser grandemente atenuada pela realização duma obra de tal grandeza, que muito valorizará a cidade e virá ao encontro de uma necessidade premente dos serviços." (assinatura ilegível) *in Caminho de Ferro da Beira. Ante-projecto da Estação da Beira. Informação e Parecer*. Lisboa, 26 de Setembro de 1959 (CDIIPAD, ref. 06899).

251 "A primitiva estação ferroviária foi desenhada ainda pela Beira Railways, entre 1930 e 1938, tendo ficado nos alicerces, devido ao ambiente internacional, que vaticinava já a Segunda Guerra Mundial." Sopa; Miranda; Fernandes, 2010: 524.

252 "A cidade da Beira vai possuir uma imponente estação de caminhos-de-ferro, em substituição do velho barracão ali existente. Os projetos para esta obra importante estão a ser elaborados por técnicos portugueses." *BGC*, 1949-05: 187.

253 "Posteriormente, em 1954, foi feita nova tentativa, tendo este projeto sido entregue ao arquiteto Barbosa e Silva, pensando-se então construir um *edifício moderno, de vários andares, com uma área de 40 x 50 metros*." Sopa; Miranda; Fernandes, 2010: 524.

254 "Por Ofício 13375 de 3 de Setembro de 1956 foi-nos enviado para informação e parecer um anteprojeto para a Estação da Beira, com a informação do Governo-geral de Moçambique de que a Câmara Municipal da Beira não tinha qualquer objeção a fazer à execução do projeto. Em 14 de Novembro do mesmo ano demos a nossa informação discordando do arranjo geral dado ao anteprojeto e sugerindo algumas soluções de pormenor." (assinatura ilegível) *in Caminho de Ferro da Beira. Ante-projecto da Estação da Beira. Informação e Parecer*. Lisboa, 26 de Setembro de 1959 (CDIIPAD, ref. 06899).

1957, um concurso público para a definição da expressão exterior do novo edifício.[255] Este concurso teve um único concorrente, o arquiteto Paulo de Melo Sampaio.[256] Por iniciativa e sob a coordenação do arquiteto Bernardino Ramalhete, da Câmara Municipal da Beira, foi então constituída uma equipa para a elaboração do anteprojeto da estação, composta por três dos quatro arquitetos residentes na cidade: João Garizo do Carmo, Francisco José de Castro e Paulo de Melo Sampaio.[257] Após a assinatura do contrato, em 16 de Fevereiro de 1959, a equipa de arquitetos entregou um anteprojeto com desenhos datados de 18 de Abril do mesmo ano, sugerindo treze possíveis soluções arquitetónicas para o conjunto - e dando clara preferência à última das propostas. O estudo, que obtém a concordância do caminho-de-ferro provincial,[258] recebe em Setembro de 1959 o parecer favorável dos serviços governamentais em Lisboa – embora com reparos de pormenor, entre os quais os

255 "Em 22 de Setembro de 1957 foi aberto o concurso de arquitetura para a edificação da *Estação Central do Caminho-de-Ferro da Beira*, constando da execução dos desenhos dos alçados principal, lateral e perspetiva conjunta (...)." SOPA; MIRANDA; FERNANDES, 2010: 524-525.

256 "Foi nomeada uma comissão, composta pelos funcionários Srs. Eng.º Albano de Sousa Dias, Eng.º Brandão da Graça e Eng.º Nogueira Leite, tendo o Sr. Joaquim Guilherme Tavares como Secretário, para proceder à abertura e apreciação das propostas com os desenhos dos alçados principal e lateral e perspetiva do edifício da Estação Central da Beira que o Caminho de Ferro da Beira vai erigir e que ficará sendo uma das mais grandiosas e notáveis construções da cidade." *Notícias*, 1957-11-08: 5

257 RAMALHETE, 2011-12-29.

258 "O Serviço de Via e Obras do Caminho de Ferro da Beira, no seu parecer prefere a solução nº 4 ou a nº 6 (...) que, segundo dizem, dariam maior grandiosidade ao conjunto, mas termina o seu parecer com as seguintes palavras: 'É incontestável que o anteprojeto agora apresentado possui relevantes vantagens funcionais e económicas relativamente ao projeto já aprovado superiormente. Está racionalmente concebido, satisfazendo plenamente as necessidades dos diferentes serviços durante um longo período de tempo e dando satisfatórias condições de habitabilidade aos seus ocupantes.'

(...) O arquiteto da Divisão de Estudos e Melhoramentos apreciando a solução adotada, informa: *Respeitando as bases dum programa relativamente vasto e integrando-se dentro de um sector urbanístico restrito e pouco favorável, o anteprojeto que se apresenta, salvo um ou outro pormenor solucionado por forma menos feliz, encontra-se em condições aceitáveis, por localizar bem os edifícios, os cais e respetivos acessos, aproveitando o espaço e orientando-os segundo uma posição bem escolhida para o controle e correção dos efeitos climáticos, certamente com o objetivo de amenizar nos interiores, as condições de habitabilidade dos seus utentes. Sugere o emprego de novos métodos aplicados à construção, de que resultou a solução plástica de um conjunto arquitetónico moderno, grandioso, sóbrio e de conceção arrojada, como pode observar-se nos seus elementos, expresso em diagramas, mapas, esquemas e fórmulas, evidenciando um trabalho de investigação, que é de elementar justiça reconhecer.*

(...) O Engenheiro Chefe da Brigada da Divisão de Estudos e Melhoramentos (...) dá o seu parecer nos seguintes termos: *Que o anteprojeto é de aceitar, pois representa uma solução bem estudada, apenas com pequenos reparos facilmente remediáveis. É um edifício com grandeza e grandiosidade condigna com as funções de uma estação central de caminhos de ferro, nomeadamente uma estação términus, de um caminho de ferro, onde se pode prever para futuro certo aumento de tráfego em passageiros, chegados de país estrangeiro, ou a embarcar para lá. Daí, o não poder pensar rigorosamente na solução mais económica; representa uma solução técnica que dentro da exiguidade do espaço, permite não só uma boa disposição de serviços, como o alargamento da gare em necessidades futuras.*" (assinatura ilegível) *in Caminho de Ferro da Beira. Ante-projecto da Estação da Beira. Informação e Parecer*. Lisboa, 26 de Setembro de 1959 (CDIIPAD, ref. 06899).

relativos à nudez do revestimento do volume dos ascensores -,[259] assim como a autorização para a execução do projeto definitivo e posterior lançamento do concurso de construção.[260] A aprovação por despacho ministerial foi dada no dia 9 do mês seguinte,[261] e o projeto para obra, com desenhos datados de 1 de Abril de 1960, foi aprovado pelos serviços do Ministério das Finanças em Junho de 1961.[262] Os cálculos de estabilidade foram realizados pelo engenheiro Marcelo H. Moreno Ferreira, enquanto o acompanhamento da obra, nele incluindo o desenvolvimento do projeto em desenhos de pormenor, foi da responsabilidade do arquiteto Paulo de Melo Sampaio.[263]

O concurso para a arrematação da empreitada para a construção do Edifício da Estação Central do Caminho de Ferro da Beira foi lançado em Março de 1961,[264] e a abertura das propostas das empresas concorrentes realizou-se em Outubro do mesmo ano.[265] Em meados de 1962 foi anunciada a adjudicação da obra à Empresa de Transportes Indústria e Construções, Lda.,[266] tendo o contrato de construção sido assinado em Fevereiro de 1963,

259 "Por nossa parte limitamo-nos a chamar a atenção para:
- a parte do corpo do edifício principal que forma a caixa dos ascensores ao qual conviria tirar-lhe a nudez que apresenta em toda a sua altura (...)." (assinatura ilegível) *in Caminho de Ferro da Beira. Ante-projecto da Estação da Beira. Informação e Parecer.* Lisboa, 26 de Setembro de 1959 (CDIIPAD, ref. 06899).

260 "- Parecer
- que se aprove o anteprojeto apresentado;
- que se autorize a elaboração do projeto definitivo (...);
- que, independentemente da aprovação do projeto definitivo, se autorize a abertura do concurso, porquanto qualquer modificação a introduzir naquele não vai afetar grandemente o resultado do concurso (...)." (assinatura ilegível) *in Caminho de Ferro da Beira. Ante-projecto da Estação da Beira. Informação e Parecer.* Lisboa, 26 de Setembro de 1959 (CDIIPAD, ref. 06899).

261 *Notícias*, 1959-10-15: 1.

262 "Aprovado o anteprojeto (...) foi agora recebido o *Projecto definitivo* para aprovação de S. Exa. o Ministro das Finanças.
Examinado todo o processo nos seus elementos desenhados e escritos, entendemos estar em condições de servir de base ao concurso para a empreitada de construção." (assinatura ilegível) *in Caminho de Ferro da Beira. Projecto e Programa de Concurso, Caderno de Encargos e Memória Descritiva e Justificativa para a construção da Estação da Beira. Informação e Parecer.* Lisboa, 17 de Junho de 1961 (CDIIPAD, ref. 06899).

263 "O feliz projecto deste edifício foi entregue por concurso a um grupo de três arquitectos da cidade da Beira, dos quais me cabe destacar o Senhor Arquiteto Paulo de Melo Sampaio pela parte activa e dedicada com que acompanhou toda a elaboração do projecto e sua construção." Eng.° Fernando Seixas (Director dos Serviços de Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique) *in BPCFTM*, 1966-10: 19-26.

264 *DM*, 1961-03-04: 6.

265 "Realizou-se este mês a abertura das propostas relativas ao concurso da empreitada da Estação Central da Beira.
Já é do conhecimento público a *maquete* do sumptuoso edifício, e bem assim a urbanização duma vasta zona à sua volta.
A esta importante obra concorreram nove construtores, importando a proposta mais baixa em cerca de 60 milhões de escudos, e os prazos de construção calculados em oitocentos dias." *BPCFTM*, 1961-10: 28.

266 "O governador do distrito de Manica e Sofala anunciou oficialmente que fora aprovada a adjudicação, por 50 000 000$00, da construção da estação de caminho de ferro da Beira." *BGU*, 1962-08/09: 258.

enquanto decorriam já os trabalhos preparatórios de cravação das fundações do edifício.[267] A edificação iniciou-se pela área nordeste do complexo: as infraestruturas da zona do cais ficaram concluídas em 31 de Dezembro de 1963,[268] tendo imediatamente entrado em funcionamento a nova estação com todos os seus serviços.[269] Em Abril de 1964 o esqueleto estrutural do bloco da administração estava erguido, e em Agosto do mesmo ano o corpo do átrio albergou uma exposição destinada a assinalar a visita do Presidente da República. Em Outubro de 1965, com o edifício em fase de acabamentos – executados pela Empresa de Construções Civis e Industriais, Lda. após a empreitada de construção ter sido trespassada pela adjudicatária inicial -, foi noticiada a entrega da obra ao cliente e,[270] em Janeiro de 1966, a sua efetiva conclusão.[271] A cerimónia de inauguração da Estação Central da Beira teve lugar no dia 1 de Outubro de 1966, na presença do governador-geral da antiga província,[272] inserida num programa comemorativo que incluiu também a abertura de outros empreendimentos do caminho-de-ferro: a Gare de Mercadorias da Munhava, na periferia da Beira, 155 casas para trabalhadores do caminho-de-ferro na Manga, Dondo, Gondola, Vila Pery, Vila Machado, Vila de Manica e Machipanda, e a nova estação ferroviária de Vila Pery, projeto igualmente desenhado por Paulo de Melo Sampaio.

Aquando da minha última visita à Estação Central da Beira, em Junho de 2010, o complexo, atualmente propriedade dos CFM, continuava a desempenhar as suas funções originais - apesar do reduzido movimento ferroviário, do encerramento das bilheteiras, lojas e núcleo

267 "Foi neste mês assinado o contrato para a construção da nova Estação Central dos Caminhos de Ferro na Beira.
Os trabalhos já haviam sido iniciados com desaterros, cravação de estacas em que o edifício assentará, etc., e despertara naturalmente a curiosidade da população da Beira, que vê concretizar-se uma antiga aspiração." *BPCFTM*, 1963-02: 11.

268 "O velho barracão que durante meio século se classificou pomposamente de estação do caminho de ferro da Beira, foi imediatamente demolido (...).
Embora o edifício de 8 pisos esteja neste momento ainda em conclusão, a verdade é que (...) passámos do sonho à realidade (...)." *BPCFTM*, 1964-01: 17.

269 "Foi aberto à exploração o edifício do cais da nova estação da Beira, passando todo o serviço de passageiros, de mercadorias de grande velocidade, os serviços de alfândega e o serviço do comando dos comboios a funcionar nas novas instalações." *BGU*, 1964-01/02: 144-145.

270 *BGU*, 1965-10: 167.

271 *BPCFTM*, 1966-01: 13-14.

272 "O Governador Geral de Moçambique, general Costa Almeida, acompanhado do Secretário provincial da Educação, dr. Francisco Maria Martins, deslocou-se no dia 1 do corrente à Beira a fim de presidir à inauguração da nova estação de Caminhos de Ferro da Beira, considerada a mais imponente de todo o território nacional." *GCF*, 1966-10-01: 269.

da tabacaria e telefones do átrio, e da instalação no bloco da administração de diversas empresas privadas e organismos da administração pública. O conjunto edificado permanecia, nessa altura, num razoável estado de conservação. Necessitava, no entanto, de um sistemático levantamento de patologias construtivas e de uma atuação de restauro planificada que evitasse a sua contínua deterioração, notoriamente visível na fissuração exterior do volume em consola do restaurante, na descolagem pontual dos mosaicos de vidro dos revestimento externos, na corrosão das ferragens de articulação e suporte dos *brise-soleil* de fibrocimento da fachada sudoeste do corpo da administração e da fachada noroeste do volume do restaurante, ou na degradação das armaduras de iluminação embutidas na face inferior das palas dos alpendres das plataformas de embarque.

A implantação proposta no Plano de Urbanização da Cidade da Beira para o edifício da estação tinha a forma de um "U": a frente principal faceava o Largo Manuel António de Sousa, nó de articulação de duas malhas urbanas de diferentes orientações, e o espaço interior do "U" rematava o canal ferroviário.[273] O projeto da equipa de arquitetos mantém a orientação do edifício aos pontos cardeais colaterais mas recua o corpo principal em relação ao Largo Manuel António de Sousa, abrindo uma vasta praça fronteira à estação. A forma geral da nova mancha de implantação perde a simetria do "U" inicial em favor de uma disposição assimétrica em "L" dos volumes construídos, definindo duas frentes urbanas ao longo do atual Largo dos Caminhos de Ferro de Moçambique, a sudoeste, e da Rua João Resende, a sudeste. Esta implantação veio permitir a continuidade visual entre a zona do cais, a nordeste, e as instalações portuárias, a noroeste.

273 Para desenho do plano consultar BRUSCHI; LAGE, 2005: 41.

A complexa organização volumétrica da Estação Central da Beira,[274] ortodoxamente regida pelo princípio de que a *forma segue a função*, resultou da subdivisão das duas zonas funcionais primárias requeridas pelo programa geral - zona da estação e zona da administração -, em três áreas de carácter funcional distinto: corpo do átrio, corpo da administração e zona do cais. A atribuição a cada um dos três arquitetos da equipa de projetistas de uma área de intervenção autónoma, com a escolha decidida por sorteio,[275] reflete esta estruturação tripartida do programa: o corpo do átrio será assim desenhado por Francisco José de Castro, a zona dos cais por João Garizo do Carmo e o corpo da administração por Paulo de Melo Sampaio. A estas zonas funcionais internas correspondem no exterior diversos sólidos geométricos autónomos, ordenados segundo uma matriz compositiva assimétrica assente no equilíbrio dos diversos volumes e da sua respetiva expressão formal, articulados por espaços de transição claramente definidos.

O corpo do átrio é constituído por um volume parabólico com 55,40m x 25,40m, coberto por uma membrana abobadada de topos parcialmente envidraçados, implantado sobre o eixo longitudinal do Largo dos Caminhos de Ferro de Moçambique. A membrana curva de betão, suportada por sete arcos parabólicos invertidos, pousa na frente sudeste numa base retangular revestida exteriormente com um mural contínuo de mosaico de vidro policromo, e na frente noroeste num prisma retangular suspenso em consola, envidraçado e protegido por sombreadores verticais em todo o comprimento do alçado maior. Ambos os prismas são intersectados pelos arcos parabólicos da estrutura e unificados por uma laje horizontal de betão que, suspensa por tirantes de aço dos arcos estruturais, forma um alpendre profundo

274 "Diversas hipóteses volumétricas e funcionais foram estudadas. Optou-se pela solução de agrupar o conjunto das instalações segundo zonas de carácter igual, ou seja, com funções bem caracterizadas de modo a não haver proximidade de funções distintas.
Assim, dum lado ficaram todos os compartimentos ou serviços dependentes do público-passageiros.
Doutro lado todos os serviços dependentes do comando do cais e comboios.
Doutro, os serviços dependentes da administração, cada um dos quais ocupa um ou dois andares, mas sempre em pisos distintos.
Dentro deste princípio, resultou a solução expressa no desenho anexo, onde se verifica que há três corpos com carácter independente, que correspondem a cada uma das funções específicas que desempenham: Corpo do Átrio, Zona dos Cais e Corpo da Administração." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

275 Castro, 2009-11-06.

em toda a extensão da entrada principal.

O corpo da administração está contido no interior de um prisma retangular com 78,40m x 16,50m e oito pisos de altura, pano de fundo assimétrico do largo fronteiro, e está separado do corpo do átrio por um espaço intercalar coberto por uma laje plana de betão rebaixada em relação ao alpendre da entrada. Este corpo, com o rés-do-chão predominantemente vazado e assente em pilotis retangulares, suspenso em consola nas empenas noroeste e sudeste e ao longo de toda a frente sudoeste, é formado pela sobreposição de oito prismas retangulares menores, correspondendo aos sete pisos superiores e à platibanda da cobertura. Estes volumes são intercalados por vazios encerrados por caixilharias recuadas em relação aos planos das fachadas e atravessados por vigas transversais de topos salientes, destacadas pela cor vermelha e textura lisa do reboco do revestimento. Os alçados maiores dos sete prismas têm caixilharias recuadas, extensas *fenêtres en longueur* contínuas que, no alçado principal, são protegidas por *brise-soleil* verticais. No alçado posterior as *fenêtres en longueur* são horizontalmente intercaladas por nembos de alvenaria e por palas rebocadas para proteção solar; verticalmente são interrompidas por pilastras revestidas a mosaico de vidro. Estas, por sua vez, são pontualmente intersectadas pelos topos salientes das vigas rebocadas e pintadas. Os dois alçados de topo e o primeiro tramo do lado noroeste do alçado posterior dos seis prismas inferiores são encerrados e revestidos a mosaico de vidro, assim como a totalidade do prisma superior que remata o edifício formando a platibanda da cobertura. Um volume retangular contendo os ascensores e as escadas principais assinala nas duas fachadas maiores as comunicações verticais do edifício: no alçado principal constitui um volume saliente de maior altimetria, implantado assimetricamente entre o corpo da administração e o corpo do átrio, revestido com um mural de padrões geométricos executado com mosaicos de vidro policromo; no alçado posterior assume a forma de um pano vertical de caixilharia que interrompe, a toda a altura da fachada, a horizontalidade das *fenêtres en longueur*, dos nembos intercalares e das palas de proteção solar.

A zona do cais articula-se com o corpo da administração através de uma laje rebaixada

de betão suportada por uma estrutura independente de *pilotis*, redondos do lado da administração e retangulares do lado dos cais. Sob esta cobertura, ou no seu limite, terminam as linhas de partida e chegada da gare, rematadas por dois pátios / espelhos de água,[276] pelas plataformas dos cais e pelos alpendres que as cobrem - estes últimos constituídos por coberturas *em borboleta* assentes em pilares centrais de perfil oblíquo.[277] O edifício de comando do cais, que separa a gare da Rua João Resende, é formado por uma sequência de vinte e sete módulos, cada um dos quais com 5m de comprimento por 10m de profundidade, com os seus limites intercalares definidos por pilares encastrados revestidos a mosaico de vidro e por vigas rebocadas de topos salientes. Estes módulos são cobertos por lajes inferiores planas e abobadilhas superiores em arco de escarção – com exceção do primeiro tramo a sudoeste que mergulha debaixo da laje de transição entre o corpo do cais e o volume da administração -, que se projetam em consola sobre a Rua João Resende definindo um coberto pouco profundo junto à fachada sudeste do edifício de comando do cais. A horizontalidade dos alçados maiores desta construção, verticalmente ritmada pela sucessão de pilastras, vigas e abobadilhas, é assegurada pela subdivisão dos panos de parede de cada módulo numa sequência de faixas horizontais com diferentes materiais de revestimento e encerramento: embasamento de pedra irregular, vencendo a diferença de cotas entre o passeio e as plataformas dos cais na frente à Rua João Resende; lambrim de mosaico de vidro a toda a altura das portas e dos portões; alvenaria rebocada e pintada desde as padieiras das portas e dos portões até à soleira dos lanternins, encerrados com lâminas horizontais de vidro; e reboco pintado nos topos das lajes planas das coberturas inferiores.

276 "No topo das linhas existe um pequeno pátio decorativo que dará uma nota de frescura ao conjunto e protegerá a zona do átrio do fumo dos comboios." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

277 "A gare será constituída por três cais, dos quais dois têm uma largura de 7,5m e o terceiro de 8,5m. Entre estes cais ficam 5 linhas que constituirão os feixes de entrada e saída. O feixe de entrada tem 3 linhas afastadas de 4,5m, funcionando a linha central como linha de fuga; o feixe de saída terá apenas 2 linhas com igual afastamento.
O comprimento dos 3 cais será de 460,0 metros, sendo cobertos numa extensão de 260 metros.
Previu-se uma passagem subterrânea para ligar os 3 cais, afim de os passageiros poderem passar de uns para os outros (...)." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

Ao longo do processo de desenho da Estação Central da Beira utilizaram-se metodologias científicas de projeto para otimizar a organização funcional das três distintas zonas que compõem o complexo portuário e ferroviário.[278] Este é rodeado por uma vasta zona exterior de apoio que compreende o fronteiro Largo dos Caminhos de Ferro e a lateral Rua João Resende, rótulas de distribuição dos movimentos de acesso ao porto da Beira e às várias zonas do conjunto. No projeto definitivo os espaços urbanos envolventes foram objeto de uma proposta de estruturação dos diferentes movimentos de acesso:[279] separaram-se em artérias distintas as circulações de veículos motorizados, de velocípedes e de peões, distribuíram-se as áreas de estacionamento por zonas de funcionários e de público, e definiram-se os espaços de paragem dos autocarros e de estacionamento dos táxis.

278 "Sob o aspeto funcional, divide-se o edifício em três sectores de carácter mais ou menos independente e que corresponde a cada uma das funções que desempenham. Assim, temos: o Corpo do Átrio que, com a zona do Cais, forma a Estação propriamente dita, o Corpo da Administração e a Zona Exterior.
No Corpo do Átrio, (...), temos as zonas para o público, turismo, informações e lojas e ainda bar-restaurante e sanitários.
Na Zona do Cais temos os serviços de utilidade pública, como a Alfândega, Polícia, Posto de Socorros, Arrecadação de Malas, Sanitários Públicos, os Serviços do Comando do Cais com a Estação, Telégrafo, Chegada e Expedição de Mercadorias de grande velocidade, etc., Serviços Internos como Comunicações e Salas de Espera e Sanitários e Ainda a Gare constituída por três cais cobertos de 250 metros de extensão.
No Corpo da Administração, (...), encontram-se distribuídos pelos seus oito pisos, a Direção de Exploração do Porto e Caminho de Ferro da Beira, a Administração da própria estação, o Serviço de Movimento, o Serviço de Contabilidade, Fiscalização e Tesouraria, o Serviço de Via e Obras, a Secção de Saúde e as Brigadas.
Na zona exterior temos os acessos e os parques de estacionamento." *BPCFTM*, 1966-10: 22.

279 "Como o largo fronteiro, Manuel António de Sousa, é igualmente de sentido único, o acesso principal à estação faz-se pela esquerda, ao longo do limite da zona do porto.
Este acesso compreende uma faixa de rodagem para três veículos, com estacionamento lateral, uma faixa para ciclistas e um passeio para peões. Fica ligado com o parque de estacionamento do público que ocupa a zona central, fronteira à estação. O mesmo acesso fica ligado com o parque de estacionamento privativo dos funcionários que fica entre o arruamento de entrada e o limite vedado da zona do porto, afim de permitir ligação direta com a entrada principal da administração.
O arruamento de entrada prolonga-se em frente, por debaixo do edifício, para dar acesso à zona do porto (...).
O arruamento de entrada dá acesso à zona de paragem dos autocarros públicos que fica logo a seguir à zona do parque de estacionamento.
(...) Afim de não sobrecarregar o tráfego da estação e do Largo M. A. de Sousa, o tráfego pesado ou o que se destina a mercadorias, faz-se em movimento circulatório, entre as ruas Trás-os-Montes, Guilherme de Arriaga e João Resende, sendo vedado o acesso à praça privativa da estação, salvo para os carros ligeiros. Esta solução permite que os peões, saindo da estação, não tenham de atravessar um arruamento de grande circulação.
O arruamento da saída tem na mesma uma faixa para os ciclistas, permitindo-se a separação de tráfegos diferentes, evitando-se deste modo os atritos e as confusões habituais.
(...) Os táxis estacionam na Rua João Resende, junto da estação.
Como a cota dos cais da estação está acima do nível dos arruamentos, há necessidade de criarem-se rampas de acesso para vencer parte do desnível." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva.* Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

A disposição dos diversos volumes exteriores e dos elementos de transição entre eles, em conjunto com a resolução do programa em zonas funcionais delimitadas e das circulações dos funcionários e do público em espaços bem caracterizados, estruturaram primariamente o desenho interior do piso térreo do conjunto ferroviário.[280] Embora exista uma total continuidade espacial ao nível do rés-do-chão entre o átrio do público, o corpo da administração e a zona do cais, a autonomia de cada um dos volumes principais é percecionada pela separação física entre eles, articulação resolvida em dois momentos de transição, duas faixas espaciais com 10m de largura e 3,75m de pé-direito.

O acesso principal do público, antecedido por duas rampas simétricas e coberto por um alpendre formado por uma laje horizontal suspensa por tirantes de aço desde os dois primeiros arcos estruturais, faz-se pelas portas dispostas a toda o comprimento da base do alçado envidraçado do átrio do público. Este espaço central de distribuição tem a forma de uma nave abobadada com cerca de 45m de vão, ladeada por duas fiadas de compartimentos envidraçados com coberturas autónomas, acima das quais se inicia a abóbada de betão. Os compartimentos envidraçados contêm, a sudeste, os espaços comerciais do cabeleireiro, barbeiro, agência de viagens e agência de excursões e safaris, e a noroeste, servidos por uma galeria sobrelevada 1,20m em relação à cota do rés-do-chão, a sala de espera de 1ª classe, o bar, a sala do restaurante (com um segundo acesso direto desde o exterior), a copa e a cozinha (também com acesso de serviço direto desde o exterior). Estes últimos espaços sobrepõem-se às instalações sanitárias do público, colocadas no piso inferior com acesso por escadas interiores próprias. Num quiosque descoberto com 10m de frente, implantado descentralizadamente no átrio do público sob a nave abobadada, dispõem-se a tabacaria, o

280 "A entrada é mais larga por ser a mais confusa, ficando do lado esquerdo para estar em correspondência com as linhas de partida. A saída é mais estreita por ser mais rápido o escoamento dos passageiros, uma vez que podem sair lateralmente pela Rua João Resende." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Director dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

expositor de horários, o relógio e os telefones públicos.[281]

O átrio do público está separado do átrio de passagem sob o corpo da administração pelo teto plano mais baixo de um primeiro espaço de transição. Este é definido por uma laje plana de betão que está apoiada em *pilotis* redondos e suspensa por tirantes de aço embebidos no desenho da grande caixilharia que encerra o topo nordeste do átrio. O teto deste espaço intercalar abre-se num rasgo quadrado para iluminação e ventilação sobre um espelho de água, também quadrado, no qual pousa uma escultura isolada.

Sob o corpo da administração o pé-direito sobe para 5m, abrindo-se entre o teto deste corpo e a laje do espaço de transição um rasgo horizontal de iluminação e ventilação encerrado por persianas de vidro. Tangente a este espaço dispõe-se um percurso com 3,00m de largura coincidente com a projeção no piso térreo dos corredores dos pisos superiores. Este eixo transversal liga entre si a entrada e o átrio da administração, no piso térreo do volume das escadas e ascensores, com a saída lateral do público para a Rua João Resende, efetuada através de uma rampa que ladeia um segundo pátio / espelho de água exterior. O átrio de passagem, que se encontra sob o corpo da administração, constitui um espaço ritmicamente cadenciado pelos *pilotis* retangulares, revestidos a mosaico cerâmico, que suportam vigas rebocadas. Este átrio é ladeado a noroeste pelas bilheteiras e salas do chefe da estação, a sudeste pela antiga agência da Rodhesia Railways e compartimentos do posto de socorros e a nordeste pela caixilharia envidraçada que o separa da zona do cais.[282]

Os acessos principais aos pisos superiores do corpo da administração realizam-se des-

281 "A separar as duas correntes, fica no meio a zona de Informações, Turismo, C.T.T., Cabines Telefónicas, assim como os Horários dos Comboios e um pequeno Pátio decorativo que separa o corpo do Átrio do Corpo da Administração, permitindo ventilação e iluminação de ambos os corpos." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva.* Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

282 "No rés-do-chão fica situado o gabinete do Chefe da Estação que possui uma Sala de Espera privativa. A sua localização obedeceu ao princípio de ter um contacto direto com o público e igualmente com a recebedoria central do cais, com os átrios, com as bilheteiras e com os cais. Por intermédio de uma pequena escada em caracol o Chefe da Estação tem acesso a um piso intermédio, onde se situa a Contabilidade da Estação e o respetivo Arquivo.
(...) No rés-do-chão ficam também localizadas as Bilheteiras e a Recebedoria Central dos Cais, que possuem um sistema de baias de modo a não prejudicar o acesso ao átrio de passagem." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva.* Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

de o átrio do público e do átrio da administração pelas escadas e elevadores contidos no volume transversal que o intersecta.[283] Os acessos de serviço realizam-se por um átrio secundário (área que nos pisos superiores contém as instalações sanitárias e arrecadação de apoio para além das escadas e elevadores de serviço), localizado no volume que remata no rés-do-chão o topo noroeste do edifício.[284] Uma galeria envidraçada com 3,00m de largura, disposta ao longo da fachada sudoeste, une em cada piso os acessos verticais e as instalações sanitárias e distribui para os diversos espaços de trabalho. No projeto previa-se que a compartimentação do corpo da administração fosse realizada com divisórias metálicas estandardizadas que possibilitassem múltiplas configurações espaciais.[285] Estas zonas constituiriam assim vastas superfícies em *plan libre*, flexibilidade organizativa permitida pela autonomia da estrutura de suporte em relação aos elementos de encerramento e compartimentação. Os serviços relativos à gestão do caminho-de-ferro e do porto da Beira ocuparam as áreas úteis - cerca de 715m^2 por piso - dos sete pisos superiores do edifício da administração: Serviço do Movimento nos pisos 2 e 3, Direção de Exploração do Porto e Caminho de Ferro da Beira no piso 4, Serviço de Contabilidade, Fiscalização e Tesouraria nos pisos 5

283 "No canto norte do rés-do-chão no átrio do edifício da administração, foi localizada a entrada principal dos Serviços Administrativos. O acesso exterior a esse átrio faz-se debaixo do corpo do edifício, sendo portanto devidamente abrigado.
(...) A escada principal foi calculada na base de 420 utilizadores em caso de paralisação dos elevadores ou falta de energia elétrica. Conforme os regulamentos alemães, há necessidade de 0,7m de largura de escada por cada 100 pessoas (de 100 a 500) e de 0,5m para 100 pessoas (>500). Logo, teremos no caso de se prever o valor de 420 pessoas, uma largura de 2,94m. Daí a necessidade de se utilizar a largura mínima coletiva, que segundo os regulamentos alemães, é de 1,20m espaço que permite um fácil cruzamento de duas pessoas.
No caso de se calcular a escada para 600 pessoas (excesso pessimista) haverá necessidade de uma largura de 3,00 metros, dimensão que se considerou para esta escada principal." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva.* Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

284 "O outro acesso vertical do edifício localiza-se no átrio de serviço, colocado no topo noroeste. Compreende um compartimento para os guardas, uma escada, um monta-cargas e um depósito de lixo que recebe o lixo dos diversos andares por meio duma chaminé. Nesse átrio fica também a chaminé de canalizações do edifício, assim como os quadros gerais de eletricidade.
(...) Quanto à escada de serviço, serve cerca de 60 serventes que estão nos diversos pisos superiores, mais 40 serventes exteriores, ou seja um total de 100 pessoas." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva.* Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

285 "Esta solução tem ainda a vantagem de não comprometer uma possível futura remodelação das instalações, permitindo que as divisórias dos diversos locais de trabalho sejam mudadas conforme as necessidades de serviço." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva.* Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

e 6, Serviço de Via e Obras no piso 7 e Secção de Saúde no piso 8.

O acesso à zona do cais desde o átrio de passagem faz-se, no piso térreo, sob um segundo espaço de transição constituído por uma laje plana de betão sob a qual termina o edifício de comando do cais. No interior deste edifício, compartimentado segundo módulos inteiros, múltiplos e submúltiplos da unidade volumétrica e estrutural exterior, concentram-se os setores funcionais em que se subdividem os serviços ferroviários da estação. Abrindo para a contígua plataforma coberta encontram-se os serviços de utilidade pública - alfândega, polícia, posto de socorros, arrecadação de malas e sanitários públicos -, os serviços de comando do cais - subchefe da estação, telégrafo, fatores, condutores, revisores, farolaria, chegada e expedição de mercadorias de grande velocidade, arranjo de camas e secção telegráfica -, os serviços internos - central telefónica, linhas telegráficas e telefónicas, relojoeiro e transformadores - e, rematando o topo nordeste do edifício, a sala de espera de terceira classe e respetivas instalações sanitárias de apoio.

Na edificação do complexo da Estação Central da Beira foram utilizados sistemas construtivos industriais e materiais estandardizados. Devido à natureza instável dos terrenos da cidade o edifício foi fundado sobre estacas cravadas nos fundos lodosos.[286] A construção de todos os pavimentos térreos interiores e exteriores foi prevista em lajes de betão com diferentes espessuras e revestimentos.[287] A estrutura de suporte do complexo foi erguida com pilares, vigas e arcos construídos em betão armado, e lajes planas e curvas construídas em

286 "Os impulsos dos enormes arcos parabólicos são suportados por tirantes em betão pré-esforçado, enterrados na camada arenosa de 2m de aterro, sobre estacas cravadas." Esteves; Tavares: 204

287 "O pavimento geral do átrio será formado por uma laje de 0,10m de espessura (...), armada com uma malha quadrada (...). Esta laje assentará numa camada de areia de 0,20m.
Todos os pavimentos do rés-do-chão, incluindo-se os dos cais cobertos e descobertos e das rampas serão também em betão ligeiramente armado, idêntico, com a laje igualmente assente numa camada de areia.
Os pavimentos dos passeios serão em betão simples (...), constituindo uma laje com 0,15m de espessura, que assentará sobre uma base de areia.
Os arruamentos e o pavimento do largo fronteiro da estação, incluindo-se as placas de estacionamento serão em betão armado, mas considera-se também a alternativa em betão betuminoso para o recinto do largo fronteiro até ao Largo M. A. Sousa. A laje de betão armado, com 0,10m de espessura, ficará sobre uma camada de brita com 0,15m." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

betão maciço ou em elementos vazados *Rosacometa*.[288] A abóbada de cobertura do corpo do átrio é formada por uma laje curva com 0,18m de espessura, suportada por sete arcos parabólicos invertidos de betão com 1,00m de dimensão transversal, que vencem um vão de 53,40m ao nível do solo, os seus eixos espaçados 5m entre si.[289] A pala que cobre a entrada deste espaço está suspensa por tirantes metálicos dos arcos parabólicos, à vista na frente sudoeste e embebidos nos perfis da caixilharia do lado nordeste. A toda a altura dos oito pisos do corpo da administração, com 78,4m de comprimento sem juntas de dilatação, a estrutura é composta por 15 pórticos de pilares e vigas aparentes, com 5m x 12m entre eixos – com exceção do tramo dos ascensores e escadas principais que tem 8m x 12m entre eixos. As vigas e as lajes de piso e de cobertura avançam 3,5m em consola na fachada sudoeste e 1,5m nos topos sudeste e noroeste. Na zona do cais a estrutura do edifício de comando é constituído por pórticos de pilares e vigas de betão formando módulos com 5m x 10m, cobertos por lajes planas a que se sobrepõem abobadilhas de betão, enquanto os pilares centrais dos alpendres dos três cais, distanciados 5m uns dos outros, apoiam vigas triangulares que suportam lajes oblíquas de betão aparente.

Nos elementos de encerramento e compartimentação dos espaços, assim como no revestimento das superfícies e nos equipamentos utilizados, recorreu-se predominantemente a componentes de produção industrial, a maioria dos quais fabricados pela indústria local. Os paramentos exteriores e as compartimentações interiores foram realizados com fiadas simples ou duplas de tijolo vazado, não tendo sido concretizada a prevista utilização de

288 "No Corpo do Público, são constituídos por elementos vazados rosacometa, com a altura de 18 centímetros, as lajes da abóbada que constitui a cobertura do corpo do átrio; são em elementos rosacometa, com a altura de 25 centímetros, a laje da pala da entrada do átrio, as lajes dos pavimentos e da cobertura do corpo do restaurante-bar, as lajes de cobertura do corpo de ligação do átrio com o corpo da administração.
Na Zona dos Cais são em rosacometa, a laje de cobertura do edifício do cais, as lajes dos alpendres de abrigo dos passageiros. Todavia, em alternativa, considera-se a solução de lajes em betão armado para toda esta cobertura alpendrada de abrigo do público. No Edifício da Administração são construídos por elementos rosacometa todos os pavimentos e a laje de cobertura do terraço." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva.* Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

289 "Predomina a nave parabólica, formada por 7 arcos com (...) abatimento de 1/4, conjuntamente com elementos de betão pré-esforçado autoportantes de 4m entre os arcos que servem de contraventamento e de fecho da abóbada." Esteves; Tavares: 204.

divisórias amovíveis na compartimentação dos espaços interiores.[290]

Os pavimentos exteriores das vias de circulação automóvel, do parque de estacionamento, dos passeios, rampas e cais descobertos, foram revestidos a betonilha esquartelada à cor natural. Os pavimentos interiores foram executados com mosaico cerâmico tipo *Cerabati*, formando padrões geométricos nos átrios do público, de passagem e da administração, e de cores mescladas nos espaços de circulação vertical e horizontal do edifício da administração. O *parquet* de madeira foi aplicado no bar, restaurante e nos espaços de trabalho do edifício da administração. O mosaico vitroso (fabricado pela VIDRUL, Vidreira Ultramarina, Lda, empresa sedeada em Luanda), foi utilizado com diferentes desenhos no revestimento das paredes interiores e exteriores: formando murais decorativos policromados, como no painel do embasamento exterior do átrio do público e no interior do átrio de passagem; desenhando padrões geométricos com diversas cores, como na torre dos ascensores, nos átrios do público e de passagem e nas paredes envolventes das escadas principais; e revestindo superfícies verticais com mosaicos de cores lisas, como nas fachadas principal e de topo do edifício da administração, no lambrim do corpo de comando do cais, nas paredes exteriores do corpo do restaurante e em alguns pilares retangulares e redondos. Sobre estas superfícies vidradas destacam-se elementos rebocados tais como a abóbada e os arcos parabólicos do átrio do público, as vigas, os nembos e as palas de proteção solar da fachada posterior do corpo da administração, as vergas, lajes horizontais e abobadilhas do edifício de comando do cais, as paredes dos espaços de trabalho do edifício da administração e todos os tetos dos espaços interiores - com exceção dos tetos falsos em contraplacado da zona da administração no piso 4.

290 "Adotaram-se as seguintes espessuras: de 0,40m (paredes de alvenaria dupla, com tijolo furado de 0,37 x 0,20 x 0,16m a meia vez, com caixa de ar de 0,08m); de 0,25m (paredes com tijolo a meia vez de 0,37 x 0,20 x 0,16m); de 0,15m (paredes com tijolo ao alto, de 0,37 x 0,15 x 0,10m) e de 0,12m de espessura (com tijolo ao alto de 0,37 x 0,20 x 0,07m). A hipótese, considerada nas medições e nos desenhos, de se adotarem no Edifício da Administração paredes amovíveis pré-fabricadas, constituídas por painéis em *novotex* ou similar, e estrutura de alumínio, deve ser de rejeitar, porquanto se trata de uma solução cara. Deve-se por isso, encarar desde já a solução de paredes divisórias em alvenaria de tijolo, hipótese também considerada nas medições." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

Durante o lançamento do concurso de construção foram introduzidas alterações à constituição dos vãos exteriores que estabeleceram uma hierarquia dos espaços em função da qualidade das componentes construtivas empregues:[291] os vãos exteriores dos átrios do piso térreo e da fachada principal do edifício da administração foram assim encerrados com caixilharias compostas por perfis de ferro com pintura de esmalte, sendo as chapas de vidro suportadas por guarnições e bites de alumínio anodizado (construídas pela empresa José de Magalhães, (Filhos), Lda., com sede na Beira e fábrica no Dondo); os vãos da fachada posterior do corpo da administração e do alçado sudoeste do edifício de comando do cais - redesenhados por Bernardino Ramalhete a pedido do empreiteiro Albino Paixão, com a concordância de Paulo de Melo Sampaio -,[292] foram encerrados com caixilhos de madeira maciça pintada a tinta de esmalte; os vãos dos alçados maiores do edifício de comando do cais foram encerrados com caixilhos constituídos por perfis de ferro zincado com pintura de esmalte e persianas de vidro (sistema Beta); os portões e as grades que separam a gare da estação do exterior foram igualmente executados com perfis de ferro, zincados e pintados a tinta de esmalte; os vãos interiores do restaurante, sala de espera de primeira classe, lojas e agências, bilheteiras, portas de ligação ao átrio da administração e algumas portas de remate dos corredores do edifício da administração foram encerrados com caixilhos executados com perfis de ferro pintado a esmalte, guarnecidos com perfis de alumínio anodizado e vidro; e os vãos interiores dispostos ao longo dos corredores do mesmo edifício foram encerrados com caixilhos de madeira pintada e vidro.

As madeiras locais foram utilizadas para hierarquizar e qualificar alguns espaços e ele-

291 "Ressalta, porém, que as soluções adotadas poderão ser caras.
(...) Pelas razões expostas, os concorrentes deverão obrigatoriamente apresentar alternativas (...).
O princípio orientador deverá ser o seguinte: no edifício do átrio, a caixilharia, tanto das portas e janelas, deverá ser de qualidade superior à considerada para o edifício da administração e para o edifício dos cais; neste edifício dos cais, a caixilharia deverá ser (...) de preferência de ferro zincado (...); no edifício da administração, a caixilharia da caixa dos elevadores, das escadas principal e de serviço, e de todo o alçado posterior, poderá ser também de ferro zincado, ao passo que a caixilharia do alçado principal, que confina com áreas frequentadas pelo público, poderá ser de alumínio não anodizado. Os painéis envidraçados, anterior e posterior, do edifício do átrio (...), poderão ser de alumínio simples, mas utilizando-se perfis mais simples que os considerados no projeto." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

292 Ramalhete, 2011-12-29.

mentos arquitetónicos: as superfícies verticais do pavilhão da tabacaria e a frente do balcão do bar foram revestidos com painéis decorativos constituídos por arrincoados de madeiras exóticas; as padieiras das montras das lojas e agências do rés-do-chão, as paredes das salas da zona da administração no piso 4 (em conjunto com portas de armários em lamelado e tetos falsos em contraplacado de panga-panga), e as superfícies sobre as bilheteiras e os painéis dos ascensores (os nembos entre as portas dos elevadores foram revestidos a mármore branco), foram revestidos com painéis compostos por travessas macheadas de panga-panga encerada.

A proteção e adequação às específicas condicionantes climáticas tropicais de um edifício com uma implantação condicionada *a priori* pelas instalações portuárias e ferroviárias existentes e pelo desenho da malha urbana previsto no Plano de Urbanização da Cidade da Beira,[293] contou com a rigorosa análise da orientação do complexo da estação e ao sol e aos

293 "Fachada Sudoeste – (SW)
A incidência máxima, verifica-se nas horas pós-meridianas.
Esta fachada, tem maior número de horas de insolação na época mais quente, cerca de 6 horas em Janeiro, diminuindo na época mais fresca.
Para efeitos de penetração, verifica-se que esta é maior no fim da tarde em que a incidência é muito rasante. A penetração maior verifica-se na época mais quente, diminuindo na época mais fresca.
Esta fachada não beneficia dos ventos predominantes. Contudo, estes, passando ao longo da fachada, criam zonas de depressão provocando um arrastamento do ar viciado dos compartimentos.
É de notar que esta fachada está orientada na direção donde vêm as fortes trovoadas da região.
Fachada Noroeste – (NW)
É a fachada com o maior número de horas de insolação, aumentando na época mais quente e na parte da tarde. A incidência máxima verifica-se em Março entre as 13 e as 14 horas.
(...) Não beneficia de nenhuns ventos.
Fachada Nordeste – (NE)
(...) A incidência máxima verifica-se nas horas da manhã.
A penetração solar verifica-se nos meses de Junho, Julho e Agosto que são os meses mais frescos do ano. A maior penetração dá-se no princípio da manhã em que a incidência é muito rasante.
Esta fachada tem maior número de horas de insolação na época mais fresca.
À medida que a altura do sol aumenta, aumenta a incidência, pelo que se verifica a necessidade de proteção com elementos horizontais.
Fachada Sudeste - (SE)
A insolação diminui na época fresca.
Para efeitos de penetração verificam-se maiores possibilidades nas horas da manhã.
Quanto aos ventos dominantes, esta fachada é a melhor orientada. Contudo, tem o inconveniente de possuir a incidência solar máxima, de manhã, na época mais quente e de ter a chuva dessa época com a máxima incidência o que obrigará a fechar as janelas na época mais quente sempre que chova." Eng. Horácio Avelino Brazão de Freitas (Diretor dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Província de Moçambique) *in Estação Central da Beira. Memória Justificativa e Descritiva*. Lourenço Marques, c.1960 (CDIIPAD, ref. 06899).

ventos dominantes e com a utilização de mecanismos e sistemas construtivos apropriados. Assim, os espaços de trabalho do edifício da administração foram dispostos ao longo do alçado nordeste, protegendo-se os corredores envidraçados da frente sudoeste dos raios solares horizontais de poente com *brise-soleil* verticais exteriores, solução também usada no alçado noroeste do volume do restaurante. Os *brise-soleil*, compostos por painéis de fibrocimento de orientação regulável através de mecanismos de comando manual, foram fabricados pela Lusalite de Moçambique, empresa com sede na Beira e fábrica no Dondo. Os vãos exteriores dos espaços de trabalho do alçado nordeste do edifício da administração, de menor dimensão vertical, foram defendidos dos raios solares verticais pelo recuo das superfícies envidraçadas em relação às lajes de pisos, aos nembos que encerram os peitoris das *fenêtres en longueur* e às palas horizontais intercalares de sombreamento. Esta proteção foi ainda reforçada com a utilização de persianas interiores reguláveis *Lusaflex*, produzidas pela empresa Persianas Luso Texas (Beira), Lda. As lajes dos tetos do corpo de comando do cais foram protegidas pelos guarda-sóis formados pelas abobadilhas, e ventiladas pelo espaço aberto entre ambas.

A ventilação transversal do átrio do público pelas correntes de ar provenientes de sudeste foi realizada através de lanternins com persianas de vidro, estrategicamente abertos ao longo do assentamento da abóbada de betão sobre o teto dos espaços comerciais (vãos que foram protegidos da chuva pelo prolongamento da laje do alpendre de entrada), assim como pelos lanternins e bandeiras das paredes exteriores e caixilharias interiores dos espaços comerciais, restaurante, copa e cozinha. No espaço de transição entre o átrio do público e o átrio de passagem a circulação transversal do ar foi ainda reforçada pelos lanternins com persianas de vidro, pela abertura do teto sobre o pátio / espelho de água, e pela ondulante grelha de blocos vazados de betão colocada junto à saída para a Rua João Resende. A mesma solução de ventilação transversal dos espaços interiores através de vãos com persianas de vidro colocados junto aos tetos das paredes exteriores e das divisórias internas foi também utilizada nos vários pisos do edifício da administração e ao longo de toda a extensão

do corpo de comando do cais. Para além destes sistemas de ventilação natural foram ainda instalados 120 aparelhos de ar condicionado no edifício da estação, para além de um sistema de refrigeração industrial no volume do restaurante.

No edifício da estação integraram-se sinteticamente, desde as fases iniciais do projeto, obras de artes plásticas que lhe conferem as características de uma *Gesamtkunstwerk*. Nas perspetivas iniciais do edifício, assim como nas fotografias da maqueta, está representado um painel decorativo em mosaico de vidro revestindo o embasamento do átrio do público cuja execução foi objeto de um concurso ganho por Jorge Garizo do Carmo.[294] Possivelmente da sua autoria serão também os restantes painéis de mosaico de vidro com padrões geométricos, composições abstratas ou motivos figurativos.

No rés-do-chão do edifício encontram-se dois conjuntos escultóricos: localizada no centro do pátio e espelho de água do espaço de transição entre os átrios do público e de passagem, fortemente iluminada pela abertura no teto, uma escultura de duas mulheres estilizadas tem a possível autoria de José Pádua; no átrio da administração do piso térreo, ao centro da bomba das escadas principais, encontra-se uma outra escultura representando duas figuras (embora pelo carácter provisório dos suportes onde pousa a sua base esta não pareça ser a sua localização original); uma terceira escultura, designada como *escultura B* num desenho realizado durante a construção do edifício, estaria ainda prevista para o canto sul da sala de reuniões do piso 4 da zona da administração.[295]

A tripla autoria da Estação Central da Beira contribuiu para informar o complexo com as distintas referências pessoais dos seus autores, arquitetos ativamente empenhado na utilização do léxico e dos princípios arquitetónicos do Movimento Moderno internacional. A forma do arco parabólico suspendendo planos ou volumes menores por tirantes de aço já tinha sido usada em 1956 por Paulo de Melo Sampaio para assinalar a entrada no grupo de pavilhões

294 "A direção dos Caminhos de Ferro de Moçambique abriu um concurso entre os artistas plásticos moçambicanos, com vista à elaboração de painéis e esculturas para decorar o átrio e fachadas exteriores. A decoração exterior é de Jorge Garizo do Carmo, que elaborou um painel de trinta e cinco metros de comprimento por quatro de altura. Sopa; Miranda; Fernandes, 2010: 524-525.

295 CFMECB, n.º BM995.

dos Transportes, Obras de Fomento e Correios na Exposição das Atividades Económicas de Moçambique, em Lourenço Marques. O tema da membrana de betão formando uma nave abobadada, suspensa ou apoiada numa sequência de arcos parabólicos, fora já explorada em projetos e obras de moderna arquitetura brasileira: na piscina coberta para a Sociedade Esportiva Palmeiras, em São Paulo, Brasil (1951) por Carlos Frederico Ferreira,[296] no Clube Diamantina, em Diamantina, Minas Gerais (1954) por Óscar Niemeyer,[297] e no ginásio do conjunto residencial do Pedregulho, Rio de Janeiro (1950-1952)[298] e na Escola Experimental Brasil-Paraguai, em Assunção, Paraguai (1953),[299] por Afonso Eduardo Reidy. Também Francisco José de Castro tinha já utilizado este tema no seu trabalho de CODA (1950) e João Garizo do Carmo na nave principal da Igreja da Manga (1954-1957) e na cobertura da sala da casa Maria Lourenço Amaral, ambas situadas na cidade da Beira (1956).[300] A articulação entre uma nave de secção parabólica e um fundo formado por um prisma retangular de maior dimensão tem, como sugerem Ana Vaz Milheiro e Jorge Figueira,[301] claras semelhanças com o projeto de Marcel Breuer, Bernard Zehrfuss e Luigi Nervi para a sede da UNESCO em Paris, capa de uma revista *Arquitectura* em Agosto de 1953. As abóbadas em arco de escarção do edifício de comando do cais, que João Garizo do Carmo já tinha empregue no projeto para uma Pousada no Macúti (1957)[302] e nas casas geminadas Carlos Silva (1957),[303] ambas na cidade da Beira, tem múltiplos antecedentes na obra de Le Corbusier. Os alçados de topo dos alpendres das plataformas do cais evocam a proposta do mesmo autor para os guarda-chuvas de metal do projeto da exposição *Synthèse des arts majeurs*, a instalar na Porte Maillot, em Paris (1950).[304]

O projeto e a obra da Estação Central da Beira, herdeiros de toda esta genealogia, apre-

296 Mindlin, 1999 [1956]: 37.
297 Mindlin, 1999 [1956]: 40.
298 Mindlin, 1999 [1956]: 148-149.
299 Mindlin, 1999 [1956]: 39.
300 Albuquerque, 1998: 49, 51.
301 Milheiro; Ferreira, 2009: 12.
302 *Notícias*, 1957-11-06: 5.
303 *Notícias*, 1958-11-16: 5; Albuquerque, 1998: 52.
304 Le Corbusier, [1995] 1953: 67-71.

sentam assim um vasto repertório de princípios e formas característicos da arquitetura do Movimento Moderno do segundo pós-guerra: metodologias científicas de desenho, jogos de volumes isolados, correspondência entre forma e função, composição assimétrica, libertação dos volumes do solo, *pilotis*, *plan libre*, *fenêtres en longuer*, *brise-soleil*, plasticidade escultórica, sistemas construtivos industriais, materiais estandardizados, arcos e abóbadas parabólicas e catalãs, coberturas *em borboleta*, grelhagens de ventilação, murais cerâmicos, etc.

A edificação de um complexo ferroviário com a escala da Estação Central, atual *ex-libris* da cidade da Beira, constituiu uma afirmação do seu relevo económico e da sua área de influência no âmbito distrital, provincial, nacional e continental.[305] O conjunto de acontecimentos que rodeia o processo da sua edificação ilustra a prioridade conferida a esta infraestrutura no âmbito global da política colonial da época: a compra pelo Governo central do porto da Beira, do Caminho de Ferro da Beira e da Trans-Zambézia Railway;[306] a assinatura em 1950 de uma convenção entre Portugal e a Grã-Bretanha destinada a otimizar a exploração do porto da Beira e dos caminhos de ferro que o serviam;[307] a exposição da maqueta do novo

305 "Foi inaugurado, recentemente, o novo edifício da Estação dos Caminhos de Ferro da Beira, que passou, assim, a dispor de instalações condignas com o movimento e a importância que hoje tem para a economia da Província." *GCF*, 1967-04-16: 55; "O Governador Geral de Moçambique (...) deslocou-se no dia 1 do corrente à Beira a fim de presidir à inauguração da nova estação de Caminhos de Ferro da Beira, considerada a mais imponente de todo o território nacional." *GCF*, 1966-10-01: 269; "A notável obra (...) é considerada uma das mais importantes e melhores no género existentes no continente negro." *BGU*, 1965-10: 167; "O novo edifício da estação (...) é o reflexo do crescente progresso e importância da cidade da Beira, como términus de um caminho de ferro de capital importância para grande parte do continente africano." *BGU*, 1965-12: 11

306 "Pode dizer-se que a província fica desde agora completamente liberta de servidões a interesses estrangeiros, e da sua economia não são distraídos rendimentos e lucros para benefício alheio. Completou-se assim o trabalho realizado entre 1947 e 1949, quando foi adquirido o Caminho de Ferro da Beira, e o Porto da Beira entrou na posse e administração da província de Moçambique." *GCF*, 1967-06-16: 106.

307 "O Governo da República Portuguesa (...) e o Governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte (...) em seu nome e em nome do Governo da Rodésia do Sul;

(...) Considerando a importância do Porto da Beira e das suas comunicações ferroviárias com o interior da África como escoante das riquezas dos territórios da Rodésia do Sul, da Rodésia do Norte e da Niassalândia e a progressiva contribuição que daí pode advir para o desenvolvimento de Moçambique;

(...) Animados do desejo de cooperar plenamente no desenvolvimento dos recursos de Moçambique de uma parte, da Rodésia do Sul, da Rodésia do Norte e da Niassalândia de outra, em harmonia com os princípios enunciados na Convenção sobre Cooperação Económica Europeia, e assim contribuir, no que a cada um compete, para a restauração da prosperidade mundial e para o progresso dos territórios da África Central, em benefício dos povos;

Considerando a necessidade de levar a efeito obras e outros melhoramentos tanto no Porto como no Caminho de Ferro da Beira, para se alcançarem os fins acima mencionados, e a vantagem de se chegar a entendimento mútuo que torne esses melhoramentos economicamente realizáveis (...)." *BGC*, 1950-07: 5-6.

edifício em lugar de destaque no pavilhão desenhado por João José Tinoco para a representação dos CFM na edição de 1960 da *Central Africa Trade Fair* em Bulavaio, Rodésia, atual Zimbabué, solenemente visitado pela rainha mãe da Grã-Bretanha em Maio do mesmo ano; a visita em Agosto de 1964 do Presidente da República, almirante Américo Tomás, às obras da estação e à exposição que, no interior do átrio do público, patenteava as realizações da Direção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique, assim como os elogiosos comentários que dedica à dimensão e qualidade arquitetónica da obra em construção;[308] a escolha do dia 1 de Outubro de 1966 para a inauguração do complexo, coincidindo com o aniversário da passagem da administração do porto da Beira para o Estado português;[309] a inclusão da cerimónia beirense no programa das comemorações do 40º aniversário da *Revolução Nacional* de 1926; e a escolha da estação para, em conjunto com o Liceu António Enes, de Lourenço Marques, ilustrar o selo dedicado a Moçambique na emissão promovida pelo Ministério do Ultramar em celebração da referida revolução.[310]

Materialização da política desenvolvimentista do governo metropolitano português a Estação Central da Beira representa, melhor do que qualquer outro edifício em Moçambique, a reunião de duas utopias opostas num empreendimento comum: os princípios, métodos e linguagens característicos da arquitetura do Movimento Moderno suportando a sobrevivência da utopia identitária do regime do Estado Novo.

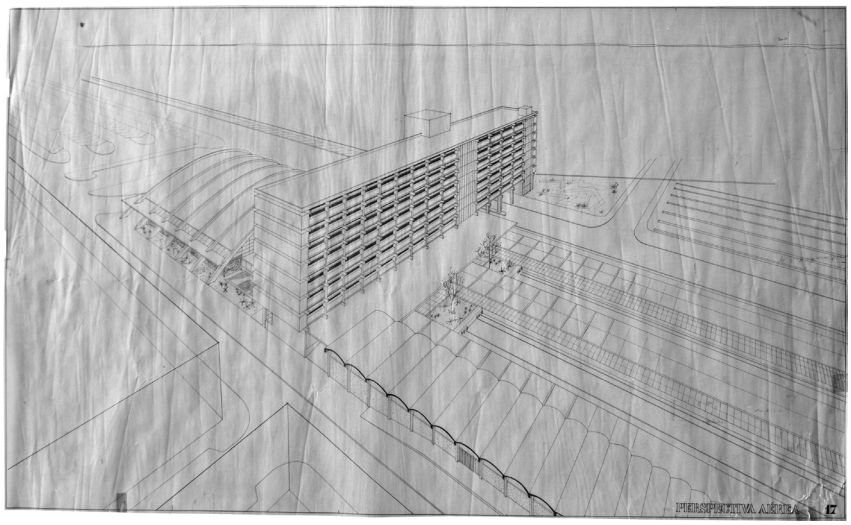
308 "A propósito da visita de Sua Excelência o Presidente da República, Almirante Américo Thomaz ao edifício da estação dos Caminhos de Ferro na Beira, em construção, foi montada na parte do *hall* já construído, uma exposição de maquetas dos portos, edifícios, obras sociais, etc., da Direção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique.
(...). A exposição foi demoradamente percorrida pelo Chefe do Estado que solicitou informes a propósito de cada uma das maquetas expostas, nomeadamente acerca daquela da nova estação onde se encontrava e cujo edifício o impressionou pela sua grandeza e equilíbrio de linhas arquitetónicas, bem patentes no que já se encontra construído e na maqueta ali apresentada. (...)." *BPCFTM*, 1964-07: 20.

309 0 "Precisamente no dia 1 de Outubro, data em que neste ano de 1966 se festeja o 17.º aniversário da passagem do porto da Beira para a administração do Estado foi inaugurada a estação ferroviária da Beira." *BPCFTM*, 1966-10: 19.

310 "Pelo Ministério do Ultramar foram mandados emitir sete milhões de selos postais de todas as províncias ultramarinas, comemorativos do 40.º aniversário da Revolução Nacional.
Os selos reproduzem edifícios escolares e hospitalares e bem assim a nova Estação dos Caminhos de Ferro na Beira.
Os selos (...), foram desenhados por Alberto Cutileiro e impressos na Casa da Moeda a 15 cores." *BPCFTM*, 1966-06: 28.

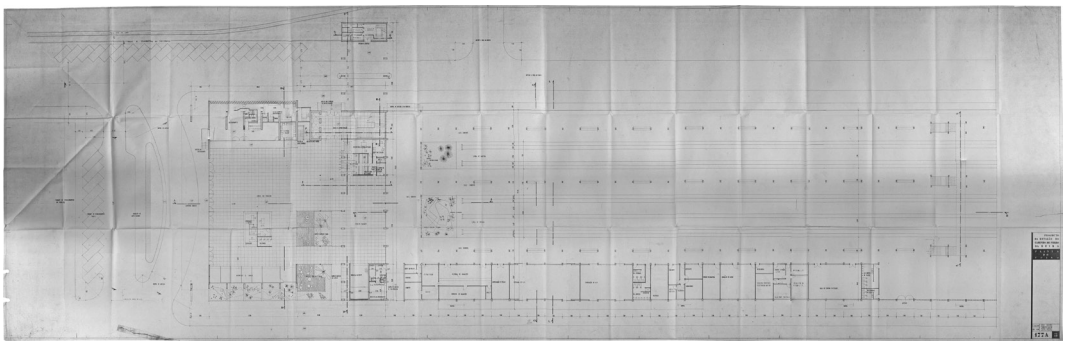
Estação Central da Beira

Perspectiva.
Concurso?, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB)



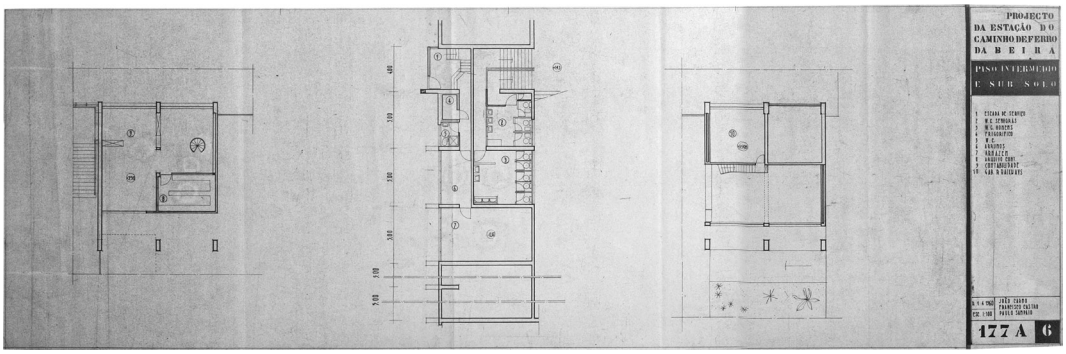
Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Planta do conjunto.
Escala 1:500.
Projeto, 18 de Abril de 1959.
(EM, 2010 | CDIIPAD, ref. 06898).



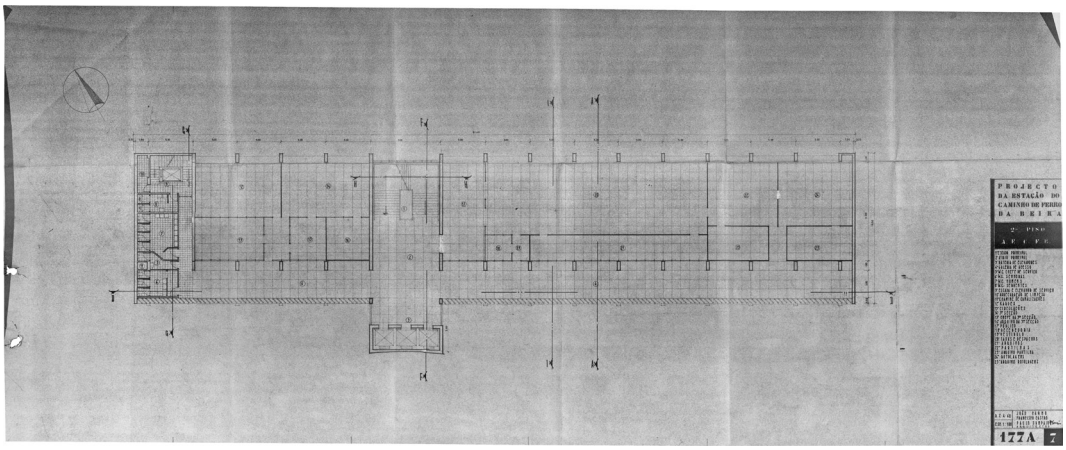
Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Planta do 1.º piso.
Escala 1:100.
Projeto, 18 de Abril de 1959.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).



Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Piso intermédio e sub solo.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Abril de 1960.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).

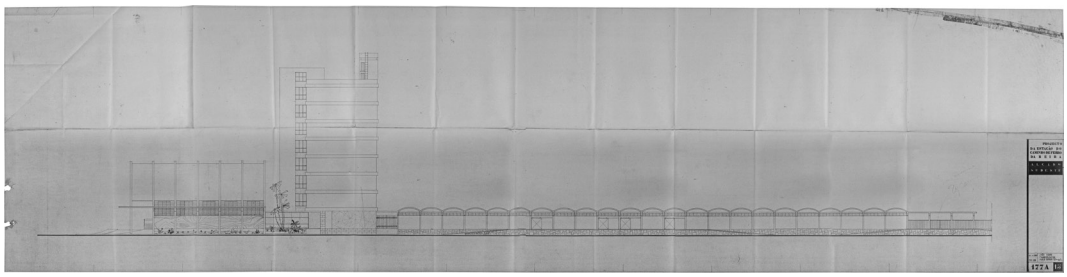


Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. 2.º piso. A.E.C.F.B.
Escala 1:100.
Projeto, 2 de Abril de 1960.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).

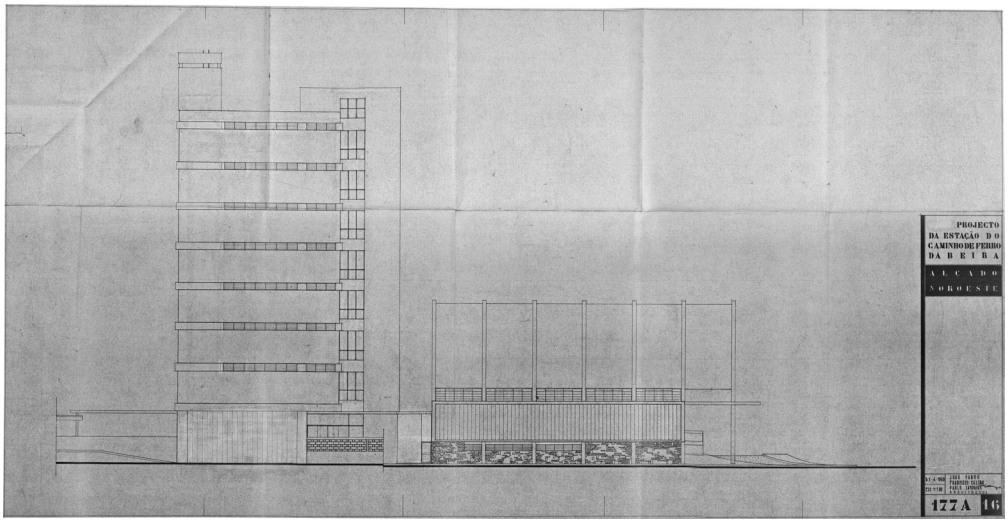
Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Alçado sudeste.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Abril de 1960.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).



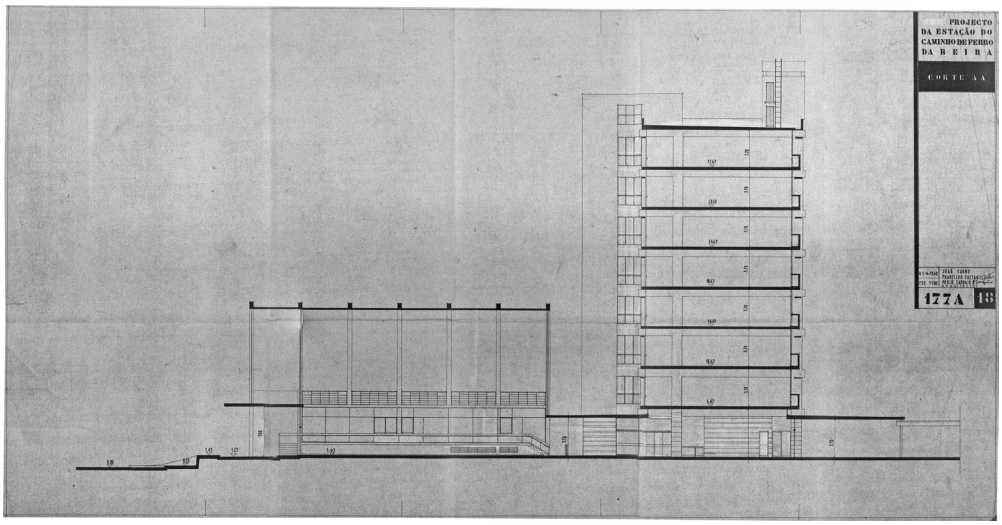
Estação Central da Beira

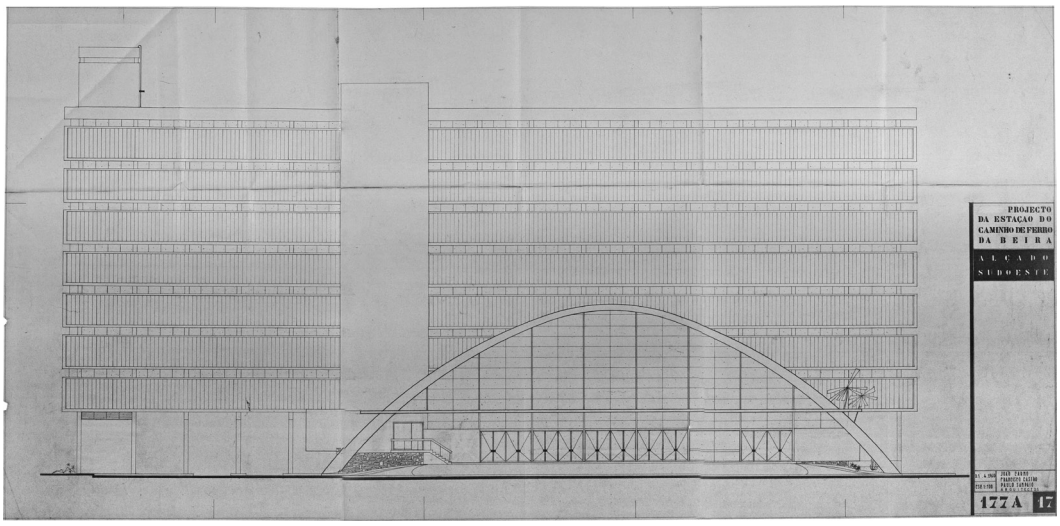
Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Alçado noroeste.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Abril de 1960.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).



Estação Central da Beira

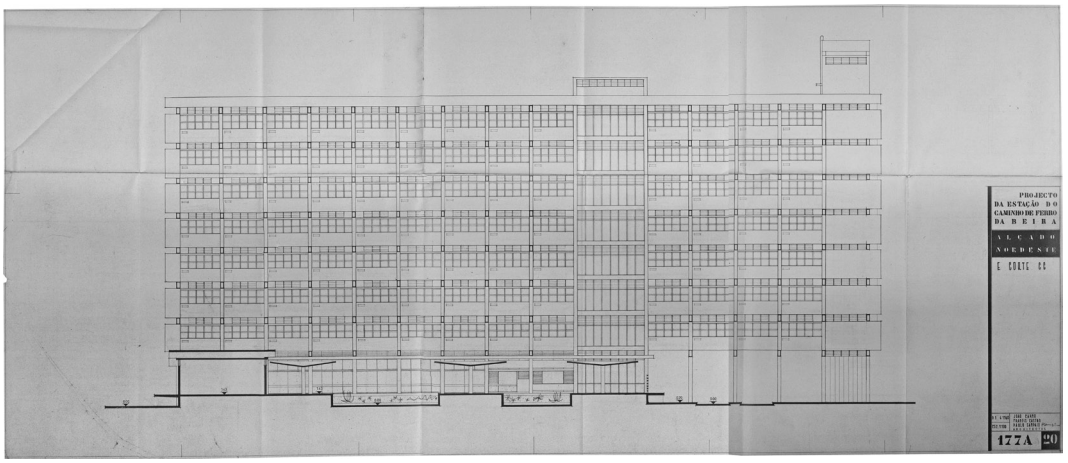
Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Corte A-A'.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Abril de 1960.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).





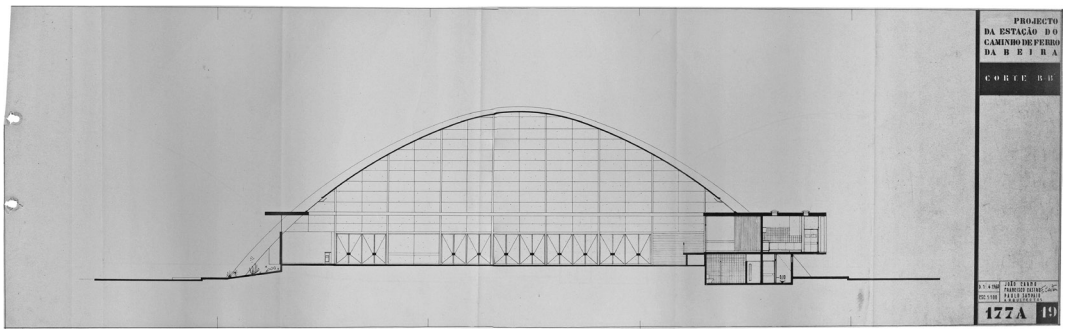
Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Alçado sudoeste.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Abril de 1960.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).



Estação Central da Beira

Projeto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Alçado nordeste.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Abril de 1960.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).

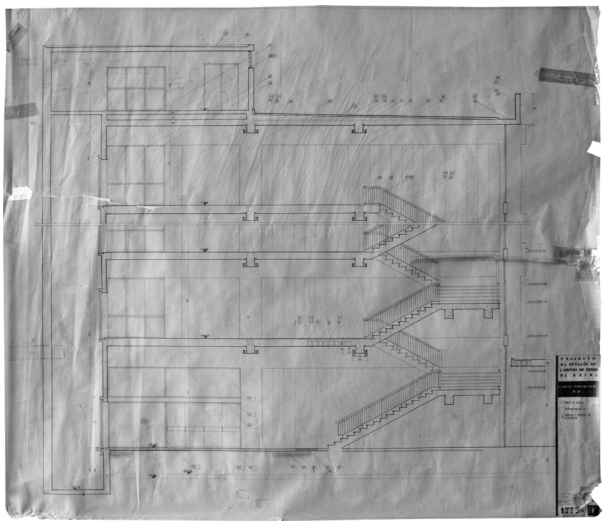


Estação Central da Beira

Projeto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Corte B-B'.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Abril de 1960.
(EM, 2010|CDIIPAD, ref. 06898).

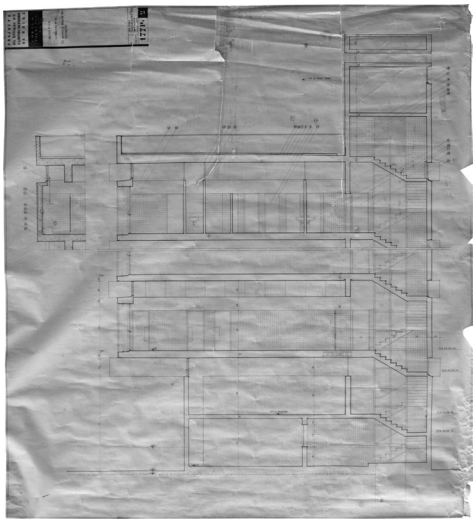
Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Corte de pormenor FF.
Escala 1:25.
Projeto, data ilegível.
(EM, 2009 | CFMECB).



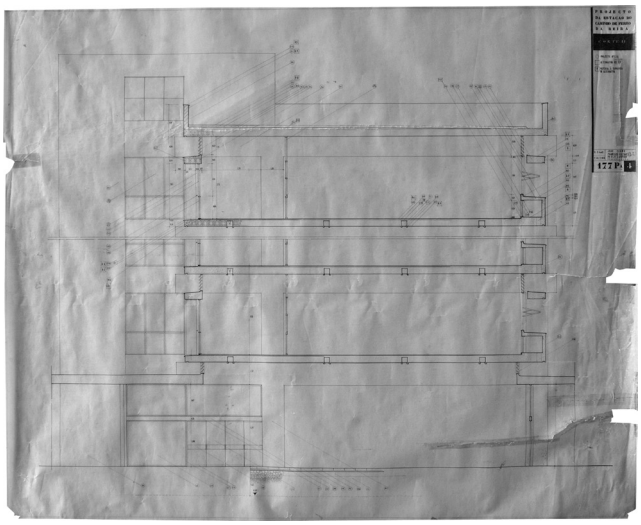
Estação Central da Beira

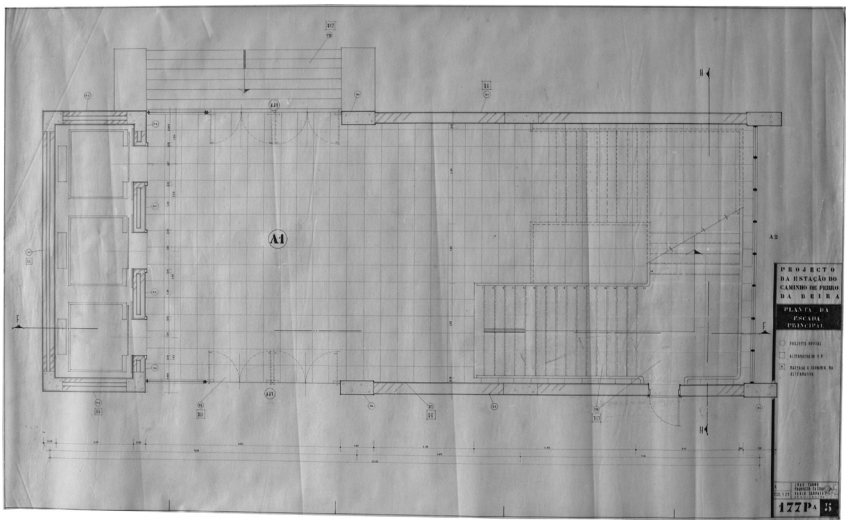
Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Corte de pormenor GG.
Escala 1:25.
Projeto, data ilegível.
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

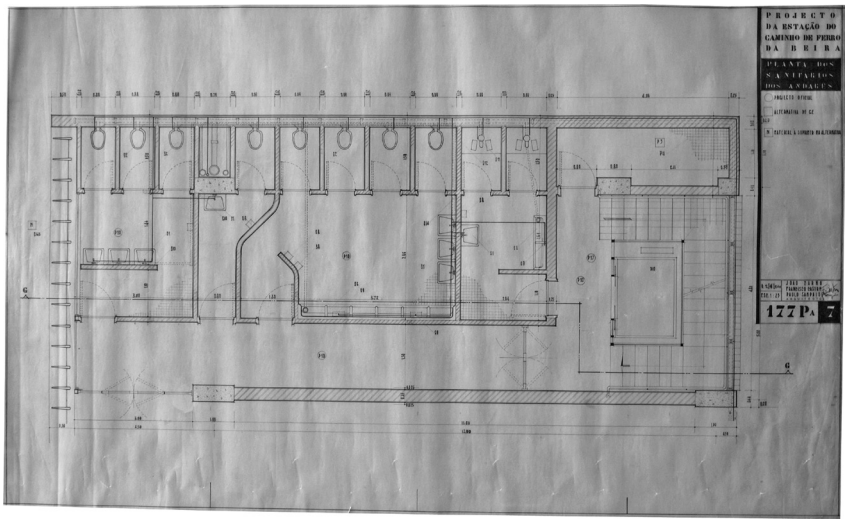
Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Corte de pormenor II.
Escala 1:25.
Projeto, 2 de Abril de 1960.
(EM, 2009 | CFMECB).





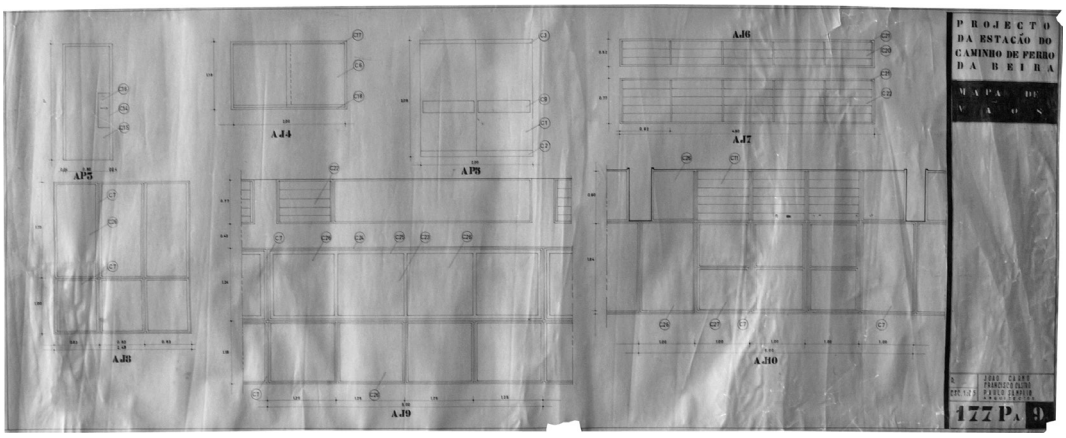
Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Planta da escada principal.
Escala 1:25.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Planta dos sanitários dos andares.
Escala 1:25.
Projeto, 2 de Abril de 1960.
(EM, 2009 | CFMECB).

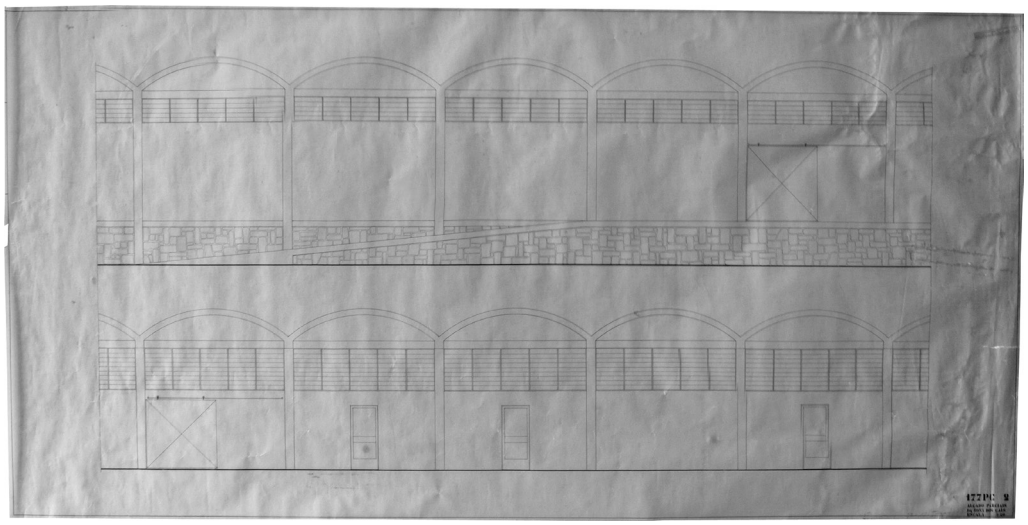


Estação Central da Beira

Projecto da Estação de Caminhos de Ferro da Beira. Mapa de vãos.
Escala 1:25.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

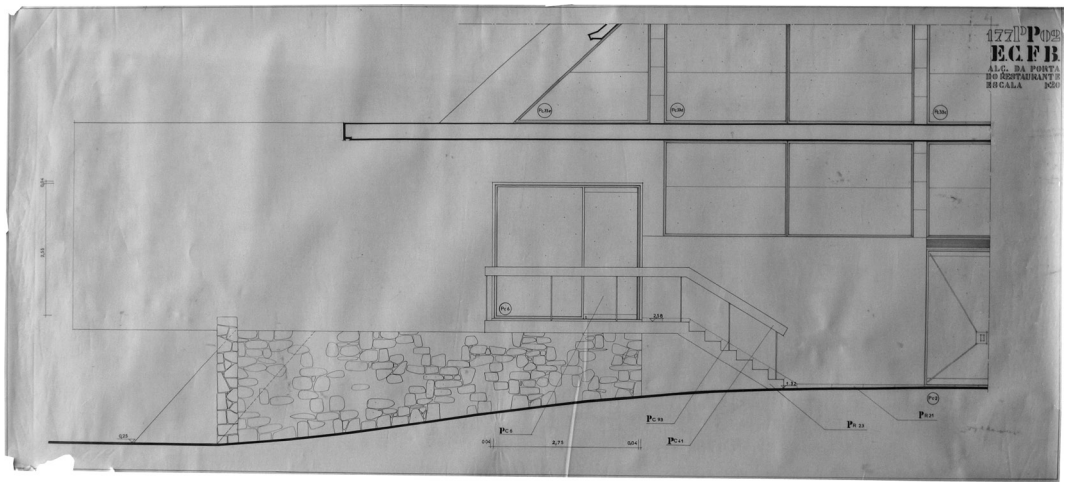
Estação Central da Beira

Alçados parciais da zona dos cais.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



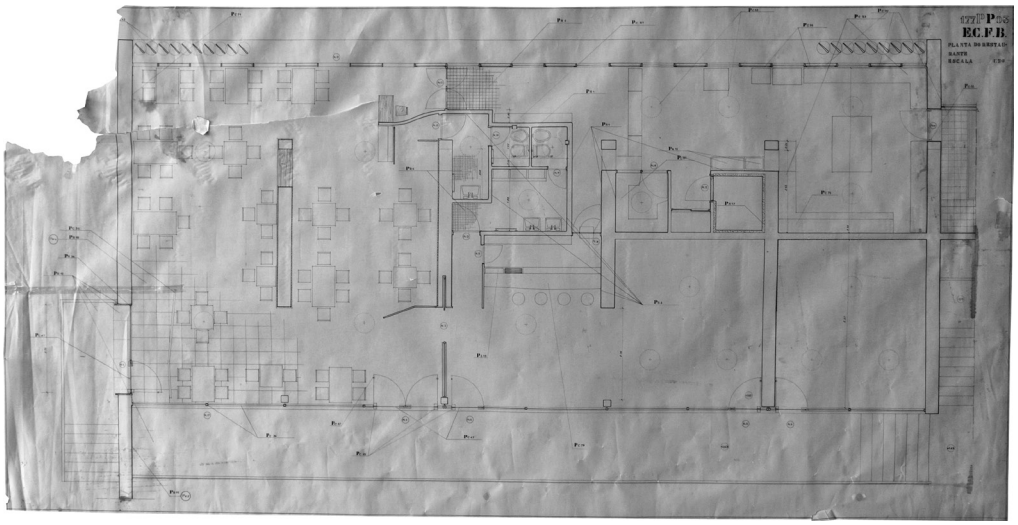
Estação Central da Beira

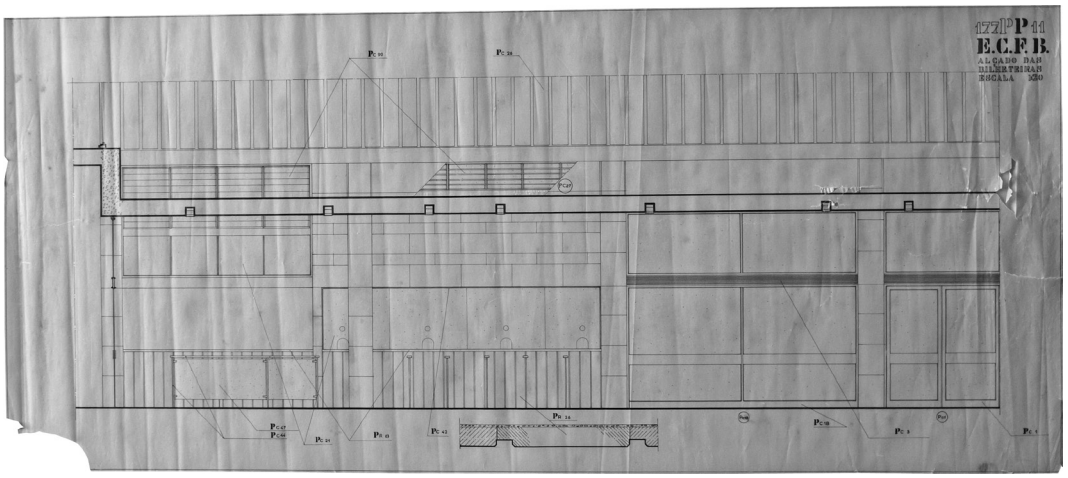
Alçado da porta do restaurante.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

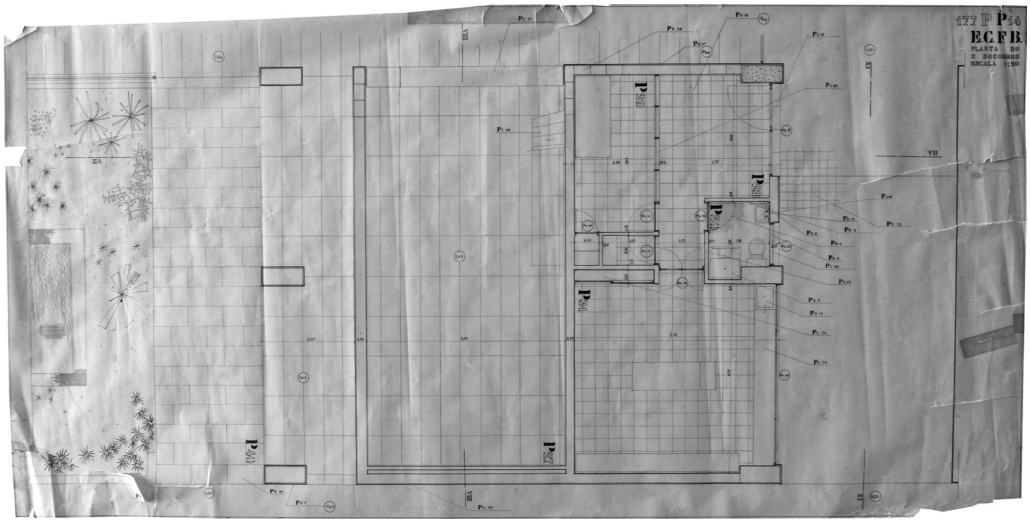
Planta do restaurante.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).





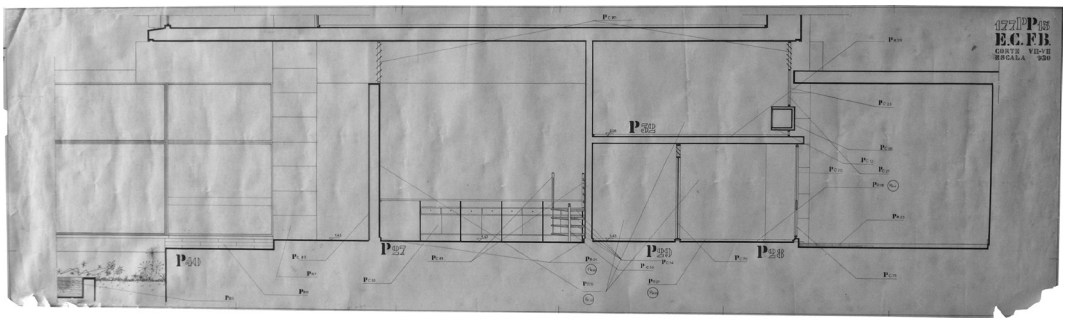
Estação Central da Beira

Alçado das bilheteiras.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

Planta do p. socorros.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

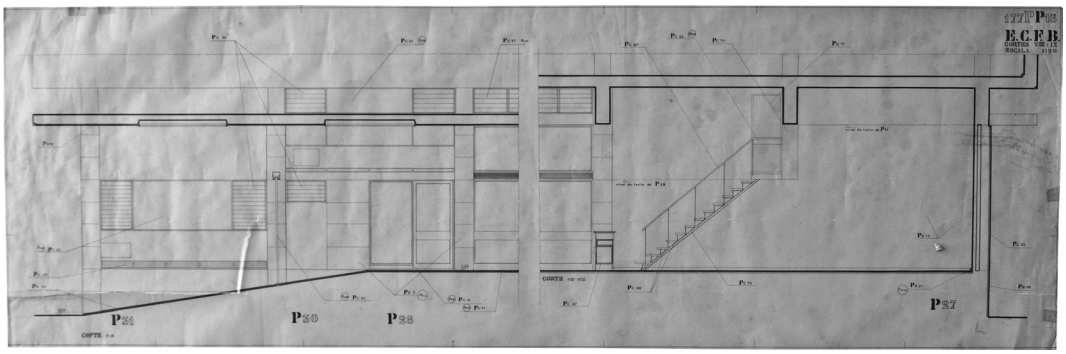


Estação Central da Beira

Corte VII-VII.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

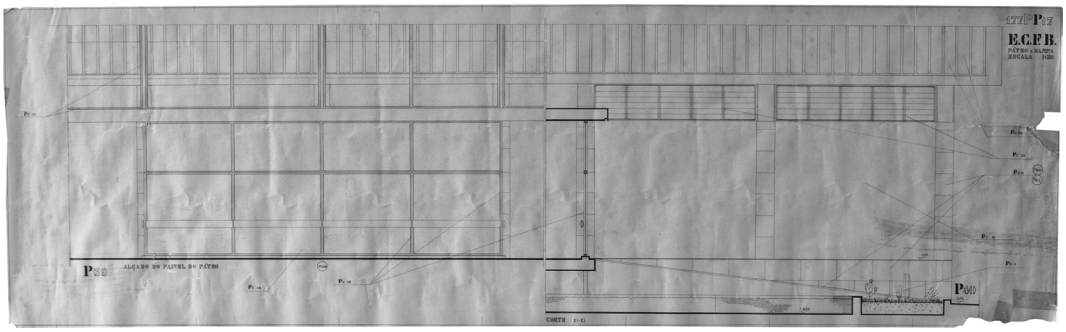
Estação Central da Beira

Cortes VIII e IX.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



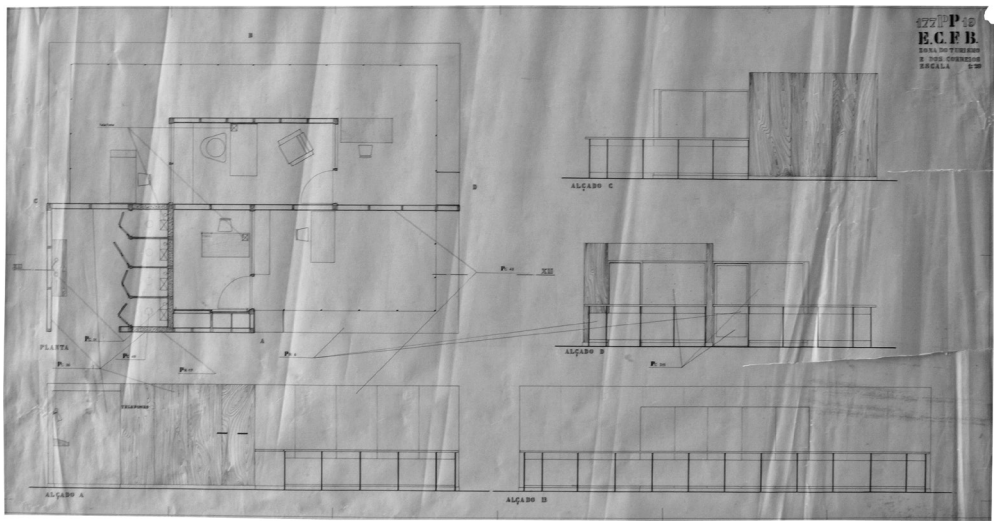
Estação Central da Beira

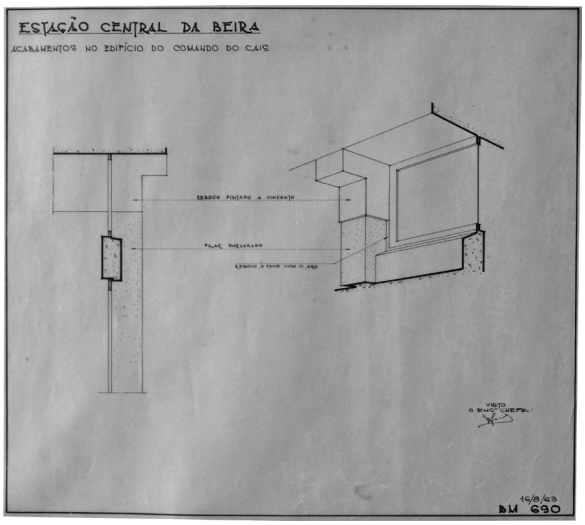
Pátio e rampa.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB)



Estação Central da Beira

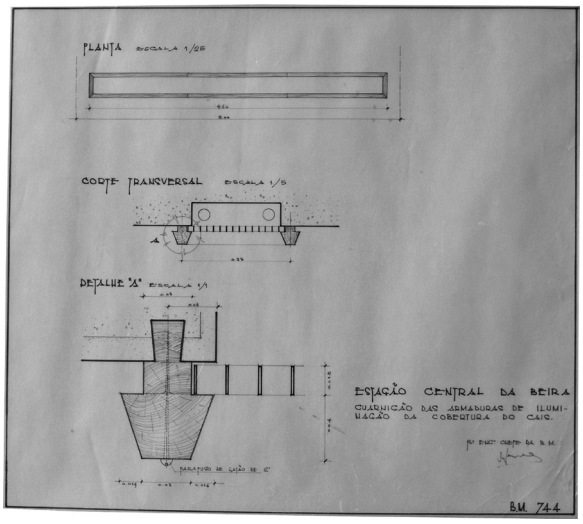
Zona do turismo e dos correios.
Escala 1: 20.
Projeto, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).





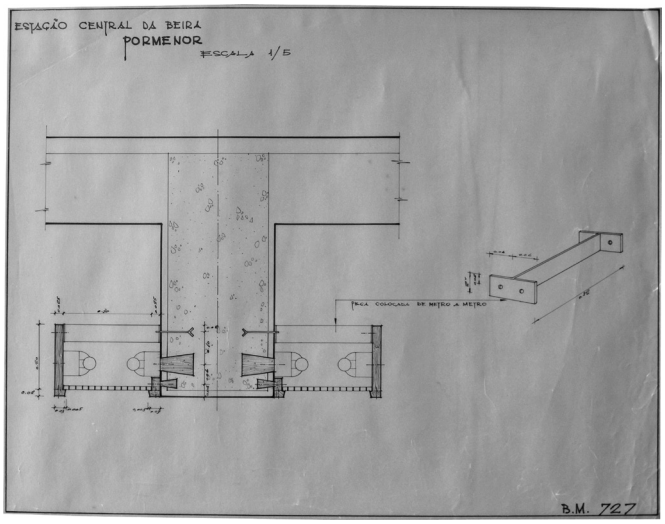
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Acabamentos no Edifício de Comando Cais.
Fiscalização, 16 de Agosto de 1963.
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Guarnição das armaduras de iluminação da cobertura do cais.
Escalas 1:25 e 1:5.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

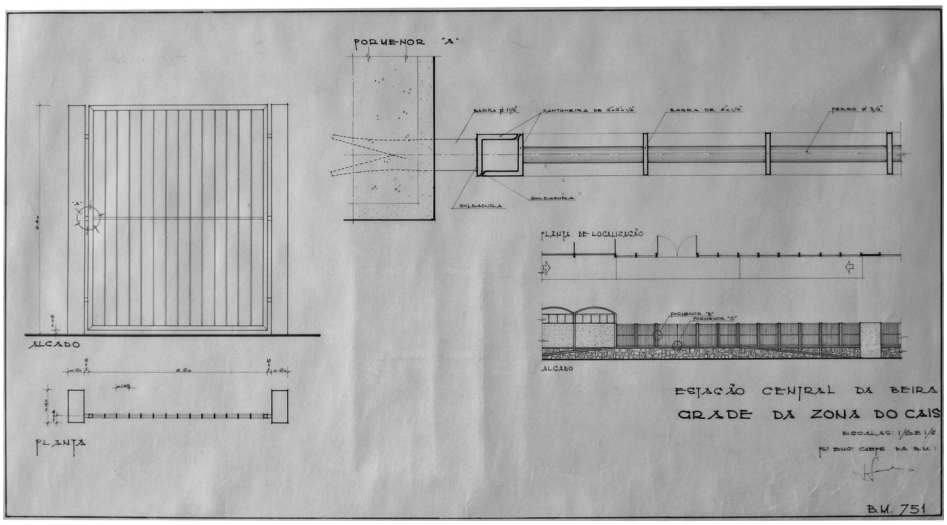


Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Pormenor.
Escala 1: 5.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

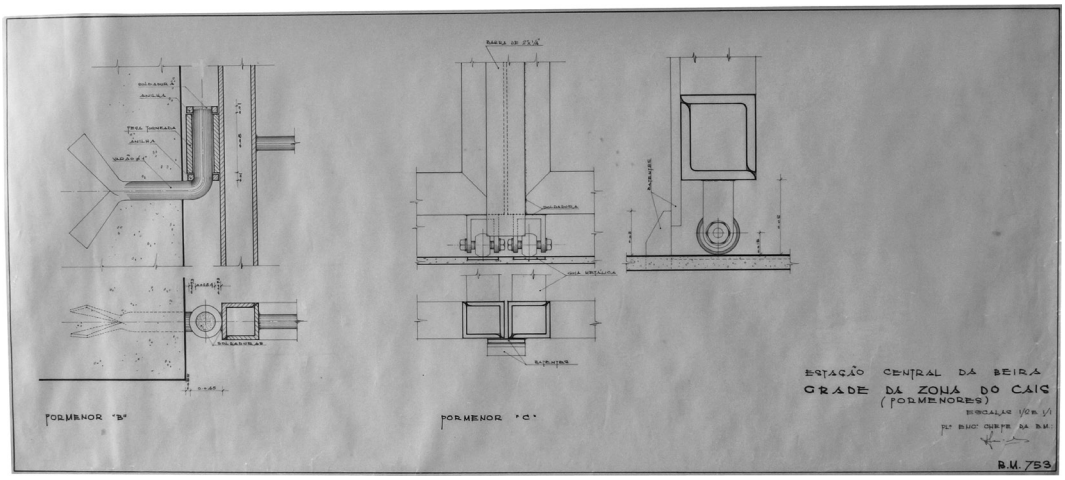
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Grade da zona do cais.
Escalas: 1:20 e 1: 2.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



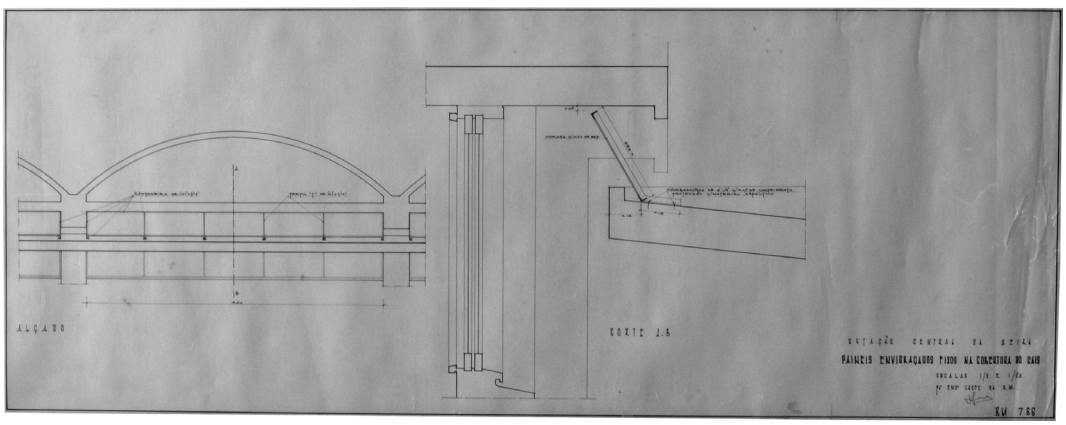
Estação Central da Beira

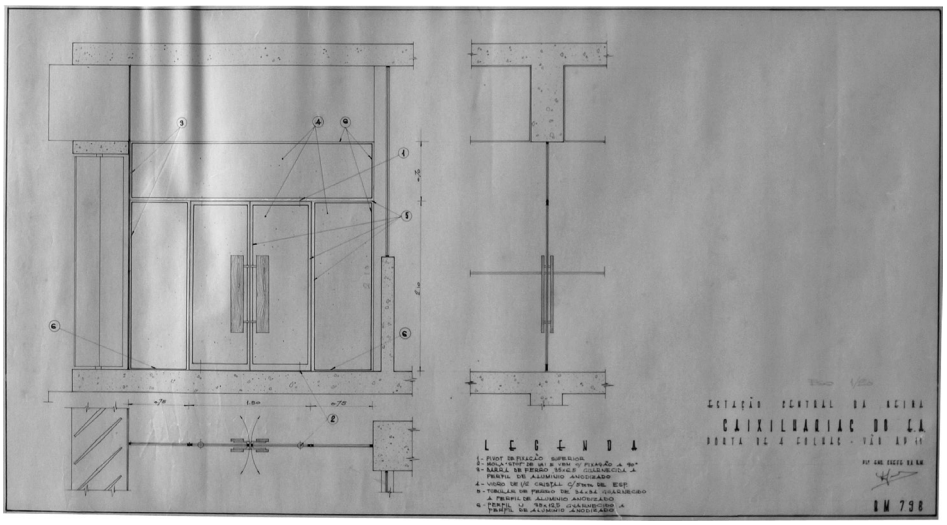
Estação Central da Beira. Grade da zona do cais (pormenores).
Escalas 1:2 e 1:1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

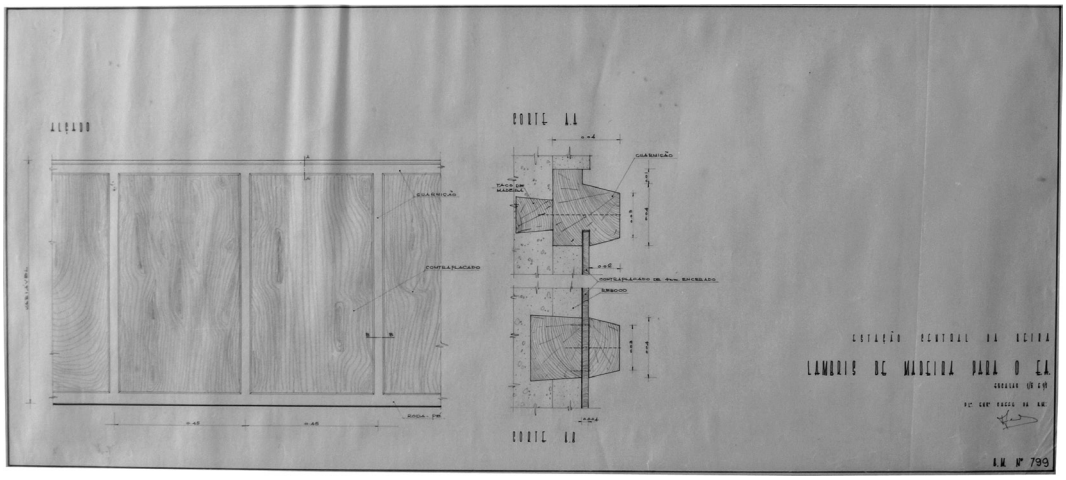
Estação Central da Beira. Paineis envidraçados fixos na cobertura do cais.
Escalas 1:20 e 1:5.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).





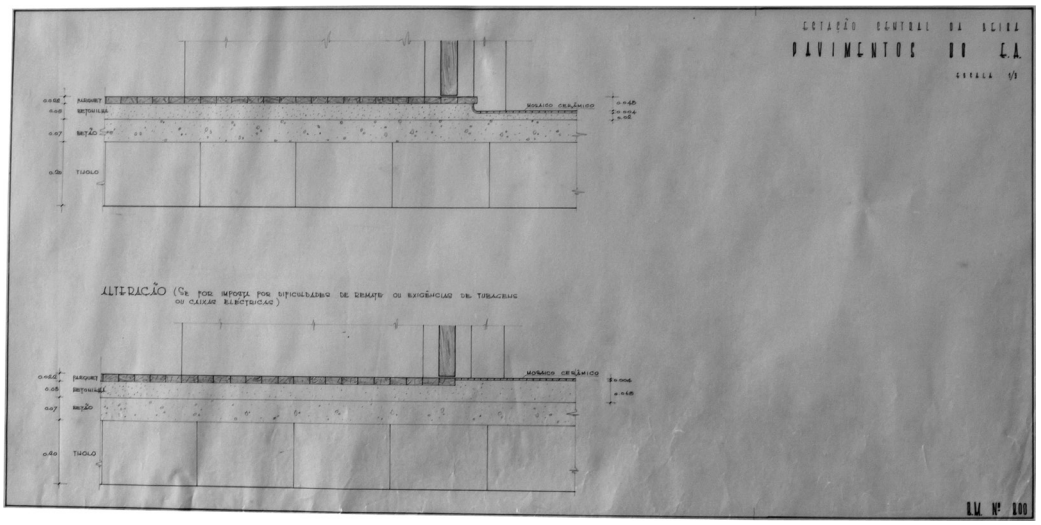
Estação Central da Beira

Caixilharias do E.A. Porta de 4 folhas.
Escala 1:20.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB)



Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Lambris de madeira para o E.A.
Escalas 1:25 e 1: 1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

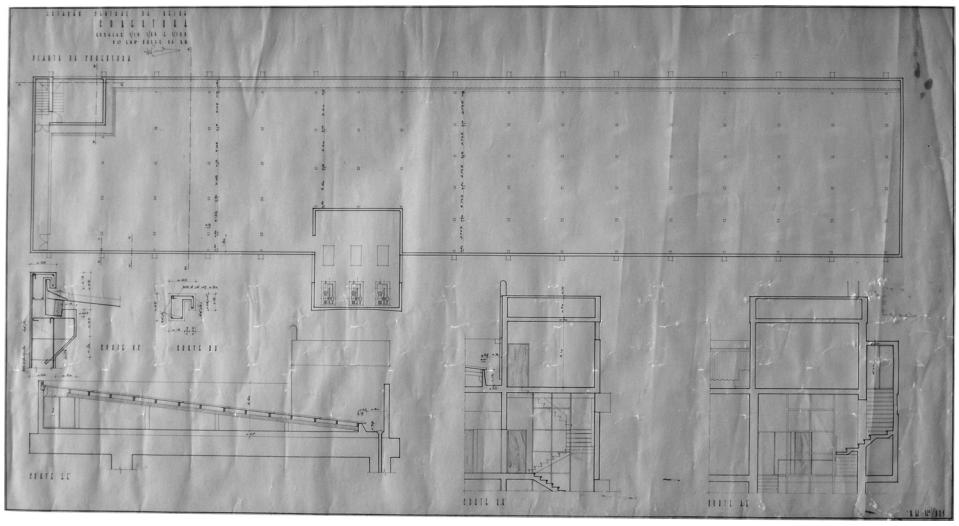


Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Pavimentos do E.A.
Escala 1: 1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

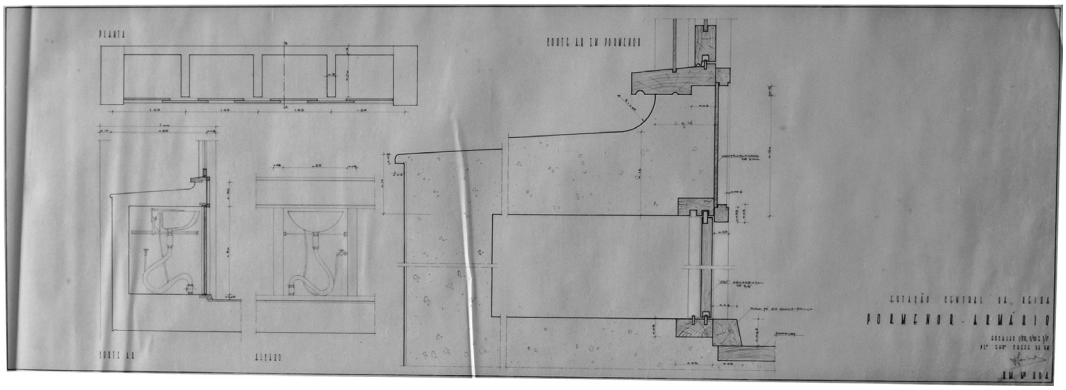
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Cobertura.
Escalas 1: 100, 1:50 e 1:10.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



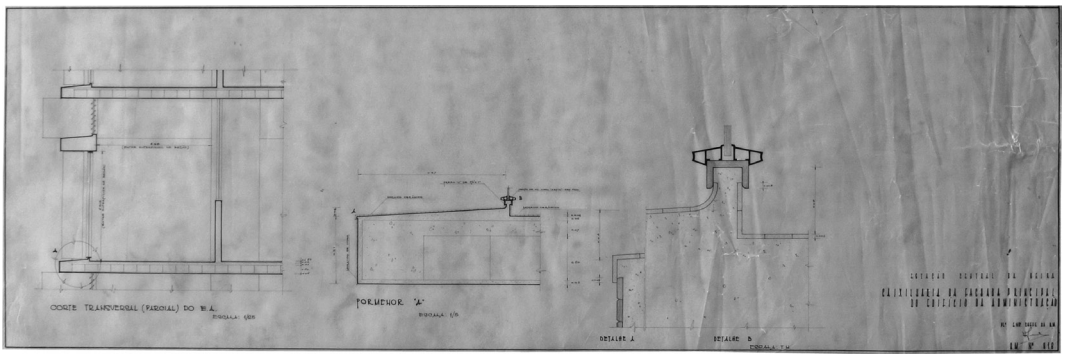
Estação Central da Beira

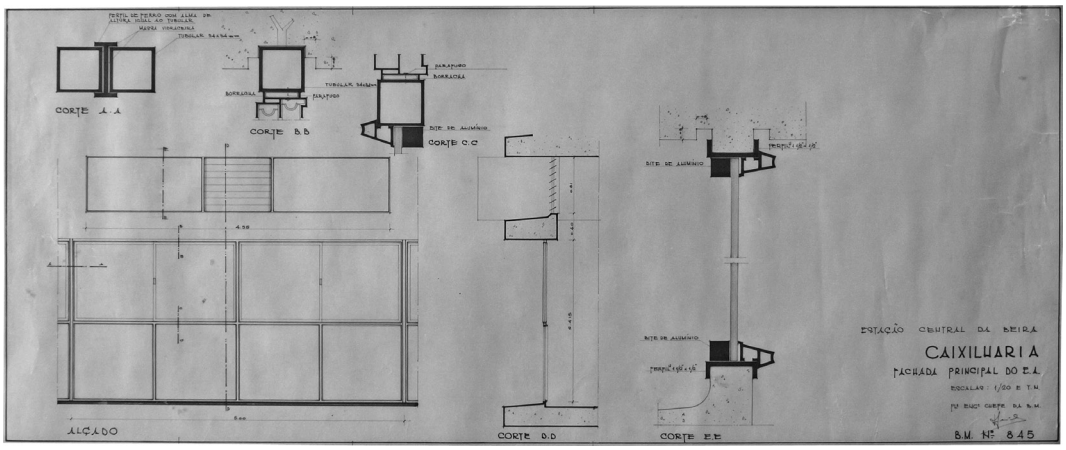
Estação Central da Beira. Pormenor - armário.
Escalas 1:20, 1:10 e 1:2.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

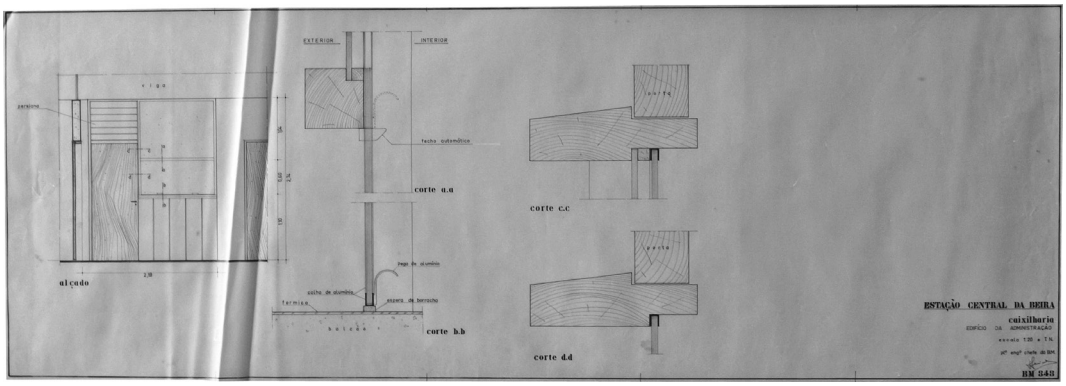
Estação Central da Beira. Caixilharia da fachada principal do Edifício da Administração.
Escala 1:1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).





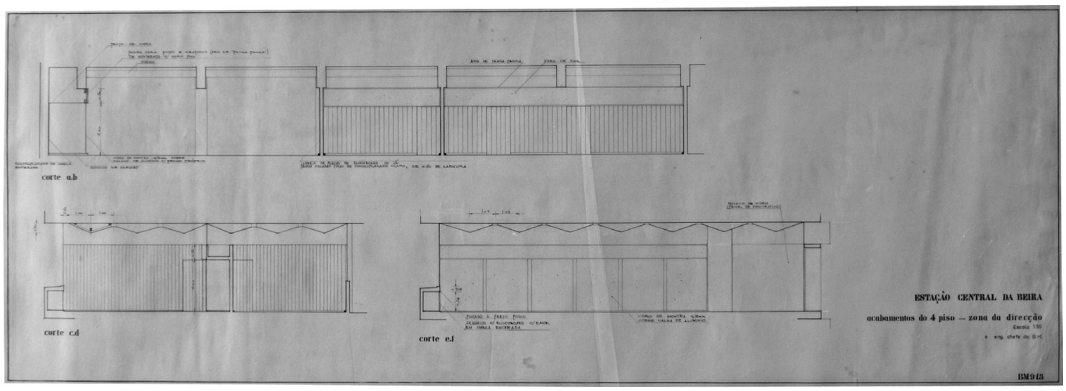
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Caixilharia. Fachada principal do E.A.
Escalas: 1:20 e 1:1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Caixilharia. Edifício da Administração.
Escala 1:20 e 1:1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB)+.

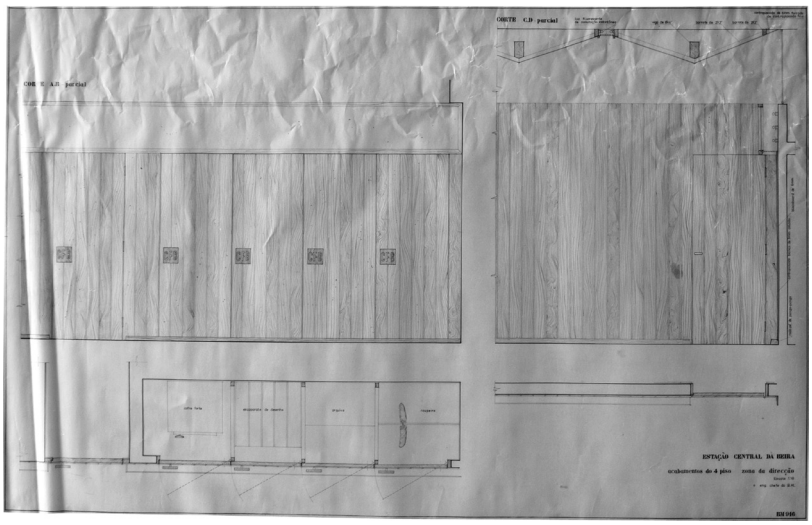


Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Acabamento do 4.º piso. Zona da Direcção.
Escala 1:50.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

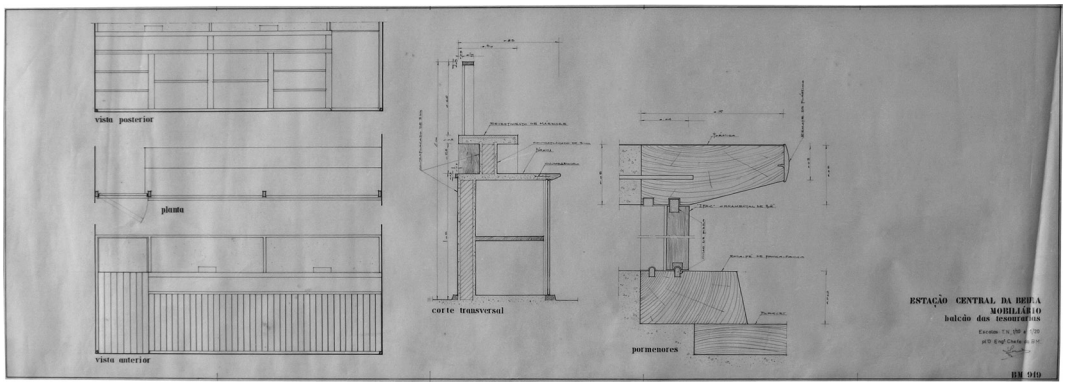
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Acabamento do 4.º piso. Zona da Direcção.
Escala 1:10.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



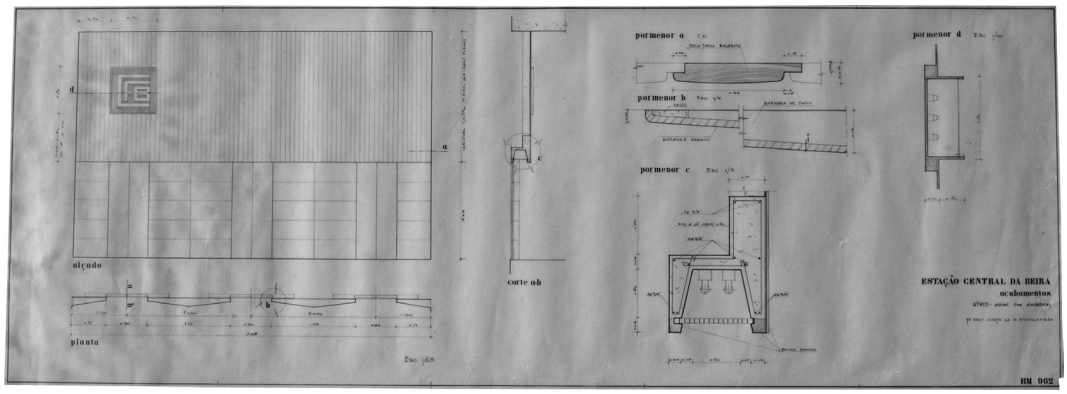
Estação Central da Beira

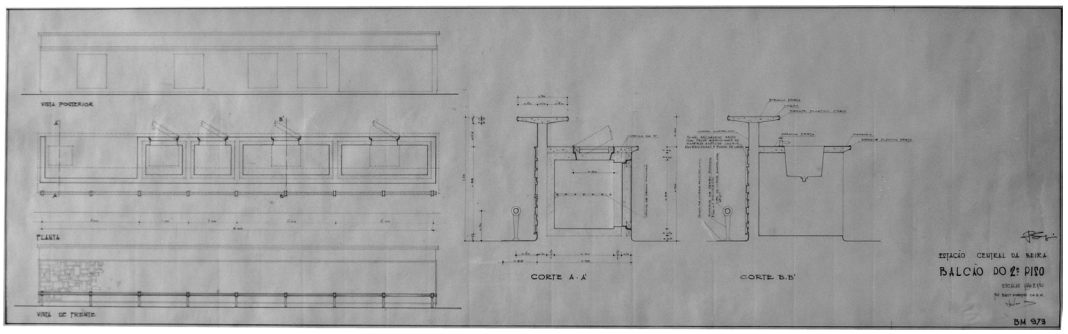
Estação Central da Beira. Mobiliário. Balcão das tesourarias.
Escalas 1:20, 1:10 e 1:1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

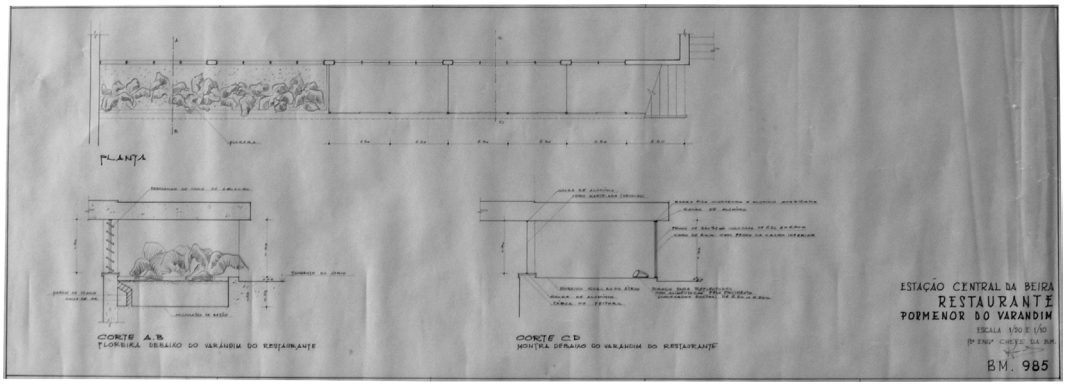
Estação Central da Beira. Acabamentos. Átrio. Painel dos elevadores.
Escalas 1:20, 1:10 e 1:1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).





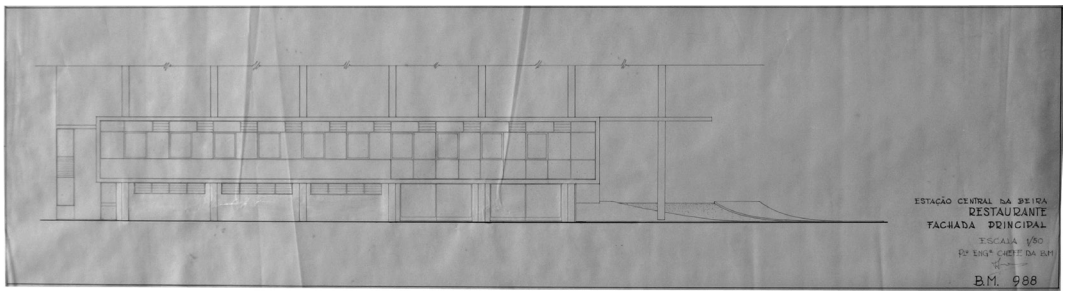
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Balcão do 2.° piso.
Escalas 1:20 e 1:10.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Restaurante. Pormenor do varandim.
Escalas 1:50 e 1:10.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

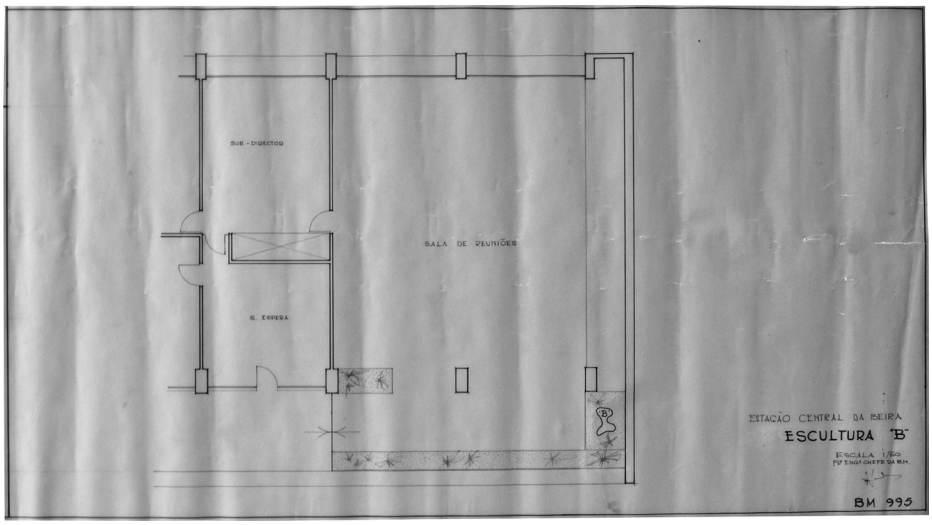


Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Restaurante. Fachada principal.
Escala 1:50.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).

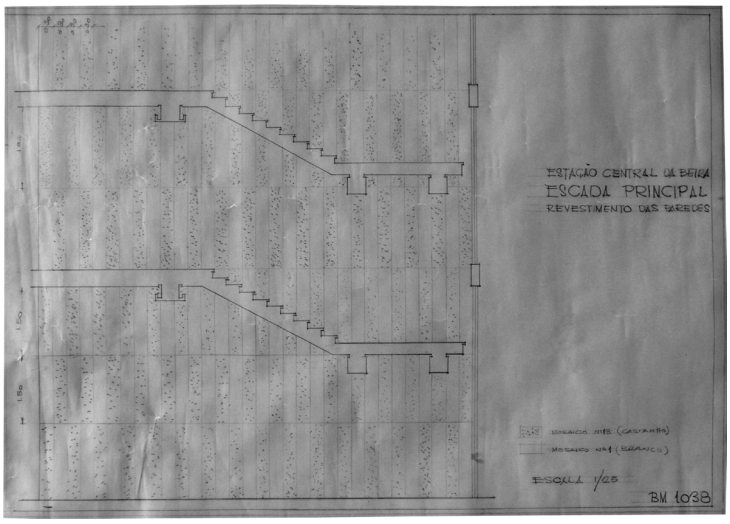
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Escultura "B".
Escala 1:50.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



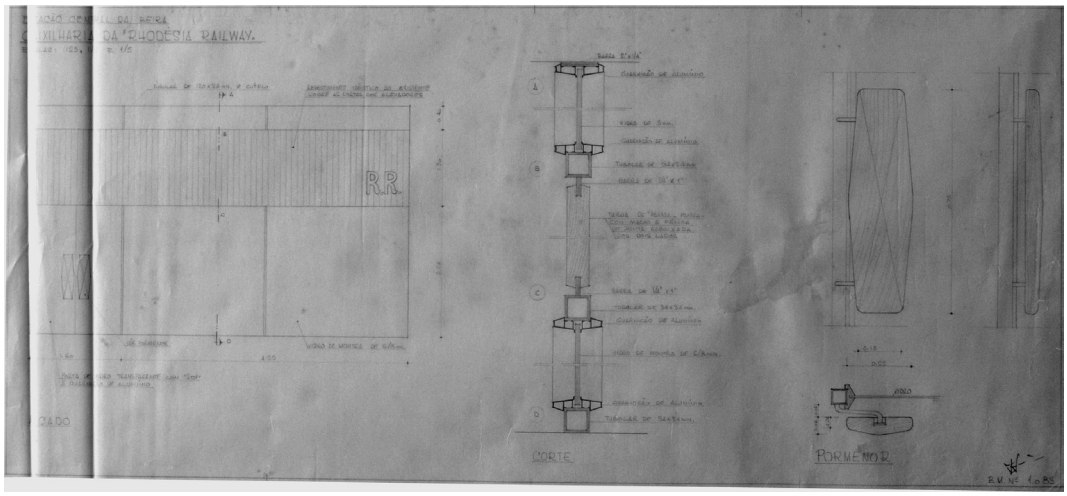
Estação Central da Beira

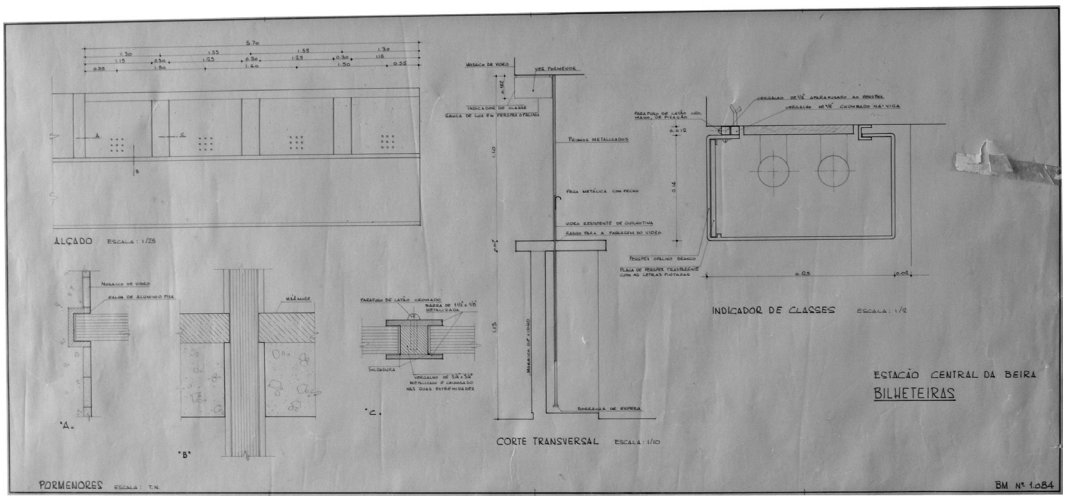
Estação Central da Beira. Escada principal. Revestimento das paredes.
Escala 1:25.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

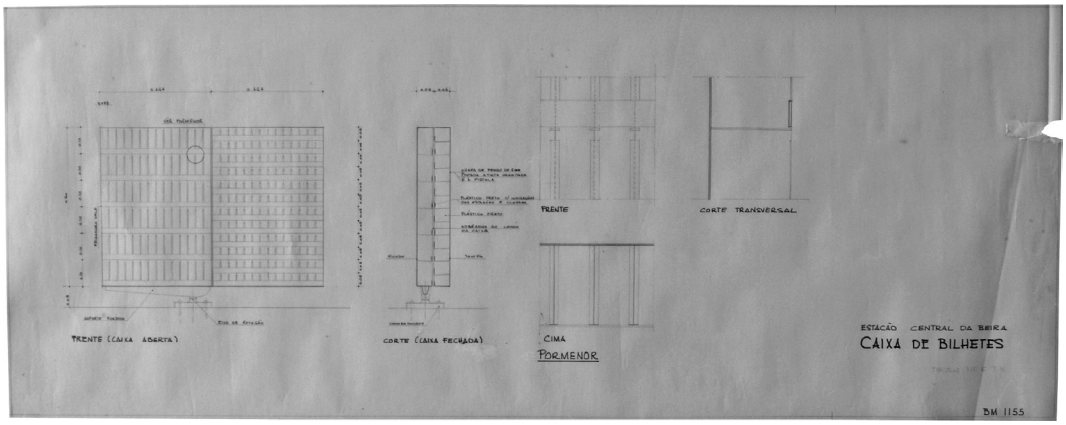
Estação Central da Beira. Caixilharia da "Rhodesia Railway.
Escalas 1:25, 1:? e 1:5.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).





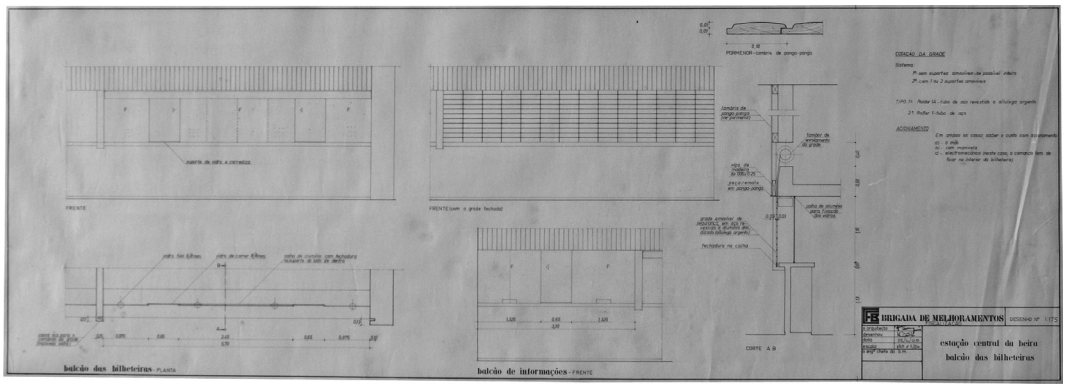
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Bilheteira.
Escalas 1:10 e 1:1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009|CFMECB).



Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Caixa de bilhetes.
Escalas 1:5 e 1:1.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009|CFMECB).

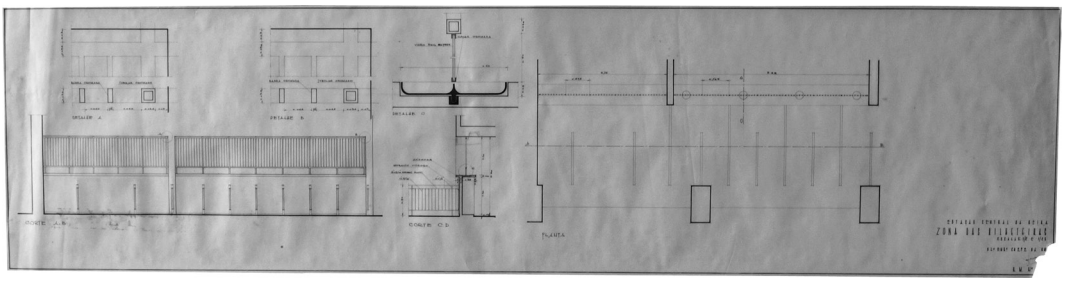


Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Balcão das bilheteiras.
Escalas 1:25 e 1:20.
Fiscalização, 22 de Junho de 1965.
(EM, 2009|CFMECB).

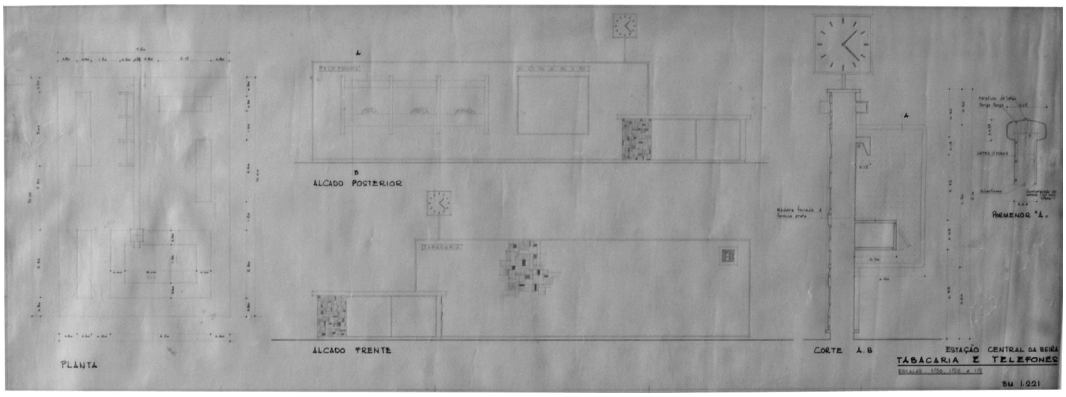
Estação Central da Beira

Estação Central da Beira. Zona das bilheteiras.
Escalas 1:25 e 1:2.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



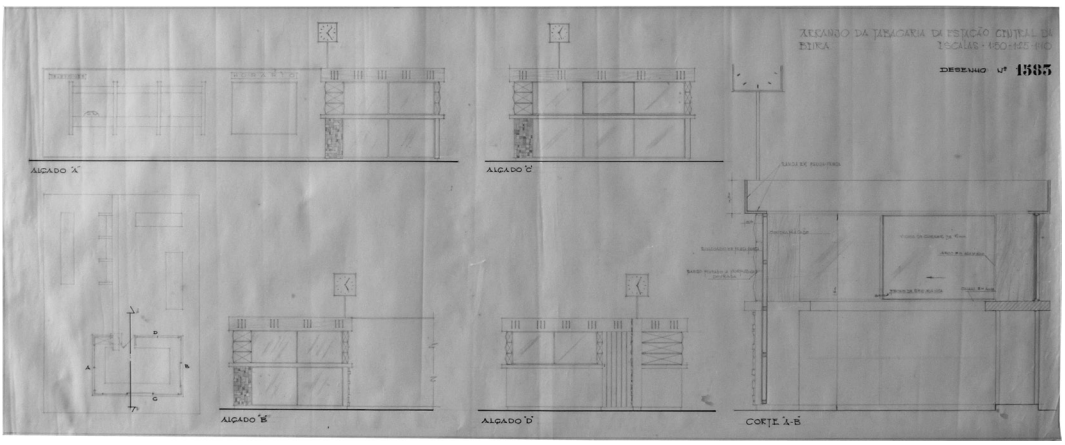
Estação Central da Beira

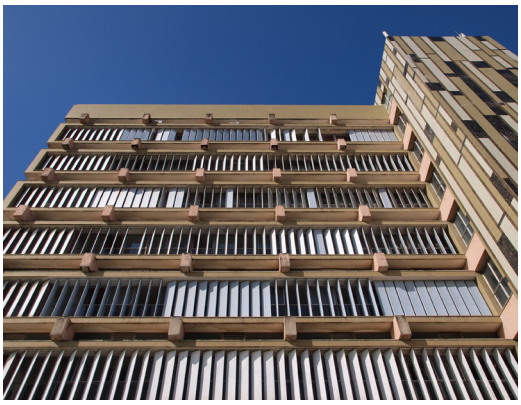
Estação Central da Beira. Tabacaria e telefones.
Escalas 1:50, 1:25 e 1:2.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).



Estação Central da Beira

Arranjo da tabacaria da Estação Central da Beira.
Escalas 1:50, 1:25 e 1:10.
Fiscalização, [s.d.].
(EM, 2009 | CFMECB).





Estação Central da Beira

Esquerda:
Vista desde o L. dos Caminhos de Ferro.
(EM, 2009).

Direita:
Corpo da administração - pormenor da fachada principal / sudoeste.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Vista desde o L. dos Caminhos de Ferro.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo do átrio - entrada principal.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda:
Corpo da administração - frente sudeste.
(EM, 2009).

Direita:
Corpo da administração - cunhal sul.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo do átrio - restaurante.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo do átrio - entrada da R. João Resende com grelha de betão e mural por Jorge Garizo do Carmo.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo de comando do cais - frente à R. João Resende.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo de comando do cais - frente à gare.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Zona do cais - linhas e plataformas.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda:
Zona do cais - linhas e plataformas.
(EM, 2009).

Direita:
Zona do cais - espaço de articulação com o corpo da administração.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda:
Zona do cais - linhas e plataformas.
(EM, 2009).

Direita:
Zona do cais - espaço de articulação com o corpo da administração.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

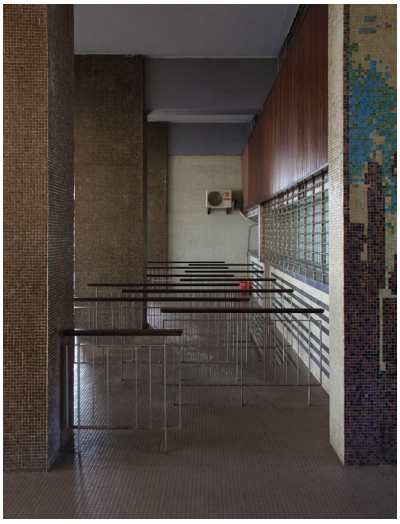
Esquerda:
Zona do cais - pátios / espelhos de água.
(EM, 2009).

Direita:
Zona do cais - entrada para o átrio de passagem.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda:
Átrio de passagem - antiga agência da Rodhesia Railways.
(EM, 2009).

Direita:
Átrio de passagem - bilheteiras.
(EM, 2009).



Estação Central da Beira

Esquerda:
Átrio de passagem - mural.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Átrio de passagem - bilheteiras.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda:
Átrio de passagem.
(EM, 2009).

Direita:
Átrio de passagem - bilheteiras.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda:
Espaço de transição entre o átrio de passagem e o átrio do público com saída para a R. João Resende ao fundo.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Espaço de transição entre o átrio de passagem e o átrio do público com átrio da administração ao fundo.
(EM, 2010 | EWV).

Estação Central da Beira

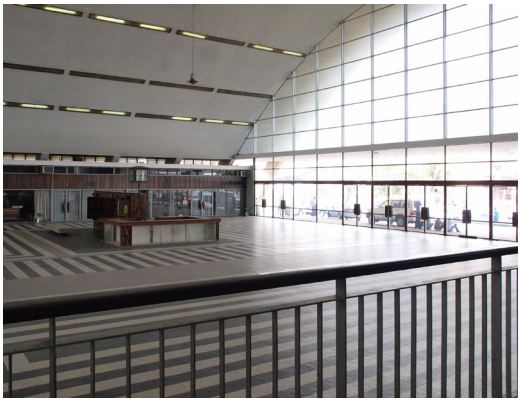
Esquerda e direita:
Espaço de transição entre o átrio de passagem e o átrio do público - saída para a R. João Resende.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Espaço de transição entre o átrio de passagem e o átrio do público - pátio / espelho de água.
(EM, 2010 | EWV).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Espaço de transição entre o átrio de passagem e o átrio do público - pátio / espelho de água.
(EM, 2010 | EWV).



Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Átrio do público.
(EM, 2010 | EWV).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Átrio do público.
(EM, 2010 | EWV).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Átrio do público - tabacaria.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Átrio do público - tabacaria.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda:
Átrio do público, tabacaria - relógio.
(EM, 2009).

Direita:
Átrio do público, tabacaria - revestimento da parede e balcão com arrincoado de madeira.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo da administração - átrio da administração.
(EM, 2009).

Direita:
Corpo da administração - escada principal.
(EM, 2010 | EWV).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo da administração - escada principal.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo da administração - escada principal.
(EM, 2009).

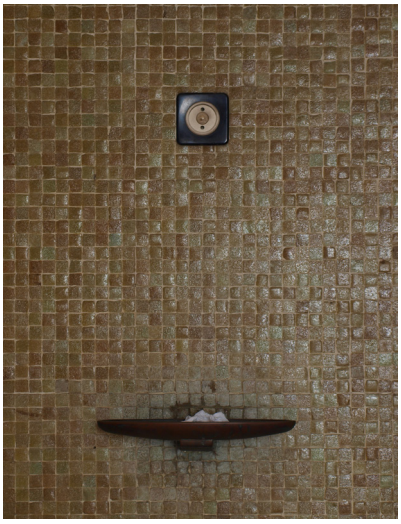
Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo da administração - átrio principal.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda:
Corpo da administração - galeria.
(EM, 2009).

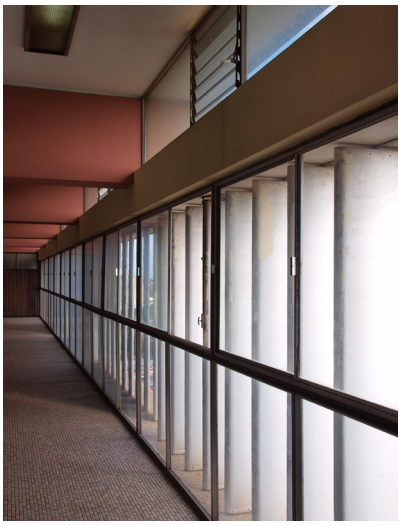
Direita:
Corpo da administração - revestimento com mosaico de vidro.
(EM, 2009).



Estação Central da Beira

Esquerda:
Corpo da administração - galeria.
(EM, 2010 | EWV).

Direita:
Corpo da administração, galeria - frente dos espaços de trabalho.
(EM, 2009).



Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo da administração, galeria - caixilharia exterior.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo da administração, galeria - *brise soleil*.
(EM, 2009).

Estação Central da Beira

Esquerda e direita:
Corpo da administração - sala de desenho.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições (1959-c.1962). Vila Cabral. 13°18'1.49"S, 35°14'41.37"E. João José Tinoco (1924-1983) e Maria Carlota Quintanilha (n.1923)

O empreendimento de construção do Palácio das Repartições de Vila Cabral, capital do então Distrito do Niassa, constituiu uma iniciativa oficial do governo-geral da antiga província de Moçambique.

O projeto do complexo, que foi realizado no exterior dos Serviços de Obras Públicas por João José Tinoco e Maria Carlota Quintanilha, estava a ser desenhado em meados de 1959.[311]

O concurso público para a sua construção foi lançado em 15 de Setembro de 1959 pela Direção dos Serviços de Obras Públicas, com abertura de propostas previstas para 20 de Outubro do mesmo ano.[312] A sua edificação foi objeto de uma autorização do governo metropolitano para que decorresse em dois anos económicos seguidos, 1960 e 1961.[313] O esqueleto estrutural de todo o conjunto estava já erguido em Junho de 1961, aguardando-se para breve a transferência dos serviços do governo para as novas instalações.[314] A sua inauguração teve lugar numa data que ainda desconhecemos, próxima do ano de 1962.[315]

Vila Cabral localiza-se no planalto noroeste de Moçambique, nas proximidades do Lago

311 *BGU*, 1959-07: 204.

312 *Notícias*, 1959-09-17: 4.

313 "Lisboa, 19 (Lusitânia) – Uma portaria ministerial autorizou o Governo Geral de Moçambique a executar em mais de um ano económico a obra de construção de um edifício para as Repartições públicas em Vila Cabral, pela importância de 3.320 contos, despendendo mil contos em 1960 e o restante em 1961." *Notícias*, 1960-01-20: 12.

314 *JN*, 1961-06-01: 5, 8.

315 Fernandes; Janeiro; Neves, 2008: 234.

Niassa. A planta da cidade, plano nunca completamente implementado, foi desenhada em 1932 por António Pereira Relha na Direção dos Serviços de Agrimensura com a forma radiocêntrica, centralizada e finita de uma cidade ideal renascentista. Ao longo dos anos os quarteirões do seu tecido urbano foram sendo ocupados com construções isoladas, rodeadas de vegetação. Como elas os edifícios e jardins do Palácio das Repartições localizam-se no centro de um quarteirão com cinco frentes, a menor das quais se debruça sobre a octogonal praça central da povoação.

O seu programa visava dotar a capital do distrito do Niassa com uma infraestrutura na qual se concentrassem os órgãos locais da administração pública e as delegações das várias repartições do governo-geral.

O encerramento do piso térreo do volume maior constituiu a maior alteração sofrida pelo edifício, que alberga atualmente as instalações da sede do Governo Distrital do Niassa. Em 2009 encontrava-se num razoável estado de conservação, necessitando apenas de algumas obras de restauro.

O complexo do Palácio das Repartições é composto por dois volumes retangulares implantados segundo ângulos diferentes, resultantes da forma do quarteirão, articulados por uma passagem irregular.[316] O volume maior de três pisos, designado por corpo II nos desenhos do projeto, localiza-se no centro do terreno, paralelo às frentes maiores do quarteirão a norte e a sul; o volume menor de dois pisos, designado por corpo I, dispõe-se obliquamente em relação ao primeiro, perpendicular a uma linha virtual que nasce no centro da praça e atravessa o meio da frente nordeste do lote.[317] O complexo está rodeado por espaços ajardinados que prolongam a geometria do edificado, como os talhões oblíquos que envolvem o corpo II, ou que com ele contrastam, como os percursos ondulantes sobre os quais se suspende o corpo I.

316 Para mais desenhos de projeto para além dos agora publicados consultar Ferreira, 2008: 111-115.

317 "O corpo maior, de aproximadamente 17 por 60 metros de implantação, assume uma posição relativamente discreta, no alinhamento da avenida que lhe dá acesso; o corpo mais pequeno, com cerca de 11 por 32 metros, destaca-se numa posição oblíqua relativamente ao primeiro, colocando-se de frente para a rotunda (...)." Ferreira, 2006: 108.

O corpo I tem a forma de um prisma de seção vertical quase trapezoidal, suspenso sobre um rés-do-chão vazado por duas fiadas de *pilotis* recuadas em relação às frentes maiores do volume. Da base deste corpo solta-se uma escultórica escada exterior helicoidal, ladeada por um espelho de água, que permite a entrada autónoma no espaço superior. Com os topos completamente encerrados abre-se no alçado posterior por vãos pontuais - o maior dos quais protegido por um *brise-soleil* de lâminas verticais -, e na fachada principal por uma profunda varanda de fundo envidraçado, ilusoriamente desenvolvida ao longo de toda o comprimento do alçado. De facto esta varanda encontra-se dividida em dois segmentos desiguais: no primeiro segmento, com 3/8 da sua extensão, é espaço exterior; no segundo segmento, com 5/8 do comprimento total, é encerrada com uma caixilharia oculta por uma grelha de elementos prefabricados e coberta por uma laje intermédia, no plano posterior da qual um lanternim envidraçado retoma o alinhamento do fundo da varanda, .

O corpo intermédio é formado por uma *passerelle* coberta por uma laje horizontal e suportada por elegantes *pilotis*, estabelecendo a concordância entre a geometria, as cotas e os percursos dos corpos I e II do conjunto.

O piso térreo do corpo II tem a forma de um prisma retangular, originalmente vazado nos três últimos pórticos a poente e aberto através de *fenêtres en longueur* nas fachadas norte e sul. Sobre esta base assenta um polígono irregular com dois pisos e seis lados, suspenso em consola ao longo das fachadas maiores do retângulo da base. Estas duas fachadas, ritmadas pelos topos salientes das vigas transversais e completamente envidraçadas, são protegidas por grelhas exteriores compostas por elementos prefabricados. O volume é rematado por uma dupla cobertura composta por uma laje plana e um telhado de *borboleta*, com duas águas convergentes para uma caleira central longitudinal. Dois volumes trapezoidais salientes, contendo as entradas principais e as caixas de escadas, projetam-se simetricamente das fachadas maiores dividindo o corpo II em duas partes de comprimento desigual.

No corpo I localizavam-se os espaços reservados ao governo distrital do Niassa: no piso 1 o abrigo de carros e o espelho de água e no piso 2, dispostos em torno de um *hall* central

onde desembocam a *passerelle* e a escada helicoidal, a sala de sessões, a secretaria e os gabinetes do governador e dos inspetores.

No corpo II funcionavam os serviços administrativos das diversas repartições e os espaços de atendimento público.[318] No piso térreo os gabinetes abrem para um corredor interno de acesso misto enquanto nos dois pisos superiores abrem para três circulações longitudinais: um corredor central interno reservado aos funcionários, na continuidade do qual se situa a *passerelle* de ligação ao corpo I, e duas galerias laterais de acesso do público, dispostas ao longo das frentes maiores do edifício. Cada módulo de gabinete, colocado transversalmente aos percursos, tem uma frente fixa para o corredor interno, com porta, armário e lanternim de ventilação junto ao teto, e outra frente fixa para a galeria do público, com armário, balcão e envidraçado de atendimento e lanternim de ventilação. As duas paredes laterais de cada gabinete intermédio são encerradas por tabiques tipo *Holoplast*, permitindo diversas associações espaciais em *plan libre*. Os três percursos são intersetados por um *hall* transversal que os une entre si e às entradas principais e caixas de escadas contidas nos volumes trapezoidais. Um vazio com pé-direito total, assimetricamente aberto a meio do espaço e iluminado por uma claraboia com a mesma dimensão, permite o contacto visual entre todos os pisos.

As estruturas de ambos os corpos foram erguidas em betão armado e são independentes das paredes interiores e exteriores dos edifícios.

A estrutura do corpo I é composta por *pilotis* cilíndricos e vigas retangulares invertidas nas quais se apoiam lajes prefabricadas de betão de menor dimensão. Da face inferior destas vigas suspendem-se lajes maciças de betão assim como o teto falso do gabinete do secretário.

O corpo II foi suportado por pórticos de pilares e vigas retangulares, nas quais igual-

318 "O edifício maior caracteriza-se por uma repetição modular de espaços, agrupando de modo semelhante os diferentes serviços, em três pisos: Alfândega e Almoxarifado, Obras Públicas, depósitos e abrigo para carros em zona de *pilotis* no piso térreo; Agricultura, Instrução, Agrimensura, Administração Civil no primeiro piso; Direcção de Fazenda, Veterinária, Indústria, Saúde, no segundo piso." Ferreira, 2006: 110.

mente pousam lajes prefabricadas de betão. Nas galerias de atendimento público as lajes são duplicadas para permitir a ventilação dos gabinetes, sendo as inferiores formadas por delgadas membranas de betão suspensas da face inferior das vigas. A laje de cobertura é sombreada pela sobreposição de um telhado em *borboleta*, constituído por chapas de fibrocimento apoiadas em estruturas de madeira.

Em ambos os corpos foram utilizados sistemas construtivos tradicionais e elementos industriais estandardizados. As paredes exteriores e as que limitam zonas interiores foram erguidas com blocos de betão. Os vãos exteriores foram maioritariamente encerrados com caixilharias de madeira pintada, protegidas por grelhas de módulos prefabricados de betão na varanda do corpo I e nos pisos superiores das fachadas norte e sul do corpo II, e por um *brise-soleil* de lâminas verticais de alvenaria no vão sudoeste da sala de sessões. Os vãos interiores foram construídos com madeiras e contraplacados pintados. As paredes e os tetos foram rebocados, com exceção das zonas revestidas com lambrins de azulejo ou contraplacado. Os pavimentos foram revestidos com mosaico hidráulico nos sanitários, mosaico cerâmico de 2cm tipo *Cerabati* nos *halls*, galerias, varanda e *passerelle*, *parquet* de madeira nos gabinetes, sala de sessões e corredor interno, e quartzite da Rodésia nos pavimentos exteriores sob os corpos I e intermédio.

A proteção da incidência solar sobre os *pan de verre* é conseguida com o recuo do plano das fachadas em varandas e cobertos e com a sobreposição de grelhas e *brise-soleil*. As coberturas dos dois corpos principais são por sua vez sombreadas pelo plano superior de lajes duplas ventiladas.

A ventilação transversal dos espaços interiores obtém-se pela extensiva utilização de vãos basculantes e persianas de lâminas de vidro fixas e móveis, inseridas na parte superior dos caixilhos interiores e exteriores, e pelas duplas coberturas sobre as galerias do público.

A suspensão dos volumes em *pilotis*, a utilização de lajes e empenas oblíquas, coberturas em borboleta, extensos *pan de verre* protegidos por grelhagens e *brise-soleil*, a autonomia do esqueleto estrutural e a organização funcional em *plan libre* demonstram uma ortodoxa

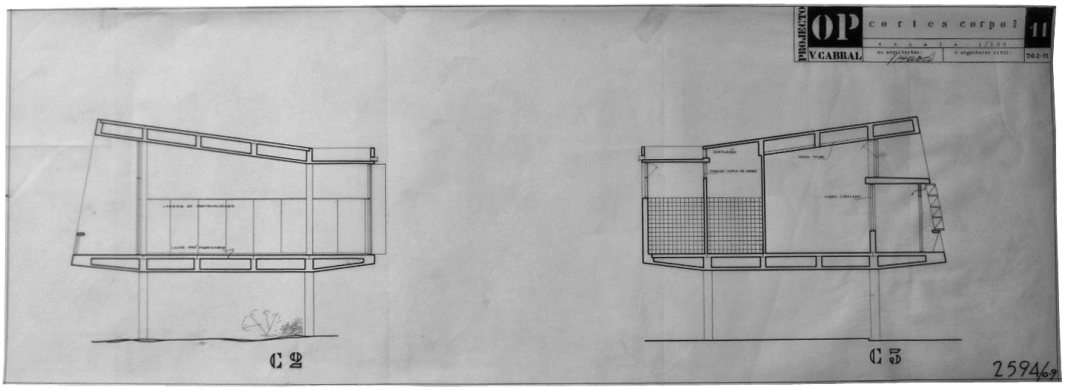
fidelidade dos arquitetos do Palácio das Repartições de Vila Cabral à adaptação tropical dos modelos corbusianos efetuada pela contemporânea arquitetura moderna do Brasil. Possíveis influências brasileiras para o corpo I do palácio podem ser detetadas nas diversas unidade habitacionais do Centro Tecnológico de Aeronáutica, em São José do Campo, São Paulo (1947), por Óscar Niemeyer,[319] no Palácio do Governo do Estado do Paraná (Palácio Iguaçu), em Curitiba (1952), por David Xavier Azambuja, ou no volume da escola primária do complexo residencial do Pedregulho,[320] no Rio de Janeiro (1950-1952), por Afonso Eduardo Reidy.[321] O corte pela lavandaria e mercado deste último complexo lembram, por sua vez, o corte transversal do piso superior do corpo II do edifício governamental de Vila Cabral.[322]

A modernidade da arquitetura do complexo do Palácio das Repartições, e principalmente o desenho da fachada principal do corpo I com a sua assimétrica varanda representacional destinada a aparições públicas dos dirigentes do Estado, expressava à época a modernidade da política de desenvolvimento do regime colonial no longínquo octógono central da antiga Vila Cabral.

319 Mindlin, 1999 [1956]: 134-139.
320 Mindlin, 1999 [1956]: 148-149.
321 Mindlin, 1999 [1956]: 38.
322 Mindlin, 1999 [1956]: 150.

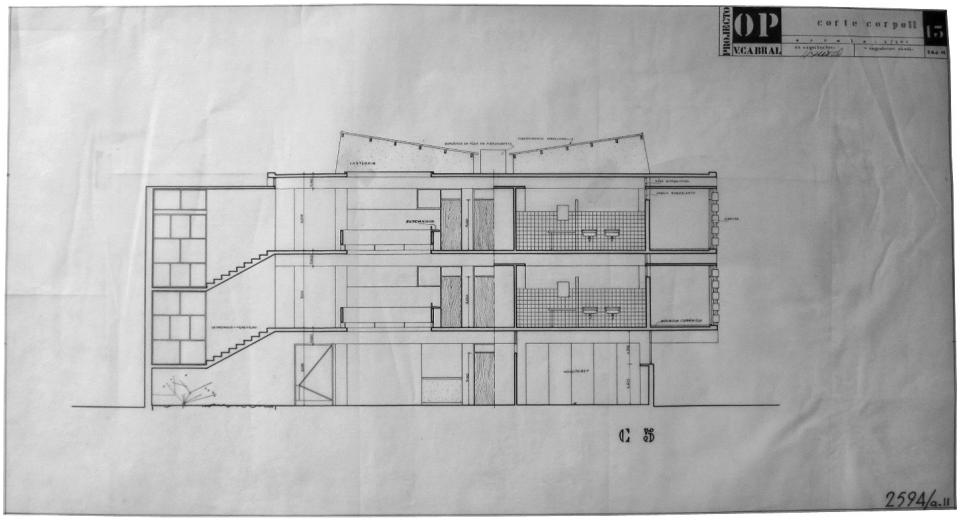
Palácio das Repartições

Cortes corpo I.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2594/a-9).



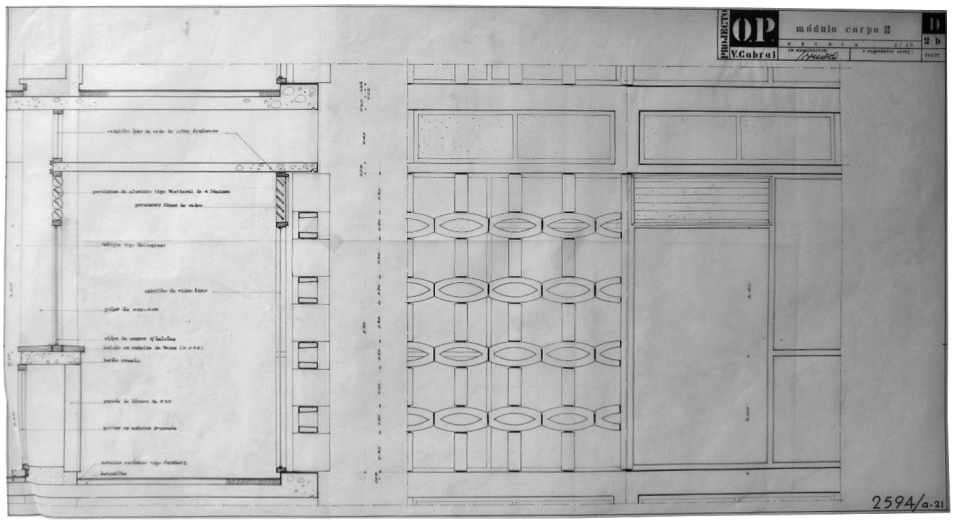
Palácio das Repartições

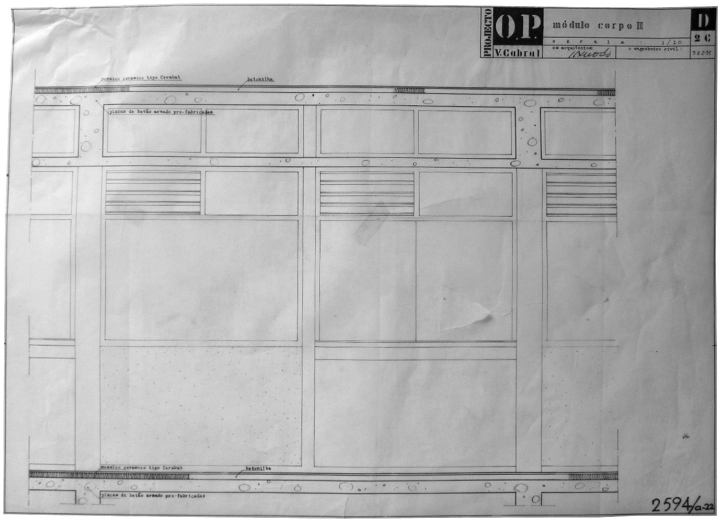
Corte corpo II.
Escala 1:100.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2594/a-11).



Palácio das Repartições

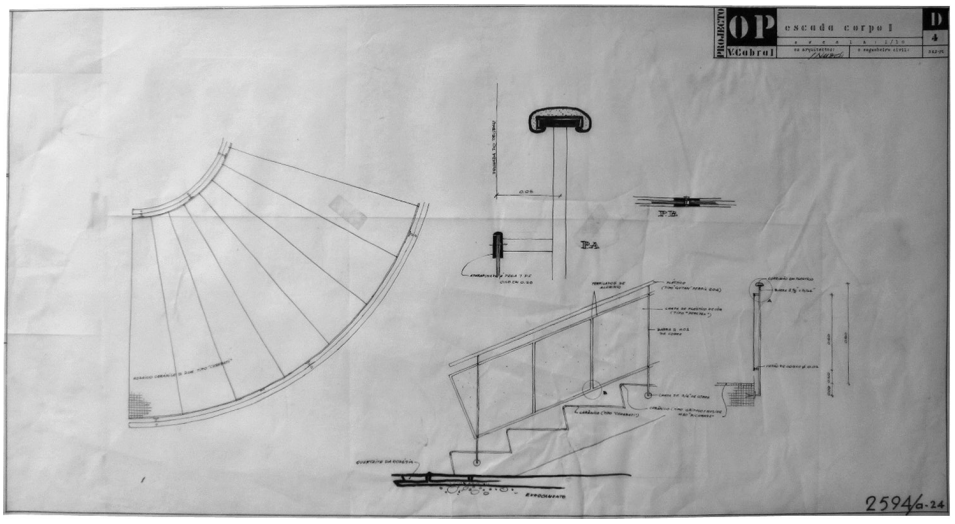
Módulo corpo II.
Escala 1:10.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH,
n.º 2594/a-21).





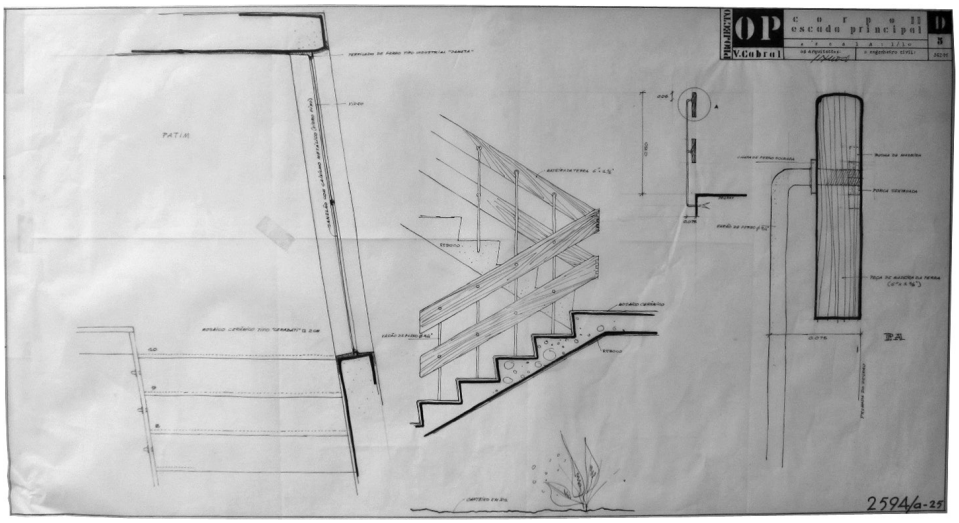
Palácio das Repartições

Módulo corpo II.
Escala 1:10.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2594/a-22).



Palácio das Repartições

Escada corpo I.
Escala 1:10.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2594/a-24).



Palácio das Repartições

Corpo II. Escada principal.
Escala 1:10.
Projeto, [s.d.].
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2594/a-25).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo I - fachada principal desde a praça octogonal.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo I - fachada principal.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo I - piso 1.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo I, piso 1 - escada helicoidal.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo intermédio - piso 1.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo I - fachada posterior.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo intermédio.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpos I e intermédio - coberturas.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpos I e II.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo II.
(EM, 2009).

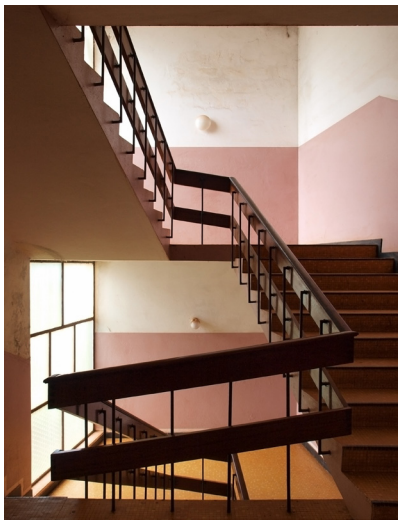
Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo II.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

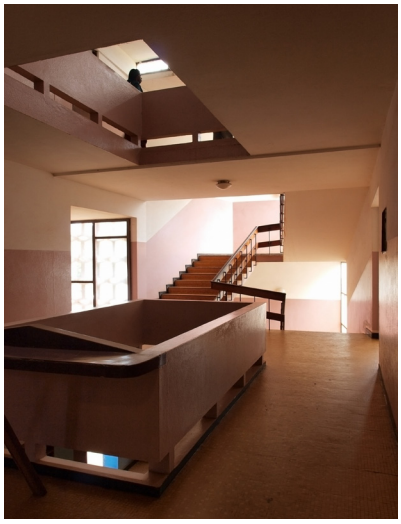
Esquerda:
Corpo II - escadas principais.
(EM, 2009).

Direita:
Corpo II - *hall* transversal.
(EM, 2009).



Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo II - *hall* transversal.
(EM, 2009).



Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo II - galeria de acesso público.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo II, *hall* transversal - entrada do corredor central interno.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo II, piso 2 - corredor central interno.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda e direita:
Corpo intermédio - piso 2.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda:
Corpo II - escadas internas.
(EM, 2009)

Direita:
Corpo II - átrio interno.
(EM, 2009).

Palácio das Repartições

Esquerda:
Corpo II, gabinete - frente do público.
(EM, 2009).

Direita:
Corpo II, gabinete - frente do corredor interno.
(EM, 2009).

Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo (1957-1966). Avenida Guerra Popular – Avenida Emília Dausse – Avenida Albert Luthuli – Avenida Paulo Samuel Kankhomba. Maputo. Moçambique. 25°57'32.27"S, 32°34'23.92"E. Fernando Mesquita/ SOP.

A Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo, em Lourenço Marques, uma das duas escolas técnicas elementares criadas em 1958[323] pelo governo central na antiga província de Moçambique, foi instituída com este nome por um diploma legislativo do governo provincial a 28 de Agosto de 1961.[324] A sua construção foi financiada por verbas inscritas no capítulo *Instrução e Saúde* do II Plano de Fomento.[325]

O edifício da escola foi projetado nos Serviços de Obras Públicas de Lourenço Marques. O primeiro desenho que dela conhecemos, o *Esquema de referência e distribuição de cargas para efeitos de ensaios (provisório)*,[326] está datado de 30 de Janeiro de 1960, embora a maioria dos elementos do seu processo tenham sido desenhados entre Fevereiro e Abril do ano seguinte. O projeto foi sendo complementado e desenvolvido com novos elementos, dos quais conhecemos alguns desenhos realizados entre Setembro de 1961 e Fevereiro de 1963. Destes desenhos a maioria tem a assinatura de Fernando Mesquita como autor do projeto, a solo ou em parceria com outro profissional cuja rubrica não identificamos, e a assinatura de Cardoso Alves como desenhador; uma minoria destes desenhos não tem autoria ou está assinado por outros técnicos dos SOP, cujas rubricas também não conse-

323 *BGU*, 1958-07: 106-107.
324 *BGU*, 1962-03: 152; Ferreira, 2006: 164, nota 221.
325 *BGU*, 1961-03/04: 337-340.
326 MOPH, n.° 2667.

guimos identificar.

A construção desta escola técnica elementar foi adjudicada em Maio de 1961.[327] O complexo foi oficialmente inaugurado em 7 de Fevereiro de 1963[328] numa cerimónia presidida pelo contra-almirante Sarmento Rodrigues, governador-geral da antiga província.[329]

A escola situa-se no Alto-Maé, um bairro popular habitado por populações de fracos recursos económicos, nas proximidades da Padaria Saipal. De acordo com a planta de implantação representada no *Esquema de referência e distribuição de cargas* a forma irregular do lote resulta da associação de dois talhões separados pela antiga Rua 31 de Janeiro, atual Avenida Agostinho Neto, artéria que o complexo da escola seciona em dois troços autónomos. O terreno, com 4000 metros quadrados,[330] está rodeado pela antiga Avenida José Serrão, atual Avenida Emília Dausse (para a qual abre a entrada principal), pela antiga Avenida Luciano Cordeiro, atual Avenida Albert Luthuli, pela antiga Avenida 31 de Janeiro, atual Rua da Munhuana (na qual se faz uma entrada de peões), pela antiga Rua Engenheiro Ferreira Maia, pela antiga Avenida Gomes Freire, atual Avenida Paulo Samuel Kankhomba (na qual se faz a segunda entrada de peões), e pela antiga Avenida General Machado, atual Avenida Guerra Popular (pela qual se faz o acesso automóvel).

O programa desta escola técnica elementar de frequência mista, grau de ensino correspondente ao antigo ciclo preparatório, foi o de maior dimensão e complexidade de todos os programas de escolas técnicas construídas no período em estudo:[331] dimensionado para uma população escolar de 1000 alunos esta lotação foi rapidamente ultrapassada nos anos seguintes à sua abertura.[332]

327 "Foi adjudicada (...) a construção duma escola técnica elementar em Lourenço Marques, obra incluída no 2.º Plano de Fomento. O prazo de execução é de 100 dias para os dois pavilhões já necessários no início do próximo ano letivo e de 450 dias para a totalidade da obra." *DM*, 1961-05-19: 1.

328 http://estrelavermelha.netcabo.co.mz.

329 *BGU*, 1963-01/02: 177.

330 Ferreira, 2006: 164.

331 "A maior complexidade (...) justifica-se pelas novas condições de implantação e sobretudo pelo aumento do programa, culminando um importante trabalho interdisciplinar que envolveu o projetista, a Direção dos Serviços de Instrução, os professores, entre outros responsáveis. Ferreira, 2006: 164.

332 Ferreira, 2006: 164, nota 223.

O edifício da antiga Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo, no qual hoje em dia funciona a Escola Secundária Estrela Vermelha, continuava em 2009 a apresentar a sua fisionomia original apesar de lhe terem sido acrescentados três volumes de arquitetura desqualificada nos três topos poente dos pavilhões de salas de aula e de trabalhos manuais. Nesse ano o tanque de natação e a zona desportiva estavam sem utilização e a escola necessitava de obras de manutenção significativas em todos os edifícios.

A implantação do conjunto edificado foi definida, tal como nas anteriores escolas projetadas por Fernando Mesquita, numa *Planta Geral* na qual se sintetizam as principais componentes do projeto: os elementos-tipo que informam o programa e suas referências de projeto, os movimentos de terra e respetivas cotas de nível, o arranjo dos espaços exteriores da escola e dos passeios envolventes, e o tratamento vegetal do conjunto. Esta última componente foi objeto de uma pormenorizada definição paisagística tendente a criar uma massa protetora de vegetação que envolveria a escola no interior de um parque.[333] De acordo com os princípios testados anteriormente nas escolas técnicas de Nampula, Quelimane e Inhambane, as construções da escola de Lourenço Marques implantaram-se sobre uma matriz ortogonal ortodoxamente disposta na direção dos pontos cardeais, autónoma em relação à orientação da malha urbana envolvente e aos limites do terreno, ambos orientados segundo os pontos cardeais colaterais. O traçado da implantação, definido já no *Esquema de referência e distribuição de cargas* baseou-se, tal como nas escolas atrás referidas, num esquema em árvore: a estrutura compositiva desta escola é assim formada por duas galerias de circulação, orientadas na direção norte-sul, nas quais entroncam os diferentes corpos do programa e respetivas circulações, dispostos na direção este-oeste. Os diversos corpos da escola são intercalados por pátios exteriores de recreio implantados em várias cotas e com diferentes configurações em resultado da adaptação da matriz ortogonal a um terreno empenado, deixando livre um vasto espaço a norte no qual se localiza a zona desportiva.

A complexidade programática da Escola Governador Joaquim de Araújo reflete-se na diver-

333 "O conjunto é enquadrado por zona de vegetação que, depois de desenvolvida, virá a formar um parque." *BGU*, 1963-01/02: 177.

sidade e dimensão dos elementos-tipo que a constituíam: dois abrigos de bicicletas, duas galerias ou recreios cobertos, oito pavilhões com diferentes funções, um tanque de natação e diversos campos de jogos e pistas de atletismo.

A entrada principal no complexo faz-se a partir de um espaço de articulação desenhado no encontro dos passeios das avenidas José Serrão e General Machado. Este espaço é definido por sebes de vegetação e muros de pedra artificial[334] aos quais foram apostas as letras de latão com o nome da escola[335] e nos quais se inscreveu o portão de entrada construído com perfis metálicos.[336] O portão antecedia o mastro da bandeira, com 12,80m de altura, colocado no relvado e erguido segundo um desenho tipo dos SOP de cerca de 1959.[337]

O acesso aos edifícios após o portão de entrada não foi colocado a eixo de nenhuma das galerias principais, como em Nampula, Quelimane e Inhambane, mas realiza-se após uma torção de 90º para o enfiamento do alpendre da face posterior do corpo da administração. Este espaço coberto abre para um vasto pátio relvado a norte de forma quase quadrada e para os balcões de atendimento e os acessos aos espaços internos do pavilhão da administração a sul: gabinete do médico, do chefe de pessoal menor, do diretor, museu, secretaria, biblioteca, sala de professores e instalações sanitárias. Estes compartimentos foram contidos num pavilhão com um desenho específico desta escola:[338] um volume retangular com um piso, cobertura dupla de duas águas, topos encerrados e fachadas maiores predominantemente abertas, ritmicamente marcadas pela sucessão de pilares aparentes e vigas salientes dos quais se suspendem *brise-soleil* verticais perpendiculares à fachada construídos com placas simples de betão prefabricado.

Sob os limites do alpendre iniciam-se as duas galerias de circulação longitudinal, que também funcionam como recreios cobertos, construídas segundo o desenho das galerias da

334 MOPH, n.os 2667/8, 2667/8-a.
335 MOPH, n.º 2667/10.
336 MOPH, n.º 2667/9-a.
337 MOPH, n.º 2617.
338 MOPH, n.º 2667/1.

escola de Nampula:[339] têm a forma de percursos pavimentados cobertos por delgadas lajes de betão, pousadas em pórticos ritmicamente espaçados entre si. Como o terreno desce suavemente para norte os desníveis dos percursos longitudinais são vencidos por degraus e rampas e as lajes são inclinadas ou pontualmente quebradas. Ambas as galerias se prolongam para além dos vários edifícios que nelas entroncam: a galeria nascente remata-se no antigo pavilhão de canto coral, também ele com um desenho específico desta escola,[340] uma pequena construção de um piso com cobertura dupla de duas águas que contém no seu interior um pequeno auditório; a galeria poente interrompe-se no limite do desnível do terreno, estabelecendo a ligação com a zona desportiva por uma das rampas de acesso à cota inferior.

Nestas duas galerias principais entroncam os alpendres e iniciam-se as caixas de escadas que distribuem para galerias cobertas transversais, que por sua vez dão acesso aos espaços interiores dos vários pavilhões paralelos entre si. Pela galeria principal poente acede-se ao pavilhão de salas de aula, um edifício de dois pisos com seis salas por piso,[341] construído de acordo com o projeto-tipo do edifício congénere da escola de Nampula[342] e tal como ele ampliado de dois para três pisos no início da década de 70.[343] Pela mesma galeria principal poente tem-se ainda acesso aos pavilhões de trabalhos manuais feminino[344] e masculino,[345] cada um deles com três salas de aula e respetivos espaços de apoio, adaptação do desenho dos pavilhões do ginásio e Mocidade Portuguesa e de sala de desenho, trabalhos manuais e laboratório da escola de Nampula.[346] Entre as duas galerias principais, e com acessos

339 MOPH, n.º 2615/6.

340 MOPH, n.º 2667/7.

341 "O pavilhão para aulas normais é construído originalmente em dois pisos (com acessos em galeria), com seis salas de 8,24 por 7,44 metros em cada um dos pisos, para além de depósito de materiais e gabinete do contínuo." Ferreira, 2006: 166.

342 MOPH, n.º 2615/2.

343 "A ampliação de um piso foi efetivamente realizada em 1971, nos pavilhões destinados às salas de aula." Ferreira, 2006: 166, nota 224.

344 MOPH, n.º 2667/3.

345 MOPH, n.º 2667/4.

346 "O pavilhão para salas de trabalhos manuais – existente em duas unidades, uma masculina e outra feminina – corresponde a um volume de piso térreo, ocupado por três grandes salas com amplo pé-direito, protegidas por uma expressiva cobertura inclinada. As salas são equipadas com armários e lavatórios, para além de espaços anexos para depósito de materiais e gabinete do mestre." Ferreira, 2006: 166.

por ambas, situam-se, para além do referido pavilhão da administração, mais dois edifícios desenhados especificamente para esta escola: o antigo pavilhão das salas de desenho,[347] edifício de dois pisos com cobertura dupla de duas águas, alpendre e galeria coberta na face norte, grandes envidraçados protegidos por *brise-soleil* na face sul, três salas de aula por piso – exceto no rés-do-chão onde uma das salas foi adaptada a anfiteatro -, para além de sanitários e espaços de apoio ao fundo das duas caixas de escadas;[348] e o antigo pavilhão da Mocidade Portuguesa e copa,[349] construção de um piso e cobertura de duas águas, alpendre de acesso a norte e *brise-soleil* de proteção dos envidraçados a sul, dividido em dois setores contíguos com comprimentos e cotas de base desiguais - o corpo de maior comprimento na cota inferior contém um salão de festas e o corpo de menor comprimento na cota superior alberga um pequeno bar, este último com entrada lateral pela galeria poente. Pela galeria principal nascente tem-se acesso ao ginásio,[350] uma nave de pé-direito duplo desenhada especificamente para esta escola, iluminada por envidraçados na cota superior dos alçados norte e sul, com cobertura de duas águas assente numa estrutura de asnas metálicas que se projeta em consolas iguais nas duas frentes maiores, ocupada no rés-do-chão pelo campo de jogos, balneários e espaços de apoio, e no *mezzanine* do piso superior por uma bancada pela qual se faz o acesso à cobertura da galeria adjacente e à varanda da frente norte.[351] A galeria principal nascente serve ainda o estacionamento automóvel e o já referido pavilhão de canto coral.

A norte dos edifícios da zona escolar localizava-se a zona desportiva, uma área mais estreita e afundada do terreno cuja topografia foi regularizada por movimentos de terras, ligada à primeira por duas rampas oblíquas e uma escadaria de traçado orgânico. Nesta

347 MOPH, n.° 2667/2.

348 "O pavilhão para salas de desenho desenvolve-se em dois pisos, com 3 salas cada, dimensionadas para 36 estiradores individuais (também equipadas com armários e lavatórios), para além do gabinete do contínuo e do vestiário para serventes." Ferreira, 2006: 166.

349 MOPH, n.° 2667/6.

350 MOPH, n.° 2667/5.

351 "O pavilhão-ginásio inclui duas salas de ginástica com 15,14 por 11,40 metros cada, com pé-direito duplo (para além dos balneários e outros espaços de serviço). Na sua fachada exterior voltada a norte, uma galeria de acesso elevada serve de varanda para o público, utilizável em caso de espetáculos de ginástica ao ar livre (sobre um relvado anexo)." Ferreira, 2006: 166.

zona implantaram-se, sobre a mesma matriz ortogonal, os diversos recintos desportivos: pistas de corridas, de saltos em comprimento e de saltos em altura;[352] um tanque de natação construído segundo o projeto de Nampula;[353] um campo de hóquei em patins,[354] um de basquetebol[355] e três de voleibol[356] - um dos quais localizado na cota superior junto ao ginásio. Estes recintos-tipo foram edificados de acordo com modelos do SOP projetados cerca de 1959. O estacionamento automóvel foi colocado numa bolsa a nascente com entrada autónoma pela Avenida General Machado, enquanto os dois abrigos de bicicletas, também construídos segundo o projeto de Nampula,[357] foram dispostos ao longo dos muros de vedação da Avenida 31 de Janeiro e Avenida Gomes Freire, com acesso direto pelas entradas pedonais abertas naquelas artérias. O segundo abrigo foi objeto, em Outubro de 1970, de um projeto para a sua adaptação a vestiários e balneários.[358]

O dimensionamento da estrutura de suporte de todos os pavilhões e galerias obedeceu à repetição e multiplicação dos módulos base já utilizados nas escolas anteriormente projetadas. A estrutura das galerias foi formada por pórticos formados por *pilotis* tubulares, nos quais se apoiam vigas transversais de betão que por sua vez suportam lajes de betão. Nos pavilhões da administração, das salas de aula, das salas de desenho, da Mocidade Portuguesa e copa e de canto coral a estrutura foi formada por pilares, vigas e lajes de betão, sendo a cobertura protegida por telhados de chapas onduladas de fibrocimento *Lusalite* assentes em barrotes de madeira. As coberturas dos pavilhões de trabalhos manuais e do ginásio foram constituídas por asnas metálicas inclinadas que suportam chapas onduladas de fibrocimento. Os muros de suporte exteriores foram construídos com alvenaria irregular de pedra grossa.

Como nas anteriores escolas de Nampula, Quelimane e Inhambane a gama limitada de

352 MOPH, n.º 2667/12.
353 MOPH, n.º 2615/7.
354 MOPH, n.º 2574.
355 MOPH, n.º 2577.
356 MOPH, n.º 2576.
357 MOPH, n.º 2615/9.
358 MOPH, n.º 2615/0-a.

materiais de construção que foram utilizados na escola de Lourenço Marques é predominantemente de produção industrial, baixo custo e grande resistência e facilidade de manutenção. Os pilares e as vigas aparentes foram rebocados no interior e bujardados a pico fino no exterior, assim como as lâminas de betão prefabricado que constituem os *brise-soleil*. As paredes exteriores foram erguidas com fiadas duplas de tijolo formando caixa-de-ar, revestidas por fora a placagem de pedra artificial e rebocadas nos tímpanos das coberturas. As paredes interiores rebocadas são constituídas por fiadas simples ou duplas de tijolo, as últimas das quais à face dos elementos estruturais, deles separadas por uma junta afundada aberta na argamassa. As divisórias interiores foram erguidas, nalgumas divisórias do pavilhão da administração, com painéis amovíveis *Robwall* compostos por prumadas de alumínio e painéis de enchimento de madeira, e nas instalações sanitárias das salas de desenho e do ginásio por placas de granulito armado com 4cm de espessura. As paredes interiores das salas de aula, de canto coral e das instalações sanitárias foram rebocadas e protegidas por lambrins de *Vinylex*, masonite e aparite, utilizando-se ainda revestimentos de *Treetex* e *Selotex* acústicos respetivamente nos pavilhões de trabalhos manuais e na sala de canto coral. Os tetos interiores e exteriores em lajes de betão foram rebocados. Os tetos falsos que ocultam asnas metálicas foram revestidos com placas de frigotermo com 1cm de espessura nos pavilhões de trabalhos manuais, com forros parciais de masonite acústico perfurado e *Oregon-Pine* arrincoado no interior do ginásio e com chapas de fibrocimento ondulado no exterior do mesmo. Os pavimentos exteriores dos cobertos e galerias foram revestidos a argamassa asfáltica, rematados com chapins de pedra artificial nos pisos superiores. Os pavimentos interiores foram quase totalmente revestidos com ladrilhos de *Vinylex* e as escadas com mosaicos cerâmicos *Cerabati*. Os vãos exteriores, que têm soleiras e peitoris em pedra artificial, foram maioritariamente encerrados com esquadrias de madeira esmaltada suportando portas de madeira esmaltada ou janelas com vidros fixos ou persianas estandardizadas com vidros móveis, presos em perfis de alumínio. Os vãos exteriores do ginásio foram constituídos também por portas e portões metálicos esmaltados, janelas basculantes

e rasgos de ventilação protegidos por lâminas fixas de madeira. As guardas das escadas e das galerias dos pisos superiores dos diversos pavilhões são compostas por varões verticais de aço esmaltado que suportam corrimões realizados com tábuas de madeira esmaltada.

O mobiliário fixo da escola integrou-se no desenho dos pavilhões-tipo, como eles reproduzível nas novas situações em que estes edifícios foram utilizados. Nas salas de aula os armários tinham estrutura, rodapés, aros e puxadores de portas em madeira de umbila envernizada, cobertura com lajetas de pedra artificial armada, folhas de portas em masonite, fundo do armário em aparite ou *Vynilex*, prateleiras em tábuas de umbila ou pedra artificial polida. No ginásio os suportes das cortinas dos balneários das raparigas foram pormenorizados com varões e chapas de cobre e os móveis fixos dos balneários dos rapazes com perfis tubulares e tábuas de madeira maciça de umbila.

O desenho da Escola Técnica Elementar Governador Joaquim Araújo, como o das suas predecessoras, resultou em grande parte da resolução dos problemas de proteção climática do edifício, tal como exposto por Fernando Mesquita na Memória Descritiva do projeto citada por André Ferreira.[359] Orientando a sul a entrada principal no complexo e a frente principal de todos os pavilhões obteve-se um melhor controlo da incidência solar através do balanço das coberturas e da aplicação de *brise-soleil* de placas verticais de betão perpendiculares ao plano das fachadas nos pavilhões da administração, de salas de aula, de desenho, da

359 "Todos os pavilhões são orientados sensivelmente segundo o paralelo de modo a furtar as fachadas em que se praticam os vãos, à incidência direta da radiação solar. (...) As coberturas projetam-se fora dos planos envidraçados aproximadamente 1,50 assegurando proteção efetiva na parte média do dia. Esta proteção é completada em relação aos períodos extremos do dia por elementos quebra luz verticais só dispensados nos pavilhões de trabalhos manuais e lavores onde se admitiu não serem graves os inconvenientes dado que são de curta duração, coincidem com as horas de menores temperaturas e a natureza das atividades que aí se praticam não sofrerem sensivelmente com o facto. (...) A exposição adotada permite a fácil incidência dos ventos mais frequentes, durante a estação quente, sobre os vãos de todos os pavilhões segundo um ângulo que permite colher daqueles o maior benefício em qualquer das partes da escola. (...) Relativamente aos períodos de chuvas coincidentes com ventos fortes a defesa está assegurada no que respeita às salas da aula e outros locais de trabalho pela adoção de caixilharia em persianas horizontais de vidro de abertura regulável e em condições de assegurar ventilação mesmo nos referidos períodos de chuvas com vento. As galerias de circulação – recreio coberto estão umas expostas a norte e portanto normalmente abrigadas e as outras de grande largura e pequeno pé direito, desenvolvem-se na direção norte-sul o que também as protege pois é normalmente do quadrante sul que a chuva é impelida pelo vento mais forte incidindo pois longitudinalmente sobre a galeria. Na sua grande largura e pequeno pé direito defendem-na das, aliás menos frequentes, chuvas do quadrante leste. (...) Nas áreas destinadas a recreio descoberto são criadas áreas de sombra por meio de vegetação marginal de grande porte disposta principalmente do lado poente." Fernando Mesquita e Manuel Vaz Pereira *in* Ferreira, 2006: 168-169.

Mocidade Portuguesa e copa. Ao longo das fachadas viradas a norte o sombreamento dos vãos exteriores e das circulações foi concretizado com lajes de betão de grande dimensão transversal. Por outro lado o sombreamento das lajes de cobertura de alguns pavilhões - com exceção dos edifícios com asnas metálicas -, foi realizado por telhados duplos ventilados compostos por chapas de fibrocimento assentes em estruturas de madeira pousadas na laje de betão. Formaram-se assim caixas-de-ar ventiladas por aberturas contínuas ao longo das frentes maiores dos pavilhões.

A ventilação transversal dos espaços interiores foi realizada com persianas de vidro orientáveis integradas nas caixilharias das frentes longitudinais dos edifícios. Esta ventilação foi complementada por grelhas vazadas compostas por módulos cerâmicos nos pavilhões do ginásio e canto coral, por lâminas oblíquas fixas de betão moldado nas caixas de escada do pavilhão de salas de aula e por ventiladores mecânicos nos pavilhões de trabalhos manuais.

A linguagem da Escola Técnica Elementar Governador Joaquim Araújo, referida à arquitetura do Movimento Moderno internacional, resultou de uma metodologia de projeto assente na resolução rigorosa dos problemas de adaptação climática do edifício, da expressão modular dos elementos estruturais e dos sistemas construtivos utilizados e da metodológica associação das componentes-tipo do programa funcional. A associação empírica destas últimas componentes, espaços e volumes com distintas formas e funções, resultou por vezes em articulações resolvidas por encosto ou sobreposição - momentos de tensão arquitetónica que não invalidaram a unidade formal do conjunto.

O desenho desta escola nasceu de um processo evolutivo do projeto-tipo de escolas de arquitetura moderna iniciado com a Escola Primária da Manga, na cidade da Beira, e desenvolvido por Fernando Mesquita nas tipologias de escolas primárias de meados da década de 50 e nos projetos das escolas técnicas de Nampula, Quelimane e Inhambane.[360] Apenas o

360 "Procurou-se honestamente, sem sofismas nem artifícios – fáceis ou não – modelar em espaço, construção, vegetação e luz, as soluções funcionais para problemas humanos de indivíduo e do grupo, ao nível do espírito e da fisiologia. (...) tentou-se (...) evitar o êxito seguro através do maneirismo e recurso à moda, mesmo passageira, que é sem dúvida a arma mais fácil do arquiteto." Fernando Mesquita e Manuel Vaz Pereira *in* FERREIRA, 2006: 168.

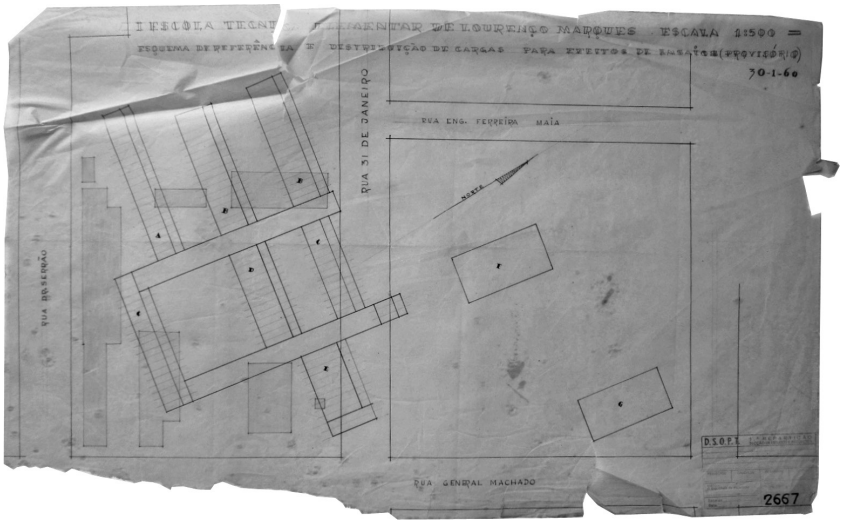
desenho da cobertura dos pavilhões de trabalhos manuais e ginásio da escola de Nampula nos revela uma possível influência estrangeira: o desenho das treliças metálicas suportando coberturas onduladas de pendente única ecoam a semelhante utilização de longarinas de vergalhões de aço suportando chapas de alumínio ondulado na casa de campo de Lota de Macedo Soares, em Petrópolis, Rio de Janeiro (1953), por Sergio W. Bernardes, primeiro prémio do concurso de jovens arquitetos da II Bienal de São Paulo.[361]

A arquitetura moderna que caraterizou os edifícios do programa oficial de construção escolar do governo-geral provincial - financiada pelo II Plano de Fomento da Província, produzida a partir de métodos industriais tecnologicamente avançados, culturalmente sintonizada com a arquitetura internacional da sua época e difundida pelos tecidos urbanos das principais cidades da antiga província -, encontrou na Escola Técnica Elementar Governador Joaquim Araújo a sua mais complexa e paradigmática expressão.

361 MINDLIN, 1999 [1956]: 78-79.

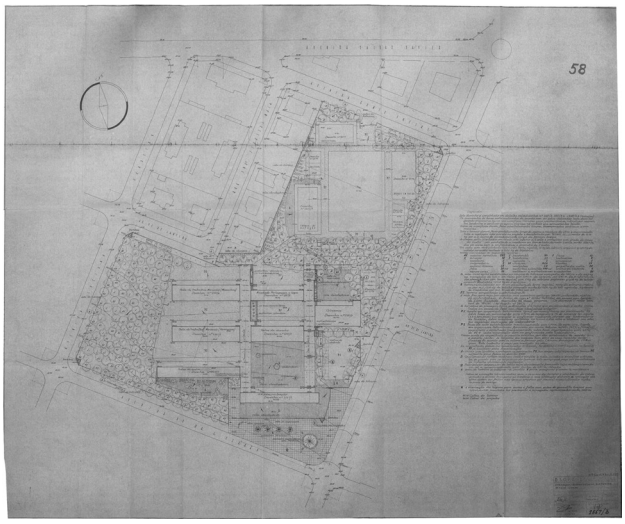
Escola Joaquim Araújo

Escola Técnica Elementar de Lourenço Marques. Esquema de referência e distribuição de cargas para efeitos de ensaios (provisório).
Escala 1:100.
30 de Janeiro de 1960.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667).



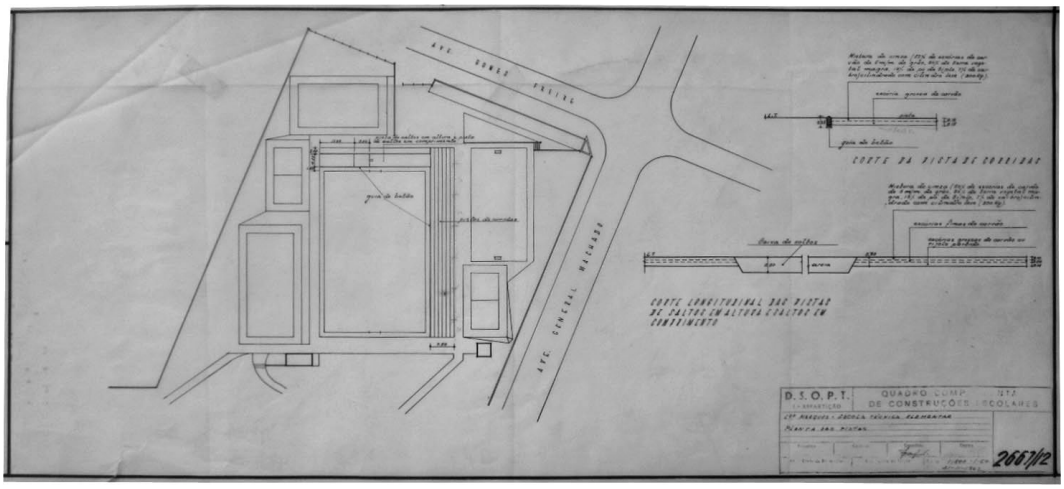
Escola Joaquim Araújo

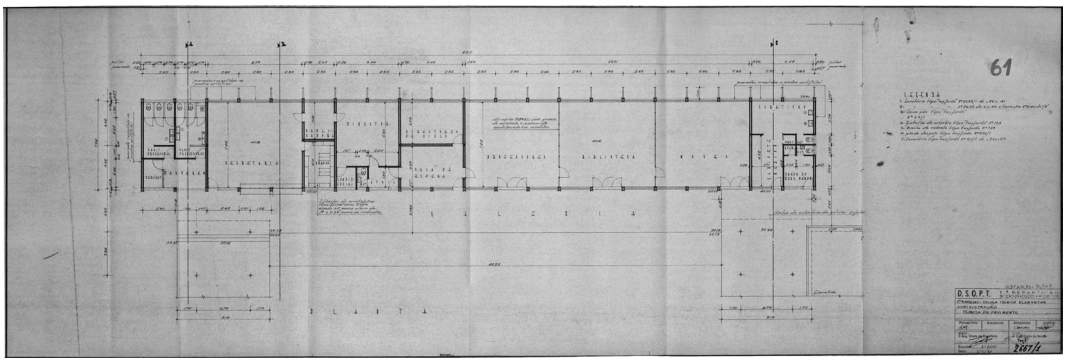
Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Planta Geral.
Escala 1:500.
Projeto, 7 de Janeiro de 1961.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2667/b).



Escola Joaquim Araújo

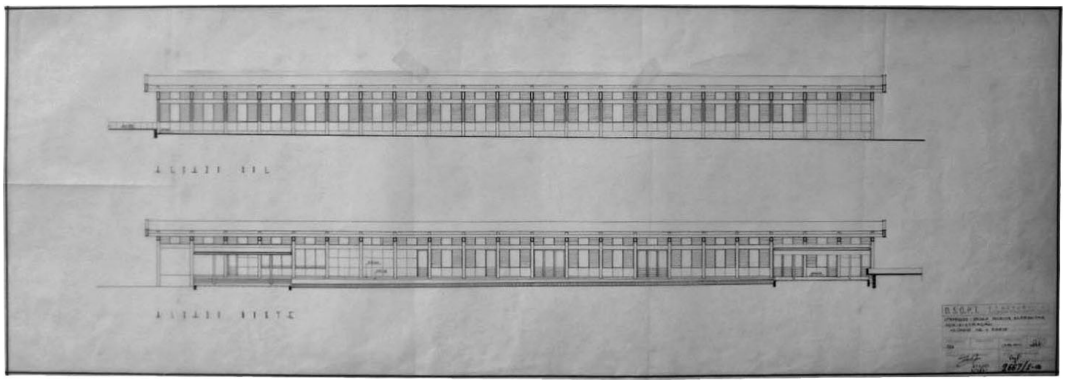
Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Planta das pistas.
Escalas 1:500 e 1:50.
Fiscalização?, 21 de Novembro de 1962.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/12).





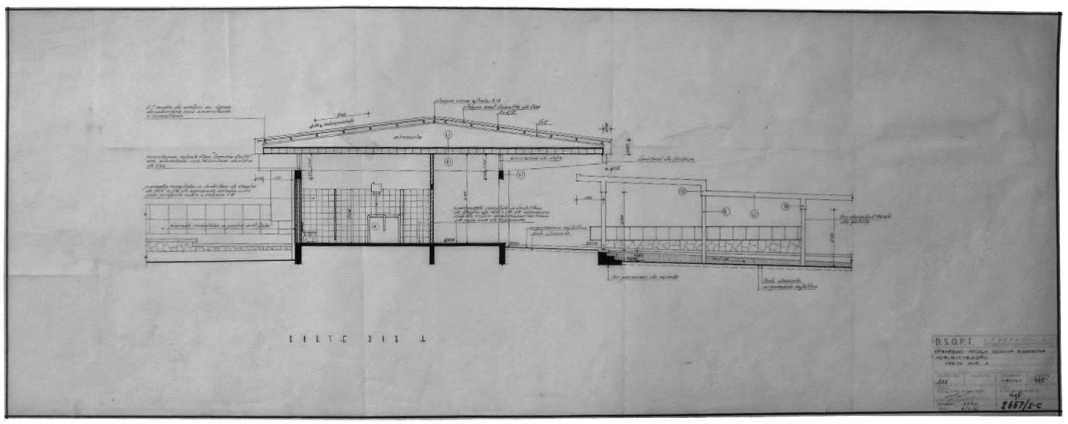
Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Administração. Planta do Pavimento.
Escala 1:100.
Projeto, 3 de Março de 1961.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2667/1).



Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Administração. Alçados sul e norte.
Escala 1:100.
Projeto, 6 de Abril de 1961.
(MMO, 2012|EWV|MOPH, n.º 2667/1-a).

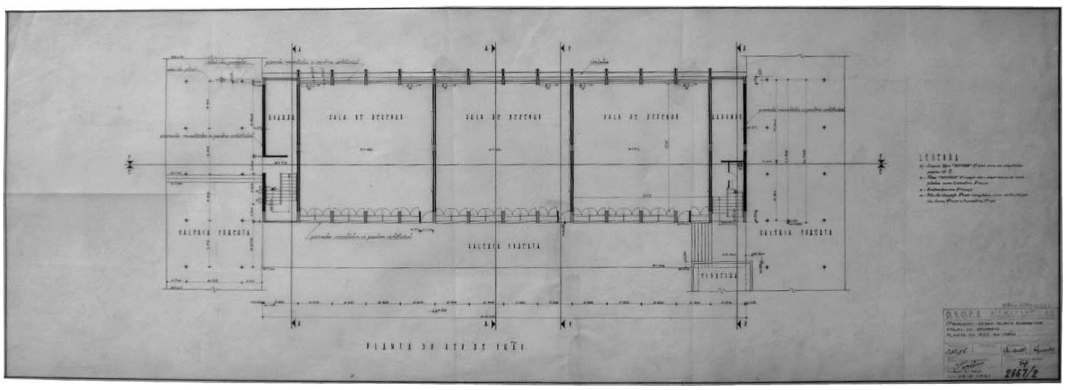


Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Administração. Corte por A.
Escala 1:50.
Projeto, 4 de Abril de 1961.
(MMO, 2012|EWV|MOPH, n.º 2667/1-c).

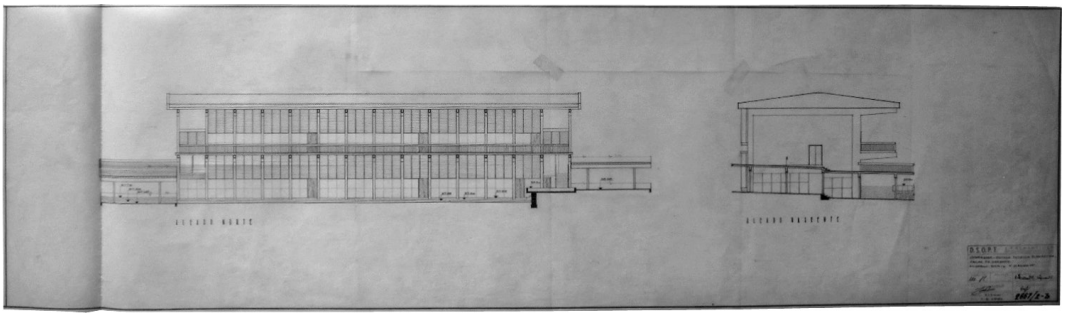
Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Salas de desenho. Planta do rés-do-chão.
Escala 1:100.
Projeto, 25 de Fevereiro de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/2).



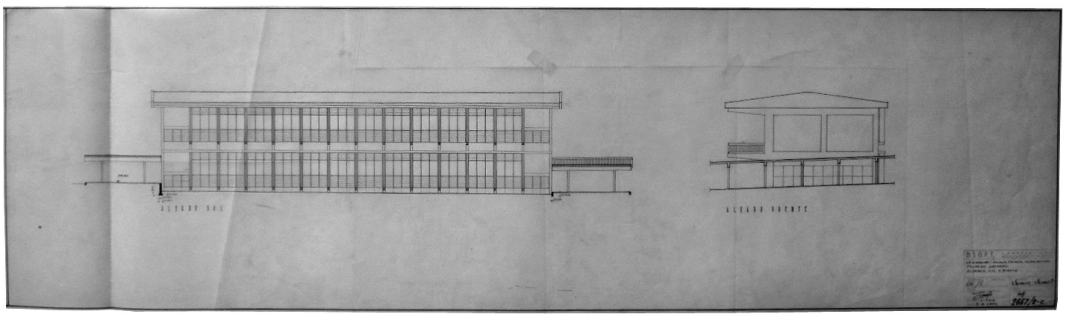
Escola Joaquim Araújo

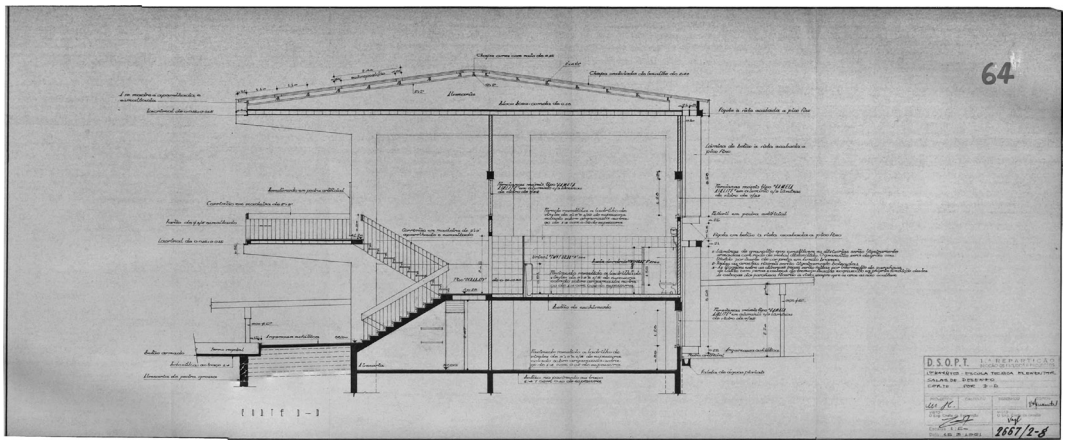
Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Salas de desenho. Alçados norte e nascente.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Março de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/2-b).



Escola Joaquim Araújo

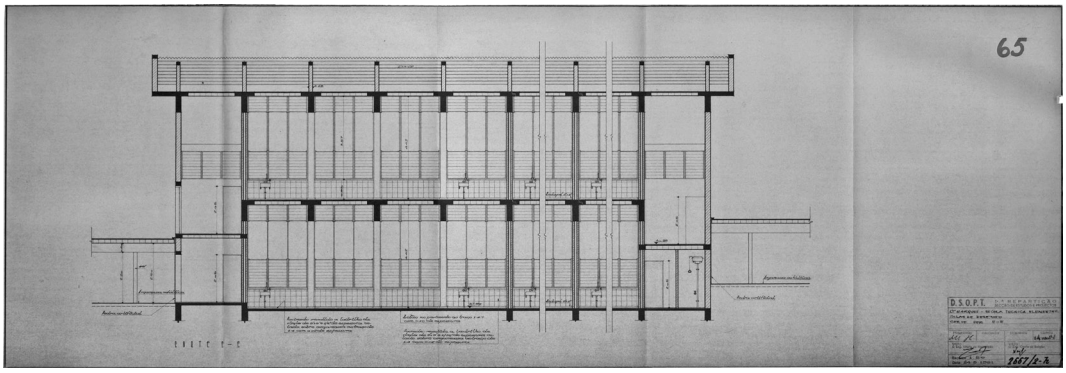
Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Salas de desenho. Alçados sul e poente.
Escala 1:100.
Projeto, 9 de Março de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/2-c).





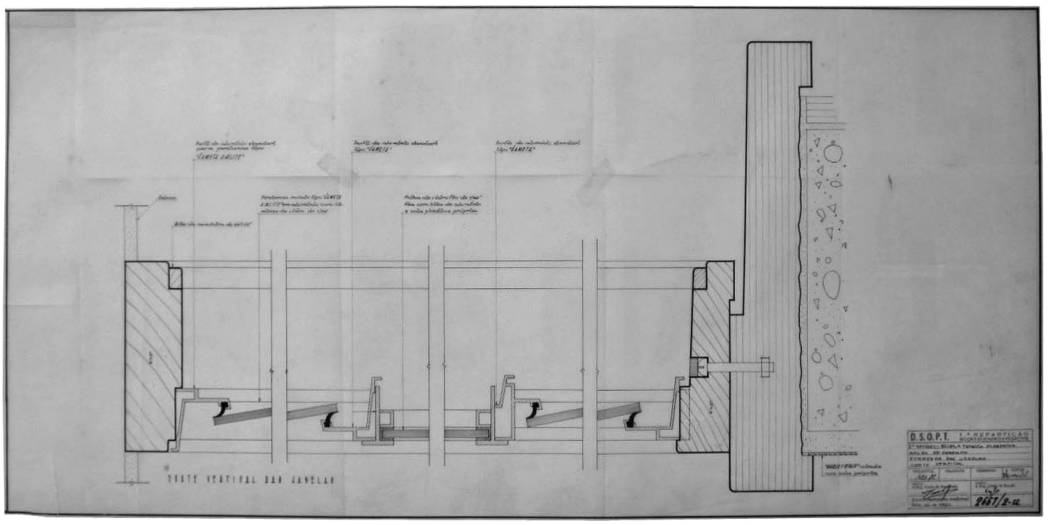
Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Salas de desenho. Corte por D-D.
Escala 1:50.
Projeto, 15 de Março de 1961.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2667/2-g).



Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Salas de desenho. Corte por E-E.
Escala 1:50.
Projeto, 24 de Março de 1961.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2667/2-h).

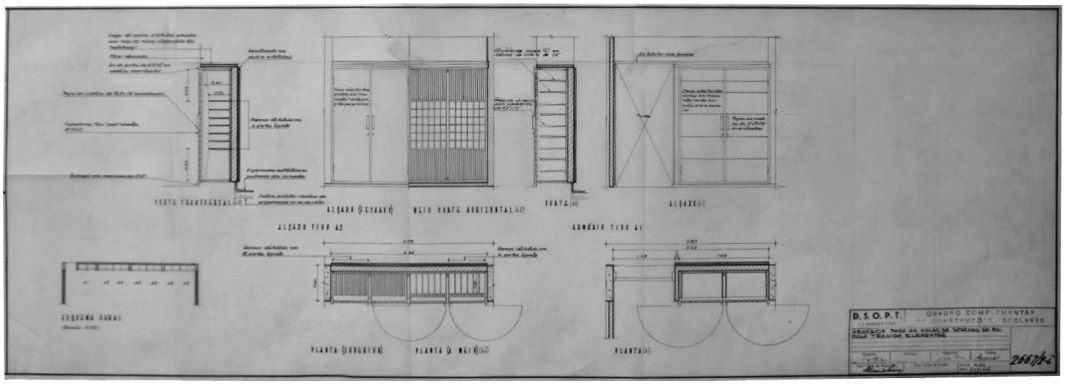


Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Salas de desenho. Pormenor das janelas. Corte vertical.
Escala 1:1.
Projeto, 11 de Abril de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/2-u).

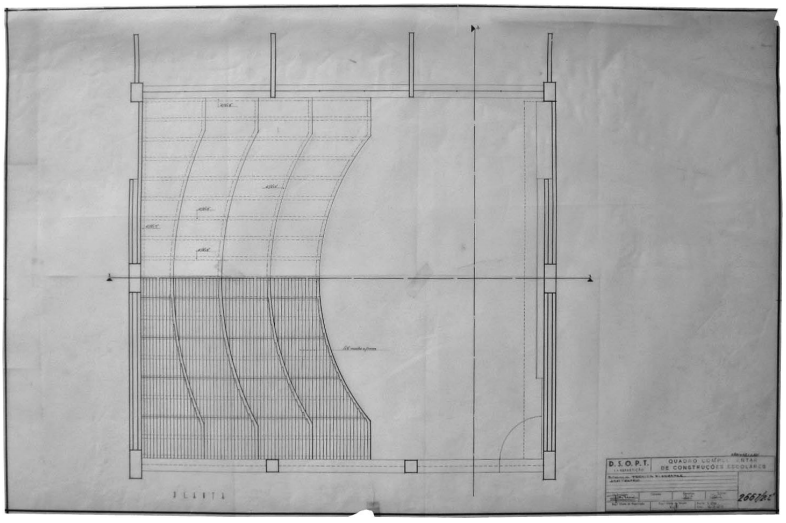
Escola Joaquim Araújo

Armários para as salas de desenho da Escola Técnica Elementar..
Escala 1:20.
Fiscalização?, 2 de Março de 1962.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/2-i').



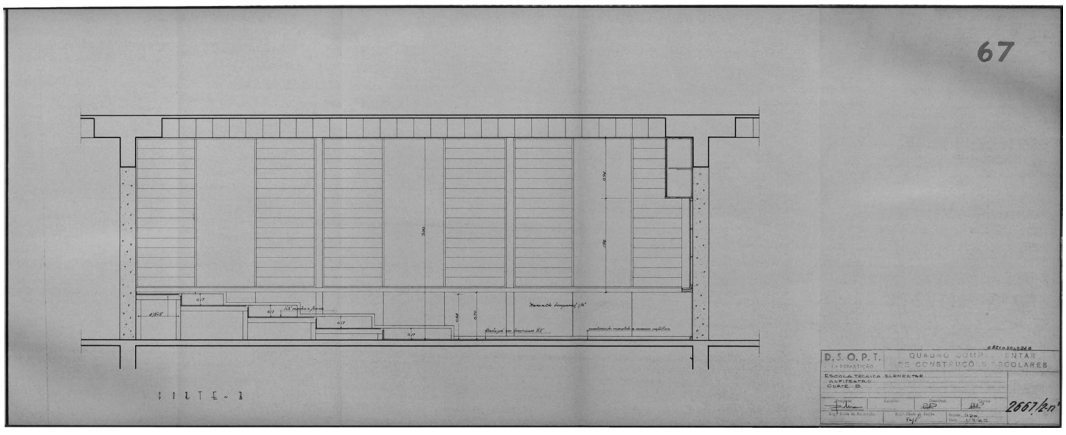
Escola Joaquim Araújo

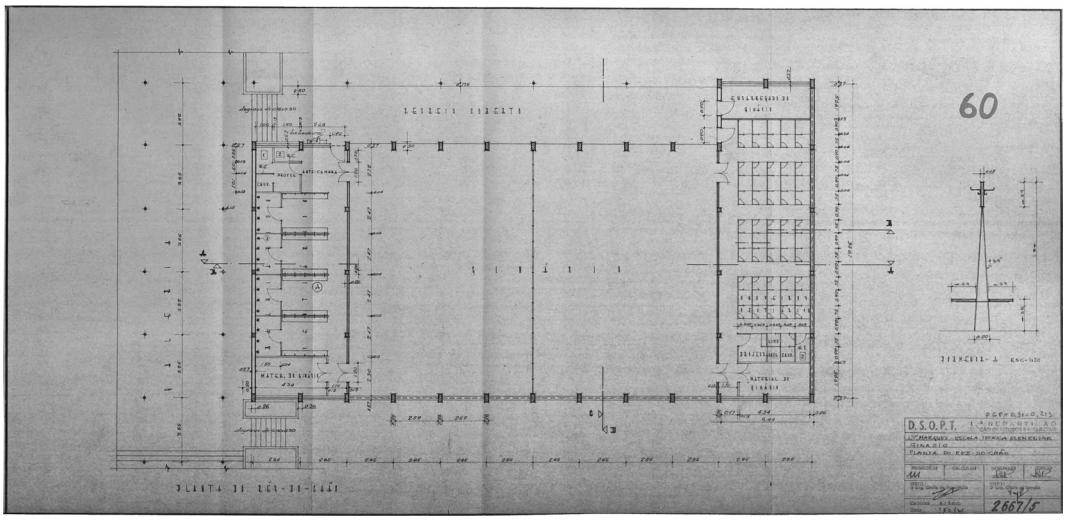
Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Anfiteatro.
Escala 1:20.
Fiscalização?, 2 de Abril de 1962.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/2-l').



Escola Joaquim Araújo

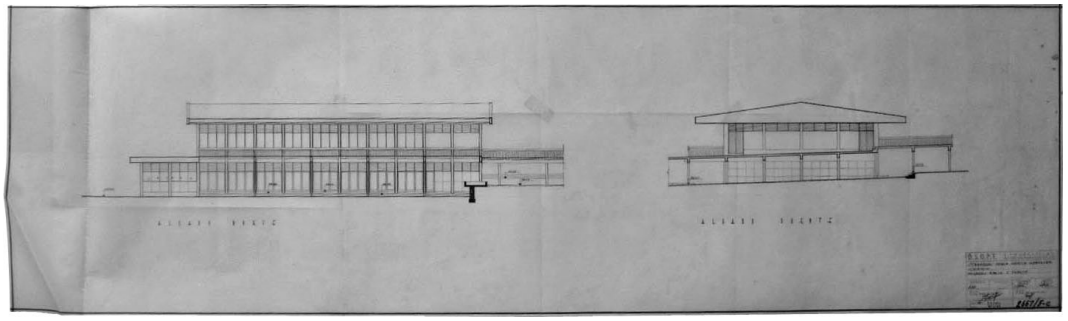
Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Anfiteatro. Corte - B.
Escala 1:20.
Fiscalização?, 1 de Março de 1962.
(EM, 2011 | CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2667/2-n').





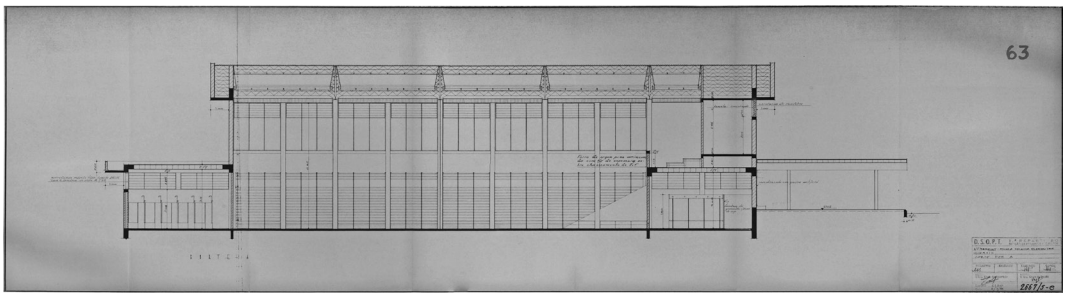
Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Ginásio. Planta do rés-do-chão.
Escala 1:100.
Projeto, 1 de Março de 1961.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502 / ref. MOPH, n.º 2667/5).



Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Ginásio. Alçados norte e poente.
Escala 1:100.
Projeto, 7 de Março de 1961.
(MMO, 2012|EWV|MOPH, n.º 2667/5-c).

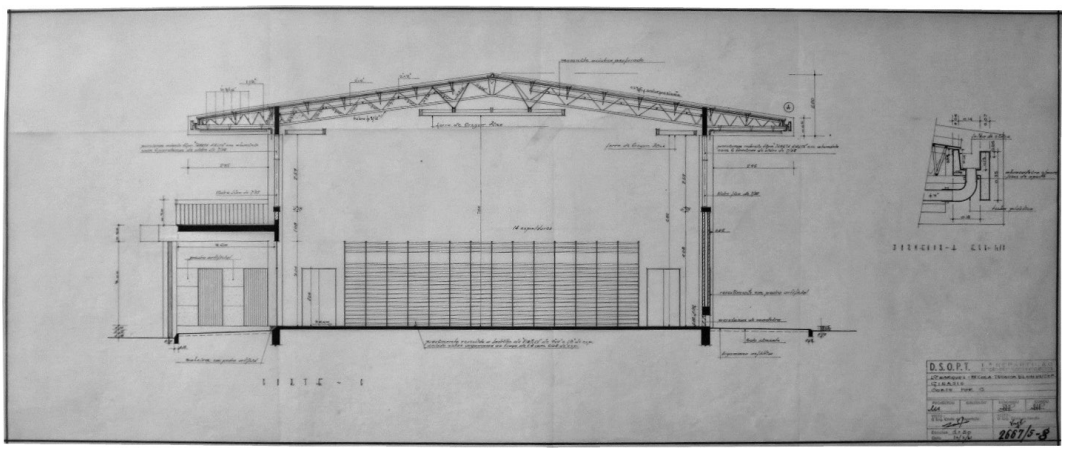


Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Ginásio. Corte por A.
Escala 1:50.
Projeto, 8 de Março de 1961.
(EM, 2011|CDIIPAD, ref. 13502/ ref. MOPH, n.º 2667/5-e).

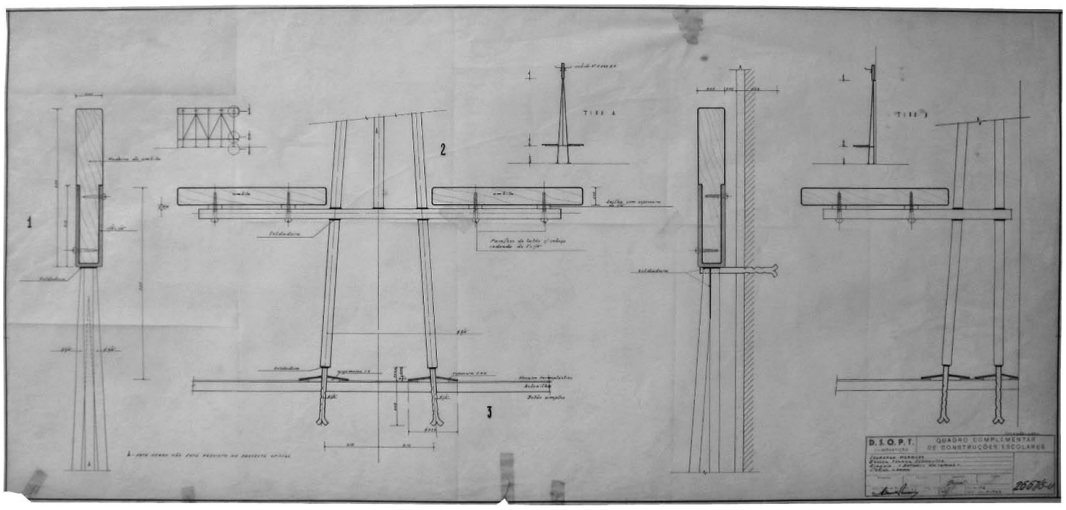
Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Ginásio. Corte por C.
Escala 1:50.
Projeto, 10 de Março de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/5-g).



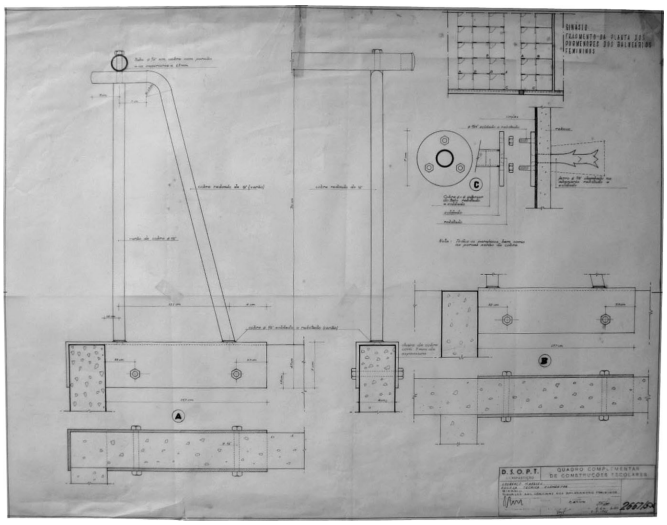
Escola Joaquim Araújo

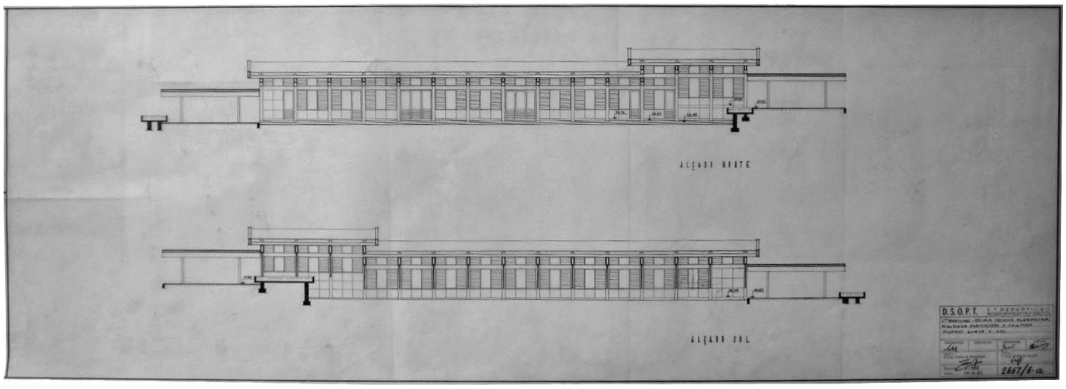
Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Ginásio. Balneário dos rapazes. Cabide - banco.
Escala 1:2.
Fiscalização?, 11 de Julho de 1962.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/5-u).



Escola Joaquim Araújo

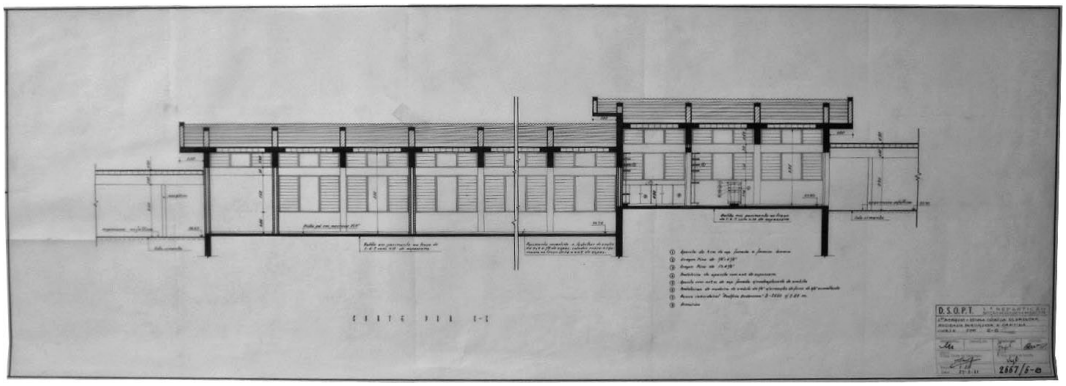
Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Ginásio. Suporte das cortinas dos balneários femininos.
Escalas 1:50 e 1:1.
Fiscalização?, 6 de Setembro de 1962.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/5-x).





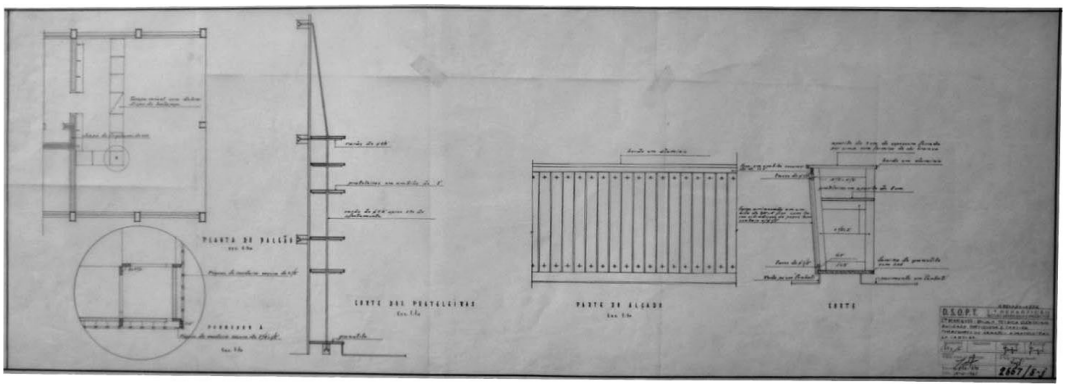
Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Mocidade Portuguesa e cantina. Alçados norte e sul.
Escala 1:100.
Projeto, 17 de Março de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/6-a).



Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Mocidade Portuguesa e cantina. Corte por C-C.
Escala 1:50.
Projeto, 27 de Março de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/6-e).

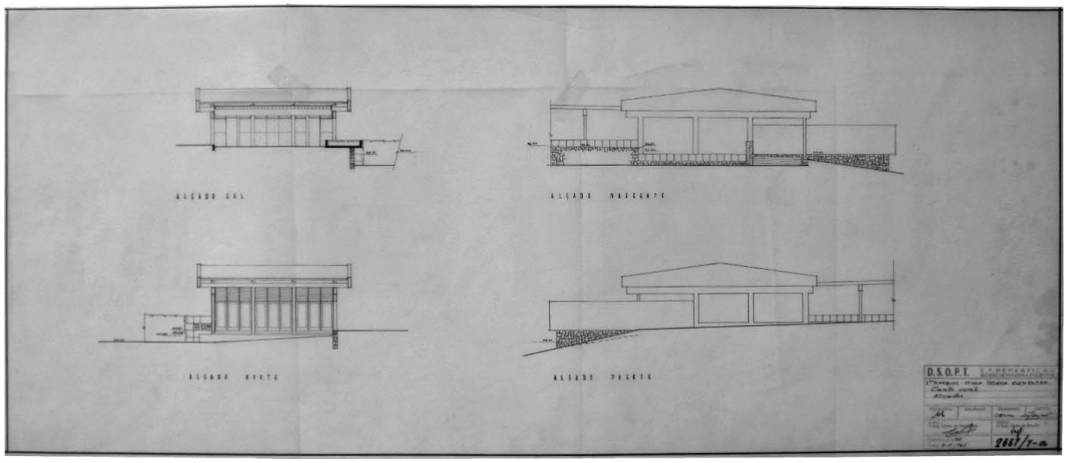


Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Mocidade Portuguesa e cantina. Pormenores do armário e prateleiras da cantina.
Escalas 1:50 e 1:10.
Projeto, 15 de Abril de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/6-j).

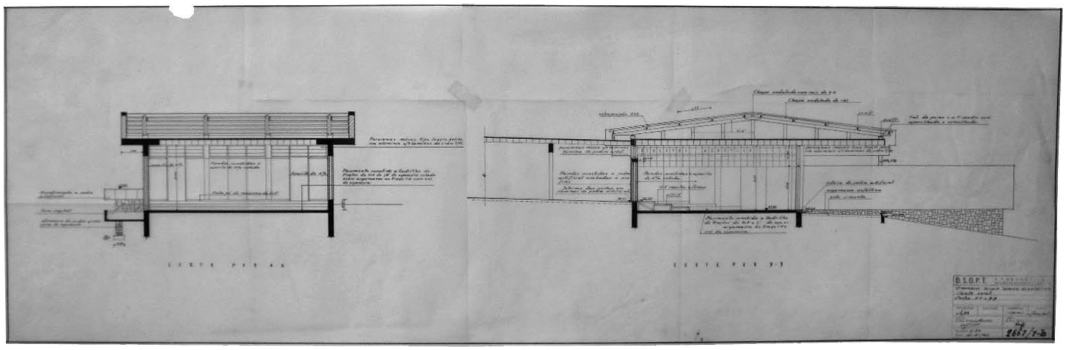
Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Canto coral. Alçados.
Escala 1:100.
Projeto, 3 de Abril de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/7-a).



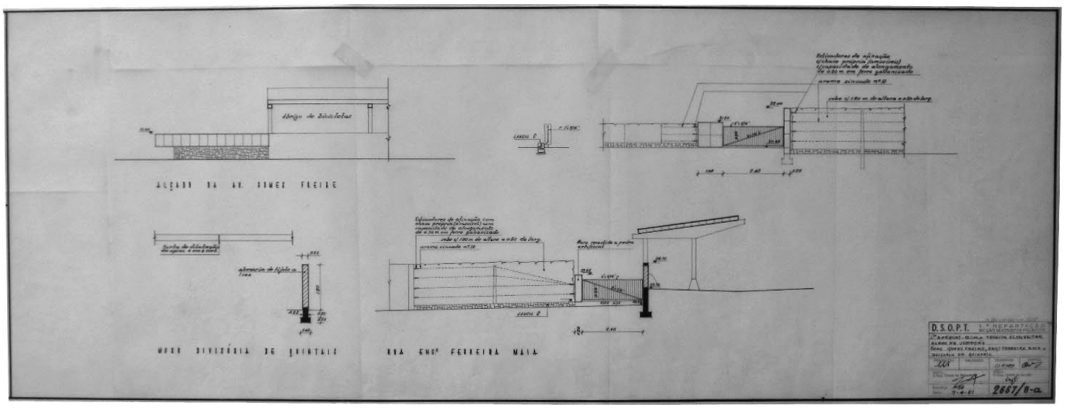
Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Canto coral. Cortes A-A e B-B.
Escala 1:50.
Projeto, 4 de Abril de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/7-b).



Escola Joaquim Araújo

Lourenço Marques - Escola Técnica Elementar. Muros de vedação. Ruas Gomes Freire, Eng.º Ferreira Maia e divisória de quintais.
Escala 1:50.
Projeto, 7 de Abril de 1961.
(MMO, 2012 | EWV | MOPH, n.º 2667/8-a).



Escola Joaquim Araújo

Esquerda e direita:
Entrada principal.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Entrada principal vendo-se o topo poente do pavilhão da administração e o arranque da galeria poente.
(EM, 2009).

Direita:
Entrada principal.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Entrada principal vendo-se o topo poente do pavilhão da administração e os arranques da galeria poente e do pavilhão de salas de aula.
(EM, 2009).

Direita:
Entrada secundária pela antiga Av. 31 de Janeiro.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão da administração - frente sul.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão da administração, frente sul - *brise-soleil*.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão da administração - frente norte e topo nascente.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão da administração - frente norte e arranque da galeria principal nascente.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda e direita:
Pavilhão da administração - frente norte.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda e direita:
Galeria nascente.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Galeria nascente - cobertura vendo-se os pavilhões do ginásio, da Mocidade Portuguesa e copa e de canto coral.
(EM, 2009).

Direita:
Galeria nascente - cobertura vendo-se os pavilhões das salas de desenho e da administração.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Encontro das coberturas da galeria nascente e do pavilhão da Mocidade Portuguesa e copa.
(EM, 2009).

Direita:
Remate da galeria nascente no encontro com o pavilhão de canto coral.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Galeria poente - passagem entre as frentes norte dos pavilhões da Mocidade Portuguesa e copa e de trabalhos manuais masculino.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Galeria poente - troço final.
(EM, 2009).

Direita:
Escadaria de acesso à zona desportiva.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda e direita:
Zona desportiva - tanque de natação.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão de salas de aula - frente sul.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão de salas de aula - frente norte.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão de salas de aula - frente sul.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão de salas de aula - frente norte.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão de salas de aula, frente sul - caixilharia exterior e *brise-soleil*.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão de salas de aula, frente norte - galeria de distribuição.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão das salas de desenho - caixa de escadas.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão das salas de desenho, caixa de escadas - lâminas fixas de betão.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão das salas de desenho - frente sul.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhões da Mocidade Portuguesa e copa e das salas de desenho desde a galeria nascente.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão das salas de desenho - frente sul.
(EM, 2009).

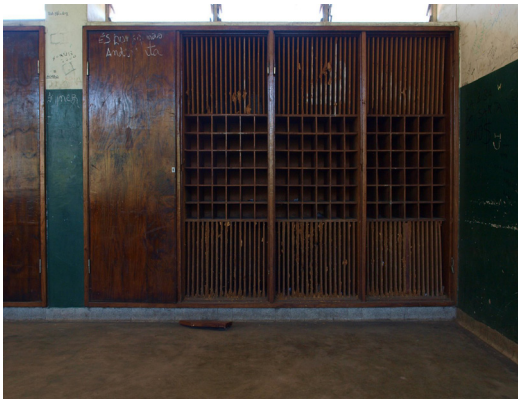
Direita:
Pavilhão das salas de desenho, frente norte - alpendre de distribuição.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda e direita:
Pavilhão das salas de desenho, frente norte - galeria de distribuição.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda e direita:
Pavilhão das salas de desenho - sala de aula.
(EM, 2009).



Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão das salas de desenho - sala de aula.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão das salas de desenho - armário da sala de aula.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão da Mocidade Portuguesa e copa - frente sul desde a galeria nascente.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão da Mocidade Portuguesa e copa - frente sul.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão da Mocidade Portuguesa e copa - frente norte desde a galeria poente.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão da Mocidade Portuguesa e copa, frente norte - alpendre de distribuição vendo-se a galeria poente ao fundo.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão do ginásio - frente sul.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhão do ginásio, frente norte - varanda do piso superior vendo-se os pavilhões de canto coral e da Mocidade Portuguesa e copa.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhão do ginásio - frente norte.
(EM, 2009)

Direita:
Pavilhão do ginásio - interior da nave.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda e direita:
Pavilhão do ginásio - interior da nave.
(EM, 2009).

Escola Joaquim Araújo

Esquerda:
Pavilhões do ginásio, da Mocidade Portuguesa e copa e de canto coral.
(EM, 2009).

Direita:
Pavilhões de canto coral e da Mocidade Portuguesa e copa.
(EM, 2009).

Conclusões

Os arquitetos que exerceram a sua prática profissional na antiga província ultramarina de Moçambique possuíam uma consciência do papel social do arquiteto. Tal afirmação pode ser constatada na sua *praxis* programaticamente inovadora ou, de forma ilustrativa, pelas respostas à última das cinco questões colocadas a Carlos Worm, Marcos Miranda Guedes e Luís Vasconcelos pelo inquérito "Panorâmica da Arquitetura em Moçambique", publicado pela revista *Tempo* em 1972: *Em que consiste a seu ver, o dever social do arquiteto? Em ocupar-se com os problemas da forma e estilo ou com os problemas da conjuntura? Ou pelo contrário deve contribuir para elevar as possibilidades de vida de todos os cidadãos?*[1] As respostas dos três arquitetos residentes na antiga província demonstraram, com diferentes níveis de estruturação e consciencialização ideológica, uma ortodoxa interpretação do papel social do arquiteto apesar dos *condicionalismos vários* de que se rodeava a profissão.[2]

1 Antunes, 1972: 31.

2 "Usando outra linguagem, poder-se-á dizer que o arquiteto é, fundamentalmente, um especialista preparado para estudar com a colaboração de outros técnicos, o meio urbano, quer se trate do seu domínio construído ou não.
Produto da civilização urbana, para a qual cria o adequado invólucro, o arquiteto atual será o que for a cidade e esta refletirá, por sua vez, o papel maior ou menor que ele seja capaz de nela desempenhar. Em Moçambique como em toda a parte...
Parece, pois, dever entender-se que, se quiser ser coerente consigo próprio, o arquiteto moderno terá preocupações transcendendo largamente as de índole estética, embora estas devam estar presentes mesmo nos casos de mais modesta feição. Não poderá, portanto, evitar uma posição de compromisso cultural, até porque a cidade é, e será cada vez mais, síntese integral e viva da própria civilização moderna e a arquitetura e urbanismo a projeção de seu espírito no mundo das coisas.
Compromisso cultural implica a noção de deveres, a sujeição a um código de missão, neste caso a de contribuir para a elevação do *habitat* do grande número, para a estruturação da cidade do futuro, em suma, para a criação de um meio urbano coerente com os ideais do nosso tempo e as conquistas técnicas da civilização moderna." Luís Vasconcelos *in* Antunes, 1972: 32.

Nas infraestruturas modernas construídas em Moçambique o rigor científico presidiu metodologicamente à adaptação das novas construções às caraterísticas climáticas tropicais: traduziu-se na escolha da melhor orientação em relação aos pontos cardeais e às correntes de ar dominantes e na utilização de sistemas de proteção solar e de ventilação natural cruzada dos seus espaços internos. Presente em múltiplos exemplos moçambicanos, este rigor encontra nas escolas técnicas elementares desenhadas por Fernando Mesquita nos Serviços de Obras Públicas de Lourenço Marques a síntese arquitetónica entre programa, sistema construtivo e adaptação climática.

O princípio de zonamento funcional das construções, a que corresponde uma distinção da sua caraterização arquitetónica, foi também paradoxalmente utilizado durante a década de 50 como uma forma de segregação racial informal. No planeamento urbano das principais cidades do território esta separação esteve presente no desenho de bairros *indígenas*, física e formalmente autonomizados das zonas centrais habitadas pelas restantes etnias. Mas encontrou-se também na programação de algumas tipologias de edifícios infraestruturais tais como maternidades, enfermarias, mercados ou escolas para *indígenas*. Nos edifícios de programa misto, nos quais as diferentes raças coexistiam, as zonas destinadas aos *europeus* e aos *indígenas* foram formalmente separadas nos espaços de circulação - percursos externos, galerias, caixas-de-escada e elevadores -, de apoio - salas de refeição e instalações sanitárias -, e de residência e trabalho - quartos, cozinhas e lavandarias. Esta última asserção pode ser comprovada através das memórias descritivas e da legendagem do desenhos técnicos dos edifícios, como nos projetos para as instalações do BNU em Vila Pery e para os empreendimentos da firma Monteiro & Giro em Quelimane.

Os processos de construção de edifícios infraestruturais em Moçambique durante o período em estudo foram herdados dos conhecimentos técnicos e das tecnologias disponíveis

correntemente utilizadas na metrópole, sistemas baseados na utilização de mão-de-obra intensiva pouco especializada. Privilegiou-se a firmeza e a perenidade de estruturas compostas por pórticos de pilares e vigas de betão expressos na sua verdade estrutural. Os vãos destes pórticos foram predominantemente encerrados por paredes duplas de tijolo - rebocadas e pintadas ou revestidas de azulejos e mosaicos vidrados -, ou por caixilharias de ferro, madeira ou alumínio - numa progressão ascendente da representatividade dos espaços que serviam. Os materiais estandardizados correntemente utilizados, que conferiam às construções uma expressão de modernidade tecnológica, eram em grande parte provenientes das indústrias já instaladas no território – cimento, fibrocimento, materiais cerâmicos, contraplacados, alumínios, vidro, etc. -, ou das fábricas metropolitanas e angolanas. Nas memórias descritivas e nos mapas de acabamentos dos projetos analisados existem também referências a diversos equipamentos e maquinarias provenientes da África do Sul, graças à sua proximidade geográfica, e da Alemanha, pelos preços concorrenciais que a indústria daquele país em fase de recuperação da destruição causada pela II Guerra Mundial praticava na altura. Com os diversos encerramentos ou revestimentos dos edifícios criaram-se jogos de grande diversidade cromática e textural nos quais se articularam plasticamente materiais de produção industrial com outros de extração tradicional: mármores e granitos, de origem local e importadas da metrópole e de Angola, ou madeiras moçambicanas pintadas ou envernizadas - as últimas revelando na sua expressão natural a sua verdade material.

O conceito de obra de arte total (*Gesamtkunstwerk*) repetidamente concretizado na produção arquitetónica moçambicana durante o período em análise encontrou no efémero recinto da Exposição de Atividades Económicas de Moçambique um exemplo pioneiro. Também a riqueza e diversidade do espólio que incorpora o programa artístico da filial do BNU em Lourenço Marques e a coerência do processo de projeto que presidiu à sua integração no edifício constituiuiram exemplos maiores deste princípio aplicado a infraestruturas singulares construídas na antiga província ultramarina. A concretização da necessária representati-

vidade institucional dos novos equipamentos coletivos moçambicanos não se irá esgotar na qualidade e quantidade dos diferentes contributos plásticos: a sua monumentalidade será igualmente expressa nos valores programáticos, tecnológicos, arquitetónicos e urbanos que presidiram à sua conceção e que estão presentes na quase totalidade dos edifícios observados ao longo do trabalho.

A proliferação em Moçambique de agremiações de diversa natureza, locais de convergência da sociedade local oferecendo nas suas instalações diversos equipamentos e espaços desportivos, culturais e recreativos, conduziu à edificação nas principais cidades de um significativo conjunto de instalações associativas. Entre elas destaca-se o Clube Ferroviário de Moçambique com a sua rede de delegações polifuncionais destinadas aos funcionários dos caminhos-de-ferro. Localizadas nos principais núcleos urbanos as delegações do Ferroviário constituíram exemplo da noção de clube de trabalhadores enquanto condensador social, mesmo que involuntário. Constitui exemplo deste paradigma o ambicioso plano para as instalações do clube na cidade da Beira.

Também para os programas de assistência social aos funcionários levados a cabo pela sucursal moçambicana do BNU - apoio médico, cultural e recreativo -, foram previstos espaços específicos nas novas instalações do banco em Lourenço Marques e Quelimane. O programa destes dois edifícios compreendeu, para além dos centros sociais ou lúdicos, espaços de atendimento público, de trabalho e de habitação para funcionários superiores: ambos se configuraram como microcosmos programáticos coerentes com a diversidade de papéis que o banco desempenhava na economia e na sociedade colonial portuguesas.

O pensamento de Le Corbusier e as formas da sua arquitetura constituíram substrato teórico e modelo formal transversal à produção arquitetónica das antigas colónias portuguesas de África. Será assim com as três chamadas aos arquitetos que Le Corbusier enuncia em *Vers une Architecture*: o jogo de claro-escuro provocado pela incidência da luz sobre sólidos

geométricos tem uma intensidade tropical nos volumes do complexo Montegiro, em Quelimane, que o edifício Soares & Irmão, na cidade do Porto, não consegue reproduzir. Também aconteceu assim com os *cinco pontos* que a equipa de arquitetos brasileiros assessorada por Le Corbusier concretizou no edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública do Rio de Janeiro. Este paradigma formal, que em parte influenciou o desenho dos edifícios em altura que na época começam a caraterizar o panorama urbano das principais cidades moçambicanas, teve particular impacto na produção arquitetónica de Marcos Miranda Guedes.

Por influência corbusiana direta ou por via brasileira os *brise-soleil* nas suas múltiplas variantes, com lâminas fixas ou móveis, construídos em alvenaria, betão prefabricado, fibrocimento ou alumínio, compostos por elementos horizontais, verticais ou por uma combinação de ambos - ou ainda como grelhas continuas ou lógias abertas nas fachadas dos edifícios -, serão extensivamente utilizados para proteção dos *pan de verre*. Segundo os elementos de que dispomos a primeira aplicação de um *brise-soleil* em Moçambique, constituído por lâminas verticais fixas de alumínio anodizado, foi concretizada na fachada principal do Cine-Teatro S. Jorge, na cidade da Beira. Pela sua adequação ao clima local todas as diferentes variantes destes *brise-soleil* atrás descritas serão de seguida profusamente utilizadas no território moçambicano, construídos *in loco* ou produzidos industrialmente. Em Moçambique foi igualmente utilizado um tipo distinto de *brise-soleil*, constituído por lâminas fixas que se projetam perpendicularmente aos planos das fachadas orientadas a sul. A sua função consistia em proteger os envidraçados dos raios horizontais de nascente e poente, como em algumas escolas técnicas elementares desenhadas pelos SOP, ou ainda para captar as correntes de ar dominantes de sudeste ou sudoeste para o interior dos edifícios, como na nova dependência do BNU em Quelimane. Outros arquétipos formais caraterísticos da obra de Le Corbusier foram utilizados pelos arquitetos modernos em Moçambique: o desenho em arco de escarção da abóbada catalã será replicado na cobertura de múltiplos edifícios projetados por João Garizo do Carmo como, entre outros, o edifício do Palácio das Repartições de Quelimane ou o edifício de comando do cais da Estação Central da Beira.

A disseminação mundial do *Estilo Internacional* e a sua adaptação a diversos contextos do hemisfério sul permitiu criar um repertório de modelos formais que resolvem circunstâncias climáticas e produtivas próximas entre si. As relações que podemos estabelecer entre as culturas arquitetónicas modernas sul-africana e moçambicana durante o período em estudo, para além dos inevitáveis contatos que a proximidade entre os dois países naturalmente favorecia, consistem na frequência da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, por Carlos Ivo e Pancho Guedes e pelos testemunhos de arquitetura moderna registados por José Gomes Bastos durante a sua visita à África do Sul.

A influência da moderna arquitetura brasileira, que caraterizou de forma genérica a produção arquitetónica moderna em Portugal e que, por efeito de condições climáticas e produtivas semelhantes, teve uma decisiva influência na arquitetura projetada e construída nas antigas colónias portuguesas de Angola e Moçambique - facto assumido pela generalidade dos estudos sobre a História da Arquitetura do Século XX em Portugal -, revestiu-se de uma dupla e distinta natureza presente em termos ideológicos e disciplinares:

- Em termos ideológicos existe uma sobreposição cronológica entre o decorrer da utopia desenvolvimentista brasileira e a sua concreta expressão pela arquitetura moderna produzida naquele país ao longo do período que, tendo na construção e inauguração de Brasília em 1960 a sua mais simbólica materialização se encerra em 1964 com a instauração da ditadura militar, e o período de duração das políticas de desenvolvimento adotadas pelo governo do Estado Novo português assentes na execução dos dois primeiros Planos de Fomento - o segundo dos quais se termina em 1964, ano de eclosão da guerra colonial ou de libertação em Moçambique - e a sua simbólica afirmação através da edificação de inúmeros edifícios infraestruturais de arquitetura moderna disseminados ao longo dos núcleos urbanos do território;
- Em termos disciplinares, para além da direta influência dos modelos da moderna arquitetura brasileira que se deteta nalguns edifícios moçambicanos - exemplificada pela pro-

ximidade formal entre a Igreja do bairro da Manga, na Beira e a Igreja de Pampulha, em Belo Horizonte -, existe uma generalizada e pragmática adoção dos temas fundamentais que informam a moderna arquitetura do Brasil e que estão presentes na comunicação que Wladimir Alves de Sousa profere na conferência da UIA em 1953: arrojo técnico, adequação climática, plasticidade e integração das artes.

A natureza pantanosa da cidade da Beira e a existência de engenheiros qualificados em Moçambique favoreceram a criação naquela cidade de edifícios com estruturas especiais de grande arrojo técnico, eventualmente inspirados no vocabulário da moderna arquitetura brasileira - como é exemplificado pelo desenho da cobertura parabólica do átrio do público da Estação Central da Beira. Os *cobogós* brasileiros, grelhas ou grelhagens formadas por módulos vazados de cerâmica ou de cimento moldado de produção industrial, obtiveram uma extensiva utilização para, entre muitos outros exemplos, encerrar com elementos perfurados de tijolo as galerias exteriores de topo das habitações da Fábrica Cerâmica da Monteiro & Giro, em Quelimane, ou para revestir com módulos em forma de pirâmide truncada algumas superfícies exteriores do Infantário Piramidal, em Lourenço Marques. As coberturas convergindo para uma caleira central, tipologia formal que se generalizou na moderna arquitetura brasileira e que em Portugal é conhecida por telhado ou cobertura de *borboleta*, foi também frequentemente utilizado na arquitetura moçambicana. Um exemplo deste tipo de coberturas pode ser encontrado no bloco II do Palácio das Repartições de Vila Cabral ou no desenho de anteprojeto dos blocos A e B do Complexo Montegiro em Quelimane. A influência da plástica fluidez e interpenetração espacial de formas curvas ou angulares características da moderna arquitetura brasileira está presente em grande número de projetos moçambicanos através da criação de elementos irregulares de exceção em relação a matrizes ortogonais, como no desenho dos corpos laterais e suas rampas interiores do Hospital Central de Lourenço Marques. Constituiu também um tema gráfico presente na conceção paisagística dos espaços exteriores dos edifícios como livres e assimétricas composições

pictóricas graficamente inspiradas no biomorfismo de Burle Marx, como exemplificado pelo desenho dos acessos ao edifício da Beira do Automóvel & Touring Club de Moçambique. Os painéis cerâmicos realizados em azulejo ou mosaico de vidro integrados na conceção arquitetónica dos projetos de edifícios de equipamento coletivo foram possivelmente influenciados pelos murais que revestem as paredes de edifícios modernos mexicanos e brasileiros - os últimos dos quais frequentemente realizados em azulejo na continuidade da tradição construtiva colonial de origem portuguesa. No edifício da Estação Central da Beira - obra na qual a quase totalidade das superfícies exteriores e interiores foram revestidas com mosaicos de vidro e de cerâmica de cores lisas ou formando murais com padrões geométricos abstratos e temas figurativos -, combinam-se arquitetura e decoração numa contínua experiência plástica que constitui um exemplo maior em Moçambique da integração de murais nas obras de arquitetura.

O impacto da arquitetura de outros países da América Latina na produção portuguesa da época reflete-se na exploração de novos sistemas construtivos adaptados às condicionantes produtivas locais. As obras dos espanhóis Eduardo Torroja (1899-1961), engenheiro cuja investigação sobre sistemas construtivos autoportantes baseados na articulação de superfícies hiperboloides de tijolo teve grande difusão na América latina pela sua simplicidade tecnológica, e Felix Candela (1910-1997), arquiteto que construiu no México a sua obra composta por estruturas de betão formadas pela interseção de paraboloides hiperbólicas, tiveram certamente eco na conceção de alguns edifícios infraestruturais das antigas colónias portuguesas - nos quais podem ser igualmente detetadas influências das arquiteturas do venezuelano Carlos Raul Villanueva (1900-1975) ou do uruguaio Eladio Dieste (1917-2000). Em Moçambique estas referências podem ser encontradas na expressão arquitetónica de sistemas estruturais compostos por membranas de betão ou de tijolo, dobradas ou curvadas. Constituem exemplos a Igreja de Santo António da Polana, em Lourenço Marques, o projeto de concurso por Megre Pires para a catedral de Quelimane, ou o edifício da messe

da Fábrica Cerâmica da Monteiro & Giro em Quelimane.

A distribuição geracional dos arquitetos portugueses que desenharam edifícios infraestruturais para Moçambique durante o período em estudo revela-nos que a maioria dos projetistas se enquadra, de acordo com os critérios enunciados, na terceira geração de arquitetos modernos portugueses. Excetuam-se os casos de Arménio Losa, Cassiano Barbosa, Keil do Amaral e Leonardo de Castro Freire, que pertencem à segunda geração, ou de Bernardino Ramalhete, Marcos Miranda Guedes, Luís Vasconcelos, Julião de Azevedo, Mário Couto Jorge, Eduardo Figueirinhas e Naia Marques, que se englobam na quarta.

A análise pormenorizada de dez edifícios paradigmáticos de equipamento coletivo que, pela sua ortodoxa modernidade e representatividade urbana, melhor exemplificam as teses da dissertação, permitiu obter as seguintes conclusões:

- A *implantação* da grande maioria dos exemplos segue princípios de autonomia dos objetos arquitetónicos em relação à envolvente próxima e de assimetria na disposição das partes que os compõem. Excetuam-se os casos do Cine-Teatro São Jorge e da filial do BNU em Lourenço Marques, edifícios condicionados pelas formas e dimensões dos lotes que integralmente ocupam;
- A *volumetria* da totalidade dos exemplos é composta pela agregação de sólidos geométricos autónomos num assimétrico equilíbrio de massas, diferenciados de acordo com a expressão exterior das principais zonas dos programas funcionais interiores. Tal acontece mesmos nos casos onde esta distinção é menos notória, como na continuidade escultória das duas abóbadas da Padaria Saipal ou na uniformização repetitiva das aberturas da filial do BNU em Lourenço Marques;
- A *expressão formal* da totalidade dos exemplos é o resultado coerente da forma dos vãos exteriores, nos quais predominam as aberturas de dominante horizontal, da composição assimétrica dos alçados e da eventual exploração das qualidades cromáticas e texturais

dos revestimentos de superfície;

- A *composição espacial* interna da totalidade dos exemplos é regrada por sequências compostas por momentos espaciais regulares assentes em matrizes compositivas de dominante ortogonal dimensionadas segundo métricas abstratas - excetuando-se o caso da planta em leque do Cine-Teatro São Jorge. A sua *organização funcional* interna é baseada na qualificação e articulação funcional dos espaços através do zonamento hierárquico das funções e das circulações. Isto sucede inclusivamente nas áreas de compartimentação flexível, em *plan libre,* servidas por circulações horizontais e verticais rigidamente predefinidas - como no caso da filial do BNU em Lourenço Marques e do corpo da administração da Estação Central da Beira;
- O *sistema estrutural* da totalidade dos exemplos é constituído por esqueletos de suporte predominantemente erguidos com materiais perenes - com exceção das coberturas metálicas da aerogare de Lourenço Marques ou de alguns pavilhões da Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo -, independentes dos elementos de encerramento e compartimentação, calculados com audácia experimental de forma a otimizar custos e prazos de execução;
- O *sistema construtivo* de grande parte dos exemplos é constituído por produtos estandardizados de produção industrial articulados com materiais naturais de extração maioritariamente local - com menor predominância na Padaria Saipal e na Igreja do Imaculado Coração de Maria, obras nas quais a incorporação tecnológica tem menor expressão formal do que a plasticidade escultórica;
- A *proteção climática* da totalidade dos exemplos em relação às específicas circunstâncias climáticas tropicais é conseguida pela otimização das implantações - com exceção dos casos em que as condicionantes topográficas o não permitem, como no Cine-Teatro São Jorge e na filial do BNU em Lourenço Marques, ou nos casos em que as implantações foram predefinidas por planos anteriores, como na aerogare do Aeroporto Gago Coutinho e na Igreja do Imaculado Coração de Maria -, pela disposição dos espaços internos e pela

utilização de mecanismos de proteção solar e de ventilação transversal que protegem os espaços habitáveis da exposição solar e permitem a captação das correntes de ar dominantes;

- As *influências* de modelos formais de origem externa estão presentes na quase totalidade dos exemplos em associação com a generalizada utilização de *linguagens* que filiam os edifícios na arquitetura do Movimento Moderno internacional. Encontram-se referências à obra de Le Corbusier - de que é exemplo o Complexo Montegiro - e à coetânea produção arquitetónica da América Latina - patente no Cine-Teatro São Jorge, Padaria Saipal, Igreja do Imaculado Coração de Maria, Estação Central da Beira e Palácio das Repartições de Vila Cabral.

Conclui-se ainda que a totalidade dos exemplos analisados foi capaz de involuntariamente simbolizar os valores de modernidade e progresso que incorporam a utopia identitária do regime do Estado Novo não só através do papel infraestrutural que desempenharam mas também pela qualidade arquitetónica e urbana, atualidade semântica e representatividade iconográfica que demonstraram. Esta asserção pode ser demonstrada pelo impacto que a sua concretização e inauguração teve nas imprensas locais - com exceção dos dois empreendimentos da Monteiro&Giro, do Palácio das Repartições e da Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo, cuja repercussão pública ainda desconhecemos.

As conclusões gerais deste trabalho assentam numa pluralidade de leituras em torno da dualidade antitética entre os conceitos de *liberdade* e de *ortodoxia*. Esta diversidade gera-se disciplinarmente na dicotomia entre arquiteturas vinculadas à Tradição e à Modernidade de acordo com a interpretação que tem sido feita do confronto ideológico entre as diferentes teses presentes ao 1.º Congresso do Sindicato dos Arquitetos, em 1948: exprime a oposição entre a arquitetura praticada em *liberdade* criativa pelos jovens arquitetos que viveram e trabalharam nas antigas províncias ultramarinas durante as décadas de 50 e 60 do século XX, nomeadamente em Angola e Moçambique, e a *ortodoxa* aplicação dos modelos nacio-

nalistas a que foram sujeitos os seus colegas da metrópole - principalmente em edifícios de encomenda pública -, durante a década de 40 e a primeira metade da de 50. Tal desfasamento deveu-se a um maior afastamento geográfico destes territórios em relação ao centro do poder e a um menor controlo político e ideológico exercido pelas autoridades do regime sobre a produção disciplinar.

A necessidade de rápida execução de novas infraestruturas nos territórios africanos de Angola e Moçambique em acelerado desenvolvimento infraestrutural, industrial e demográfico potenciou a utilização de sistemas construtivos inovadores, industrializados e estandardizados, e de metodologias científicas na resolução dos novos programas e da sua adaptação às condicionantes climáticas locais. Processos caraterísticos da arquitetura do Movimento Moderno corresponderam mais adequadamente às necessidades produtivas e simbólicas dos poderes oficiais e da sociedade civil do que a linguagem tradicionalista simultaneamente utilizada pelos arquitetos com uma próxima ligação ao regime.

A utilização em larga escala e durante um grande período de tempo dos paradigmas da arquitetura moderna pelos arquitetos modernos ultramarinos pressupôs, todavia, a adesão a um conjunto de processos que configuram uma nova *ortodoxia*, ela própria contida no anterior conceito libertário: os princípios arquitetónicos do Movimento Moderno, principalmente aqueles que se filiam nos modelos corbusianos e na sua adaptação às circunstâncias tropicais pelos jovens arquitetos da moderna arquitetura brasileira, perderam a sua natureza experimental e transformaram-se em linguagem padronizada disponível para massiva e acrítica reprodução.

A fundação por Marcelo Caetano, em 1944, do Gabinete de Urbanização Colonial, mais tarde Gabinete de Urbanização do Ultramar, estrutura que centralizou até à sua extinção, em 1957, o desenho dos planos de urbaniza-ção e dos projetos de edifícios públicos destinados às antigas colónias, revelou-se a última tentativa para imprimir à arquitetura ultramarina o cunho estilístico do regime. Apenas nesse ano de 1957 o Partido Comunista Português reconheceu o direito das colónias à autodeterminação, e apenas no final da década de 60 a

restante oposição democrática se manifestou favorável à independência das antigas províncias ultramarinas. Seguro do consenso nacional em torno da questão colonial, o regime encontrou na arquitetura do Movimento Moderno, em particular nos edifícios infraestruturais de equipamento coletivo, a capacidade para monumentalizar os seus valores de durabilidade e permanência: reproduziu assim o processo de manipulação da arquitetura moderna e dos seus autores que o Estado Novo inicial tinha efetuado ao longo das décadas de 20 e 30.

A utopia identitária do Estado Novo e a utopia social do Movimento Moderno, duas conceções ideológicas opostas, convergiram nos territórios angolano e moçambicano do segundo pós-guerra estabelecendo entre si uma relação de mútua dependência: tal como na moderna arquitetura latino-americana, sua contemporânea, cada uma destas conceções ideológicas necessitou da sua oposta para se materializar e se significar.

A generalizada difusão da arquitetura do Movimento Moderno nas antigas colónias africanas, observada *a vol d'oiseau*, permitiu a criação de paisagens urbanas de morfologia híbrida. Nos núcleos coloniais de cimento das cidades moçambicanas articulam-se ainda as memórias das arquiteturas vernaculares portuguesas e orientais, do ecletismo das *Beaux-Arts*, da arquitetura de ferro colonial, das linguagens oficiais do Estado Novo e das arquiteturas do Movimento Moderno. O predomínio das linguagens modernas, das construções *Art Déco* dos anos 30 e 40 e do *Estilo Internacional* do segundo pós-guerra confere às cidades moçambicanas uma fisionomia arquitetónica contemporânea sem paralelo na antiga metrópole, não condicionada pela proximidade do poder nem pela densidade histórica dos tecidos urbanos das cidades.

Um enorme território permaneceu ainda por investigar, no interior como no exterior do objeto e dos objetivos deste doutoramento, que apenas futuros trabalhos poderão colmatar. São as seguintes as principais lacunas que se detetam na pesquisa realizada sobre Moçambique: a interpretação de alguns edifícios infraestruturais de relevo sobre os quais a tese é omissa porque, apesar de sobre eles ter sido recolhida informação documental bibliográfica

e arquivística e de terem sido realizadas visitas às obras bem como o seu registo fotográfico não se conseguiu concretizar a sua interpretação de acordo com os prazos do doutoramento; a consulta sistemática da restante imprensa diária da época que quedou por concluir devido igualmente às limitações temporais a que a investigação teve de obedecer; a pesquisa exaustiva em arquivos inexplorados ou apenas entrevistos pertencentes às diversas instituições locais, tarefa apenas possível com maiores recursos materiais e humanos; e a visita e o registo fotográfico de alguns edifícios e cidades - entre as quais se destacam as omissões de Tete, Inhambane e Xai-Xai -, que por diversas razões logísticas não foi possível concretizar. Por outro lado o cabal conhecimento deste período histórico apenas poderá ser realizado com o alargamento da cronologia em investigação à produção moderna que o precedeu nos anos 30 e 40 e sucedeu na segunda metade da década de 60 e primeira de 70 e com a extensão do seu âmbito temático aos programas de natureza habitacional e à escala territorial – tema no qual, como vimos, uma ampla inventariação dos planos existentes já permite a sua interpretação comparada.

A extrapolação das conclusões retiradas deste estudo e a sua aplicação ao contexto das restantes ex-colónias poderá igualmente constituir um campo para posterior pesquisa que se pode revelar operativo naquilo que estes contextos tiveram em comum: a matriz cultural invariante e a sua sujeição a orientações políticas gerais de carácter modelar e universal, emanadas do centro do poder metropolitano. Uma investigação futura mais aprofundada poderá confirmar a particularidade ou universalidade das conclusões retiradas do estudo da produção arquitetónica moderna moçambicana, assumindo-se esta como um exemplo em estudo (*case study*) aplicável como modelo à coetânea produção arquitetónica moderna dos restantes ex-territórios ultramarinos portugueses. De momento reconhecem-se evidentes analogias entre os processos de progressiva autonomização dos organismos técnicos oficiais e de consolidação das identidades culturais nas antigas províncias de Angola e Moçambique.

Com uma investigação mais alargada poder-se-á ainda confirmar uma nova interpretação:

a de que durante o segundo pós-guerra, principalmente nos primeiros anos da década de 50, o centro produtor de arquitetura moderna em Portugal se deslocou do continente europeu para o continente africano, da metrópole para as antigas províncias de Angola e Moçambique, cumprindo-se nestes países os pressupostos disciplinares da ortodoxa arquitetura do Movimento Moderno.

Para tal torna-se premente confirmar a transposição para África das formas resultantes do processo cultural desencadeado pelo *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal* - arquétipos que atualmente nos aparecem deslocados do seu entorno natural, tão estranhos sob a luz intensa dos trópicos como os modelos tradicionalistas da *casa portuguesa*. Intui-se antes que este processo reprodutivo, que na antiga metrópole assentou na utilização de metodologias próprias como o levantamento antropológico das culturas locais para sobre elas referir formas e significados, esbarrou sempre na autonomia cultural local: em conceções de organização social, em ritmos de vida e de relação com o espaço natural e em processos de efemeridade construtiva que se opunham diametralmente às necessidades das antigas sociedades coloniais estruturadas segundo modelos culturais e económicos ocidentais. É esta oposição entre sociedades que se traduz *in extremis* no confronto entre o *Estilo Internacional*, o *Neoempirismo*, o *Brutalismo*, o *Historicismo* ou outro(s) e o *Estilo Mato* de Pancho Guedes, e que se simboliza na nítida separação entre a cidade de betão e a cidade informal, na linha onde termina o negro asfalto e recomeça a terra vermelha de África.

Ao longo do texto da dissertação foram explicitados os resultados de um trabalho paciente e sistemático de descoberta bibliográfica, arquivística e testemunhal, de aventuroso reconhecimento e registo fotográfico dos edifícios e das cidades no seu estado atual, de tratamento de toda a informação recolhida numa base de dados e de construção de uma tese que põe em relevo o manuseamento da produção arquitetónica moderna e dos seus protagonistas pelos órgãos de poder do regime do Estado Novo.

Com este doutoramento quis-se contribuir para o conhecimento da produção de edifícios

infraestruturais de arquitetura moderna em Moçambique, projetados e/ou construídos durante o período experimental entre o segundo pós-guerra e o desencadear da guerra colonial ou de libertação no território. O estudo dos edifícios de equipamento coletivo permitiu observar com maior nitidez o processo de aplicação dos princípios metodológicos e dos modelos formais do Movimento Moderno à produção arquitetónica moçambicana. O significado desta escolha tipológica não se esgota contudo aqui: enquanto obras de necessidade coletiva, surgidas no contexto de um processo de desenvolvimento simultaneamente assumido como desbravamento civilizador e construção social utópica, foram-lhes conferidas qualidades icónicas que ultrapassaram largamente a estrita carência funcional que pragmaticamente vieram resolver. Expressões de uma modernidade formal apenas episódica no território metropolitano, excederam a sua função de elementos arquitetónicos de exceção no contínuo urbano para se transformarem em símbolos das capacidades empreendedoras e da modernidade cultural das sociedades coloniais das quais emergiram.

A possível relevância desta pesquisa reside assim no seu contributo parcelar - espacial, cronológica e tematicamente delimitado -, para o conhecimento de um denso e qualificado património de arquitetura do Movimento Moderno existente em Moçambique – já perspetivado em Angola e entrevisto nas restantes antigas províncias ultramarinas -, e para a compreensão do seu significado político e social. Pretendeu-se assim contribuir para a construção da história da arquitetura moderna em Portugal e nos diferentes territórios que integraram o império colonial português, constituir um *aporte* para o estabelecimento de valores e para a definição de políticas de preservação patrimonial e apresentar um repositório de processos tecnológicos e de sistemas de adaptação climática que, pela sua natureza sustentável, serão particularmente operativos na conceção arquitetónica contemporânea.

Estes contributos devem ser integrados nos diversos campos de investigação pluridisciplinar que, em planos distintos, se encontram atualmente em curso: o contínuo aprofundamento da reflexão sobre as consequências patrimoniais da expansão portuguesa no mundo;

o recente desencadear em Portugal do interesse pela arquitetura e urbanismo modernos construídos nas antigas províncias ultramarinas portuguesas - consubstanciado em sucessivas pesquisas individuais e em projetos de equipas de investigadores -, bem como a articulação destes estudos com as pesquisas que nos diversos PALOP foram já iniciadas; o conhecimento e preservação por diversos organismos nacionais e internacionais do património do Movimento Moderno mundial e a extensão desta política a territórios ainda inexplorados porque periféricos aos centros mundiais consolidados da moderna cultura arquitetónica.

Nesta linha das investigações internacionais incluem-se os recentemente redescobertos patrimónios arquitetónicos modernos do continente africano ao sul do Saara. Entre eles destacam-se pela sua especificidade – devida às suas qualidades intrínsecas e ao período da sua edificação, prolongado para além das descolonizações realizadas pelas restantes potências europeias - as arquiteturas modernas de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

BIBLIOGRAFIA GERAL

AALTO, Alvar — "A humanização da arquitectura". *Arquitectura*, Lisboa. N.° 35 (Ago. 1949) p. 7-8.

AAVV — *II Exposição de Artes Plásticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.

AAVV — *Arquitectura. Pintura. Escultura. Desenho: Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 1987.

AAVV — *Percursos de Carreira*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994.

ALANÍS, Enrique X. de Anda — *Félix Candela, 1910-1997: O Domínio dos Limites*. Köln: Taschen, 2010.

ALMEIDA, R. V. de; MILHEIRO, A. V.; ROSENDO, C. — "Biografias". *In* Becker, A. (org.); TOSTÕES, A. (org.); WANG, W. (org.) - *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Frankfurt: Deutsches Architektur-Museum [etc.], 1998. p. 332-346.

AMARAL, Francisco Keil do, — "Maleitas da Arquitectura Nacional: A Mania das Pressas e o Dinamismo, Seu Filho Dilecto". *Arquitectura*. Lisboa. N.os 23/24 (Mai./Jun. 1948) p. 24-25.

AMARAL, Francisco Keil do, — "Maleitas da Arquitectura Nacional: A Formação do Arquitecto". *Arquitectura*. Lisboa. N.os 17/18 (Jul./Ago. 1947) p. 18-20.

AMARAL, Francisco Keil do, — "Uma Iniciativa Necessária". *Arquitectura*. Lisboa. N.° 14 (Abr. 1947) p. 12-13.

AMARAL, Francisco Keil do, — "Maleitas da Arquitectura Nacional: O Arquitecto e o Atelier". *Arquitectura*. Lisboa. N.° 19 (Jan. 1948) p. 17-18.

AMARAL, Francisco Keil do, — "Maleitas da Arquitectura Nacional: O Cliente, as Leis e os Regulamentos". *Arquitectura*. Lisboa. N.° 20 (Fev. 1948) p. 17-18.

AMARAL, Francisco Keil do, — "Maleitas da Arquitectura Nacional: Os Materiais de Construção". *Arquitectura*. Lisboa. N.° 21 (Mar. 1948) p. 17-18.

AMARAL, Francisco Keil do, — "Maleitas da Arquitectura Nacional: O Problema da Mão-de-Obra". *Arquitectura*. Lisboa. N.° 22 (Abr. 1948) p. 11-12.

AMARAL, Francisco Pires Keil [et.al.] — *Keil Amaral: arquitecto, 1910-1975*. [Lisboa]: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1992.

ANTUNES, José Freire — *O Império com Pés de Barro. Colonização e Descolonização: as Ideologias em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1980.

BARBOSA, Cassiano — *ODAM. Organização dos arquitectos modernos. Porto 1947-1952*. Porto: Edições ASA, 1972.

BECKER, A. (org.); TOSTÕES, A. (org.); WANG, W. (org.) — *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Frankfurt: Deutsches Architektur-Museum [etc.], 1998.

BENTO, Paulo Torres — *José Porto (1883-1965): desvendando o arquitecto de Vilar de Mouros*. Vilar de Mouros: Junta de Freguesia [etc.], 2003.

BRITES, Joana — *Movimento Moderno: de resposta universal a hipótese de século*. Coimbra: Imprensa da Universidade Coimbra, 2009. https://digitalis-dsp.sib.uc.pt; http://www.ceis20.uc.pt.

BUCH, Joseph — *A Century of Architecture in the Netherlands 1880/1990*. Rotterdam: NAI Publishers, 1993.

CALDAS, João Vieira — *Pardal Monteiro Arquitecto*. Lisboa: AAP, 1997.

Carvalho, Henrique de	"Arménio Losa. 1908". *In Arquitectura. Pintura. Escultura. Desenho: Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 1987. P. 120-123.
Castelo, Cláudia	*O modo português de estar no mundo: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento, 1998.
Castelo, Cláudia	*Passagens para África: O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole (1920-1974)*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.
Comas, Carlos Eduardo Dias	*Brazil Builds e a bossa barroca: notas sobre a singularização da arquitetura moderna brasileira: atas do 6º Seminário DOCOMOMO Brasil*. Niterói: DOCOMOMO Brasil, 2005. http://www.docomomo.org.br.
Costa, X. (dir.); Landrove, S. (dir.)	*Arquitectura do Movimento Moderno. Registo DOCOMOMO Ibérico. 1925-1965*. Barcelona: AAP [etc.], 1996.
Cunha, Gabriel Rodrigues da	*A Arquitetura Russa nos Primeiros anos da Revolução - o Construtivismo e a noção de condensador social: atas do 5º Colóquio Internacional Marx e Engels*. Campinas: Centro de Estudos Marxistas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 2007. http://www.unicamp.br.
Cunha, Luiz	*Arquitectura Religiosa Moderna*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1957.
Curtis, William J. R.	*Modern Architecture Since 1900*. Third edition. London; New York: Phaidon Press Limited, 1996.
Esteves, J. M. (coord.); Tavares, J. F. C. (coord.)	*100 obras da engenharia portuguesa no mundo no século XX*. Lisboa: Ordem dos Engenheiros, 2003.
Fernandes, Eduardo Jorge	*A escolha do Porto*. Guimarães: Faculdade de Arquitetura - Universidade do Minho 2011. Tese de doutoramento.
Fernandes, F.; Cannatà, M.	*Guia da Arquitectura Moderna: Porto 1925-2002*. Porto: ASA, 2002.
Fernandes, José Manuel	*Arquitectura modernista em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1993.
Fernandes, José Manuel	"Arquitectura Religiosa". *In* Cruz, M. B. da (coord.); Correira, N. (coord.) - *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal: 1950-2000*. Lisboa: Universidade Católica, 2001. p. 13-51.
Fernandez, Sergio	*Percurso. Arquitectura Portuguesa 1930 / 1974*. 2.ª Edição. Porto: FAUP publicações, 1988.
Fishman, Robert	*Urban Utopias in the Twentieth Century: Ebenezer Howard, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier*. First MIT Press paperback edition, 1982. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 1977.
Ford, Edward R.	*The Details of Modern Architecture*. Fourth printing, 1997. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 1990.
Ford, Edward R.	*The Details of Modern Architecture: 1928 to 1988. Volume 2*. Second printing, 1998. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 1996.
Forjaz, José	*Arquitectura: a essência do projecto*. Guimarães: EAUM, 2011.
Frampton, Kenneth	*Modern architecture: A critical history*. Third edition. London: Thames and Hudson, 1992.
França, José-Augusto	*A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*. 3ª edição. Lisboa: Bertrand Editora, 1991.
Fry, E. M.; Drew, J. B.	*Tropical Architecture in the dry and humid zones*. 2ª ed. New York: Robert E. Krieger Publishing Co., 1974.
Fundação Calouste Gulbenkian	*Luís Cristino da Silva (Arquitecto)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
Goodwin, Philip L.	*Brazil Builds: architecture new and old 1652-1942 / Construção Brasileira: arquitetura moderna e antiga 1652-1942*. Second Edition Revised. Photographs by G. E. Kidder Smith. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
Gravato, Maria Adriana Pacheco Rodrigues	*Trajecto do risco urbano: a arquitectura na cidade do Porto, nas décadas de 30 a 50 do século XX, através do estudo do conjunto da Avenida dos Aliados à Rua de Ceuta*. Porto: [Edição do Autor], 2004. Dissertação de mestrado. (http://repositorio-aberto.up.pt).
Heathcote, E.; Spens, I.	*Church builders*. Chichester: Academy Editions, 1997.
Ikonnikov, Andreï	*L'architecture russe de la période soviétique*. Liège: Pierre Mardaga Editeur, 1990.
Janer, A. C.-; Foley, M. M.	*Modern Church Architecture. A guide to the form and spirit of 20th century religious buildings*. New York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Company, 1962.
Le Corbusier	*Vers une architecture*. Paris: Flammarion, 1995 [1923].
Le Corbusier	*Le Corbusier et Pierre Jeanneret: Oeuvre complète de 1910-1929*. 14ème ed. Zurich: Les Éditions d'Architecture, 1995 [1929].

LE CORBUSIER — *Le Corbusier et Pierre Jeanneret: Oeuvre complète de 1929-1934*. 14ème ed. Zurich: Les Éditions d'Architecture, 1995 [1934].

LE CORBUSIER — *Le Corbusier et P. Jeanneret: Oeuvre complète de 1934-1938*. 14ème ed. Zurich: Les Éditions d'Architecture, 1995 [1938].

LE CORBUSIER — *Le Corbusier: Oeuvre complète de 1938-1946*. 14ème ed. Zurich: Les Éditions d'Architecture, 1995 [1947].

LE CORBUSIER — *Le Corbusier: Oeuvre complète de 1946-1952*. 14ème ed. Zurich: Les Éditions d'Architecture, 1995 [1953].

LISBOA. CÂMARA MUNICIPAL — *Cassiano Branco, uma obra para o futuro*. Porto: ASA, 1991.

LOSA, Arménio — "A Arquitectura e as novas fábricas". *In* TOSTÕES, Ana (ed.) - *1º Congresso Nacional de Arquitectura*. Edição fac-similada. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2008 [1948]. p. 127-135.

LOSA, Arménio — "Indústria e construção". *In* TOSTÕES, Ana (ed.) - *1º Congresso Nacional de Arquitectura*. Edição fac-similada. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2008 [1948]. p. 263-266.

MARTINS, João Paulo — "Arquitectura. III: Do romantismo à actualidade". *In Dicionário da história religiosa de Portugal*, AZEVEDO Carlos Moreira (dir.)., Lisboa: Círculo dos Leitores e Centro de Estudos da História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000. Vol. 1, p. 115-117.

MENDES, Manuel — "Nós. Uma modernidade de fronteira – nós para uma passagem inconclusa". *In* COSTA, X. (dir.); LANDROVE, S. (dir.) - *Arquitectura do Movimento Moderno. Registo DOCOMOMO Ibérico. 1925-1965*. Barcelona: AAP [etc.], 1996. p. 14-25.

MENDES, Manuel — *Arménio Losa. Cassiano Barbosa, arquitectos. "nosso escritório", 1945-1957*. Porto: FAUP; Ordem dos Arquitectos, 2008a. Guia da exposição homónima.

MENDES, M.; RAMALHO, P. — *Uma Homenagem a Arménio Losa*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos [etc.], 1995.

MINDLIN, Henrique E. — *Arquitectura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999 [1956].

MIRANDA, Elisiário — *Arquitectura e Liturgia em Portugal (1926-1974)*. Guimarães: [s.n.], 2005. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.

MUNFORF, Eric Paul — *The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960*. Foreword by Kenneth Frampton. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000. http://books.google.pt.

NORBERG-SCHULZ, Christian — *La signification dans l'architecture occidentale*. 7ème ed. Paris: Pierre Mardaga, 1997.

NÓVOA, A. (coord.); SANTA-CLARA, T. (coord.) — *«Liceus de Portugal»: Histórias, Arquivos, Memórias*. Porto: Edições ASA, 2003.

PALLA, Victor — "Lugar do Artista Plástico". *Arquitectura*. Lisboa. N.º 25 (Jul. 1948) p. 7, 16.

PEDREIRINHO, José Manuel — *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do Século I à actualidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

PEREIRA, José Carlos — "O Movimento de Renovação da Arte Religiosa". *Arte Teoria. Revista do Mestrado de Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa*. Lisboa: FBAUL. N.º 1 (2000). P. 111-131.

PEREIRA, Nuno Teotónio — *Escritos (1947-1996, selecção)*. Porto: FAUP publicações, 1996.

PEREIRA, N. T.; FERNANDES, J. M. (col.) — "A arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959". *In* AAVV – *O Estado Novo: Das origens ao fim da autarcia, 1926-1959*. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1987. Volume II, p. 323-357.

PORTAS, Nuno — "Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal". *Arquitectura*. Lisboa. N.º 60 (Out. 1957) p. 20-23.

PORTAS, Nuno — "A Responsabilidade de Uma Novíssima Geração no Movimento Moderno em Portugal". *Arquitectura*. Lisboa. N.º 66 (Nov./Dez. 1959) p. 13-14.

PORTAS, Nuno — "Centro de Assistência Paroquial de Matosinhos: Arq. Álvaro Siza Vieira". *Arquitectura*. Lisboa. N.º 68 (Jul. 1960) p. 28-33.

PORTAS, Nuno — "A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: Uma Interpretação". *In* ZEVI, Bruno - *História da Arquitectura Moderna*. II Volume. Lisboa: Arcádia Editora, 1978. P. 687-746.

RAMOS, R. (coord.); SOUSA, B. V.; MONTEIRO, N. G. — *História de Portugal*. 4.ª edição. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.

RISO, Vincenzo — *Tecnologia e luogo nell'esperienza del progetto moderno: Saggio in tre tempi attraverso l'analisi di significativi casi di studio nell'architettura del xx secolo*. Roma: [s.n.], 2008.

ROSA, Edite Maria Figueiredo e — *ODAM: Valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*. Barcelona: [s.n.], 2005. Tese de doutoramento.

ROSAS, Fernando	"O Estado Novo (1926-1974)". *In* MATTOSO, José (dir.) - *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. Sétimo volume.
SEGAWA, Hugo	*Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
SILVA, Jorge Henrique Pais da	"Arquitectura e Urbanística em Portugal Continental". *Arquitectura*. Lisboa. N.º 134 (Jul. 1979) p. 56-63.
SNA	*Arquitectura Popular em Portugal*. 3ª edição. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1988 [1961].
TAFURI, Manfredo	*Architecture and Utopia: Design and Capitalist Development*. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 1976. (http://modernistarchitecture.files.wordpress.com)
TÁVORA, Fernando	*Da Organização do Espaço*. 4.ª edição. Porto: FAUP publicações, 1999.
TORRENT, Horacio	"On Modern Architecture and Synthesis of the Arts: Dilemmas, Approaches, Vicissitudes". *Docomomo International Journal*. Barcelona. N.º 42 (Summer 2010) p. 6-13.
TOSTÕES, Ana	*Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. 2.ª edição. Porto: FAUP publicações, 1997.
TOSTÕES, Ana	"Bairro de Alvalade". *In* COSTA, X. (dir.); LANDROVE, S. (dir.) - *Arquitectura do Movimento Moderno. Registo DOCOMOMO Ibérico. 1925-1965*. Barcelona: AAP [etc.], 1996. p. 148.
TOSTÕES, Ana (coord.)	*Arquitectura e cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa, Quimera Editores, 2004.
TOSTÕES, Ana (ed.)	*1º Congresso Nacional de Arquitectura*. Edição fac-similada. Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2008 [1948].
TOSTÕES, Ana [et.al.]	*Keil do Amaral: o arquitecto e o humanista*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1999.

Bibliografia específica

Aavv	*Exposição da Vida e da Arte Portuguesas*. Lourenço Marques: Agência Geral do Ultramar, 1956.
Aavv	*Memórias D'África, 1950-1975: Encontros sobre Arquitectura e Urbanismo nas áreas de influência portuguesa*. Lisboa: FAUTL, 2001. Registo videográfico.
Aavv	*100 Anos HCM – Hospital Central de Maputo 1906-2006: Exposição Alusiva ao 1° Centenário*. Maputo: HCM, 2007. http://www.misau.gov.mz pt.
Águia Cine-Teatro	*Águia Cine-Teatro: Programa Inaugural*. Quelimane: [s.n.], 1958.
Albuquerque, António	*Arquitectura moderna em Moçambique: inquérito à produção arquitectónica em Moçambique nos últimos vinte e cinco anos do império colonial português 1949-1974*. Coimbra, [s.n.],1998. Prova de licenciatura.
Alegre, J. de O. R.; Porto, J. L.	*Resposta ao Parecer do Gabinete de Urbanização Colonial acerca do Ante-Projecto de Urbanização da Cidade da Beira*. Porto: [s.n.], 1946 (Barcelos: Tipografia Marinho).
Amaral, Ilídio do	"Beira, Cidade e porto do Índico". *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. Vol. IV-7 (1969) p.76-93.
Antunes, Teresa (coord.)	"Panorâmica da Arquitetura em Moçambique". *Tempo*. Lourenço Marques. N.° 93 (25 Jun. 1972) p. 26-32.
Azenha, António Sérgio	*África desaparecida*. Lisboa: Quetzal Editores, 2000.
Bandeirinha, José António Oliveira	"Maputo: Os palcos, as plateias e o desejo da cidade". *Sete Palcos*. N.° 1 (Dez. 1997).
Belchior, Manuel	"A actualidade social nas províncias portuguesas do Ultramar*". Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. Nos 463-464 (Jan./Fev. 1964) p. 99-107.
Bernardes, Canhão	"Um liceu ao ar livre". *A Província de Angola*. Luanda: Empresa Gráfica de Angola. (11 Abr. 1967). p. 4, 11; Rodrigues, [2001-200?]: 69-70.
Boléo, Oliveira	*Mozambique: Petite Monographie*. 2ème édition. Lisbonne: Agência-Geral do Ultramar, 1967.
Bruschi, S. (coord.); Sondeia, B. A. (coord.)	*Inhambane. Elementos de história urbana*. Maputo: Edições FAPF, 2003.
Bruschi, S.; Carrilho, J.; Lage, L.	*Pemba: as duas Cidades*. Maputo: Edições FAPF, 2005.
Bruschi, S.; Lage, L.	*O desenho das cidades. Moçambique até o Século XXI*. Maputo: Edições FAPF, 2005.
Caldas, João Vieira	"Design with Climate in Africa. The World of Galleries, *Brise-Soleil* and *Beta* Windows". *Docomomo International Journal*. N.° 44 (2011) p. 16-23.
Carvalho, Fernão Lopes Simões de	*Curriculum*. Queijas: [s.n.], [199?].
Carvalho, Fernão Lopes Simões de	*Entrevista pelo autor*. Queijas, 2008-05-28. Registo áudio em formato digital.
Carvalho, Fernão Lopes Simões de	*Entrevista pelo autor*. Queijas, 2008-05-30. Registo áudio em formato digital.
Castro, Francisco José de	*Relação dos diversos tipos de projectos realizados, em colaboração, substituição ou de total autoria, desde o ano de 1945*. Lisboa: [s.n.], [19??].
Castro, Francisco José de	*Entrevista pelo autor*. Lisboa, 2009-11-06. Registo áudio em formato digital.
Corvaja, Luigi	*Maputo, Desenho e Arquitectura*. Maputo: Edições FAPF, 2003.

COSTA, Alda — *Pancho Guedes e todas as artes*. [S.l.: s.n.], 2011a. http://www.buala.org.

COSTA, Alda — *Arte e Artistas em Moçambique: falam diferentes gerações e modernidades*. [S.l.: s.n.], 2011b. http://www.buala.org.

COSTA, Vasco Vieira da — "Ante-projecto duma cidade satélite para Luanda". *RA. Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: FAUP. N.º 0 (Out. 1987). p. 24.

COUTO, Mia — *Estórias Abensonhadas*. 3.ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

COUTO, Mia — *Terra sonâmbula*. 4.ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

COUTO, Mia — *O outro pé da sereia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

COUTO, Mia — *A varanda de frangipani*. 6.ª edição. Maputo: Ndjira, 2007.

CRESPO, E. de (ed.); MANCELLOS, L. de (ed.) — *Exposição das Actividades Económicas de Moçambique, 1956: Guia-Programa*. Lourenço Marques: [s.n.], 1956.

DIAS, Manuel Graça — "Edifício residencial O Leão Que Ri. Maputo (Moçambique), 1954-1955. Pancho Guedes." *In* BECKER, A. (org.); TOSTÕES, A. (org.); WANG, W. (org.) - *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Frankfurt: Deutsches Architektur-Museum [etc.], 1998. P. 221.

DOMINGOS, Nuno — "Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano". *Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. Lisboa: ICS. Vol. XLI-179 (2006) p. 397-416.

DURBAN ART GALLERY — *Artists of Mozambique*. Durban: Durban Art Gallery, 1966. http://www.art-archives-southafrica.ch.

FERNANDES, José Manuel — "Sete obras modernas do «Ultramar português»". *In* COSTA, X. (dir.); LANDROVE, S. (dir.) - *Arquitectura do Movimento Moderno. Registo DOCOMOMO Ibérico. 1925-1965*. Barcelona: AAP [etc.], 1996. p. 328-335.

FERNANDES, José Manuel — "A arquitectura e o urbanismo no espaço ultramarino português". *In* BETHENCOURT, F. (dir.); CHAUDHURI, K. - *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1998.

FERNANDES, José Manuel — *Geração Africana: Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

FERNANDES, José Manuel — *Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005.

FERNANDES, José Manuel — *Arquitectos do Século XX: da tradição à modernidade*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006.

FERNANDES, José Manuel — "Arquitectura moderna na África colonial de expressão portuguesa - algumas reflexões aplicadas ao século XXI: o contexto, os valores e a produção realizada. Temas e conclusões". *In Cinco Áfricas / Cinco Escolas*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2009. P. 68-75.

FERNANDES, José Manuel (coord.) — *África: Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*: atas da Conferência Internacional, Universidade Autónoma de Lisboa, Janeiro 2011. Casal de Cambra: Caleidoscópio; UAL, 2011.

FERNANDES, J. M.; JANEIRO, M. de L.; FONTE, M. M. — *Angola no século XX: Cidades, Território e Arquitecturas, 1925-1975*. S.l.: [s.n.], 2010.

FERNANDES, J. M.; JANEIRO, M. de L.; NEVES, O. I. — *Moçambique 1875/1975: Cidades, Território e Arquitecturas*. Lisboa: Maria de Lurdes Serra, 2008.

FERREIRA, André Renga Faria — *Obras Públicas em Moçambique: inventário da produção arquitectónica executada entre 1933 e 1961*. Coimbra, [s.n.], 2006. Dissertação de mestrado.

FERREIRA, André Renga Faria — *Obras Públicas em Moçambique: inventário da produção arquitectónica executada entre 1933 e 1961*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2008.

FIP, 1956 — *Feira das Indústrias Portuguesas na Exposição das Actividades Económicas de Moçambique*. Lourenço Marques: [s.n.], 1956.

FONTE, Barroso — *Dicionário dos mais ilustres transmontanos e alto-durienses*. Guimarães: [s.n.], 1998. http://www.dodouropress.pt.

FONTE, Manuela — "Urbanismo e Arquitectura em Angola no Sec XX: Processos de Transformação do Território". *In* FERNANDES, José Manuel (coord.) – África: *Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*: atas da Conferência Internacional, Universidade Autónoma de Lisboa, Janeiro 2011. Casal de Cambra: Caleidoscópio; UAL, 2011. P. 69-77.

FONTE, Maria Manuela Afonso — *Urbanismo e arquitectura em Angola – de Norton de Matos à Revolução*. Lisboa: [s.n.], 2007. Tese de doutoramento.

FORJAZ, José — *Entre o adobe e o aço inox - Ideias e Projectos*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

FORJAZ, José — *Arquitectura, Ambiente e Sobrevivência*. Maputo: Edições FAPF, 2004.

FORJAZ, José [et.al.] — *José Forjaz Arquitecto - Ideias e Projectos*. Almada: Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, 2010.

Grilo, Maria João Teles	"Bloco habitacional. Unidade de habitação colectiva. Luanda, Angola". *In* Costa, X. (dir.); Landrove, S. (dir.) - *Arquitectura do Movimento Moderno. Registo DOCOMOMO Ibérico. 1925-1965*. Barcelona: AAP [etc.], 1996. P. 332.
Grilo, Maria João Teles	"Kinaxixe. Mercado Municipal em Luanda, Angola". *In* Costa, X. (dir.); Landrove, S. (dir.) - *Arquitectura do Movimento Moderno. Registo DOCOMOMO Ibérico. 1925-1965*. Barcelona: AAP [etc.], 1996. P. 331.
Grilo, Maria João Teles	"Mercado Municipal do Kinaxixe. Luanda (Angola) 1950-52. Vasco Vieira da Costa". *In* Becker, A. (org.); Tostões, A. (org.); Wang, W. (org.) - *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Frankfurt: Deutsches Architektur-Museum [etc.], 1998. P. 208.
Guedes, (Amâncio Miranda) Pancho	"A Sagrada Família da Machava". *In Percursos de Carreira*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994. P. 114-115.
Guedes, P. (ed.); Guedes, L. (ed.)	*Viva Pancho*. Durban: Total Cad Academy, 2003. http://www.guedes.info.
Guedes, Pedro (org. ed.)	*Pancho Guedes: Vitruvius Mozambicanus*. Lisboa: Museu Colecção Berardo, 2009.
Guimarães, Carlos	"Rui Pimentel. 1924." *In* Aavv - *Arquitectura. Pintura. Escultura. Desenho: Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 1987. P. 188-191.
Kultermann, Udo (ed.)	"Central and Southern Africa". *In* Frampton, Kenneth (general ed.) - *World Architecture 1900-2000: a Critical Mosaic*. Wien [etc.]: Springer-Verlag. 2000, Vol. 6.
Lage, Luís	*A morfologia urbana como matriz da forma arquitectónica em Maputo*. Roma: [s.n.], 2006. Tese de doutoramento.
Lage, L.; Carrilho, J.	*Inventariação do Património Edificado da Cidade de Maputo - Catálogo de Edifícios e Espaços propostos para Classificação*. Maputo: Edições FAPF, 2010.
Lobato, Alexandre	*Lourenço Marques, Xilunguíne: Biografia da cidade*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1970.
Loureiro, João	*Memórias de Lourenço Marques. Uma visão do passado da Cidade de Maputo*. 2.ª ed. Lisboa: João Loureiro e Associados, 1999.
Loureiro, João	*Memórias de Moçambique*. 2.ª ed. Lisboa: João Loureiro e Associados, 1999.
Magalhães, Ana	"Modern Architecture in África: Open-air Movie Theatres". *In* Gras, L. N. (org.); Grinberg, S. T. de (org.) - *11th International Docomomo Conference: Living in the Urban Modernity*. Mexico City: Docomomo México, 2010. CD de comunicações.
Magalhães, Ana	"Património moderno na cidade pós-colonial arquitectura em Angola: de Luanda ao Lobito". *In* Fernandes, José Manuel (coord.) – *África: Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*: atas da Conferência Internacional, Universidade Autónoma de Lisboa, Janeiro 2011. Casal de Cambra: Caleidoscópio; UAL, 2011. P. 79-89.
Magalhães, Ana; Gonçalves, Inês	*Moderno Tropical: Arquitectura em Angola e Moçambique, 1948-1975*. Lisboa: Tinta-Da-China, 2009.
Magri, L.; Tavares, J. L.	*Arménio Losa, Cassiano Barbosa*. Vila do Conde: Quidnovi, 2011.
Magri, L.; Tavares, J. L.	*Pancho Guedes*. Vila do Conde: Quidnovi, 2011.
Marjay, Frederic P.	*Mozambique*. Lisbon: Livraria Bertrand, Ltd., 1963.
Marques, Eduardo da Naia	*O que África me ensinou: crónicas na primeira pessoa*. Colares: Pedra da Lua, 2009.
Mattoso, J. (dir.); Barata, F. T. (coord.); Fernandes, J. M. (coord.)	*Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2.
Mendes, Clara [et.al.]	*Urbanismo Colonial: Os Planos de Urbanização nas antigas Províncias Ultramarinas, 1934-1974*. Lisboa: [s.n.], 2008b. Maqueta e catálogo digitais.
mendiratta, Sidh	*Cronologia do processo da obra de arquitectura "Novas Instalações da Empresa Monteiro e Giro, Lda." em Quelimane, Moçambique*. [s.l.]: [s.n.], 2007a. Texto preliminar para catálogo.
mendiratta, Sidh	*Instalações para a firma Monteiro & Giro em Quelimane (Moçambique)*. [s.l.]: [s.n.], 2007b. Texto preliminar para catálogo.
Milheiro, A. C. F. V.; Ferreira, J. M. F. F.	*A Joyous Architecture: As exposições de Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal e a sua influência nos territórios português e africano*: atas do 8º Seminário DOCOMOMO Brasil. Rio de Janeiro: arq4a395167a2281.pdf, 2009. http://www.docomomo.org.br.
Milheiro, Ana Vaz	*As coisas não são o que parecem que são: Arquitectura brasileira na África portuguesa (1953-75)*. Porto: Dafne Editora, 2008.

MILHEIRO, Ana Vaz — "No mundo do futuro: uma creche para São Tomé, por Pedro Reis". *In Cinco Áfricas / Cinco Escolas*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2009. P. 116-122.

MILHEIRO, Ana Vaz — "Experiências em concreto armado na áfrica portuguesa: influências do Brasil". *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. São Paulo. N.º 25 (Jun. 2009) p. 56-79. http://www.revistasusp.sibi.usp.br.

MILHEIRO, Ana Vaz — "Bernardino Ramalhete & Eduardo da Naia Marques: os arquitectos da opção empresarial". *Jornal Arquitectos*. Lisboa. N.º 240 (Jul./Ago./Set. 2010) p. 32-39.

MILHEIRO, Ana Vaz — "Education Buildings in the Tropics: the Work of the Colonial Planning Office in the Former Portuguese Africa". *In* GRAS, L. N. (org.); GRINBERG, S. T. de (org.) - *11th International Docomomo Conference: Living in the Urban Modernity*. Mexico City: Docomomo México, 2010b. CD de comunicações.

MILHEIRO, Ana Vaz — "Maria Carlota Quintanilha: uma arquitecta em África". *Jornal Arquitectos*. Lisboa. N.º 242 (Jul./Ago./Set. 2011) p. 20-25.

MILHEIRO, Ana Vaz — "O Gabinete de Urbanização Colonial e a Arquitectura de promoção pública na Guiné Bissau durante o Estado Novo". *In* FERNANDES, José Manuel (coord.) – África: *Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*: atas da Conferência Internacional, Universidade Autónoma de Lisboa, Janeiro 2011. Casal de Cambra: Caleidoscópio; UAL, 2011. P. 51-67.

MILHEIRO, A. V.; DIAS, E. C. — "Arquitectura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974)". *arq.urb: Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo. N.º 2 (2º semestre 2009) p.80-114. http://www.usjt.br.

MILHEIRO, A. V.; NUNES, J. — "Le Corbusier e os portugueses". *Arq./a. - arquitectura e arte*. Lisboa. N.º 59/60 (Jul./Ago. 2008) p. 40-45.

MIRANDA, Elisiário — *Liberdade e Ortodoxia: Contornos de uma investigação sobre arquitectura moderna em Angola no terceiro quartel do Século XX*: resumo das comunicações da *1.ª Conferência Internacional EIDAO'08 - Angola: Ensino, Investigação e Desenvolvimento*. Braga: Universidade do Minho [etc.], 2008.

MIRANDA, Elisiário — "Aeroporto Internacional de Luanda (ex-Aeroporto General Craveiro Lopes)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 451-452.

MIRANDA, Elisiário — "Banco Comercial de Angola". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 453.

MIRANDA, Elisiário — "Blocos Residenciais da Precol, Unidade de Vizinhança N.º 1 (Bairro Prenda)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 455-456.

MIRANDA, Elisiário — "Cine-Esplanada Flamingo". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 436.

MIRANDA, Elisiário — "Cine-Esplanada Miramar". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 453.

MIRANDA, Elisiário — "Edifício Alfredo Matos (actual Ministério do Urbanismo e Obras Públicas)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 454.

MIRANDA, Elisiário — "Edifício Carvalho e Freitas". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 451.

MIRANDA, Elisiário — "Edifício residencial O Leão que Ri". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 567.

MIRANDA, Elisiário — "Escola Técnica Elementar Governador Joaquim Araújo (actual Escola Secundária Estrela Vermelha)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 564.

MIRANDA, Elisiário — "Hospital dos Tuberculosos". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 552.

MIRANDA, Elisiário — *Igreja de Nossa Senhora da Conceição (actual catedral)*. *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 488.

MIRANDA, Elisiário — "Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição (Catedral)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 560.

MIRANDA, Elisiário — "Igreja de Santo António (Polana)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 560.

MIRANDA, Elisiário — "Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Macúti)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 517.

MIRANDA, Elisiário — "Liceu (antigo Liceu Nacional Almirante Lopes Alves / Escola do 3º Nível Comandante Saydi Mingas)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 435.

MIRANDA, Elisiário — "Moderno Tropical". *Jornal Arquitectos*. Lisboa. N.º 238 (Jan./Fev./Mar. 2010) p. 26-27. Recensão do livro homónimo.

MIRANDA, Elisiário — *Orthodoxy and Freedom: infrastructural buildings in Angola and Mozambique from the third quarter of the twentieth century*: proceedings of the *11th International Docomomo Conference: Living in the Urban Modernity*. Mexico City: Docomomo México, 2010. Livro de resumos e CD de comunicações.

MIRANDA, Elisiário — "Palácio das Repartições (actual Sede do Governo Provincial)". *In* Mattoso, José (dir.); Barata, Filipe Themudo (coord.); Fernandes, José Manuel (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 549.

MIRANDA, Elisiário — "De Maputo à Beira, uma «selecção moderna»". *In* FERNANDES, José Manuel (coord.) – *África: Arquitectura e Urbanismo de Matriz Portuguesa*: atas da Conferência Internacional, Universidade Autónoma de Lisboa, Janeiro 2011. Casal de Cambra: Caleidoscópio; UAL, 2011. P. 120-135.

MIRANDA, E.; FERNANDES, J. M. — "Assembleia Nacional (antigo Cine-Teatro Restauração)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 450.

MIRANDA, E.; FERNANDES, J. M. — "Banco Nacional Ultramarino (actual Banco de Moçambique)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 563-564.

MIRANDA, E.; FERNANDES, J. M. — "Estação terminal do Caminho de Ferro de Benguela". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 435.

MIRANDA, E.; FERNANDES, J. M. — "Padaria Saipal / «Pão da Cidade »". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 565.

MIRANDA, E.; MARTINS, I. — "Rádio Nacional de Angola (antigo Centro de Radiodifusão de Angola)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 452.

MIRANDA, E.; MARTINS, I.; FERNANDES, M. C. — "Hotel Presidente Meridien (Companhia Mineira do Lobito)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 453-454.

MIRANDA, E.; MARTINS, I.; FERNANDES, M. C. — "Mercado Municipal do Kinaxixe/Kinaxixi (Quinaxixe)". *In* MATTOSO, J. (dir.); BARATA, F. T. (coord.); FERNANDES, J. M. (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 451.

NEWITT, Malyn — *História de Moçambique*. Mem Martins: Europa-América, 1997.

NUNES, Ana Bela [et.al.] — *Banking in the Portuguese Colonial Empire (1864-1975)*. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social, 2010. http://ghes.iseg.utl.pt.

PACHECO, Ana Assis — *Porfírio Pardal Monteiro / 1897-1957. A obra do arquitecto*. Lisboa: FCSH-UNL, 1998. Tese de Mestrado.

PEPETELA — *A geração da utopia*. 4.ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PEPETELA — *O Cão e os Caluandas*. 4.ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.

PEREIRA, Alberto Feliciano Marques — *A Arte em Moçambique*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1966.

POMAR, Alexandre — "Geração de 45". *Expresso – Actual*. Lisboa. (24 Set. 2005) p. 42-43.

QUINTÃ, Maria Margarida — *Arquitectura e clima, Geografia de um lugar: Luanda e a obra de Vasco Vieira da Costa*. Porto: [s.n.], 2007. Prova de licenciatura.

QUINTANILHA, Maria Carlota — *Curriculum Vitae*. Lisboa: [s.n.], [19??].

QUINTÃO, José — *Vasco Vieira da Costa. 1911-1982*. *In* AAVV - *Arquitectura. Pintura. Escultura. Desenho: Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 1987. P. 138-141.

RAMALHETE, Bernardino — *Entrevista pelo autor*. Sarilhos Grandes, 2011-12-29. Registo áudio em formato digital.

RODRIGUES, Francisco Castro — *Memórias D'África / Memórias de Lubito*. Azenhas do Mar: [s.n.], [2001-200?].

RODRIGUES, Francisco Castro — *Entrevista pelo autor*. Azenhas do Mar, 28-05-2008 Registo áudio em formato digital.

S/A — *Liceu Salazar de Lourenço Marques*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954.

S/A — *O Liceu Salazar de Lourenço Marques*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1956.

SÁ, Francisco Xavier Valeriano de — *Banco Nacional Ultramarino: crónica do seu percurso*. Lisboa: Plátano Editora, 2005.

SAINT-MAURICE, Anabela de — *Grande Hotel*. Lisboa: Rádio Televisão Portuguesa, 2007. Documentário televisivo.

SALES, Fátima — *Januário Godinho: Arquitectura, Paisagem e Cultura Urbana. Aspectos a reavaliar*. Porto: CESAP/ESAP, 2005.

SALVADOR, Regina — *A AIP e o desenvolvimento de Portugal: ao serviço das empresas desde 1837, os últimos 60 anos*. Lisboa: Associação Industrial Portuguesa, 2008. Vol. II.

SANTIAGO, Miguel — *Pancho Guedes: Metamorfoses espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

SILVA, A. S.; ARESTA, A. — *A Educação em Moçambique*. Maputo: Ministério da Educação; Núcleo de História da Educação, 2004. Disponível em diversos sítios da internet.

SILVA, Duarte Nuno Almeida Alves da — *Estórias da Arquitectura Portuguesa: Uma reflexão em torno de imagens que a arquitectura constrói, o cinema fixa e o povo ordena*. Coimbra, [s.n.], 2007. Prova de licenciatura. https://estudogeral.sib.uc.pt/

SILVEIRA, Luís — *Ensaio de Iconografia das cidades portuguesas do Ultramar*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar do Ministério do Ultramar, [c.1956]. (http://memoria-africa.ua.pt).

SOPA, A.; MIRANDA, E. — "Cine-Teatro São Jorge (actual Centro Cultural da Universidade Pedagógica)". *In* Mattoso, José (dir.); Barata, Filipe Themudo (coord.); Fernandes, José Manuel (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 522.

SOPA, A.; MIRANDA, E. — "Grande Hotel". *In* Mattoso, José (dir.); Barata, Filipe Themudo (coord.); Fernandes, José Manuel (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 520-521.

SOPA, A.; MIRANDA, E.; FERNANDES, J. M. — "Aerogare do Aeroporto Internacional". *In* Mattoso, José (dir.); Barata, Filipe Themudo (coord.); Fernandes, José Manuel (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 526-527.

Sopa, A.; Miranda, E.; Fernandes, J. M.	"Estação Ferroviária". *In* Mattoso, José (dir.); Barata, Filipe Themudo (coord.); Fernandes, José Manuel (coord.) - *Património de origem portuguesa no mundo, arquitectura e urbanismo: África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. Vol. 2, p. 524-525.
Tavares, Domingos	*Arnaldo Araújo. 1925-1984*. *In* Aavv - *Arquitectura. Pintura. Escultura. Desenho: Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 1987. p. 192-195.
Tinoco, João José	*Da Arquitectura moderna em África e seu panorama em Lourenço Marques. In* Tomás, Vítor (coord.) - *A arquitectura de José João Tinoco. Um olhar sobre a sua obra, uma contribuição para o estudo da arquitectura moderna moçambicana, uma experiência sobre fotografia de arquitectura*, Maputo, 2003. Maqueta digital.
Tomás, Vítor (coord.)	*A arquitectura de José João Tinoco. Um olhar sobre a sua obra, uma contribuição para o estudo da arquitectura moderna moçambicana, uma experiência sobre fotografia de arquitectura*, Maputo, 2003. Maqueta digital.
Tostões, A.; Oliveira, M. M.	"Moderno Transcontinental: o Complexo Monteiro & Giro em Quelimane, Moçambique". *Docomomo International Journal*. N.º 43 (2010/2). Ficheiro digital.
Tostões, A.; Oliveira, M. M.	"Transcontinental Modernism. M&G as an Unité d'habitation and a factory complex in Mozambique". *Docomomo International Journal*. N.º 43 (Fev. 2010) 70-73.
Vasconcelos, M. A.; Vasconcelos, G.	*Entrevista pelo autor*. Porto, 2011-01-23. Registo áudio em formato digital.
Veloso, A. M.; Fernandes, J. M.; Janeiro, M. de L.	*João José Tinoco: Arquitecturas em África*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
Vieira, C. A.; Lemos, A. P.; Vieira, J. C.	*Recordações de Lourenço Marques*. Lisboa: Alêtheia Editores S. A., 2005.
Vieira, C. A.; Lemos, A. P.; Vieira, J. C.	*Recordações de Moçambique*. Lisboa: Alêtheia Editores S. A., 2006.
Wentzel, Volkmar	"Mozambique: Land of Good People". Photographs Volkmar Wentzel. *National Geographic Magazine*. Washington D.C.: National Geographic Society. N.º 2 (Aug. 1964) p.196-231.
Wilson, Roy	"5-level house provides a new concept of living. Property Star visits Lourenço Marques where building designs reflect the swinging seventies. Man who made his mark on LM architecture". *Supplement to The Star*. (May 29 1971) p. 14-15.

Periódicos

AAP, 1937-06	"A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação (reunidas)". Lisboa. N.º 27 (Jun. 1937) 3.ª série.
AAP, 1954-03/06	*A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*. Lisboa. N.º 6 (Mar./Jun. 1954) 4.ª série.
AAP, 1955-09/12	*A Arquitectura Portuguesa e cerâmica e edificação*. Lisboa. N.º 9 (Set./Dez. 1955). 4.ª série.
AAP, 1957-07/08	*A Arquitectura Portuguesa e cerâmica e edificação*. Lisboa. N.º 12 (Jul./Out. 1957). 4.ª série.
AIN, 1956-08	*A Indústria do Norte: Revista Mensal da Associação Industrial Portuense*. Porto. N.º 440 (Ago. 1956). Suplemento referente à Feira das Indústrias Portuguesas.
Arquitectura, 1948-01	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 19 (Jan. 1948) 2.ª série.
Arquitectura, 1948-05/06	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 23/24 (Mai./Jun. 1948) 2.ª série.
Arquitectura, 1948-10/12	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 27 (Out./Dez. 1948) 2.ª série.
Arquitectura, 1949-02/03	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 29 (Fev./Mar. 1949) 2.ª série.
Arquitectura, 1949-04/05	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 30 (Abr./Mai. 1949) 2.ª série.
Arquitectura, 1949-08/09	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 32 (Ago./Set. 1949) 2.ª série.
Arquitectura, 1950-05	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.os 33/34 (Mai. 1950) 2.ª série.
Arquitectura, 1950-08	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 35 (Ago. 1950) 2.ª série.
Arquitectura, 1950-11	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 36 (Nov. 1950) 2.ª série.
Arquitectura, 1951-02	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 37 (Fev. 1951) 2.ª série.
Arquitectura, 1951-05	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.os 38/39 (Mai. 1951) 2.ª série.
Arquitectura, 1952-03	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 41 (Mar. 1952) 2.ª série.
Arquitectura, 1952-05	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 42 (Mai. 1952) 2.ª série.
Arquitectura, 1952-08	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 43 (Ago. 1952) 2.ª série.
Arquitectura, 1952-09	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 44 (Set. 1952) 2.ª série.
Arquitectura, 1952-11	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 45 (Nov. 1952) 2.ª série.
Arquitectura, 1953-08	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 48 (Ago. 1953) 2.ª série.
Arquitectura, 1953-11/12	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 50/51 (Nov./Dez. 1953) 2.ª série.
Arquitectura, 1954-02/03	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 52 (Fev./Mar. 1954) 2.ª série.
Arquitectura, 1954-11/12	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 53 (Nov./Dez. 1954) 2.ª série.
Arquitectura, 1957-01/02	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 57/58 (Jan./Fev. 1957) 2.ª série.
Arquitectura, 1959-01/02	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 64 (Jan./Fev. 1959) 3.ª série.
Arquitectura, 1962-10	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 76 (Out. 1962) 3.ª série.
Arquitectura, 1963-07	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 79 (Jul. 1963) 3.ª série.
Arquitectura, 1963-12	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 80 (Dez. 1963) 3.ª série.
Arquitectura, 1964-03	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 81 (Mar. 1964) 3.ª série.
Arquitectura, 1964-11	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 84 (Nov. 1964) 3.ª série.
Arquitectura, 1965-03/04	*Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 87 (Mar./Abr. 1965) 3.ª série.

Arquitectura, 1966-01/02 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 91 (Jan./Fev. 1966) 3.ª série.
Arquitectura, 1967-11/12 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 100 (Nov./Dez. 1967) 3.ª série.
Arquitectura, 1968-01/02 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 101 (Jan./Fev. 1968) 3.ª série.
Arquitectura, 1969-07/08 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 110 (Jul./Ago. 1969) 3.ª série.
Arquitectura, 1969-11/12 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 112 (Nov./Dez. 1969) 3.ª série.
Arquitectura, 1970-05/06 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 115 (Mai./Jun. 1970) 3.ª série.
Arquitectura, 1970-07/08 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção. Lisboa.* N.º 116 (Jul./Ago. 1970) 3.ª série.
Arquitectura, 1979-05 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 133 (Mai. 1979) 4.ª série.
Arquitectura, 1979-07 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 134 (Jul. 1979) 4.ª série.
Arquitectura, 1980-02 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 136 (Fev. 1980) 4.ª série.
Arquitectura, 1980-07/08 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 137 (Jul./Ago. 1980) 4.ª série.
Arquitectura, 1980-10 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 138 (Out. 1980) 4.ª série.
Arquitectura, 1981-05 — *Arquitectura. Revista de Arte e Construção.* Lisboa. N.º 141 (Mai. 1981) 4.ª série.
AV, 2002-05/06 — *AV Monografias: Recintos religiosos*. Madrid. N.º 95 (Mai./Jun. 2002).
BGC, 1946-07 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 253 (Jul. 1946).
BGC, 1946-10 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 256 (Out. 1946).
BGC, 1946-11 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 257 (Nov. 1946).
BGC, 1947-10 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. Apenso ao N.º 268 (Out. 1947).
BGC, 1948-05 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 275 (Mai. 1948).
BGC, 1948-08/09 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. Nos 278-279 (Ago./Set. 1948).
BGC, 1949-02 — *Apenso ao N.º 284 do Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 284A (Fev. 1949).
BGC, 1949-04 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 286 (Abr. 1949).
BGC, 1949-05 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 287 (Mai. 1949).
BGC, 1949-07 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 289 (Jul. 1949).
BGC, 1949-08_09 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. Nos 290-291 (Ago./Set. 1949).
BGC, 1949-10 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 292 (Out. 1949).
BGC, 1949-11 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 293 (Nov. 1949).
BGC, 1950-01 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 295 (Jan. 1950).
BGC, 1950-02 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 296 (Fev. 1950).
BGC, 1950-03 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 297 (Mar. 1950).
BGC, 1950-04 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 298 (Abr. 1950).
BGC, 1950-05 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 299 (Mai. 1950).
BGC, 1950-07 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 301 (Jul. 1950). Separata.
BGC, 1950-12 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 306 (Dez. 1950).
BGC, 1951-02 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 308 (Fev. 1951).
BGC, 1951-06 — *Boletim Geral das Colónias*. Lisboa. N.º 312 (Jun. 1951).
BGU, 1952-08_09 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. Nos 326-327 (Ago./Set. 1952).
BGU, 1953-01 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 331 (Jan. 1953).
BGU, 1953-03 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 333 (Mar. 1953).
BGU, 1953-05 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 335 (Mai. 1953).
BGU, 1955-04 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 358 (Abr. 1955).
BGU, 1953-06/07 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. Nos 336-337 (Jun./Jul. 1953).
BGU, 1954-01 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 343 (Jan. 1954).
BGU, 1954-04 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 346 (Abr. 1954).
BGU, 1955-07/08 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. Nos 361-362 (Jul./Ago. 1955).
BGU, 1955-09 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 363 (Set. 1955).
BGU, 1956-04 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 370 (Abr. 1956).
BGU, 1956-09/10 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. Nos 375-376 (Set./Out. 1956).
BGU, 1957-09 — *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 387 (Set. 1957).
BGU, 1958-05 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 395 (Mai. 1958).
BGU, 1958-07 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 397 (Jul. 1958).
BGU, 1958-08 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 398 (Ago. 1958).
BGU, 1958-12 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 402 (Dez. 1958).

BGU, 1959-03 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 405 (Mar. 1959).
BGU, 1959-04 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 406 (Abr. 1959).
BGU, 1959-05/06 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 407/408 (Mai./Jun. 1959).
BGU, 1959-07 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 409 (Jul. 1959).
BGU, 1959-09/10 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 411/412 (Set./Out. 1959).
BGU, 1959-11/12 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 413/414 (Nov./Dez. 1959).
BGU, 1960-03 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 417 (Mar. 1960).
BGU, 1960-04/05 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 418/419 (Abr./Mai. 1960).
BGU, 1960-06/07 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 420/421 (Jun./Jul. 1960).
BGU, 1960-08/09 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 422/423 (Ago./Set. 1960).
BGU, 1960-10/11 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 424/425 (Out./Nov. 1960).
BGU, 1960-12 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 426 (Dez. 1960).
BGU, 1961-01/02 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 427/428 (Jan./Fev. 1961).
BGU, 1961-03/04 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 429/430 (Mar./Abr. 1961).
BGU, 1961-05 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 431 (Mai. 1961).
BGU, 1961-06/07 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 432/433 (Jun./Jul. 1961).
BGU, 1961-08/09 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 434/435 (Ago./Set. 1961).
BGU, 1961-10/12 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 436/437/438 (Out./Dez. 1961).
BGU, 1962-01/02 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 439/440 (Jan./Fev. 1962).
BGU, 1962-03 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 441 (Mar. 1962).
BGU, 1962-04 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 442 (Abr. 1962).
BGU, 1962-05 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 443 (Mai. 1962).
BGU, 1962-06 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 444 (Jun. 1962).
BGU, 1962-07 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 445 (Jul. 1962).
BGU, 1962-08/09 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 446/447 (Ago./Set. 1962).
BGU, 1962-10 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 448 (Out. 1962).
BGU, 1962-11/12 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 449/450 (Nov./Dez. 1962).
BGU, 1963-01/02 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 451/452 (Jan./Fev. 1963).
BGU, 1963-04/05 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 454/455 (Abr./Mai. 1963).
BGU, 1963-06/07 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 456/457 (Jun./Jul. 1963).
BGU, 1963-08/09/10 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 458/459/460 (Ago./Set./Out. 1963).
BGU, 1963-11/12 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 461/462 (Nov./Dez. 1963).
BGU, 1964-01/02 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 463/464 (Jan./Fev. 1964).
BGU, 1964-03/04 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 465/466 (Mar./Abr. 1964).
BGU, 1964-05/06 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 467/468 (Mai./Jun. 1964).
BGU, 1964-07/08 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 469/470 (Jul./Ago. 1964).
BGU, 1964-09/10 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 471/472 (Set./Out. 1964).
BGU, 1964-11/12 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 473/474 (Nov./Dez. 1964).
BGU, 1965-01/02 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.os 475/476 (Jan./Fev. 1965).
BGU, 1965-03 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 477 (Mar. 1965).
BGU, 1965-04 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 478 (Abr. 1965).
BGU, 1965-05 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 479 (Mai. 1965).
BGU, 1965-06 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 480 (Jun. 1965).
BGU, 1965-07 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 481 (Jul. 1965).
BGU, 1965-08 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 482 (Ago. 1965).
BGU, 1965-09 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 483 (Set. 1965).
BGU, 1965-10 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 484 (Out. 1965).
BGU, 1965-11 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 485 (Nov. 1965).
BGU, 1965-12 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 486 (Dez. 1965).
BGU, 1966-01/02 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. Nos 487-488 (Jan./Fev. 1966).
BGU, 1966-04 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 490 (Abr. 1966).
BGU, 1966-05 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 491 (Mai. 1966).
BGU, 1966-06 *Boletim Geral do Ultramar.* Lisboa. N.º 492 (Jun. 1966).

BGU, 1966-07 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 493 (Jul. 1966).

BGU, 1966-08/09 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 494-495 (Ago./Set. 1966).

BGU, 1966-10 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 496 (Out. 1966).

BGU, 1966-11/12 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 497-498 (Nov./Dez. 1966).

BGU, 1967-03 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 501 (Mar. 1967).

BGU, 1967-04 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 502 (Abr. 1967).

BGU, 1967-05 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 503 (Mai. 1967).

BGU, 1967-06 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 504 (Jun. 1967).

BGU, 1967-07/08 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 505-506 (Jul./Ago. 1967).

BGU, 1967-10 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 508 (Out. 1967).

BGU, 1967-11/12 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 509-510 (Nov./Dez. 1967).

BGU, 1968-01/02 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 511-512 (Jan./Fev. 1968).

BGU, 1968-03 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 513 (Mar. 1968).

BGU, 1968-04 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 514 (Abr. 1968).

BGU, 1968-05 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 515 (Mai. 1968).

BGU, 1968-06 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 516 (Jun. 1968).

BGU, 1968-09/10 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 519-520 (Set./Out. 1968).

BGU, 1968-11/12 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 521-522 (Nov./Dez. 1968).

BGU, 1969-01/02 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 523-524 (Jan./Fev. 1969).

BGU, 1969-05 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 526 (Mai. 1969).

BGU, 1969-06 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.º 528 (Jun. 1969).

BGU, 1969-07/08 — *Boletim Geral do Ultramar*. Lisboa. N.os 529-530 (Jul./Ago. 1969).

BINÁRIO, 1958-08 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 5 (Ago. 1958).

BINÁRIO, 1964-02 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 65 (Fev. 1964).

BINÁRIO, 1965-07 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 82 (Jul. 1965).

BINÁRIO, 1965-08 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 83 (Ago. 1965).

BINÁRIO, 1965-09 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 84 (Set. 1965).

BINÁRIO, 1967-09 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 108 (Set. 1967).

BINÁRIO, 1968-01 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 112 (Jan. 1968).

BINÁRIO, 1968-03 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 114 (Mar. 1968).

BINÁRIO, 1969-02 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 125 (Fev. 1969).

BINÁRIO, 1969-10 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 133 (Out. 1969).

BINÁRIO, 1970-11 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 146 (Nov. 1970).

BINÁRIO, 1970-12 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 147 (Dez. 1970).

BINÁRIO, 1973-05 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 176 (Mai. 1973).

BINÁRIO, 1974-11 — *Binário. Arquitectura. Construção. Equipamento.* Lisboa. N.º 194 (Nov. 1974).

BPCFCM, 1934-03 — *Boletim dos Portos e Caminhos de Ferro da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1934).

BPCFCM, 1936-05 — *Boletim dos Portos e Caminhos de Ferro da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 28 (Mai. 1936).

BPCFCM, 1936-11 — *Boletim dos Portos e Caminhos de Ferro da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 36 (Nov. 1936).

BPCFCM, 1937-04 — *Boletim dos Portos e Caminhos de Ferro da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1937).

BPCFCM, 1937-10 — *Boletim dos Portos e Caminhos de Ferro da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1937).

BPCFCM, 1938-03 — *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1938).

BPCFTCM, 1940-07 — *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1940).

BPCFTCM, 1940-09 — *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1940).

BPCFTCM, 1940-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1940).

BPCFTCM, 1941-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1941).

BPCFTCM, 1941-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1941).

BPCFTCM, 1941-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1941).

BPCFTCM, 1941-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 11 (Nov. 1941).

BPCFTCM, 1943-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1943).

BPCFTCM, 1943-03 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1943).

BPCFTCM, 1943-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1943).

BPCFTCM, 1943-06 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 6 (Jun. 1943).

BPCFTCM, 1943-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1943).

BPCFTCM, 1943-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1943).

BPCFTCM, 1944-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1944).

BPCFTCM, 1944-03 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1944).

BPCFTCM, 1945-01/10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1-10 (Jan./Out. 1945).

BPCFTCM, 1945-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 11 (Nov. 1945).

BPCFTM, 1946-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 11 (Nov. 1946).

BPCFTM, 1946-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1946).

BPCFTM, 1947-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1947).

BPCFTM, 1948-04/06 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4-6 (Abr./Jun. 1948).

BPCFTM, 1949-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1949).

BPCFTM, 1950-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1950).

BPCFTM, 1950-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1950).

BPCFTM, 1951-03 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1951).

BPCFTM, 1951-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1951).

BPCFTM, 1951-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1951).

BPCFTM, 1952-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1952).

BPCFTM, 1952-09 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1952).

BPCFTM, 1953-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1953).

BPCFTM, 1954-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1954).

BPCFTM, 1954-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1954).

BPCFTM, 1954-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1954).

BPCFTM, 1954-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1954).

BPCFTM, 1955-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1955).

BPCFTM, 1955-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1955).

BPCFTM, 1956-03 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1956).

BPCFTM, 1956-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1956).

BPCFTM, 1956-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1956). BPMP: C-A-140.

BPCFTM, 1956-06 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 6 (Jun. 1956).

BPCFTM, 1956-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1956).

BPCFTM, 1956-08a *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 8 (Ago. 1956).

BPCFTM, 1956-08b *Viagem Presidencial a Moçambique*. "Suplemento ao Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique". Lourenço Marques. N.º 8 (Ago. 1956). Álbum fotográfico.

BPCFTM, 1956-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 11 (Nov. 1956).

BPCFTM, 1957-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1957).

BPCFTM, 1957-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 11 (Nov. 1957).

BPCFTM, 1958-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1958).

BPCFTM, 1958-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1958).

BPCFTM, 1959-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1959).

BPCFTM, 1959-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1959).

BPCFTM, 1959-08 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 8 (Ago. 1959).

BPCFTM, 1959-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1959).

BPCFTM, 1959-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1959).

BPCFTM, 1960-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1960).

BPCFTM, 1960-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1960).

BPCFTM, 1960-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1960).

BPCFTM, 1960-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1960).

BPCFTM, 1960-09 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1960).

BPCFTM, 1960-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1960). BPMP: C-A-140.

BPCFTM, 1960-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 11 (Nov. 1960).

BPCFTM, 1961-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1961).

BPCFTM, 1961-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1961).

BPCFTM, 1961-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1961).

BPCFTM, 1961-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1961).

BPCFTM, 1961-09 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1961).

BPCFTM, 1961-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1961).

BPCFTM, 1962-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1962).

BPCFTM, 1962-03 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1962).

BPCFTM, 1962-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1962).

BPCFTM, 1962-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1962).

BPCFTM, 1962-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1962).

BPCFTM, 1962-09 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1962).

BPCFTM, 1962-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 11 (Nov. 1962).

BPCFTM, 1962-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1962). BPMP: C-A-140.

BPCFTM, 1963-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1963).

BPCFTM, 1963-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1963).

BPCFTM, 1963-09 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1963).

BPCFTM, 1963-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1963).

BPCFTM, 1963-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1963).

BPCFTM, 1964-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1964).

BPCFTM, 1964-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1964).

BPCFTM, 1964-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1964).

BPCFTM, 1964-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1964).

BPCFTM, 1964-08 *Viagem Presidencial Julho-Agosto 1964*. "Suplemento ao Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique". Lourenço Marques. N.º 8 (Ago. 1964).

BPCFTM, 1964-09 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1964).

BPCFTM, 1965-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1965).

BPCFTM, 1965-03 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1965).

BPCFTM, 1965-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1965).

BPCFTM, 1965-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1965).

BPCFTM, 1965-08 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 8 (Ago. 1965).

BPCFTM, 1965-09 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1965).

BPCFTM, 1965-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1965).

BPCFTM, 1965-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 11 (Nov. 1965).

BPCFTM, 1965-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 12 (Dez. 1965).

BPCFTM, 1966-01 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 1 (Jan. 1966).

BPCFTM, 1966-02 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 2 (Fev. 1966).

BPCFTM, 1966-03 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1966).

BPCFTM, 1966-03 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 3 (Mar. 1966).

BPCFTM, 1966-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1966).

BPCFTM, 1966-05 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 5 (Mai. 1966).

BPCFTM, 1966-06 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 6 (Jun. 1966).

BPCFTM, 1966-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 7 (Jul. 1966).

BPCFTM, 1966-09 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 9 (Set. 1966).

BPCFTM, 1966-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 10 (Out. 1966).

BPCFTM, 1967-04 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 4 (Abr. 1967).

BPCFTM, 1967-06 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.º 6 (Jun. 1967).

BPCFTM, 1967-07 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.° 7 (Jul. 1967).

BPCFTM, 1969-10 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.° 10 (Out. 1969).

BPCFTM, 1969-11 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.° 11 (Nov. 1969).

BPCFTM, 1969-12 *Boletim dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique*. Lourenço Marques. N.° 12 (Dez. 1969).

DG, 1966-02-11 *Diário do Governo*. Lisboa. I Série – N.° 35 (11 Fev. 1966).

DG, 1970-09-10 *Diário do Governo*. Lisboa. I Série – N.° 210 (10 Set. 1970).

Diário, 1956-07-06 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (6 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-07 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (7 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-10 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (10 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-12 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (12 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-13 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (13 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-15 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (15 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-16 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (16 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-18 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (18 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-18 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (18 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-23 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (23 Jul. 1956).

Diário, 1956-07-27 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (27 Jul. 1956).

Diário, 1956-08-04 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (04 Ago. 1956).

Diário, 1956-08-06 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (06 Ago. 1956).

Diário, 1956-08-07 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (07 Ago. 1956).

Diário, 1956-08-13 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (13 Ago. 1956).

Diário, 1956-08-14 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (14 Ago. 1956).

Diário, 1956-09-01 *Diário de Lourenço Marques Guardian*. Lourenço Marques. (01 Set. 1956).

DM, 1954-01-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Jan. 1954).

DM, 1954-01-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Jan. 1954).

DM, 1954-01-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Jan. 1954).

DM, 1954-01-19 *Diário de Moçambique*. Beira. (19 Jan. 1954).

DM, 1954-08-31 *Diário de Moçambique*. Beira. (31 Ago. 1954).

DM, 1954-09-07 *Diário de Moçambique*. Beira. (7 Set. 1954).

DM, 1954-09-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Set. 1954).

DM, 1954-12-05 *Diário de Moçambique*. Beira. (5 Dez. 1954).

DM, 1954-12-06 *Diário de Moçambique*. Beira. (6 Dez. 1954).

DM, 1954-12-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Dez. 1954).

DM, 1954-12-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Dez. 1954).

DM, 1955-02-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Fev. 1955).

DM, 1955-02-05 *Diário de Moçambique*. Beira. (5 Fev. 1955).

DM, 1955-02-10 *Diário de Moçambique*. Beira. (10 Fev. 1955).

DM, 1955-02-11 *Diário de Moçambique*. Beira. (11 Fev. 1955).

DM, 1955-02-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Fev. 1955).

DM, 1955-02-13 *Diário de Moçambique*. Beira. (13 Fev. 1955).

DM, 1955-02-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Fev. 1955).

DM, 1955-02-15 *Diário de Moçambique*. Beira. (15 Fev. 1955).

DM, 1955-02-16 *Diário de Moçambique*. Beira. (16 Fev. 1955).

DM, 1955-02-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Fev. 1955).

DM, 1955-02-19 *Diário de Moçambique*. Beira. (19 Fev. 1955).

DM, 1955-02-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Fev. 1955).

DM, 1955-02-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Fev. 1955).

DM, 1955-03-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Mar. 1955).

DM, 1955-03-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Mar. 1955).

DM, 1955-03-11 *Diário de Moçambique*. Beira. (11 Mar. 1955).
DM, 1955-03-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Mar. 1955).
DM, 1955-03-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Mar. 1955).
DM, 1955-03-19 *Diário de Moçambique*. Beira. (19 Mar. 1955).
DM, 1955-03-21 *Diário de Moçambique*. Beira. (21 Mar. 1955).
DM, 1955-03-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Mar. 1955).
DM, 1955-03-24 *Diário de Moçambique*. Beira. (24 Mar. 1955).
DM, 1955-03-31 *Diário de Moçambique*. Beira. (31 Mar. 1955).
DM, 1955-04-05 *Diário de Moçambique*. Beira. (5 Abr. 1955).
DM, 1955-04-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Abr. 1955).
DM, 1955-04-20 *Diário de Moçambique*. Beira. (20 Abr. 1955).
DM, 1955-04-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Abr. 1955).
DM, 1955-04-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Abr. 1955).
DM, 1955-04-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Abr. 1955).
DM, 1955-04-28 *Diário de Moçambique*. Beira. (28 Abr. 1955).
DM, 1955-05-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Mai. 1955).
DM, 1955-05-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Mai. 1955).
DM, 1955-05-05 *Diário de Moçambique*. Beira. (5 Mai. 1955).
DM, 1955-05-06 *Diário de Moçambique*. Beira. (6 Mai. 1955).
DM, 1955-05-07 *Diário de Moçambique*. Beira. (7 Mai. 1955).
DM, 1955-05-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Mai. 1955).
DM, 1955-05-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Mai. 1955).
DM, 1955-05-20 *Diário de Moçambique*. Beira. (20 Mai. 1955).
DM, 1955-05-21 *Diário de Moçambique*. Beira. (21 Mai. 1955).
DM, 1955-05-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Mai. 1955).
DM, 1955-05-27 *Diário de Moçambique*. Beira. (27 Mai. 1955).
DM, 1955-05-28 *Diário de Moçambique*. Beira. (28 Mai. 1955).
DM, 1955-05-30 *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Mai. 1955).
DM, 1955-06-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Jun. 1955).
DM, 1955-06-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Jun. 1955).
DM, 1955-06-06 *Diário de Moçambique*. Beira. (6 Jun. 1955).
DM, 1955-06-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Jun. 1955).
DM, 1955-06-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Jun. 1955).
DM, 1955-06-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Jun. 1955).
DM, 1955-06-21 *Diário de Moçambique*. Beira. (21 Jun. 1955).
DM, 1955-06-23 *Diário de Moçambique*. Beira. (23 Jun. 1955).
DM, 1955-06-29 *Diário de Moçambique*. Beira. (29 Jun. 1955).
DM, 1955-06-30 *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Jun. 1955).
DM, 1955-07-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Jul. 1955).
DM, 1955-07-06 *Diário de Moçambique*. Beira. (6 Jul. 1955).
DM, 1955-07-07 *Diário de Moçambique*. Beira. (7 Jul. 1955).
DM, 1955-07-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Jul. 1955).
DM, 1955-07-11 *Diário de Moçambique*. Beira. (11 Jul. 1955).
DM, 1955-07-13 *Diário de Moçambique*. Beira. (13 Jul. 1955).
DM, 1955-07-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Jul. 1955).
DM, 1955-07-16 *Diário de Moçambique*. Beira. (16 Jul. 1955).
DM, 1955-07-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Jul. 1955).
DM, 1955-07-31 *Diário de Moçambique*. Beira. (31 Jul. 1955).
DM, 1955-08-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Ago. 1955).
DM, 1955-08-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Ago. 1955).
DM, 1955-08-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Ago. 1955).
DM, 1955-08-23 *Diário de Moçambique*. Beira. (23 Ago. 1955).
DM, 1955-08-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Ago. 1955).

DM, 1955-08-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Ago. 1955).
DM, 1955-08-27 *Diário de Moçambique*. Beira. (27 Ago. 1955).
DM, 1955-08-30 *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Ago. 1955).
DM, 1955-09-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Set. 1955).
DM, 1955-09-03 *Diário de Moçambique*. Beira. (3 Set. 1955).
DM, 1955-09-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Set. 1955).
DM, 1955-09-06 *Diário de Moçambique*. Beira. (6 Set. 1955).
DM, 1955-09-11 *Diário de Moçambique*. Beira. (11 Set. 1955).
DM, 1955-09-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Set. 1955).
DM, 1955-09-15 *Diário de Moçambique*. Beira. (15 Set. 1955).
DM, 1955-09-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Set. 1955).
DM, 1955-09-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Set. 1955).
DM, 1955-09-23 *Diário de Moçambique*. Beira. (23 Set. 1955).
DM, 1955-09-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Set. 1955).
DM, 1955-09-30 *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Set. 1955).
DM, 1955-10-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Out. 1955).
DM, 1955-10-03 *Diário de Moçambique*. Beira. (3 Out. 1955).
DM, 1955-10-11 *Diário de Moçambique*. Beira. (11 Out. 1955).
DM, 1955-10-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Out. 1955).
DM, 1955-10-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Out. 1955).
DM, 1955-10-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Out. 1955).
DM, 1955-10-28 *Diário de Moçambique*. Beira. (28 Out. 1955).
DM, 1955-11-06 *Diário de Moçambique*. Beira. (6 Nov. 1955).
DM, 1955-11-15 *Diário de Moçambique*. Beira. (15 Nov. 1955).
DM, 1955-11-20 *Diário de Moçambique*. Beira. (20 Nov. 1955).
DM, 1955-11-24 *Diário de Moçambique*. Beira. (24 Nov. 1955).
DM, 1955-11-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Nov. 1955).
DM, 1955-12-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Dez. 1955).
DM, 1955-12-10 *Diário de Moçambique*. Beira. (10 Dez. 1955).
DM, 1955-12-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Dez. 1955).
DM, 1955-12-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Dez. 1955).
DM, 1955-12-20 *Diário de Moçambique*. Beira. (20 Dez. 1955).
DM, 1955-12-24 *Diário de Moçambique*. Beira. (24 Dez. 1955).
DM, 1955-12-30 *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Dez. 1955).
DM, 1955-12-31 *Diário de Moçambique*. Beira. (31 Dez. 1955).
DM, 1956-07-03 *Diário de Moçambique*. Beira. (7 Jul. 1956).
DM, 1960-04-02 *Diário de Moçambique*. Beira. (2 Abr. 1960).
DM, 1960-04-06 *Diário de Moçambique*. Beira. (6 Abr. 1960).
DM, 1960-04-07 *Diário de Moçambique*. Beira. (7 Abr. 1960).
DM, 1960-04-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Abr. 1960).
DM, 1960-04-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Abr. 1960).
DM, 1960-04-21 *Diário de Moçambique*. Beira. (21 Abr. 1960).
DM, 1960-04-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Abr. 1960).
DM, 1960-04-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Abr. 1960).
DM, 1960-04-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Abr. 1960).
DM, 1960-04-29 *Diário de Moçambique*. Beira. (29 Abr. 1960).
DM, 1960-05-03 *Diário de Moçambique*. Beira. (3 Mai. 1960).
DM, 1960-05-07 *Diário de Moçambique*. Beira. (7 Mai. 1960).
DM, 1960-05-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Mai. 1960).
DM, 1960-05-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Mai. 1960).
DM, 1960-05-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Mai. 1960).
DM, 1960-05-21 *Diário de Moçambique*. Beira. (21 Mai. 1960).
DM, 1960-05-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Mai. 1960).

DM, 1960-05-27 *Diário de Moçambique*. Beira. (27 Mai. 1960).
DM, 1960-05-28 *Diário de Moçambique*. Beira. (28 Mai. 1960).
DM, 1960-06-02 *Diário de Moçambique*. Beira. (2 Jun. 1960).
DM, 1960-06-07 *Diário de Moçambique*. Beira. (7 Jun. 1960).
DM, 1960-06-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Jun. 1960).
DM, 1960-06-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Jun. 1960).
DM, 1960-06-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Jun. 1960).
DM, 1960-06-16 *Diário de Moçambique*. Beira. (16 Jun. 1960).
DM, 1960-06-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Jun. 1960).
DM, 1960-06-24 *Diário de Moçambique*. Beira. (24 Jun. 1960).
DM, 1960-07-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Jul. 1960).
DM, 1960-07-02 *Diário de Moçambique*. Beira. (2 Jul. 1960).
DM, 1960-07-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Jul. 1960).
DM, 1960-07-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Jul. 1960).
DM, 1960-07-16 *Diário de Moçambique*. Beira. (16 Jul. 1960).
DM, 1960-07-19 *Diário de Moçambique*. Beira. (19 Jul. 1960).
DM, 1960-07-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Jul. 1960).
DM, 1960-07-30 *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Jul. 1960).
DM, 1960-07-31 *Diário de Moçambique*. Beira. (31 Jul. 1960).
DM, 1960-08-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Ago. 1960).
DM, 1960-08-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Ago. 1960).
DM, 1960-08-13 *Diário de Moçambique*. Beira. (13 Ago. 1960).
DM, 1960-08-31 *Diário de Moçambique*. Beira. (31 Ago. 1960).
DM, 1960-09-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Set. 1960).
DM, 1960-09-07 *Diário de Moçambique*. Beira. (7 Set. 1960).
DM, 1960-09-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Set. 1960).
DM, 1960-09-10 *Diário de Moçambique*. Beira. (10 Set. 1960).
DM, 1960-09-11 *Diário de Moçambique*. Beira. (11 Set. 1960).
DM, 1960-09-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Set. 1960).
DM, 1960-09-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Set. 1960).
DM, 1960-09-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Set. 1960).
DM, 1960-09-21 *Diário de Moçambique*. Beira. (21 Set. 1960).
DM, 1960-09-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Set. 1960).
DM, 1960-10-02 *Diário de Moçambique*. Beira. (2 Out. 1960).
DM, 1960-10-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Out. 1960).
DM, 1960-10-15 *Diário de Moçambique*. Beira. (15 Out. 1960).
DM, 1960-10-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Out. 1960).
DM, 1960-10-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Out. 1960).
DM, 1960-10-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Out. 1960).
DM, 1960-11-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Nov. 1960).
DM, 1960-11-05 *Diário de Moçambique*. Beira. (5 Nov. 1960).
DM, 1960-11-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Nov. 1960).
DM, 1960-11-10 *Diário de Moçambique*. Beira. (10 Nov. 1960).
DM, 1960-11-16 *Diário de Moçambique*. Beira. (16 Nov. 1960).
DM, 1960-11-23 *Diário de Moçambique*. Beira. (23 Nov. 1960).
DM, 1960-11-24 *Diário de Moçambique*. Beira. (24 Nov. 1960).
DM, 1960-11-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Nov. 1960).
DM, 1960-12-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Dez. 1960).
DM, 1960-12-11 *Diário de Moçambique*. Beira. (11 Dez. 1960).
DM, 1960-12-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Dez. 1960).
DM, 1960-12-13 *Diário de Moçambique*. Beira. (13 Dez. 1960).
DM, 1960-12-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Dez. 1960).
DM, 1960-12-17 *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Dez. 1960).

DM, 1960-12-19 *Diário de Moçambique.* Beira. (19 Dez. 1960).
DM, 1960-12-20 *Diário de Moçambique.* Beira. (20 Dez. 1960).
DM, 1960-12-25 *Diário de Moçambique.* Beira. (25 Dez. 1960). II Caderno.
DM, 1960-12-31 *Diário de Moçambique.* Beira. (31 Dez. 1960).
DM, 1961-01-04 *Diário de Moçambique.* Beira. (4 Jan. 1961).
DM, 1961-01-08 *Diário de Moçambique.* Beira. (8 Jan. 1961).
DM, 1961-01-13 *Diário de Moçambique.* Beira. (13 Jan. 1961).
DM, 1961-01-14 *Diário de Moçambique.* Beira. (14 Jan. 1961).
DM, 1961-01-15 *Diário de Moçambique.* Beira. (15 Jan. 1961).
DM, 1961-01-17 *Diário de Moçambique.* Beira. (17 Jan. 1961).
DM, 1961-01-20 *Diário de Moçambique.* Beira. (20 Jan. 1961).
DM, 1961-01-22 *Diário de Moçambique.* Beira. (22 Jan. 1961).
DM, 1961-01-24 *Diário de Moçambique.* Beira. (24 Jan. 1961).
DM, 1961-01-26 *Diário de Moçambique.* Beira. (26 Jan. 1961).
DM, 1961-01-27 *Diário de Moçambique.* Beira. (27 Jan. 1961).
DM, 1961-02-03 *Diário de Moçambique.* Beira. (3 Fev. 1961).
DM, 1961-02-05 *Diário de Moçambique.* Beira. (5 Fev. 1961).
DM, 1961-02-08 *Diário de Moçambique.* Beira. (8 Fev. 1961).
DM, 1961-02-09 *Diário de Moçambique.* Beira. (9 Fev. 1961).
DM, 1961-02-11 *Diário de Moçambique.* Beira. (11 Fev. 1961).
DM, 1961-02-13 *Diário de Moçambique.* Beira. (13 Fev. 1961).
DM, 1961-02-16 *Diário de Moçambique.* Beira. (16 Fev. 1961).
DM, 1961-02-17 *Diário de Moçambique.* Beira. (17 Fev. 1961).
DM, 1961-02-18 *Diário de Moçambique.* Beira. (18 Fev. 1961).
DM, 1961-02-28 *Diário de Moçambique.* Beira. (28 Fev. 1961).
DM, 1961-03-01 *Diário de Moçambique.* Beira. (1 Mar. 1961).
DM, 1961-03-02 *Diário de Moçambique.* Beira. (2 Mar. 1961).
DM, 1961-03-03 *Diário de Moçambique.* Beira. (3 Mar. 1961).
DM, 1961-03-04 *Diário de Moçambique.* Beira. (4 Mar. 1961).
DM, 1961-03-08 *Diário de Moçambique.* Beira. (8 Mar. 1961).
DM, 1961-03-09 *Diário de Moçambique.* Beira. (9 Mar. 1961).
DM, 1961-03-11 *Diário de Moçambique.* Beira. (11 Mar. 1961).
DM, 1961-03-12 *Diário de Moçambique.* Beira. (12 Mar. 1961).
DM, 1961-03-14 *Diário de Moçambique.* Beira. (14 Mar. 1961).
DM, 1961-03-15 *Diário de Moçambique.* Beira. (15 Mar. 1961).
DM, 1961-03-18 *Diário de Moçambique.* Beira. (18 Mar. 1961).
DM, 1961-03-22 *Diário de Moçambique.* Beira. (22 Mar. 1961).
DM, 1961-03-25 *Diário de Moçambique.* Beira. (25 Mar. 1961).
DM, 1961-04-14 *Diário de Moçambique.* Beira. (14 Abr. 1961).
DM, 1961-04-18 *Diário de Moçambique.* Beira. (18 Abr. 1961).
DM, 1961-04-19 *Diário de Moçambique.* Beira. (19 Abr. 1961).
DM, 1961-04-22 *Diário de Moçambique.* Beira. (22 Abr. 1961).
DM, 1961-04-26 *Diário de Moçambique.* Beira. (26 Abr. 1961).
DM, 1961-04-27 *Diário de Moçambique.* Beira. (27 Abr. 1961).
DM, 1961-05-06 *Diário de Moçambique.* Beira. (6 Mai. 1961).
DM, 1961-05-07 *Diário de Moçambique.* Beira. (7 Mai. 1961).
DM, 1961-05-13 *Diário de Moçambique.* Beira. (13 Mai. 1961).
DM, 1961-05-15 *Diário de Moçambique.* Beira. (15 Mai. 1961).
DM, 1961-05-19 *Diário de Moçambique.* Beira. (19 Mai. 1961).
DM, 1961-05-21 *Diário de Moçambique.* Beira. (21 Mai. 1961).
DM, 1961-05-24 *Diário de Moçambique.* Beira. (24 Mai. 1961).
DM, 1961-05-31 *Diário de Moçambique.* Beira. (31 Mai. 1961).
DM, 1961-06-04 *Diário de Moçambique.* Beira. (4 Jun. 1961).

DM, 1961-06-06 *Diário de Moçambique*. Beira. (6 Jun. 1961).
DM, 1961-06-08 *Diário de Moçambique*. Beira. (8 Jun. 1961).
DM, 1961-06-15 *Diário de Moçambique*. Beira. (15 Jun. 1961).
DM, 1961-06-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Jun. 1961).
DM, 1961-06-25 *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Jun. 1961).
DM, 1961-07-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Jul. 1961).
DM, 1961-07-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (4 Jul. 1961).
DM, 1961-07-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Jul. 1961).
DM, 1961-07-16 *Diário de Moçambique*. Beira. (16 Jul. 1961).
DM, 1961-07-19 *Diário de Moçambique*. Beira. (19 Jul. 1961).
DM, 1961-07-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Jul. 1961).
DM, 1961-07-23 *Diário de Moçambique*. Beira. (23 Jul. 1961).
DM, 1961-07-24 *Diário de Moçambique*. Beira. (24 Jul. 1961).
DM, 1961-07-27 *Diário de Moçambique*. Beira. (27 Jul. 1961).
DM, 1961-07-30 *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Jul. 1961).
DM, 1961-08-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Ago. 1961).
DM, 1961-08-02 *Diário de Moçambique*. Beira. (2 Ago. 1961).
DM, 1961-08-03 *Diário de Moçambique*. Beira. (3 Ago. 1961).
DM, 1961-08-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Ago. 1961).
DM, 1961-08-13 *Diário de Moçambique*. Beira. (13 Ago. 1961).
DM, 1961-08-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Ago. 1961).
DM, 1961-08-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Ago. 1961).
DM, 1961-08-20 *Diário de Moçambique*. Beira. (20 Ago. 1961).
DM, 1961-08-24 *Diário de Moçambique*. Beira. (24 Ago. 1961).
DM, 1961-08-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Ago. 1961).
DM, 1961-08-30 *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Ago. 1961).
DM, 1961-08-31 *Diário de Moçambique*. Beira. (31 Ago. 1961).
DM, 1961-09-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Set. 1961).
DM, 1961-09-03 *Diário de Moçambique*. Beira. (3 Set. 1961).
DM, 1961-09-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (9 Set. 1961).
DM, 1961-09-13 *Diário de Moçambique*. Beira. (13 Set. 1961).
DM, 1961-09-14 *Diário de Moçambique*. Beira. (14 Set. 1961).
DM, 1961-09-19 *Diário de Moçambique*. Beira. (19 Set. 1961).
DM, 1961-09-20 *Diário de Moçambique*. Beira. (20 Set. 1961).
DM, 1961-09-21 *Diário de Moçambique*. Beira. (21 Set. 1961).
DM, 1961-09-23 *Diário de Moçambique*. Beira. (23 Set. 1961).
DM, 1961-09-29 *Diário de Moçambique*. Beira. (29 Set. 1961).
DM, 1966-10-01 *Diário de Moçambique*. Beira. (1 Out. 1966).
DM, 1966-10-05 *Diário de Moçambique*. Beira. (5 Out. 1966).
DM, 1966-10-11 *Diário de Moçambique*. Beira. (11 Out. 1966).
DM, 1966-10-12 *Diário de Moçambique*. Beira. (12 Out. 1966).
DM, 1966-10-13 *Diário de Moçambique*. Beira. (13 Out. 1966).
DM, 1966-10-16 *Diário de Moçambique*. Beira. (16 Out. 1966).
DM, 1966-10-18 *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Out. 1966).
DM, 1966-10-20 *Diário de Moçambique*. Beira. (20 Out. 1966).
DM, 1966-10-21 *Diário de Moçambique*. Beira. (21 Out. 1966).
DM, 1966-10-22 *Diário de Moçambique*. Beira. (22 Out. 1966).
DM, 1966-10-26 *Diário de Moçambique*. Beira. (26 Out. 1966).
DM, 1966-10-27 *Diário de Moçambique*. Beira. (27 Out. 1966).
DM, 1966-10-29 *Diário de Moçambique*. Beira. (29 Out. 1966).
DM, 1966-11-04 *Diário de Moçambique*. Beira. (04 Nov. 1966).
DM, 1966-11-09 *Diário de Moçambique*. Beira. (09 Nov. 1966).
DM, 1966-11-10 *Diário de Moçambique*. Beira. (10 Nov. 1966).

DM, 1966-11-17 — *Diário de Moçambique*. Beira. (17 Nov. 1966).
DM, 1966-11-18 — *Diário de Moçambique*. Beira. (18 Nov. 1966).
DM, 1966-11-20 — *Diário de Moçambique*. Beira. (20 Nov. 1966).
DM, 1966-11-24 — *Diário de Moçambique*. Beira. (24 Nov. 1966).
DM, 1966-11-25 — *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Nov. 1966).
DM, 1966-11-27 — *Diário de Moçambique*. Beira. (27 Nov. 1966).
DM, 1966-11-29 — *Diário de Moçambique*. Beira. (29 Nov. 1966).
DM, 1966-11-30 — *Diário de Moçambique*. Beira. (30 Nov. 1966).
DM, 1966-12-01 — *Diário de Moçambique*. Beira. (01 Dez. 1966).
DM, 1966-12-04 — *Diário de Moçambique*. Beira. (04 Dez. 1966).
DM, 1966-12-05 — *Diário de Moçambique*. Beira. (05 Dez. 1966).
DM, 2007-06-25 — *Diário de Moçambique*. Beira. (25 Jun. 2007).
DZ, 2010-11-25 — *Diário da Zambézia*. Quelimane. (25 Nov. 2010). (http://quelimane-zambezia.blogspot.com).
GCF, 1966-07-16 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1886 (16 Jul. 1966). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1966-09-16 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1890 (16 Set. 1966). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1966-10-01 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1891 (1 Out. 1966). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1967-02-16 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1900 (16 Fev. 1967). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1967-04-16 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1904 (16 Abr. 1967). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1967-06-16 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1908 (1 Jun. 1967). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1967-08-01 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1911 (1 Ago. 1967). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1967-08-16 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1912 (16 Ago. 1967). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1968-02-16 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1922 (16 Fev. 1968). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
GCF, 1968-06-16 — *Gazeta dos Caminhos de Ferro: Revista Mensal de Transportes, Divulgação e Turismo*. Lisboa. N.º 1926 (16 Jun. 1968).
JA, 1994-02 — *Jornal Arquitectos*. Lisboa. N.º 132 (Fev. 1994).
JN, 1960-08-05 — *Jornal do Norte*. Beira. (5 Ago. 1960). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1960-08-12 — *Jornal do Norte*. Beira. (12 Ago. 1960). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1960-09-02 — *Jornal do Norte*. Beira. (2 Set. 1960). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1960-09-09 — *Jornal do Norte*. Beira. (9 Set. 1960). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1960-10-14 — *Jornal do Norte*. Beira. (14 Out. 1960). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1960-11-18 — *Jornal do Norte*. Beira. (18 Nov. 1960). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1960-11-25 — *Jornal do Norte*. Beira. (25 Nov. 1960). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1961-03-03 — *Jornal do Norte*. Beira. (3 Mar. 1961). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1961-04-07 — *Jornal do Norte*. Beira. (7 Abr. 1961). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1961-04-21 — *Jornal do Norte*. Beira. (21 Abr. 1961). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1961-06-01 — *Jornal do Norte*. Beira. (1 Jun. 1961). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1961-07-07 — *Jornal do Norte*. Beira. (7 Jul. 1961). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
JN, 1961-08-11 — *Jornal do Norte*. Beira. (11 Ago. 1961). Suplemento semanal do *Diário de Moçambique*.
Moçambique — *Moçambique. Documentário Trimestral*. Lourenço Marques. N.º 15 (Set. 1938).
MRAR, 1962-01 — *Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Boletim*. Lisboa. N.º 8 (Jan. 1962).
MRAR, 1962-04 — *Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Boletim*. Lisboa. N.º 11 (Abr. 1962).
MRAR, 1964-07/1965-12 — *Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Boletim*. Lisboa. N.º 28 (Jul. 1964/Dez. 1965).
Notícias, 1956-01-01 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (1 Jan. 1956).

Notícias, 1956-01-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Jan. 1956).
Notícias, 1956-01-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Jan. 1956).
Notícias, 1956-01-17 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Jan. 1956).
Notícias, 1956-01-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Jan. 1956).
Notícias, 1956-01-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Jan. 1956).
Notícias, 1956-01-26 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Jan. 1956).
Notícias, 1956-02-04 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Fev. 1956).
Notícias, 1956-02-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Fev. 1956).
Notícias, 1956-02-21 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Fev. 1956).
Notícias, 1956-02-25 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Fev. 1956).
Notícias, 1956-02-26 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Fev. 1956).
Notícias, 1956-03-04 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Mar. 1956).
Notícias, 1956-03-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Mar. 1956).
Notícias, 1956-03-11 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (11 Mar. 1956).
Notícias, 1956-03-12 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Mar. 1956).
Notícias, 1956-03-17 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Mar. 1956).
Notícias, 1956-03-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Mar. 1956).
Notícias, 1956-03-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Mar. 1956).
Notícias, 1956-04-04 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Abr. 1956).
Notícias, 1956-04-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Abr. 1956).
Notícias, 1956-04-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Abr. 1956).
Notícias, 1956-04-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Abr. 1956).
Notícias, 1956-04-26 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Abr. 1956).
Notícias, 1956-05-04 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Mai. 1956).
Notícias, 1956-05-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Mai. 1956).
Notícias, 1956-05-09 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (9 Mai. 1956).
Notícias, 1956-05-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Mai. 1956).
Notícias, 1956-05-25 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Mai. 1956).
Notícias, 1956-05-29 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (29 Mai. 1956).
Notícias, 1956-05-31 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (31 Mai. 1956).
Notícias, 1956-06-02 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Jun. 1956).
Notícias, 1956-06-03 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (3 Jun. 1956).
Notícias, 1956-06-04 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Jun. 1956).
Notícias, 1956-06-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Jun. 1956).
Notícias, 1956-06-21 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Jun. 1956).
Notícias, 1956-06-26 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Jun. 1956).
Notícias, 1956-06-30 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (30 Jun. 1956).
Notícias, 1956-07-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Jul. 1956).
Notícias, 1956-07-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Jul. 1956).
Notícias, 1956-07-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Jul. 1956).
Notícias, 1956-07-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Jul. 1956).
Notícias, 1956-07-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Jul. 1956).
Notícias, 1956-07-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Jul. 1956).
Notícias, 1956-07-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Jul. 1956).
Notícias, 1956-08-04 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-10 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (10 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-11 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (11 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-12 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-16 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (16 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Ago. 1956).

Notícias, 1956-08-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-29 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (29 Ago. 1956).
Notícias, 1956-08-31 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (31 Ago. 1956).
Notícias, 1956-09-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Set. 1956).
Notícias, 1956-09-02 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Set. 1956).
Notícias, 1956-09-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Set. 1956).
Notícias, 1956-09-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Set. 1956).
Notícias, 1956-09-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Set. 1956).
Notícias, 1956-09-21 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Set. 1956).
Notícias, 1956-09-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Set. 1956).
Notícias, 1956-09-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Set. 1956).
Notícias, 1956-10-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Out. 1956).
Notícias, 1956-10-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Out. 1956).
Notícias, 1956-10-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Out. 1956).
Notícias, 1956-11-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Nov. 1956).
Notícias, 1956-11-12 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Nov. 1956).
Notícias, 1956-11-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Nov. 1956).
Notícias, 1956-11-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Nov. 1956).
Notícias, 1956-11-28 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (28 Nov. 1956).
Notícias, 1956-12-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Dez. 1956).
Notícias, 1956-12-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Dez. 1956).
Notícias, 1956-12-14 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (14 Dez. 1956).
Notícias, 1956-12-17 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Dez. 1956).
Notícias, 1956-12-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Dez. 1956).
Notícias, 1956-12-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Dez. 1956).
Notícias, 1956-12-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Dez. 1956).
Notícias, 1956-12-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Dez. 1956).
Notícias, 1956-12-25 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Dez. 1956).
Notícias, 1957-01-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Jan. 1957).
Notícias, 1957-01-11 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (11 Jan. 1957).
Notícias, 1957-01-17 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Jan. 1957).
Notícias, 1957-01-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Jan. 1957).
Notícias, 1957-01-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Jan. 1957).
Notícias, 1957-02-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Fev. 1957).
Notícias, 1957-02-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Fev. 1957).
Notícias, 1957-02-09 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (9 Fev. 1957).
Notícias, 1957-02-15 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (15 Fev. 1957).
Notícias, 1957-02-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Fev. 1957).
Notícias, 1957-02-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Fev. 1957).
Notícias, 1957-02-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Fev. 1957).
Notícias, 1957-03-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Mar. 1957).
Notícias, 1957-03-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Mar. 1957).
Notícias, 1957-03-09 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (9 Mar. 1957).
Notícias, 1957-03-14 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (14 Mar. 1957).
Notícias, 1957-03-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Mar. 1957).
Notícias, 1957-03-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Mar. 1957).
Notícias, 1957-03-30 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (30 Mar. 1957).
Notícias, 1957-03-31 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (31 Mar. 1957).
Notícias, 1957-04-02 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-10 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (10 Abr. 1957).

Notícias, 1957-04-17 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-24 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-26 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-27 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-28 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (28 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-29 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (29 Abr. 1957).
Notícias, 1957-04-30 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (30 Abr. 1957).
Notícias, 1957-05-02 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Mai. 1957).
Notícias, 1957-05-05 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Mai. 1957).
Notícias, 1957-05-10 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (10 Mai. 1957).
Notícias, 1957-05-12 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Mai. 1957).
Notícias, 1957-05-17 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Mai. 1957).
Notícias, 1957-05-18 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Mai. 1957).
Notícias, 1957-05-19 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Mai. 1957).
Notícias, 1957-05-23 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Mai. 1957).
Notícias, 1957-05-30 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (30 Mai. 1957).
Notícias, 1957-06-04 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Jun. 1957).
Notícias, 1957-06-05 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Jun. 1957).
Notícias, 1957-06-07 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Jun. 1957).
Notícias, 1957-06-16 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (16 Jun. 1957).
Notícias, 1957-06-22 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Jun. 1957).
Notícias, 1957-06-25 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Jun. 1957).
Notícias, 1957-06-26 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Jun. 1957).
Notícias, 1957-06-29 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (29 Jun. 1957).
Notícias, 1957-07-01 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Jul. 1957).
Notícias, 1957-07-07 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Jul. 1957).
Notícias, 1957-07-08 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Jul. 1957).
Notícias, 1957-07-09 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (9 Jul. 1957).
Notícias, 1957-07-12 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Jul. 1957).
Notícias, 1957-07-13 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Jul. 1957).
Notícias, 1957-07-14 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (14 Jul. 1957).
Notícias, 1957-07-26 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Jul. 1957).
Notícias, 1957-07-29 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (29 Jul. 1957).
Notícias, 1957-08-06 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-10 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (10 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-11 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (11 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-12 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-15 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (15 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-17 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-18 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-20 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-21 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-22 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-25 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-26 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-28 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (28 Ago. 1957).
Notícias, 1957-08-31 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (31 Ago. 1957).
Notícias, 1957-09-02 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-05 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-07 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-09 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (9 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-14 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (14 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-17 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Set. 1957).

Notícias, 1957-09-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-28 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (28 Set. 1957).
Notícias, 1957-09-29 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (29 Set. 1957).
Notícias, 1957-10-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Out. 1957).
Notícias, 1957-10-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Out. 1957).
Notícias, 1957-10-10 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (10 Out. 1957).
Notícias, 1957-10-16 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (16 Out. 1957).
Notícias, 1957-10-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Out. 1957).
Notícias, 1957-10-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Out. 1957).
Notícias, 1957-11-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Nov. 1957).
Notícias, 1957-11-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Nov. 1957).
Notícias, 1957-11-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Nov. 1957).
Notícias, 1957-11-12 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Nov. 1957).
Notícias, 1957-11-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Nov. 1957).
Notícias, 1957-11-28 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (28 Nov. 1957).
Notícias, 1957-12-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Dez. 1957).
Notícias, 1957-12-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Dez. 1957).
Notícias, 1957-12-14 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (14 Dez. 1957).
Notícias, 1957-12-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Dez. 1957).
Notícias, 1957-12-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Dez. 1957).
Notícias, 1957-12-28 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (28 Dez. 1957).
Notícias, 1958-01-03 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (3 Jan. 1958).
Notícias, 1958-01-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Jan. 1958).
Notícias, 1958-01-12 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Jan. 1958).
Notícias, 1958-01-15 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (15 Jan. 1958).
Notícias, 1958-01-21 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Jan. 1958).
Notícias, 1958-01-29 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (29 Jan. 1958).
Notícias, 1958-02-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Fev. 1958).
Notícias, 1958-02-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Fev. 1958).
Notícias, 1958-02-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Fev. 1958).
Notícias, 1958-02-15 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (15 Fev. 1958).
Notícias, 1958-02-16 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (16 Fev. 1958).
Notícias, 1958-02-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Fev. 1958).
Notícias, 1958-02-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Fev. 1958).
Notícias, 1958-02-25 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Fev. 1958).
Notícias, 1958-02-28 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (28 Fev. 1958).
Notícias, 1958-03-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Mar. 1958).
Notícias, 1958-03-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Mar. 1958).
Notícias, 1958-03-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Mar. 1958).
Notícias, 1958-03-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Mar. 1958).
Notícias, 1958-03-25 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Mar. 1958).
Notícias, 1958-03-30 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (30 Mar. 1958).
Notícias, 1958-04-03 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (3 Abr. 1958).
Notícias, 1958-04-04 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Abr. 1958).
Notícias, 1958-04-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Abr. 1958).
Notícias, 1958-04-11 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (11 Abr. 1958).
Notícias, 1958-04-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Abr. 1958).
Notícias, 1958-04-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Abr. 1958).
Notícias, 1958-04-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Abr. 1958).
Notícias, 1958-04-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Abr. 1958).
Notícias, 1958-04-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Abr. 1958).

Notícias, 1958-05-04 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Mai. 1958).
Notícias, 1958-05-06 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Mai. 1958).
Notícias, 1958-05-08 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Mai. 1958).
Notícias, 1958-05-12 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Mai. 1958).
Notícias, 1958-05-19 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Mai. 1958).
Notícias, 1958-06-04 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Jun. 1958).
Notícias, 1958-06-05 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Jun. 1958).
Notícias, 1958-06-14 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (14 Jun. 1958).
Notícias, 1958-06-18 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Jun. 1958).
Notícias, 1958-06-19 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.] (19 Jun. 1958).
Notícias, 1958-06-20 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.] (20 Jun. 1958).
Notícias, 1958-06-26 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.] (26 Jun. 1958).
Notícias, 1958-07-02 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Jul. 1958).
Notícias, 1958-07-10 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.] (10 Jul. 1958).
Notícias, 1958-07-16 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (16 Jul. 1958).
Notícias, 1958-07-20 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Jul. 1958).
Notícias, 1958-07-21 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Jul. 1958).
Notícias, 1958-07-27 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Jul. 1958).
Notícias, 1958-07-31 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (31 Jul. 1958).
Notícias, 1958-08-01 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-02 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-04 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (4 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-05 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-06 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-07 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-08 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-12 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (12 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-13 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-14 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (14 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-16 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (16 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-21 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-23 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-25 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-27 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-30 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (30 Ago. 1958).
Notícias, 1958-08-31 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (31 Ago. 1958).
Notícias, 1958-09-02 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Set. 1958).
Notícias, 1958-09-07 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Set. 1958).
Notícias, 1958-09-08 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Set. 1958).
Notícias, 1958-09-17 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Set. 1958).
Notícias, 1958-09-26 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Set. 1958).
Notícias, 1958-09-27 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Set. 1958).
Notícias, 1958-10-02 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Out. 1958).
Notícias, 1958-10-11 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (11 Out. 1958).
Notícias, 1958-10-16 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (16 Out. 1958).
Notícias, 1958-10-19 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Out. 1958).
Notícias, 1958-10-20 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Out. 1958).
Notícias, 1958-10-21 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Out. 1958).
Notícias, 1958-10-24 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Out. 1958).
Notícias, 1958-10-25 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Out. 1958).
Notícias, 1958-10-29 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (29 Out. 1958).
Notícias, 1958-11-01 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Nov. 1958).
Notícias, 1958-11-03 — *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (3 Nov. 1958).

Notícias, 1958-11-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (5 Nov. 1958).
Notícias, 1958-11-16 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (16 Nov. 1958).
Notícias, 1958-11-21 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Nov. 1958).
Notícias, 1958-11-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Nov. 1958).
Notícias, 1958-11-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Nov. 1958).
Notícias, 1958-11-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Nov. 1958).
Notícias, 1958-12-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Dez. 1958).
Notícias, 1959-01-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-09 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (9 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (19 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (23 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-26 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Jan. 1959).
Notícias, 1959-01-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Jan. 1959).
Notícias, 1959-02-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Fev. 1959).
Notícias, 1959-02-02 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Fev. 1959).
Notícias, 1959-02-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Fev. 1959).
Notícias, 1959-02-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Fev. 1959).
Notícias, 1959-02-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Fev. 1959).
Notícias, 1959-02-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Fev. 1959).
Notícias, 1959-02-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Fev. 1959).
Notícias, 1959-03-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (8 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (13 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-14 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (14 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-15 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (15 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-17 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (17 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (18 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-26 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Mar. 1959).
Notícias, 1959-03-31 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (31 Mar. 1959).
Notícias, 1959-04-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Abr. 1959).
Notícias, 1959-04-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (7 Abr. 1959).
Notícias, 1959-04-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Abr. 1959).
Notícias, 1959-04-25 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (25 Abr. 1959).
Notícias, 1959-04-26 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (26 Abr. 1959).
Notícias, 1959-05-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (6 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-09 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (9 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (20 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-21 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (21 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (22 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (24 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (27 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-28 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (28 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-30 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (30 Mai. 1959).
Notícias, 1959-05-31 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (31 Mai. 1959).
Notícias, 1959-06-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (1 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-02 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (2 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-03 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926.* Lourenço Marques [etc.]. (3 Jun. 1959).

Notícias, 1959-06-04 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (4 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (5 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (6 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (8 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-10 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (10 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (13 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-14 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (14 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-15 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (15 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (19 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (20 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-21 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (21 Jun. 1959).
Notícias, 1959-06-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (24 Jun. 1959).
Notícias, 1959-07-02 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (2 Jul. 1959).
Notícias, 1959-07-03 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (3 Jul. 1959).
Notícias, 1959-07-07 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (7 Jul. 1959).
Notícias, 1959-07-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (8 Jul. 1959).
Notícias, 1959-07-10 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (10 Jul. 1959).
Notícias, 1959-07-22 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (22 Jul. 1959).
Notícias, 1959-07-31 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (31 Jul. 1959).
Notícias, 1959-08-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (01 Ago. 1959).
Notícias, 1959-08-09 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (09 Ago. 1959).
Notícias, 1959-08-12 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (12 Ago. 1959).
Notícias, 1959-08-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (13 Ago. 1959).
Notícias, 1959-08-15 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (15 Ago. 1959).
Notícias, 1959-08-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (18 Ago. 1959).
Notícias, 1959-08-29 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (29 Ago. 1959).
Notícias, 1959-09-11 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (11 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-12 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (12 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (13 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-15 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (15 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-16 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (16 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-17 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (17 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (20 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-21 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (21 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-24 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (24 Set. 1959).
Notícias, 1959-09-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (27 Set. 1959).
Notícias, 1959-10-01 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (1 Out. 1959).
Notícias, 1959-10-05 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (5 Out. 1959).
Notícias, 1959-10-08 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (8 Out. 1959).
Notícias, 1959-10-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (13 Out. 1959).
Notícias, 1959-10-15 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (15 Out. 1959).
Notícias, 1959-10-17 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (17 Out. 1959).
Notícias, 1959-10-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (18 Out. 1959).
Notícias, 1959-10-25 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (25 Out. 1959).
Notícias, 1959-10-27 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (27 Out. 1959).
Notícias, 1959-11-06 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (6 Nov. 1959).
Notícias, 1959-11-11 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (11 Nov. 1959).
Notícias, 1959-11-13 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (13 Nov. 1959).
Notícias, 1959-11-18 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (18 Nov. 1959).
Notícias, 1959-11-19 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (19 Nov. 1959).
Notícias, 1959-11-20 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (20 Nov. 1959).
Notícias, 1959-11-23 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (23 Nov. 1959).
Notícias, 1959-11-26 *Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (26 Nov. 1959).

Notícias, 1959-11-27	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (27 Nov. 1959).
Notícias, 1959-12-05	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (5 Dez. 1959).
Notícias, 1959-12-07	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (7 Dez. 1959).
Notícias, 1959-12-10	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (10 Dez. 1959).
Notícias, 1959-12-11	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (11 Dez. 1959).
Notícias, 1959-12-14	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (14 Dez. 1959).
Notícias, 1959-12-18	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (18 Dez. 1959).
Notícias, 1959-12-20	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (20 Dez. 1959).
Notícias, 1959-12-31	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (31 Dez. 1959).
Notícias, 1960-01-01	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (1 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-06	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (6 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-07	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (7 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-12	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (12 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-15	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (15 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-17	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (17 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-18	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (18 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-20	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (20 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-22	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (22 Jan. 1960).
Notícias, 1960-01-29	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (29 Jan. 1960).
Notícias, 1960-02-02	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (2 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-06	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (6 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-07	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (7 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-11	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (11 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-12	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (12 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-13	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (13 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-14	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (14 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-15	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (15 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-19	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (19 Fev. 1960).
Notícias, 1960-02-24	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (24 Fev. 1960).
Notícias, 1960-03-01	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (1 Mar. 1960).
Notícias, 1960-03-09	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (9 Mar. 1960).
Notícias, 1960-03-12	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (12 Mar. 1960).
Notícias, 1960-03-18	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (18 Mar. 1960).
Notícias, 1960-03-23	*Notícias: Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (23 Mar. 1960).
Notícias, 1964-04-02	*Notícias. Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (2 Abr. 1964).
Notícias, 1964-08-09	*Notícias. Diário da manhã fundado em 1926*. Lourenço Marques [etc.]. (9 Ago. 1964).
RA	*RA. Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto. N.º 0 (Out. 1987).
RC, 1939-02_03	*Revista dos Centenários*. Lisboa. N.º 8 (31 Ago. 1939). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
RC, 1939-08-31	*Revista dos Centenários*. Lisboa. N.º 2-3 (Fev.-Mar. 1939). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
RC, 1940-03-31	*Revista dos Centenários*. Lisboa. N.º 15 (31 Mar. 1940). http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt.
S AM	*S AM*. Basel: Schweizerisches Architekturmuseum / Swiss Architecture Museum [etc.]. N.º 3 (2007).
SI	*O Século Ilustrado*. Lisboa. N.º 1336 (10 Ago. 1963).